

ERIK LARSON

intrínseca

NO JARDIM
DAS FERAS



Intriga e sedução na Alemanha de Hitler



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ERIK LARSON

NO JARDIM DAS FERAS

Intriga e sedução na Alemanha de Hitler

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS



Copyright © Erik Larson 2011

TÍTULO ORIGINAL
In the Garden of Beasts

DESIGN DE CAPA
Whitney Cookman

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

FOTO DE CAPA
@ The Art Archive/Marc Charmet

FOTO DO AUTOR
Benjamin Benschneider

PREPARAÇÃO
Clara Diamant

REVISÃO
Milena Vargas
Tais Monteiro

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrinseca

E-ISBN
978-85-8057-179-0

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



*Para as meninas, e os próximos vinte e cinco
(e em memória de Molly, uma boa cadela)*

SUMÁRIO

Das Vorspiel

O homem por trás da cortina

PARTE I **Mato adentro**

PARTE II **Procurando uma casa no Terceiro Reich**

PARTE III **Lúcifer no jardim**

PARTE IV **Como dói o esqueleto**

PARTE V **Apreensão**

PARTE VI **Berlim ao anoitecer**

PARTE VII **Q uando tudo mudou**

EPÍLOGO **O estranho pássaro no exílio**

CODA **“Conversa à mesa”**

Fontes e agradecimentos

Notas

Créditos das fotos

Bibliografia

*No meio da jornada de nossa vida, me vi perdido numa floresta escura,
longe do caminho verdadeiro.*

DANTE ALIGHIERI
A divina comédia: Canto I

Das Vorspiel

Prelúdio; abertura; prólogo, partida preliminar; preliminares (ao ato sexual); performance; apresentação; audição; das ist erst das Vorspiel — isto é só o começo.

Collins German Unabridged Dictionary

Era uma vez, na alvorada de uma época muito sombria, dois americanos, pai e filha, que de repente se viram transportados de sua confortável casa em Chicago para o coração da Berlim de Hitler. Ali permaneceram por quatro anos e meio, mas é o primeiro deles que serve de assunto para a história contada a seguir, pois a data coincide com a ascensão de Hitler de chanceler a tirano absoluto, quando tudo era precário e instável, e nada era certo. Aquele primeiro ano foi uma espécie de prólogo, no qual foram apresentados todos os temas da grande epopeia de guerra e assassinatos que estava por vir.

Sempre tive curiosidade de saber o que sentiria um estrangeiro que testemunhasse em primeira mão a formação das trevas do domínio de Hitler. Que aspecto tinha a cidade, o que se ouvia, via e cheirava, e como diplomatas e outros visitantes interpretavam os eventos à sua volta? A visão que se tem hoje é a de que, durante aquele período delicado, o curso da história poderia ter sido facilmente alterado. Por que, então, ninguém o fez? Por que se levou tanto tempo para reconhecer o perigo real representado por Hitler e seu regime?

Como a maioria das pessoas, formei minha ideia inicial daqueles tempos a partir de livros e fotografias que me davam a impressão de que o mundo de então não tinha cor, apenas variações de preto e cinza. Meus dois protagonistas, entretanto, depararam com a realidade em carne e osso, ao mesmo tempo que viviam a rotina das obrigações da vida diária. Todas as manhãs, caminhavam por uma cidade repleta de imensas bandeiras em vermelho, branco e preto; sentavam-se em cafés ao ar livre também frequentados por esguios integrantes das SS em seus uniformes pretos e, de vez em quando, vislumbravam o próprio Hitler, um homem pequeno num grande Mercedes conversível. Mas também passavam todos os dias por casas cujas sacadas exibiam exuberantes gerânios vermelhos; faziam compras nas vastas lojas de departamento da cidade; ofereciam chá aos amigos e respiravam com volúpia as fragrâncias de primavera do Tiergarten, o principal parque de Berlim. Conheceram socialmente Goebbels e Göring, com quem jantavam, dançavam e gracejavam — até que, ao fim do primeiro ano, ocorreu um evento que se mostraria altamente significativo, por revelar o verdadeiro caráter de Hitler e por lançar a pedra fundamental da década seguinte. Para o pai e para a filha, aquilo mudou tudo.

Esta é uma obra de não ficção. Como é de hábito, tudo o que estiver entre aspas provém de carta, diário, texto biográfico ou outro documento histórico. Nestas páginas, não fiz o menor esforço para escrever outra grandiosa história

daquela época. Meu objetivo era mais intimista: revelar aquele mundo do passado por meio das experiências e percepções de meus dois personagens principais, pai e filha, que, ao chegarem a Berlim, embarcaram numa viagem de descoberta, de transformação e, finalmente, do mais profundo desgosto.

Não há heróis aqui, pelo menos daquela variedade que figura em *A lista de Schindler*, mas há lampejos de heroísmo e pessoas que se comportam com inesperada elegância. Há sempre nuances, embora por vezes tenham natureza perturbadora. Este é o problema da não ficção. É preciso deixar de lado aquilo que todos nós — *agora* — sabemos ser verdade e tentar seguir meus dois inocentes pelo mundo tal qual o conheceram.

Eram pessoas complicadas, movimentando-se numa época complicada, antes que os monstros revelassem sua verdadeira natureza.

ERIK LARSON
Seattle

O homem por trás da cortina

Era comum que os expatriados americanos visitassem o consulado dos Estados Unidos em Berlim, mas não na condição exibida pelo homem que ali chegou em 29 de junho de 1933, uma quinta-feira.¹ Tratava-se de Joseph Schachno, de 31 anos, médico de Nova York que até recentemente praticara a profissão num subúrbio de Berlim. Agora estava nu, em uma das salas de exame guarnecidas de cortinas do primeiro piso do consulado, onde em dias mais corriqueiros um médico do serviço de saúde pública examinava candidatos em busca de visto para emigrar para os Estados Unidos. A maior parte do corpo de Schachno teve a pele esfolada.

Dois funcionários consulares chegaram e entraram na sala de exames. Um deles era George S. Messersmith, cônsul-geral dos Estados Unidos na Alemanha desde 1930 (nenhum parentesco com Wilhelm “Willy” Messerschmitt, o engenheiro aeronáutico alemão). Como mais alta autoridade do Serviço de Relações Exteriores em Berlim, Messersmith supervisionava os dez consulados americanos localizados nas cidades alemãs. Estava acompanhado do vice-cônsul, Raymond Geist. Normalmente, Geist era frio e imperturbável, o subalterno ideal, mas Messersmith percebeu que naquele dia ele parecia pálido e profundamente abalado.

Ambos ficaram horrorizados com o estado de Schachno. “Do pescoço aos calcanhares, era uma massa em carne viva”, observou Messersmith.² “Foi chicoteado de todas as formas possíveis, até ficar em carne viva e sangrando. Dei uma olhada e encaminhei-me o mais depressa possível para a pia em que [o médico] lavava as mãos.”

Messersmith descobriu que a surra ocorreu nove dias antes, mas as feridas continuavam abertas. “Das escápulas aos joelhos, ainda havia marcas de chicotadas nove dias depois, mostrando que ele tinha apanhado dos dois lados. As nádegas estavam praticamente em carne viva, com grandes áreas ainda sem pele. Em alguns lugares, a carne fora praticamente reduzida a uma massa.”³

Se as feridas estavam assim nove dias depois, pensou Messersmith, qual seria sua aparência logo depois de levar as chicotadas?

A história veio à tona.

Na noite de 21 de junho, Schachno recebera a visita de um pelotão de homens fardados em resposta a uma denúncia anônima, segundo a qual o médico seria um inimigo em potencial do Estado. Os homens fizeram uma busca e, apesar de não encontrarem nada, levaram-no para seu quartel-general. Schachno recebeu ordem para tirar a roupa e foi imediatamente submetido por dois homens a uma severa e prolongada surra de chicote. Depois, foi liberado. Conseguiu, de alguma forma, voltar para casa e, em seguida, ele e a mulher fugiram para a residência da sogra, no centro de Berlim. Ficou de cama durante uma semana. Logo que pôde, procurou o consulado.

Messersmith deu ordem para que ele fosse levado a um hospital e, naquele dia, emitiu-lhe um novo passaporte americano. Logo depois, Schachno e a

mulher fugiram para a Suécia e, de lá, para os Estados Unidos.

Ocorriam episódios de surras e prisões de cidadãos americanos desde que Hitler fora designado chanceler, em janeiro, mas nada tão grave quanto aquilo — apesar de milhares de cidadãos alemães terem recebido tratamento igualmente severo, por vezes até pior. Para Messersmith, era mais um indicio da realidade da vida sob Hitler. Ele compreendia que toda aquela violência representava mais do que um espasmo passageiro de atrocidade. Algo fundamental tinha mudado na Alemanha.

Messersmith compreendia, mas tinha certeza de que pouca gente nos Estados Unidos compartilhava sua opinião. Perturbava-o cada vez mais a dificuldade de convencer o mundo da magnitude da ameaça de Hitler. Estava perfeitamente claro para ele que o chanceler, de forma secreta e agressiva, preparava a Alemanha para uma guerra de conquista. “Eu gostaria que fosse possível fazer nosso povo compreender”, escreveu ele num despacho de junho de 1933 para o Departamento de Estado, “pois acho que é preciso entender que esse espírito marcial está se desenvolvendo de forma inquestionável na Alemanha.⁴ Se este governo continuar no poder por mais um ano e se mantiver nessa direção, ele contribuirá em muito para tornar a Alemanha um perigo para a paz mundial pelos anos vindouros.”

E acrescentou: “Com raras exceções, os homens que comandam este governo têm uma mentalidade que vocês e eu não conseguimos compreender. Alguns são verdadeiros psicopatas e em qualquer outro lugar estariam sob tratamento.”

Mas ainda não havia um embaixador americano residente na Alemanha. O anterior, Frederic M. Sackett, partira em março, depois da posse de Franklin D. Roosevelt como presidente dos Estados Unidos. (O dia da posse foi em 4 de março de 1933).⁵ Durante quase quatro meses, o posto ficou vago, e o novo titular não deveria chegar antes que se passassem mais três semanas. Messersmith não o conhecia pessoalmente, e dele sabia apenas o que ouvira de seus muitos contatos no Departamento de Estado. Mas estava certo de que o novo embaixador mergulharia num caldeirão de brutalidade, corrupção e fanatismo, e precisava ser um homem de caráter forte, capaz de projetar a influência e o poder americanos, pois o poder era a única linguagem que Hitler e seus homens entendiam.

Entretanto, dizia-se que o novo homem era um tipo despretenso que prometera levar uma vida modesta em Berlim, em solidariedade a seus compatriotas empobrecidos pela Depressão. Por incrível que parecesse, o futuro embaixador estava despachando seu próprio automóvel para Berlim — um velho e surrado Chevrolet — a fim de ressaltar sua frugalidade.⁶ Isso numa cidade em que os homens de Hitler dirigiam gigantescos carros negros, cada um quase do tamanho de um ônibus urbano.



Os Dodd chegam a Hamburgo

CAPÍTULO 1

Meio de fuga

O telefonema que mudou para sempre a vida da família Dodd, de Chicago, veio ao meio-dia de 8 de junho de 1933, uma quinta-feira, quando William E. Dodd estava sentado à sua mesa na Universidade de Chicago.¹

Diretor do Departamento de História, ele era professor na universidade desde 1909, reconhecido nacionalmente por sua obra sobre o Sul dos Estados Unidos e pela biografia de Woodrow Wilson. Aos 64 anos, com 1,72 metro de altura, olhos azul-acinzentados e cabelo castanho-claro, Dodd estava em boa forma. Embora seu rosto tendesse a dar uma impressão de severidade, a rigor ele era espirituoso, irônico, e tinha um senso de humor afiado. Casado com Martha, que todos conheciam como Mattie, tinha dois filhos, ambos na casa dos vinte anos. A filha, também chamada Martha, estava com 24; o filho, William Jr. — Bill —, com 28.

Tudo indica que formavam uma família feliz e unida. Longe de serem ricos, tinham uma vida confortável, apesar da depressão econômica que então subjugava o país. Viviam numa grande casa, na Blackstone Avenue, 5.757, no bairro de Hyde Park, em Chicago, a poucos quarteirões da universidade. Dodd também era proprietário de uma pequena fazenda, da qual cuidava durante o verão, em Round Hill, Virgínia. De acordo com registros do condado, tinha 158 hectares, “mais ou menos”, e era onde Dodd, democrata jeffersoniano do primeiro time, sentia-se mais em casa, andando entre suas novilhas Guernsey; seus quatro cavalos castrados, Bill, Coley, Mandy e Prince; seu trator Farmall; e seus arados Syracuse puxados a cavalo.² Ele preparava café numa lata de Maxwell House sobre o velho fogão a lenha. A mulher não apreciava o lugar na mesma medida, e ficava muito feliz quando ele ia passar temporadas sozinho no local, enquanto o restante da família permanecia em Chicago. Dodd deu à fazenda o nome de Stoneleigh, por causa das rochas espalhadas pela vastidão, e falava dela do jeito que outros homens falam do primeiro amor. “Os frutos são tão lindos de se ver, quase perfeitos, vermelhos e suculentos, as árvores ainda curvadas sob seu peso”, escreveu ele, uma bela noite, durante a colheita de maçãs.³ “Tudo isso me encanta.”

Apesar de não ser, em geral, dado a clichês, Dodd descreveu o telefonema como uma “surpresa que caiu do céu”.⁴ Mas havia nisso algum exagero. Nos meses anteriores, seus amigos vinham comentando que a qualquer hora receberia uma ligação como aquela. O que o deixou surpreso e perturbado foi a natureza precisa da chamada.

* * *

JÁ FAZIA ALGUM TEMPO que Dodd estava insatisfeito com seu posto na

universidade. Embora adorasse ensinar história, gostava ainda mais de escrevê-la, e trabalhava, havia anos, naquilo que esperava ser o relato definitivo dos primórdios da história do Sul, uma série de quatro volumes chamada *The Rise and Fall of the Old South* (Ascensão e queda do velho Sul). Com frequência, porém via seu progresso frustrado pelas demandas do emprego. Apenas o primeiro volume estava próximo da conclusão, e ele chegara a uma idade em que temia ser enterrado junto com o trabalho incompleto. Negociara um horário reduzido com o departamento, mas, como costuma acontecer com esses arranjos artificiais, não havia funcionado como ele esperava. A saída de pessoal e as pressões financeiras dentro da universidade, relacionadas à Depressão, faziam-no trabalhar tanto quanto antes. Tinha que lidar com funcionários, preparar palestras e atender às necessidades avassaladoras dos estudantes de pós-graduação. Numa carta para o Departamento de Prédios e Terrenos da universidade, datada de 31 de outubro de 1932, ele suplicava que seu escritório fosse aquecido aos domingos, para que pudesse dedicar pelo menos um dia da semana a seus escritos interrompidos.⁵ A um amigo, descreveu sua posição como “constrangedora”.⁶

Além disso, ele achava que deveria ter avançado mais na carreira, e isso aumentava sua insatisfação. O que o impedia de ir mais longe e mais depressa, queixava-se à mulher, fora o fato de não ter sido criado em condições privilegiadas e, pelo contrário, ter sido obrigado a trabalhar muito para chegar até ali, diferentemente de outros da sua área, que tinham progredido com mais rapidez. De fato, ele alcançara aquela posição na vida da maneira mais difícil. Nascido em 21 de outubro de 1869, na casa dos pais no pequeno vilarejo de Clayton, na Carolina do Norte, Dodd veio ao mundo como parte do estrato inferior da sociedade branca sulista, que ainda observava as convenções de classe de antes da Guerra Civil. O pai, John D. Dodd, era um agricultor de subsistência que mal sabia ler; a mãe, Evelyn Creech, descendia de uma linhagem mais nobre da Carolina do Norte, e era criticada por ter se casado com alguém de posição social inferior. O casal cultivava algodão em terra cedida pelo pai de Evelyn e mal conseguia ter o suficiente para sobreviver. Nos anos que se seguiram à Guerra Civil, com o grande aumento da produção de algodão e a consequente queda dos preços, a família endividou-se cada vez mais no armazém da cidade, de propriedade de um parente de Evelyn que era um dos três homens mais importantes de Clayton — “homens duros”, como dizia Dodd: “(...) comerciantes e senhores aristocráticos de seus dependentes!”⁷

Dodd era um entre sete filhos e passou a juventude trabalhando nas terras da família. Apesar de considerar honrado aquele trabalho, não queria passar o resto da vida como agricultor, e reconhecia que a única forma de um homem de origem humilde driblar o destino era adquirindo instrução. Lutou para abrir seu caminho, por vezes concentrando-se com tal empenho nos estudos que os colegas o apelidaram de “Monge Dodd”.⁸ Em fevereiro de 1891, ingressou na Faculdade Agrícola e Mecânica da Virgínia (posteriormente conhecida como Virginia Tech). Ali também foi uma presença sóbria, concentrada. Outros alunos entregavam-se a brincadeiras como pintar a vaca do reitor da faculdade e encenar duelos falsos para convencer os calouros de que tinham matado os

adversários.⁹ Dodd só estudava. Obteve o diploma de bacharel em 1895 e o mestrado em 1897, aos 26 anos.

Encorajado por um respeitado professor, e com o empréstimo de um bondoso tio-avô, Dodd partiu em junho de 1897 para a Alemanha, para a Universidade de Leipzig, a fim de iniciar um curso de doutorado. Levou sua bicicleta. Decidiu concentrar sua dissertação na figura de Thomas Jefferson, apesar da óbvia dificuldade de encontrar documentos americanos do século XVIII na Alemanha. Dodd fez tudo o que era preciso fazer em sala de aula e descobriu arquivos de materiais relevantes em Londres e Berlim. Além disso, viajou muito, quase sempre de bicicleta, cada vez mais espantado com a atmosfera de militarismo que impregnava o país. A certa altura, um de seus professores preferidos propôs uma discussão sobre o tema “Até que ponto os Estados Unidos ficariam indefesos se fossem invadidos por um grande exército alemão?”¹⁰ Essa belicosidade prussiana incomodava Dodd, que escreveu: “Havia uma predisposição excessiva para a guerra em toda parte.”¹¹

Dodd voltou para a Carolina do Norte no final do outono de 1899 e, depois de meses de procura, conseguiu emprego como professor na Faculdade Randolph-Macon, em Ashland, Virgínia.¹² Também retomou sua amizade com a jovem Martha Johns, filha de um abastado proprietário de terras que vivia perto da cidade natal de Dodd. A amizade desabrochou em romance e, na véspera do Natal de 1901, eles se casaram.

Em Randolph-Macon, Dodd logo se meteu em encrenca. Em 1902, publicou um artigo no *Nation* atacando a bem-sucedida campanha movida pelo Grand Camp of Confederate Veterans (Associação de Veteranos da Guerra Civil) para banir da Virgínia um livro didático de história que seus integrantes consideravam uma afronta à honra sulista. Dodd acusou os veteranos de acreditarem que as únicas versões válidas da história eram aquelas que afirmavam que o Sul “estava totalmente certo em querer se separar da União”.

A reação foi violenta e imediata. Um advogado de destaque no movimento dos veteranos lançou uma campanha para expulsar Dodd de Randolph-Macon. A faculdade deu total apoio a Dodd. Um ano depois, ele voltou a atacar os veteranos, dessa vez num discurso perante a Sociedade Histórica Americana, no qual condenava seus esforços para “tirar das escolas todos os livros que não correspondam a seu modelo de patriotismo local”. Afirmou com veemência que “ficar calado era completamente impossível para um homem forte e honesto”.

A importância de Dodd como historiador cresceu, assim como sua família. O filho nasceu em 1905; a filha, em 1908. Reconhecendo que precisava de um aumento de salário e que as pressões de seus inimigos sulistas não diminuiriam, Dodd candidatou-se a um cargo na Universidade de Chicago. Conseguiu o emprego e, no frígido janeiro de 1909, aos 39 anos, ele e a família partiram para a cidade, onde permaneceriam pelos 25 anos seguintes. Em outubro de 1912, sentindo a influência de suas raízes e a necessidade de estabelecer sua própria credibilidade como genuíno democrata jeffersoniano, comprou a fazenda.¹³ O penoso trabalho que tanto o desgastara na infância agora se tornava uma diversão capaz de redimir a alma e um romântico retorno ao passado americano.

Ele descobriu também que tinha um interesse duradouro pela vida política,

despertado em agosto de 1916, quando se viu no Salão Oval da Casa Branca para um encontro com o presidente Woodrow Wilson.¹⁴ O episódio, segundo um biógrafo, “alterou profundamente sua vida”.

Dodd sentia-se profundamente incomodado com os sinais de que os Estados Unidos se inclinavam cada vez mais a intervir na Grande Guerra que estava sendo travada na Europa. Sua experiência em Leipzig não lhe deixara dúvida de que a Alemanha tinha sido a única responsável pela guerra, para satisfazer os anseios de seus industriais e aristocratas, os *Junkers*, que ele comparava à aristocracia sulista de antes da Guerra Civil americana. Agora via a mesma soberba despontar nas elites industriais e militares dos Estados Unidos. Quando um general do exército tentou incluir a Universidade de Chicago numa campanha nacional destinada a preparar o país para a guerra, ele empinou o nariz e foi queixar-se diretamente ao comandante em chefe.

Queria apenas dez minutos do tempo de Wilson, mas conseguiu bem mais, e ficou encantado como se tivesse tomado uma poção mágica num conto de fadas. Passou a achar que Wilson tinha razão ao defender a intervenção norte-americana na guerra. Para Dodd, Wilson tornou-se a encarnação moderna de Thomas Jefferson. Nos sete anos seguintes, os dois tornaram-se amigos; Dodd escreveu a biografia do presidente. Quando Wilson morreu, em 3 de fevereiro de 1924, Dodd mergulhou em luto profundo.

Com o tempo, passou a ver em Franklin Roosevelt um homem à altura de Wilson e participou ativamente de sua campanha à presidência em 1932, falando e escrevendo em sua defesa sempre que tinha oportunidade. Mas, se tinha esperança de tornar-se membro do círculo mais próximo de Roosevelt, logo ficou desapontado, preso às obrigações acadêmicas cada vez menos satisfatórias.

* * *

ELE AGORA ESTAVA COM 64 anos, e a forma que encontrara de deixar uma marca no mundo era contar a história do velho Sul, que também era algo que todas as forças do Universo pareciam determinadas a impedir, incluindo a política da universidade de não ligar o aquecimento nos prédios aos domingos.

Estava cada dia mais decidido a trocar a universidade por algum cargo que lhe deixasse tempo livre para escrever, “antes que seja tarde demais”.¹⁵ E ocorreu-lhe a ideia de que o emprego ideal talvez fosse um posto não muito exigente no Departamento de Estado, quem sabe como embaixador em Bruxelas ou Haia. Ele se julgava suficientemente conhecido para ser considerado, apesar de sua tendência a se imaginar muito mais influente em assuntos nacionais do que de fato era. Escrevera com frequência a Roosevelt para dar conselhos sobre questões econômicas e políticas, antes e imediatamente depois de sua vitória. E com certeza irritou-se ao receber da Casa Branca, logo depois da eleição, uma resposta-padrão declarando que, embora o desejo do presidente fosse responder de imediato à totalidade das cartas que chegavam ao seu gabinete, seria impossível cuidar de todas pessoalmente em tempo oportuno, por isso pedira a

seu secretário que o fizesse.

Dodd tinha, porém, bons amigos que eram íntimos de Roosevelt, incluindo o novo secretário de Comércio, Daniel Roper. Os filhos de Dodd eram para Roper como sobrinhos, suficientemente chegados para que Dodd não sentisse nenhum pudor em usar o rapaz como intermediário e perguntar se o novo governo acharia adequado designá-lo para um posto na Bélgica ou na Holanda. “São postos onde o governo precisa ter alguém, mas o trabalho não é cansativo”, disse Dodd ao filho.¹⁶ E confessou que o que realmente desejava era terminar sua obra sobre o velho Sul. “Não quero nenhuma nomeação de Roosevelt, mas estou muito preocupado em não falhar num projeto de vida.”

Em suma, Dodd queria uma sinecura, um emprego que não lhe exigisse demais, mas lhe rendesse respeito, um bom salário e, o mais importante, tempo suficiente para escrever — isso apesar de reconhecer que a função de diplomata não combinava muito bem com o seu caráter. “No que diz respeito à alta diplomacia (Londres, Paris, Berlim), não é para mim,” escreveu à mulher no começo de 1933.¹⁷ “Isso me aflige por sua causa. Simplesmente não sou do tipo dissimulado, de duas caras, tão necessário para a tarefa de ‘mentir lá fora em nome do país’. Se eu fosse, poderia ir a Berlim e ajoelhar-me diante de Hitler — e reaprender alemão.” Mas, acrescentou, “por que perder tempo com esse assunto? Quem desejaria viver em Berlim pelos próximos quatro anos?”.

Fosse devido à conversa do filho com Roper ou a outra combinação de forças, o fato é que logo se cogitou o nome de Dodd. Em 15 de março de 1933, durante uma temporada em sua fazenda na Virgínia, ele passou por Washington para conversar com o novo secretário de Estado de Roosevelt, Cordell Hull, com quem estivera em várias ocasiões. Hull era alto e grisalho, com covinha no queixo e maxilares fortes.¹⁸ Por fora, parecia a encarnação de tudo o que um secretário de Estado devia ser, mas aqueles que o conheciam melhor sabiam que, quando se zangava, tinha a não diplomática e pouco política tendência a verter torrentes de impropérios. Tinha um defeito de fala que transformava seus erros em dâblius, como o personagem de desenho animado Hortelino Troca-Letras — traço de que Roosevelt de vez em quando zombava, como quando se referiu aos seus “*twade tweaties*” (*trade treaties*, tratados comerciais). Hull, como sempre, tinha quatro ou cinco lápis vermelhos no bolso da camisa, sua ferramenta predileta para assuntos de Estado. Aventou a possibilidade de uma nomeação para a Holanda ou para a Bélgica, exatamente o que Dodd pretendia. Mas agora, obrigado de repente a imaginar a realidade diária desse tipo de vida, ele hesitava. “Depois de considerável exame da situação”, escreveu Dodd em seu pequeno diário de bolso, “eu disse a Hull que não poderia aceitar o cargo.”¹⁹

Mas seu nome continuou em circulação.

E, naquela quinta-feira de junho, seu telefone pôs-se a tocar. Quando levou o fone ao ouvido, escutou uma voz que reconheceu de imediato.

CAPÍTULO 2

Aquela vaga em Berlim

Ninguém queria o emprego.¹ O que parecia ser uma das tarefas menos desafiadoras entre aquelas a serem enfrentadas por Franklin D. Roosevelt como novo presidente se transformara, em junho de 1933, numa das mais intransponíveis. Em comparação com outras embaixadas, a de Berlim tinha tudo para ser muito concorrida — não chegava a ser como um posto em Londres ou em Paris, é claro, mas ainda assim se tratava de uma das grandes capitais da Europa e no centro de um país que passava por mudanças revolucionárias sob a liderança do recém-nomeado chanceler, Adolf Hitler. Dependendo do ponto de vista, a Alemanha vivia um grande renascimento ou mergulhava num período de trevas. Com a ascensão de Hitler, o país sofrera um brutal espasmo de violência com a condescendência do Estado. O exército paramilitar de camisas-marrons, a Sturmabteilung, ou SA — as Tropas de Assalto —, estava fora de controle, prendendo, espancando e, em alguns casos, até matando comunistas, socialistas e judeus. As Tropas de Assalto improvisaram celas e salas de tortura em subsolos, galpões e outras instalações. Só em Berlim havia cinquenta desses *bunkers*, como eram chamados. Dezenas de milhares de pessoas foram presas e colocadas sob “custódia protetora” — *Schutzhaft* —, um eufemismo risível. De quinhentos a setecentos prisioneiros morreram na prisão; outros foram submetidos a “afogamentos e enforcamentos simulados”, segundo uma declaração da polícia. Uma prisão perto do Aeroporto de Tempelhof tornou-se especialmente notória: Columbia-Haus, que não deveria ser confundida com o novo e moderno prédio no centro de Berlim chamado Columbushaus. A sublevação levou um líder judeu, o rabino Stephen S. Wise, de Nova York, a comentar com um amigo: “As fronteiras da civilização foram transpostas.”

Roosevelt fez a primeira tentativa de preencher o posto de Berlim em 9 de março de 1933, menos de uma semana depois de assumir a presidência e no exato momento em que a violência na Alemanha atingia o auge da ferocidade. Ele o ofereceu a James M. Cox, que em 1920 fora candidato a presidente, com Roosevelt como companheiro de chapa.

Numa carta recheada de lisonjas, Roosevelt escreveu: “Não é apenas pela minha afeição por você, mas também por achá-lo singularmente apto para essa posição-chave, que eu gostaria muito de submeter seu nome ao Senado para designá-lo embaixador americano na Alemanha. Espero que aceite, depois de conversar com sua adorável mulher, que, a propósito, seria perfeita como embaixatriz. Mande-me um telegrama dizendo que sim.”²

Cox disse que não: as exigências de seus muitos negócios, que incluíam vários jornais, o obrigavam a recusar.³ Não fez menção nenhuma à violência que grassava a Alemanha.

Roosevelt deixou o assunto de lado para enfrentar a grave crise econômica do

país, a Grande Depressão, que naquela primavera já subtraía o emprego de um terço da força de trabalho não agrícola do país e reduzira o produto interno bruto à metade; só voltou a pensar no problema um mês depois, quando ofereceu o cargo a Newton Baker, ex-secretário de Guerra de Woodrow Wilson e agora sócio de um escritório de advocacia em Cleveland.⁴ Baker também recusou. O mesmo fez Owen D. Young, destacado homem de negócios. Roosevelt tentou em seguida Edward J. Flynn, figura importante do Partido Democrata e um de seus grandes aliados. Flynn conversou com a mulher, “e decidimos que, devido à pouca idade de nossos filhos, seria impossível honrar tal compromisso”.

A certa altura, Roosevelt comentou, em tom de piada, com um membro da família Warburg: “Sabe de uma coisa, Jimmy, aquele sujeito, Hitler, ia ficar muito feliz se eu mandasse um judeu para Berlim como embaixador. O que acha desse emprego?”⁵

Agora, com a chegada de junho, o prazo tornava-se apertado. Roosevelt estava mergulhado numa exaustiva batalha para aprovar sua Lei de Recuperação da Indústria Nacional, peça central do New Deal, em face da fervorosa oposição de um grupo poderoso de republicanos. No começo do mês, com o Congresso a poucos dias do recesso de verão, o projeto de lei parecia prestes a ser aprovado, mas ainda sofria ataques de republicanos e de alguns democratas, que lançaram uma salva de propostas de emendas e obrigaram o Senado a realizar uma maratona de sessões. Roosevelt achava que quanto mais tempo a batalha se arrastasse, maior seria a probabilidade de o projeto fracassar ou ficar severamente esvaziado, em parte porque qualquer prorrogação da temporada legislativa poderia provocar a ira dos congressistas, ansiosos por sair de Washington para as férias de verão. Todo mundo estava ficando rabugento. Uma onda de calor no fim da primavera tinha elevado as temperaturas a níveis inéditos em todo o país, ao custo de mais de uma centena de vidas. Washington exalava vapor; os homens cheiravam mal. Uma manchete em três colunas na primeira página do *New York Times* dizia: “ROOSEVELT AJUSTA PROGRAMA PARA APRESSAR O FIM DA TEMPORADA; VÊ SUAS POLÍTICAS AMEAÇADAS”.⁶

E este era o conflito: o Congresso precisava confirmar e aprovar as verbas para novos embaixadores. Quanto mais cedo os congressistas entrassem em recesso, maior a pressão sobre Roosevelt para escolher um novo homem para Berlim. Assim, ele se via na situação⁷ de ter que levar em conta candidatos que fugiam ao perfil das indicações habituais, como os reitores de pelo menos três faculdades e um ardoroso pacifista chamado Harry Emerson Fosdick, pastor batista da Igreja Riverside em Manhattan. Nenhum deles, porém, parecia ideal; a nenhum o cargo foi oferecido.

Na quarta-feira, 7 de junho, faltando poucos dias para o recesso, Roosevelt reuniu-se com alguns dos seus assessores mais próximos e manifestou a frustração de não conseguir achar um novo embaixador.⁸ Um dos presentes era o secretário de Comércio Roper, a quem Roosevelt de vez em quando se referia como “Tio Dan”.

Roper pensou um pouco e fez uma nova sugestão, o nome de um velho amigo seu:

— O que acha de William E. Dodd?

— Não é má ideia — disse Roosevelt, apesar de não deixar claro se era no que, de fato, ele acreditava no momento. Sempre afável, Roosevelt era propenso a prometer coisas que não tinha necessariamente intenção de cumprir. — Vou pensar — prometeu.

* * *

DODD ERA TUDO MENOS o candidato típico para um posto diplomático. Não era rico. Não era influente, do ponto de vista político. Não era amigo de Roosevelt. Mas falava alemão e, aparentemente, conhecia bem o país. Um problema em potencial era sua antiga ligação com Woodrow Wilson, cuja crença em juntar-se a outros países no palco mundial era uma heresia para o crescente número de americanos que insistiam que os Estados Unidos deveriam evitar o envolvimento com assuntos de outras nações. Esses “isolacionistas”, liderados por William Borah, de Idaho, e Hiram Johnson, da Califórnia, tornavam-se cada vez mais barulhentos e poderosos. Pesquisas mostravam que 95% dos americanos queriam que os Estados Unidos evitassem qualquer guerra estrangeira.⁹ Roosevelt, embora fosse a favor do comprometimento internacional, mantinha em segredo suas opiniões sobre o assunto, para não atrapalhar o andamento de sua agenda interna. Parecia improvável, no entanto, que Dodd despertasse fortes reações dos isolacionistas. Era um historiador de temperamento sóbrio, e seu conhecimento de primeira mão da Alemanha tinha um valor evidente.

Berlim, além disso, ainda não era o posto de alta pressão que viria a se tornar dentro de um ano. A impressão que se tinha, naquela época, era de que o governo de Hitler não teria condições de durar muito. O poderio militar da Alemanha era limitado — seu exército, o Reichswehr, contava apenas com cem mil homens, e não era páreo para as forças militares da vizinha França, muito menos para o poderio combinado de França, Inglaterra, Polônia e União Soviética. E o próprio Hitler começava a parecer um ator mais moderado do que seria de se prever diante da violência que varreria a Alemanha no começo do ano. Em 10 de maio de 1933, o Partido Nazista queimou livros que considerava indesejáveis — obras de Einstein, de Freud, dos irmãos Mann e de muitos outros — em grandes fogueiras, mas sete dias depois Hitler se declarou empenhado na promoção da paz, a ponto de prometer desarmamento total, se outros países fizessem o mesmo. O mundo reagiu com alívio. Em comparação com os amplos desafios que Roosevelt enfrentava — depressão global, outro ano de seca nefasta —, a Alemanha era, mais que qualquer outra coisa, uma fonte de irritação. Para Roosevelt e o secretário Hull, o problema alemão mais urgente era a dívida de US\$ 1,2 bilhão a credores americanos, compromisso que o regime de Hitler parecia cada vez menos disposto a saldar.

Ninguém parecia se preocupar com o tipo de personalidade necessário para lidar efetivamente com o governo de Hitler. O secretário Roper achava “que

Dodd seria astuto no desempenho de seus deveres diplomáticos e, quando as conferências se tornassem tensas, ele viraria a mesa citando Jefferson”.¹⁰

* * *

ROOSEVELT LEVOU A SÉRIO a sugestão de Roper.

O prazo se esgotava, e havia assuntos muito mais urgentes a serem resolvidos enquanto o país afundava cada vez mais no desespero econômico.

No dia seguinte, 8 de junho, Roosevelt mandou fazer uma ligação interurbana para Chicago.

Ele foi breve. Disse a Dodd: “Gostaria de saber se você estaria disposto a prestar um serviço distinto ao governo. Quero que vá para a Alemanha como embaixador.”¹¹

E acrescentou: “Quero um liberal americano na Alemanha, como exemplo permanente.”

Fazia calor no Salão Oval, calor no escritório de Dodd. A temperatura em Chicago estava bem acima dos 30°C.

Dodd pediu a Roosevelt tempo para pensar e conversar com a mulher.

Roosevelt deu-lhe duas horas.¹²

* * *

DODD FALOU PRIMEIRO COM funcionários da universidade, que insistiram para que aceitasse. Depois foi a pé para casa, apressadamente, sob o calor intenso.

Tinha profundas dúvidas. *Old South* era sua prioridade. Servir como embaixador na Alemanha de Hitler não lhe daria mais tempo para escrever, provavelmente teria bem menos tempo, do que com suas obrigações na universidade.

A mulher, Mattie, compreendeu, mas ela sabia da necessidade que o marido tinha de reconhecimento e do seu senso de que, àquela altura da vida, deveria ter alcançado muito mais.¹³ Dodd, por sua vez, achava que devia algo à esposa. Ela o apoiara durante aqueles anos em troca de muito pouco, ao que lhe parecia. “Não há nenhum lugar adequado para meu tipo de mentalidade”, dissera ele numa carta que lhe enviara da fazenda no começo do ano, “e lamento muito, por você e pelas crianças.”¹⁴ A carta dizia ainda: “Sei que deve ser desolador para uma mulher leal e dedicada ter um marido tão inepto num momento crítico da história que ele há tanto tempo previu, um marido que não se adéqua a um alto cargo e por isso não consegue colher os frutos de uma vida de árduos estudos. Esta é sua desdita.”

Depois de uma rápida sessão de debate e exame de consciência conjugal, Dodd e a mulher decidiram aceitar o convite de Roosevelt. O que facilitou um pouco a decisão foi a concessão feita por Roosevelt de que, se a universidade de

Chicago “insistisse”, ele poderia voltar dentro de um ano. Mas, neste momento, disse Roosevelt, ele precisava de Dodd em Berlim.

Às 14h30, meia hora atrasado, as apreensões temporariamente abafadas, Dodd ligou para a Casa Branca e informou ao secretário de Roosevelt que aceitaria o cargo. Dois dias depois, Roosevelt submeteu a nomeação de Dodd ao Senado, confirmada no mesmo dia sem exigir sua presença nem as intermináveis audiências que se tornariam rotineiras nas nomeações importantes. A indicação mereceu poucos comentários da imprensa. O *New York Times* publicou uma breve reportagem na página 12 de sua edição de domingo, 11 de junho.

O secretário Hull, a caminho de uma importante conferência econômica em Londres, sequer foi ouvido. Mas ainda que estivesse presente quando o nome de Dodd foi sugerido pela primeira vez, muito provavelmente teria pouco a dizer, pois uma característica que começava a sobressair no estilo de governo de Roosevelt era a de fazer nomeações diretas nas instituições, sem envolver seus superiores, traço que muito aborrecia Hull.¹⁵ Ele diria depois, porém, que não fazia objeção à escolha de Dodd, exceto pelo que lhe parecia uma tendência a “extrapolar em seu excesso de entusiasmo e impetuosidade e, de vez em quando, sair pela tangente, como nosso amigo William Jennings Bryan. Por isso, eu tinha algumas reservas quanto a enviar um bom amigo, mesmo capaz e inteligente como ele, para um lugar delicado como eu sabia que Berlim era e continuaria a ser”.¹⁶

Posteriormente, Edward Flynn, um dos candidatos que recusara a indicação, inventou que Roosevelt telefonara para Dodd por engano — que sua intenção era oferecer o cargo de embaixador a um professor de Yale chamado Walter F. Dodd. Boatos sobre esse erro deram origem a um apelido, “Dodd Lista Telefônica”.¹⁷

* * *

EM SEGUIDA, DODD CONVIDOU Martha e Bill, seus filhos já adultos, a acompanharem-no, prometendo-lhes uma experiência inigualável. Nessa aventura ele via também a oportunidade de juntar a família pela última vez. *Old South* era importante, mas a família e o lar eram seu grande amor e sua grande necessidade. Em uma fria noite de dezembro, quando Dodd estava sozinho na fazenda, com o Natal próximo, e a filha e a mulher em Paris, onde Martha cursava um ano de estudo, Bill longe também, Dodd sentou-se para escrever uma carta à filha. Seu humor, na ocasião, estava melancólico. O fato de ter dois filhos adultos lhe parecia uma impossibilidade; sabia que logo sairiam de casa e que sua ligação com os pais, no futuro, seria cada vez mais tênue. Via sua própria vida chegar ao fim, e *Old South* longe de ser concluído.

Escreveu: “Minha querida criança, se é que o termo não a ofende! Para mim, você é tão preciosa, sua felicidade nesta vida de preocupações tão cara ao meu coração que nunca deixo de pensar em você como uma criança animada e

crescida; mas sei a sua idade e admiro seu jeito de pensar e sua maturidade. Não tenho mais uma criança.”¹⁸ Refletiu sobre “a estrada que temos pela frente. A sua apenas no início, a minha já tão adiantada que começo a contar as sombras que caem à minha volta, os amigos que partiram, outros amigos não tão certos de sua duração! É maio e quase dezembro”. O lar, escreveu, “tem sido a alegria da minha vida”. Mas agora todos estavam espalhados pelos quatro cantos do mundo. “Não aguento pensar que nossas vidas tomarão rumos diferentes — e que restam tão poucos anos.”

Com o convite de Roosevelt, surgiu a oportunidade de reuni-los mais uma vez, mesmo que por pouco tempo.

CAPÍTULO 3

A escolha

Diante da crise econômica do país, o convite de Dodd não poderia ser aceito levemente. Martha e Bill tinham a sorte de estar empregados — Martha como editora assistente da seção de literatura do *Chicago Tribune*, Bill como professor de história, iniciando uma carreira acadêmica —, muito embora, até então, o filho demonstrasse tão pouco entusiasmo que chegava a preocupar seu pai. Numa série de cartas para a mulher em abril de 1933, Dodd deu livre curso às suas preocupações em relação a Bill. “William é ótimo professor, mas tem horror a trabalho duro de qualquer espécie.”¹ Era disperso demais, escreveu Dodd, especialmente se houvesse um automóvel por perto. “Não seria bom para nós manter um carro em Chicago, se quisermos ajudá-lo a progredir nos estudos”, escreveu Dodd.² “A existência de um veículo com rodas é uma tentação grande demais.”

Martha se saíra muito melhor do ponto de vista profissional, para grande satisfação de Dodd, mas ele se preocupava com a turbulência de sua vida pessoal. Apesar de amar profundamente os dois filhos, Martha era seu grande orgulho. (A primeira palavra que ela pronunciou na vida, de acordo com registros familiares, foi “papai”.³) Com 1,60 metro de altura, loura, com olhos azuis e um largo sorriso, a moça tinha uma imaginação romântica e um jeito coquete, o que despertou paixões em muitos homens, jovens e não tão jovens.

Em abril de 1930, com apenas 21 anos, ela ficou noiva de um professor de inglês da Universidade Estadual de Ohio chamado Royall Henderson Snow.⁴ Em junho, o noivado foi desfeito. Ela teve um breve caso com o romancista W. L. River, que anos antes publicara *Death of a Young Man* (Morte de um jovem). Ele a chamava de Motsie e declarava seu amor em cartas compostas de frases extraordinariamente longas, uma das quais se estende por 74 linhas escritas à máquina em espaço simples. Naquela época, isso era tido como prosa experimental. “Não quero nada da vida, só você”, escreveu ele.⁵ “Quero estar com você para sempre, trabalhar e escrever para você, viver onde você quiser viver, não amar nada, ninguém, a não ser você, amá-la com a paixão do mundo, mas também acima dos elementos mundanos, com um amor mais eterno e espiritual (...)”

Ele não realizou seu intento. Martha apaixonou-se por outro, um homem natural de Chicago chamado James Burnham, que escrevia sobre “beijos suaves, leves como o roçar de uma pétala”.⁶ Ficaram noivos. Dessa vez, ela parecia disposta a ir em frente, até uma noite em que todas as fantasias que tecera sobre seu iminente casamento viraram de pernas para o ar. Seus pais organizaram uma reunião na casa da família, na Blackstone Avenue, e um dos convidados era um veterano da Grande Guerra, então vice-presidente de um banco em Nova York. Seu nome era George Bassett Roberts. Os amigos o chamavam simplesmente de

Bassett. Morava com os pais em Larchmont, subúrbio ao norte da cidade. Era alto, de lábios grossos, e bonito. Um colunista de jornal, escrevendo sobre sua promoção, observou com admiração: “Seu rosto é bem barbeado. A voz é suave. A fala, um tanto lenta (...) Nada nele sugere o banqueiro à moda antiga, intransigente, ou o estatístico seco como pó.”⁷

De início, enquanto ele se misturava aos outros convidados, Martha não o achou tão atraente, mas, já mais para o final da noite, deparou com Bassett sozinho. Levou “um choque”, como escreveu depois. “Foi uma dor e uma doçura, como uma flecha no ar, quando voltei a vê-lo, longe dos outros, na entrada da nossa casa. Isso parece ridículo, mas, juro, foi exatamente assim, a única vez na vida em que experimentei o amor à primeira vista.”⁸

Bassett também ficou tocado, e eles iniciaram um romance a distância, cheio de energia e paixão. Numa carta de 19 de setembro de 1931, ele escreveu: “Como foi divertido na piscina aquela tarde, e como você foi graciosa comigo depois que tirei minha roupa de banho!”⁹ E poucas linhas adiante: “Sim, meu Deus, que mulher, que mulher!” Como disse Martha, ele a “deflorou”. Chamava-a de “benzinho” e “benzinho meu”.

Mas ele a confundiu. Não se comportou da maneira que ela se acostumara a esperar de um homem. “Nunca antes amei e fui amada tanto sem que houvesse propostas de casamento em pouco tempo!”, escreveu-lhe ela anos depois.¹⁰ “Por isso fiquei profundamente magoada e acho que ervas daninhas envenenavam minha árvore do amor!” Ela foi a primeira a falar em casamento, mas ele tinha dúvidas. Ela usou de artifícios. Continuou noiva de Burnham, o que, é claro, deixou Bassett enciumado. “Ou você me ama ou não me ama”, escreveu ele, de Larchmont, “e, se me ama, e tem juízo, não pode casar com outro.”¹¹

Com o tempo, os dois cederam e acabaram se casando, em março de 1932, mas o fato de guardarem segredo sobre a união até para os amigos dá uma ideia das dúvidas que continuavam abrigando. “Eu o amei desesperadamente, e tentei ‘fiscá-lo’ durante muito tempo, mas depois, talvez devido ao cansaço causado por tal esforço, o próprio amor se esgotou”, escreveu Martha.¹² E então, no dia seguinte ao casamento, Bassett cometeu um erro fatal. Já era ruim o fato de ele ter de voltar para Nova York e seu emprego no banco, mas o pior foi não ter lhe mandado flores — um erro “banal”, como ela depois reconheceu, mas emblemático de algo mais profundo.¹³ Logo depois Bassett viajou para Genebra para assistir a uma conferência internacional sobre o ouro, e ao fazê-lo cometeu outro erro desse teor, deixando de ligar para ela antes de partir para “demonstrar algum nervosismo sobre nosso casamento e sobre a iminente separação geográfica”.¹⁴

Passaram o primeiro ano de casamento afastados, com encontros periódicos em Nova York e Chicago, mas a separação física aumentava as pressões sobre a relação. Ela reconheceu, mais tarde, que deveria ter ido morar em Nova York com ele e transformado a viagem a Genebra numa lua de mel, como Bassett sugerira.¹⁵ Mas mesmo então Bassett parecia inseguro. Durante uma ligação, ele se perguntou, em voz alta, se o casamento não teria sido um erro. “Aquilo foi a gota d’água”, escreveu Martha.¹⁶ Àquela altura, ela começou, segundo suas

próprias palavras, a “flertar” com outros homens e a manter um caso com Carl Sandburg, velho amigo de seus pais, que conhecia desde os 15 anos.¹⁷ Ele lhe mandou rascunhos de poemas escritos em tirinhas de papel fino, cortadas de forma estranha, e dois cachos de seu cabelo louro, atados com linha preta. Num bilhete, proclamava: “Eu a amo mais do que poderia dizer com gritos de Shenandoah e sussurros de débil chuva azul.”¹⁸ Martha deixava pistas suficientes para atormentar Bassett. Como lhe disse posteriormente, “eu me preocupava em sanar minhas feridas e feri-lo com Sandburg e outros”.¹⁹

Todas essas forças se juntaram um dia no jardim da casa de Dodd na Blackstone Avenue. “Sabe o verdadeiro motivo por que nosso casamento não deu certo?”, escreveu ela. “Porque eu era imatura e nova demais, mesmo aos 23, para querer deixar minha família! Senti uma dor no coração quando meu pai me disse, enquanto fazia qualquer coisa no nosso jardim, pouco depois de você se casar comigo: ‘Quer dizer então que minha menina querida quer deixar seu velho pai.’”²⁰

Agora, em meio a todo esse torvelinho pessoal, o pai lhe aparecia com um convite para juntar-se a ele em Berlim, e, de repente, ela se viu obrigada a escolher: Bassett e o banco e, no fim, inevitavelmente, uma casa em Larchmont, filhos, um gramado — ou seu pai, Berlim e sabe-se lá o quê.

O convite do pai era irresistível. Ela disse mais tarde a Bassett: “Tive de escolher: ele e a ‘aventura’ ou você. Não pude deixar de fazer a opção que fiz.”²¹

CAPÍTULO 4

Temor

Na semana seguinte, Dodd tomou um trem para Washington, onde, em 16 de junho, uma sexta-feira, se encontrou com Roosevelt para um almoço servido em duas bandejas à mesa do presidente.

Roosevelt, sorridente e animado, contou, com evidente prazer, a história da visita recente a Washington de Hjalmar Schacht, chefe do Reichsbank da Alemanha — nome completo Hjalmar Horace Greeley Schacht —, que tinha o poder de decidir se a Alemanha quitaria ou não suas dívidas com credores americanos.¹ Roosevelt explicou que instruíra o secretário Hull a agir com esperteza calculada para desarmar a lendária arrogância de Schacht. O alemão deveria ser levado ao gabinete de Hull e deixado de pé diante da mesa do secretário. Hull deveria agir como se Schacht não estivesse ali e “fingir que estava muito concentrado buscando certos documentos, enquanto Schacht esperava em pé, sem ser notado, durante três minutos”, lembrou Dodd. Por fim, Hull deveria encontrar o que procurava — um duro lembrete de Roosevelt condenando qualquer tentativa alemã de dar um calote. Só então ele se levantaria para cumprimentar Schacht, ao mesmo tempo que lhe entregaria o bilhete. O objetivo dessa encenação, disse Roosevelt a Dodd, “era tirar um pouco da pose daquele alemão”. Roosevelt parecia achar que o plano tinha funcionado extraordinariamente bem.

O presidente mudou de assunto para dizer o que esperava de Dodd. Em primeiro lugar, levantou a questão da dívida da Alemanha, demonstrando ambivalência. Reconhecia que os banqueiros americanos tinham obtido o que chamava de “lucros exorbitantes” ao emprestar dinheiro para empresas e cidades alemãs e vender, paralelamente, títulos da dívida a cidadãos americanos. “Mas nossa gente tem direito ao reembolso, e, apesar de isso estar completamente fora da alçada governamental, quero que você faça o possível para impedir uma moratória” — a suspensão dos pagamentos pelos alemães. “Isso contribuiria para retardar a recuperação.”²

Ele voltou-se, em seguida, para o que todos pareciam chamar de “problema” ou “questão” com os judeus.

* * *

PARA ROOSEVELT, AQUILO ERA um terreno traiçoeiro.³ Apesar de chocado com o tratamento dos nazistas aos judeus e de estar ciente da violência que convulsionara a Alemanha no começo do ano, ele evitava emitir qualquer declaração direta de condenação. Alguns líderes da comunidade judaica, como o rabino Wise, o juiz Irving Lehman e Lewis L. Strauss, sócio da Kuhn, Loeb &

Company, queriam que o presidente se manifestasse; outros, como Felix Warburg e o juiz Joseph Proskauer, defendiam a abordagem mais serena, insistindo para que facilitasse a entrada de judeus nos Estados Unidos. A relutância de Roosevelt nas duas frentes era exasperante. Em novembro de 1933, Wise descreveu Roosevelt como “impassível, incorrigível e até inacessível, exceto para aqueles seus amigos judeus que ele sabe que jamais o incomodarão com esses problemas”. Felix Warburg escreveu: “Até agora, as vagas promessas não se transformaram em ação.” Nem mesmo o bom amigo de Roosevelt, Felix Frankfurter, professor de direito em Harvard que mais tarde seria nomeado para a Suprema Corte, conseguiu convencer o presidente a agir, para sua grande frustração. Mas Roosevelt compreendia que, provavelmente, seriam imensos os custos políticos de qualquer condenação pública à perseguição nazista ou qualquer esforço óbvio para facilitar a entrada de judeus nos Estados Unidos, porque o discurso político em vigor enquadrava a questão judaica como um problema de imigração. A perseguição aos judeus na Alemanha despertava o fantasma de um vasto fluxo de refugiados para os Estados Unidos num momento em que o país cambaleava, em plena Depressão. Os isolacionistas deram outra dimensão ao debate ao insistirem, como o governo de Hitler, que a opressão nazista aos judeus na Alemanha era um assunto doméstico e que, portanto, os Estados Unidos não deveriam intrometer-se.

Até mesmo os judeus dos Estados Unidos estavam profundamente divididos sobre a abordagem do problema.⁴ De um lado, o Congresso Judaico Americano exigia protestos de todos os tipos, incluindo marchas e boicotes a produtos alemães. Um dos seus líderes de maior visibilidade era o rabino Wise, seu presidente honorário, que em 1933 se sentia cada vez mais frustrado com o fato de Roosevelt não se manifestar. Durante uma viagem a Washington, quando tentou em vão uma audiência com o presidente, o rabino Wise escreveu para a mulher: “Se ele se recusar a me ver, voltarei para lançar uma avalanche de exigências de ação pelos judeus. Tenho outras cartas na manga. Talvez seja melhor, pois ficarei livre para falar como nunca falei antes. E, com a ajuda de Deus, lutarei.”⁵

Do outro lado estavam os grupos judaicos alinhados com o Comitê Judaico Americano, encabeçado pelo juiz Proskauer, que recomendava um caminho mais sereno, com receio de que protestos ruidosos e boicotes piorassem as coisas para aqueles que permaneciam na Alemanha.⁶ Leo Wormser, advogado de Chicago, era um que pensava assim. Em carta a Dodd, Wormser escreveu que “nós em Chicago (...) nos opomos firmemente ao programa do Sr. Samuel Untermyer e do Dr. Stephen Wise de estimular um boicote judeu organizado contra produtos alemães”. Esse boicote, explicava ele, poderia provocar uma perseguição ainda mais intensa contra os judeus alemães, “e sabemos que, para muitos, ela poderia se tornar pior do que é agora”. Afirmou também que um boicote “atrapalharia os esforços de amigos na Alemanha em prol de uma atitude mais conciliadora, por meio de um apelo ao bom senso e ao interesse próprio”, e poderia afetar a capacidade alemã de pagar suas dívidas aos americanos portadores dos títulos. Ele temia as repercussões de um ato que seria atribuído exclusivamente aos judeus. Disse a Dodd: “Achamos que o boicote, se

dirigido e divulgado por judeus, tumultuaria a questão, que não deveria ser ‘será que os judeus sobreviverão?’, mas sim ‘será que a liberdade sobreviverá?’” Como escreveu Ron Chernow em *The Warburgs*: “Uma divisão fatal minava a ‘comunidade judaica internacional’ mesmo quando a imprensa nazista proclamava que ela funcionava com uma vontade única e implacável.”⁷

As duas facções estavam de acordo, porém, na certeza de que qualquer campanha que explícita e publicamente buscasse incrementar a imigração para os Estados Unidos só poderia resultar em desastre. No começo de junho de 1933, o rabino Wise escreveu para Felix Frankfurter, então professor de direito em Harvard, que, se o debate sobre a imigração chegasse ao plenário da Câmara dos Deputados, ele poderia “provocar uma explosão contra nós”.⁸ De fato, o sentimento contra a imigração nos Estados Unidos permaneceria forte até 1938, quando uma pesquisa de opinião da *Fortune* revelou que cerca de dois terços dos consultados eram a favor de manter os refugiados fora do país.⁹

Dentro da administração Roosevelt havia uma profunda divisão em torno do assunto. A secretária de Trabalho Frances Perkins, primeira mulher na história americana a ocupar um cargo ministerial, agiu com energia na tentativa de convencer o governo a fazer alguma coisa para facilitar a entrada de judeus.¹⁰ Seu departamento supervisionava as práticas e políticas de imigração, mas não tinha qualquer poder para decidir quem receberia ou não o visto. Isso cabia ao Departamento de Estado e seus cônsules no exterior, e eles tinham uma visão completamente diferente. A rigor, alguns dos mais altos funcionários do departamento tinham franca antipatia pelos judeus.

Um desses era William Phillips, subsecretário de Estado, o segundo homem na hierarquia do departamento, logo abaixo do secretário Hull. A mulher de Phillips e Eleanor Roosevelt eram amigas de infância; foi Franklin Roosevelt, e não Hull, quem escolhera Phillips como subsecretário. Em seu diário, Phillips descreveu um conhecido seu no mundo dos negócios como “meu amiguinho judeu de Boston”.¹¹ Phillips adorava ir a Atlantic City, mas em outra anotação de diário escreveu: “O lugar está infestado de judeus. Na verdade, a praia no sábado à tarde e no domingo oferecia uma cena extraordinária — pouquíssima areia à vista, toda a praia coberta por judeus e judias em trajes sumários.”¹²

Outro importante funcionário, Wilbur J. Carr, secretário de Estado adjunto, encarregado geral do serviço consular, se referia aos judeus como “*kikes*”, uma gíria ofensiva.¹³ Num memorando sobre imigrantes russos e poloneses, ele escreveu: “São imundos, antiamericanos e geralmente perigosos em seus hábitos.”¹⁴ Depois de uma viagem a Detroit, descreveu a cidade como cheia de “poeira, fumaça, sujeira, judeus”.¹⁵ Reclamou também da presença judaica em Atlantic City. Ele e a mulher passaram três dias ali em fevereiro, e a cada dia ele fez uma anotação no diário, denegrindo judeus. “Durante nossa caminhada pelo Boardwalk na beira da praia, vimos poucos gentios”, escreveu no primeiro dia. “Judeus por toda parte, e do tipo mais ordinário.”¹⁶ Ele e a mulher jantaram aquela noite no Hotel Claridge e acharam que o restaurante estava repleto de judeus, “e poucos com boa aparência. Além de mim, só outros dois deles usavam smoking. Uma atmosfera de grande negligência no restaurante”. Na noite seguinte, os Carr foram jantar noutro hotel, o Marlborough-Blenheim, que

lhes pareceu mais refinado. “Gostei dali”, escreveu Carr. “Que diferença da atmosfera judia do Claridge.”¹⁷

Um funcionário do Comitê Judaico Americano descreveu Carr como “antisemita e vigarista, que fala lindamente e trama para não fazer nada por nós”.¹⁸

Tanto Carr como Phillips defendiam estrita adesão a uma cláusula das leis de imigração que proibia a entrada daqueles considerados “susceptíveis de se tornarem encargos públicos”, a notória “cláusula LPC” (*Likely to Become a Public Charge*).¹⁹ Parte integrante da Lei de Imigração de 1917, ela fora reinstaurada pela administração Hoover em 1930 para desencorajar a imigração numa época em que o desemprego estava nas alturas. Funcionários consulares tinham grande poder sobre quem entrava nos Estados Unidos, pois eles decidiam quem poderia ser excluído sob os termos da cláusula LPC. A lei de imigração exigia também que os postulantes fornecessem um atestado de boa conduta emitido pela polícia, além de cópias em duplicata de certidões de nascimento e outros registros governamentais. “É totalmente ridículo”, escreveu um memorialista judeu, “ter de procurar o inimigo e pedir um atestado de bom caráter.”²⁰

Ativistas judeus acusavam os consulados americanos no exterior de receber discretas instruções para conceder apenas uma fração dos vistos permitidos para cada país, acusação que demonstrou ser fundamentada.²¹ O procurador do próprio Departamento do Trabalho, Charles E. Wyanski, descobriu em 1933 que os cônsules tinham recebido informalmente instruções verbais para restringir o número de vistos aprovados para 10% da cota total de cada país. Líderes judeus sustentavam, ainda, que a obtenção dos atestados policiais tornara-se não apenas difícil, mas perigosa — “um obstáculo quase insuperável”, como declarou o juiz Proskauer numa carta ao subsecretário Phillips.²²

Phillips ofendeu-se com a descrição de Proskauer retratando os cônsules como obstáculos. “O cônsul”, respondeu Phillips, repreendendo-o com delicadeza, “só está preocupado em determinar, de forma atenciosa e prestativa, se os postulantes preenchem os requisitos legais.”²³

Um resultado disso, de acordo com Proskauer e outros líderes, foi que os judeus simplesmente deixaram de se apresentar como candidatos à imigração para os Estados Unidos.²⁴ De fato, o número de alemães que pediam vistos correspondia a uma fração mínima dos 26 mil que tinham permissão para fazê-lo, dentro da cota anual determinada para o país. Essa disparidade dava a funcionários do Departamento de Estado um poderoso argumento estatístico para quem se opunha à reforma: que problema poderia haver se tão poucos judeus solicitavam vistos? Era um argumento que Roosevelt, já em abril de 1933, parecia aceitar.²⁵ Ele sabia também que qualquer esforço para flexibilizar as regras de imigração poderia muito bem levar o Congresso a responder com uma drástica redução das cotas em vigor.

Por ocasião de seu almoço com Dodd, Roosevelt estava extremamente ciente das sensibilidade em jogo.

“As autoridades alemãs tratam os judeus de modo vergonhoso, e os judeus do país estão muito agitados”, disse Roosevelt. “Mas isso também não é assunto do

governo. Nada podemos fazer, a não ser pelos cidadãos americanos que venham a ser vitimados. Temos de protegê-los, e o que pudermos fazer para moderar a perseguição geral, por meio de influência não oficial e pessoal, deve ser feito.”²⁶

* * *

A CONVERSA VOLTOU-SE PARA coisas práticas. Dodd insistiu em dizer que viveria dentro do orçamento estabelecido por seu salário de US\$ 17.500, um bocado de dinheiro durante a Depressão, mas quantia insuficiente para um embaixador que teria de receber diplomatas europeus e autoridades nazistas.²⁷ Era questão de princípio para Dodd: ele achava que um embaixador não deveria viver de modo extravagante enquanto o restante do país sofria. No caso dele, entretanto, era também um falso problema, uma vez que não dispunha de riqueza pessoal, como tantos outros embaixadores, e não poderia viver de modo extravagante nem que quisesse.

— Você está certo —, disse Roosevelt. — Além de dois ou três jantares e recepções gerais, você não precisa entregar-se a eventos sociais dispendiosos. Tente dar atenção aos americanos em Berlim e oferecer jantares ocasionais aos alemães interessados em relações com os Estados Unidos. Acho que pode conseguir viver com esses rendimentos sem sacrificar nenhuma parte essencial do serviço.²⁸

Depois de mais alguma conversa sobre tarifas comerciais e redução de armamentos, o almoço chegou ao fim.

Eram duas horas. Dodd saiu da Casa Branca e foi andando até o Departamento de Estado, onde pretendia encontrar-se com diversos funcionários e ler despachos de Berlim, principalmente os longos relatórios escritos pelo cônsul-geral, George S. Messersmith. Os relatórios eram perturbadores.

Hitler era chanceler havia seis meses, tendo sido nomeado graças a um acordo político, mas ainda não tinha poderes absolutos. O presidente da Alemanha, o marechal de campo Paul von Beneckendorff und von Hindenburg, de 85 anos, ainda detinha a autoridade constitucional para nomear e destituir chanceleres e seus gabinetes e, igualmente importante, contava com a lealdade do exército regular, o Reichswehr. Ao contrário de Hindenburg, Hitler e seus auxiliares eram surpreendentemente jovens — Hitler tinha apenas 44 anos, Hermann Göring, quarenta, e Joseph Goebbels, trinta.

Uma coisa era ler nos jornais notícias sobre o errático comportamento de Hitler e a brutalidade de seu governo para com os judeus, comunistas e outros opositores, pois nos Estados Unidos havia a crença generalizada de que essas notícias deviam ser exageradas, já que certamente nenhum Estado moderno se comportaria daquela maneira. Ali, no Departamento de Estado, porém, Dodd leu despachos e mais despachos nos quais Messersmith descrevia a rápida degenerescência da Alemanha de república democrática em ditadura brutal.²⁹ Messersmith não poupava detalhes — sua tendência a escrever muito lhe pespegara desde cedo o apelido de “George Quarenta Páginas”.³⁰ Ele escrevia a

respeito da violência generalizada ocorrida nos meses que se seguiram à nomeação de Hitler e do controle cada vez maior que o governo exercia sobre todos os aspectos da sociedade alemã. Em 31 de março, três cidadãos americanos tinham sido sequestrados e arrastados para uma das estações de espionamento das Tropas de Assalto, onde foram despidos e passaram a noite no frio. De manhã, apanharam até desmaiar, e foram largados na rua. Um correspondente da United Press International tinha desaparecido, mas, depois de investigações de Messersmith, ele foi liberado ileso. O governo de Hitler decretara o boicote de um dia contra todos os negócios judeus na Alemanha — lojas, bancas de advocacia, consultórios médicos. E houve a queima de livros, as demissões de judeus das empresas, as marchas aparentemente intermináveis das Tropas de Assalto e a supressão da outrora vibrante imprensa alemã, que, de acordo com Messersmith, fora colocada sob controle do governo num grau maior do que “provavelmente já se viu em qualquer país. A censura à imprensa deve ser considerada absoluta”.³¹

Em um de seus despachos mais recentes, entretanto, Messersmith assumira um tom decididamente mais positivo, que Dodd sem dúvida achara animador. Com otimismo atípico, Messersmith dizia ter visto sinais de que a Alemanha se tornava mais estável, o que atribuía à confiança crescente em Hitler, Göring e Goebbels. “A responsabilidade já transformou consideravelmente os principais líderes do Partido”, escreveu. “Tudo indica que estão ficando cada vez mais moderados.”³² Dodd, no entanto, não teve a oportunidade de ler uma carta escrita por Messersmith logo depois, na qual se retratava de sua avaliação mais otimista. Identificada como “pessoal e confidencial”, a carta fora enviada ao subsecretário Phillips. Datada de 26 de junho de 1933, ela chegou às mãos de Phillips quando Dodd já estava prestes a partir para Berlim.

“Tentei destacar, em meus despachos, que a cúpula do partido está ficando mais moderada, enquanto os líderes intermediários e as massas continuam radicais como sempre, e que a questão é saber se a elite partidária será capaz de impor sua tendência moderada sobre as massas”, escreveu Messersmith.³³ “Começa a parecer que eles, com certeza, não serão capazes disso, mas que a pressão de baixo para cima se torna cada vez mais forte.” Göring e Goebbels em particular já não pareciam tão moderados, escreveu ele. “O Dr. Goebbels prega diariamente que a revolução mal começou e que o que se fez até agora foi apenas um prelúdio.”

Sacerdotes eram presos. Um antigo presidente da Baixa Silésia, que Messersmith conhecia pessoalmente, fora enviado para um campo de concentração. Ele notava uma “histeria” crescente entre os líderes de nível médio do Partido Nazista, que se manifestava na crença de que “a única segurança está em mandar todo mundo para a prisão”. De uma forma silenciosa mas agressiva, o país se preparava para a guerra, lançando mão da propaganda para criar a impressão de que “o mundo inteiro é contra a Alemanha e que o país está indefeso perante o mundo”. As promessas de paz feitas por Hitler eram ilusórias, visando apenas ganhar tempo para que a Alemanha voltasse a se armar, advertia Messersmith. “O que eles mais desejam fazer, definitivamente, é transformar a Alemanha no instrumento de guerra mais eficiente que já

existiu.”

* * *

ENQUANTO ESTAVA EM WASHINGTON, Dodd compareceu a uma recepção que a embaixada alemã lhe ofereceu e, na ocasião, conheceu Wilbur Carr. Posteriormente, Carr fez uma breve descrição de Dodd em seu diário: “Pessoa agradável e interessante, com fino senso de humor e um recato simples.”³⁴

Dodd também fez uma visita ao chefe de Assuntos da Europa Ocidental do Departamento de Estado, Jay Pierrepont Moffat, que partilhava com Carr e Phillips a antipatia pelos judeus, bem como sua rígida atitude para com a imigração.³⁵ Moffat registrou suas próprias impressões sobre o novo embaixador: “É extremamente seguro de suas opiniões, expressa-se com vigor e didaticamente, e tem uma tendência a dramatizar seus argumentos. O único senão é que vai tentar administrar a embaixada e uma família de quatro pessoas com seu salário. Como ele vai conseguir fazer isso em Berlim, onde os preços são altos, é algo que me escapa.”³⁶

O que nem Carr nem Moffat expressaram em suas anotações foram a surpresa e o desgosto que a indicação de Dodd causara a eles e a muitos outros colegas. Viviam numa esfera de elite, em que apenas homens de certa linhagem poderiam esperar ser prontamente admitidos. Muitos tinham frequentado as mesmas escolas preparatórias, em geral St. Paul's e Groton, e dali seguido para Harvard, Yale e Princeton. O subsecretário Phillips fora criado no bairro de Back Bay, em Boston, numa gigantesca casa vitoriana.³⁷ Ele já tinha fortuna própria aos 21 anos e, mais tarde, tornou-se membro do conselho do Harvard College. A maioria dos seus colegas no Departamento de Estado também tinha dinheiro e, quando no exterior, gastava bastante do próprio bolso, sem expectativa de reembolso. Hugh Wilson, um desses funcionários, escreveu, em louvor de seus colegas diplomatas: “Todos se sentiam parte de um excelente clube. Esse sentimento alimentava um saudável *esprit de corps*.”³⁸

Pelos padrões vigentes, era difícil imaginar alguém que se enquadrasse menos do que Dodd.

* * *

DODD VOLTOU A CHICAGO para preparar a mudança e comparecer a diversas festas de despedida. Depois, ele, a mulher, Martha e Bill tomaram o trem para a Virgínia a fim de passarem uma última temporada na fazenda de Round Hill. Seu pai, John, de 86 anos, morava relativamente perto, na Carolina do Norte, mas Dodd, apesar de querer os filhos sempre por perto, a princípio não planejava visitá-lo, porque Roosevelt queria seu novo embaixador em Berlim o mais rápido possível. Dodd escrevera ao pai contando da sua nomeação e avisando que não poderia vê-lo antes de viajar. Pôs algum dinheiro no envelope e

escreveu: “Lamento estar tão longe a vida toda.”³⁹ O pai respondeu de imediato, dizendo-se orgulhoso por Dodd ter recebido “essa grande honra de Washington”.⁴⁰ Mas acrescentou aquela gota de vinagre que só os pais parecem saber aplicar — aquela alfinetada que faz a culpa inflar e os planos mudarem. Escreveu o velho Dodd: “Mesmo que eu não o veja mais enquanto viver, está tudo bem, terei orgulho de você até minhas últimas horas de vida.”

Dodd mudou os planos. Em 1º de julho, um sábado, ele e a mulher embarcaram num vagão-leito para a Carolina do Norte. Durante a visita ao pai de Dodd, encontraram tempo para visitar pontos de referência na região. Dodd e a mulher circularam pelo território do passado, como se despedissem. Visitaram o cemitério da família, onde Dodd parou diante do túmulo da mãe, que morrera em 1909. Enquanto caminhava pela grama, deparou com as sepulturas de antepassados que participaram da Guerra Civil, incluindo dois que se renderam com o general Robert E. Lee em Appomattox. Foi uma visita com muitos lembretes dos “infortúnios da família” e da precariedade da vida. “Um dia um tanto triste”, escreveu ele.⁴¹

Dodd e a mulher voltaram à Virgínia e à fazenda, depois seguiram de trem para Nova York. Martha e Bill dirigiram o Chevrolet da família, com a intenção de deixá-lo no cais para ser transportado até Berlim.

* * *

DODD TERIA PREFERIDO PASSAR os dois dias seguintes com a família, mas o departamento fazia questão de que, ao chegar a Nova York, ele participasse de reuniões com executivos de bancos, para tratar da questão da dívida da Alemanha — assunto pelo qual tinha pouco interesse —, e de encontros com líderes judeus. Ele temia que as imprensas americana e alemã deturpassem o caráter dessas reuniões, comprometendo a objetividade que esperava aparentar em Berlim.⁴² Mas obedeceu, e o resultado foi um dia de encontros que lembrava a série de visitas de fantasmas de *Um conto de Natal*, de Dickens. A carta de um destacado ativista judeu avisou a Dodd que na noite de segunda-feira, 3 de julho, ele receberia a visita de dois grupos de homens, devendo o primeiro chegar às oito e meia e o segundo às nove.⁴³ As reuniões aconteceriam no Century Club, a base de Dodd em Nova York.

Primeiro, porém, ele encontrou-se com os banqueiros nos escritórios do National City Bank de Nova York, que anos depois passaria a se chamar Citibank. Dodd ficou surpreso ao saber que o National City Bank e o Chase National Bank tinham mais de cem milhões de dólares em títulos da dívida alemã, papéis que a Alemanha, àquela altura, propunha pagar à taxa de trinta centavos por dólar. “Houve muita conversa, mas o único entendimento foi que eu deveria fazer o possível para impedir que a Alemanha desse um calote explícito”, escreveu Dodd.⁴⁴ Ele nutria pouca simpatia por banqueiros. A perspectiva de receber altas taxas de juros sobre os títulos da dívida alemã cegara-os para o risco evidente de que um país arrasado pela guerra, e politicamente volátil, poderia se tornar

inadimplente.

Naquela noite, os líderes judeus chegaram na hora prevista, entre eles Felix M. Warburg, importante financista que tendia a defender a tática mais silenciosa do Comitê Judaico Americano, e o rabino Wise, do mais ruidoso Congresso Judaico Americano. Dodd escreveu no diário: “Durante uma hora e meia, a discussão prosseguiu: os alemães estão matando judeus o tempo todo; a perseguição chega a tal ponto que o suicídio é comum (consta que houve casos desses na família Warburg); e todas as propriedades de judeus estão sendo confiscadas.”⁴⁵

Durante a reunião, Warburg parece ter mencionado o suicídio de dois parentes idosos, Moritz e Käthie Oppenheim, em Frankfurt, cerca de três semanas antes.⁴⁶ Warburg escreveu posteriormente: “Não há dúvida de que o regime de Hitler transformou suas vidas em um flagelo, e eles ansiavam por dar cabo de seus dias.”

Os visitantes insistiram para que Dodd pressionasse Roosevelt a intervir oficialmente, mas ele hesitou. “Afirmar que o governo não poderia fazer uma intervenção oficial, mas assegurei aos membros da conferência que exerceria toda a influência pessoal possível contra o tratamento injusto de judeus alemães e, é claro, protestaria contra maus-tratos infligidos aos americanos.”⁴⁷

Em seguida, Dodd pegou o trem das 11 da noite para Boston. Ao chegar, no começo da manhã seguinte, 4 de julho, foi conduzido em carro com motorista à casa do coronel Edward M. House, um amigo que era conselheiro íntimo de Roosevelt, para um encontro durante o café da manhã.

Em meio a assuntos variados, Dodd descobriu quanto estava longe de ser a primeira opção de Roosevelt. A novidade foi humilhante.⁴⁸ Dodd anotou em seu diário que ela acabou com qualquer inclinação de sua parte em “inchar excessivamente o ego” por conta da nomeação.

Quando a conversa se voltou para a perseguição dos judeus na Alemanha, o coronel House insistiu com Dodd para fazer tudo o que pudesse “para amenizar seu sofrimento”, mas acrescentou uma ressalva: “Os judeus não devem ter permissão para dominar a vida econômica ou intelectual de Berlim como fizeram por tanto tempo.”⁴⁹

Nesse particular, o coronel House expressou um sentimento muito difundido nos Estados Unidos, de que os judeus da Alemanha eram ao menos parcialmente responsáveis por suas dificuldades. Dodd deparou com uma manifestação mais raivosa desse sentimento ainda naquele dia, depois de voltar para Nova York, quando ele e a família foram jantar, em Park Avenue, no apartamento de Charles R. Crane, filantropo de 75 anos cuja família enriquecera vendendo material hidráulico. Crane era um arabista que, segundo se dizia, tinha influência em certos países do Oriente Médio e dos Bálcãs, e era um generoso patrocinador do departamento de Dodd na Universidade de Chicago, onde financiava uma cátedra para o estudo da história e das instituições russas.

Dodd já sabia que Crane não era amigo dos judeus. Quando o filantropo escrevera-lhe, anteriormente, para cumprimentá-lo pela nomeação, dera-lhe um conselho: “Os judeus, depois de ganharem a guerra, galopando a passo rápido, tomaram a Rússia, a Inglaterra e a Palestina, foram flagrados no ato de tentar

tomar a Alemanha também e, deparando com a primeira rejeição de verdade, ficaram loucos e estão inundando o mundo — em especial a tranquila América — com propaganda antialemã, por isso eu o aconselho, veementemente, a resistir a qualquer convite social.”⁵⁰

Dodd concordava em parte com a ideia de Crane de que os judeus também deveriam ser responsabilizados pelos apuros que viviam.⁵¹ Escreveu a Crane, depois de chegar a Berlim, que, apesar de não “aprovar a brutalidade aplicada aos judeus aqui”, achava que os alemães tinham válidos motivos de queixa. “Quando tenho oportunidade de manter conversas informais com alemães eminentes, digo com muita franqueza que eles têm um problema sério, mas que parecem não saber como resolvê-lo”, escreveu. “Os judeus ocuparam muito mais posições estratégicas na Alemanha do que aquelas a que seu número e seus talentos lhes dariam direito.”

Durante o jantar, Dodd ouviu Crane manifestar grande admiração por Hitler, e descobriu também que seu anfitrião não fazia objeção à forma como os nazistas tratavam os judeus na Alemanha.

Enquanto Dodd e sua mulher se despediam, naquela noite, Crane deu-lhe mais um conselho: “Deixe Hitler fazer o que quiser.”⁵²

* * *

ÀS 11 HORAS DA MANHÃ seguinte, 5 de julho de 1933, os Dodd pegaram um táxi para o porto e embarcaram no navio *Washington*, com destino a Hamburgo. Encontraram-se por acaso com Eleanor Roosevelt, que acabava de desejar boa viagem ao filho Franklin Jr., de partida para a Europa a fim de passar uma temporada no exterior.

Cerca de uma dezena de repórteres também subiu a bordo e encurralou Dodd no convés, que ali estava na companhia da mulher e de Bill. Naquele momento, Martha achava-se noutra parte do navio. Os repórteres fizeram perguntas e insistiram com os Dodd para que posassem como se acenassem em sinal de adeus. Com relutância, eles consentiram, escreveu Dodd, “e, sem nos darmos conta da semelhança com a saudação de Hitler, então desconhecida para nós, erguemos nossas mãos”.⁵³

As fotos suscitaram um pequeno clamor, pois pareciam ter capturado Dodd, a mulher e o filho em meio a um *Heil*.

As apreensões de Dodd se intensificaram. Naquele momento, teve medo de deixar Chicago e sua antiga vida.⁵⁴ Enquanto o navio soltava as amarras, a família sentiu o que Martha posteriormente descreveria como “um volume desproporcional de tristeza e maus pressentimentos”.⁵⁵

Martha chorou.

CAPÍTULO 5

Primeira noite

Martha chorou, intermitentemente, a maior parte dos dois dias seguintes — “de forma copiosa e sentimental”, como ela mesma disse.¹ Não era por ansiedade, pois não lhe importava muito saber como seria a vida na Alemanha de Hitler. Ela chorava por tudo o que deixava para trás, as pessoas e os lugares, os amigos e o trabalho, o conforto familiar da casa da Blackstone Avenue, seu adorável Carl, tudo o que compunha a vida “inestimavelmente preciosa” que levava em Chicago. Se precisasse de um lembrete de tudo o que ia perder, a disposição das cadeiras em sua festa de despedida seria suficiente. Ela sentara-se entre Sandburg e outro amigo íntimo, Thornton Wilder.

Aos poucos, a tristeza cedeu. O mar estava calmo e os dias, claros. Ela e o filho de Roosevelt andavam juntos, dançavam, tomavam champanhe. Examinaram os passaportes um do outro — o dele o identificava sucintamente como “filho do presidente dos Estados Unidos”, o dela, um pouco mais pretensioso, dizia: “filha de William E. Dodd, embaixador extraordinário e plenipotenciário dos Estados Unidos na Alemanha”. O pai exigia que ela e o irmão fossem a seu camarote, de número A-10, e ali ficassem pelo menos uma hora por dia para ouvi-lo ler em voz alta em alemão, a fim de se familiarizarem com a sonoridade da língua. Ele demonstrava uma solenidade atípica e Martha percebia um nervosismo incomum.

Para ela, entretanto, a perspectiva de aventura logo afastou a ansiedade. Ela conhecia pouco sobre política internacional, e, como era a primeira a admitir, não fazia ideia da gravidade do que ocorria a Alemanha. Via Hitler como “um palhaço parecido com Charles Chaplin”.² Como muitos outros naquela época nos Estados Unidos, e em outras partes do mundo, não imaginava que ele pudesse durar tanto tempo ou fosse levado a sério. Martha era ambivalente com relação à situação dos judeus. Como aluna da Universidade de Chicago, fora exposta a uma “propaganda sutil e subliminar entre os universitários” que induzia à hostilidade contra os judeus.³ Descobriu “que até muitos professores da faculdade se ressentiam do brilhantismo de colegas e alunos judeus”. Considerava-se “um pouquinho antissemita neste sentido: aceitava a ideia de que os judeus não eram fisicamente tão atraentes quando os gentios, e eram menos desejáveis do ponto de vista social”.⁴ Também assimilara a opinião de que eles, apesar de serem geralmente brilhantes, eram ricos e agressivos. Nesse particular, refletia a atitude de uma surpreendente parcela de americanos, como revelaram nos anos 1930 os militantes da recente arte da pesquisa de opinião pública. Uma pesquisa mostrou que 41% dos entrevistados achavam que os judeus tinham “poder demais nos Estados Unidos”; outro levantamento revelou que um quinto deles queria “expulsar os judeus dos Estados Unidos”.⁵ (Uma pesquisa feita décadas depois, em 2009, mostraria que o total de americanos que

achavam que os judeus tinham poder excessivo encolhera para 13%.⁶⁾

Uma colega descrevera Martha como Scarlett O'Hara e “uma feiticeira — voluptuosa e loura, com luminosos olhos azuis e uma pele pálida e translúcida”.⁷ Ela se considerava escritora e esperava fazer carreira com seus contos e romances. Sandburg a encorajara. “A personalidade está toda em você”, escreveu ele.⁸ “Tempo, solidão, labuta são os requisitos que diferenciam você; você tem praticamente tudo para fazer o que quiser como escritora.” Logo depois da partida da família para Berlim, Sandburg instruiu-a a tomar nota de tudo e “atender a todo sinal para escrever breves impressões de coisas, súbitas frases líricas, para as quais você tem um dom”.⁹ Acima de tudo, insistiu ele, “descubra de que é feito esse homem Hitler, o que vira sua cabeça, de que são feitos seus ossos e seu sangue”.¹⁰

Thornton Wilder também lhe deu um conselho de despedida.¹¹ Recomendou que Martha se abstinhasse de escrever para jornais, porque esse “trabalho repetitivo” destruiria a concentração necessária para redigir coisas sérias. Disse que mantivesse um diário de “como eram as coisas — os boatos, as opiniões de pessoas durante uma época política”. No futuro, escreveu ele, um diário como esse seria “do maior interesse para você e — Deus meu — para mim”. Alguns amigos de Martha achavam que ela também mantinha um envolvimento romântico com Wilder, embora, na verdade, ele tivesse outras preferências. Martha guardava uma foto dele no armário.¹²

* * *

NO SEGUNDO DIA NO mar, enquanto passeava pelo convés do *Washington*, Dodd viu um rosto familiar: era o rabino Wise, um dos líderes judeus que ele conhecera em Nova York três dias antes. Durante a semana de viagem que se seguiu, conversaram sobre a Alemanha “meia dúzia de vezes ou mais”, informou Wise a um líder judeu que era seu colega, Julian W. Mack, desembargador da justiça federal.¹³ “Ele foi muito amável e cordial, e, na verdade, disposto a confiar segredos.”¹⁴

Dodd, como era de esperar, discorreu sobre história americana, e a certa altura disse ao rabino Wise: “Quem escreve não pode contar toda a verdade sobre Jefferson e Washington — as pessoas não estão prontas e precisam ser preparadas.”¹⁵

O comentário surpreendeu Wise, que o descreveu como “a única nota perturbadora da semana”. Explicou: “Se as pessoas precisam ser preparadas para saber a verdade sobre Jefferson e Washington, o que fará [Dodd] quando souber a verdade sobre Hitler, em razão de seu posto oficial?”

E acrescentou: “Quando eu lhe sugeria que o grande serviço que poderia prestar ao seu país e à Alemanha seria dizer a verdade ao chanceler, deixar claro para ele que a opinião pública, incluindo a opinião cristã e a opinião política, se voltou contra a Alemanha (...) ele respondia sempre: ‘Não posso dizer antes de falar com Hitler: se descobrir que isso é possível, falarei francamente com ele e

lhe direi tudo.”

Suas muitas conversas a bordo levaram Wise a concluir “que W. E. D. sentese encarregado de cultivar o liberalismo americano na Alemanha”. Citou a última observação de Dodd: “Se eu fracassar, será muito grave — grave para o liberalismo e todas as coisas que o presidente defende, que são aquelas que eu também defendo.”

Aquela altura, de fato, Dodd via sua função de embaixador como algo mais do que ser um simples observador e informante. Acreditava que, pela razão e pelo exemplo, poderia exercer uma influência moderadora sobre Hitler e seu governo e, ao mesmo tempo, ajudar a tirar os Estados Unidos de sua trajetória isolacionista e empurrá-los em direção a um maior envolvimento internacional. A melhor atitude, imaginava, era ser o mais compreensivo e menos crítico possível, e tentar entender a noção alemã de que o país tinha sido injustiçado pelo mundo. Até certo ponto, Dodd concordava. Escreveu no diário que o Tratado de Versalhes, tão odiado por Hitler, foi “injusto em muitos pontos, como todos os tratados que põem fim a guerras”.¹⁶ A filha, Martha, num texto biográfico, foi mais longe, declarando que Dodd “condenava” o tratado.¹⁷

Sempre estudioso da história, Dodd acreditava na racionalidade inerente ao ser humano, e achava que a razão e a persuasão prevaleceriam, especialmente no que dizia respeito ao fim da perseguição nazista aos judeus.

Disse a um amigo, o secretário de Estado assistente R. Walton Moore, que preferiria demitir-se a “ser simplesmente uma figura de proa protocolar e social”.¹⁸

* * *

OS DODD CHEGARAM À ALEMANHA em 13 de julho de 1933, uma quinta-feira. Dodd imaginara, erroneamente, que todos os arranjos necessários para a chegada da família tinham sido providenciados, mas, depois de uma lenta e tediosa viagem pelo Elba, descobriram, ao desembarcar em Hamburgo, que ninguém da embaixada reservara as passagens de trem, muito menos o vagão privativo de praxe, para levá-los até Berlim.¹⁹ Um funcionário, George Gordon, conselheiro da embaixada, recebeu-os no cais e, apressadamente, conseguiu reservar compartimentos num trem antigo e convencional, que nem de longe lembrava o famoso “Hamburguês Voador”, capaz de fazer o percurso para Berlim em pouco mais de duas horas. O Chevrolet da família representou outro problema. Bill Jr. planejara dirigi-lo até Berlim, mas não tinha preenchido os formulários necessários para retirar o automóvel do navio e partir para as estradas alemãs. Quando o assunto foi resolvido, Bill partiu. Enquanto isso, Dodd enfrentava as perguntas de um grupo de jornalistas, entre eles o repórter de um jornal judeu, o *Hamburger Israelitisches Familienblatt*, que logo depois publicou um artigo dando a entender que a principal missão de Dodd era acabar com a perseguição aos judeus — exatamente o tipo de deturpação que ele queria evitar.²⁰

Enquanto a tarde avançava, os Dodd desenvolveram uma antipatia pelo conselheiro Gordon. Era a segunda autoridade mais importante da embaixada, e comandava um quadro de primeiros e segundos secretários, estenógrafos, arquivistas e codificadores, além de funcionários diversos, num total de mais ou menos duas dúzias. Era empertigado e arrogante e vestia-se como um aristocrata do século anterior.²¹ Andava com uma bengala. Seu bigode dava voltas, a tez era vermelha e inflamada, sinal do que um funcionário chamava de “temperamento muito colérico”.²² Falava de um jeito descrito por Martha como “sucinto, educado e definitivamente condescendente”.²³ Não fez nenhum esforço para ocultar seu desdém pela aparência simples da família, ou seu desagrado pelo fato de ela ter chegado sozinha, sem um batalhão de pajens, empregadas e choferes. O embaixador anterior, Sackett, era um homem muito mais do agrado de Gordon, rico, com dez criados em sua residência berlinense. Martha percebeu que, para Gordon, sua família representava uma categoria de seres humanos “com os quais ele não se dignara misturar-se talvez durante a maior parte de sua vida adulta”.²⁴

Martha e a mãe viajaram entre buquês de flores que receberam em sinal de boas-vindas no cais. A Sra. Dodd — Mattie — sentia-se apreensiva e desanimada, prevendo as “obrigações e a mudança no padrão de vida” que vinham pela frente, como recordou Martha. A filha apoiou a cabeça no ombro da mãe, e logo caiu no sono.²⁵

Dodd e Gordon sentaram-se juntos num compartimento separado, discutindo assuntos da embaixada e a política alemã. Gordon avisou o novo embaixador de que sua frugalidade e sua determinação de viver apenas com o salário pago pelo Departamento de Estado constituiriam um obstáculo para estabelecer relações com o governo de Hitler. Dodd já não era um simples professor, lembrou Gordon. Era um diplomata importante, face a face com um regime arrogante que só respeitava a força. A atitude de Dodd com a vida diária teria de mudar.

O trem atravessou correndo lindas cidades e vales arborizados iluminados pelo sol vespertino, e em cerca de três horas chegou à região metropolitana de Berlim. Finalmente, entrou na Lehrter Bahnhof, numa curva do Spree, onde o rio atravessava o centro da cidade. Um dos cinco grandes portais ferroviários, a estação elevava-se como uma catedral, com um teto abobadado e janelas arqueadas.

Na plataforma, os Dodd encontraram uma multidão de americanos e alemães que os aguardavam, incluindo funcionários do serviço exterior alemão e repórteres armados com câmeras e flashes, então conhecidos como “flashlights”. Um homem de aparência enérgica e estatura mediana, com cerca de 1,65 metro — “seco, de fala arrastada, exaltado”, como o historiador e diplomata George Kennan o descreveu posteriormente —, avançou e apresentou-se.²⁶ Era George Messersmith, cônsul-geral, o funcionário do Serviço Exterior cujos longos despachos Dodd lera em Washington. Martha e o pai gostaram dele de imediato: pareceu-lhes homem de princípios e franqueza, e um provável amigo, muito embora essa avaliação estivesse destinada a sofrer uma revisão significativa.

Messersmith retribuiu essa boa vontade inicial. “Gostei de Dodd já de saída”,

escreveu ele.²⁷ “Era um homem de maneiras e atitude muito simples.” Notou, entretanto, que Dodd “dava a impressão de ser um tanto frágil”.

Na multidão de pessoas que lhes deram as boas-vindas, os Dodd encontraram também duas mulheres que, durante os anos seguintes, desempenhariam importante papel na vida da família, uma alemã e outra americana de Wisconsin, cujo marido pertencia a uma das dinastias intelectuais mais nobres da Alemanha.

A alemã era Bella Fromm — “Tia Voss”, colunista social de um jornal altamente conceituado, o *Vossische Zeitung*, um dos duzentos periódicos em circulação em Berlim e, diferentemente da maioria, ainda capaz de realizar reportagens independentes. Fromm era corpulenta e bonita, com olhos notáveis — ônix sob sobrancelhas negras com forma de asas de gaivota, as pupilas parcialmente encobertas pela pálpebra superior de um jeito que sugeria intelecto e ceticismo. Contava com a confiança de praticamente todos os membros da comunidade diplomática da cidade, assim como dos mais altos membros do Partido Nazista, o que não era pouco, levando-se em conta que era judia. Ela afirmava ter fontes na cúpula do governo de Hitler que a avisavam de futuras ações do Reich. Era amiga íntima de Messersmith; a filha, Gonny, chamava-o de “tio”.

Fromm registrou em seu diário as primeiras observações sobre os Dodd. Martha, escreveu ela, parecia “um perfeito exemplo da jovem mulher americana inteligente”.²⁸ O embaixador “parece um acadêmico. Seu humor irônico me atraiu. É observador e preciso. Aprendeu a amar a Alemanha quando era estudante em Leipzig, segundo disse, e dedicará suas forças a construir uma sincera amizade entre seu país e a Alemanha”.²⁹

E acrescentou: “Espero que ele e o presidente dos Estados Unidos não se desapontem demais com seus esforços.”

A outra mulher, a americana, era Mildred Fish Harnack, representante do Clube das Mulheres Americanas em Berlim. Fisicamente, era o oposto de Fromm em todos os sentidos — esbelta, loura, etérea, reservada. Martha e Mildred gostaram uma da outra de imediato. Mildred escreveu, posteriormente, que Martha “é clara e capaz, e tem um desejo genuíno de compreender o mundo. Portanto, nossos interesses coincidem”.³⁰ Ela percebeu que tinha encontrado uma alma gêmea, “uma mulher seriamente interessada em escrever. É um estorvo ficar sozinha e isolada no próprio trabalho. Ideias estimulam ideias, e o gosto por escrever é contagioso”.³¹

Martha, por sua vez, ficou impressionada com Mildred. “Fui atraída por ela imediatamente”, escreveu.³² Mildred demonstrava uma sedutora combinação de força e delicadeza. “Falava devagar e manifestava suas opiniões; ouvia calada, os grandes olhos azul-acinzentados muito sérios (...) medindo, avaliando, tentando compreender.”

O CONSELHEIRO GORDON pôs Martha num carro com um jovem secretário do protocolo designado para acompanhá-la ao hotel onde a família ficaria até encontrar uma casa adequada para alugar. Os pais viajaram separadamente, com Gordon, Messersmith e a mulher. O carro de Martha seguiu para o sul, passando pelo Spree e entrando na cidade.

Ela viu longos e retos bulevares que lembravam a rígida planta de Chicago, mas as semelhanças terminavam aí.³³ Em vez da paisagem de arranha-céus por onde caminhava para o trabalho diariamente em Chicago, ali os prédios eram, na grande maioria, de pouca estatura, em geral com cinco andares, o que aumentava a sensação de que a cidade era baixa e achatada. A maior parte parecia muito velha, mas alguns destoavam pela novidade, com paredes de vidro, telhados chatos e fachadas curvilíneas, criações de Walter Gropius, Bruno Taut e Erich Mendelsohn, todos condenados pelos nazistas como decadentes, comunistas e, inevitavelmente, judeus. A cidade vibrava de cor e energia. Havia ônibus de dois andares, trens S-Bahn e bondes vivamente coloridos, cujas catenárias produziam brilhantes faíscas azuis. Automóveis baixos passavam vibrando, na maioria pretos, mas também vermelhos, creme e azul-escuros, muitos de design desconhecido: o adorável Opel 4/16 PS, o Horch, com seu letal enfeite de capô em arco e flecha, e o onipresente Mercedes, preto, baixo, com acabamentos cromados. O próprio Joseph Goebbels lograra capturar em prosa a energia da cidade, expressa numa das mais populares avenidas comerciais, a Kurfürstendamm, embora o fizesse num ensaio destinado não a louvar, mas a criticar, chamando-a de “o abscesso” da cidade. “As campanhas dos bondes soam, os ônibus barulhentos buzina, sempre cheios de gente e mais gente; táxis e extravagantes carros particulares zunem no asfalto lúcido”, escreveu.³⁴ “A fragrância de perfumes fortes impregna o ar. Meretrizes sorriem com rostos nos tons pastéis e artificiais das mulheres da moda; supostos homens passeiam para lá e para cá com seus monóculos faiscantes; pedras falsas e preciosas cintilam.” Berlim era, escreveu ele, um “deserto de pedra” cheio de pecado e corrupção e habitado por um populacho “que caminha para o túmulo com um sorriso”.

O jovem funcionário do protocolo mostrou-lhe vários marcos. Martha fazia perguntas e mais perguntas, sem se dar conta de que abusava da paciência do rapaz. No começo da viagem, eles passaram por uma praça dominada por um imenso edifício de arenito silesiano, com torres de noventa metros de altura em cada um dos quatro cantos, construído num estilo que os famosos guias turísticos de Karl Baedeker chamavam de “renascentista italiano adornado”. Era o Reichstagsgebäude, no qual o poder legislativo da Alemanha, o Reichstag, se reunira antes do incêndio que acontecera quatro meses antes. Um jovem holandês — um comunista não praticante chamado Marinus van der Lubbe — fora preso e acusado da autoria do incêndio, junto com mais quatro suspeitos identificados como cúmplices, embora um boato amplamente aceito como verdadeiro afirmasse que o fogo fora orquestrado pelo próprio regime nazista para provocar temores de um levante bolchevique e, com isso, ganhar o apoio popular para a suspensão das liberdades civis e a destruição do Partido Comunista na Alemanha. O julgamento iminente era o assunto dominante em Berlim.

Mas Martha ficou perplexa. Ao contrário do que as notícias faziam supor, o

prédio lhe pareceu intacto. As torres continuavam de pé, e não havia marcas nas fachadas. “Oh, eu pensava que tinha sido destruído pelo incêndio!”, exclamou, quando o carro passou pelo prédio. “A mim parece perfeito. Conte o que aconteceu.”³⁵

Depois dessa e de outras manifestações que Martha reconheceria terem sido imprudentes, o funcionário do protocolo inclinou-se para ela e sussurrou: “Psiu! Minha jovem, precisa aprender a ser vista sem ser ouvida. Não pode falar tanto, nem fazer tantas perguntas. Não estamos nos Estados Unidos, e você não pode dizer tudo o que pensa.”³⁶

Ela calou-se pelo resto da viagem.

* * *

DEPOIS DE CHEGAREM AO HOTEL, o Esplanade, na arborizada e adorável Bellevuestrasse, Martha e os pais foram conhecer as acomodações que Messersmith arranjara pessoalmente.

Dodd ficou chocado, Martha, encantada.

O hotel era um dos melhores de Berlim, com gigantescos candelabros e lareiras, e dois pátios com coberturas de vidro, um deles — o Pátio das Palmeiras — famoso pelos chás dançantes e como o lugar onde os berlinenses tiveram a primeira oportunidade de dançar o charleston. Greta Garbo já se hospedara ali, assim como Charlie Chaplin.³⁷ Messersmith reservara a suíte imperial, um conjunto de aposentos que incluíam um amplo quarto com cama de casal e banheiro privativo, dois quartos de solteiro também com banheiros próprios, uma sala de visitas e outra para conferências, todos localizados no lado par do corredor, do quarto 116 ao 124.³⁸ Duas salas de recepção tinham paredes forradas com cetim brocado. A suíte estava impregnada de um cheiro primaveril, que vinha das flores enviadas por simpatizantes, tantas, disse Martha, “que mal havia espaço para a gente se mexer — orquídeas e lírios de um aroma raro, flores de todas as cores e de todos os tipos”.³⁹ Ao entrar na suíte, escreveu, “ficamos boquiabertos diante de sua magnificência”.

Mas tal opulência agredia todos os princípios do ideário jeffersoniano que Dodd abraçara durante a vida. Ele avisara antes de chegar que queria “acomodações modestas, num hotel modesto”, segundo Messersmith.⁴⁰ Apesar de compreender o desejo de Dodd de viver “com toda discrição e sobriedade possíveis”, Messersmith sabia, também, “que as autoridades e o povo alemães não compreenderiam”.

Havia outro fator. Diplomatas americanos e funcionários do Departamento de Estado sempre se hospedavam no Esplanade. Ir para outro lugar teria sido uma flagrante quebra do protocolo e da tradição.

* * *

A FAMÍLIA INSTALOU-SE.⁴¹ Bill Jr. e o Chevrolet não deveriam chegar tão cedo. Dodd recolheu-se no quarto com um livro. Martha achava tudo difícil de entender. Cartões de boas-vindas continuavam a chegar, acompanhados de ainda mais flores. Ela e a mãe sentiram-se abismadas com o luxo à sua volta, “imaginando, desesperadas, como aquilo tudo seria pago sem hipotecarmos a alma”.

Mais tarde, a família reuniu-se e desceu para jantar no restaurante do hotel, onde Dodd desenferrujou seu alemão, depois de décadas de desuso, e, no seu jeito irônico, tentou gracejar com os garçons.⁴² Estava, escreveu Martha, “de magnífico humor”. Os garçons, mais acostumados com o comportamento imperial dos dignitários do mundo e das autoridades nazistas, não sabiam bem como responder e adotaram uma atitude cortês que Martha achou quase servil. A comida era boa, mas pesada, em sua opinião, classicamente alemã, e pedia uma caminhada depois do jantar.

Na rua, os Dodd dobraram à esquerda e percorreram a Bellevuestrasse, em meio às sombras das árvores e à penumbra da iluminação pública. A luz mortíça fez Martha lembrar-se da sonolência das cidades rurais dos Estados Unidos bem tarde da noite. Não viu soldados, nem polícia. A noite era suave e adorável; “tudo era pacífico, romântico, estranho, nostálgico”, escreveu.

Continuaram até o fim da rua e atravessaram uma pequena praça para chegar ao Tiergarten, o equivalente berlinense do Central Park. O nome, literalmente, significa “jardim dos animais” ou “jardim das feras”, o que remonta a seu passado mais longínquo, quando fora uma reserva de caça da família real. Naquele momento, tinha 255 hectares de árvores, pistas, trilhas para cavalgar e esculturas que se espalhavam para o oeste, do Portão de Brandemburgo ao rico distrito residencial e comercial de Charlottenburg. O Spree corria ao longo dos seus limites setentrionais; o famoso zoológico da cidade ficava no canto sudoeste. À noite, o parque era especialmente atraente. “No Tiergarten”, escreveu um diplomata britânico, “as pequenas lâmpadas tremulam entre as pequenas árvores, e o gramado cintila com os vaga-lumes de mil cigarros.”⁴³

Os Dodd entraram na Siegesallee — Avenida da Vitória —, ladeada por 96 estátuas e bustos de antigos líderes prussianos, entre eles Frederico o Grande, outros Fredericos menores e luminas de outrora como Alberto o Urso, Henrique o Menino e Oto o Preguiçoso. Os berlinenses chamavam-nos de *Puppen* — bonecas. Dodd dissertou sobre a história de cada um, demonstrando o minucioso conhecimento da Alemanha que adquirira em Leipzig trinta anos antes. “Tenho certeza de que aquela foi uma das noites mais felizes que passamos no país”, escreveu Martha. “Estávamos cheios de alegria e de paz.”⁴⁴

O pai amava a Alemanha desde sua temporada em Leipzig, quando todos os dias uma jovem levava violetas frescas para seu quarto. Agora, naquela primeira noite, enquanto caminhavam pela Avenida da Vitória, Martha também sentia uma onda de afeição pelo país. A cidade, a atmosfera em geral, em nada se parecia com aquilo que os jornais nos Estados Unidos a levaram a esperar. “Achei que a imprensa tinha caluniado o país, e eu queria apregoar o calor e a afabilidade das pessoas, a suave noite de verão com sua fragrância de árvores e

flores, a serenidade das ruas”.⁴⁵

Era 13 de julho de 1933.

PARTE II
Problemas
casas no Terceiro Reich



Embaixador Dodd à sua mesa

CAPÍTULO 6

Sedução

Nos primeiros dias em Berlim, Martha pegou um resfriado. Enquanto convalescia no Esplanade, recebeu a visita de uma americana chamada Sigrid Schultz, que, durante 14 anos, tinha sido correspondente em Berlim do antigo padrão de Martha, o *Chicago Tribune*, e agora era correspondente-chefe na Europa Central. Schultz tinha quarenta anos, 1,60 metro — a mesma altura de Martha — e cabelos louros e olhos azuis. “Um pouco atarracada”, como registrou Martha, e com “abundantes cabelos dourados”.¹ Apesar do tamanho e do brilho angelical, Schultz era conhecida entre os colegas correspondentes e autoridades nazistas como teimosa, franca e totalmente destemida. Estava na lista de convidados de todos os diplomatas e era presença assídua nas festas oferecidas por Goebbels, Göring e outros líderes nazistas. Göring sentia um prazer perverso em chamá-la de “o dragão de Chicago”.²

Schultz e Martha falaram um pouco sobre assuntos inócuos, mas logo a conversa voltou-se para a rápida transformação de Berlim nos seis meses desde que Hitler se tornara chanceler. Schultz contou histórias de violência contra judeus, comunistas e qualquer um que os nazistas considerassem hostis à sua revolução. Em alguns casos, as vítimas eram cidadãos americanos.

Martha retrucou que a Alemanha estava em meio a um renascimento histórico. Os incidentes ocorridos eram, com certeza, apenas expressões fortuitas do intenso entusiasmo que tomara conta do país. Nos poucos dias desde a sua chegada, não vira nada que confirmasse as histórias de Schultz.

Mas Schultz continuou contando casos de espancamentos e prisões arbitrárias nos acampamentos “selvagens” — prisões improvisadas que brotavam em todo o país sob o controle das forças paramilitares nazistas — e presídios mais formais, conhecidos àquela altura como campos de concentração. A palavra alemã era *Konzentrationslager*, ou KZ. A abertura de um desses campos ocorrera em 22 de março de 1933, e sua existência fora revelada durante uma entrevista coletiva dada por um antigo criador de galinhas de 32 anos, transformado em comandante da polícia de Munique, Heinrich Himmler.³ O campo ocupava uma velha fábrica de munição, a poucos minutos de trem de Munique, nos arredores da encantadora aldeia de Dachau, e agora abrigava centenas de prisioneiros, talvez milhares — ninguém sabia —, na grande maioria presos sem acusação específica, mas para ficarem sob “custódia protetora”. Não havia judeus, ainda, mas comunistas e membros do liberal Partido Social-Democrata, todos mantidos em condições de estrita disciplina.

Martha foi ficando irritada com o empenho de Schultz em macular sua visão rósea, mas gostou dela e percebeu que seria uma amiga valiosa, dada a ampla diversidade dos seus contatos com jornalistas e diplomatas. Despediram-se amistosamente, mas Martha permaneceu inabalável em sua convicção de que a

revolução que se desdobrava à sua volta era um episódio heroico, que poderia resultar numa Alemanha nova e saudável.

“Não acreditei em todas as histórias”, escreveu Martha, posteriormente. “Achei que ela exagerava, e que estava um pouco histérica.”⁴

Quando Martha saía do hotel, não testemunhava violência, não via ninguém acuado de medo, não sentia opressão. A cidade era uma delícia. O que Goebbels condenava, ela adorava. Uma pequena caminhada desde o hotel, virando à direita, longe do verde frescor do Tiergarten, levava-a à Potsdamer Platz, um dos cruzamentos mais movimentados do mundo, com seus famosos sinais de trânsito para cinco vias, provavelmente os primeiros instalados na Europa. Berlim tinha apenas 120 mil carros, mas parecia que todos eles se concentravam ali, como abelhas numa colmeia. Era possível contemplar o torvelinho do trânsito e das pessoas de uma mesa na calçada no Josty Café. Erguia-se ali a Haus Vaterland, uma casa noturna de cinco andares, capaz de atender seis mil pessoas em 12 ambientes, incluindo um bar Wild West, onde garçons usavam imensos chapéus de caubói, e o Rhineland Wine Terrace, no qual a cada hora os clientes assistiam a uma breve tempestade interna, em que não faltavam relâmpago, trovão e, para desconsolo das mulheres com roupas de seda legítima, uns respingos de chuva. “Que lugar jovial, despreocupado, romântico, maravilhoso, onde dá vontade de ficar até de manhã!”, escreveu um visitante. “É o lugar mais animado de Berlim.”⁵

Para uma mulher de 24 anos, que não precisava se preocupar com trabalho ou com dinheiro, e prestes a se livrar de um casamento falido, Berlim era infinitamente atraente. Logo ela saía para “um encontro na hora do chá” com um famoso correspondente americano, H. R. Knickerbocker — “Knick” para os amigos —, que escrevia para o *New York Evening Post*.⁶ Ele a levou ao Eden Hotel, o notório Eden, onde a agitadora comunista Rosa de Luxemburgo fora espancada até quase morrer em 1919, antes de ser levada para o vizinho Tiergarten e assassinada.

No salão de chá do Eden, Martha e Knick dançaram. Ele era magro e baixo, com cabelos ruivos e olhos castanhos, e conduziu-a pela pista com habilidade e graça. Inevitavelmente, a conversa voltou-se para a Alemanha. Como Sigrid Schultz, Knickerbocker tentou ensinar a Martha um pouco da verdade sobre a política do país e o caráter de seus novos líderes. Ela não quis saber, e a conversa tomou outro rumo. O que a cativava eram os homens e mulheres à sua volta. Ela adorava ver “seu jeito engraçado e empertigado de dançar, ouvir sua língua gutural e incompreensível e observar seus gestos simples, seu comportamento natural e seu entusiasmo infantil pela vida”.⁷

Ela gostava dos alemães que conhecera até então — com toda a certeza, bem mais do que os franceses que conheceu quando estudou em Paris. Diferentemente dos franceses, escreveu ela, os alemães “não eram ladrões, não eram egoístas, não eram impacientes, frios, duros”.⁸

complicada de identificar o órgão.¹⁵ A reputação da Gestapo como onisciente e malévola resultou da confluência de dois fenômenos: um clima político no qual a mera crítica ao governo poderia levar à prisão e a existência de um populacho ansioso para entrar na linha e se coordenar, e também disposto a usar as suscetibilidades nazistas a fim de satisfazer necessidades individuais e remediar invejas. Um estudo de registros nazistas revelou que, de uma amostra de 213 denúncias, 37% tiveram como fundamento conflitos particulares, e não genuínas crenças políticas, sendo deflagrados quase sempre por motivo banal.¹⁶ Em outubro de 1933, por exemplo, o empregado de uma mercearia denunciou uma freguesa rabugenta que insistira em receber três *pfennig* de troco.¹⁷ O empregado a acusou de sonegação de impostos. Os alemães denunciavam uns aos outros com tanto entusiasmo que altos funcionários nazistas pediram ao povo para examinar com mais discernimento as circunstâncias que pudessem justificar um relatório à polícia. O próprio Hitler reconheceu, num comentário ao seu ministro da Justiça: “Estamos vivendo num mar de denúncias e mesquinha humana.”¹⁸

Um elemento central da Coordenação foi a inclusão, na lei do servidor público da Alemanha, da “cláusula ariana”, que, para todos os efeitos, bania os judeus do serviço público. Regulamentos adicionais e animosidades locais dificultavam severamente a prática da medicina pelos judeus, assim como seu acesso à profissão de advogado. Apesar de onerosas e dramáticas para os judeus, essas restrições não causavam grande impressão aos turistas e outros observadores casuais, em parte porque poucos judeus viviam na Alemanha. Em janeiro de 1933, apenas cerca de 1% dos 65 milhões de alemães era constituído por judeus, e a maioria morava em grandes cidades, com uma presença insignificante no resto do país.¹⁹ Quase um terço — um pouco mais de 160 mil — vivia em Berlim, mas representava menos de 4% dos 4,2 milhões de habitantes da cidade, e muitos moravam em bairros que normalmente não faziam parte do itinerário de visitantes.

Mas mesmo muitos dos judeus que viviam no país tinham dificuldade de captar o verdadeiro significado do que acontecia naquele momento. Cinquenta mil perceberam e deixaram a Alemanha semanas depois da ascensão de Hitler a chanceler, mas a maioria ficou.²⁰ “Quase ninguém achava que as ameaças contra os judeus eram para ser levadas a sério”, escreveu Carl Zuckmayer, escritor judeu.²¹ “Muitos judeus pensavam que as selvagens declarações antissemitas dos nazistas não passavam de mero recurso de propaganda, uma linha de ação que seria abandonada tão logo chegassem ao governo e assumissem responsabilidades públicas.” Apesar de uma canção muito popular entre as Tropas de Assalto se intitular “Quando sangue judeu esguicha da minha face”, na época em que os Dodd chegaram a violência contra os judeus começava a diminuir. Os incidentes eram esporádicos, isolados. “Era fácil ficar tranquilo”, escreveu o historiador John Dippel, num estudo sobre os motivos que levaram muitos judeus a permanecer na Alemanha.²² “Na superfície, a vida diária era praticamente a mesma de antes de Hitler assumir. Ataques nazistas a judeus eram como tempestades de verão, que chegavam e iam embora rapidamente, deixando em seu rastro uma calma sinistra.”

O sinal mais visível da campanha de Coordenação foi o súbito aparecimento da saudação de Hitler, ou *Hitlergruss*. Era tão nova para os estrangeiros que o cônsul-geral Messersmith dedicou um despacho inteiro ao assunto, datado de 8 de agosto de 1933. A saudação, escreveu ele, não tinha precedente no mundo moderno, exceto a continência, de exigência muito mais restrita, dos soldados diante de oficiais.²³ O que tornava a prática excepcional era que se esperava que todos a fizessem, mesmo nos encontros mais banais. Nas lojas, vendedores saudavam fregueses. As crianças tinham de saudar os professores várias vezes por dia. Ao término das apresentações teatrais, um novo costume mandava as plateias se levantarem e fazerem a saudação, enquanto cantavam, primeiro, o hino nacional alemão, “Deutschland über Alles”, e depois o hino das Tropas de Assalto, “Horst Wessel Lied”, ou “Canção de Horst Wessel”, nome do seu compositor, um assassino das SA morto pelos comunistas e que a propaganda nazista transformou em herói. Os alemães em geral adotaram a saudação com tamanha avidez que, de tão frequente, o ato se tornou quase cômico, especialmente nos corredores de prédios públicos, onde todos, do mais humilde contínuo ao mais altivo funcionário, saudavam uns aos outros com um *Heil*, transformando uma simples ida ao banheiro numa tarefa cansativa.

Messersmith recusava-se a fazer a saudação, limitando-se a ficar em posição de sentido, mas compreendia que para os alemães comuns isso não bastava. Às vezes, ele mesmo se sentia quase obrigado a ceder. No encerramento de um almoço a que compareceu na cidade portuária de Kiel, todos os convidados se levantaram e, braço direito estendido, cantaram o hino nacional e a “Canção de Horst Wessel”. Messersmith levantou-se, em sinal de respeito, como teria feito nos Estados Unidos para ouvir “Star-Spangled Banner”. Muitos dos convidados, incluindo alguns membros das Tropas de Assalto, olharam para ele, furiosos, cochichando entre si, como se tentassem adivinhar sua identidade. “Senti que foi muita sorte o incidente acontecer dentro de casa e entre pessoas, no geral, inteligentes”, escreveu, “pois, se tivesse sido numa aglomeração de rua, ou numa manifestação ao ar livre, ninguém perguntaria quem eu era, e não há dúvida de que eu teria sido tratado com rudeza.”²⁴ Messersmith recomendava que os visitantes americanos tentassem prever o momento em que as canções e as saudações seriam exigidas, para se retirarem a tempo.

E não achava graça nenhuma quando o embaixador Dodd, de vez em quando, lhe fazia uma saudação de brincadeira.²⁵

* * *

EM SUA SEGUNDA SEMANA em Berlim, Martha descobriu que não se livrara do passado tão completamente quanto esperava.

Bassett, seu marido, chegou à cidade no que ele mesmo chamava em particular de “Missão em Berlim”, na esperança de reconquistá-la.

Hospedou-se no Hotel Adlon. Os dois se encontraram algumas vezes, mas Bassett não conseguiu a reconciliação chorosa que esperava. Em vez disso, o que

encontrou foi uma indiferença cordial. “Lembra-se do nosso passeio de bicicleta pelo parque?”, escreveu ele. “Você foi amável, mas senti uma diferença entre nós.”²⁶

Para piorar, já no fim de sua estada, Bassett pegou um forte resfriado, que o deixou prostrado na cama, bem no momento da última visita de Martha antes de sua partida.

Ele soube que sua “Missão” em Berlim tinha fracassado no instante em que Martha entrou no quarto. Ela chegou na companhia do irmão, Bill.

Foi um momento de morna crueldade. Ela sabia que Bassett interpretaria seu gesto da forma correta. Estava cansada. Amara-o outrora, mas a relação deles fora contaminada por muitos mal-entendidos e imperativos conflitantes. Onde tinha havido amor, como Martha diria mais tarde, agora só havia “rescaldo”, e isso não era suficiente.

Bassett entendeu. “Você deu tudo por encerrado”, escreveu ele. “E quem poderia culpá-la!”²⁷

Mandou-lhe flores, reconhecendo a derrota. O cartão que as acompanhava dizia: “Para minha encantadora e adorável ex-esposa”.²⁸

Partiu para os Estados Unidos, para Larchmont, Nova York, e para uma vida suburbana de aparar a grama, cuidar da faia cor de cobre no quintal, bebericar e comer coisas simples e caseiras ao anoitecer, ir de trem para o trabalho no banco. Como escreveu, posteriormente: “Não tenho muita certeza de que você teria sido feliz como a mulher de um economista de banco, preocupado com a Carta Bancária, criação de filhos, reuniões da associação de pais e mestres, essas coisas.”²⁹

* * *

A LIGAÇÃO DE MARTA com Sigrid Schultz logo começou a dar frutos. Schultz organizou uma festa de boas-vindas para Martha em 23 de julho de 1933 e convidou alguns de seus amigos mais próximos, entre eles outro correspondente, Quentin Reynolds, que escrevia para a agência de notícias internacional Hearst News Service. Martha e Reynolds ficaram amigos na mesma hora. Ele era grande e alegre, com cabelos ondulados e olhos que davam a impressão de uma gargalhada iminente, embora tivesse também a reputação de ser teimoso, cético e esperto.

Voltaram a se encontrar cinco dias depois, num bar do Esplanade, na presença do irmão, Bill. Como Schultz, Reynolds conhecia todo mundo, e conseguira fazer amizade com muitas autoridades nazistas, incluindo Ernst Franz Sedgwick Hanfstaengl, confidente de Hitler. Filho de mãe americana e formado em Harvard, Hanfstaengl era conhecido por tocar piano para Hitler tarde da noite, para acalmar os nervos do ditador.³⁰ Nada de Mozart ou Bach. Quase sempre Wagner e Verdi, Liszt e Grieg, às vezes Strauss e Chopin.

Martha queria conhecê-lo; Reynolds sabia de uma festa que seria dada por um colega correspondente para a qual Hanfstaengl estava convidado, e

ofereceu-se para levá-la.

CAPÍTULO 7

Conflito oculto

Dodd ia a pé todos os dias do Esplanade para o escritório, uma caminhada de 15 minutos pela Tiergartenstrasse, a rua que formava a divisão meridional do parque. Do lado sul havia mansões com ricos jardins e cercas de ferro forjado, muitas delas propriedade de embaixadas e consulados; do lado norte espalhava-se o próprio parque, denso de árvores e esculturas, as alamedas escurecidas pelas sombras da manhã. Dodd o chamava de “o parque mais bonito que já vi”, e o passeio logo se tornou a parte preferida do dia.¹ O escritório ficava na chancelaria, numa rua perto do parque chamada Bendlerstrasse, que também continha o Bendlerblock, uma coleção de edifícios acachapados, pálidos e retangulares que serviam de quartel-general do exército alemão regular, o Reichswehr.

Uma foto de Dodd trabalhando em seu gabinete numa de suas primeiras semanas em Berlim mostra-o sentado a uma mesa grande, finamente trabalhada, em frente a uma tapeçaria pendurada na parede, com um grande e complicado telefone a uma distância de talvez um metro e meio, à sua esquerda. Há algo de cômico nessa imagem: Dodd, um homem franzino, o colarinho duro e branco, o cabelo empastado e rigorosamente partido, fitando a câmera com expressão grave, totalmente apegado pela opulência que o cerca. A foto provocou boas risadas no Departamento de Estado, entre aqueles que desaprovavam a nomeação de Dodd. O subsecretário Phillips terminou uma carta para Dodd com estas palavras: “Uma foto em que você aparece sentado à mesa em frente a uma deslumbrante tapeçaria tem circulado muito e impressiona bastante.”²

A cada passo Dodd parecia violar algum costume da embaixada, pelo menos aos olhos de seu conselheiro, George Gordon. Dodd insistia em ir a pé a seus encontros com funcionários do governo. Certa vez, ao fazer uma visita a alguém na vizinha embaixada da Espanha, levou Gordon consigo, ambos de fraque e cartola. Numa carta a Thornton Wilder em que descrevia a cena, Martha escreveu que Gordon tinha “se atirado na sarjeta num acesso apoplético”.³ Quando saía de carro, Dodd sempre usava o Chevrolet da família, nem de longe páreo para os Opels e Mercedes preferidos pelas altas autoridades do Reich. Trajava ternos comuns. Contava piadas irônicas. Na segunda-feira, 24 de julho, ele cometeu um pecado particularmente chocante. O cônsul-geral Messersmith tinha convidado o embaixador e Gordon para um encontro com um congressista americano em visita à cidade, no escritório de Messersmith, no consulado, que ocupava os primeiros dois andares de um edifício em frente ao Esplanade Hotel. Dodd chegou ao escritório de Messersmith antes de Gordon; poucos minutos depois, o telefone tocou. Pelo que Dodd depreendeu das palavras de Messersmith, Gordon recusava-se a comparecer. O motivo: puro despeito. Na

opinião de Gordon, Dodd tinha “degradado” a si e a seu cargo ao aceitar ir a uma reunião no escritório de um homem de posição inferior. Dodd comentou em seu diário: “Gordon é um esforçado homem de carreira, com um apego ao formalismo elevado à enésima potência”.⁴

Dodd não conseguiu apresentar suas credenciais de imediato — a chamada Carta Credencial — ao presidente Hindenburg, como exigia o protocolo diplomático, pois Hindenburg não estava bem de saúde e se retirara para sua propriedade em Neudeck, na Prússia Oriental, para convalescer; só era esperado de volta no fim do verão. Dodd, portanto, ainda não era reconhecido oficialmente como embaixador, e aproveitou esse período de sossego para se familiarizar com funções básicas, como a operação dos telefones da embaixada, seus códigos telegráficos e o típico horário de partida dos malotes diplomáticos. Reuniu-se, ainda, com um grupo de correspondentes americanos, depois com cerca de vinte repórteres alemães, que — como Dodd temia — tinham lido a reportagem do jornal judeu *Hamburger Israelitisches Familienblatt* afirmando que ele viera à Alemanha “para corrigir as injustiças cometidas contra os judeus”.⁵ Dodd leu para eles o que chamou de “breve nota de repúdio”.

Ele rapidamente adquiriu gosto pela vida na nova Alemanha. No primeiro dia de Dodd em Berlim, o gabinete de Hitler baixara uma nova lei, a entrar em vigor em 1º de janeiro de 1934, chamada Lei de Prevenção da Progenie com Doenças Hereditárias, que autorizava a esterilização de indivíduos portadores de diversas deficiências físicas e mentais.⁶ Dodd descobriu também que o pessoal na embaixada e no consulado de Messersmith estava convencido de que as autoridades alemãs interceptavam as cartas, o que levava Messersmith a adotar providências extraordinárias para ter certeza de que a correspondência mais delicada chegasse aos Estados Unidos sem ser aberta.⁷ O cônsul-geral agora mandava mensageiros entregarem esses documentos diretamente aos capitães de navios de partida para os Estados Unidos, que, por sua vez, encontravam agentes americanos à espera, nas docas.⁸

* * *

UMA DAS PRIMEIRAS TAREFAS que Dodd se atribuiu foi a de avaliar com clareza os talentos e as deficiências dos diplomatas da embaixada, conhecidos como primeiros e segundos secretários, e dos diversos funcionários administrativos, estenógrafos e outros empregados da chancelaria. Desde o início, achou que seus hábitos de trabalho deixavam muito a desejar. Os mais graduados chegavam à hora que queriam, e de vez em quando desapareciam para caçar ou jogar golfe. Quase todos eram membros de um clube de golfe no distrito de Wannsee, no sudoeste de Berlim. Muitos tinham fortuna pessoal, dentro da tradição do Serviço Exterior, e gastavam dinheiro com desenvoltura, o deles e o da embaixada. Dodd ficou particularmente assustado com quanto gastavam com telegramas internacionais. As mensagens eram longas e desconexas, e, por isso, desnecessariamente onerosas.

Em anotações para um relatório pessoal, ele fez breves descrições das pessoas mais importantes.⁹ Observou que a mulher do conselheiro Gordon tinha “uma grande renda” e que Gordon era um tanto temperamental. “Emocional. Hostil aos alemães (...) suas irritações foram muitas, e exasperantes.” No rascunho sobre um primeiro secretário, também rico, Dodd anotou, taquigraficamente, que ele “adora falar da cor de meias masculinas”. Observou ainda que a encarregada da recepção, Julia Swope Lewin, estava na função errada, por ser “muito antigermana”, o que “não era bom para receber visitantes alemães”.

Dodd também descobriu os contornos da paisagem política para além dos muros da embaixada. O mundo dos despachos de Messersmith ganhava vida fora da sua janela, sob o céu brilhante de um dia de verão. Havia bandeiras em toda parte, num notável arranjo de cores: fundo vermelho, círculo branco e sempre uma audaciosa “cruz quebrada” negra, ou *Hakenkreuz*, no centro. A palavra “suástica” ainda não era de uso corrente na embaixada. Dodd descobriu o significado das várias cores usadas pelos homens com quem cruzava em suas caminhadas. Uniformes marrons, que pareciam estar em toda parte, eram usados pelas Tropas de Assalto das SA; pretos, por uma força de elite menor chamada Schutzstaffel ou SS; azuis, pela polícia comum. Dodd descobriu também o crescente poder da Gestapo e de seu jovem chefe, Rudolf Diels. Era um homem esbelto, moreno e considerado bonito, apesar das muitas cicatrizes no rosto, acumuladas quando, como estudante universitário, travara os duelos à faca praticados então por jovens alemães desejosos de provar sua masculinidade. Apesar da aparência sinistra como a de um vilão de filme B, Diels até então — de acordo com Messersmith — demonstrara ser íntegro, prestativo e racional, o que seus superiores, Hitler, Göring e Goebbels, certamente não eram.

Em muitos outros sentidos, também, esse novo mundo se revelava muito mais matizado e complexo do que Dodd supusera.

Profundas falhas sísmicas dividiam o governo. Hitler era chanceler desde 30 de janeiro de 1933, quando foi nomeado pelo presidente Hindenburg como parte de um acordo firmado por líderes políticos conservadores que se imaginavam capazes de controlá-lo, noção que, na época da chegada de Dodd, já se mostrava ilusória. Hindenburg — conhecido como o Velho Senhor — permanecia como o último contrapeso ao poder de Hitler, e dias antes da partida de Dodd ele fizera declarações públicas de desgosto com a tentativa do chanceler de suprimir a Igreja protestante. Declarando-se “cristão evangélico”, Hindenburg, em carta aberta a Hitler, advertira contra a crescente “apreensão pela liberdade interna da Igreja”, afirmando que, a continuar as coisas como estavam, “haverá graves danos para o nosso povo e a nossa pátria, assim como prejuízo para a unidade nacional”.¹⁰ Além de ter a autoridade constitucional para designar um novo chanceler, Hindenburg contava com a lealdade do exército regular, o Reichswehr. Hitler sabia que, se o país voltasse a mergulhar no caos, Hindenburg poderia sentir-se obrigado a trocar o governo e impor a lei marcial. Também reconhecia que a mais provável fonte de instabilidade eram as SA, comandadas por seu amigo e aliado de longa data, o capitão Ernst Röhm.¹¹ Hitler via as SA, cada vez mais, como a força indisciplinada e radical que sobrevivera a seus

objetivos. Röhm tinha outra visão: ele e suas Tropas de Assalto tinham sido fundamentais para a revolução nacional-socialista e, como recompensa, queriam assumir o controle de todas as forças armadas do país, inclusive do Reichswehr. O exército abominava a ideia. Röhm era gordo, rude, homossexual confesso, dissoluto, e nada tinha da postura de soldado, tão reverenciada pelo exército.¹² Mas comandava uma legião de mais de um milhão de homens que crescia rapidamente. O exército regular tinha apenas um décimo desse contingente, mas era mais bem treinado e mais bem armado. O conflito cozinhou em fogo brando.

Noutras partes do governo, Dodd julgava ter detectado uma tendência nova e decididamente moderada, pelo menos em comparação com Hitler, Göring e Goebbels, que ele chamava de “adolescentes no grande jogo da liderança internacional”.¹³ Era no escalão imediatamente inferior, entre os ministros, que ele via motivo de esperança. “Esses homens querem acabar com a perseguição aos judeus, cooperar com o que resta do liberalismo alemão”, escreveu.¹⁴ E acrescentou: “Desde o dia da nossa chegada, esses grupos têm brigado entre si.”

A avaliação fora provocada, em boa parte, por um encontro com o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Konstantin Freiherr von Neurath, que Dodd, pelo menos por enquanto, identificava como membro do grupo moderado.

Em 15 de julho, um sábado, o embaixador fez uma visita a Neurath em seu ministério, na Wilhelmstrasse, um bulevar que corria paralelamente à divisa oriental do Tiergarten. Havia tantos escritórios do Reich nessa rua que a Wilhelmstrasse passou a ser sinônimo de governo alemão.

Neurath era um homem bonito, a quem os cabelos prateados, olhos castanhos e bigode grisalho bem aparado davam um ar de ator especializado em representar figuras paternas. Martha logo o conheceria também, impressionando-se com sua capacidade de mascarar emoções: “Seu rosto”, escreveu ela, “era totalmente inexpressivo — o proverbial rosto de jogador de pôquer.”¹⁵ Como Dodd, Neurath adorava fazer caminhadas, e sempre começava o dia com um passeio pelo Tiergarten.

Neurath se via como uma força moderadora no governo e achava que poderia ajudar a controlar Hitler e seu partido. Como disse um colega seu: “Ele tentava adestrar os nazistas e transformá-los em parceiros realmente úteis num regime nacionalista moderado.”¹⁶ Mas Neurath também julgava provável que o governo de Hitler acabasse cometendo suicídio. “Ele sempre acreditou”, escreveu um dos seus assessores, “que, se permanecesse no cargo, cumprisse suas obrigações e preservasse os contatos externos, um belo dia acordaria e descobriria que os nazistas tinham sumido.”¹⁷

Dodd o achou “muito agradável”, julgamento que confirmava sua resolução de ser o mais objetivo possível com relação ao que ocorria na Alemanha.¹⁸ Supunha que Hitler deveria ter outros funcionários do mesmo calibre. Em carta a um amigo, escreveu: “Hitler acabará se comportando como esses homens mais sensatos e aliviando uma situação tensa.”¹⁹

NO DIA SEGUINTE, aproximadamente às 13h30 em Leipzig, a cidade onde Dodd obtivera seu doutorado, um jovem americano de nome Philip Zuckerman fazia um passeio dominical com sua mulher alemã, o sogro e a cunhada. Por serem judeus, isso talvez fosse uma imprudência, especialmente naquele fim de semana, quando cerca de 140 mil membros das Tropas de Assalto tomaram a cidade para uma das frequentes orgias de marchas, exercícios e, inevitavelmente, bebedeiras. Naquele domingo à tarde, um desfile gigantesco começou a tomar forma desde o centro da cidade, sob bandeiras nazistas vermelhas, brancas e pretas que pareciam tremular em cada prédio. Às 13h30, uma companhia de homens das SA separou-se da formação principal e virou na esquina da avenida Nikolaistrasse, onde os Zuckerman passeavam.

Quando o destacamento das SA passava, um grupo de homens na retaguarda da coluna decidiu que os Zuckerman e seus parentes só podiam ser judeus e, sem nenhum aviso, cercou-os, derrubou-os e lançou sobre eles um cataclismo de chutes e murros furiosos. Depois, seguiu em frente.

Zuckerman e a mulher ficaram gravemente feridos, a ponto de precisarem ser hospitalizados, primeiro em Leipzig e depois em Berlim, onde o consulado dos Estados Unidos acabou se envolvendo. “Não é improvável que [Zuckerman] tenha sofrido graves lesões internas das quais talvez jamais se recupere totalmente”, escreveu o cônsul-geral Messersmith, num despacho para Washington a respeito do ataque.²⁰ Ele avisou que os Estados Unidos poderiam sentir-se compelidos a pedir indenização monetária para Zuckerman, mas disse que nada poderia ser feito oficialmente pela mulher, que não era americana. E acrescentou: “É interessante notar que ela foi obrigada, como resultado do ataque que também sofreu, a ir para um hospital, onde precisou interromper sua gravidez de alguns meses.”²¹ Em consequência da cirurgia, escreveu, a Sra. Zuckerman nunca mais poderia ter filhos.

Supunha-se que ataques dessa natureza tivessem acabado; decretos do governo haviam recomendado comedimento. Pelo visto, as Tropas de Assalto não deram atenção.

Noutro despacho sobre o caso, Messersmith escreveu: “Um dos passatempos prediletos dos homens das SA tem sido atacar judeus, e não se pode deixar de dizer claramente que eles não gostam de ser privados de sua caça.”²²

Era sua compreensão desse e de outros fenômenos da nova Alemanha que o deixava tão frustrado com a incapacidade de outros visitantes apreenderem o verdadeiro caráter do regime de Hitler. Muitos turistas americanos voltavam para casa perplexos com a dissonância entre os horrores relatados pelos jornais de suas cidades — os espancamentos e prisões da primavera anterior, as piras de livros e os campos de concentração — e os momentos agradáveis que tinham vivido durante a viagem pela Alemanha. Um desses visitantes foi um comentarista de rádio chamado H. V. Kaltenborn — nascido em Milwaukee com o nome de Hans von Kaltenborn — que logo depois da chegada de Dodd passou por Berlim com a mulher, a filha e o filho. Conhecido como o “decano dos comentaristas”, ele trabalhava para a Columbia Broadcasting Service e ficara famoso nos Estados Unidos, tanto que chegou a fazer breves aparições, representando a si mesmo, no filme *A mulher faz o homem* e no thriller de ficção

científica *O dia em que a Terra parou*. Antes de viajar para a Alemanha, passara pelo Departamento de Estado, onde lhe permitiram ler despachos do cônsul-geral Messersmith. Achou-os exagerados. Depois de quatro ou cinco dias em Berlim, ele disse a Messersmith que mantinha sua opinião original e descreveu os despachos como “inexatos e sem fundamento”.²³ Sugeriu que Messersmith certamente se baseava em fontes equivocadas.

Messersmith ficou atônito. Não duvidava da sinceridade de Kaltenborn, mas atribuiu a opinião do comentarista ao fato de que ele “era de origem alemã e não conseguia acreditar que os alemães pudessem ser responsáveis pelo que acontecia todos os dias, todas as horas, em Berlim e no restante do país”.²⁴

Era um problema que Messersmith já notara incontáveis vezes. Quem vivia na Alemanha e prestava atenção dava-se conta de que algo fundamental havia mudado, e que uma escuridão pairava sobre a paisagem. Os visitantes não conseguiam vê-la. Em parte, escreveu Messersmith num despacho, isso acontecia porque o governo iniciara uma campanha “para influenciar os americanos que vêm à Alemanha a formarem uma opinião favorável dos acontecimentos no país”.²⁵ Ele viu uma prova disso no curioso comportamento de Samuel Bossard, um americano atacado em 31 de agosto por membros da Juventude Hitlerista.²⁶ Bossard preencheria de imediato uma declaração no consulado dos Estados Unidos e relatara com raiva o incidente para correspondentes em Berlim. Então, de súbito, parou de falar. Messersmith chamou-o antes de seu retorno para os Estados Unidos para saber se estava bem e descobriu que ele não queria discutir o incidente. Desconfiado, Messersmith fez uma investigação e soube que o Ministério da Propaganda levava Bossard para um passeio por Berlim e Potsdam, cumulando-o de cortesias e atenções. O esforço dera resultado, observou Messersmith. Ao chegar a Nova York, segundo os jornais, Bossard declarou “que, se americanos na Alemanha sofrem algum tipo de ataque, só pode ser por causa de mal-entendidos (...) Muitos americanos parecem não compreender as mudanças ocorridas na Alemanha e, por inépcia, comportam-se de maneira a provocar ataques”.²⁷ E prometeu voltar à Alemanha no ano seguinte.

Messersmith sentiu que havia uma mão especialmente hábil por trás da decisão do governo de cancelar o banimento dos Rotary Clubs na Alemanha. Os clubes não só podiam continuar; o mais notável era que tinham permissão de manter seus membros judeus. O próprio Messersmith pertencia ao Rotary de Berlim. “O fato de judeus terem permissão para continuar membros do Rotary está sendo usado como propaganda no mundo inteiro”, escreveu.²⁸ A realidade subjacente era que muitos desses membros judeus tinham perdido o emprego ou sofriam severas limitações no exercício de sua profissão. Em seus despachos, Messersmith reprisava constantemente um tema: como era difícil para visitantes informais compreenderem o que realmente se passava na nova Alemanha. “Os americanos que vêm à Alemanha se veem cercados por influências do governo, e seu tempo é tomado por diversões tão agradáveis que praticamente não têm oportunidade de perceber a situação real.”²⁹

Messersmith insistiu para que Kaltenborn conversasse com alguns correspondentes americanos em Berlim, capazes de fornecer ampla

confirmação dos seus despachos.

Kaltenborn descartou a ideia. Disse que conhecia muitos desses correspondentes. Eram preconceituosos, alegou, assim como Messersmith.

E continuou sua jornada, mas em pouco tempo seria obrigado, da maneira mais contundente, a reavaliar suas opiniões.

CAPÍTULO 8

Encontro com Putzi

Com a ajuda de Sigrid Schultz e de Quentin Reynolds, Martha não tardou a se inserir no tecido social de Berlim. Inteligente, coquete e bonita, tornou-se querida dos jovens funcionários do corpo diplomático, muito solicitada para festas informais, reuniões descontraídas e noites de cervejada, realizadas depois do expediente. Também se tornou presença assídua nos encontros noturnos de um grupo com cerca de vinte correspondentes estrangeiros que se reunia num restaurante italiano, o Die Taverne, de propriedade de um alemão e sua mulher belga.¹ O restaurante reservava sempre uma grande mesa redonda num canto para o grupo — uma *Stammtisch*, ou seja, uma mesa para fregueses habituais —, cujos membros, incluindo Schultz, costumavam chegar por volta das dez da noite e às vezes ficavam até as quatro da manhã. O grupo gozava de certa fama. “Todos no restaurante olham para eles e tentam ouvir o que dizem”, escreveu Christopher Isherwood em *Adeus a Berlim*. “Se alguém tem uma notícia para algum deles — os detalhes de uma prisão ou o endereço de uma vítima cujos parentes poderiam ser entrevistados —, um dos jornalistas levanta-se da mesa e anda com o informante pela rua, para cima e para baixo.”² A mesa costumava atrair visitas rápidas de primeiros e segundos secretários de outras embaixadas e de funcionários da imprensa nazista, e, de vez em quando, até do chefe da Gestapo, Rudolf Diels. William Shirer, membro tardio do grupo, via em Martha uma participante respeitável: “bonita, viva, poderosa argumentadora”.³

Naquele novo mundo, o cartão de visita era uma moeda crucial.⁴ O caráter de um cartão de visita refletia o caráter do indivíduo, sua percepção de si mesmo, ou de como gostaria de ser visto pelo mundo. Os líderes nazistas invariavelmente tinham os maiores, com os títulos mais imponentes, quase sempre impressos em negrito, em letras góticas. Louis Ferdinand, filho do príncipe herdeiro da Alemanha, jovem de temperamento doce que trabalhara numa montadora da Ford nos Estados Unidos, tinha o menor de todos os cartões, no qual estavam escritos apenas seu nome e título. Já o pai tinha um grande cartão com uma foto sua num dos lados, em trajes de gala completo, e o outro em branco. Os cartões eram versáteis. Bilhetes rabiscados em cartões serviam de convite para jantares ou coquetéis, ou compromissos mais urgentes. Bastava riscar o sobrenome para que um homem ou uma mulher comunicassem amizade, interesse, até mesmo intimidade.

Martha colecionava dezenas de cartões, e guardava-os. Cartões do príncipe Louis, que logo se tornaria seu admirador e amigo; de Sigrid Schultz, é claro; e de Mildred Fish Harnack, presente na plataforma da estação ferroviária quando Martha e os pais chegaram a Berlim. Um correspondente da United Press, Webb Miller, escreveu no cartão: “Se não tiver nada mais importante a fazer, por que não janta comigo?”⁵ E informou o nome do seu hotel e o número do quarto.

ATÉ QUE, POR FIM, ela conheceu seu primeiro nazista importante. Como prometido, Reynolds levou-a à festa na casa do amigo inglês, “um evento suntuoso e regado a álcool”.⁶ Ela já tinha chegado havia um bom tempo quando um homem imenso, com bastos cabelos negros, entrou na sala — “de maneira sensacional”, diria Martha posteriormente — distribuindo seu cartão aqui e ali, com ênfase especial nas mulheres jovens e bonitas.⁷ Com mais de 1,90 metro, era pelo menos uma cabeça mais alto do que a maioria dos homens presentes e pesava, facilmente, uns 115 quilos. Certa vez, uma mulher o descreveu como “de aparência desajeitada de uma forma suprema — uma enorme marionete com os cordões frouxos”.⁸ Mesmo em meio ao ruído da festa sua voz se destacava como um trovão sobre a chuva.

— Este é Ernst Hanfstaengl —, disse Reynolds a Martha.

Oficialmente, como informava seu cartão de visita, era o *Auslandspressechef* — chefe de imprensa estrangeira — do Partido Nacional-Socialista, muito embora se tratasse, na verdade, de um título inventado, sem autoridade real, um agrado feito por Hitler em reconhecimento à amizade de Hanfstaengl, que datava dos primórdios, quando Hitler costumava frequentar sua casa.

Ao ser apresentado, Hanfstaengl disse a Martha: “Pode me chamar de Putzi.” Era seu apelido de infância, usado universalmente por amigos e conhecidos e por todos os correspondentes da cidade.

Aquele era o gigante de quem Martha tanto ouvira falar — ele mesmo, com seu sobrenome impossível de se pronunciar e soletrar, adorado por muitos correspondentes e diplomatas, odiado por tantos outros que desconfiavam dele, como George Messersmith, que dizia “ter antipatia instintiva” pelo homem.⁹ “É totalmente falso, e não se deve acreditar numa palavra do que diz”, escreveu a ele. “Finge ser o melhor amigo daqueles que, ao mesmo tempo, tenta enfraquecer, ou que talvez esteja atacando diretamente.”¹⁰

Reynolds, amigo de Martha, de início gostou de Hanfstaengl. Diferentemente de outros nazistas, o homem “fazia o possível e o impossível para ser cordial com os americanos”, disse.¹¹ O gigante oferecia-se para arranjar entrevistas que, de outra maneira, seriam impossíveis de conseguir, e apresentava-se aos correspondentes como se fosse um deles, “informal, calorosamente amistoso, gracioso”. Mas a afeição de Reynolds por Hanfstaengl um dia esfriou. “Era preciso conhecer bem Putzi para não gostar dele. Essa parte”, observou ele, “vinha depois.”¹²

Hanfstaengl falava um belo inglês. Em Harvard, fora membro do Hasty Pudding Club, um grupo teatral, e conquistara irremediavelmente a plateia quando aparecera em cena vestido de mulher, no papel de uma moça holandesa chamada Gretchen Spootsfeiffer.¹³ Em sala de aula, conheceu Theodore Roosevelt Jr., filho mais velho de Teddy Roosevelt, e tornou-se visitante assíduo da Casa Branca. Circulava uma história de que tinha tocado piano no subsolo da casa do presidente com tal entusiasmo que rompera sete cordas.¹⁴ Já adulto, dirigiu a galeria de arte da família em Nova York, onde conheceu a mulher com

quem se casaria. Depois de se mudar para a Alemanha, o casal se aproximou de Hitler e o convidou para ser padrinho do filho recém-nascido, Egon. O menino o chamava de “Tio Dolf”.¹⁵ As vezes, quando Hanfstaengl tocava para Hitler, o ditador chorava.

Martha gostou de Hanfstaengl. Não era, nem de longe, o que ela esperava que fosse um alto funcionário nazista, “proclamando tão descaradamente seu charme e seu talento”.¹⁶ Era grande, cheio de energia, com gigantescas mãos de dedos longos — mãos que Bella Fromm, amiga de Martha, descreveria como “de dimensões quase assustadoras” — e uma personalidade que oscilava facilmente entre extremos.¹⁷ Escreveu Martha: “Ele tinha maneiras suaves, insinuantes, uma bela voz que usava com um talento consciente, às vezes sussurrando baixa e suavemente, logo em seguida berrando e estilhaçando a sala.”¹⁸ Dominava qualquer ambiente social. “Era capaz de cansar qualquer um, com pura perseverança, gritar mais alto ou sussurrar mais baixo do que o homem mais forte de Berlim.”¹⁹

Hanfstaengl também gostou de Martha, mas não ficou impressionado com o pai. “Era um modesto professorzinho de história sulista, que administrava a embaixada com um orçamento muito limitado e provavelmente tentava economizar o dinheiro do salário”, escreveu Hanfstaengl em suas memórias.²⁰ “Num momento em que era necessário um robusto milionário para competir com a extravagância dos nazistas, ele titubeava de um lado para outro, como se ainda estivesse no campus da faculdade.” Hanfstaengl referia-se a ele, desdenhosamente, como “Papa” Dodd.²¹

“O melhor de Dodd”, escreveu ainda, “era sua atraente filha loura, Martha, que conheci muito bem.”²² Hanfstaengl a achava graciosa, vibrante, e claramente uma mulher de grande apetite sexual.

O que lhe deu uma ideia.

CAPÍTULO 9

Morte é morte

Dodd procurava manter sua postura objetiva, apesar dos encontros que tivera com visitantes que experimentaram uma Alemanha bem diferente do ambiente alegre e ensolarado onde ele caminhava todas as manhãs. Um desses visitantes foi Edgar A. Mowrer, na época o mais famoso correspondente em Berlim, no centro de um torvelinho de polêmicas. Além de fazer reportagens para o *Chicago Daily News*, Mowrer tinha escrito um best-seller, *Germany Puts the Clock Back* (A Alemanha atrasa o relógio), que enfurecera as autoridades nazistas, a ponto de os amigos de Mowrer acharem que sua vida estava em risco. O governo de Hitler desejava expulsá-lo do país. Mowrer queria ficar e foi pedir a Dodd que intercedesse em seu nome.

Mowrer era alvo antigo da ira nazista. Nas reportagens que mandava da Alemanha, conseguia ver por baixo da pátina de normalidade para registrar eventos em que era difícil acreditar, e usava novas técnicas de reportagem para fazê-lo. Uma de suas principais fontes de informação era seu médico, um judeu filho do grão-rabino de Berlim.¹ A cada 15 dias, mais ou menos, Mowrer marcava consulta, para todos os efeitos para tratar de um persistente problema de garganta. Durante a visita, o médico lhe entregava um relatório datilografado sobre os últimos abusos nazistas, método que funcionou até que começou a suspeitar que Mowrer estivesse sendo seguido. Os dois combinaram um novo ponto de encontro: todas as quartas-feiras, às 11h45, num banheiro público no subsolo da Potsdamer Platz. Ficavam em mictórios adjacentes. O médico deixava o mais recente relatório e Mowrer o recolhia.

Putzi Hanfstaengl tentou destruir a credibilidade de Mowrer espalhando o boato de que suas reportagens traziam críticas tão agressivas porque, na realidade, ele seria um judeu “secreto”.² A rigor, Martha pensara a mesma coisa. “Eu me inclinava a achar que ele era judeu”, escreveu; ela “julgava que sua animosidade era provocada por sua consciência de raça”.³

Mowrer espantava-se com a incapacidade do restante do mundo de apreender o que de fato se passava na Alemanha. Descobriu que até o irmão começara a duvidar da veracidade de suas reportagens.

Ele convidou Dodd para jantar em seu apartamento com vista para o Tiergarten e tentou dar-lhe pistas sobre certas realidades ocultas. “Inutilmente”, escreveu. “Tinha outras ideias.”⁴ Nem mesmo os ataques periódicos a americanos pareciam comover o embaixador, lembrou Mowrer: “Dodd anunciou que não tinha intenção de se meter em assuntos alemães.”

De sua parte, Dodd concluiu que Mowrer era “à sua maneira quase tão veemente quanto os nazistas”.⁵

As ameaças contra Mowrer aumentaram. Dentro da hierarquia nazista, falava-se em infligir danos físicos ao correspondente. O chefe da Gestapo,

Rudolf Diels, chegou a advertir a embaixada dos Estados Unidos de que Hitler ficava furioso à menção do nome de Mowrer.⁶ Diels temia que algum fanático pudesse matar o jornalista, ou “eliminá-lo do cenário”, e afirmou ter designado homens “de responsabilidade” da Gestapo para vigiar discretamente o correspondente e sua família.

Quando o chefe de Mowrer, Frank Knox, proprietário do *Chicago Daily News*, soube das ameaças, resolveu tirar seu correspondente de Berlim. Ofereceu-lhe a sucursal em Tóquio. Mowrer aceitou, com relutância, ciente de que, cedo ou tarde, seria expulso da Alemanha, mas insistiu em ficar até outubro, em parte para mostrar que não se curvava à intimidação, mas principalmente porque queria cobrir o espetáculo anual do Partido Nazista em Nuremberg, previsto para 1º de setembro. Esse comício, o “Dia da Vitória do Partido”, prometia ser o maior de todos.

Os nazistas queriam que ele fosse embora imediatamente. Membros das Tropas de Assalto apareceram em frente a seu escritório. Seguiram seus amigos e fizeram ameaças contra a equipe da sucursal. Em Washington, o embaixador da Alemanha nos Estados Unidos notificou ao Departamento de Estado que, devido a “justa indignação do povo”, o governo já não tinha esperança de impedir que Mowrer fosse agredido.⁷

Nessa altura, até seus colegas correspondentes ficaram preocupados. H. R. Knickerbocker e outro repórter procuraram o cônsul-geral Messersmith para lhe pedir que convencesse Mowrer a ir embora. Messersmith relutou. Conhecia bem o jornalista e respeitava a coragem com que enfrentava as ameaças nazistas. Temia que o outro encarasse sua interferência como traição. Apesar disso, concordou em tentar.

Foi “uma das conversas mais difíceis que já tive”, escreveu Messersmith posteriormente.⁸ “Quando ele viu que eu me juntava aos outros amigos para tentar convencê-lo a ir embora, seus olhos se encheram de lágrimas, e me lançou um olhar de reprovação.” Apesar disso, Messersmith achava que era sua obrigação convencê-lo a partir.

Mowrer desistiu, “com um gesto de desespero”, e saiu do escritório de Messersmith.

Levou seu caso diretamente ao embaixador Dodd, que também achava que ele deveria ir embora, não só por sua segurança, mas porque suas reportagens acrescentavam uma camada de tensão a um ambiente diplomático que por si só já era muito difícil.

Disse-lhe Dodd: “Se você não estivesse sendo transferido por seu jornal, eu iria até o fim nessa questão (...) Você não fará isso para evitar complicações?”⁹

Mowrer por fim cedeu. Concordou em partir em 1º de setembro, o primeiro dia do comício de Nuremberg que ele tanto gostaria de cobrir.

Martha escreveu mais tarde que Mowrer “jamais perdoou meu pai por esse conselho”.¹⁰

ENTRE OS PRIMEIROS VISITANTES de Dodd esteve, como o próprio embaixador escreveu, “talvez o químico número um da Alemanha”. Mas o homem não aparentava sua importância.¹¹ Era franzino, calvo como um ovo, com um fino bigode grisalho acima dos lábios grossos. De tez amarelada, tinha o ar de um homem bem mais velho.

Chamava-se Fritz Haber. O nome era bem conhecido e reverenciado por qualquer alemão, ou pelo menos fora assim até o advento de Hitler. Haber dirigira, até pouco tempo, o famoso Instituto Cáiser Guilherme de Físico-Química. Era herói de guerra e Prêmio Nobel. Na esperança de romper o impasse nas trincheiras durante a Grande Guerra, inventara o venenoso gás clorídrico. Criou o que ficou conhecido como regra de Haber, uma fórmula elegante em sua letalidade, $C \times t = k$ uma baixa exposição ao gás por um longo período teria resultado igual ao de uma longa exposição por um curto período.¹² Também inventou um meio de distribuir seu gás venenoso na frente de batalha, e esteve presente em 1915, quando foi usado pela primeira vez contra os franceses em Ypres. Num nível pessoal, aquele dia em Ypres lhe custou caro.¹³ Sua mulher Clara, então com 32 anos, sempre condenara seu trabalho, classificando-o de desumano e imoral, e exigia que ele parasse, mas para essas preocupações ele tinha uma resposta pronta: morte é morte, fosse qual fosse a causa. Nove dias depois do ataque de gás em Ypres, ela cometeu suicídio. Mesmo com o clamor internacional contra suas pesquisas de gás venenoso, Haber foi agraciado com o Prêmio Nobel de Química de 1918, por ter descoberto um meio de garimpar nitrogênio do ar, o que permitia a fabricação de fertilizantes fartos e baratos — e, é claro, de pólvora.

Apesar de sua conversão ao protestantismo antes da guerra, Haber foi classificado, de acordo com as novas leis nazistas, como não ariano, mas uma exceção aberta a veteranos de guerra lhe permitira continuar como diretor do instituto. Muitos cientistas judeus de sua equipe, porém, não se qualificaram para a exceção, e em 21 de abril de 1933 ele recebeu ordem para dispensá-los. Haber resistiu à decisão, mas encontrou poucos aliados. Até mesmo o amigo Max Planck ofereceu um morno consolo. “Neste profundo abatimento”, escreveu Planck, “meu único conforto é que vivemos numa época de catástrofe, própria de todas as revoluções, e que devemos suportar muito do que acontece como se fosse um fenômeno da natureza, sem nos atormentarmos com a ideia de que as coisas poderiam ter sido diferentes.”¹⁴

Haber não pensava assim. Em vez de encabeçar a demissão de seus amigos e colegas, demitiu-se.

Naquela sexta-feira, 28 de julho de 1933 — dispondo de poucas opções, foi ao gabinete de Dodd pedir ajuda, com uma carta de Henry Morgenthau Jr., chefe do Conselho Federal de Agricultura de Roosevelt (e futuro secretário do Tesouro). Morgenthau era judeu e defensor de refugiados judeus.

Ao contar sua história, Haber “tremia da cabeça aos pés”,¹⁵ segundo escreveu Dodd em seu diário, considerando seu relato “a mais triste história de perseguição de judeus que já ouvi”.¹⁶ O cientista tinha 65 anos, problemas cardíacos, e agora via negada a pensão que lhe fora garantida pelas leis da República de Weimar, que antecederam o Terceiro Reich de Hitler. “Ele queria

saber quais eram as possibilidades nos Estados Unidos para imigrantes com feitos notáveis em ciência”, escreveu Dodd.¹⁷ “Tudo o que pude lhe dizer foi que a lei não permitia nada, pois a cota estava preenchida.” Dodd prometeu escrever para o Departamento do Trabalho, que administrava as cotas de imigração, para perguntar “se alguma decisão favorável poderia ser tomada com relação a essas pessoas”.

Trocaram um aperto de mãos. Haber pediu a Dodd que tivesse o cuidado de não falar de seu caso para outras pessoas, “pois as consequências poderiam ser ruins”. E então saiu, um pequeno químico grisalho que um dia fora um dos mais importantes patrimônios científicos da Alemanha.

“Pobre velho”, Dodd lembrou-se de ter pensado — antes de se dar conta de que Haber era apenas um ano mais velho do que ele. “Esse tratamento”, escreveu em seu diário, “só pode trazer mal para um governo que pratica crueldades tão terríveis.”

Dodd descobriu, tarde demais, que o que tinha dito a Haber era incorreto. Na semana seguinte, em 5 de agosto, Dodd escreveu para Isador Lubin, chefe do Escritório de Estatísticas do Trabalho dos Estados Unidos: “O senhor sabe que a cota já foi preenchida e provavelmente se dá conta de que um grande número de pessoas verdadeiramente excepcionais gostaria de migrar para os Estados Unidos, ainda que tenha de sacrificar suas propriedades para fazê-lo.”¹⁸ Diante disso, Dodd queria saber se o Departamento do Trabalho descobrira alguma maneira de permitir que “pessoas de maior mérito pudessem ser admitidas”.

Lubin encaminhou a carta de Dodd para o coronel D. W. MacCormack, diretor do setor de imigração e naturalização, que em 23 de agosto respondeu a Lubin e lhe disse: “O embaixador parece estar mal informado a esse respeito.”¹⁹ De fato, apenas uma pequena fração dos vistos destinados à cota alemã fora emitida, e a falha, MacCormack deixou claro, se devia ao Departamento de Estado e ao Serviço Exterior e à sua entusiástica aplicação da cláusula que barrava a entrada de pessoas “passíveis de se tornar encargo público”. Nada nos documentos de Dodd explica por que ele se convenceu de que a cota havia sido preenchida.

Tudo isso chegou tarde demais para Haber. Ele foi para a Inglaterra ensinar na Universidade de Cambridge, aparentemente uma boa solução, mas ali se sentiu perdido numa cultura estrangeira, arrancado do seu passado, e sofrendo os efeitos de um clima inóspito.²⁰ Seis meses depois de ter deixado o gabinete de Dodd, durante um período de convalescença na Suíça, ele sofreu um ataque fatal do coração, e sua morte não foi lamentada pela nova Alemanha. Em uma década, porém, o Terceiro Reich descobriria uma nova utilidade para a regra de Haber e para um inseticida que ele inventara em seu instituto, composto em parte de cianureto, usado em geral para fumigar estruturas de armazenagem de grãos. Chamado inicialmente de Zyklon A, seria transformado pelos químicos alemães numa variante mais letal: o Zyklon B.²¹

APESAR DESSE ENCONTRO, DODD continuou convencido de que o governo ficava mais moderado e que diminuíam os maus-tratos dos nazistas aos judeus. Foi o que disse em carta ao rabino Wise, do Congresso Judaico Americano, que conhecera no Century Club, em Nova York, e que fora seu companheiro na viagem de navio para a Alemanha.

O rabino Wise ficou perplexo. Numa resposta que escreveu de Genebra em 28 de julho, disse: “Como eu gostaria de partilhar seu otimismo! Mas devo lhe dizer que tudo, cada palavra dita por incontáveis refugiados em Londres e Paris nas últimas duas semanas, me leva a sentir que, longe de ter havido, como você acredita, uma melhora, as coisas ficam mais graves e mais opressivas para os judeus alemães a cada dia. Estou certo de que minha impressão será confirmada pelos homens que você conheceu na pequena conferência no Century Club.”²² Ele lembrava a Dodd a reunião em Nova York a que Wise, Felix Warburg e outros líderes judeus tinham comparecido.

Em particular, numa carta à filha, Wise escreveu que estavam “contando mentiras” para Dodd.²³

O embaixador manteve seu ponto de vista. Numa carta a Wise, rebateu dizendo que “as muitas fontes de informação disponíveis aqui no escritório me parecem indicar um desejo de mitigar o problema judaico. É claro, muitos incidentes de caráter bastante desagradável continuam a ser relatados. Acho que são ressacas da agitação anterior. Apesar de não estar, em sentido nenhum, disposto a desculpar essas condições, estou convencido de que os principais elementos do governo se inclinam a adotar uma política mais branda assim que possível”.²⁴

E acrescentou: “Você sabe, é claro, que nosso governo não pode intervir nesses assuntos internos. Tudo o que se pode fazer é apresentar o ponto de vista americano e ressaltar as infelizes consequências da política adotada.” Disse ainda a Wise que se opunha ao protesto explícito. “É minha opinião (...) que a maior influência que podemos exercer em favor de uma política mais gentil e humana deve ser aplicada não oficialmente, e por meio de conversas com homens que já conseguem ver os riscos implícitos.”

Wise estava tão preocupado com a evidente incapacidade de Dodd para apreender o que de fato ocorria que se ofereceu para ir a Berlim, e, como disse à filha, Justine, “dizer-lhe a verdade que Dodd, de outra forma, não ouviria”.²⁵ Naquela época, Wise viajava pela Suíça. De Zurique, “mais uma vez supliquei a Dodd, por telefone, que possibilitasse minha viagem aérea para Berlim”.

O embaixador recusou. Wise era muito conhecido na Alemanha e odiado demais. Sua foto aparecia no *Völkischer Beobachter* e no *Der Stürmer* com muita frequência. Como contou Wise num texto biográfico, Dodd temia que “eu pudesse ser reconhecido, particularmente devido a meu inconfundível passaporte, e causasse um ‘incidente desagradável’ num lugar de aterrissagem como Nuremberg”.²⁶ O embaixador não aceitou a sugestão de Wise de que um funcionário da embaixada o encontrasse no aeroporto e ficasse de olho nele durante toda a viagem.

Enquanto esteve na Suíça, Wise assistiu à Conferência Judaica Mundial em Genebra, onde propôs uma moção recomendando um boicote mundial ao

comércio alemão. A moção foi aprovada.

* * *

WISE SE ANIMARIA UM pouco se soubesse que o cônsul-geral Messersmith tinha uma visão muito mais sombria do que Dodd em relação aos eventos. Apesar de reconhecer que os incidentes de violência direta contra os judeus tinham caído acentuadamente, ele percebia que haviam sido substituídos por uma forma de perseguição muito mais insidiosa e difusa. Num despacho para o Departamento de Estado, escreveu: “Em resumo, pode-se dizer que a situação dos judeus, em todos os sentidos, salvo no da segurança pessoal, fica mais difícil, e que as restrições a rigor tornam-se a cada dia mais efetivas na prática, e novas restrições surgem constantemente”.²⁷

Citava várias novidades. Dentistas judeus eram impedidos de cuidar de pacientes do sistema de previdência social da Alemanha, um eco do que acontecera com os médicos judeus no começo do ano. Um novo “escritório de moda alemã” acabara de excluir estilistas judeus de um show de moda marcado para breve. Judeus, assim como qualquer pessoa de aparência não ariana, eram proibidos de entrar para a polícia. Além disso, informou Messersmith, os judeus agora estavam oficialmente proibidos de frequentar a praia de banho em Wannsee.

Uma perseguição ainda mais sistemática estava em curso, ele escreveu. Soube da existência do esboço de uma nova lei que, efetivamente, privaria os judeus de sua cidadania e de todos os direitos civis. Os judeus da Alemanha, escreveu, “veem nessa proposta de lei o mais sério golpe moral que poderia ser desferido contra eles. A bem dizer, eles têm sido e estão sendo privados de qualquer meio de subsistência e entendem que a nova lei de cidadania visa a destituir-los praticamente de todos os direitos civis”.

A proposta só não se tornara lei ainda, segundo Messersmith fora informado, porque, por ora, seus autores temiam “o sentimento público desfavorável que ela provocaria no exterior”. O esboço circulava havia nove semanas, o que levou o cônsul-geral a encerrar seu despacho com uma nota de esperança. “O fato de a lei estar em consideração há tanto tempo”, escreveu, “pode ser indício de que em sua forma final ela talvez seja menos radical do que essa que ainda está sendo examinada.”

* * *

DODD REITEROU SEU COMPROMISSO com a objetividade e a compreensão numa carta de 12 de agosto a Roosevelt, na qual escreveu que, apesar de não aprovar o tratamento dos judeus na Alemanha, ou o ímpeto de Hitler para restaurar o poderio militar do país, “fundamentalmente, acredito que um povo tem o direito de governar a si próprio, e que outros povos precisam ter paciência,

mesmo quando crueldades e injustiças são cometidas. Devemos dar aos homens a oportunidade de experimentar seus projetos”.[28](#)

CAPÍTULO 10

Tiergartenstrasse 27a

Martha e a mãe decidiram alugar uma casa para poderem deixar o Esplanade — fugir de sua opulência, na opinião de Dodd — e levar uma vida mais estável. Bill Jr., enquanto isso, matriculou-se num curso de doutorado na Universidade de Berlim. Para melhorar seu alemão o mais rapidamente possível, fez um arranjo para morar, durante a semana, com a família de um professor.

O alojamento de um embaixador norte-americano em Berlim havia se tornado uma questão constrangedora. Anos antes, o Departamento de Estado comprara e reformara um grande e suntuoso prédio, o Blücher Palace, na Pariser Platz, atrás do Portão de Brandemburgo, para dar ao embaixador uma residência e consolidar, num único lugar, todos os outros escritórios diplomáticos e consulares espalhados pela cidade. A medida também pretendia tornar a presença física dos Estados Unidos mais parecida com a da Grã-Bretanha e da França, que havia tempos abrigavam suas embaixadas em majestosos palácios na praça. No entanto, pouco antes de o antecessor de Dodd, Frederic Sackett, mudar-se, um incêndio destruíra o prédio. Desde então, ele não passava de uma lamentável ruína, obrigando Sackett, e depois Dodd, a procurar alojamentos alternativos. No plano pessoal, isso não deixava Dodd infeliz. Embora criticasse o desperdício de dinheiro gasto no palácio — o governo, escreveu ele, pagara um preço mas, “exorbitante” pelo prédio, mas, “como se sabe, era 1928 ou 1929, e todos estavam enlouquecidos” —, ele gostava da ideia de ter uma casa fora da embaixada.¹ “Pessoalmente, eu preferiria que minha residência ficasse a meia hora de caminhada da embaixada, e não no Palácio”, escreveu.² Reconhecia que ter um prédio grande o suficiente para abrigar funcionários menos graduados seria uma coisa boa, “mas qualquer de nós que precisa receber gente veria que a residência ao lado dos escritórios nos tiraria toda a privacidade — o que às vezes é essencial”.

Martha e a mãe percorreram os adoráveis bairros residenciais da Grande Berlim e descobriram que a cidade tinha numerosos parques e jardins, e que havia jardineiras e flores praticamente em todas as sacadas. Nos distritos mais afastados, viram o que julgaram ser minúsculas fazendas, talvez justamente aquilo que o pai de Martha procurava. Encontraram pelotões de jovens uniformizados marchando e cantando com alegria, e formações mais sinistras de Tropas de Assalto com homens de todos os tamanhos em uniformes mal ajustados, cuja peça principal era uma camisa marrom de corte terrível. Mais raramente, viam os integrantes das SS mais esbeltos e bem-vestidos, de uniforme preto com detalhes em vermelho, parecendo certas espécies de melro de tamanho descomunal.

Os Dodd puderam escolher entre muitas propriedades, e de início não estranharam que tantas mansões antigas e grandiosas estivessem disponíveis para

alugar, e mobiliadas de uma forma tão completa e luxuosa, com mesas e cadeiras trabalhadas, pianos resplandecentes e vasos, mapas e livros raros ainda no lugar.³ Uma área que lhes agradou particularmente foi o distrito que ficava logo ao sul do Tiergarten, no caminho de Dodd para o trabalho, onde descobriram jardins, muita sombra, uma atmosfera de sossego e uma série de lindas residências. Uma propriedade nesse distrito acabara de ser oferecida para aluguel, segundo informou o adido militar da embaixada, que soubera da disponibilidade da casa diretamente por seu dono, Alfred Panofsky, o rico proprietário de um banco privado e um dos muitos judeus — cerca de 16 mil, o equivalente a quase 9% dos judeus de Berlim — que moravam na região. Muito embora eles estivessem sendo expulsos de seus empregos em toda a Alemanha, o banco de Panofsky continuava em operação e, de forma surpreendente, contava com beneplácito oficial.

Panofsky prometeu que o aluguel seria razoável. Dodd, já um tanto arrependido mas ainda assim disposto a cumprir o juramento de viver com seu salário, ficou interessado e, no fim de julho, foi dar uma olhada.

* * *

A CASA, NA TIERGARTENSTRASSE 27a, era uma mansão de pedra com quatro andares, construída para Ferdinand Warburg, da dinastia Warburg. O parque ficava do outro lado da rua. Panofsky e a mãe mostraram a propriedade ao embaixador, e Dodd descobriu que o banqueiro não queria alugar a casa inteira, mas apenas os três primeiros andares. Ele e a mãe planejavam ocupar o último piso, reservando-se também o uso do elevador elétrico.

Rico, Panofsky não precisava da renda do aluguel, mas já vira o suficiente, desde que Hitler fora nomeado chanceler, para saber que nenhum judeu, por mais destacado que fosse, estava livre da perseguição nazista. Ofereceu o número 27a para o novo embaixador com a intenção expressa de ganhar, para si e para a mãe, um reforço de proteção física, calculando que nem mesmo as Tropas de Assalto se arriscariam a enfrentar os protestos internacionais que certamente provocaria um ataque à casa partilhada pelo embaixador americano. Os Dodd, por sua vez, teriam acesso a todas as instalações de uma casa independente, mas por uma fração do custo, numa estrutura cuja presença na rua tinha importância suficiente para comunicar o poder e o prestígio americanos e cujos grandiosos espaços interiores lhes permitiriam receber convidados do governo e do corpo diplomático sem constrangimento. Em carta ao presidente Roosevelt, Dodd escreveu, exultante: “Temos uma das melhores residências de Berlim a \$150 por mês — pelo fato de o dono ser um judeu rico e querer muito alugá-la para nós.”⁴

Panofsky e Dodd assinaram um “acordo de cavalheiros” de uma página, apesar de o embaixador ainda ter algumas restrições ao lugar. Amava o sossego, as árvores, o jardim e a possibilidade de continuar indo a pé para o trabalho todas as manhãs, mas achava a casa opulenta demais, chamando-a, sarcasticamente,

de “nossa nova mansão”.

Uma placa com a imagem da águia americana foi posta no portão de ferro, à entrada da propriedade, e em 5 de agosto de 1933, um sábado, Dodd e a família deixaram o Esplanade e mudaram-se para a nova casa.

Mais tarde, Dodd admitiu que jamais teria concordado em alugá-la se soubesse que Panofsky tinha outras intenções para o quarto andar, além de se alojar ali com sua mãe.

* * *

ÁRVORES E JARDINS TOMAVAM todo o quintal, circundado por uma cerca de ferro sobre um muro de tijolo que batia na altura do joelho.⁵ Quem viesse a pé chegava à entrada passando por portões feitos de barras verticais de ferro; de carro, atravessava-se o alto portão principal encimado por um arco de ferro com um globo translúcido no centro. A porta dianteira da casa ficava sempre na sombra e formava um retângulo negro na base de uma fachada arredondada, que lembrava uma torre da altura do prédio. A característica arquitetônica mais peculiar era uma saliência magnífica na frente da casa, de um andar e meio de altura, que formava uma porta-cocheira na entrada da garagem e servia de galeria de quadros.

A entrada principal e o vestíbulo ficavam no térreo, atrás dos quais se situava a alma operacional da casa — alojamentos de empregados, lavanderia, depósitos de gelo, despensas e guarda-louças, uma copa e uma imensa cozinha, que Martha descreveu como “duas vezes maior do que um apartamento de tamanho médio em Nova York”.⁶ Ao entrar na casa, os Dodd passavam primeiro por um grande vestíbulo ladeado de armários e depois subiam uma ornamentada escada que levava ao andar principal.

Era ali que se desvendava o verdadeiro drama da casa. Na frente, atrás da fachada arredondada, ficava o salão de baile, com uma pista de dança oval de madeira resplandecente e um piano coberto de rico tecido franjado, com banco estofado e dourado. Ali, sobre o piano, os Dodd puseram um requintado vaso repleto de flores altas e um porta-retratos com uma foto em que Martha parecia deveras bela e ostensivamente sexual, talvez uma escolha infeliz para o salão de baile da residência de um embaixador. Uma sala de recepção tinha paredes forradas de damasco verde-escuro, outra, de cetim rosa. Tapeçarias vermelhas cobriam as paredes de uma ampla sala de jantar.

O quarto de dormir dos Dodd ficava no terceiro andar. (Panofsky e a mãe morariam no piso de cima, o sótão.) O banheiro principal era imenso, tão enfeitado e exagerado que chegava a ser cômico, pelo menos na opinião de Martha. Seus pisos e paredes eram “inteiramente de ouro e mosaicos coloridos”.⁷ Havia uma grande banheira sobre uma plataforma, como um objeto exposto num museu. “Durante semanas”, escreveu Martha, “eu rolava de rir sempre que via o banheiro, e de vez em quando, por travessura, quando meu pai estava fora, levava os amigos para que eles vissem.”

Apesar de ainda achar a casa exageradamente luxuosa, até Dodd admitia que seu salão de baile e suas salas de recepção viriam a calhar para as funções diplomáticas, algumas das quais — como ele sabia e temia — exigiriam a presença de numerosos convidados, para não ofender nenhum embaixador que pudesse ser esquecido. E ele amava o *Wintergarten* no lado sul do andar principal, uma câmara envidraçada que se abria para um terraço sobre o jardim. Dentro, ele se deitava para ler numa cadeira reclinável; nos dias mais bonitos, sentava-se lá fora, numa cadeira de vime, um livro no colo, enquanto tomava o sol meridional.

O lugar favorito da família era a biblioteca, com sua promessa de aconchegantes noites de inverno diante do fogo. As paredes eram de madeira escura reluzente e tecido adomascado vermelho, e havia uma grande e antiga lareira cuja cornija envernizada de preto era esculpida com figuras da floresta e de seres humanos. As estantes estavam repletas de livros; Dodd imaginava que muitos deles fossem antigos e valiosos. Em certas horas do dia, a sala banhava-se da luz colorida projetada por vitrais do alto de uma parede. Uma mesa de tampo de vidro exibia valiosos manuscritos e cartas deixados por Panofsky. Martha, em especial, gostava do sofá de couro marrom, que logo se tornaria muito útil para sua vida romântica. O tamanho da casa, a distância de seus quartos de dormir, o sossego de suas paredes cobertas de tecido — tudo isso também se mostraria valioso, assim como o hábito dos pais de dormirem cedo, apesar do costume berlinense de ficar acordado o tempo todo.

Naquele sábado de agosto em que os Dodd se mudaram, os Panofsky, num gesto gracioso, puseram flores em toda a casa, levando Dodd a escrever um bilhete de agradecimento: “Estamos convencidos de que, graças à sua bondade e consideração, seremos muitos felizes em sua casa adorável.”⁸

Na comunidade diplomática, a casa da Tiergartenstrasse 27a logo se tornou conhecida como um refúgio, onde as pessoas podiam falar com franqueza, sem medo. “Adoro ir lá por causa da inteligência brilhante de Dodd, de sua fina capacidade de observação e de sua língua afiada e sarcástica”, escreveu Bella Fromm, a colunista social.⁹ “Gosto também porque não existe a rígida cerimônia observada em outras casas de diplomatas.” Um frequentador assíduo era o príncipe Louis Ferdinand, que em suas memórias descreveu o local como seu “segundo lar”.¹⁰ Ele jantava frequentemente com os Dodd. “Quando os empregados estavam longe, abríamos o coração”, escreveu.¹¹ Às vezes, a franqueza do príncipe era demasiada até mesmo para o embaixador Dodd, que o advertia: “Se não tiver mais cuidado com o que diz, príncipe Louis, qualquer dia destes eles o enforcam. Vou ao seu enterro, claro. Mas isso não vai lhe ajudar muito, imagino.”¹²

Enquanto a família se acomodava, Martha e o pai adotavam um tom de camaradagem. Trocavam gracejos e observações irônicas. “Nós nos amamos”, escreveu ela em carta a Thornton Wilder, “e ele me conta segredos de Estado. Rimos muito dos nazistas e perguntamos ao nosso doce mordomo se ele tem sangue judeu.”¹³ O mordomo, de nome Fritz — “baixo, louro, obsequioso, eficiente” —, trabalhara para o antecessor de Dodd.¹⁴ “À mesa, falamos principalmente de política”, prosseguiu Martha. “Papai lê capítulos do seu *Old*

South para os convidados. Eles quase morrem de desgosto e consternação.”

Ela notou que a mãe — a quem chamava de “Sua Excelência” — estava bem de saúde, “mas um pouco nervosa, [e] aproveitando muito”. O pai, escreveu, “ganhou viço de uma forma incrível”, e parece “levemente pró-Alemanha”. E acrescenta: “A gente não gosta muito dos judeus, mesmo.”

Carl Sandburg enviou-lhe uma prolixa carta de saudação, escrita à máquina em duas folhas de papel muito finas, com espaços no lugar de sinais de pontuação: “Agora a hégira começa o *wanderjahre* o caminho pelo mar e o zigue-zague pelo continente e o centro e a casa em berlim onde há muita aritmética esfarrapada e testamentos rasgados pelas portas passarão todos os trajes e línguas e contos da europa os judeus os comunistas os ateus os não arianos os proscritos nem sempre virão como tal mas virão com disfarces disfarces (...) alguns chegarão com estranhas canções e alguns com versos que conhecemos e amamos correspondentes casuais e permanentes espões internacionais borrifos catadores de praia aviadores heróis (...)”¹⁵

Os Dodd não demoraram a descobrir que tinham um vizinho importante e muito temido mais adiante, seguindo pela Tiergartenstrasse, numa transversal chamada Standartenstrasse: o próprio capitão Röhm, comandante das Tropas de Assalto. Todas as manhãs, ele podia ser visto montado num grande cavalo negro no Tiergarten. Outra construção próxima, a adorável mansão que abrigava a chancelaria pessoal de Hitler, logo se tornaria sede de um programa nazista para submeter à eutanásia pessoas com graves deficiências mentais e físicas — programa cujo codinome era Aktion (Ação) T-4, por causa do endereço, Tiergartenstrasse 4.

Para horror do conselheiro Gordon, o embaixador Dodd mantinha o costume de ir a pé para o trabalho, sozinho, trajando seus ternos comuns.

* * *

AGORA, 13 DE AGOSTO de 1933, um domingo, com Hindenburg ainda convalescendo em sua propriedade, Dodd ainda embaixador não oficial, e a questão da nova residência finalmente resolvida, a família, acompanhada pelo novo amigo de Martha, o correspondente Quentin Reynolds, saiu para conhecer um pouco da Alemanha. Eles viajaram primeiro de carro — o Chevrolet de Dodd —, mas planejavam separar-se em Leipzig, cerca de 140 quilômetros ao sul de Berlim, onde o embaixador e a mulher pretendiam ficar um tempo para visitar os pontos de referência dos tempos de Dodd na universidade.¹⁶

Martha, Bill Jr. e Reynolds seguiram para o sul, pensando em ir até a Áustria. Essa viagem seria marcada por incidentes que representariam o primeiro desafio ao otimismo de Martha em relação à nova Alemanha.



Rudolf Diels

CAPÍTULO II

Seres estranhos

Eles seguiram de carro para o sul por adoráveis paisagens rurais e aldeias pequenas e limpas, tudo muito parecido com o que era 35 anos antes, quando Dodd fizera aquele caminho, com a notável exceção de que em todas as cidades as fachadas dos edifícios públicos tinham bandeiras com a insígnia vermelha, branca e preta do Partido Nazista: a inevitável cruz quebrada no centro. Às 11 horas, chegaram à primeira parada, a Schlosskirche, ou Igreja do Castelo, em Wittenberg, em cuja porta Martinho Lutero pregara suas “95 Teses” e dera início à Reforma. Quando estudante, Dodd tinha viajado de Leipzig para Wittenberg e assistira a serviços religiosos, sentado no interior da igreja; dessa vez, encontrava as portas trancadas. Uma parada nazista percorria as ruas da cidade.

O grupo ficou uma hora em Wittenberg, depois seguiu para Leipzig, onde chegou à uma da tarde, indo diretamente para um dos mais famosos restaurantes da Alemanha, o Auerbachs Keller, reduto favorito de Goethe, que o usou como cenário para um encontro entre Mefistófeles e Fausto, no qual o vinho de Mefisto se transforma em fogo. Dodd achou a comida ótima, especialmente o preço: três marcos. Não bebeu vinho nem cerveja. Já Martha, Bill e Reynolds consumiram canecas e mais canecas.

Ali o grupo dividiu-se. Os jovens foram de carro para Nuremberg; Dodd e a mulher hospedaram-se num hotel, descansaram algumas horas e foram jantar, outra boa refeição por um preço ainda melhor: dois marcos. Continuaram o passeio no dia seguinte e tomaram o trem de volta para Berlim, onde chegaram às cinco horas e pegaram um táxi para sua nova residência, na Tiergartenstrasse 27a.

* * *

DODD ESTAVA EM CASA havia menos de 24 horas quando ocorreu outro ataque a americanos. A vítima dessa vez foi um cirurgião de trinta anos chamado Daniel Mulvihill, que morava em Manhattan mas trabalhava num hospital em Long Island e fora a Berlim para estudar as técnicas de um famoso cirurgião alemão. Messersmith, num despacho sobre o incidente, disse que Mulvihill era “um cidadão americano de fina estirpe, e não era judeu”.¹

O ataque seguiu um padrão que se tornaria extremamente familiar: na noite de terça-feira, 15 de agosto, Mulvihill andava pela Unter den Linden em direção a uma farmácia, onde se deteve para assistir a uma parada de membros uniformizados das SA. As Tropas de Elite reencenavam, para um filme de propaganda, a grande marcha pelo Portão de Brandemburgo realizada na noite em que Hitler fora nomeado chanceler. Mulvihill não se deu conta de que um

homem das SA saiu das fileiras e caminhou em sua direção. O miliciano, sem perder tempo, golpeou o americano com força, do lado direito da cabeça, e voltou para sua posição com toda a calma. Pessoas que assistiram a tudo explicaram ao atônito cirurgião que o ataque provavelmente ocorrera porque Mulvihill não fizera a saudação de Hitler quando o desfile passou. Foi o 12º ataque violento contra americanos desde 4 de março.

O consulado dos Estados Unidos protestou de imediato, e na sexta-feira à noite a Gestapo alegou ter prendido o agressor. No dia seguinte, 19 de agosto, um sábado, um alto funcionário do governo informou, em nota ao vice-cônsul Raymond Geist, que fora baixada uma ordem às SA e às SS declarando que estrangeiros não tinham obrigação de fazer a saudação de Hitler ou de respondê-la. O funcionário disse ainda que o chefe da divisão das SA em Berlim, um jovem oficial chamado Karl Ernst, visitaria pessoalmente Dodd no começo da semana seguinte para lhe pedir desculpas pelo incidente. O cônsul-geral Messersmith, que já conhecia Ernst, escreveu que ele era “muito jovem, muito dinâmico, direto, entusiástico”, mas manifestava “uma atmosfera de brutalidade e força característica das SA”.²

Como prometido, Ernst chegou. Bateu os calcanhares com força, fez a saudação e berrou “Heil Hitler”. Dodd agradeceu, mas não retribuiu. Ouviu a “confissão de pesar” de Ernst, que lhe disse que aqueles ataques jamais se repetiriam.³ Ele parecia achar que tinha feito tudo o que era preciso, mas Dodd o convidou a se sentar e, assumindo os papéis que lhe eram familiares, de pai e professor, passou-lhe um severo sermão sobre o mau comportamento de seus homens e suas potenciais consequências.

Ernst, desconcertado, voltou a afirmar que realmente tinha a intenção de acabar com os ataques. Depois se levantou, pôs-se em rígida posição de sentido, saudou novamente, “fez uma vênica prussiana” e saiu.

“Não achei graça nenhuma”, escreveu Dodd.

Naquela tarde, ele disse a Messersmith que Ernst apresentara um pedido de desculpas apropriado.

Messersmith vaticinou: “Os incidentes vão continuar.”

* * *

DURANTE TODO O TRAJETO para Nuremberg, Martha e seus companheiros encontraram grupos de homens com os uniformes marrons das SA, jovens e velhos, gordos e magros, desfilando, cantando e erguendo a bandeira nazista. Com frequência, quando o carro diminuía a marcha para passar pelas ruas estreitas das aldeias, pessoas se voltavam e os saudavam, berrando “Heil, Hitler”, aparentemente deduzindo pelo baixo número da placa — tradicionalmente, os embaixadores americanos na Alemanha ostentavam o número 13 — que seus ocupantes pertenciam à família de algum alto funcionário nazista de Berlim. “A animação das pessoas era contagiante, e eu respondia ‘Heil’ tão vigorosamente como qualquer nazista”, escreveu Martha num texto biográfico.⁴ Seu

comportamento horrorizou o irmão e Reynolds, mas ela ignorou as zombarias. “Eu me sentia como uma criança, animada e despreocupada; a embriaguez do novo regime agia em mim como vinho.”

Por volta da meia-noite, eles pararam diante do hotel onde se hospedariam em Nuremberg. Reynolds já tinha visitado a cidade antes, e sabia que era um lugar somolento àquela hora avançada da noite, mas naquela ocasião, como escreveu ele, as ruas estavam “tomadas por uma multidão animada e feliz”. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que os foliões participavam de algum festival da lendária indústria de brinquedos da cidade.

No hotel, Reynolds perguntou ao rapaz da recepção: “Vai haver algum desfile?”

O rapaz, alegre e agradável, riu tão deliciado que as pontas de seu bigode estremeceram, como lembraria Reynolds. “Vai ser uma espécie de desfile”, respondeu o funcionário. “Eles vão ensinar uma lição a alguém.”

Os três levaram as malas para os quartos, depois saíram para dar uma volta, ver a cidade e procurar algo para comer.

A multidão tinha aumentado, e parecia bem alegre. “Todo mundo estava agitado, rindo, falando”, notou Reynolds. O que lhe chamou a atenção foi que todos eram muitos amáveis — muito mais amáveis, certamente, do que teria sido uma multidão equivalente de berlinenses. Ali, notou ele, quando se esbarrava em alguém por acidente, o que se recebia em troca era um sorriso polido e um pedido de desculpas bem-humorado.

De longe ouviram o rude clamor, cada vez mais intenso, de uma multidão ainda maior e mais estridente, que se aproximava pela rua. Ouviram a música distante de uma banda de rua, com muito ruído de instrumentos de sopro e de vozes. A multidão avançou para a cidade em alegre expectativa, escreveu Reynolds. “Dava para ouvir o rugir da multidão a três quarteirões de distância, um troar de gargalhadas misturadas com música que vinha em ondas na nossa direção.”

O barulho aumentava, acompanhado por um brilho alaranjado que tremulava na fachada dos prédios. Momentos depois os participantes apareceram, uma coluna de homens das SA, com seus uniformes marrons, carregando tochas e bandeiras. “Tropas de Assalto”, observou Reynolds. “E não fabricantes de brinquedos.”

Imediatamente atrás do primeiro pelotão apareceram dois imensos milicianos, e entre eles um prisioneiro bem menor, que de início Reynolds não distinguiu se era homem ou mulher. Os milicianos “meio apoiavam e meio arrastavam” a figura pela rua. “A cabeça fora raspada”, escreveu Reynolds, “e o rosto e o crânio tinham sido cobertos de pó branco.” Martha descreveu a face como “da cor de absinto diluído”.

Eles chegaram mais perto, junto com a multidão, e Reynolds e Martha puderam ver que se tratava de uma jovem — apesar de Reynolds ainda não estar totalmente seguro. “Muito embora usasse saia, podia muito bem ser um homem vestido de palhaço”, escreveu Reynolds. “A multidão à minha volta urrava diante do espetáculo daquela figura que era arrastada.”

Os cordiais nurembergueses transformaram-se, passando a provocar e

insultar a mulher. Os milicianos que iam ao lado dela ergueram-na abruptamente, obrigando-a a ficar em pé e revelando um cartaz que trazia pendurado no pescoço. Risadas grosseiras irromperam em toda parte. Martha, Bill e Reynolds recorreram a seu hesitante alemão para perguntar a outros espectadores o que se passava, e descobriram, juntando fragmentos de informação, que a moça tinha tido uma ligação com um homem judeu. Pelo que Martha conseguiu entender, o cartaz dizia: “EU ME OFERECI A UM JUDEU”.

À medida que as SA passavam, a multidão descia das calçadas para o meio da rua e ia atrás. Um ônibus de dois andares ficou preso no meio da massa humana. O motorista ergueu as mãos, simulando derrota. Os passageiros do andar de cima apontavam para a moça e riam. Os milicianos levantaram-na de novo — “seu brinquito”, como disse Reynolds — para que os passageiros pudessem ver melhor. “Então alguém teve a ideia de levar a coisa para o saguão do nosso hotel”, escreveu Reynolds. Ele descobriu que “a coisa” tinha um nome: Anna Rath.

A banda ficou do lado de fora, na rua, e continuou a tocar de um jeito barulhento e cáustico. Os integrantes das SA saíram do saguão e arrastaram a mulher para outro hotel. A banda atacou a “Canção de Horst Wessel”, e de repente, em todas as direções ao longo da rua, a multidão pôs-se em posição de sentido, o braço direito estendido na saudação de Hitler, cantando com vigor.

Quando a música terminou, a procissão seguiu em frente. “Eu queria ir atrás”, escreveu Martha, “mas meus dois companheiros sentiram tal repugnância que me puxaram dali.” Ela também ficara abalada com o episódio, mas não permitiu que ele maculasse sua visão geral do país e do renascimento de espírito trazido pela revolução nazista. “Tentei, conscientemente, justificar a ação dos nazistas, insistindo em que não deveríamos condenar sem saber toda a história.”

Os três se refugiaram no bar do hotel, e Reynolds jurou que iria beber até ficar inconsciente. Perguntou ao barman, calmamente, o que tinha acontecido. O barman contou a história, baixando a voz. Num desafio às advertências nazistas contra o casamento entre judeus e arianos, a mulher tinha planejado casar com o noivo judeu. Era arriscado em toda a Alemanha, explicou ele, mas em nenhum lugar seria tão perigoso quanto em Nuremberg. “Vocês ouviram falar de Herr S., que mora aqui?”, perguntou o barman.

Reynolds compreendeu. O barman referia-se a Julius Streicher, que ele descreveu como “o diretor do circo de antissemitismo de Hitler”. Streicher, de acordo com Ian Kershaw, biógrafo de Hitler, era “um criminoso baixo, atarracado, de cabeça raspada (...), totalmente possuído por imagens demoníacas sobre os judeus”.⁵ Ele fundara um jornal virulentamente antissemita, o *Der Stürmer*.

Reynolds percebeu que o que ele, Martha e Bill tinham acabado de testemunhar era um evento de significado bem maior do que a soma de seus detalhes. Correspondentes estrangeiros na Alemanha informavam sobre abusos contra judeus, mas até aquela altura suas reportagens se baseavam em investigações feitas depois dos fatos, a partir de relatos de testemunhas. Ali estava um ato de brutalidade antissemita a que um correspondente assistira em primeira mão. “Os nazistas negavam desde sempre as atrocidades noticiadas no exterior,

mas ali estava uma prova concreta”, escreveu Reynolds. “Nenhum outro correspondente”, afirmou, “tinha testemunhado uma atrocidade.”

Seu editor concordou que era uma reportagem importante, mas temia que fosse interceptada por censores nazistas se Reynolds tentasse transmiti-la por teleograma. Disse ao jornalista que mandasse por carta, e recomendou que omitisse qualquer referência aos filhos de Dodd, a fim de evitar causar dificuldades para o novo embaixador.

Martha suplicou-lhe que não escrevesse nada. “Foi um caso isolado”, argumentou. “Não era importante, iria causar má impressão, não mostraria o que se passava de fato na Alemanha, ofuscaria o trabalho construtivo que eles realizavam.”

Martha, Bill e Reynolds continuaram a viagem para o sul, até a Áustria, onde passaram uma semana, antes de voltar para a Alemanha pela margem do Reno. Quando retornou ao escritório, Reynolds recebeu uma convocação urgente do chefe de imprensa estrangeira, Ernst Hanfstaengl.

Hanfstaengl estava furioso, ainda sem saber que Martha e Bill também tinham testemunhado o incidente.

“Não há uma única maldita palavra que seja verdade em sua reportagem!”, vociferou. “Falei com nossos homens em Nuremberg e eles disseram que nada disso aconteceu.”

Reynolds informou tranquilamente a Hanfstaengl que tinha visto o desfile em companhia de duas importantes testemunhas, omitidas no texto, de reputação inatacável. E citou os nomes.

Hanfstaengl afundou na cadeira e segurou a cabeça entre as mãos. Disse que Reynolds deveria ter-lhe contado antes. O jornalista sugeriu que ele fizesse uma ligação para os Dodd, de modo a confirmar suas presenças, mas o chefe de imprensa rejeitou a ideia.

Numa entrevista coletiva logo depois, Goebbels, o ministro da Propaganda, não esperou que os repórteres tocassem no assunto do abuso contra judeus. Antecipando-se, assegurou aos cerca de quarenta jornalistas na sala que tais incidentes eram raros, cometidos por homens “irresponsáveis”.

Um correspondente, Norman Ebbutt, chefe da sucursal de Berlim do *Times* londrino, interrompeu-o.

— Mas, ministro, o senhor certamente ouviu falar da moça ariana, Anna Ruth, que foi exibida pelas ruas de Nuremberg só porque pretendia casar-se com um judeu!

Goebbels sorriu — um sorriso que lhe transformou totalmente o rosto, embora o resultado não fosse agradável nem cativante.⁶ Muitas pessoas na sala já tinham presenciado aquilo. Havia algo de grotesco no modo como os músculos da metade inferior do rosto se empenhavam na produção daquele sorriso e na forma abrupta com que a expressão se transformava.

— Deixe-me explicar por que algo assim de vez em quando pode acontecer —, disse Goebbels. — Nossa gente passou praticamente os 12 anos da República de Weimar na cadeia. Agora, nosso partido está no comando, e as pessoas voltaram a ser livres. Alguém que passou 12 anos na cadeia e de repente é solto pode, em sua alegria, fazer algo irracional, ou até mesmo brutal. No seu país não

há essa possibilidade?

Ebbutt, a voz serena, observou que a Inglaterra abordaria uma situação parecida de maneira fundamentalmente diferente.

— Se isso acontecesse — disse ele —, nós jogaríamos o homem de volta na cadeia na mesma hora.

O sorriso de Goebbels desapareceu, depois voltou com a mesma rapidez. O ministro olhou em volta.

— Mais alguma pergunta?

Os Estados Unidos não apresentaram nenhum protesto formal contra o incidente. Ainda assim, um funcionário do serviço exterior alemão pediu desculpas a Martha. Disse que fora um incidente isolado, e que os responsáveis seriam severamente punidos.

Martha estava disposta a aceitar essa visão. Continuava encantada com a vida na nova Alemanha. Numa carta a Thornton Wilder, manifestou seu entusiasmo: “Os jovens têm brilho e esperança no rosto, cantam acompanhando o nobre espírito de Horst Wessel com olhos reluzentes e vozes seguras. Rapazes saudáveis e bonitos, esses alemães, seres bons, sinceros, brutalmente místicos, ótimos, cheios de esperança, capazes de morrer e amar, profundos, ricos e maravilhosos — esses jovens da moderna Alemanha de *Hakenkreuz* [suástica].”⁷

* * *

NESSE MEIO-TEMPO, DODD RECEBEU um convite do serviço exterior alemão para comparecer a um comício do partido em Nuremberg, marcado para começar em 1º de setembro. O convite o deixou perturbado.

Ele lera sobre o gosto do Partido Nazista por realizar elaboradas demonstrações de força e energia, e não os encarava como eventos oficiais patrocinados pelo Estado, mas assuntos do partido que nada tinham a ver com relações internacionais. Não conseguia imaginar-se assistindo a um desses comícios, assim como não conseguia visualizar o embaixador da Alemanha nos Estados Unidos assistindo a uma convenção do Partido Republicano ou do Partido Democrata. Além disso, temia que Goebbels e o Ministério da Propaganda usassem sua presença para apresentá-la como um aval ao comportamento e às políticas nazistas.

Na terça-feira, 22 de agosto, Dodd telegrafou ao Departamento de Estado para pedir conselho. “Recebi uma resposta evasiva”, escreveu ele em seu diário.⁸ O departamento prometeu apoiar qualquer decisão sua. “Resolvi, imediatamente, que não iria, ainda que todos os outros embaixadores fossem.” No sábado seguinte, ele enviou nota ao serviço exterior alemão informando que não iria. “Declinei alegando a pressão do trabalho, apesar de a principal razão ser minha desaprovação a um convite do governo para a convenção de um partido”, escreveu. “Eu também tinha certeza de que o comportamento do grupo dominante seria constrangedor.”

Dodd teve então uma ideia: se pudesse convencer os colegas embaixadores

da Grã-Bretanha, da Espanha e da França a também recusarem o convite, sua ação coletiva transmitiria uma mensagem indireta, forte, mas apropriada, de unidade e desaprovação.

Dodd primeiro falou com o embaixador espanhol, num encontro que descreveu como “muito agradável e não convencional”, porque o espanhol também não tinha ainda apresentado suas credenciais.⁹ Apesar disso, os dois abordaram o assunto com cautela. “Dei a entender que não iria”, escreveu Dodd. E ofereceu ao embaixador espanhol alguns precedentes históricos para desconsiderar tal convite. O embaixador espanhol reconheceu que o comício era um assunto de partido e não de Estado, mas não revelou o que pretendia fazer.

Dodd soube, entretanto, que ele declinara, assim como os embaixadores da França e da Grã-Bretanha, invocando compromissos incontornáveis de um tipo ou de outro.

Oficialmente, o Departamento de Estado apoiou os escrúpulos de Dodd; extraoficialmente, porém, sua decisão irritou altos funcionários, como o subsecretário Phillips e o chefe de assuntos da Europa Ocidental Jay Pierrepont Moffat. Acharam que estava fazendo uma provocação desnecessária, mais uma prova de que sua nomeação como embaixador fora um erro. As forças contrárias a Dodd começaram a se aglutinar.

CAPÍTULO 12

Brutus

No fim de agosto, o presidente Hindenburg finalmente voltou para Berlim depois da longa convalescença em sua propriedade rural. Assim, em 30 de agosto de 1933, uma quarta-feira, Dodd pôs casaca formal e cartola e foi de carro até o palácio presidencial para apresentar suas credenciais.

O presidente era um homem alto e largo, com imenso bigode grisalho, que se curvava como duas asas esfiapadas. O colarinho do uniforme era alto e duro, a túnica, cravada de medalhas, muitas delas em forma de estrela reluzente do tamanho de enfeites de árvore de Natal. No geral, ele transmitia uma sensação de força e virilidade, que desmentia seus 85 anos. Hitler estava ausente, assim como Goebbels e Göring, supostamente envolvidos nos preparativos da convenção do partido, que começaria dois dias depois.

Dodd leu uma breve declaração ressaltando sua simpatia pelo povo da Alemanha e pela história e cultura do país. Omitiu qualquer referência ao governo, na esperança de, com isso, dar a entender que não tinha a mesma simpatia pelo regime de Hitler. Nos 15 minutos seguintes, ele e o Velho Senhor sentaram-se no “sofá preferido” e conversaram sobre assuntos diversos, da experiência universitária de Dodd em Leipzig aos perigos do nacionalismo econômico. Hindenburg, como observaria Dodd em seu diário, “ressaltou a questão das relações internacionais tão enfaticamente que pensei que sua intenção fosse fazer uma crítica indireta aos extremistas nazistas”. Dodd apresentou os principais funcionários da embaixada; em seguida, eles saíram do prédio para encontrar soldados do exército regular, o Reichswehr, a postos dos dois lados da rua.

Dessa vez Dodd não voltou a pé para casa. Enquanto os carros da embaixada passavam, os soldados mantiveram-se em posição de sentido. “Estava tudo terminado”,¹ escreveu Dodd, “e eu finalmente era um representante dos Estados Unidos devidamente reconhecido em Berlim.” Dois dias depois, enfrentou sua primeira crise oficial.

* * *

NA MANHÃ DE 1º de setembro de 1933, uma sexta-feira, H. V. Kaltenborn, o radialista americano, telefonou para o cônsul-geral Messersmith e disse que lamentava não poder fazer-lhe uma última visita, porque ele e a família tinham terminado seu passeio pela Europa e se preparavam para a viagem de volta. O trem que os levaria ao navio deveria partir à meia-noite.

Ele disse a Messersmith que ainda não vira nada que confirmasse as críticas do cônsul à Alemanha, e acusou-o de “cometer um erro por não pintar um

quadro da Alemanha como ela realmente era”.²

Logo depois do telefonema, Kaltenborn e a família — mulher, filho e filha — saíram do hotel, o Adlon, para fazer algumas compras de última hora. O filho, Rolf, tinha 16 anos. A Sra. Kaltenborn queria visitar particularmente as joalherias e lojas de artigos de prata da Unter den Linden, mas eles acabaram andando mais alguns quarteirões na direção sul, até Leipziger Strasse, movimentado bulevar no sentido oeste-leste, atulhado de carros e bondes e ladeado de belos edifícios e incontáveis lojinhas que vendiam artigos de bronze, porcelana de Dresden, sedas, artigos de couro e praticamente tudo mais que se pudesse desejar. Ali também estava o Empório Wertheim, uma imensa loja de departamentos — uma *Warenhaus* — na qual multidões de fregueses iam de um andar para outro a bordo de 83 elevadores.

Quando a família saiu de uma loja, viu uma formação de milicianos das Tropas de Assalto desfilando pelo bulevar em sua direção. Eram 9h20.

Pedestres amontoavam-se na beira da calçada e faziam a saudação de Hitler. Apesar de sua atitude de simpatia, Kaltenborn não quis imitá-los, e sabia que um dos principais assessores de Hitler, Rudolf Hess, tinha anunciado publicamente que estrangeiros não eram obrigados a fazê-lo. “Isso é algo que não se deve esperar”, declarara Hess, “assim como não se espera que um protestante faça o sinal da cruz ao entrar numa igreja católica.”³ Apesar disso, Kaltenborn instruiu a família a virar-se para as vitrines de uma loja como se estivesse olhando os artigos expostos.

Vários milicianos marcharam para os Kaltenborn e perguntaram por que eles tinham dado as costas para o desfile e não fizeram a saudação. Kaltenborn, num alemão impecável, respondeu que era americano e que ele e sua família estavam voltando para o hotel.

A multidão pôs-se a insultá-lo e a fazer ameaças, a ponto de o radialista chamar dois policiais que estavam a três metros de distância. Foi ignorado.

Kaltenborn e a família começaram a se encaminhar para o hotel. Um jovem veio por trás e, sem pronunciar uma palavra, agarrou o filho de Kaltenborn e o golpeou no rosto com tanta força que o garoto caiu na calçada. Ainda assim, os policiais nada fizeram. Um deles sorriu.

Furioso, Kaltenborn agarrou o jovem agressor pelo braço e o arrastou até os policiais. A multidão tornou-se mais ameaçadora. Kaltenborn percebeu que, se insistisse em querer justiça, arriscava-se a provocar novos ataques.

Finalmente, um espectador intercedeu e convenceu a multidão a deixar os Kaltenborn em paz, pois estava claro que eram americanos. O desfile continuou.

Quando já estava na segurança do Hotel Adlon, Kaltenborn telefonou para Messersmith. Estava transtornado, quase incapaz de falar com coerência. Pediu ao cônsul-geral que fosse ao Adlon na mesma hora.

Para o cônsul, foi um momento inquietante, mas também sublime, de uma forma sinistra. Disse a Kaltenborn que não poderia ir ao hotel: “Por acaso, eu não poderia deixar minha mesa por uma hora, ou mais.” Mas mandou ao Adlon o vice-cônsul Raymond Geist, que tomou providências para que os Kaltenborn fossem escoltados até a estação naquela noite.

“Foi irônico porque aconteceu justamente uma dessas coisas que Kaltenborn

disse que não poderiam acontecer”, escreveu Messersmith com uma nítida satisfação. “Uma das coisas que ele disse, especificamente, que eu relatava de forma incorreta foi que a polícia nada fazia para proteger as pessoas contra os ataques.” Messersmith reconheceu que o incidente fora uma experiência arrasadora para os Kaltenborn, especialmente para o filho. “Mas, no fim, foi bom que acontecesse, porque do contrário ele teria voltado para casa e contado a seus ouvintes como tudo era ótimo na Alemanha, como os funcionários americanos informavam mal o nosso governo e como os correspondentes em Berlim apresentavam um quadro incorreto dos acontecimentos no país.”

Messersmith foi até Dodd e perguntou se já não era hora de o Departamento de Estado emitir um alerta definitivo contra viagens à Alemanha. Esse alerta, ambos sabiam, teria um efeito devastador para o prestígio nazista.

Dodd preferia ir com cautela. Em sua função como embaixador, via esses ataques mais como aborrecimentos do que como situações críticas e portentosas; por isso, tentava, sempre que possível, limitar a atenção da imprensa. Em seu diário, afirmava ter conseguido evitar que vários ataques a americanos chegassem aos jornais, e que “tentara prevenir manifestações hostis”.⁴

No plano pessoal, porém, Dodd achava esses episódios repugnantes, totalmente alheios ao que sua experiência como estudante em Leipzig o levava a esperar. Durante as refeições em família, condenava os ataques, mas, se esperava ouvir uma manifestação indignada da filha, perdia seu tempo.

Martha continuava inclinada a pensar o melhor da nova Alemanha, em parte, como admitiria mais tarde, por simples teimosia de filha que tentava se afirmar. “Eu buscava desculpas para os excessos, e meu pai me lançava olhares glaciais, ainda que tolerantes; tanto em particular como em público, ele me chamava, com delicadeza, de jovem nazista”, escreveu ela. “Isso me colocou na defensiva durante um tempo, e eu me tornei, temporariamente, paladina fervorosa de tudo o que se passava.”⁵

Ela retrucava argumentando que havia muito mais coisas boas na Alemanha. Em particular, louvava o entusiasmo dos jovens do país e as medidas tomadas por Hitler para diminuir o desemprego. “Eu achava que havia algo de nobre naqueles rostos frescos, vigorosos, fortes, jovens, que eu via em toda parte, e dizia isso belicosamente sempre que tinha oportunidade.”⁶ Em cartas para os Estados Unidos, ela dizia que a Alemanha estava passando por um comovente renascimento, “e que os relatos da imprensa e as histórias de atrocidade eram casos isolados, exagerados por pessoas de mente amarga e fechada”.⁷

* * *

A SEXTA-FEIRA QUE COMEÇARA tão tumultuada, com o ataque aos Kaltenborn, terminou de maneira muito mais satisfatória para Dodd.

Naquela noite, o correspondente Edgar Mowrer saiu para a estação de trem do Zoológico a fim de iniciar sua longa viagem para Tóquio. A mulher e a filha o acompanharam até lá, mas apenas para se despedirem: ficariam para cuidar da

mudança da família e seguiriam depois.

A maioria dos correspondentes foi à estação, assim como uns poucos alemães suficientemente corajosos para não terem medo de ser vistos e identificados pelos agentes que ainda mantinham Mowrer sob vigilância.

Um funcionário nazista destacado para certificar-se de que Mowrer de fato tomara o trem aproximou-se dele e, com a fala mansa, perguntou:

— E quando volta à Alemanha, Herr Mowrer?⁸

Num arroubo cinematográfico, Mowrer respondeu:

— Ora, quando puder voltar com meio milhão de compatriotas.

Messersmith abraçou-o, numa demonstração de apoio destinada aos agentes que lhe seguiam os passos. Em voz alta, para ser ouvido, prometeu-lhe que sua mulher e sua filha iriam depois, sem serem molestadas. Mowrer ficou agradecido, mas não perdoou Messersmith por não apoiar seu esforço para ficar na Alemanha. Quando embarcou no trem, virou-se para Messersmith com um leve sorriso e disse: “Até tu, Brutus.”⁹

Para Messersmith, o comentário foi esmagador. “Senti-me miserável e deprimido”, escreveu. “Eu sabia que o que ele tinha de fazer era ir embora, mas ainda assim odiei o papel que desempenhei em sua partida.”

Dodd não apareceu. Estava feliz com a partida do correspondente. Em carta a um amigo em Chicago, escreveu que Mowrer “foi por algum tempo, como você deve saber, um problema aqui”.¹⁰ Dodd reconhecia que ele era um escritor de talento. “Suas experiências, entretanto, depois da publicação do livro” — sua notoriedade e um Prêmio Pulitzer — “foram tais que ele se tornou muito mais incisivo e irritado do que convinha a todas as partes envolvidas.”¹¹

Mowrer e a família chegaram a Tóquio em segurança. A mulher, Lillian, iria se lembrar da grande tristeza que sentiu por ter que deixar Berlim. “Em nenhum lugar tive amigos tão adoráveis como na Alemanha”, escreveu.¹² “Olhar para trás e ver tudo aquilo é como ver alguém que se ama perder o juízo... e fazer coisas horríveis.”

* * *

AS EXIGÊNCIAS DO PROTOCOLO — em alemão, *Protokoll* — baixaram sobre os dias de Dodd como um nevoeiro escuro e o mantiveram afastado daquilo que ele mais amava, seu *Old South*. Com a situação de embaixador oficializada, suas responsabilidades diplomáticas rotineiras de repente aumentaram, a ponto de desanimá-lo. Em carta ao secretário de Estado Hull, ele escreveu: “Os árbitros protocolares do nosso comportamento social seguem precedências, e nos obrigam a dedicar a primeira parte do nosso período de residência a recepções que são, substancialmente, inúteis, e que dão a cada um dos diversos ministérios e embaixadas o direito ‘social’ de oferecer grandes jantares.”¹³

Começou quase de imediato. O protocolo exigia que ele desse uma recepção para todo o corpo diplomático. Dodd esperava de quarenta a cinquenta

convidados, mas descobriu que cada diplomata pretendia levar um ou mais membros de sua equipe, elevando o provável comparecimento para mais de duzentas pessoas. “Então o show de hoje começou às cinco horas”, escreveu em seu diário.¹⁴ “Os salões da embaixada estavam preparados: havia flores em toda parte; uma grande vasilha de ponche foi devidamente abastecida com as bebidas destiladas de praxe.” O ministro do Exterior Neurath compareceu, assim como o presidente do Reichsbank, Schacht, um dos poucos homens no governo de Hitler que Dodd considerava razoável e racional. Schacht tornar-se-ia hóspede frequente da casa dos Dodd, muito querido da Sra. Dodd, que costumava recorrer a ele para evitar os momentos sociais embaraçosos quando um convidado de repente cancelava a visita. Ela gostava de dizer: “Se no último minuto outro convidado não puder vir, a gente sempre pode convidar o Dr. Schacht.”¹⁵ No geral, concluiu Dodd, “não foi ruim e” — motivo de especial satisfação — “custou 700 marcos”.

Mas agora uma enxurrada de convites de reciprocidade, tanto diplomáticos como sociais, chegava à mesa de Dodd e à sua casa. Dependendo da importância do evento, os convites eram seguidos por uma troca de mapas de marcação de assentos, entregues a funcionários do protocolo, para assegurar que nenhum infeliz erro de proximidade pudesse estragar a noite. O número de banquetes e recepções chegou a tal ponto que até mesmos diplomatas veteranos se queixavam de que o comparecimento, obrigatório, se tornara oneroso e cansativo. Um alto funcionário do serviço exterior alemão disse a Dodd: “Vocês, do corpo diplomático, precisam limitar seus eventos sociais, ou seremos obrigados a parar de aceitar convites.”¹⁶ E um funcionário britânico queixou-se: “Simplesmente não aguentamos o ritmo.”¹⁷

Mas nem tudo era trabalho aborrecido, é claro. Esses banquetes e festas tinham seus momentos de diversão e humor. Goebbels era conhecido por suas observações e respostas espirituosas; Martha, por um tempo, o considerou charmoso. “Contagante e encantador, olhos faiscantes, voz suave, conversa deliciosa e ligeira, é difícil se lembrar de sua crueldade, de seus astutos talentos para a destruição.”¹⁸ A mãe, Mattie, também gostava de se sentar perto de Goebbels nos banquetes; Dodd o considerava “um dos poucos homens que tem senso de humor na Alemanha”, e costumava travar com ele rápidas trocas de ditos sarcásticos e comentários irônicos.¹⁹ Uma extraordinária foto de jornal mostra Dodd, Goebbels e Sigrid Schultz num banquete formal, no que parece ser um momento de animada e despreocupada cordialidade.²⁰ Apesar de sua indubitável utilidade para a propaganda nazista, a cena ocorrida no salão de banquetes era bem mais complexa do que o filme capturou. Na realidade, como Schultz explicaria mais tarde, numa entrevista de história oral, ela tentava *não* falar com Goebbels, mas, durante a tentativa, “certamente ficou parecendo que havia intenção de flerte”.²¹ Disse ela (usando a terceira pessoa): “Na foto, Sigrid não lhe dá atenção, entende? Ele usa quilowatts de charme, mas ele sabe e ela sabe que isso não tem qualquer utilidade para ele.” Sigrid contou que, ao ver a foto, Dodd “quase morreu de rir”.

Göring também parecia um personagem relativamente benigno, pelo menos comparado a Hitler. Sigrid Schultz achava-o o mais tolerável dentre os chefes

nazistas, porque pelo menos “sentia-se que era possível ficar na mesma sala com o homem”, ao passo que Hitler, disse ela, “meio que me embrulha o estômago”.²² Um dos funcionários da embaixada americana, John C. White, diria, anos depois: “Sempre tive uma impressão bem favorável de Göring (...) Se havia algum nazista agradável, era ele, suponho, o que chegava mais perto disso.”²³

Naquele estágio inicial, diplomatas e outras pessoas achavam difícil levar Göring a sério. Ele parecia um menino imenso, se bem que extraordinariamente perigoso, que adorava criar e usar novos uniformes. Seu grande porte o tornava alvo de piadas, muito embora elas fossem contadas bem longe de seus ouvidos.

Uma noite o embaixador Dodd e a mulher foram a um concerto na embaixada da Itália, ao qual Göring também compareceu. Num vasto uniforme branco, de sua própria concepção, ele parecia especialmente imenso — “três vezes o tamanho de um homem normal”, como disse Martha ao contar a história.²⁴ Os assentos arrumados para o concerto eram minúsculas cadeiras antigas e douradas, frágeis demais para Göring. Fascinada, e um tanto ansiosa, a Sra. Dodd olhava maravilhada enquanto ele tentava ajustar seu gigantesco traseiro “em forma de coração” à pequena cadeira. Durante todo o concerto, ela temeu que a qualquer momento a cadeira desabasse e o grande volume de Göring viesse lhe esmagar o colo. Martha escreveu: “Ela ficou tão distraída com a visão daqueles lombos imensos saindo para os lados da cadeira, tão perigosamente próximos, que não se lembrou de uma só peça executada.”

* * *

A MAIOR QUEIXA DE Dodd sobre as festas diplomáticas oferecidas por outras embaixadas era quanto ao desperdício de dinheiro, praticado até mesmo por países atingidos pela Depressão.

“Para ilustrar”, escreveu ele ao secretário Hull, “na noite passada fomos jantar às 20h30 na casa de 53 cômodos do ministro belga (cujo país, supostamente, não tem condições de cumprir suas obrigações legais).”²⁵ Dois empregados de uniforme receberam seu carro. “Quatro lacaios estavam à entrada, vestidos ao estilo dos criados de Luís XIV. Outros três criados, de calças até os joelhos, cuidavam de nossos casacos. Vinte e nove pessoas sentaram-se na sala de jantar, que tem mobília mais cara do que qualquer salão da Casa Branca que já tenha visto. Oito pratos foram servidos por quatro garçons uniformizados, em pratos e travessas de prata. Havia três taças de vinho para cada convidado, e, quando me levantei, percebi que muitas estavam pela metade, com vinho que seria jogado fora. As pessoas presentes eram agradáveis, mas não houve conversa que se aproveitasse no grupo do qual eu fazia parte (sempre notei isso em todas as grandes recepções)(...) Nem houve nenhuma conversa séria, informativa ou espirituosa depois do jantar.” Martha também compareceu e escreveu que “todas as mulheres estavam cobertas de diamantes ou outras pedras preciosas — nunca vi tão faustosa ostentação de riqueza”. Observou

também que ela e os pais saíram às dez e meia, e, com isso, causaram um pequeno escândalo. “Houve muito polido arquear de sobrancelhas, mas enfrentamos a tempestade e fomos para casa.” Era falta de educação, como ela descobriria mais tarde, sair de uma recepção diplomática antes das onze.

Dodd ficou chocado ao saber que seus ricos predecessores em Berlim tinham gastado até cem mil dólares por ano com recepções, mais de cinco vezes o salário anual de Dodd. Em algumas ocasiões, eles tinham dado de gorjeta a seus criados valores mais altos do que seu aluguel mensal. “Todavia”, prometeu ele a Hull, “não vamos retribuir essa hospitalidade com festas de mais de dez ou 12 convidados, no máximo com quatro empregados, e modestamente vestidos” — querendo dizer, imagina-se, que estariam totalmente vestidos, mas sem as calças até os joelhos dos belgas.²⁶ Os Dodd tinham três empregados e um chofer, e contratavam um ou dois empregados a mais para as festas com mais de dez convidados.

O guarda-louça da embaixada, de acordo com um inventário formal da propriedade do governo feito para o “Relatório do Posto”, preparado anualmente, continha:²⁷

Pratos de
jantar 27cm

Pratos de
sopa 24cm

Pratos de
entrada
24cm

Pratos de
sobremesa

Pratos de

salada 13cm

Pratos

pão/manteiga

15cm

Chávenas

9cm

Pires 14cm

Tigelas para
caldo 9cm

Pires 14cm

Xícaras para
depois do
jantar 6cm

Pires 12cm

Travessas
para servir
carnes

Travessas,
de vários
tamanhos

Cálices

Taças
grandes para
sorvete

Taças
pequenas
para sorvete

Copos
pequenos

Conos

copos
grandes
Tigelas para
lavar os
dedos
Pratos para
lavar os
dedos

“Não usaremos travessas de prata, nem serviremos rios de vinho, nem haverá mesas para jogar cartas em toda parte”, afirmou Dodd a Hull.²⁸ “Haverá sempre um esforço para trazer um acadêmico, um cientista ou um literato para que haja alguma conversa proveitosa; e fica entendido que nos recolhemos entre dez e meia e 11 horas. Não fazemos propaganda disso, mas é sabido que não continuaremos aqui se descobirmos que não é possível pagar as despesas com o dinheiro do salário.”

Em carta a Carl Sandburg, escreveu: “Jamais me adaptarei ao hábito de comer demais, beber sete variedades de vinho e não dizer nada, ainda que falando muito, por três longas horas.”²⁹ Temia ser uma decepção para seus funcionários menos graduados e mais ricos, que davam festas por conta própria. “Eles não me entendem”, escreveu, “e eu tenho pena deles.” Desejou a Sandburg que terminasse o mais rapidamente possível seu livro sobre Lincoln, depois lamentou: “Meu *Old South*, que está na metade, provavelmente será enterrado comigo.”

E encerra a carta em tom pesaroso. “Mais uma vez: saudações de Berlim!”

Pelo menos sua saúde era boa, apesar das costumeiras crises de febre do feno, indigestão e transtornos intestinais. Mas, como se prefigurasse o que viria pela frente, seu médico em Chicago, Wilber E. Post — que tinha consultório, apropriadamente, no People’s Gas Building —, enviou a Dodd um memorando que escrevera depois do último check-up, dez anos antes, para que Dodd o usasse como base de referência, a fim de comparar os resultados de futuros exames. Dodd tinha um histórico de enxaquecas, escreveu Post, “com ataques de dor de

cabeça, tontura, fadiga, desânimo e irritabilidade do trato intestinal”, condição, esta última, cujo melhor tratamento era “praticar exercício físico ao ar livre e evitar tensão nervosa e fadiga”.³⁰ Sua pressão arterial era excelente, de dez por seis, mais próxima da de um atleta que da de um homem de meia-idade. “A característica clínica mais notável é que a saúde do Sr. Dodd é boa quando ele tem a oportunidade de praticar atividades físicas ao ar livre e de manter uma dieta amena, com consumo moderado de carne.”

Numa carta anexa ao relatório, o médico escreveu: “Espero que não precise usar isto, mas pode ser útil se precisar.”

* * *

NAQUELA NOITE DE SEXTA-FEIRA, um trem especial, um *Sonderzug*, partiu de Berlim, atravessando a paisagem noturna com destino a Nuremberg.³¹ Conduzia um grupo embaixadores de pequenos países, entre os quais ministros do Haiti, do Sião e da Pérsia. Também levava funcionários de protocolo, estenógrafos, um médico e um grupo de milicianos armados das Tropas de Assalto. Era o trem que deveria ter conduzido Dodd e os embaixadores da França, Espanha e Grã-Bretanha. Originariamente, os alemães tinham planejado usar 14 vagões, mas, devido às recusas ao convite, reduziram para nove.

Hitler já estava em Nuremberg. Chegara na noite anterior para uma cerimônia de boas-vindas, e cada gesto que lhe dizia respeito era coreografado, até o presente dado pelo prefeito da cidade — um famoso quadro de Albrecht Dürer intitulado *O cavaleiro, a morte e o diabo*.³²

CAPÍTULO 13

Meu segredo sombrio

Martha divertia-se nas recepções que tanto cansavam seu pai. Como filha do embaixador americano, adquiriu de imediato uma aura especial, e logo se viu disputada por homens de todos os níveis, idades e nacionalidades. O divórcio do marido bancário, Bassett, ainda estava pendente, mas faltavam apenas formalidades jurídicas. Ela se considerava livre para fazer o que bem quisesse, e para revelar ou não a situação legal de seu casamento. Descobriu que o sigilo era uma ferramenta útil e cativante: por fora, ela parecia a própria jovem americana virgem, mas conhecia e amava o sexo; apreciava especialmente o efeito que provocava num homem quando ele descobria a verdade. “Acho que tapeei bem o corpo diplomático não indicando que eu era uma mulher casada esse tempo todo”, escreveu.¹ “Mas admito que gostava muito de ser tratada como uma donzela de 18 anos, sabendo qual era o meu segredo sombrio.”

Teve muitas oportunidades de conhecer homens. A casa da Tiergartenstrasse estava sempre cheia de estudantes, funcionários alemães, secretários de embaixada, correspondentes e homens do Reichswehr, das SA e das SS. Os oficiais do Reichswehr comportavam-se com *élan* aristocrático e lhe confessavam suas secretas esperanças de restauração da monarquia alemã. Ela os julgava “extremamente agradáveis, bonitos, corteses e desinteressantes”.

Martha chamou a atenção de Ernst Udet, ás da aviação da Grande Guerra, que desde então ficara famoso na Alemanha como aventureiro dos ares, explorador e piloto de acrobacias. Ela foi caçar falcões com outro ás da aviação, como Udet, Göring, em sua vasta propriedade, Carinhall, batizada com o nome de sua falecida mulher sueca. Martha teve um breve caso com Putzi Hanfstaengl, ou, pelo menos, foi o que disse depois o filho dele, Egon.² Ela era francamente sexual, aproveitou bem a casa, tirando proveito do hábito dos pais de irem para a cama cedo. Teve um caso amoroso com Thomas Wolfe quando o escritor visitou Berlim. Wolfe diria posteriormente a um amigo que ela era “como uma borboleta rodeando meu pênis”.³

Um dos seus amantes foi Armand Berard, terceiro secretário da embaixada da França — 1,98 metro de altura e “incrivelmente belo”, lembrava Martha. Antes de convidá-la para sair, ele pediu permissão ao embaixador Dodd, gesto que Martha achou gracioso e divertido. Ela não lhe contou do casamento e, em consequência, para seu segredo deleite, ele a tratou como se fosse sexualmente ingênua. Sabia que tinha um grande poder sobre ele, e que mesmo um gesto ou comentário casual poderia levá-lo ao desespero. Em seus períodos de afastamento, ela se encontrava com outros — e fazia questão de que ele soubesse.

“Você é a única pessoa no mundo que pode acabar comigo”, escreveu-lhe ele a certa altura, “e como tem certeza disso, e como parece gostar de fazê-lo.”⁴

Suplicou que não fosse tão dura. “Não aguento”, escreveu. “Se soubesse como sou infeliz, teria pena de mim.”

Para um de seus admiradores, Max Delbrück, jovem biofísico, a lembrança de sua capacidade de manipulação permaneceu fresca na memória por décadas. Era esbelto, tinha um queixo bem esculpido e uma massa de cabelos negros, rigorosamente penteados, para obter uma aparência que lembrava a do jovem Gregory Peck. Estava destinado à grandeza, incluindo o Prêmio Nobel que lhe seria concedido em 1969.

Numa troca de cartas mais adiante na vida, Martha e Delbrück relembrou o tempo que passaram juntos em Berlim. Ela recordava-se da inocência de ambos, sentados numa das salas de recepção, e quis saber se ele também lembrava.

“Claro que me lembro do salão de damasco verde ao lado da sala de jantar em Tiergartenstrasse”, escreveu ele. Mas suas recordações eram um pouco diferentes: “Não ficamos sentados ali recatadamente.”⁵

Com um pouco de empoirado ressentimento, ele lembrou-lhe o encontro no Romanisches Café. “Você chegou terrivelmente atrasada e começou a bocejar e explicou que bocejava porque se sentia descontraída em minha presença, e aquilo era um elogio para mim.”

E acrescentou, não sem uma razoável dose de ironia: “Fiquei entusiasmado com a ideia (depois de ter me aborrecido), e tenho bocejado para meus amigos desde então.”

Os pais de Martha lhe davam total independência, sem restringirem suas idas e vindas. Não era raro que ficasse até de manhã com os mais variados acompanhantes, mas apesar disso a correspondência da família é surpreendentemente livre de reprovações.

Outros, porém, reparavam e reprovavam, entre eles o cônsul-geral George Messersmith, que manifestou seu desgosto ao Departamento de Estado, jogando mais lenha na fogueira da campanha que silenciosamente se formava contra Dodd. Messersmith sabia do caso de Martha com Udet, o ás da aviação, e acreditava que ela se envolvera em casos românticos com outros nazistas graduados, incluindo Hanfstaengl. Numa carta “pessoal e confidencial” a Jay Pierrepont Moffat, chefe de assuntos da Europa Ocidental, escreveu que esses namoros tinham se tornado combustível para fofocas. Achava-os, na maioria, inofensivos — exceto o caso com Hanfstaengl. Temia que as relações de Martha com Hanfstaengl, e sua aparente falta de discrição, levassem diplomatas e outros informantes a hesitar antes de contarem qualquer coisa a Dodd, com medo de que suas confidências chegassem aos ouvidos do alemão. “De vez em quando tenho vontade de tocar no assunto com o embaixador”, disse Messersmith a Moffat, “mas é uma questão muito delicada, e me limito a deixar bem claro que tipo de gente Hanfstaengl realmente é.”⁶

A opinião de Messersmith sobre o comportamento de Martha consolidou-se com o tempo. Num texto biográfico inédito, ele escreveu que “ela se havia conduzido mal de muitas maneiras, especialmente levando-se em conta a posição ocupada pelo pai”.⁷

O mordomo dos Dodd, Fritz, expressou sua crítica sucintamente: “Aquilo não

era um lar, mas uma casa de má fama.”⁸

* * *

A VIDA AMOROSA DE Martha deu uma guinada sombria quando ela foi apresentada a Rudolf Diels, o jovem chefe da Gestapo. Diels movia-se com facilidade e confiança, mas, ao contrário de Putzi Hanfstaengl, que invadia uma sala, ele entrava com discrição, infiltrando-se como uma névoa maléfica. Sua chegada a uma festa, escreveu Martha, “criava um nervosismo e uma tensão que nenhum outro homem poderia criar, mesmo quando as pessoas não sabiam de sua identidade”.⁹

O que mais chamou a atenção de Martha foi a torturada visão do seu rosto, descrito por ela como “a face mais sinistra, mais marcada por cicatrizes, que já vi”.¹⁰ Uma longa e rasa cicatriz, em forma de “V”, marcava-lhe a face direita; outras lhe corriam por baixo da boca e pelo queixo; uma especialmente profunda formava uma meia-lua na parte inferior da bochecha esquerda. No geral sua aparência era marcante, uma espécie de Ray Milland avariado — uma “beleza cruel, destruída”, nas palavras de Martha.¹¹ Era o oposto da boa aparência insossa dos jovens oficiais do Reichswehr, e ela se sentiu atraída imediatamente por ele, por seus lábios “adoráveis”, seus “abundantes cabelos cor de azeviche” e seus olhos penetrantes.

Ela não era a única a sentir essa atração. Dizia-se que Diels tinha grande charme e era sexualmente talentoso e experiente. Quando estudante, adquirira a reputação de bebedor e mulherengo, de acordo com Hans Bernd Gisevius, homem da Gestapo que estudara na mesma universidade. “Envolvimento com mulheres era rotina para ele”, escreveu Gisevius num texto autobiográfico.¹² Os homens também reconheciam seu charme e seus modos. Quando Kurt Ludecke, um dos primeiros parceiros de Hitler, foi preso e convocado ao escritório de Diels, achou o chefe da Gestapo inesperadamente cordial. “Senti-me à vontade com aquele jovem alto, esbelto e polido, e sua consideração me reconfortou de imediato”, escreveu Ludecke.¹³ “Foi uma ocasião em que as boas maneiras, sem dúvida, fizeram toda a diferença.” E acrescentou: “Voltei para minha cela achando que preferia ser fuzilado por um cavaleiro a ser espancado por um troglodita.” Apesar disso, Ludecke acabou preso, sob “custódia protetora”, num campo de concentração em Brandenburg an der Havel.

O que Martha também achava atraente em Diels era o fato de todo mundo ter medo dele. Diels costumava ser chamado de “Príncipe das Trevas”, e, como Martha descobriu, não se importava nem um pouco com isso. “Ele se divertia cruelmente com suas maneiras mefistofélicas e queria sempre provocar silêncio com sua entrada melodramática.”¹⁴

Desde cedo Diels se aliara estreitamente a Göring e, quando Hitler se tornou chanceler, Göring, como novo ministro prussiano do Interior, recompensou sua lealdade entregando-lhe a chefia da recém-criada Gestapo, apesar de Diels não ser membro do Partido Nazista. Göring instalou a agência numa velha escola de

arte na Prinz-Albrecht-Strasse 8, mais ou menos a duas quadras do consulado dos Estados Unidos na Bellevuestrasse. Quando Dodd chegou a Berlim, a Gestapo já era uma presença aterradora, muito embora não fosse, como se imagina, a entidade que tudo sabia e que tudo via. Seu rol de empregados era “notavelmente pequeno”, de acordo com o historiador Robert Gellately.¹⁵ Ele cita o exemplo da filial da agência em Düsseldorf, uma das poucas de que ainda se tem registros minuciosos. Contava com 291 empregados responsáveis por um território onde viviam quatro milhões de pessoas. Seus agentes, ou “especialistas”, não eram os sociopatas da visão popular, como Gellately descobriu. “Na grande maioria, não eram malucos, dementes ou super-homens, mas terrivelmente comuns.”¹⁶

A Gestapo reforçava a imagem mantendo suas operações e suas fontes de informação em segredo. De repente, do nada, as pessoas recebiam cartões-postais solicitando que comparecessem para responder a perguntas. Esses interrogatórios eram especialmente assustadores. Apesar da forma prosaica, as convocações não poderiam ser descartadas ou ignoradas. Punham os cidadãos na situação de terem de comparecer ao mais aterrador dos edifícios, para responder a acusações de crimes sobre os quais não faziam a menor ideia, com a possibilidade — geralmente imaginária, mas em muitos casos bastante real — de, no final das contas, acabarem num campo de concentração, sob “custódia protetora”. Essa acumulação de incógnitas era o que tornava a Gestapo tão temível. “Não se pode escapar de um perigo que não se sabe qual é”, escreveu o historiador Friedrich Zipfel, “mas uma polícia que opera nas sombras torna-se misteriosamente inquietante. Ninguém se sente seguro em parte alguma. Embora não seja onipresente, ela *pode* aparecer, fazer buscas, prender. O cidadão preocupado não sabe mais em quem confiar.”¹⁷

Sob o comando de Diels, no entanto, a Gestapo desempenhou um papel complexo. Nas semanas que se seguiram à nomeação de Hitler como chanceler, a Gestapo de Diels atuou como freio contra uma onda de violência das SA, durante a qual as Tropas de Assalto arrastaram milhares de vítimas para suas prisões provisórias. Diels encabeçou incursões para fechá-las e encontrou prisioneiros em condições miseráveis, espancados e terrivelmente contundidos, com membros quebrados, quase mortos de inanição, “como massa de barro inanimado”, escreveu ele, “fanteches absurdos de olhos mortiços, queimando de febre, os corpos flácidos”.¹⁸

O pai de Martha gostava de Diels. Para sua surpresa, descobriu que o chefe da Gestapo era prestativo como intermediário para tirar estrangeiros e outros presos de campos de concentração e para pressionar autoridades policiais fora de Berlim a encontrar e punir milicianos das SA responsáveis por ataques a americanos.

Porém Diels não era um santo. Durante sua chefia, milhares de homens e mulheres foram presos, muitos torturados, alguns mortos. Na gestão dele, por exemplo, um comunista alemão chamado Ernst Thälmann foi preso e interrogado na sede da Gestapo. Thälmann deixou um vívido relato. “Mandaram-me tirar as calças, e dois homens me agarraram pela nuca e me puseram num banquinho. Um oficial uniformizado da Gestapo com um chicote de couro de hipopótamo na mão chicoteou-me as nádegas com golpes ritmados.

Enlouquecido de dor, eu gritava com todas as forças dos pulmões.”¹⁹

Na opinião de Diels, a violência e o terror eram ferramentas valiosas para a preservação do poder político. Numa reunião de correspondentes estrangeiros na casa de Putzi Hanfstaengl, Diels disse aos repórteres: “O valor das SA e das SS, do ponto de vista do inspetor-geral responsável pela supressão de tendências e atividades subversivas, está no fato de que elas espalham o terror. É uma coisa saudável.”²⁰

* * *

MARTHA E DIELS PASSEAVAM juntos no Tiergarten, que ganhava rapidamente a fama de ser o lugar no centro de Berlim onde se podia ficar à vontade. Ela adorava especialmente andar pelo parque no outono, em meio ao que chamava de “a dourada morte do Tiergarten”.²¹ Iam juntos ao cinema e a casas noturnas, e passeavam de carro pelo campo. Parece provável que tenham se tornado amantes, apesar de ambos serem casados, Martha, apenas do ponto de vista técnico; Diels, só para constar, devido a seu pendor para o adultério. Martha adorava ser conhecida como a mulher que dormia com o demônio — e parece fora de dúvida que tenha dormido com ele, embora seja igualmente provável que Dodd, semelhante a pais ingênuos de qualquer época e de qualquer lugar, nem sequer suspeitasse. Messersmith suspeitava, assim como Raymond Geist, seu vice. Geist queixou-se a Wilbur Carr, chefe dos serviços consulares em Washington, que a filha do embaixador era uma jovem “muito indiscreta” que tinha o “hábito de sair à noite com o chefe da Polícia Secreta nazista, um homem casado”.²² Geist a ouvira chamar Diels em público por diversos nomes carinhosos, como “meu queridinho”.

Quanto mais conhecia Diels, mais Martha percebia que ele também tinha medo. Diels sentia-se como se estivesse “constantemente sob a mira de uma arma de fogo”, escreveu ela.²³ Ficava à vontade em seus passeios de automóvel, quando ninguém ouvia suas conversas ou monitorava seu comportamento. Os dois paravam para caminhar por florestas e tomar café em lugares remotos e poucos conhecidos. Ele lhe contava que, na hierarquia nazista, todos desconfiavam de todos; que Göring e Goebbels se desprezavam e se espionavam reciprocamente; que ambos espionavam Diels; e que Diels e seus homens os espionavam também.

Foi graças ao comandante da Gestapo que ela começou a moderar sua visão idealista da revolução nazista. “Diante de meus olhos românticos, surgiu (...) uma vasta e complicada rede de espionagem, terror, sadismo e ódio, da qual ninguém, no setor oficial ou privado, podia escapar.”²⁴

Nem mesmo Diels, como logo ficaria demonstrado.

CAPÍTULO 14

A morte de Boris

Houve outro amante na vida de Martha, o mais importante de todos, um malfadado russo que influenciaria o resto de sua vida.

Ela o viu pela primeira vez em meados de setembro de 1933, numa das muitas festas oferecidas por Sigrid Schultz no apartamento em que vivia com a mãe e dois cachorros. Como de hábito, Schultz serviu sanduíches, feijão assado e salsichas que a mãe preparara, além de cerveja, vinho e bebidas destiladas em abundância — o que costumava fazer com que até mesmo os convidados nazistas deixassem de lado a doutrina em favor da diversão e da fofoca. No meio de uma conversa, Martha percorria a sala com os olhos quando viu um homem alto e bonito no centro de um grupo de correspondentes. Não era bonito no sentido convencional, mas era bastante atraente — talvez trinta anos, cabelos castanhos muito claros e curtos, olhos notavelmente luminosos e um jeito descontraído, suave. Movimentava as mãos ao falar, e Martha viu que seus dedos eram longos e flexíveis. “Tinha uma boca e um lábio superior incomuns”, disse uma amiga de Martha, Agnes Knickerbocker, mulher do correspondente H. R. “Knick” Knickerbocker.¹ “Eu só saberia descrevê-la dizendo que ia da seriedade à gargalhada numa explosiva fração de segundo.”

Enquanto Martha o observava, ele se virou e olhou para ela. Ela sustentou o olhar por alguns instantes, depois olhou noutra direção e envolveu-se noutra conversa. (Num relato publicado posteriormente, ela lembraria em minúsculos detalhes aquele momento e outros que viriam.)² Ele também se virou para outro lado — mas, quando veio a manhã e a noite destilou-se em seus elementos essenciais, foi aquele encontro de olhares que ficou gravado na memória dos dois.

Semanas depois eles voltaram a se encontrar. Knick e a mulher tinham convidado Martha e alguns amigos para uma noite de drinques e dança no Ciro, popular casa noturna que contratava jazzistas negros, num duplo ato de desafio, dada a obsessão do Partido Nazista com a pureza racial e sua condenação do jazz — “o jazz negro-judeu”, no jargão do partido — como música degenerada.

Knick apresentou Martha ao homem alto que ela vira na festa de Sigrid Schultz. Seu nome era Boris Winogradov (pronuncia-se “Vinogradov”). Poucos minutos depois, ele apareceu à sua mesa, sorridente e inibido.

— *Gnädiges Fräulein* — disse, fazendo a costureira saudação alemã, que quer dizer “querida senhorita”. E convidou-a para dançar.

Martha ficou impressionada com a beleza de sua voz, por ela descrita como meio barítono, meio tenor. “Meliflua”, escreveu. A voz a comoveu, “tocou meu coração e, por um momento, me deixou sem palavras e sem fôlego”. Ele estendeu-lhe a mão para tirá-la da mesa cheia.

Ela logo descobriu que sua graça natural tinha limites. Ele desfilava com ela pela pista de dança, “pisando em meus dedos, tropeçando nas pessoas, o braço direito rigidamente levantado, virando a cabeça de um lado para outro para evitar novas colisões”.

Disse para ela:

— Não sei dançar.

Era tão óbvio que Martha explodiu numa risada.

Boris também riu. Ela gostou do riso e de sua “aura de gentileza”.

Poucos momentos depois, ele falou:

— Trabalho na embaixada soviética. *Haben Sie Angst?*

Ela riu de novo:

— Claro que não. Por que deveria ter medo? De quê?

— Certo — disse ele. — Você é uma cidadã independente, e, com você, eu também sou.

Ele a puxou para mais perto. Era esbelto, tinha ombros largos e olhos que lhe pareceram lindos, azul-esverdeados salpicados de dourado. Os dentes irregulares de algum modo lhe realçavam o sorriso. Ria com facilidade.

— Já a vi várias vezes — disse ele. A última, lembrou-lhe, tinha sido na casa de Schultz.³ — *Erinnern Sie sich?* Você se lembra?

Do contra por natureza, Martha não quis parecer alvo fácil. Falou com voz “evasiva”, mas admitiu o fato.

— Sim — disse —, eu me lembro.

Dançaram mais um pouco. Quando a levou de volta à mesa dos Knickerbocker, debruçou-se sobre ela e perguntou:

— *Ich möchte Sie sehr wiederzusehen. Darf ich Sie anrufen?*

O sentido era claro para Martha, apesar do seu alemão limitado — Boris queria saber se poderia vê-la de novo.

Ela disse a Boris:

— Sim, pode aparecer.

Martha dançou com outros. Em dado momento, olhou para sua mesa e o viu sentado ao lado dos Knickerbocker. Ele a observava.

“Por incrível que pareça”, escreveu ela, “tive a sensação, depois que eles partiram, de que o ar à minha volta estava mais luminoso e vibrante.”

* * *

DIAS DEPOIS, BORIS APARECEU. Foi de carro até a casa dos Dodd, apresentou-se a Fritz, o mordomo; depois subiu as escadas para o andar principal levando um buquê de flores do outono e um disco fonográfico. Não lhe beijou a mão, o que era bom sinal, pois esse ritual alemão a aborrecia. Depois de um rápido preâmbulo, entregou-lhe o disco.

— Você não conhece música russa, conhece, *gnädiges Fräulein*? Já ouviu “A morte de Boris”, de Mussorgsky?

E acrescentou:

— Espero que não seja a minha morte que vou tocar para você.

Ele riu; ela não achou graça. Pareceu-lhe um “presságio” de algo sombrio que viria.

Ouviram a música — a cena da morte da ópera de Modest Mussorgsky *Boris Godunov*, cantada pelo famoso baixo russo Fyodor Chaliapin — e depois Martha mostrou-lhe a casa, terminando na biblioteca. De um lado ficava a mesa do pai, imensa e escura, as gavetas sempre trancadas. O sol de fim de outono entrava pelos vitrais em dobras de luz matizada. Ela o conduziu a seu sofá predileto.

Boris estava encantado.

— Este é o nosso canto, *gnädiges Fräulein!* — exclamou. — Melhor do que qualquer outro.

Martha sentou-se no sofá; Boris puxou uma cadeira. Ela chamou Fritz e lhe pediu que trouxesse cerveja e um cardápio informal de *pretzels*, cenoura e pepinos em fatias e pedaços de queijo quente, coisas que sempre pedia ao receber visitas não oficiais.

Fritz trouxe a comida, pisando de leve, quase como se quisesse escutar. Boris supôs, corretamente, que o mordomo tinha raízes eslavas. Os dois homens trocaram amabilidades.

Aproveitando a descontração de Boris, Fritz gracejou:

— Vocês, comunistas, incendiaram mesmo o Reichstag?

O convidado sorriu-lhe, piscando.

— É claro que sim — disse. — Você e eu, nós dois juntos. Não se lembra da noite em que estivemos na casa de Göring e alguém nos mostrou a passagem secreta para o Reichstag?

Era uma alusão à teoria bastante difundida de que uma turma de incendiários nazistas tinha secretamente passado do palácio de Göring para o Reichstag por um túnel subterrâneo entre os dois edifícios. Esse túnel, de fato, existia.

Os três riram. Aquele arremedo de cumplicidade no incêndio do Reichstag se tornaria uma piada entre Boris e Fritz, repetida nas formas mais variadas, para grande deleite do pai de Martha — muito embora o mordomo fosse, “quase com certeza, agente da polícia secreta”.

Fritz voltou com vodca. Boris serviu-se de uma grande dose e engoliu-a num trago. Martha instalou-se no sofá. Dessa vez, ele sentou-se a seu lado. Bebeu uma segunda dose de vodca, que pareceu não fazer efeito.

— Desde que a vi pela primeira vez — começou ele. Hesitou, e disse: — Pode ser, me pergunto?

Ela compreendeu o que ele tentava dizer, e a rigor também sentia uma atração instantânea e poderosa, mas não estava inclinada a ceder tão depressa. Lançou-lhe um olhar inexpressivo.

Ele ficou sério. Submeteu-a a um longo interrogatório. Que fazia em Chicago? Como eram seus pais? Que pretendia fazer no futuro?

As perguntas mais pareciam uma entrevista do que uma conversa de primeiro encontro. Martha achou um pouco constrangedor, mas respondeu com paciência. Pelo que sabia, era assim que os homens soviéticos se comportavam. “Eu jamais tinha conhecido um comunista *de verdade*, ou um *russo*”, escreveu, “e imaginei que devia ser assim que eles conheciam alguém.”

Durante a conversa, ambos consultaram dicionários de bolso. Boris sabia algum inglês, mas não muito, e conversava basicamente em alemão. Martha não sabia russo, por isso usava uma mescla de alemão e inglês.

Apesar de custar-lhe um bom esforço, ela contou a Boris que seus pais vinham de antigas famílias sulistas de proprietários de terras, “cada um tão rico de ancestrais quanto o outro, e quase puramente britânicos: escoceses-irlandeses, ingleses e galeses”.

Boris riu.

— Não é tão puro assim, não é?

Com uma nota de orgulho inconsciente na voz, ela acrescentou que ambas as famílias tiveram escravos:

— A de minha mãe, uns 12. A de meu pai, cinco ou seis.

Boris ficou calado. Sua expressão adquiriu um súbito ar de tristeza.

— Martha — disse ele —, você certamente não sente orgulho de seus ancestrais terem sido donos de outros seres humanos.

Segurou-lhe as mãos e olhou-a nos olhos. Até aquele momento, o fato de seus ancestrais terem possuído escravos sempre lhe parecera apenas um elemento interessante de sua história pessoal, testemunho de suas profundas raízes americanas. Agora, subitamente, ela o via pelo que era: um triste capítulo a ser lamentado.

— Não quis contar vantagem — disse ela. — Acho que lhe dei essa impressão. — Pediu desculpas e imediatamente teve raiva de si mesma por isso. Ela admitiu que era uma “moça combativa”. — Mas temos uma longa tradição nos Estados Unidos — falou. — Não somos recém-chegados.

Boris achou hilariante sua atitude defensiva, e riu com gosto.

No instante seguinte, adotou uma expressão e um tom de voz que ela se lembrava de ter achado “solenes ao extremo”.

— Parabéns, minha nobre, graciosa, pequena Martha! Eu também sou de linhagem antiga, ainda mais do que a sua. Sou descendente direto do homem de Neandertal. E puro? Sim, *puramente humano*.

Eles se tiraram um contra o outro, às gargalhadas.

* * *

TORNARAM-SE COMPANHEIROS assíduos, embora tentassem manter esse relacionamento o mais discreto possível. Os Estados Unidos ainda não tinham reconhecido a União Soviética (e só o fariam em 16 de novembro de 1933). O fato de a filha do embaixador americano andar abertamente em companhia de um primeiro-secretário da embaixada soviética em recepções oficiais poria tanto o pai dela quanto Boris em risco de receberem críticas de dentro e de fora de seus governos. Ela e o primeiro-secretário saíam cedo das recepções diplomáticas, depois se encontravam para comer em segredo em restaurantes finos como Horcher, Pelzer, Habel e Kempinski. Para reduzir um pouco os custos, Boris também cultivava a amizade de chefs de restaurantes pequenos e

baratos, dando-lhes instruções para preparar os pratos de que gostava. Depois do jantar, ele e Martha iam dançar no *Ciro* ou no clube que ficava na cobertura do *Eden Hotel*, ou em cabarés políticos como o *Kabarett der Komiker*.

Algumas noites Martha e Boris se juntavam aos correspondentes reunidos no *Die Taverne*, onde Boris era sempre bem-vindo. Os repórteres gostavam dele. O agora exilado *Edgar Mowrer* achava-o uma agradável novidade em relação aos outros funcionários da embaixada soviética. Boris, lembrava-se, falava com franqueza, sem nenhum servilismo à doutrina do partido, e “parecia não ter medo nenhum da censura que mantinha calados outros funcionários da embaixada”.⁴

Como outros admiradores de Martha, ele tentava fugir da intromissão nazista levando-a para longos passeios de carro pelo campo. Tinha um *Ford* conversível, que amava profundamente. *Agnes Knickerbocker* lembrava-se de que ele “fazia alguma cerimônia, calçando suas finas luvas de couro, antes de pegar o volante”.⁵ Era “inabalavelmente comunista”, escreveu ela, mas “gostava das chamadas boas coisas da vida”.

Andava quase sempre com a capota abaixada, fechando-a apenas nas noites muito frias. A medida que sua relação com Martha se aprofundava, ele insistia em passar o braço em torno dela quando dirigia. Parecia ter necessidade de tocá-la o tempo todo. Botava a mão dela em seu joelho ou enfiava os dedos dela em sua luva. Às vezes faziam esses passeios tarde da noite, e iam até o amanhecer, escreveu Martha, “para saudar o sol nascente nas florestas verde-escuras salpicadas do dourado do outono”.

Apesar de seu inglês limitado, ele aprendeu, e adorou, a palavra “*darling*” (querida), usando-a a qualquer pretexto. Também empregava termos carinhosos russos, que se recusava a traduzir, alegando que se o fizesse perderiam sua beleza. Em alemão, chamava-a de “minha menina”, ou “minha doce menina”, ou “minha pequena”. Ela supunha que isso se devia em parte à sua estatura, em parte à ideia geral que fazia do seu caráter e da sua maturidade. “Uma vez, ele me disse que eu tinha uma ingenuidade e um idealismo que ele não conseguia compreender”, escreveu ela. Martha sentia que Boris a achava “frívola” demais para sequer tentar doutriná-la sobre os princípios do comunismo. Aquele foi um período, admitia ela, no qual “devo ter parecido uma jovem americana muito ingênua e teimosa, um vexame para as pessoas sensatas que eu conhecia”.

Ela descobriu que Boris também encarava o mundo com leveza, pelo menos externamente. “Aos 31 anos”, escreveu, “ele tinha uma alegria e uma fé infantis, um humor estouvado e um charme que não se encontra com frequência em homens maduros.” De vez em quando, porém, a realidade se intrometia no que Martha chamava de seu “mundo de sonhos pessoais de jantares e concertos, teatros e alegres festividades”. Ela percebia nele um viés de tensão. Consternava-o, em especial, a facilidade com que o mundo aceitava os protestos de paz de Hitler, apesar de o chanceler, obviamente, preparar o país para a guerra. A União Soviética parecia um alvo provável. Outra fonte de tensão era o fato de a embaixada soviética reprovar seu relacionamento com Martha. Os superiores emitiram uma reprimenda. Ele a ignorou.

Martha, enquanto isso, sentia pressão de uma espécie menos oficial. O pai

gostava de Boris, achava ela, mas por vezes era reticente na presença dele, “até mesmo hostil”. Ela atribuía esse comportamento ao medo do pai de que ela e Boris se casassem.

“Meus amigos e minha família estão incomodados conosco”, disse ela a Boris. “O que pode vir disso? Só complicações, alguma alegria agora, e depois, talvez, muito desespero.”

* * *

NUM DOS SEUS ENCONTROS em setembro, Boris e Martha prepararam um lanche e saíram de carro para um piquenique no campo. Encontraram uma clareira reservada, onde estenderam a manta. O ar estava impregnado do aroma de grama recém-cortada. Quando Boris se deitou na manta, olhando para o céu com um sorriso, Martha arrancou um pedaço de hortelã e lhe fez cócegas no rosto.

Ele guardou a ervinha, como ela descobriria mais tarde. Era um romântico, um colecionador de tesouros. Mesmo nesse início de relacionamento, estava profundamente apaixonado — e também era observado de perto.

Aquela altura, Martha parecia não saber o que muitos correspondentes suspeitavam: que Boris não era um simples primeiro-secretário de embaixada, mas um agente da inteligência soviética, a NKVD, precursora da KGB.

CAPÍTULO 15

O “problema judaico”

Como embaixador, o principal ponto de contato de Dodd com o governo alemão era Neurath, o ministro do Exterior. Estimulado pelo incidente de Kaltenborn, Dodd marcou encontro com o ministro na quinta-feira de manhã, 14 de setembro de 1933, para apresentar um protesto formal, não apenas contra aquele episódio em particular, mas também contra muitos outros ataques a americanos e a aparente má vontade do regime em levar os responsáveis à justiça.

A conversa foi no gabinete de Neurath, no Ministério do Exterior, na Wilhelmstrasse.

Começou em tom amistoso, com uma discussão sobre questões econômicas, mas a atmosfera logo ficou tensa quando Dodd tocou no assunto das “brutalidades das SS” e mencionou meia dúzia de incidentes.¹ O mais recente tinha ocorrido em 31 de agosto em Berlim — o incidente com Samuel Bossard, atacado por membros da Juventude Hitlerista porque não fizera a saudação de Hitler. Uma semana antes, outro americano, Harold Dahlquist, apanhara de um miliciano das Tropas de Assalto porque não tinha parado para assistir a um desfile das SA. No geral, a frequência desses ataques diminuía, em comparação com a primavera do ano anterior, mas incidentes continuavam a ocorrer ao ritmo constante de um ou dois por mês. Dodd advertiu Neurath de que os relatos desses ataques na imprensa tinham causado danos reais à reputação da Alemanha nos Estados Unidos, ressaltando que isso acontecia apesar dos seus próprios esforços para silenciar a cobertura negativa de correspondentes americanos. “Devo dizer-lhe que a embaixada se empenhou com sucesso em várias ocasiões para impedir que eventos sem importância fossem noticiados, e recomendou aos jornalistas que não exagerassem em suas reportagens”, disse ele a Neurath.

Dodd revelou ainda que uma vez seu próprio carro fora parado e revistado, aparentemente por um oficial das SA, mas que ele impedira a divulgação do episódio “para evitar discussões generalizadas que, como o senhor sabe, teriam sido inevitáveis”.

Neurath agradeceu-lhe e disse que estava ciente dos esforços de Dodd para atenuar a cobertura jornalística da violência das Tropas de Assalto, inclusive do incidente que Martha e Bill Jr. tinham testemunhado em Nuremberg. Declarou-se muito agradecido.

Dodd tratou então do episódio Kaltenborn. Disse ao ministro que a reação nos Estados Unidos poderia ter sido muito pior se o próprio Kaltenborn se dispusesse a divulgá-lo. “Ele teve a generosidade de nos pedir que impedíssemos a divulgação de qualquer relato sobre o episódio, e tanto Messersmith quanto eu insistimos junto à imprensa americana para que não houvesse menção à história”, afirmou Dodd. “Mas ela foi divulgada e fez um mal incalculável à Alemanha.”

Neurath, apesar de conhecido por não demonstrar emoção em público, ficou bastante perturbado, novidade que merecia registro, como Dodd o fez num memorando “estritamente confidencial” que redigiu no fim daquele dia. Disse que conhecia Kaltenborn em pessoa, e condenou o ataque, qualificando-o de brutal e injustificado.

O embaixador observou-o. Neurath parecia sincero, mas nos últimos tempos o ministro do Exterior vinha demonstrando uma queda por concordar e não fazer nada.

Dodd advertiu que, se os ataques continuassem e os agressores não fossem castigados, os Estados Unidos poderiam ser forçados a “divulgar uma declaração que prejudicaria muito a avaliação da Alemanha no mundo inteiro”.

Neurath ficou vermelho.

Dodd continuou, como se passasse um sermão num estudante rebelde: “Não consigo entender por que seus funcionários permitem tal comportamento ou por que não percebem que se trata de um dos problemas mais sérios em nossas relações.”

Neurath alegou que, na semana anterior, havia abordado o assunto diretamente com Göring e Hitler. Ambos, segundo ele, haviam lhe assegurado de que usariam sua influência para impedir novas agressões. Neurath prometeu o mesmo.

Dodd insistiu, entrando em terreno ainda mais minado: o “problema” judaico, como Dodd e Neurath o qualificavam.

O ministro do Exterior perguntou a Dodd se os Estados Unidos “não tinham um problema judaico” também.

— O senhor sabe, é claro, que vez por outra temos nossas dificuldades, nos Estados Unidos, com judeus que adquiriram influência excessiva em certos departamentos da vida intelectual e empresarial — respondeu o embaixador. Acrescentou que alguns dos seus pares em Washington lhe disseram, confidencialmente, que “compreendem as dificuldades da Alemanha a esse respeito, mas nem por um instante concordam com o método de solucionar o problema que, com tanta frequência, degenera em total brutalidade”.

Dodd narrou seu encontro com Fritz Haber, o químico.

— Sim — disse Neurath —, conheço Haber e o considero um dos maiores químicos da Europa.

Neurath admitiu que o tratamento dos judeus na Alemanha era obstinadamente errôneo e disse que seu ministério defendia uma abordagem mais humana. Afirmou que via sinais de mudança. Contou que naquela semana tinha ido assistir às corridas em Baden-Baden e três importantes judeus se sentaram com ele na tribuna, junto com outros funcionários do governo, “e não houve demonstrações de hostilidade”.

Dodd disse:

— Os senhores não podem esperar que a opinião mundial sobre sua conduta melhore enquanto líderes eminentes, como Hitler e Goebbels, anunciam nas tribunas, como fizeram em Nuremberg, que todos os judeus devem ser varridos da face da terra.

Dodd levantou-se para sair. E, voltando-se para Neurath, perguntou:

— Vamos ter guerra?

Mais uma vez Neurath corou:

— Jamais!

À porta, Dodd disse ainda:

— Os senhores precisam entender que a Alemanha será arruinada se houver outra guerra.

E saiu do prédio, “com certo receio de ter sido franco e crítico demais”.

* * *

NO DIA SEGUINTE, o cônsul americano em Stuttgart, Alemanha, mandou um comunicado “estritamente confidencial” para Berlim, informando que a Companhia Mauser, de sua jurisdição, aumentara de súbito a produção de armas. Escreveu o cônsul: “Não se pode mais alimentar dúvidas de que uma preparação em larga escala para uma retomada de agressão contra outros países está sendo planejada na Alemanha.”²

Logo depois, o mesmo cônsul informou que a polícia alemã passara a vigiar as estradas com rigor, parando viajantes rotineiramente e submetendo seus carros e bagagens a minuciosa inspeção.

Numa notória ocasião, o governo ordenara a paralisação nacional de toda forma de tráfego entre o meio-dia e as 12h40, para que a polícia pudesse revistar trens, caminhões e carros.³ A explicação oficial, citada por jornais alemães, foi a de que a polícia procurava armas, propaganda estrangeira e provas de resistência comunista. Os céticos berlinenses preferiram acreditar em outra teoria que circulava pelas rodas da cidade: o que a polícia na verdade esperava encontrar, e confiscar, eram exemplares de jornais suíços e austríacos que traziam alegações de que o próprio Hitler talvez tivesse ancestrais judeus.

CAPÍTULO 16

Um pedido secreto

Os ataques contra americanos, seus próprios protestos, a imprevisibilidade de Hitler e de seus auxiliares e a necessidade de pisar com tanta delicadeza em face da conduta oficial, que em qualquer outro lugar poderia levar os responsáveis à prisão — tudo isso desgastava Dodd. Afligiam-no as dores de cabeça e os problemas de estômago. Em carta a um amigo, descreveu sua embaixada como “este negócio desagradável e difícil”.¹

Além disso, ainda havia os problemas cotidianos que até embaixadores precisam resolver.

Em meados de setembro, os Dodd começaram a ouvir muito barulho vindo do quarto andar da casa na Tiergartenstrasse, supostamente ocupado apenas por Panofsky e sua mãe. Sem que Dodd fosse avisado, uma equipe de carpinteiros chegou e todos os dias às sete da manhã começava a martelar e serrar, produzindo um clamor que se estenderia por duas semanas. Em 18 de setembro, Panofsky escreveu uma carta a Dodd: “Por meio desta informo-lhe que, no começo do próximo mês, minha mulher e meus filhos retornarão a Berlim, depois de sua temporada no campo. Estou convencido de que o conforto de sua excelência e da Sra. Dodd não será prejudicado, pois meu desejo é tornar sua estada em minha casa o mais confortável possível.”²

Panofsky instalou a mulher e os filhos no quarto andar, junto com vários empregados.

Dodd ficou chocado. Redigiu uma carta a Panofsky, que depois editou severamente, riscando e modificando todas as frases, claramente consciente de que aquilo era mais do que uma simples questão entre locador e locatário. Panofsky trazia a família de volta a Berlim porque a presença de Dodd garantia sua segurança. No primeiro rascunho da carta, o embaixador sugeria que agora talvez tivesse de se mudar com a família, e repreendia Panofsky por não ter revelado seus planos em julho. Tivesse feito isso, escreveu Dodd, “não estaríamos agora em posição tão constrangedora”.³

O texto final foi bem mais delicado. “Ficamos muito felizes em ouvir sobre seu reencontro com a família”, escreveu ele em alemão. “Nossa única preocupação é que seus filhos não disporão da mesma liberdade de transitar à vontade em sua própria casa. Compramos nossa residência em Chicago para que nossos filhos pudessem usufruir dos benefícios das atividades ao ar livre. Entristeceria-me a sensação de que poderíamos obstruir a livre movimentação a que seus filhos têm direito. Se soubéssemos de seus planos em julho, não nos encontraríamos agora nesta situação delicada.”

Os Dodd, como inquilinos maltratados em qualquer lugar, decidiram primeiro ter paciência, esperando que o barulho de crianças e empregados diminuisse.

Não diminuiu. O bulício das idas e vindas e a aparição repentina de crianças

pequenas criavam situações embaraçosas, especialmente quando os Dodd recebiam diplomatas e altos funcionários do Reich, estes últimos já propensos a menosprezar os hábitos frugais de Dodd — os ternos comuns, as caminhadas para o trabalho, o velho Chevrolet. E agora a aparição inesperada de uma família inteira de judeus.

“Havia barulho de mais, perturbação de mais, especialmente porque os deveres do meu cargo exigiam frequentes recepções”, escreveu Dodd num memorando. “Acho que qualquer um diria que foi um ato de má-fé.”⁴

Dodd consultou um advogado.

Os problemas de seu senhorio e as crescentes demandas do cargo tornavam cada vez mais difícil para Dodd achar tempo para trabalhar em seu *Old South*. Só conseguia escrever durante rápidos intervalos, à noite ou nos fins de semana. Era sempre uma luta encontrar livros e documentos que nos Estados Unidos seriam facilmente localizados.

O que mais lhe pesava, entretanto, era a irracionalidade do mundo onde fora parar. Até certo ponto, Dodd era prisioneiro de sua própria formação. Como historiador, aprendera a ver o mundo como produto de forças históricas e das decisões de pessoas mais ou menos racionais, e esperava que os homens à sua volta se conduzissem de maneira cortês e coerente. Mas o governo de Hitler não era cortês nem coerente, e o país avançava cambaleando de um momento inexplicável para outro.

Até mesmo a linguagem usada por Hitler e pelos funcionários do partido era estranhamente invertida. O termo “fanático” tornou-se característica positiva. De repente passou a conotar o que o filólogo Victor Klemperer, judeu que morava em Berlim, descreveu como “feliz mistura de coragem e fervorosa devoção”.⁵ Os jornais controlados pelos nazistas noticiavam uma interminável sucessão de “juramentos fanáticos”, “declarações fanáticas” e “crenças fanáticas” — tudo coisa boa. Göring era descrito como “amante fanático dos animais”. *Fanatischer Tierfreund*.

Algumas palavras muito antigas adquiriam uso moderno sinistramente robusto, segundo Klemperer. *Übermensch*: super-homem. *Untermensch*: subumano, ou seja, “judeu”. Palavras inteiramente novas apareciam também, entre elas *Strafexpedition* — “expedição punitiva” — o termo que as Tropas de Assalto usavam em suas incursões aos bairros judeus e comunistas.

Klemperer detectou certa “histeria de linguagem” no novo dilúvio de decretos, alertas e intimidações — “Essa ameaça perpétua de aplicar a pena de morte!” —, e nos estranhos, inexplicáveis episódios de excesso paranoico, como a recente busca nacional. Em tudo isso, ele via um esforço deliberado para criar uma espécie de suspense diário, “copiado de *thrillers* e filmes americanos”, que ajudava a manter as pessoas na linha. Via nisso também uma manifestação de insegurança dos ocupantes do poder. No final de julho de 1933, Klemperer assistiu a um cinejornal no qual Hitler, de punhos cerrados e rosto contorcido, gritava: “Em 30 de janeiro, eles” — e aqui Klemperer identificou uma referência aos judeus — “riram de mim — um riso que será apagado de seus rostos!” Klemperer ficou impressionado com o fato de que, apesar de tentar transmitir uma sensação de onipotência, Hitler parecia tomado de uma raiva

violenta e descontrolada, cujo efeito paradoxal era enfraquecer a afirmação jactanciosa de que o novo Reich duraria mil anos e de que todos os inimigos seriam aniquilados. Perguntava-se Klemperer se alguém falaria com raiva tão cega “se estivesse tão seguro desse vigor e dessa aniquilação”.

Ele saiu do cinema aquele dia “com algo que quase equivalia a um vislumbre de esperança”.

* * *

NO MUNDO FORA DAS janelas de Dodd, no entanto, as sombras adensavam-se. Houve outro ataque contra um americano, um representante da Woolworth, cadeia de lojas de artigos populares, chamado Roland Velz, agredido em Düsseldorf em 8 de outubro de 1933, um domingo, quando passeava com a mulher numa das principais ruas da cidade.⁶ Como tantas outras vítimas, o casal cometera o pecado de ignorar um desfile das SA. Um irado miliciano das Tropas de Assalto atingiu Velz com dois golpes violentos no rosto e seguiu adiante. Quando a vítima tentou convencer um policial a prender o homem, o oficial recusou-se. Velz queixou-se então a um tenente da polícia em pé ali perto, que também se recusou a agir. Em vez disso, deu-lhe uma aula rápida sobre como e quando fazer a saudação.

Dodd enviou duas notas de protesto para o Ministério do Exterior exigindo ação imediata para que o agressor fosse preso. Não obteve resposta. Mais uma vez ele avaliou se valia a pena pedir ao Departamento de Estado que “anunciasse ao mundo que americanos não estão seguros na Alemanha, e que seria melhor que os viajantes evitassem o país”, mas achou melhor não pedir.

A perseguição a judeus continuava, de forma cada vez mais sutil e generalizada, à medida que avançava o processo de *Gleichschaltung*. Em setembro, o governo estabeleceu a Câmara de Cultura do Reich, sob controle de Goebbels, para obrigar músicos, atores, pintores, escritores, repórteres e cineastas a um alinhamento ideológico e, sobretudo, racial. No começo de outubro, o governo baixou a Lei Editorial, que proibia judeus de trabalharem em jornais e editoras, e que deveria entrar em vigor em 1º de janeiro de 1934. Nada era tão insignificante que não merecesse atenção: o Ministério dos Correios ordenou que, a partir de então, ao soletrar uma palavra ao telefone, ninguém poderia mais dizer “D de Davi”, porque “Davi” era nome judeu.⁷ Teria de usar “Dora”. “Samuel” tornou-se “Siegfried”. E assim por diante. “Nunca houve nada na história social mais implacável, mais desalmado e mais devastador do que a política atual da Alemanha contra os judeus”, disse o cônsul-geral Messersmith ao subsecretário Phillips numa longa carta datada de 29 de setembro de 1933.⁸ Escreveu ele: “É, definitivamente, intenção do governo, e pouco importa o que ele diga fora ou dentro do país, eliminar os judeus da vida alemã.”

Por algum tempo, Messersmith estivera convencido de que a crise econômica da Alemanha destituiria Hitler. Não estava mais. Via agora Hitler, Göring e Goebbels firmemente alojados no poder. “Não sabem praticamente

nada do que diz respeito ao mundo exterior”, escreveu. “Sabem apenas que na Alemanha podem fazer o que quiserem. Sentem o seu poder dentro do país, e, assim, estão embriagados dele.”

Messersmith sugeriu que a solução poderia ser uma “intervenção externa enérgica”.⁹ Mas advertiu que uma ação dessa natureza teria de ser tomada com rapidez. “Se houvesse intervenção de outras potências agora, provavelmente metade da população ainda a veria como a salvação”, escreveu. “Se demorar demais, essa intervenção pode deparar com uma Alemanha praticamente unida.”

Uma coisa era certa, acreditava Messersmith: a Alemanha agora representava um risco real e uma grave ameaça ao mundo. Chamava-a de “a ferida que pode perturbar nossa paz nos anos vindouros”.

* * *

DODD COMEÇOU A MANIFESTAR os primeiros sinais de desânimo e de profunda fadiga.

“Nada aqui parece prometer muito”, escreveu ele para o coronel Edward M. House, seu amigo, “e, cá entre nós, não duvido pouco da sabedoria de ter dado a entender, na primavera passada, que eu poderia ser útil na Alemanha.”¹⁰ Tenho um volume de *Old South* pronto, ou quase pronto, para publicação. Ainda faltam três. Trabalhei vinte anos nesse tema, e não gostaria de correr um risco muito grande de jamais terminá-lo.” E conclui: “Agora estou aqui, com 64 anos, ocupando-me de dez a 15 horas por dia! Indo a lugar algum. Mas, se eu renunciasse, complicaria as coisas.” Para a amiga Jane Addams, a reformadora que fundou a Hull House em Chicago, escreveu: “Prejudica meu trabalho em história e não tenho a menor certeza de que agi certo ao tomar minha decisão em junho passado.”¹¹

Em 4 de outubro de 1933, quando mal completara três meses no posto, Dodd enviou ao secretário Hull uma carta identificada como “confidencial e apenas para o senhor”. Citando a umidade do outono em Berlim e o clima do inverno, e o fato de não ter tido férias desde março, pedia permissão para tirar uma prolongada licença no começo do ano, a fim de passar algum tempo em sua fazenda e dar aulas em Chicago. Planejava deixar Berlim no fim de fevereiro e voltar três meses depois.

Pediu a Hull que guardasse segredo sobre sua solicitação. “Por favor, não fale no assunto com outras pessoas, se o senhor mesmo tiver dúvida.”¹²

Hull concedeu-lhe a licença pedida, sugerindo que àquela altura não concordava com a avaliação de Messersmith sobre a ameaça grave e cada vez maior que a Alemanha representava. Os diários do subsecretário Phillips e do chefe de assuntos da Europa Ocidental Moffat deixam claro que a maior preocupação do Departamento de Estado no que dizia respeito à Alemanha ainda era sua imensa dívida com os credores americanos.

CAPÍTULO 17

A escapada de Lúcifer

Com a vinda do outono, o desafio que representava para Martha lidar com seu séquito de admiradores tornou-se um pouco menos intimidador, embora por uma razão inquietante. Diels desapareceu.

Uma noite, no começo de outubro, ele trabalhava tarde da noite em seu escritório na Prinz-Albrecht-Strasse 8 quando, mais ou menos à meia-noite, recebeu um telefonema da mulher, Hilde, que parecia muito angustiada. Como ele mesmo contou posteriormente em *Lucifer Ante Portas* (Lúcifer ao Portão), um texto autobiográfico —, sua mulher lhe disse que uma “horda” de homens armados, em uniformes negros, invadira o apartamento, trancara-a num quarto e fizera uma busca agressiva, juntando diários, cartas e outras pastas que Diels guardava lá. Ele correu para casa e conseguiu reunir informações suficientes para identificar os invasores como um pelotão das SS, sob o comando de certo capitão Herbert Packebusch. Packebusch tinha apenas 31 anos, escreveu Diels, mas já demonstrava uma “dureza e uma insensibilidade inscritas profundamente no rosto”.¹ Diels o descreveu como “o protótipo e a imagem dos comandantes de campo de concentração que viriam depois”.

Apesar de a invasão de Packebusch ter surpreendido Diels por sua insolência, ele sabia quais eram as forças que estavam por trás do episódio. O regime fervilhava de conflitos e conspirações. Diels pertencia, basicamente, ao grupo de Göring, com Göring detendo o poder de polícia em Berlim e no território circundante da Prússia, o maior dos estados alemães. Mas Heinrich Himmler, encarregado das SS, rapidamente assumia o controle de agências da polícia secreta no restante da Alemanha. Göring e Himmler se detestavam mutuamente e brigavam por influência.

Diels agiu com rapidez. Ligou para um amigo encarregado da delegacia da polícia de Berlim em Tiergarten e reuniu um destacamento de policiais uniformizados, armados com metralhadoras e granadas de mão. Conduziu-os a um reduto das SS na Potsdamer Strasse e mandou os homens cercarem o prédio. Os milicianos que guardavam a entrada não sabiam o que se passara, e levaram Diels e o contingente de polícia obsequiosamente ao escritório de Packebusch.

A surpresa foi total. Ao entrar, Diels viu Packebusch à mesa, em mangas de camisa, a jaqueta negra do uniforme pendurada na parede, junto com o cinto e a pistola no coldre. “Ele estava sentado, debruçado sobre os documentos espalhados na mesa, como um acadêmico que vira a noite trabalhando”, escreveu Diels. Estava furioso. “Eram meus documentos que ele examinava e, como logo descobri, desfigurava com anotações ineptas.” Diels soube que Packebusch enxergava o mal até na maneira como Diels e a mulher tinham decorado o apartamento. Numa anotação, o capitão rabiscara a frase “mobília ao estilo de Stresemann”, uma referência ao falecido Gustav Stresemann,

adversário de Hitler dos tempos de Weimar.

— Você está preso — disse Diels.

Packebusch ergueu os olhos abruptamente. Num minuto ele lia os documentos pessoais de Diels, e no minuto seguinte Diels estava em pé à sua frente. “Packebusch não teve tempo de se recuperar da surpresa”, escreveu Diels. “Olhou para mim como se eu fosse uma aparição.”

Os homens de Diels agarraram Packebusch. Um policial tirou a pistola do capitão das SS do cinto na parede, mas pelo visto ninguém se preocupou em revistar com mais cuidado o próprio Packebusch. Policiais percorreram o prédio para prender outros homens que Diels suspeitava terem participado da invasão do apartamento. Todos os suspeitos foram levados para o quartel-general da Gestapo; Packebusch foi conduzido ao escritório de Diels.

Ali, nas primeiras horas da manhã, Diels e Packebusch sentaram-se frente a frente, ambos lívidos. O cão-lobo alsaciano — naquela época, o nome oficial dos pastores-alemães — de Diels estava perto, atento.

Diels jurou botar Packebusch na cadeia.

Packebusch acusou Diels de traição.

Furioso com a insolência de Packebusch, Diels saltou da cadeira num acesso de raiva. Por sua vez, Packebusch soltou uma torrente de palavrões e puxou uma pistola oculta no bolso de trás da calça. Apontou-a para Diels, dedo no gatilho.

O cachorro do chefe da Gestapo entrou em cena, saltando em cima de Packebusch, segundo o relato de Diels. Dois policiais uniformizados agarraram o capitão e lhe tomaram a arma. Diels ordenou que ele fosse levado para a prisão da Gestapo, no subsolo.

Rapidamente Göring e Himmler foram envolvidos, e chegaram a um acordo. Göring tirou Diels da chefia da Gestapo e o nomeou comandante de polícia assistente em Berlim. Diels reconheceu que a nomeação era um rebaixamento para um cargo sem poder real — pelo menos sem o tipo de poder de que precisaria para enfrentar Himmler, se o chefe das SS resolvesse buscar mais vingança. Mas aceitou o arranjo, e assim as coisas permaneceram até certa manhã, no fim do mês, em que dois leais empregados fizeram sinal para que parasse o carro em que ia para o trabalho. Disseram-lhe que agentes das SS o esperavam no gabinete com um mandado de prisão.

Diels fugiu. Em suas memórias, ele afirma que sua mulher lhe recomendou que levasse uma amiga, uma americana, “que poderia ser útil na hora de atravessar fronteiras”. Ela morava num “apartamento na Tiergartenstrasse”, escreveu ele, e gostava de correr riscos: “Eu conhecia o seu entusiasmo pelo perigo e pela aventura.”

A insinuação faz pensar imediatamente em Martha, mas ela não menciona essa viagem em suas memórias, ou em qualquer outro escrito.

Diels e sua companheira seguiram para Potsdam, depois na direção sul até a fronteira, onde ele deixou o carro numa garagem. Levava um passaporte falso. Atravessaram a fronteira da Tchecoslováquia e rumaram para a estação de águas de Carlsbad, onde se hospedaram num hotel. Diels também levava consigo alguns documentos mais sensíveis, a título de segurança.

“De seu retiro na Boêmia”, escreveu Hans Gisevius, o memorialista da

Gestapo, “ele ameaçou fazer revelações constrangedoras, e cobrou alto preço para manter a boca fechada.”²

* * *

SEM DIELS, MUITOS AMIGOS no crescente círculo de relações de Martha certamente respiraram mais à vontade, sobretudo aqueles que tinham simpatia pelos comunistas ou lamentavam as liberdades perdidas do passado weimariano. A vida social de Martha continuava a florescer.

De todos os novos amigos, a pessoa que ela achava mais envolvente era Mildred Fish Harnack, que conhecera na plataforma da estação ferroviária ao desembarcar em Berlim. Mildred falava um alemão impecável e, de acordo com testemunhos da maioria, era uma beldade, alta e esbelta, com longos cabelos louros, presos em um coque grosso, e olhos azuis grandes e sérios. Não usava nenhum tipo de maquiagem. Posteriormente, depois que certos segredos seus foram revelados, uma descrição dela apareceu nos arquivos da espionagem soviética, pintando-a como “a própria Frau alemã, tipo intensamente nórdico, e muito útil”.³

Na visão de Martha, ela se destacava não apenas pela beleza, mas também pelos modos. “Falava e manifestava suas opiniões com vagar”,⁴ escreveu Martha; “ouvira quieta, pesando e avaliando as palavras, os pensamentos e as motivações durante a conversa (...) Suas palavras eram reservadas, por vezes ambíguas, quando necessário sondar as pessoas”.

Essa arte de analisar os motivos e as atitudes dos outros tornara-se especialmente valiosa devido à maneira como ela e o marido, Arvid Harnack, tinham passado os últimos anos. Os dois se conheceram em 1926, na Universidade de Wisconsin, onde Mildred era professora. Casaram-se em agosto daquele ano e mudaram-se para a Alemanha, estabelecendo-se em Berlim. Ao longo do caminho, demonstraram talento para juntar pessoas. A cada passo, formavam um salão que se reunia a intervalos regulares para comer, conversar, fazer palestras, até para ler peças de Shakespeare, ecos de um famoso grupo a que tinham pertencido em Wisconsin, os *Friday Nites*, fundado por John R. Commons, professor e eminente progressista que se tornaria conhecido como “pai espiritual” da Previdência Social.

Em Berlim, no inverno de 1930-31, Arvid fundou outro grupo, dedicado ao estudo da economia planificada da Rússia soviética. À medida que o Partido Nazista adquiria influência, suas áreas de interesse tornaram-se decididamente problemáticas, mas assim mesmo ele organizou e liderou uma viagem à União Soviética para mais de vinte economistas e engenheiros alemães. Quando estava fora, foi recrutado pela inteligência soviética para trabalhar secretamente contra os nazistas.⁵ Ele aceitou.

Quando Hitler assumiu o poder, Arvid sentiu-se obrigado a desfazer o grupo de estudos. O clima político tornara-se letal. Ele e Mildred retiraram-se para o campo, onde ela passava o tempo escrevendo e ele arranhou emprego como

advogado da empresa aérea alemã Lufthansa. Depois do espasmo inicial de terror anticomunista, os Harnack voltaram para seu apartamento em Berlim. Surpreendentemente, tendo em conta seus antecedentes, Arvid conseguiu emprego no Ministério da Economia e iniciou uma rápida ascensão profissional que levou alguns amigos de Mildred nos Estados Unidos a concluir que ela e Arvid tinham “virado nazistas”.⁶

No início, Martha nada sabia da vida secreta de Arvid. Ela adorava visitar o apartamento do casal, que era claro e acolhedor, em tons reconfortantes, “cinza-chumbo, azuis suaves e verdes”.⁷ Mildred enchia grandes vasos de cosmos lilases e os colocava perto de uma parede amarelo-pálida. Martha e Mildred se viam como espíritos irmãos, ambas profundamente interessadas em escrever. No fim de setembro de 1933, as duas fizeram um arranjo para assinar uma coluna sobre livros num jornal em inglês chamado *Berlin Topics*. Numa carta de 25 de setembro de 1933 para Thornton Wilder, Martha disse que o jornal era “péssimo”, mas que esperava que pudesse servir de catalisador “para formar uma pequena colônia no grupo de fala inglesa (...) Juntar pessoas que gostam de livros e escritores”.⁸

Quando os Harnack viajavam, Mildred mandava para Martha postais com observações poéticas sobre o cenário que tinha diante de si e calorosas expressões de afeto. Num desses cartões, Mildred escreveu: “Martha, você sabe que eu a amo e penso em você o tempo todo”.⁹ Agradeceu a Martha por ter lido e criticado alguns escritos seus. “Mostra que você tem um dom”, escreveu.

Terminava com um suspiro: “Ó, minha Querida, minha Querida... vida.” A eclipse era dela.

Para Martha esses postais eram como pétalas que caíam de um lugar invisível. “Eu dava grande valor a esses cartões e essas breves cartas, com sua prosa delicada, quase tremulamente sensível. Nada tinham de estudado ou afetado. O sentimento vinha simplesmente do seu coração cheio e alegre, e precisava de expressão.”¹⁰

Mildred tornou-se convidada assídua das recepções da embaixada, e em novembro já ganhava um dinheiro extra datilografando o primeiro volume de *Old South* de Dodd. Martha, por sua vez, tornou-se presença habitual no novo salão que Mildred e Arvid criaram, o equivalente berlinense dos Friday Neters. Organizadores por natureza, eles arregimentaram uma sociedade de amigos leais — escritores, editores, artistas, intelectuais —, que se reuniam em seu apartamento várias vezes por mês para ceias em dias de semana e chás nas tardes de sábado. Ali, comentou Martha numa carta para Wilder, ela conheceu o escritor Ernst von Salomon, notório por seu papel no assassinato do ministro do Exterior de Weimar, Walter Rathenau, em 1922. Ela adorava a atmosfera acolhedora que Mildred criava, apesar da escassez de dinheiro. Havia lâmpadas, velas e flores, e uma bandeja de bisnagas de pão, queijo, salsichão de fígado e rodela de tomate. Não era um banquete, mas bastava. Sua anfitriã, disse Martha a Wilder, era “o tipo de pessoa que tem o senso ou a falta de senso de colocar uma vela atrás de um ramo de flores de salgueiro ou de *alpen rosen*”.¹¹

A conversa era viva, esperta e ousada. Às vezes ousada demais, pelo menos do ponto de vista da mulher de Salomon, cuja perspectiva era influenciada em

parte pelo fato de ser judia. Ela ficava chocada com a displicência com que os convidados chamavam Himmmler e Hitler de “completos idiotas” em sua presença, sem saberem quem era ela e com quem tinha afinidades. Ela viu um convidado passar um envelope amarelo para outro e piscar, como um tio que entregasse um doce proibido a um sobrinho. “E lá estava eu sentada no sofá”, disse ela, “mal conseguindo respirar.”¹²

Martha achava tudo excitante e gratificante, apesar das inclinações antinazistas do grupo. Ela defendia sem hesitações a revolução nazista, que a seu ver oferecia a melhor saída para o caos que tomara conta da Alemanha desde a guerra anterior. Sua presença no salão reforçava a percepção que tinha de si como escritora e intelectual. Além de fazer parte do *Stammtisch* dos correspondentes no Die Taverne, ela começou a passar muito tempo nos grandiosos cafés da velha Berlim, aqueles que ainda não eram plenamente “coordenados”, como o Josty na Potsdamer Platz e o Romanisches na Kurfürstendamm. Este, com capacidade para até mil pessoas, tinha um passado cheio de histórias, como a de ter sido refúgio de gente como Erich Maria Remarque, Joseph Roth e Billy Wilder, apesar de àquela altura todos eles já terem sido enxotados de Berlim. Ela saía para jantar com frequência, e para ir a casas noturnas como o Ciro e a cobertura do Eden. Os documentos do embaixador Dodd nada dizem a esse respeito, mas é provável que, devido à sua frugalidade, tenha se surpreendido e se alarmado com a presença onerosa de Martha no livro de contabilidade da família.

Martha esperava demarcar um lugar todo seu na paisagem cultural de Berlim, não apenas por sua amizade com os Harnack, e queria ter destaque. Levou Salomon a uma das sérias recepções na embaixada dos Estados Unidos, na evidente esperança de provocar comoção. Teve êxito. Em carta a Wilder, ela exultava com a reação das pessoas quando Salomon apareceu: “O espanto (houve alguns arquejos e sussurros atrás das mãos daquela assembleia tão bem-comportada)(...) Ernst von Salomon! cúmplice do assassinato de Rathenau (...)”¹³

Ela ansiava por atenção e conseguiu o que queria. Salomon descreveu os convidados reunidos numa festa da embaixada dos Estados Unidos — possivelmente a mesma — como a “*jeunesse dorée* da capital, jovens elegantes de maneiras impecáveis (...) sorrindo de modo cativante ou rindo com grande alegria dos sarcasmos de Martha Dodd”.¹⁴

Ela ficou mais ousada. Chegara a hora, ela sabia, de dar suas próprias festas.

* * *

ENQUANTO ISSO, DIELS, ainda no exterior, e vivendo bem num pomposo hotel em Carlsbad, começou a ligar suas antenas para sondar o clima em Berlim, saber se era seguro voltar; se é que algum dia seria seguro voltar.

CAPÍTULO 18

Aviso de amigo

Martha tornava-se cada vez mais confiante no seu apelo social, o bastante para organizar seu próprio salão vespertino, seguindo o modelo dos chás e dos grupos de discussão da amiga Mildred Fish Harnack. Ofereceu também uma festa em seu aniversário. Mas os eventos desenrolaram-se de forma acentuadamente diferente do que ela esperava.

Ao selecionar os convidados para o seu salão, ela usou os próprios contatos, assim como os de Mildred. Convidou dezenas de poetas, escritores e editores, com a finalidade aparente de conhecer um editor americano em visita à cidade. Martha esperava “ouvir conversas divertidas, estimulantes trocas de opiniões, pelo menos uma conversa num plano mais elevado do que aquele a que nos habituamos no serviço diplomático”.¹ Mas os convidados levaram uma companhia inesperada.

Em vez de formar um grupo animado e vibrante com ela ao centro, os convidados fragmentaram-se, formando um grupinho aqui, outro ali. Um poeta sentou-se na biblioteca, com vários convidados. Outros cercaram estreitamente o convidado de honra, demonstrando o que Martha chamou de “patético afã de saber o que estava acontecendo nos Estados Unidos”. Os convidados judeus pareciam especialmente pouco à vontade. A conversa esmoreceu; o consumo de comida e de álcool aumentou. “Os demais convidados espalharam-se, bebendo muito e devorando pratos de comida”, escreveu Martha. “Provavelmente muitos eram pobres, mal alimentados, e os outros estavam nervosos e ansiosos para esconder esse sentimento.”

Em resumo, escreveu Martha, “foi uma tarde chata e, ao mesmo tempo, tensa”. O convidado penetra era o medo, que assombrou a reunião. As pessoas, escreveu ela, estavam “tão tomadas de frustração e miséria (...), de tensão, ânimo alquebrado, coragem malfadada ou trágica e odiosa covardia que jurei que jamais voltaria a reunir aquele grupo em minha casa”.

Em vez disso, ela se resignou a ajudar os Harnack com seus saraus e seus chás. Eles tinham um dom para reunir amigos leais e interessantes, e aproximá-los. A ideia de que, um dia, esse dom poderia matá-los teria parecido a Martha, naquela época, absolutamente ridícula.

* * *

A LISTA DE CONVIDADOS para a festa de aniversário,² marcada para 8 de outubro, a verdadeira data do seu nascimento, incluía uma princesa, um príncipe, vários correspondentes seus amigos e funcionários das SA e das SS, “jovens cheios de medidas, de uma cortesia quase absurda”.³ Não está claro se Boris

Winogradov compareceu, apesar de Martha, àquela altura, encontrar-se com ele “regularmente”. É possível, até provável, que não o tenha convidado, pois os Estados Unidos ainda não tinham reconhecido a União Soviética.

Dois importantes funcionários nazistas compareceram à festa. Um deles foi Putzi Hanfstaengl; o outro, Hans Thomsen, jovem que servia como contato entre o Ministério do Exterior e a chancelaria de Hitler. Ele nunca manifestava o exaltado orgulho tão evidente em outros nazistas fanáticos e, por isso, era benquisto pelos membros do corpo diplomático e visitante assíduo na casa dos Dodd. O pai de Martha costumava falar-lhe com mais franqueza do que o protocolo diplomático recomendava, certo de que Thomsen transmitiria suas opiniões a altos funcionários nazistas, possivelmente até ao próprio Hitler. Às vezes, Martha tinha a impressão de que Thomsen parecia ter algumas reservas acerca de Hitler. Ela e Dodd o chamavam de “Tommy”.

Hanfstaengl chegou atrasado, como de hábito. Tinha fome de atenção, e, graças ao seu imenso peso e energia, sempre a conseguia, por mais atulhada que estivesse a sala. Ele conversava com um convidado versado em música sobre os méritos da *Sinfonia Inacabada* de Schubert quando Martha foi até a vitrola da família e pôs o disco do hino nazista a Horst Wessel, que ela ouvira cantar no desfile das Tropas de Assalto em Nuremberg.

Hanfstaengl pareceu gostar da música. Hans Thomsen claramente não gostou. Levantou-se bruscamente, dirigiu-se ao toca-discos e o desligou.

Da maneira mais inocente, Martha lhe perguntou por que não gostava da música.

Thomsen exasperou-se, a face endurecida.

— Não é o tipo de música para ser tocado em reuniões mistas, e de forma irreverente — disse ele, repreendendo-a. — Não permitirei que toque nosso hino, com tudo o que significa, numa reunião social.⁴

Martha ficou atônita. A casa era sua, a festa era sua, e, além de tudo, estavam em território americano. Ela faria o que bem entendesse.

Hanfstaengl olhou para Thomsen com o que Martha descreveu como “um vívido olhar de satisfação temperado por desprezo”. Deu de ombros, sentou-se ao piano e pôs-se a martelar as teclas com o ruidoso entusiasmo de costume.

Mais tarde, puxou Martha para um canto:

— Pois é — disse Putzi —, há entre nós pessoas assim. Bitoladas, sem senso de humor... É preciso ter cuidado para não ofender suas almas sensíveis.

Para Martha, entretanto, o espetáculo dado por Thomsen teve um efeito duradouro, de força surpreendente, pois corroeu — apesar de apenas de leve — seu entusiasmo pela nova Alemanha, assim como uma frase cruel pode fazer um casamento pender e entrar em declínio.

“Acostumada a vida toda à livre troca de opiniões”, escreveu ela, “a atmosfera daquela noite me chocou, como uma violação das decências das relações humanas.”

DODD TAMBÉM APRENDIA RAPIDAMENTE a avaliar as espinhosas suscetibilidades da época. Nenhum evento deixou isso mais claro do que um discurso que proferiu na filial berlinense da Câmara Americana de Comércio, no feriado do Dia de Colombo, 12 de outubro de 1933. Sua palestra causou furor não apenas na Alemanha, mas também, para consternação de Dodd, dentro do Departamento de Estado e entre os muitos americanos que prefeririam evitar que o país se imiscuisse em questões europeias.

O embaixador acreditava que era uma importante parte de sua missão exercer uma silenciosa pressão a favor da moderação ou, como escreveu numa carta para o advogado de Chicago Leo Wormser, “continuar a persuadir e a rogar aos homens daqui que não sejam seus piores inimigos”.⁵ O convite para falar pareceu-lhe uma oportunidade ideal.

Seu plano era usar a história para fazer uma crítica ao regime nazista, mas de forma oblíqua, para que apenas as pessoas da plateia com bons conhecimentos de história antiga e moderna compreendessem a mensagem subjacente. Nos Estados Unidos, um discurso dessa natureza pareceria tudo menos heroico; no clima de opressão cada vez mais intensa do domínio nazista, foi, decididamente, ousado. Dodd explicou seus motivos numa carta para Jane Addams. “Foi por ter visto tanta injustiça e tantos pequenos grupos autoritários, e por ter ouvido as queixas de tantas das melhores pessoas do país, que me arrisquei a ir o mais longe que minha posição permitia, e, com analogias históricas, adverti os homens, tão solenemente quanto possível, a não deixarem líderes não muito instruídos conduzirem países à guerra.”⁶

Deu à palestra o título inócuo de “Nacionalismo Econômico”. Ao citar a ascensão e queda de César e episódios das histórias francesa, inglesa e norte-americana, Dodd procurou advertir contra os perigos do governo “arbitrário e minoritário”, sem mencionar claramente a Alemanha contemporânea. Não era algo que um diplomata convencional teria feito, mas Dodd viu no discurso a oportunidade de cumprir a determinação original de Roosevelt. Ao defender-se, mais tarde, escreveu: “O presidente me disse expressamente que queria que eu fosse o representante e o porta-voz (quando necessário) dos ideais e da filosofia americanos.”⁷

Ele falou num salão de banquete do Hotel Adlon para uma grande plateia, que incluía numerosos altos funcionários do governo, entre eles o presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, e dois homens do Ministério da Propaganda de Goebbels. Dodd sabia que estava prestes a entrar em terreno muito sensível. Compreendia muito bem, dada a presença de correspondentes estrangeiros, que a palestra receberia ampla cobertura da imprensa na Alemanha, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

Quando começou a ler, sentiu uma silenciosa empolgação tomar conta da sala. “Em tempos de grande tensão”, iniciou, “os homens ficam propensos demais a abandonar os dispositivos sociais do passado e penetrar fundo em território desconhecido. E a consequência sempre é a reação, por vezes o desastre.”⁸ Mergulhou no passado distante para começar sua alusiva jornada com os exemplos de Tibério Graco, um líder popular, e Júlio César. “Estadistas com pouca cultura de hoje se afastam violentamente do propósito ideal do

primeiro Graco e julgam que encontrarão a salvação para seus atormentados companheiros nos modos arbitrários do homem que se tornou presa fácil dos artifícios baratos da lasciva Cleópatra.” Esquecem-se, continuou, de que “os céсарes tiveram êxito apenas por um breve momento quando medidos pelo teste da história”.

Descreveu momentos parecidos nas histórias inglesa e francesa e citou o exemplo de Jean-Baptiste Colbert, o poderoso ministro das Finanças de Luís XIV. Numa aparente alusão às relações entre Hitler e Hindenburg, contou aos ouvintes que Colbert “recebeu poderes despóticos. Destituiu centenas de grandes famílias de novos-ricos, entregou suas propriedades à Coroa, condenou milhares à morte por lhe terem resistido (...) A recalcitrante aristocracia de proprietários de terras foi subjugada em toda parte, os parlamentos não tinham permissão para se reunir em assembleia”. O governo autocrático persistiu na França até 1789, o início da Revolução Francesa, quando, “com um baque e um estrondo”, desmoronou. “Governos do topo fracassam tão frequentemente quanto governos da base, e cada grande fracasso provoca uma triste reação social, milhares e milhões de homens desamparados depondo sua vida no infeliz processo. Por que os estadistas não estudam o passado e evitam tais catástrofes?”

Depois de mais algumas alusões, veio o epílogo. “Para concluir”, disse ele, “pode-se afirmar com segurança que não seria pecado se um estadista aprendesse história o suficiente para perceber que nenhum sistema que implique controle da sociedade por caçadores de privilégios jamais teve outro fim que não o colapso.” E deixar de aprender com os “erros do passado” era acabar seguindo a trajetória para “outra guerra e para o caos”.

O aplauso, disse Dodd em seu diário, “foi extraordinário”. Ao descrever o momento para Roosevelt, Dodd comentou que até Schacht “aplaudiu de forma exagerada”, como “todos os demais alemães presentes. Nunca vi aprovação mais unânime”.⁹ Escreveu ao secretário Hull: “Quando terminou, quase todos os alemães presentes apareceram e expressaram um tipo de aprovação que transmitia o pensamento: ‘Você disse tudo aquilo que nos foi negado dizer.’”¹⁰ Um funcionário do Deutsche Bank ligou para manifestar sua aprovação. Ele disse a Dodd: “A Alemanha silenciosa, mas ansiosa, sobretudo a Alemanha comercial e universitária, está inteiramente de acordo com o senhor, e muito grata que esteja aqui e possa dizer o que não podemos.”¹¹

Era evidente que os ouvintes compreenderam a verdadeira intenção do discurso de Dodd. Quando ele terminou de falar, Bella Fromm, a colunista social do *Vossische Zeitung*, que rapidamente se tornava amiga da família Dodd, disse-lhe: “Adorei todas as indiretas contra Hitler e o hitlerismo.”¹²

Dodd deu um sorriso maroto. “Eu não tinha ilusões sobre Hitler quando fui designado para o cargo em Berlim”, respondeu. “Mas esperava pelo menos encontrar algumas pessoas decentes ao redor dele. Fiquei horrorizado ao descobrir que todo o bando não passa de uma horda de criminosos e covardes.”

Depois Fromm repreendeu o embaixador da França na Alemanha, André François-Poncet, por ter perdido o discurso. Sua resposta sintetizou um dilema fundamental da diplomacia tradicional. “A situação é muito difícil”, disse ele, com um sorriso.¹³ “É preciso ao mesmo tempo ser diplomata e ocultar os

sentimentos. É preciso agradar aos superiores, em casa, e não ser expulso daqui, mas também me deixa muito feliz o fato de Sua Excelência, o Sr. Dodd, não se deixar subverter por bajulações e altas honrarias.”

Dodd sentiu-se estimulado pela resposta da plateia. E disse a Roosevelt: “Minha interpretação é que toda a Alemanha liberal está conosco — e mais da metade da Alemanha é, no fundo, liberal.”¹⁴

A resposta noutros lugares foi decididamente menos positiva, como o embaixador não tardaria a descobrir. Goebbels impediu a publicação do discurso, embora três grandes jornais tenham divulgado trechos de qualquer maneira. No dia seguinte, sexta-feira, Dodd chegou ao gabinete do ministro do Exterior, Neurath, para um encontro que já estava marcado, mas foi informado de que o alemão não poderia recebê-lo — uma clara violação do costume diplomático. Em um telegrama a Washington aquela tarde, Dodd disse ao secretário Hull que o ato de Neurath parecia “constituir uma séria afronta a nosso governo”.¹⁵ O embaixador finalmente conseguiu falar com Neurath às oito horas daquela noite. Ele alegou que estava ocupado demais para recebê-lo durante o dia, mas Dodd sabia que o ministro estava tão livre de obrigações urgentes que tivera tempo de almoçar com um diplomata menos importante. Em seu diário, escreveu que suspeitava que o próprio Hitler talvez tivesse forçado o adiamento “como uma espécie de represália ao discurso de ontem”.¹⁶

Para sua surpresa ainda maior, também sentiu uma onda de críticas vinda dos Estados Unidos, e tomou providências para se defender. Imediatamente, enviou a Roosevelt uma transcrição e explicou ao presidente que o fazia por temer “que algumas interpretações constrangedoras possam ter sido divulgadas em nosso país”.¹⁷ Naquele mesmo dia, enviou uma cópia também para o subsecretário Phillips, “na esperança de que o senhor, informado de todos os precedentes, possa explicar ao secretário Hull — isto é, se ele ou outra pessoa no departamento achar que causei algum dano a nossa causa aqui”.¹⁸

Se ele esperava que Phillips se levantasse em sua defesa, estava enganado.

Phillips e outros altos funcionários do Departamento de Estado, incluindo Moffat, o chefe dos assuntos da Europa Ocidental, estavam cada vez mais insatisfeitos com o embaixador. Esses membros graduados do “excelente clube” de Hugh Wilson aproveitaram o discurso de Dodd como mais uma prova de que ele era o homem errado para o posto. Em seu diário, Moffat comparou o desempenho de Dodd ao do “mestre-escola que repreende seus alunos”.¹⁹ Phillips, mestre na arte dos rumores palacianos, regozijou-se com o desconforto de Dodd. Ignorou diversas cartas nas quais o embaixador pedia conselho oficial sobre se deveria aceitar futuros convites para falar em público. Finalmente, respondeu, desculpendo-se e explicando que “estava em dúvida se alguma palavra [sua] poderia servir de ajuda ou orientação para o senhor, que vive num mundo tão completamente diferente daquele da maioria dos embaixadores”.²⁰

Apesar de cumprimentar Dodd pela “elevada arte” que demonstrara na preparação de um discurso que lhe permitiu dizer o que pensava sem ofender diretamente, Phillips também lhe fez uma serena repreensão. “Em resumo, minha impressão é que um embaixador, hóspede privilegiado do país no qual está acreditado, deve ter o cuidado de não dar expressão pública a nada de natureza

crítica ao país que o adota, porque, ao fazê-lo, perde, *ipso facto*, a confiança dos próprios funcionários públicos cuja boa vontade é tão importante para o êxito de sua missão.”

Dodd parecia ainda não ter se dado conta, mas diversos membros do Excelente Clube tinham começado a intensificar sua campanha contra ele, com o propósito final de alijá-lo de suas fileiras. Em outubro, seu velho amigo, o coronel House, lhe enviou uma serena advertência. Primeiro veio a boa notícia. House acabara de se encontrar com Roosevelt. “Foi um prazer ouvir o presidente dizer que está felicíssimo com o trabalho que você está fazendo em Berlim.”²¹

Mas depois House visitou o Departamento de Estado. “Digo-lhe em estrita confiança que eles não se referem a você com o mesmo entusiasmo do presidente”, escreveu. “Insisti em algo concreto, mas tudo o que consegui saber foi que você não os mantém bem informados. Conto-lhe isto para que possa se orientar no futuro.”

* * *

NO SÁBADO, 14 DE OUTUBRO, dois dias depois do seu discurso do Dia de Colombo, Dodd estava no meio de um jantar que oferecia para adidos militares e navais quando recebeu uma notícia alarmante. Hitler acabara de anunciar sua decisão de retirar a Alemanha da Liga das Nações e de uma importante conferência de desarmamento que se realizava em Genebra, intermitentemente, desde fevereiro de 1932.

Dodd encontrou um rádio e, na mesma hora, ouviu a voz áspera do chanceler, embora tenha reparado na ausência do seu histrionismo habitual. O embaixador ouviu com atenção Hitler pintar a Alemanha como um país bem-intencionado, amante da paz, cujo modesto desejo pela igualdade de armamentos era negado por outros países. “Não foi o discurso de um pensador”, escreveu Dodd em seu diário, “mas uma alegação emocional de que a Alemanha não tinha sido, de forma nenhuma, responsável pela Grande Guerra e que era vítima de seus malvados inimigos.”²²

Era uma notícia assombrosa. De um golpe, Dodd percebeu que Hitler tinha enfraquecido a Liga e praticamente anulado o Tratado de Versalhes, declarando com clareza sua intenção de rearmar a Alemanha. Ele anunciou também que estava dissolvendo o Reichstag e que realizaria novas eleições em 12 de novembro. Na ocasião, o público também seria convidado a julgar sua política externa por meio de um plebiscito. Secretamente, o chanceler ordenou ao general Werner von Blomberg, seu ministro da Defesa, que se preparasse para uma possível ação militar por parte dos países-membros da Liga buscando obrigá-lo a cumprir o Tratado de Versalhes — embora Blomberg soubesse muito bem que o pequeno exército da Alemanha não poderia esperar vencer a ação combinada de França, Polônia e Tchecoslováquia. “Que os aliados poderiam, naquela época, ter facilmente subjugado a Alemanha é tão certo como o fato de que uma ação dessa natureza teria acabado com o Terceiro Reich no ano do seu

nascimento”, escreveu William Shirer, em seu clássico *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, mas Hitler “sabia do ímpeto de seus adversários estrangeiros da mesma forma precisa e fantástica com que tinha avaliado seus oponentes na Alemanha”.²³

Embora continuasse a alimentar a esperança de que o governo alemão se tornasse mais respeitoso, Dodd reconheceu que as duas decisões de Hitler assinalavam um nefasto distanciamento da moderação. Era hora de lidar com Hitler face a face.

Naquela noite, Dodd foi para a cama profundamente perturbado.

* * *

POUCO ANTES DO MEIO-DIA da terça-feira, 17 de outubro de 1933, o “liberal de plantão” de Roosevelt saía, de cartola e fraque, para seu primeiro encontro com Adolf Hitler.

CAPÍTULO 19

Alcoviteiro

Putzi Hanfstaengl sabia das várias relações românticas de Martha, mas, no outono de 1933, começou a pensar num novo parceiro para ela.

Imaginando que Hitler seria um líder bem mais razoável se estivesse apaixonado, Hanfstaengl assumiu o papel de alcoviteiro. Sabia que não seria fácil. Como um dos camaradas mais chegados o chanceler, reconhecia que a história de seus relacionamentos com mulheres era estranha, marcada por tragédias e persistentes rumores de comportamento indecoroso. Falava-se de diversas ligações, tipicamente com mulheres muito mais jovens do que ele — num caso, uma moça de 16 anos chamada Maria Reiter.¹ Uma mulher, Eva Braun, 23 anos mais nova do que ele, era sua companheira intermitente desde 1929. Até então, entretanto, seu único caso de envolvimento total tinha sido com sua jovem sobrinha, Geli Raubal. Ela fora encontrada morta no apartamento de Hitler, perto do revólver dele. A explicação mais provável era suicídio, o único jeito de escapar da afeição ciumenta e opressiva de Hitler — sua “pegajosa possessividade”, como classificou o historiador Ian Kershaw.² Hanfstaengl suspeitava que ele certa vez se sentiu atraído por sua própria mulher, Helena, mas ela lhe assegurara que não havia motivo para ciúme. “Acredite-me”, disse Helena, “ele é absolutamente neutro, não é um homem.”³

Hanfstaengl telefonou para Martha em casa.

— Hitler precisa de uma mulher — disse ele. — Hitler deveria ter uma mulher americana, uma mulher adorável, que pudesse mudar todo o destino da Europa.⁴

E foi direto ao assunto:

— Martha — disse —, você é essa mulher!



Tiergarten, em janeiro de 1934

CAPÍTULO 20

O beijo do Führer

Dodd subiu a ampla escada para o gabinete de Hitler, deparando a cada volta com homens das SS de braço levantado “ao estilo de César”, como descrevera o embaixador. Ele respondia com uma vênica, e finalmente entrou na sala de espera do chanceler. Depois de alguns momentos a porta negra e alta do gabinete se abriu. O ministro do Exterior, Neurath, saiu para receber Dodd e levá-lo a Hitler. O gabinete era uma sala imensa, pelos cálculos de Dodd tinha 15 metros por 15, com paredes e teto elaboradamente decorados. Hitler, “elegante e ereto”, trajava um terno comum de trabalho.¹ Dodd notou que ele tinha uma aparência melhor do que as fotografias de jornal indicavam.

Mesmo assim, o ditador não chamava atenção como figura marcante. Isso raramente acontecia. No início de sua ascensão, era facilmente descartado como uma nulidade qualquer por aqueles a quem acabava de ser apresentado. Tinha raízes plebeias e não conseguira destacar-se em nada, fosse na guerra, no trabalho ou na arte, apesar de, nessa última área, se julgar um grande talento. Tinha fama de indolente. Acordava tarde, trabalhava pouco e vivia cercado pelas figuras menos luminosas do partido, entre as quais se sentia mais à vontade, um *entourage* de pseudointelectuais que Putzi Hanfstaengl apelidou, depreciativamente, de “Chauffeurska”, constituído de guarda-costas, ajudantes e um chofer.² Ele amava o cinema — *King Kong* era um de seus filmes preferidos — e adorava a música de Richard Wagner.³ Vestia-se mal. Além do bigode e dos olhos, seus traços faciais eram indistintos e desinteressantes, como se feitos de barro que não chegou a ser cozido. Recordando sua primeira impressão de Hitler, Hanfstaengl escreveu: “Ele parecia um cabeleireiro de subúrbio em dia de folga.”⁴

Contudo, o homem tinha a notável habilidade de se transformar em algo muito mais interessante e convincente, sobretudo quando falava em público, ou quando, nos encontros privados, um tópico provocava a sua fúria. Tinha também um talento especial para projetar uma aura de sinceridade que ofuscava, aos olhos dos espectadores, suas verdadeiras motivações e crenças, embora Dodd ainda não tivesse avaliado plenamente esse aspecto do seu caráter.

Primeiro, o embaixador abordou o assunto dos muitos ataques contra americanos.⁵ Hitler foi cordial e contrito, e assegurou que todos os culpados seriam “punidos com a maior severidade”. Prometeu também divulgar amplamente seus decretos que isentavam estrangeiros de fazer a saudação de Hitler. Depois de uma conversa insossa sobre as dívidas da Alemanha a credores americanos, Dodd passou para o tópico que lhe ocupava a mente, a “questão onipresente do raio lançado pela Alemanha no último sábado” — a decisão de Hitler de retirar-se da Liga das Nações.

Quando Dodd lhe perguntou por que tirara a Alemanha da Liga, Hitler ficou

visivelmente zangado. Atacou o Tratado de Versalhes e a determinação da França de assegurar a superioridade militar sobre a Alemanha. Protestou contra a “indignidade” de manter a Alemanha numa situação de desigualdade, incapaz de se defender dos vizinhos.

O súbito acesso de fúria de Hitler surpreendeu Dodd. Ele tentou parecer imperturbável, menos um diplomata do que um professor que lidava com um aluno agitado. Disse o chanceler: “Há evidente injustiça na atitude francesa; mas a derrota na guerra é sempre seguida por injustiça.” Citou o exemplo dos efeitos da Guerra Civil americana e o “terrível” tratamento do Sul pelo Norte.

Hitler fitou-o. Depois de um breve silêncio, a conversa foi retomada, e, por alguns momentos, os dois homens se envolveram no que Dodd chamou de “troca de amenidades”. Mas então Dodd perguntou se “um incidente na fronteira polonesa, austríaca ou francesa, que trouxesse o inimigo para dentro do Reich”, seria suficiente para Hitler declarar guerra.

— Não, não — insistiu Hitler.

Dodd continuou sondando. Suponhamos, disse ele, que um incidente envolvesse o Vale do Ruhr, região industrial sobre a qual os alemães eram particularmente sensíveis. A França havia ocupado o Ruhr de 1923 a 1925, provocando grandes distúrbios econômicos e políticos dentro da Alemanha. No caso de outra incursão dessa natureza, perguntou Dodd, a Alemanha responderia militarmente, por conta própria, ou pediria uma reunião internacional para resolver o assunto?

— Essa seria a minha intenção — disse Hitler —, mas talvez não conseguíssemos conter o povo alemão.

— Se o senhor esperasse e convocasse uma conferência, a Alemanha reconquistaria sua popularidade no exterior — ressaltou Dodd.

O encontro terminou logo depois. Durara 45 minutos. Apesar de ter sido uma sessão difícil e estranha, Dodd saiu da chancelaria convencido de que Hitler era sincero no que dizia respeito a querer a paz. Mas receava que, mais uma vez, tivesse violado as leis da diplomacia. “Talvez eu tenha sido franco demais”, escreveu, depois, a Roosevelt, “mas eu precisava ser honesto.”⁶

Às seis da tarde daquele dia, ele enviou um telegrama de duas páginas para o secretário Hull descrevendo o encontro, e terminou dizendo: “O efeito geral da entrevista foi mais favorável, do ponto de vista da manutenção da paz mundial, do que eu esperava.”⁷

Dodd transmitiu suas impressões também para o cônsul-geral Messersmith, que em seguida enviou ao subsecretário Phillips uma carta — de 18 páginas, caracteristicamente longa — na qual parecia empenhado em minar a credibilidade de Dodd. Ele contestou a avaliação de Hitler pelo embaixador. “As promessas do chanceler foram tão satisfatórias e inesperadas que acho que são boas demais para serem verdadeiras”, escreveu Messersmith. “Devemos ter em mente, acho eu, que, quando diz qualquer coisa, Hitler se convence, no momento, de que aquilo é verdade. Ele é, basicamente, sincero; mas é, ao mesmo tempo, um fanático.”⁸

Messersmith recomendava ceticismo quanto aos protestos pacifistas de Hitler. “Acho que, por enquanto, ele genuinamente quer a paz, mas é uma paz à sua

maneira, e com forças armadas cada vez mais efetivas de reserva, para impor sua vontade quando isso for essencial.” Reiterou sua crença em que o governo de Hitler não deveria ser visto como uma entidade racional. “Há tantos casos patológicos envolvidos que seria impossível dizer o que vai acontecer de um dia para outro, assim como o guardião de um hospício não saberia dizer o que seus pacientes vão fazer daqui a uma hora ou no dia seguinte.”

Recomendava cautela, a rigor advertindo Phillips a não se fiar na convicção de Dodd de que Hitler desejava a paz. “Acho que por ora (...) devemos evitar qualquer otimismo indevido que possa advir das declarações aparentemente satisfatórias do chanceler.”

* * *

NA MANHÃ DO ENCONTRO que Putzi Hanfstaengl arranjara para Martha e Hitler, ela se vestiu com esmero, como se tivesse sido “designada para mudar a história da Europa”.⁹ Para ela, parecia uma travessura de primeira. Estava curiosa para conhecer o homem a quem já descartara como palhaço, mas que agora estava convencida de ser “uma personalidade glamourosa e brilhante, que deve ter grande poder e charme”. Resolveu usar o “que tinha de mais recatado e intrigante”, nada muito espetacular ou revelador, pois o ideal nazista era a mulher que usava pouca maquiagem, cuidava do seu homem e gerava o maior número possível de filhos. Os homens alemães, escreveu ela, “querem que suas mulheres sejam vistas, não ouvidas, e vistas apenas como apêndices do esplêndido macho que acompanham”. Pensou em usar véu.

Hanfstaengl foi buscá-la em seu imenso automóvel e levou-a para o Kaiserhof, a sete quarteirões de distância da Wilhelmplatz, perto do canto sudeste do Tiergarten. Um grande hotel, com um cavernoso saguão e um pórtico arqueado, o Kaiserhof tinha sido a residência de Hitler até sua ascensão a chanceler. Ele costumava almoçar e tomar chá no hotel, cercado de sua Chauffeureska.

Hanfstaengl combinara que ele e Martha seriam acompanhados no almoço por outra pessoa, um tenor polonês, Jan Kiepura, de 31 anos. Hanfstaengl, muito conhecido e inconfundível, foi tratado com deferência pelos funcionários do restaurante. Uma vez sentados, Martha e os dois homens conversaram, tomando chá, e esperaram. A certa altura, houve uma comoção na entrada do salão do restaurante, seguida do inevitável ruído de cadeiras empurradas para trás e de gritos de “Heil Hitler”.

Hitler e seu grupo — incluindo, na verdade, o chofer — ocuparam uma mesa adjacente. Primeiro, Kiepura foi conduzido para o lado de Hitler. Os dois falaram de música. Hitler parecia não se dar conta de que Kiepura, pela lei nazista, era classificado como judeu, por herança materna. Pouco depois, Hanfstaengl aproximou-se, debruçando-se sobre o ouvido de Hitler. Depois voltou correndo para dizer a Martha que o chanceler ia recebê-la.

Ela caminhou até a mesa de Hitler e parou um instante enquanto ele se

levantava para cumprimentá-la. Ele tomou-lhe a mão e beijou-a, e disse algumas serenas palavras em alemão. Ela pôde vê-lo de perto: “Um rosto fraco e mole, com bolsas sob os olhos, lábios grossos e quase nenhuma estrutura óssea facial.” Naquela posição, escreveu ela, o bigode “não parecia tão ridículo como nas fotos — a rigor, quase não o notei”. O que ela notou foram os olhos. Ouvira falar que havia algo de penetrante e intenso em seu olhar, e compreendeu de imediato. “Os olhos de Hitler”, escreveu ela, “eram surpreendentes e inesquecíveis — de uma cor azul pálida, intensos, firmes, hipnóticos.”

Apesar disso, seus modos eram gentis — “excessivamente gentis”, escreveu ela —, mais os de um adolescente tímido do que os de um ditador férreo. “Reservado, comunicativo, informal, ele tinha certo charme sossegado, quase uma ternura de fala e olhar.”

Hitler virou-se novamente para o tenor, e com um interesse que parecia real retomou a conversa sobre música.

Ele “parecia modesto, classe média, um tanto monótono e inibido — mas com essa estranha ternura e esse atraente ar de desamparo”, escreveu Martha. “Era difícil acreditar que aquele homem fosse um dos mais poderosos da Europa.”

Martha e Hitler trocaram mais um aperto de mãos, e ele a beijou pela segunda vez. Ela voltou para a mesa e para Hanfstaengl.

Eles ficaram mais um pouco, tomando chá, entreouvindo a conversa entre Kiepura e Hitler. De vez em quando, Hitler olhava na direção dela, lançando-lhe o que ela chamou de “olhadelas curiosas, constrangidas”.

Aquela noite, durante o jantar, ela contou aos pais tudo sobre o encontro daquele dia, observando que o *Führer* tinha sido muito charmoso e pacífico. Dodd achou divertido e admitiu “que, pessoalmente, Hitler não era um homem sem atrativos”.¹⁰

Ele provocou Martha, dizendo-lhe que reparasse onde exatamente os lábios de Hitler tocaram sua mão, recomendando-lhe que, se “precisasse” lavar a mão, tivesse o cuidado de lavar só em volta das margens do beijo.

Escreveu ela: “Fiquei irritada e com um pouco de raiva.”¹¹

Martha e Hitler não voltaram a se encontrar, nem ela esperava seriamente que voltassem, embora, como ficaria claro anos depois, Martha tenha estado presente nos pensamentos de Hitler em pelo menos mais uma ocasião. Da parte dela, tudo o que ela queria era conhecer o homem e matar uma curiosidade. Havia outros em seu círculo de amizades que ela achava infinitamente mais interessantes.

Um desses tinha voltado a fazer parte de sua vida, com o convite para um encontro muito inusitado. No final de outubro, Rudolf Diels retornara a Berlim e ao velho posto de chefe da Gestapo, paradoxalmente com mais poderes ainda do que antes do exílio na Tchecoslováquia. Himmler não só pedira desculpas pela incursão em sua casa; prometera fazer dele um *Standartenführer*, ou coronel, das SS.

Diels enviou-lhe uma servil nota de agradecimento: “Promovendo-me a *Obersturmbannführer der SS*, o senhor me deu tanta alegria que eu não poderia expressá-la nestas breves palavras de agradecimento.”¹²

Seguro pelo menos naquele momento, Diels convidou Martha para assistir a uma sessão do julgamento do incêndio do Reichstag, que se arrastava na Suprema Corte em Leipzig havia quase um mês e que deveria voltar a se reunir logo mais em Berlim, na cena do crime. Esperava-se que o julgamento fosse rápido e resultasse em condenações, idealmente em pena de morte para os cinco acusados, mas o caso não se desenrolava como Hitler esperava.

Agora uma “testemunha” especial deveria aparecer.

CAPÍTULO 21

O problema com George

Dentro da Alemanha, fora posto em movimento um grande volante que conduzia o país inexoravelmente para algum lugar obscuro, alheio às lembranças que Dodd guardava de sua velha conhecida dos tempos de estudante. Com o avanço do outono, que enchia de cores o Tiergarten, ele se convencia cada vez mais de que estava certíssimo em Chicago, na primavera, quando observara que seu temperamento era inadequado para a “alta diplomacia” e para bancar o mentiroso que suplica de joelhos. Ele queria produzir um impacto: despertar a Alemanha para os perigos de sua trajetória atual e levar o governo de Hitler a seguir um rumo mais humano e racional. Percebia, com rapidez, entretanto, que tinha pouco poder para tanto. O que lhe parecia especialmente estranho era a fixação nazista com a pureza racial. O rascunho de um novo código penal que começava a circular propunha essa obsessão como esteio fundamental da lei alemã. O vice-cônsul americano em Leipzig, Henry Leverich, julgou o rascunho um documento extraordinário, e redigiu uma análise: “Pela primeira vez, por conseguinte, na história jurídica da Alemanha, o rascunho de um código contém sugestões específicas para a proteção da Raça Alemã contra o que se considera a desintegração causada pela miscigenação de sangue judeu e mulato.”¹ Se o código se transformasse em lei — e ele não tinha dúvida de que isso aconteceria —, daquele momento em diante “será considerado crime um homem ou mulher gentio casar-se com um homem ou mulher de origem judaica ou de cor”. Ele notou também que o código tornava primordial a proteção da família, e por isso abolia o aborto, com a ressalva de que um tribunal poderia autorizar o procedimento quando o descendente esperado fosse uma mistura de sangue alemão com sangue judeu ou negro. Escreveu o vice-cônsul Leverich: “A julgar pelos comentários dos jornais, é quase certo que essa parte do rascunho será transformada em lei.”

Outra lei recém-proposta chamou particularmente a atenção de Dodd — uma lei “para permitir matar incuráveis”, como a descreveu num memorando ao Departamento de Estado com data de 26 de outubro de 1933.² Pacientes seriamente doentes poderiam pedir para ter sua vida abreviada por eutanásia, mas, se fossem incapazes de formular o pedido, os parentes poderiam fazê-lo em seu nome. Essa proposta, “junto com a legislação já em vigor que rege a esterilização de pessoas afetadas por imbecilidade hereditária e outros defeitos semelhantes, está de acordo com a intenção de Hitler de melhorar o padrão físico do povo alemão”, escreveu Dodd. “Segundo a filosofia nazista, só alemães fisicamente capazes pertencem ao Terceiro Reich, e é desses que se espera que constituam famílias numerosas.”

Os ataques contra americanos prosseguiram, apesar dos protestos de Dodd, e o julgamento de casos anteriores parecia, na melhor hipótese, letárgico. Em 8 de

novembro, Dodd foi notificado pelo Ministério do Exterior alemão de que não seria feita nenhuma prisão no caso do ataque ao filho de H. V. Kaltenborn, porque Kaltenborn pai “não conseguia lembrar nem o nome nem o cartão de identificação do culpado emitido pelo Partido, e nenhuma outra pista que pudesse ser útil na investigação pôde ser encontrada”.³

Devido talvez à crescente sensação de futilidade de seus esforços, Dodd desviou sua atenção das questões internacionais e passou a se concentrar na situação dentro de sua própria embaixada. Ele sentia-se mais e mais impelido — com sua personalidade frugal, jeffersoniana — a dedicar-se às deficiências do seu pessoal e à extravagância dos negócios de embaixada.

Intensificou sua campanha para reduzir os custos dos telegramas e o tamanho e a redundância dos despachos, conseqüências, achava ele, do fato de haver um excesso de homens ricos no departamento. “O pessoal rico quer ter coquetéis à tarde, jogar cartas à noite e levantar-se às dez da manhã no dia seguinte”, escreveu ele para o secretário Hull.⁴ “Isso tende a reduzir o estudo e o trabalho sérios (...) e também torna os homens indiferentes aos custos dos relatórios e telegramas.” Os telegramas deveriam ser reduzidos à metade, escreveu ele. “Hábitos antigos aqui resistem a meus esforços para encurtar os telegramas, a ponto de alguns homens terem ‘ataques’ quando apago grandes trechos. Terei de escrevê-los eu mesmo.”

O que Dodd ainda não tinha compreendido inteiramente era que, ao queixar-se da riqueza, das roupas e dos hábitos de trabalho de funcionários da embaixada, ele na verdade atacava o subsecretário Phillips, o chefe de assuntos da Europa Ocidental Moffat e seus colegas, exatamente os homens que mantinham e endossavam a cultura de serviço exterior — o Excelente Clube — que Dodd achava tão angustiante. Eles interpretavam suas queixas acerca de custos como ofensivas, tediosas e execráveis, especialmente por causa da natureza do seu posto. Não havia assuntos mais importantes exigindo a sua atenção?

Phillips, em particular, ficou ofendido e encomendou um estudo à divisão de comunicações do Departamento de Estado para comparar o volume de telegramas de Berlim com o de outras embaixadas. O chefe da divisão, um certo D. A. Salmon, descobriu que Berlim tinha mandado um terço do número de telegramas da Cidade do México e apenas quatro mensagens a mais do que a minúscula legação no Panamá. Escreveu Salmon: “Parece que, devido à aguda situação existente na Alemanha, os telegramas da embaixada americana em Berlim foram muito poucos desde que o embaixador Dodd assumiu o cargo.”⁵

Phillips encaminhou a Dodd o relatório com uma carta de três frases, na qual, torcendo aristocraticamente o nariz, citava a recente menção de Dodd à “extravagância do negócio de telegramas na embaixada em Berlim”.⁶ Dizia: “Imaginando que talvez seja do seu interesse, segue cópia em anexo.”

Dodd respondeu: “Não pense que a comparação feita pelo Sr. Salmon do meu trabalho com o do meu amigo Sr. Daniels no México me afeta em qualquer sentido. O Sr. Daniels e eu somos amigos desde que eu tinha 18 anos; mas sei que ele não sabe condensar relatórios.”⁷

DODD ACHAVA QUE UM produto de excessos passados — “outra curiosa ressaca”, disse ele a Phillips — era que a embaixada tinha funcionários de mais, em particular um número excessivo de judeus.⁸ “Temos seis ou oito membros do ‘povo eleito’ aqui, que trabalham em funções muito úteis, mas visíveis”, escreveu ele. Reconhecia que vários deles eram seus melhores funcionários, mas temia que sua presença na equipe prejudicasse as relações com o governo de Hitler, impedindo as operações diárias da embaixada. “Eu não pensaria, nem por um momento, em transferência. No entanto, o número é muito alto e uma delas” — ele se referia a Julia Swope Lewin, recepcionista da embaixada — “é tão fervorosa e fica em tal evidência todos os dias que já ouvi ecos em círculos semioficiais.” Citou também o exemplo do contador da embaixada, que, apesar de “muito competente”, também pertencia “ao ‘povo eleito’, o que o deixa um tanto em desvantagem com certos bancos aqui”.

A esse respeito, por estranho que pareça, Dodd se preocupava também com George Messersmith. “Seu cargo é importante, e ele é muito capaz”, escreveu a Hull, “mas funcionários alemães disseram a um dos nossos aqui: ‘Ele também é hebreu.’ Não sou hostil à raça, mas temos aqui um número alto, e isso afeta o serviço e aumenta o meu fardo.”⁹

Por enquanto, pelo menos, Dodd parecia não perceber que Messersmith não era judeu. Ele se deixara enganar, aparentemente, por um boato lançado por Putzi Hanfstaengl, depois que Messersmith lhe repreendera em público, durante uma recepção na embaixada, por ter feito propostas amorosas inoportunas a uma convidada.¹⁰

A suspeita de Dodd teria enfurecido Messersmith, que já achava difícil ouvir as especulações de funcionários nazistas sobre quem seria ou não judeu. Na sexta-feira, 27 de outubro, Messersmith ofereceu um almoço em sua casa, durante o qual apresentou o embaixador a alguns nazistas especialmente hidrófobos, para ajudar Dodd a perceber o verdadeiro caráter do partido. Um nazista, aparentemente equilibrado e inteligente, declarou como fato a crença comum entre os membros do partido de que o presidente Roosevelt e sua mulher só tinham assessores judeus. No dia seguinte, Messersmith escreveu ao subsecretário Phillips: “Eles parecem acreditar que, por termos judeus em cargos oficiais, ou porque pessoas importantes em nosso país têm amigos judeus, nossa política é ditada só por judeus, e que particularmente o presidente e a Sra. Roosevelt conduzem uma campanha de propaganda antigermânica sob influência de amigos e conselheiros judeus.”¹¹ O cônsul-geral contou que isso o deixara encrespado. “Eu lhes disse que não deveriam pensar que só porque existe um movimento antisemita na Alemanha pessoas bem pensantes e bem-intencionadas nos Estados Unidos vão deixar de conviver com judeus. Eu disse também que a arrogância de alguns líderes partidários aqui era seu maior defeito, e a impressão de que poderiam impor suas opiniões ao restante do mundo era sua maior fraqueza.”

Citou esse modo de pensar como exemplo da “mentalidade extraordinária”

que prevalecia na Alemanha. “Seria difícil para o senhor acreditar que noções como essas de fato existem entre pessoas de valor no governo alemão”, disse a Phillips, “mas que eles acreditam está claro para mim, e aproveitei a oportunidade, em linguagem que não deixava dúvida, para mostrar como estavam errados e quanto essa arrogância lhes era prejudicial.”

Levando em conta a antipatia de Phillips pelos judeus, é tentador imaginar o que ele realmente achava das observações de Messersmith, mas os registros históricos são mudos a esse respeito.

O que se sabe, porém, é que, na população de americanos que manifestavam tendências antissemitas, circulava um gracejo que descrevia a presidência de Franklin Roosevelt como a “administração Rosenberg”.¹²

* * *

A DISPOSIÇÃO DE DODD a acreditar que Messersmith era judeu pouco tinha a ver com seu rudimentar antissemitismo, mas parecia um sintoma das profundas apreensões que começava a abrigar em relação ao cônsul-geral. Cada vez mais ele se perguntava se Messersmith estaria, inteiramente, do seu lado.

Ele jamais pôs em dúvida a competência e a coragem de Messersmith em se manifestar publicamente quando cidadãos ou interesses americanos eram atingidos, e reconhecia que o cônsul “dispõe de muitas fontes de informação que eu não tenho”.¹³ Mas, em duas cartas ao subsecretário Phillips, redigidas num intervalo de dois dias, Dodd sugeriu que Messersmith tinha ultrapassado o prazo de sua missão em Berlim. “Devo acrescentar que ele está aqui há três ou quatro anos, em meio a uma época muito vibrante e tumultuosa”, escreveu Dodd em uma das cartas, “e acho que desenvolveu uma sensibilidade, talvez até uma ambição, que tende a torná-lo inquieto e descontente. Dizer isso pode parecer muito forte, mas acho que não é.”¹⁴

Dodd deu poucas provas que justificassem sua avaliação. Destacou apenas um defeito com clareza: o gosto de Messersmith por escrever despachos de grande extensão sobre todas as coisas, sérias ou triviais. Dodd disse a Phillips que os despachos de Messersmith poderiam ser reduzidos à metade, “sem prejuízo nenhum”, e que o homem precisava ter mais discernimento na escolha dos assuntos.¹⁵ “Hitler não poderia perder o chapéu num aeroplano sem que houvesse um relato a esse respeito.”

Os relatórios eram, para o embaixador, apenas um alvo conveniente, um substituto para fontes de desgosto que ele tinha dificuldade de destacar. Em meados de novembro, sua insatisfação começou a transformar-se em desconfiança. Ele sentia que Messersmith cobiçava seu próprio emprego, e via em sua incessante produção de relatórios uma manifestação dessa ambição. “Ocorre-me”, disse Dodd a Phillips, “que ele acha que uma promoção lhe é devida, e eu penso que seus serviços a exigem; mas tenho dúvida sobre se o período mais útil de seu trabalho aqui não já teria passado. O senhor sabe tão bem quanto eu que as circunstâncias, as condições e às vezes os desapontamentos

recomendam a transferência até mesmo dos funcionários mais capazes.”¹⁶ Insistiu com Phillips para que conversasse sobre o assunto com o chefe do serviço consular Wilbur Carr “e visse se algo do gênero não poderia ser feito”.

E concluiu: “Não preciso dizer que espero que isso tudo continue sendo inteiramente confidencial.”

O fato de Dodd imaginar que Phillips guardaria essa confidencialidade sugere que ele não sabia que Phillips e Messersmith se correspondiam com regularidade e frequência fora do fluxo dos informes oficiais. Quando Phillips respondeu a Dodd no fim de novembro, acrescentou sua costumeira pitada de ironia, num tom tão leve e agradável que sugeria que ele apenas mimava Dodd — receptivo, mas sem dar muita importância. “As cartas e os despachos do seu cônsul-geral são cheios de interesse, mas deveriam ser reduzidos à metade — como o senhor diz. Mais força no cotovelo! O senhor é minha esperança de que essa mais do que necessária reforma seja difundida.”¹⁷

* * *

NO DOMINGO, 29 DE OUTUBRO,¹⁸ aproximadamente ao meio-dia, Dodd andava pela Tiergartenstrasse, a caminho do Hotel Esplanade, quando avistou uma grande procissão das Tropas de Assalto com suas reveladoras camisas marrons marchando em sua direção. Pedestres paravam e gritavam a saudação de Hitler.

Dodd virou-se e entrou no parque.

CAPÍTULO 22

A testemunha usava coturnos

O tempo esfriava, e a cada dia o crepúsculo do norte parecia avançar mais. Havia vento, chuva e neblina. Naquele novembro, a estação meteorológica do Aeroporto de Tempelhof registraria períodos de neblina em 14 dos trinta dias. A biblioteca da Tiergartenstrasse 27a tornara-se irresistivelmente acolhedora, os livros e as paredes de damasco ganharam uma cor marrom-avermelhada refletida pelas chamas na grande lareira. Em 4 de novembro, um sábado ao fim de uma semana especialmente desoladora, cheia de chuva e vento, Martha dirigiu-se ao prédio do Reichstag, onde fora construído um tribunal temporário para a sessão berlinense do grande julgamento do incêndio. Levava um ingresso fornecido por Rudolf Diels.

Policiais com carabinas e espadas circundavam o edifício — “enxames” de policiais, de acordo com um observador. Todos os que tentavam entrar eram detidos para inspeção. Oitenta e dois correspondentes estrangeiros atulhavam a sacada da imprensa no fundo da sala. Os cinco juízes, comandados pelo juiz presidente Wilhelm Büniger, usavam togas escarlate. Por toda a plateia espalhavam-se homens de preto, das SS, e de marrom, das SA, assim como civis, funcionários do governo e diplomatas. Martha ficou surpresa ao descobrir que seu ingresso colocava-a não apenas no andar principal, mas na frente do tribunal, em meio a vários dignitários. “Entrei, o coração na garganta, enquanto era conduzida para um lugar muito na frente”, ela iria se recordar.¹

A sessão do dia tinha início marcado para as 9h15, mas a principal testemunha, Hermann Göring, estava atrasada. Possivelmente pela primeira vez desde que os depoimentos tiveram início, em setembro, havia suspense real na sala. O julgamento deveria ter sido rápido e oferecido aos nazistas um palco mundial onde pudessem condenar os males do comunismo e, ao mesmo tempo, contestar a crença amplamente difundida de que eles próprios haviam iniciado o fogo. Em vez disso, apesar dos claros sinais de que o juiz presidente favorecia a promotoria, parecia um julgamento de verdade, com ambas as partes apresentando grandes volumes de provas. O Estado esperava demonstrar que os cinco acusados tinham tomado parte no incêndio, apesar da insistência de Marinus van der Lubbe em afirmar que fora o único responsável. Os promotores lançaram mão de inúmeros especialistas numa tentativa de provar que os estragos causados ao prédio haviam sido demasiado extensos, com muitos incêndios menores em múltiplos lugares, para serem obra de um único incendiário. No processo, de acordo com Fritz Tobias, autor do relato de referência sobre o incêndio e seus efeitos, o que deveria ter sido um julgamento emocionante e revelador acabou se transformando num “bocejante abismo de tédio”.²

Até aquele momento.

Göring deveria chegar a qualquer momento. Reconhecidamente inconstante e falatrão, dado a vestir roupas berrantes e a chamar a atenção, esperava-se que ele animasse o julgamento. A sala enchia-se do chiado de flanelas e alpacas, quando as pessoas se viravam para olhar a entrada.

Meia hora se passou, e Göring não aparecia. Também não se via Diels em parte alguma.

Para passar o tempo, Martha observava os acusados. Havia Ernst Torgler, deputado do Partido Comunista no Reichstag antes da ascensão de Hitler; estava pálido e cansado. Havia os comunistas búlgaros — Georgi Dimitrov, Simon Popov e Vassili Tanev —, que “pareciam rijos, duros, indiferentes”.³ O principal acusado, Van der Lubbe, era “um dos espetáculos mais horríveis que eu já tinha visto em forma de gente. Grande, volumoso, face e corpo subumanos, era tão repulsivo e degenerado que eu mal suportava olhá-lo”.

Passou-se uma hora. A tensão na sala aumentou ainda mais, com a fusão de impaciência e expectativa.

Houve um clamor no fundo da sala — botas e comandos, quando Göring e Diels entraram, encabeçando homens uniformizados. Göring, de quarenta anos, cerca de 115 quilos, entrou com passos seguros e foi até a frente da sala, trajando jaqueta de caça marrom, calças de montaria ajustadas às pernas e reluzentes botas marrons que lhe subiam até os joelhos. Nada disso disfarçava a grande circunferência da cintura ou a semelhança com “a traseira de um elefante”, como o descreveu um diplomata americano.⁴ Diels, de belo terno escuro, era como uma sombra delgada.

“Todos se levantaram de um pulo, como eletrizados”, observou um repórter suíço, “e todos os alemães, incluindo o juiz, ergueram o braço para fazer a saudação de Hitler.”⁵

Diels e Göring ficaram parados, um ao lado do outro, na frente da sala, muito perto de Martha. Os dois homens falavam baixo.

O juiz que presidia a sessão ofereceu a palavra a Göring. Ele adiantou-se. Tinha um ar pomposo e arrogante, de acordo com Martha, que também sentiu nele uma subcorrente de desconforto.

Göring pronunciou uma arenga preparada que durou quase três horas. Numa voz dura e áspera, que de vez em quando se erguia em grito, atacou furiosamente os comunistas, os acusados e o crime de incêndio premeditado que haviam perpetrado contra a Alemanha. Bravos e aplausos ruidosos encheram a sala.

“Com uma das mãos ele gesticulava desvairadamente”, escreveu Hans Gisevius em suas memórias da Gestapo; “com o lenço perfumado na outra, enxugava o suor da testa.”⁶ Numa tentativa de capturar o significado daquele momento, Gisevius descreveu os rostos dos três atores mais importantes da sala — “o de Dimitrov está cheio de desdém, o de Göring, contorcido de raiva, o do juiz presidente Bünge, pálido de pavor”.

E havia Diels, elegante, sombrio, expressão indecifrável. Diels tinha ajudado a interrogar Van der Lubbe na noite do incêndio e concluíra que o suspeito era “um doido” que de fato ateava fogo sozinho. Hitler e Göring, entretanto, decidiram, de imediato, que o Partido Comunista estava por trás de tudo e que o incêndio era o primeiro golpe de uma grande sublevação. Naquela noite, Diels

vira o rosto de Hitler ficar roxo de raiva quando declarava aos berros que todos os funcionários e deputados comunistas seriam fuzilados. A ordem foi rescindida, e substituída por prisões em massa e atos de violência das Tropas de Assalto.

Diels estava de pé, um cotovelo apoiado na bancada do juiz. De vez em quando, mudava de posição, como se quisesse ver Göring melhor. Martha convenceu-se de que Diels tinha planejado a apresentação de Göring, talvez até redigido seu discurso. Ela lembrava que Diels se mostrara “especialmente ansioso para que eu estivesse presente naquele dia, quase como se quisesse exibir para mim seu talento e sua competência”.⁷

Diels fora contra a ideia de julgar outra pessoa que não fosse Van der Lubbe e previra a absolvição dos outros acusados. Göring não quis ouvir, embora reconhecesse o que estava em jogo. “Um serviço malfeito”, admitira Göring, “poderia ter consequências intoleráveis.”⁸

* * *

DIMITROV LEVANTOU-SE PARA FALAR. Munido de sarcasmo e de uma lógica serena, ele claramente esperava provocar o conhecido destempero de Göring. Disse que a investigação policial do incêndio e o exame inicial das provas pelos tribunais tinham sido influenciados por diretrizes recebidas de Göring, “impedindo-se, dessa forma, a apreensão dos verdadeiros incendiários”.⁹

— Se a polícia se deixou influenciar numa determinada direção — disse Göring —, então, em todo caso, foi influenciada apenas na direção adequada.

— Esta é a sua opinião — retrucou Dimitrov. — A minha é muito diferente.

Göring redarguiu:

— Mas a que vale é a minha.

Dimitrov lembrou que o comunismo, que Göring chamara de “mentalidade criminoso”, controlava a União Soviética, que “tem contatos diplomáticos, políticos e econômicos com a Alemanha. Suas ordens dão emprego a centenas de milhares de trabalhadores alemães. O ministro sabe disso?”

— Sim, eu sei — respondeu Göring. Mas esse debate, disse ele, não tinha nada a ver com o assunto. — Hoje, só estou preocupado com o Partido Comunista da Alemanha e com os delinquentes comunistas que vêm aqui para atear fogo no Reichstag.

Os dois continuaram altercando; o juiz presidente de vez em quando intercedia, para advertir Dimitrov que não “fizesse propaganda comunista”.

Göring, pouco habituado a ser contestado por alguém que lhe parecesse inferior, ficava cada vez mais furioso.

Dimitrov observou, calmamente:

— O senhor está com muito medo das minhas perguntas, não está, senhor ministro?

Göring perdeu o controle. Gritou.

— O senhor vai ficar com medo quando eu o agarrar. Espere só até eu o pegar fora da proteção deste tribunal, seu vigarista!

O juiz ordenou que Dimitrov fosse expulso; a plateia prorrompeu em aplausos; mas foi a ameaça final de Göring que rendeu manchetes. O momento foi revelador em dois sentidos — primeiro porque traiu o medo de Göring de que Dimitrov fosse absolvido, e segundo porque ofereceu um rápido vislumbre do irracional e letal coração de Göring e do regime de Hitler.

O dia também desgastou ainda mais a simpatia de Martha pela revolução nazista. Göring fora arrogante e ameaçador; Dimitrov, calmo e carismático. Martha ficou impressionada. Dimitrov, escreveu ela, era “um homem brilhante, atraente, misterioso, que emanava a mais espantosa vitalidade e coragem que já vi numa pessoa sob pressão. Ele estava vivo, ele ardia.”¹⁰

* * *

O JULGAMENTO VOLTOU ao seu anêmico estado anterior, mas o estrago estava feito. O repórter suíço, como dezenas de outros correspondentes estrangeiros na sala, reconheceu que a explosão de Göring transformara o processo: “Pois o mundo foi informado de que, independentemente de o acusado ser condenado ou absolvido pelo tribunal, seu destino já estava selado.”¹¹

CAPÍTULO 23

Boris morre outra vez

Com a aproximação do inverno, Martha concentrou suas energias românticas basicamente em Boris. Eles rodaram centenas de quilômetros no Ford conversível, com incursões por toda a zona rural em torno de Berlim.

Num desses passeios de carro, Martha avistou um produto da antiga Alemanha, um santuário de Jesus à beira da estrada, e insistiu em parar para vê-lo de perto. Dentro, havia uma representação particularmente realista da Crucificação. O rosto de Jesus contraía-se numa expressão de agonia, as feridas espalhafatosamente sangrentas. Instantes depois, ela olhou para Boris. Embora jamais se descrevesse como muito religiosa, ficou chocada com o que viu.

Boris estava em pé, os braços estendidos, os tornozelos cruzados, a cabeça pendendo sobre o peito.

— Boris, pare com isso — disse ela. — O que está fazendo?!

— Morrendo por você, minha querida. Estou pronto para isso, você sabe.

Ela disse que a paródia não tinha graça, e se afastou.

Boris pediu desculpas.

— Não quis ofendê-la — disse ele. — Mas não consigo entender por que os cristãos adoram ver um homem torturado.

Não se tratava disso, respondeu ela.

— Eles adoram o sacrifício que ele fez em nome de sua crença.

— É mesmo? — disse ele. — Você acredita nisso? Existem tantos assim dispostos a morrer por suas crenças, seguindo o exemplo dele?

Ela citou Dimitrov e sua coragem de enfrentar Göring no julgamento do caso Reichstag.

Boris respondeu com um sorriso angelical.

— Sim, *liebes Fräulein*, mas *ele* era comunista.

CAPÍTULO 24

Como arrancar votos

No domingo de manhã, 12 de novembro — frio, com chuvisco e neblina —, os Dodd depararam com uma cidade estranhamente calma, uma vez que era o dia designado por Hitler para o referendo sobre sua decisão de sair da Liga das Nações e buscar a igualdade militar. Em toda parte, a família viu pessoas com pequenas insígnias indicando não apenas que tinham votado, mas que tinham votado “sim”. Ao meio-dia, quase todo mundo na rua parecia ostentar a insígnia, sugerindo que os eleitores tinham levantado cedo para cumprir suas obrigações e evitar o perigo de parecerem descuidados em relação a seu dever cívico.

Até mesmo a data da eleição fora escolhida com cuidado. Doze de novembro era o dia seguinte ao 15º aniversário da assinatura do armistício que dera fim à Grande Guerra. Hitler, que percorrera o país de avião em campanha pelo voto positivo, disse a uma plateia: “Num 11 de novembro o povo alemão formalmente perdeu sua honra; 15 anos depois veio o 12 de novembro, e o povo alemão restaurou sua honra perante si mesmo.”¹ O presidente Hindenburg também fez campanha pelo “sim”. “Mostrem amanhã sua firme união nacional e sua solidariedade com o governo”, disse ele num discurso em 11 de novembro.² “Apoiem comigo e com o chanceler do Reich o princípio da igualdade de direitos e da paz com honra.”

A votação tinha dois componentes principais. Num deles pedia-se aos alemães que elessem delegados a um recém-reconstituído Reichstag, mas oferecendo apenas candidatos nazistas, para garantir que o corpo legislativo resultante aplaudisse com entusiasmo as decisões de Hitler. O outro componente, uma pergunta de política externa, fora redigido de maneira a garantir o máximo apoio. Todo alemão poderia encontrar uma razão para votar no “sim” — se quisesse paz, se sentisse que o Tratado de Versalhes tinha sido injusto com a Alemanha, se acreditasse que a Alemanha deveria ser tratada como igual pelos outros países ou simplesmente se desejasse manifestar apoio a Hitler e a seu governo.³

Hitler queria um endosso retumbante. Em toda a Alemanha, a máquina do Partido Nazista adotou medidas extraordinárias para que o povo votasse. Uma notícia dizia que pacientes confinados em camas de hospital foram transportados em macas para os postos de votação.⁴ Victor Klemperer, o filólogo judeu de Berlim, fez uma anotação em seu diário sobre a “extravagante propaganda” para conquistar o voto positivo.⁵ “Em todos os veículos comerciais, furgões de correio, bicicletas de carteiro, em todas as casas e vitrines de loja, em grandes faixas atravessadas no alto das ruas — as palavras de Hitler estão em toda parte, e sempre ‘sim’ pela paz! É a mais monstruosa das hipocrisias.”

Homens do partido e das SA monitoraram a votação, tomando nota de quem não votou; os retardatários recebiam a visita de um pelotão das Tropas de

Assalto, que insistia na conveniência de uma imediata ida às urnas. Para quem fosse tapado o suficiente para não entender qual era a ideia, foi publicado um artigo na edição matutina de domingo do jornal oficial nazista, *Völkischer Beobachter*: “Por razões de clareza, é preciso repetir mais uma vez. Aquele que não se filiar a nós hoje, aquele que não votar e não votar no ‘sim’ hoje, mostra que é, senão nosso inimigo de sangue, pelo menos produto de destruição, e não deve mais ser ajudado.”⁶

E o último parágrafo: “Seria melhor para ele e seria melhor para nós se ele não existisse mais.”

Cerca de 45,1 milhões de alemães estavam aptos a votar, e 96,5% foram às urnas.⁷ Destes, 95,1% votaram a favor da política externa de Hitler. Mais interessante, porém, foi o fato de que 2,1 milhões de alemães — quase 5% do eleitorado registrado — tomaram a perigosa decisão de votar “não”.

Hitler divulgou uma proclamação agradecendo ao povo alemão pelo “reconhecimento historicamente raro em favor do verdadeiro amor à paz e, ao mesmo tempo, pela reivindicação de nossa honra e de nossos eternos direitos iguais”.⁸

O resultado estava claro para Dodd antes da contagem dos votos. Ele escreveu a Roosevelt: “A eleição aqui é uma farsa.”⁹

Não havia indício mais claro disso do que a votação dentro do campo de Dachau: 2.154 dos 2.242 prisioneiros — 96% — votaram a favor do governo de Hitler.¹⁰ A história silencia sobre o destino das 88 almas que não votaram, ou que votaram “não”.

* * *

NA SEGUNDA-FEIRA, 13 de novembro, o presidente Roosevelt dedicou alguns momentos para redigir uma carta a Dodd. Cumprimentou-o por sua correspondência e, numa aparente alusão às preocupações de Dodd depois de sua entrevista com Hitler, disse: “O fato de o senhor ter sido franco com certas pessoas me deixa feliz. Acho que é uma boa coisa.”¹¹

Comentou ainda sobre uma observação do colunista Walter Lippmann de que apenas 8% da população mundial, referindo-se à Alemanha e ao Japão, era capaz, “devido a uma atitude imperialista”, de impedir a paz e o desarmamento para o resto do mundo.

“Às vezes penso”, escreveu o presidente, “que os problemas do mundo estão piorando em vez de melhorar. Em nosso próprio país, porém, apesar de ataques, ‘trapaças’ e grunhidos da extrema-direita e da extrema-esquerda, estamos na verdade levando as pessoas de volta ao trabalho e cultivando valores.”

E encerrou com um jovial “Continue o bom trabalho!”.

* * *

EM WASHINGTON, O SECRETÁRIO Hull e outros altos funcionários, incluindo o subsecretário Phillips, passaram a primeira metade do mês entregues ao planejamento da iminente visita de Maxim Litvinov, o comissário soviético de Negócios Exteriores, que deveria iniciar discussões com Roosevelt com vistas ao reconhecimento da União Soviética pelos Estados Unidos. A ideia era profundamente impopular entre os isolacionistas, mas Roosevelt via importantes benefícios estratégicos, como abrir a Rússia a investimentos americanos e ajudar a controlar as ambições japonesas na Ásia. As “conversações Roosevelt-Litvinov”, em geral difíceis e frustrantes para ambas as partes, acabaram resultando no reconhecimento formal da União Soviética por Roosevelt em 16 de novembro de 1933.

Sete dias depois, Dodd mais uma vez pôs fraque e cartola para sua primeira visita oficial à embaixada soviética. Um fotógrafo da Associated Press pediu para tirar sua foto ao lado do colega soviético. O russo queria, mas Dodd pediu que o dispensassem, temendo que “certos jornais reacionários nos Estados Unidos exagerassem a notícia da minha visita e repetissem os ataques a Roosevelt por causa de seu reconhecimento”.¹²

CAPÍTULO 25

O Boris secreto

Agora Martha e Boris sentiam-se livres para revelar seu namoro ao mundo, apesar de ambos reconhecerem que a descrição ainda era necessária, devido às contínuas censuras dos superiores de Boris e dos pais dela. O caso tornava-se cada vez mais sério, apesar dos esforços de Martha para manter o assunto leve e descomprometido. Ela continuava a ver Armand Berard, da embaixada da França, e possivelmente Diels, e a aceitar convites de novos admiradores, o que deixava Boris louco de ciúme. Ele lhe enviava uma chuva de bilhetes, flores e músicas, e telefonava sem parar. “Eu só queria amá-lo de leve”, escreveu Martha, num relato inédito; “tentava tratá-lo tão casualmente quanto os outros amigos. Obrigava-me a ser-lhe indiferente durante uma semana; então, na seguinte, tornava-me estupidamente ciumenta. Eu me esquecia dele, depois ele me absorvia. Era uma contradição insuportável, penosa e frustrante para nós dois.”¹

Martha ainda estava empenhada em ver o melhor lado da revolução nazista, mas Boris não tinha ilusões quanto ao que ocorria à sua volta. Para irritação dela, estava sempre à procura dos motivos ocultos que governavam as ações dos líderes nazistas e das diversas figuras que visitavam a embaixada dos Estados Unidos.

— Você vê sempre as coisas ruins — disse ela, com raiva. — Devia tentar ver o que há de positivo na Alemanha, e em nossos visitantes, em vez de estar sempre suspeitando dos seus verdadeiros motivos.²

Ela sugeria que ele às vezes também era culpado de ocultar seus motivos:

— Acho que você tem ciúme de Armand — disse ela —, ou de qualquer outro que me chame para sair.

No dia seguinte, ela recebeu um pacote de Boris. Dentro havia três macacos de cerâmica e um cartão com os dizeres: “Não Ver Nada, Não Ouvir Nada, Não Falar Nada.” Boris concluiu com a frase: “Te amo.”³

Martha riu. Em troca, mandou-lhe a pequena estátua de madeira de uma freira, junto com um bilhete dizendo que estava seguindo as ordens dos macacos.

Por trás de tudo, havia a pergunta assustadora: onde iria parar a relação dos dois? “Eu não conseguia pensar no futuro, com ou sem ele”, escreveu ela. “Amava minha família, meu país, e também não queria encarar a possibilidade de separação.”⁴

A tensão levava a mal-entendidos e tristeza. Boris sofria.

“Martha!”, escreveu ele numa carta cheia de dor.⁵ “Estou tão triste que não consigo achar as palavras para tudo o que aconteceu. Perdoe-me se fui mesquinho ou mau com você. Não tive intenção. Compreendo-a, mas não totalmente, e não sei o que faço. Que devo fazer? Adeus, Martha, seja feliz sem mim, e não pense mal de mim.”

Sempre voltavam. Cada separação parecia aumentar a atração que sentiam, mas também ressaltava os momentos de desentendimento e raiva — até um domingo à tarde, no fim de novembro, quando a relação entre eles sofreu uma mudança material. Ela se lembraria de tudo minuciosamente.

Um dia desolado, o céu como uma mancha de carvão, o ar frio, mas não frio a ponto de fazer Boris levantar a capota do Ford.⁶ Eles saíram com destino a um acolhedor restaurante que ambos adoravam, localizado numa garagem de barcos, sobre palafitas, num lago no distrito de Wannsee. Uma fragrante floresta de pinheiros protegia a orla.

Acharam o restaurante quase vazio, mas ainda assim encantador. Mesas de madeira cercavam uma pequena pista de dança. Quando a jukebox não estava tocando, ouvia-se claramente o barulho da água batendo nas estacas lá fora.

Martha pediu sopa de cebola, salada e cerveja. Boris escolheu vodka, *shashlik* e arenque com creme de leite azedo e cebola. E mais vodka. Boris adorava comer, observou Martha, mas jamais parecia ganhar *ein Pfund*.

Depois do almoço, dançaram. Boris tinha melhorado, mas ainda tratava dançar e andar como fenômenos intercambiáveis. Em dado momento, quando seus corpos se juntaram, ambos ficaram parados, lembrou-se Martha; ela sentiu-se de súbito radiante de calor.

Boris afastou-se de forma abrupta. Pegou-a pelo braço e levou-a para um deque de madeira que se projetava sobre a água. Ela olhou para ele e viu dor — sobranceiras contraídas, lábios comprimidos. Parecia agitado. Debruçaram-se na amurada, observando uma esquadra de cisnes brancos.

Ele virou-se para ela, com expressão quase sombria. “Martha”, disse, “eu te amo.” Confessou que se sentia assim desde a primeira vez que a vira no apartamento de Sigrid Schultz. Segurou-a diante de si, as mãos firmemente presas aos cotovelos. A louca alegria desaparecera.

Deu um passo para trás e olhou-a.

— Não brinque comigo, querida — disse. — *Du hast viele Bewerber*. — Você tem um monte de pretendentes. — Não deve se decidir ainda. Mas não me trate com levandade. Eu não suportaria.

Ela desviou os olhos.

— Amo você, Boris. Sabe disso. E sabe como me esforço para não amá-lo.

Boris voltou a contemplar a água.

— Sim, eu sei — disse com tristeza. — Para mim também não é fácil.

Boris nunca conseguia ficar quieto por muito tempo. O sorriso reapareceu — aquele sorriso explosivo.

— Mas — disse ele — seu país e o meu são agora oficialmente amigos, e isso torna tudo melhor, torna tudo possível, não acha?

Sim, mas...

Havia outro obstáculo. Boris guardava um segredo. Martha sabia qual era, mas ainda não lhe dissera que sabia. Agora, diante dele, falou com grande serenidade.

— Além disso — disse ela —, você é casado.

Mais uma vez Boris deu um passo para trás. A cor da pele, já ruborizada pelo frio, ficou perceptivelmente mais vermelha. Ele foi até a amurada e reclinou-se

apoiado nos cotovelos. Sua longa figura formava um arco esbelto e gracioso. Nenhum dos dois falou.

— Lamento — disse ele. — Eu deveria ter-lhe dito. Achei que soubesse. Desculpe.

Ela disse que de início não sabia, até Armand e os pais dela lhe mostrarem os dados sobre Boris na lista diplomática publicada pelo Ministério do Exterior da Alemanha. Ao lado do nome de Boris havia uma referência à sua mulher, que estava “*abwesend*”. Quer dizer, ausente.

— Ela não está ‘ausente’ — disse Boris. — Somos separados. Não éramos felizes juntos havia muito tempo. A próxima lista diplomática não terá nada nesse espaço. — Revelou ainda que tinha uma filha, que adorava. Disse que era só por intermédio da menina que tinha contato com a mulher.

Martha notou lágrimas em seus olhos. Ele já tinha chorado em sua presença, e ela sempre achara comovente, mas perturbador. Um homem chorando — isso era novidade para ela. Nos Estados Unidos, homens não choravam. Ainda não. Até então ela tinha visto lágrimas nos olhos do pai apenas uma vez, na morte de Woodrow Wilson, que ele considerava um bom amigo. Haveria outra ocasião, mas esta só viria dentro de poucos anos.

Voltaram ao restaurante, para a mesa. Boris pediu outra vodka. Parecia aliviado. Eles seguraram as mãos um do outro em cima da mesa.

Martha fez uma revelação.

— Também sou casada — disse.

A intensidade da reação de Boris assustou-a. A voz dele tornou-se baixa e sombria.

— Martha, não! — Ele continuou a segurar-lhe as mãos, mas o rosto adquiriu uma expressão de perplexidade e dor. — Por que não *me* disse?

Ela explicou que seu casamento tinha sido um segredo desde o início para todos, exceto a família — que seu marido era bancário em Nova York, que ela o amara, e muito, mas agora estavam legalmente separados, restando apenas pequenas questões técnicas para resolver o divórcio.

Boris deixou a cabeça cair sobre os braços. Disse em voz baixa qualquer coisa em russo. Ela passou-lhe a mão pelos cabelos.

Ele se levantou bruscamente e saiu. Martha permaneceu sentada. Momentos depois, Boris voltou.

— *Ach*, meu bom Deus — disse ele. Riu. Beijou-lhe a cabeça. — Em que confusão nos metemos. Uma mulher casada, um bancário, a filha de um diplomata estrangeiro — ... acho que não poderia ser pior. Mas vamos dar um jeito. Os comunistas estão acostumados a fazer coisas impossíveis. Mas você precisa me ajudar.

Era quase a hora do pôr do sol, e eles saíram do restaurante iniciando a viagem de volta para a cidade, a capota ainda abaixada. O dia tinha sido importante. Martha iria se lembrar dos menores detalhes — o vento que lhe soltara o coque na nuca, e Boris dirigindo com o braço repousando em seus ombros, a mão em concha sobre o seio, como era seu costume. As densas florestas ao longo da estrada escureciam à luz mortíça, exalando uma forte fragrância outonal. O cabelo dela voava para trás em cachos de ouro.

Embora nenhum dos dois o dissesse, ambos sabiam que algo fundamental acabara de ocorrer. Ela se apaixonara profundamente por aquele homem, e já não podia tratá-lo como tratava suas outras conquistas. Não queria que isso acontecesse, mas aconteceu, e por um homem que o restante do mundo achava extremamente inadequado.

CAPÍTULO 26

O Pequeno Baile da Imprensa

Todo ano, em novembro, a Associação de Imprensa Estrangeira de Berlim oferecia um jantar e um baile no Hotel Adlon, acontecimento social glamouroso, para o qual importantes autoridades, diplomatas e personalidades eram convidados. O evento era conhecido como o Pequeno Baile da Imprensa, por ser menor e muito menos formal do que o banquete oferecido anualmente pela imprensa nacional da Alemanha — que se tornara mais formal e enfadonho do que de costume, uma vez que os jornais do país já estavam, quase todos, sob controle de Joseph Goebbels e de seu Ministério para Esclarecimento Público. Para os correspondentes estrangeiros, o Pequeno Baile da Imprensa tinha imenso valor prático. Como escreveu Sigrid Schultz: “É sempre mais fácil arrancar informações de alguém depois que ele e a mulher — se ele tiver uma — já foram nossos hóspedes e dançaram em nosso baile do que se o vírmos apenas no horário comercial.”¹ Em 1933, o Pequeno Baile da Imprensa foi realizado na noite de sexta-feira, 24 de novembro, seis dias antes de a população americana da cidade comemorar o Dia de Ação de Graças.

Pouco antes das oito da noite, o Adlon começou a receber os primeiros de uma longa procissão de grandes carros, muitos com faróis do tamanho de meio melão. Deles saiu uma torrente de nazistas graduados, embaixadores, artistas, cineastas, atrizes, escritores e, é claro, correspondentes estrangeiros, de países maiores e menores, todos enrolados em grandes sobretudos e peles para se protegerem do ar úmido e gélido. Chegaram o secretário de Estado alemão Bernhard von Bülow; o ministro do Exterior Neurath; o embaixador francês François-Poncet; Sir Eric Phipps, o embaixador britânico; e, naturalmente, o ubíquo e gigantesco Putzi Hanfstaengl. Chegaram também Bella Fromm, a colunista social do “Tia Voss”, para quem o banquete seria marcado pela tragédia, de um tipo cada vez mais comum em Berlim, apesar de mantida distante do olhar do público. Os Dodd — todos os quatro — desembarcaram de seu velho Chevrolet; o vice-chanceler de Hitler, Franz von Papen, veio num carro significativamente maior e mais luxuoso e, como Dodd, também levou a mulher, a filha e o filho. Louis Adlon, radiante em seu fraque, cumprimentava cada esplêndido convidado que chegava, enquanto porteiros carregavam peles, sobretudos e cartolas.

Como Dodd não tardaria a descobrir, num ambiente tão sobrecarregado como Berlim, onde cada ação pública de um diplomata adquiria exagerado peso simbólico, até mesmo uma breve permuta verbal na mesa de um banquete poderia tornar-se lendária.

OS CONVIDADOS ENTRARAM no hotel, passando primeiro por elegantes salas onde eram servidos coquetéis e aperitivos, depois para o salão com jardim de inverno, obscurecido por milhares de crisântemos de estufa. O ambiente estava sempre “penosamente lotado”, como disse Schultz, mas a tradição exigia que o baile fosse realizado no Adlon.² O costume também recomendava que os convidados chegassem em traje formal, mas “sem nenhuma exibição de ordens ou hierarquia oficial”,³ como escreveu Fromm em seu diário, apesar de alguns convidados, ansiosos para demonstrar seu entusiasmo pelo Partido Nacional-Socialista, usarem o marrom pardacento das Tropas de Assalto. Um deles, um duque chamado Eduard von Koburg, comandante das Forças Motorizadas das SA, andava com uma adaga que lhe fora presenteada por Mussolini.

Os convidados foram conduzidos a seus lugares em mesas de uma espécie a que os organizadores de banquete de Berlim costumavam dar preferência — tão dolorosamente estreitas que os convivas de um lado podiam tocar com a mão os convivas do outro. Essa proximidade criava incômodas situações sociais e políticas — colocando, digamos, a amante de um industrial frente a frente com a própria mulher —, de modo que os convidados de cada mesa, com a ajuda de funcionários do protocolo, faziam questão de certificar-se de que seus lugares estavam corretos. Mas simplesmente não havia como evitar algumas justaposições. Os mais importantes funcionários alemães tinham de ficar não apenas na mesa principal, naquele ano patrocinada pelos correspondentes americanos, mas também perto dos cabeças da mesa, Schultz e Louis Lochner, chefe da sucursal da Associated Press em Berlim, e da figura americana de maior destaque, o embaixador Dodd. Assim, o vice-chanceler Papen acabou sentado de frente para Schultz, apesar de ser fato sabido que Papen e Schultz não se gostavam.

A Sra. Dodd também ficou em lugar de destaque, como o secretário de Estado Bülow e Putzi Hanfstaengl; Martha e Bill Jr. e outros convidados completaram a mesa. Fotografos circulavam tirando fotos e mais fotos, com o brilho dos flashes iluminando espirais de fumaça de charuto.

Papen era um homem bonito — parecia o personagem Topper, representado na televisão anos depois pelo ator Leo G. Carroll. Mas tinha a desagradável reputação de oportunista e de não ser digno de confiança, e era visto por muitos como extremamente arrogante. Bella Fromm chamava-o de “O Coveiro da República de Weimar”, em referência ao papel desempenhado por ele no planejamento da nomeação de Hitler para o cargo de chanceler.⁴ Papen era protegido do presidente Hindenburg, que o chamava carinhosamente de Fränzchen, ou Franzinho. Com Hindenburg do seu lado, Papen e outros conjurados achavam que podiam controlar Hitler. “Conto com a confiança de Hindenburg”, jactou-se certa vez.⁵ “Dentro de dois meses, empurraremos Hitler para um canto, de tal maneira que ele vai guinchar.” Foi, provavelmente, o maior erro de cálculo do século XX. Como bem o disse o historiador John Wheeler-Bennett: “Só quando fecharam as algemas nos próprios punhos eles perceberam quem capturou e quem tinha sido capturado.”⁶

Dodd também via Papen com antipatia, mas por razões relacionadas a um tipo de traição mais concreto. Pouco antes de os Estados Unidos entrarem na

guerra mundial anterior, Papen servira como adido militar à embaixada da Alemanha em Washington, onde planejara e ajudara a realizar vários atos de sabotagem, incluindo ataques a bomba contra linhas férreas. Fora preso e expulso do país.

Já com todos acomodados, pipocaram conversas em vários pontos da mesa. Dodd e a Sra. Papen conversaram sobre o sistema universitário americano, cuja excelência ela elogiou: durante a missão do marido em Washington, o filho do casal frequentara a Universidade de Georgetown. Putzi comportava-se com a turbulência de sempre. Mesmo sentado, era bem mais alto do que os outros convidados à sua volta. Um silêncio tenso ocupava a brecha de toalhas de mesa, cristais e louças que separava Schultz e Papen. Era óbvio para todos que havia um clima de frieza entre os dois. “Quando ele chegou, foi suave e polido como sua reputação exigia”, escreveu Schultz, “mas durante os primeiros pratos do jantar o cavalheiro ignorou[-me] com notável consistência.”⁷ E mais: “Isso não foi fácil, porque a mesa era estreita e eu me sentei na frente dele, a um metro de distância.”

Ela fez o que pôde para envolver Papen na conversa, mas era sempre rejeitada. Prometera a si mesma que “tentaria ser a anfitriã perfeita e evitar temas polêmicos”, mas quanto mais o vice-chanceler a ignorava, menos inclinada ela se sentia a fazê-lo. Sua resolução, escreveu ela, “não se sustentou diante da óbvia falta de educação de Papen”.

Depois do quarto prato, quando não conseguiu mais aguentar, ela olhou para Papen e, naquilo que descreveu como “o tom mais ingênuo” que pôde adotar, disse:

— Senhor Chanceler, há algo no livro de memórias do presidente Hindenburg que tenho certeza de que o senhor poderá esclarecer para mim.

Papen ficou atento. As pontas de suas sobranceiras se ergueram como penas, conferindo ao seu olhar o frio foco de uma ave de rapina.

Schultz manteve a expressão angelical e prosseguiu:

— Ele se queixa de que na última guerra, em 1917, o Alto-Comando Alemão nunca ouviu falar a respeito das propostas de paz do presidente Wilson e que, se tivesse sido informado, a perigosa campanha submarina jamais teria sido iniciada. Como foi possível uma coisa dessas?

Apesar da serenidade da voz, de repente todos à mesa, a uma distância que permitia ouvir, ficaram calados e atentos. Dodd observava Papen; o secretário de Estado Bülow inclinou-se para escutar, com o que Schultz descreveu como “um lampejo de travessura nos olhos”.

Papen disse bruscamente:

— Nunca houve proposta de paz feita pelo presidente Wilson.

Bobagem dizer aquilo, pensou Schultz, levando em conta a presença do embaixador Dodd, especialista em Wilson e no período em questão. Serena mas firmemente, a voz impregnada das névoas linguísticas da Carolina do Norte — “um cavalheiro sulista da cabeça aos pés”, como se lembrava Schultz —, Dodd olhou para Papen e falou:

— Houve sim, com certeza. — E citou a data precisa.

Schultz deliciou-se. “Os longos dentes cavallares de Papen ficaram ainda

maiores”, escreveu. “Ele nem sequer tentou imitar o tom sereno do embaixador Dodd.”

Em vez disso, Papen “apenas grunhiu” uma resposta:

— Seja como for, nunca entendi por que os Estados Unidos e a Alemanha se enfrentaram naquela guerra. — Olhou para os rostos em redor, “triumfantemente orgulhoso da arrogância do seu tom”, escreveu Schultz.

No instante seguinte, Dodd conquistou a “admiração e a gratidão imorredouras” de Schultz.

* * *

ENQUANTO ISSO, EM OUTRA mesa, Bella Fromm sofria de uma ansiedade que não tinha relação alguma com as conversas à sua volta. Fora ao baile porque era sempre muito animado e útil para a coluna que escrevia sobre a comunidade diplomática, mas naquele ano tentava reprimir um grande mal-estar. Embora se divertisse, nos momentos mais inesperados ela voltava a pensar na melhor amiga, Wera von Huhn, também destacada colunista, conhecida por todos pelo apelido “Poulette”, “franga” em francês, derivado do sobrenome Huhn, que em alemão quer dizer “galinha”.

Dez dias antes, Fromm e Poulette tinham saído para passear de carro pelo Grunewald, reserva florestal de 4.450 hectares a oeste de Berlim. Como o Tiergarten, o lugar se tornara um refúgio para diplomatas e outras pessoas que buscavam uma trégua da vigilância nazista. Dirigir na floresta oferecia a Fromm um dos poucos momentos em que ela se sentia verdadeiramente segura. “Quanto mais alto o barulho do motor”, escreveu ela no diário, “melhor me sinto.”⁸

Mas não houve nada de despreocupado naquele último passeio. A conversa das duas girou em torno da lei aprovada no mês anterior que proibia judeus de editarem ou escreverem para jornais alemães, e exigia que membros da imprensa nacional apresentassem documentação, fornecida por cartórios e igrejas, provando que eram “arianos”. Certos judeus podiam ficar no emprego, como os que combateram na última guerra, ou perderam um filho na batalha ou escreviam para jornais judeus, mas o número dos que tinham direito a essas isenções era mínimo. Qualquer jornalista não registrado que fosse flagrado escrevendo ou editando estava sujeito a cumprir pena de um ano de prisão. O prazo vencia em 1º de janeiro de 1934.

Poulette parecia profundamente perturbada. Fromm não conseguia entender. Ela sabia da exigência, é claro. Como judia, resignara-se ao fato de que perderia o emprego no primeiro dia do ano. Mas Poulette?

— Por que *você* está preocupada? — perguntou Fromm.⁹

— Tenho minhas razões, querida Bella. Escrevi pedindo meus documentos, andei por tudo quanto foi lugar atrás deles. E terminei descobrindo que minha avó era judia.

Aquela notícia alterara sua vida de uma forma abrupta e irrevogável. Em janeiro, ela se juntaria a uma nova camada social, formada por milhares de

pessoas que descobriram, estupefatas, que tinham antepassados judeus. Automaticamente, por mais que se identificassem como alemãs, elas foram reclassificadas como não arianas, e relegadas a uma nova e miserável existência às margens do mundo só para ariano que o governo Hitler construía.

— Ninguém sabia nada sobre isso — disse Poulette a Fromm. — Agora perco meu meio de vida.

A descoberta, em si, já era péssima, mas ainda por cima coincidia com o aniversário da morte do marido de Poulette. Para surpresa de Fromm, a amiga resolveu não ir ao Pequeno Baile da Imprensa; sentia-se triste demais para sair.

Fromm detestou deixá-la sozinha aquela noite, mas foi ao baile mesmo assim, depois de decidir que no dia seguinte visitaria e a levaria de volta para sua casa, onde Poulette adorava brincar com os cachorros de Fromm.

Durante a noite toda, nos momentos em que sua mente não estava ocupada com as palhaçadas das pessoas à sua volta, Fromm se surpreendia pensando com tristeza na depressão atípica da amiga.

* * *

PARA DODD, O COMENTÁRIO de Papen era um dos mais idiotas que ouvira desde que chegara a Berlim. E já ouvira muitos. Uma estranha espécie de pensamento fantástico parecia ter ofuscado a Alemanha, até os mais altos escalões do governo. No começo do ano, por exemplo, Göring afirmara, com a maior gravidade, que trezentos germano-americanos haviam sido assassinados em frente ao Independence Hall, na Filadélfia, no início da última Grande Guerra.¹⁰ Messersmith, em um despacho, comentou que mesmo alemães inteligentes e viajados eram capazes de “sentar-se e contar os mais extraordinários contos de fadas”.¹¹

E ali estava o vice-chanceler do país alegando que não compreendia por que os Estados Unidos tinham entrado na guerra mundial contra a Alemanha.

Dodd olhou para Papen:

— Isso eu posso lhe explicar — disse ele, a voz tão serena quanto antes. — Foi por causa da perfeita e total estupidez dos diplomatas alemães.¹²

Papen ficou atordoado. Sua mulher, de acordo com Sigrid Schultz, parecia estranhamente satisfeita. Fez-se novo silêncio à mesa — não um silêncio expectante, como anteriormente, mas um silêncio de vazia tensão — até que de repente todos tentaram preencher o precipício com salpicos de conversa para desviar a atenção.

Em outro mundo, e outro contexto, teria sido um incidente menor, uma explosão de gracejos cáusticos logo esquecida. No clima de opressão e *Gleichschaltung* da Alemanha nazista, porém, foi algo mais importante e mais simbólico. Depois do baile, como já era de costume, um grupo seletivo de convidados foi para o apartamento de Schultz, onde sua mãe tinha preparado pilhas de sanduíches. Ali a história da esgrima verbal de Dodd foi narrada com grande e, sem dúvida, embriagado floreio. Dodd não estava presente, inclinado,

como era, a sair dos banquetes o mais cedo que pudesse sem quebrar o protocolo e encerrar a noite em casa, com um copo de leite, uma tigela de pêssegos em calda e o conforto de um bom livro.

* * *

APESAR DOS MOMENTOS DE ansiedade, Bella Fromm achou o baile agradável. Era prazeroso ver como os nazistas se comportavam depois de alguns drinques e entreouvir enquanto eles se esfolavam com comentários dilacerantes ditos à meia-voz. Em dado momento, o duque da adaga, Koburg, conversava com Kurt Daluege, policial que ela descreveu como “brutal e impiedoso”.¹³ O duque parecia querer projetar arrogância, mas o efeito, como notou Fromm, era comicamente minado por sua “figura curvada e nanica”. Daluege disse a Fromm: “Esse Koburg anda como se usasse pernas de pau”, e acrescentou, a título de ameaça: “Pode vaziar a notícia de que a avó dele traiu o grão-duque com aquele banqueiro judeu.”

Às dez horas da manhã seguinte, Fromm telefonou para Poulette, mas só conseguiu falar com sua idosa empregada, que lhe disse: “A baronesa deixou um bilhete na cozinha dizendo que não quer ser perturbada.”

Poulette nunca dormia até tão tarde. “De repente, compreendi”, escreveu Fromm.

Poulette não seria a primeira judia, ou a primeira não ariana recém-classificada, a tentar o suicídio depois da ascensão de Hitler. Boatos sobre suicídios eram comuns, e um estudo feito pela Comunidade Judaica de Berlim revelou que em 1932-34 houve 70,2 suicídios para cada cem mil judeus em Berlim, um aumento acentuado em relação aos 50,6 do período 1924-26.¹⁴

Fromm foi à garagem, pegou o carro e dirigiu o mais rapidamente possível para a casa da amiga.

À porta, a empregada lhe disse que Poulette ainda dormia. Fromm afastou-a e seguiu para o quarto dela. O cômodo estava escuro. Ela abriu as cortinas. Poulette jazia na cama, respirando, mas com dificuldade. Ao lado da cama, numa mesa de cabeceira, havia dois frascos vazios de Veronal, um barbitúrico.

Fromm achou ainda um bilhete para ela. “Não posso mais viver, porque sei que serei obrigada a largar meu emprego. Você foi minha melhor amiga, Bella. Por favor, pegue os meus arquivos e use-os. Agradeço-lhe todo o amor que me dedicou. Sei que você é corajosa, mais corajosa do que eu, e precisa viver, porque tem uma filha para criar, e tenho certeza de que vai aguentar a luta bem melhor do que eu.”¹⁵

A casa acordou. Médicos chegaram, mas nada puderam fazer.

No dia seguinte, um funcionário do serviço exterior ligou para Fromm a fim de lhe dar os pêsames e um recado indireto.

— Frau Bella — disse ele —, estou profundamente chocado. Sei como essa perda é terrível para a senhora. Frau von Huhn morreu de pneumonia.

— Bobagem! — redarguiu Fromm. — Quem lhe disse isso? Ela cometeu...

— Frau Bella, entenda, por favor, nossa amiga teve pneumonia. Mais explicações não são desejáveis. Também em nome de seu interesse.

* * *

A MAIORIA DOS CONVIDADOS achou o baile uma adorável distração. “Todos nos divertimos muito”, escreveu Louis Lochner em carta para a filha numa escola nos Estados Unidos.¹⁶ “E a festa foi muito alegre.” O embaixador Dodd, como era de se prever, fez uma avaliação diferente. “O jantar foi uma chatice, muito embora a companhia presente, em outras circunstâncias, pudesse ter sido muito informativa.”¹⁷

Houve um resultado inesperado. Em vez do afastamento amargo entre Dodd e Papen, desenvolveu-se uma relação calorosa e duradoura. “Daquele dia em diante”, observou Sigrid Schultz, “Papen cultivou a amizade do embaixador com a maior assiduidade.”¹⁸ O comportamento do vice-chanceler com Schultz também melhorou. Ele parece ter resolvido, escreveu ela, que “era melhor me tratar com seus modos dominicais”. Ela achava que isso era típico de certa espécie de alemão. “Quando encontram alguém que não tolera sua arrogância, descem do poleiro e se comportam direito”, escreveu. “Respeitam o caráter, quando o encontram, e se mais gente tivesse mostrado firmeza diante dele, o quebra-galho de Hitler, e de seus ajudantes nos contatos comuns da vida diária, assim como nas grandes questões de Estado, o crescimento do nazismo poderia ter sido retardado.”

* * *

CORRERAM RUMORES SOBRE a verdadeira causa da morte de Poulette. Depois do sepultamento, Fromm foi acompanhada até em casa por uma boa amiga, por quem sentia uma ligação filial — “Mammi” von Carnap, mulher do ex-camareiro-mor do cáiser e antiga e excelente fonte de informações para a coluna de Fromm. Apesar de leais à velha Alemanha, os Carnap tinham simpatia por Hitler e por sua campanha para restaurar a força nacional.

Mammi parecia preocupada com alguma coisa. Depois de alguns instantes, ela disse:

— Bellachen, ficamos tão chocados com o fato de os novos regulamentos produzirem esse tipo de efeito!¹⁹

Fromm ficou surpresa.

— Mas Mammi — disse ela —, você não percebe? Isso é só o começo. Essa coisa vai se voltar contra todos os que ajudaram a criá-la.

Mammi ignorou o comentário.

— Frau von Neurath a aconselha a se apressar e se batizar — disse ela. — Lá no Ministério do Exterior eles estão ansiosos para evitar um segundo caso Poulette.

Fromm achou aquilo espantoso — que alguém pudesse ser tão ignorante das novas realidades da Alemanha a ponto de achar que o simples batismo pudesse restaurar o status de alguém como ariano.

“Pobre bobona!”, escreveu Fromm em seu diário.

CAPÍTULO 27

Ó Tannenbaum

Era quase Natal. O sol de inverno, quando brilhava, subia apenas parcialmente no céu meridional, lançando sombras crepusculares na metade do dia. Ventos frígidos vinham das planícies. “Berlim é um esqueleto que o frio faz doer”, escreveu Christopher Isherwood, descrevendo os invernos que passou durante sua temporada em Berlim nos anos 1930: “É meu próprio esqueleto que dói. Sinto nos ossos a dor aguda do gelo nas vigas da estrada de ferro suspensa, no ferro das sacadas, nas pontes, nas linhas de bonde, nas lâmpadas padronizadas, nas latrinas. O ferro lateja e se encolhe, a pedra e os tijolos doem monotonamente, o reboco fica entorpecido.”¹

A tristeza era um tanto temperada pelo jogo de luzes nas ruas molhadas — lâmpadas de calçada, fachadas de loja, faróis de automóvel, o interior calidamente iluminado de incontáveis bondes — e pelo jeito como a cidade costumava abraçar o Natal. Velas apareciam em todas as janelas, e grandes árvores iluminadas com lâmpadas elétricas enfeitavam praças, parques e as esquinas mais movimentadas, refletindo uma paixão pela temporada que nem mesmo as Tropas de Assalto conseguiram abafar, e da qual, a rigor, tiravam proveito financeiramente. As SA monopolizavam o comércio de árvores de Natal, vendendo-as em estações ferroviárias, para todos os efeitos em benefício da Winterhilfe — literalmente, Ajuda Natalina —, a instituição de caridade das SA dedicada aos pobres e aos desempregados, que, na opinião dos berlinenses mais incrédulos, servia para financiar as festas e os banquetes das SA, já lendários pela opulência, pela devassidão e pelo volume de champanhe consumido.² Militantes iam de porta em porta, com caixas vermelhas, para recolher donativos. Os doadores recebiam pequenas insígnias para espetar na roupa e mostrar que tinham dado dinheiro; depois, faziam questão de usá-las, indiretamente pressionando as almas corajosas ou imprudentes que não tinham contribuído.

Outro americano entrou em conflito com o governo, devido a uma denúncia feita “por pessoas ressentidas com ele”, de acordo com um relatório do consulado.³ Foi um momento que, nas décadas seguintes, se repetiria como tema de filmes sobre a era nazista.

Aproximadamente às quatro e meia da madrugada de terça-feira, 12 de dezembro de 1933, Erwin Wollstein, cidadão americano, estava numa plataforma ferroviária em Breslau esperando o trem para Oppeln, na Alta Silésia, onde planejava abrir algum negócio. Partia tão cedo porque esperava voltar ainda no mesmo dia. Em Breslau, dividia um apartamento com o pai, que era cidadão alemão.

Dois homens de terno se aproximaram e o chamaram pelo nome. Identificaram-se como oficiais da Gestapo e intimaram-no a acompanhá-los ao

posto de polícia situado na própria estação.

“Recebi ordem para tirar o sobretudo, o casaco, os sapatos, as polainas, o colarinho e a gravata”, escreveu Wollstein num depoimento. Os agentes revistaram-no e a seus objetos pessoais. Levaram quase meia hora. Encontraram seu passaporte e fizeram perguntas sobre sua cidadania. Ele confirmou que era cidadão americano e pediu que notificassem o consulado em Breslau sobre a sua prisão.

Os agentes levaram-no de carro para a Delegacia Central de Polícia de Breslau e o enfiaram numa cela. Deram-lhe um “café da manhã frugal”. Ele permaneceu nove horas no cárcere. Enquanto isso, o pai foi preso e o apartamento, revistado. A Gestapo confiscou sua correspondência pessoal e comercial e outros documentos, incluindo dois passaportes americanos expirados e cancelados.

Às 17h15, os dois agentes da Gestapo levaram Wollstein para o andar de cima e finalmente leram para ele os crimes de que era acusado, citando denúncias de três pessoas de suas relações: sua senhoria, uma segunda mulher e um empregado que limpava seu apartamento. A Srta. Bleicher, acusava-o de ter dito dois meses antes: “Todos os alemães são cachorros.” O empregado, Richard Kuhne, acusava Wollstein de ter declarado que, se houvesse outra guerra mundial, lutaria contra a Alemanha. A terceira pessoa, certa Srta. Strausz, acusou Wollstein de ter emprestado ao marido “um livro comunista”. O livro, como se veria, era *Oil!* (Petróleo!), de Upton Sinclair.

Wollstein passou a noite na cadeia. De manhã, teve permissão para enfrentar seus denunciantes cara a cara. Acusou-os de terem mentido. Sem a proteção do véu do anonimato, os denunciantes vacilaram. “As próprias testemunhas pareciam confusas, sem saber onde pisavam”, declarou em seu depoimento.

Enquanto isso, o cônsul americano em Breslau comunicava a prisão ao consulado em Berlim. O vice-cônsul Raymond Geist, por sua vez, queixou-se ao chefe da Gestapo, Rudolf Diels, e pediu um relatório completo sobre a prisão de Wollstein. Naquela noite, Diels telefonou e disse a Geist que mandara soltá-la.

Em Breslau, os dois agentes da Gestapo mandaram Wollstein assinar uma declaração afirmando que jamais “seria inimigo do Estado alemão”. O documento incluía uma oferta magnânima: dizia que, se alguma vez ele se sentisse ameaçado, poderia pedir para ser colocado sob custódia protetora.

E então foi solto.

* * *

MARTHA ATRIBUIU-SE A TAREFA de arrumar a árvore da família, um enorme abeto colocado no salão de baile do segundo andar.⁴ Ela contou com a ajuda de Boris, de Bill, do mordomo Fritz, do motorista da família e de outros amigos que passaram para ajudar. Decidiu que a árvore seria inteiramente branca e prateada, e comprou bolas e enfeites prateados, uma grande estrela prateada e velas brancas, evitando as lâmpadas elétricas pela abordagem mais

tradicional e infinitamente mais perigosa. “Naquele tempo”, escreveu ela, “era uma heresia pensar em lâmpadas elétricas numa árvore.” Ela e seus ajudantes mantinham baldes de água nas proximidades.

O pai, escreveu ela, estava “cansado daquela tolice”, e evitou participar, assim como a mãe, ocupada com outros incontroláveis preparativos natalinos. Bill foi útil até certo ponto, mas tinha uma tendência a afastar-se, à procura de algo mais interessante. O projeto tomou dois dias e duas noites.

Martha achou curioso Boris querer ajudar, em vista de sua afirmação de que não acreditava em Deus. Ela sorria ao vê-lo trabalhar no topo da escada, ajudando a arrumar o símbolo do dia mais sagrado da fé cristã.

— Meu querido ateu — lembrava-se de ter-lhe dito —, por que você me ajuda a decorar uma árvore de Natal para comemorar o nascimento de Cristo?

Ele riu.

— Isto não é para cristãos, nem para Cristo, *liebes Kind* — disse ele —, apenas para pagãos como você e eu. Seja como for, é muito bonita. Como quer que eu faça? — Sentou-se no alto da escada. — Quer que eu coloque as orquídeas brancas em cima? Ou prefere uma linda estrela vermelha?

Ela insistiu no branco.

Ele protestou.

— Mas o vermelho é uma cor mais bonita do que o branco, querida.

Apesar da árvore, de Boris e da alegria geral da estação, Martha sentia que um elemento fundamental estava ausente de sua vida em Berlim. Ela sentia falta dos amigos — Sandburg, Wilder e os colegas do *Tribune* — e de sua confortável casa em Hy de Park. Àquela altura, os amigos e vizinhos estariam se reunindo em festinhas aconchegantes, sessões de canções natalinas e vinho quente.

Na quinta-feira, 14 de dezembro, ela escreveu uma longa carta para Wilder. Sentia profundamente o esfriamento de sua ligação com ele. O simples fato de conhecê-lo já lhe dava um senso de credibilidade, como se ela também tivesse qualidade literária por tabela. Mas ela lhe enviara um pequeno conto, e ele não respondera. “Você perdeu até mesmo seu interesse literário por mim, ou, talvez deva dizer, seu interesse pelo que há de literário em mim (o que resta disso, se é que já houve alguma coisa). E sua viagem à Alemanha. Desistiu definitivamente. Meu Deus, você me escapuliu com certeza, para falar um pouco como os berlinenses!”⁵

Ela escrevia pouco, disse-lhe, apesar de ter encontrado alguma satisfação em falar e escrever sobre livros, graças à amizade com Arvid e Mildred Harnack. Juntos, disse ela a Wilder, “concluimos que somos as únicas pessoas que se interessam genuinamente por escritores em Berlim”. Mildred e ela tinham começado a coluna literária. “Ela é alta e linda, com bastos cabelos cor de mel — mel escuro sob certas luzes (...) Muito pobre, verdadeira e excelente, e não muito prestigiada, apesar de a família ser antiga e respeitada. Um oásis para mim, que estou morta de sede.”

Mencionou a opinião do pai de que uma conspiração estava em curso contra ele no Departamento de Estado. “Emaranhados de ódio e intrigas em nossa embaixada ainda não conseguiram nos apanhar na armadilha”, escreveu ela.

Ódios de uma espécie mais pessoal a tinham atingido também. Nos Estados

Unidos, seu casamento secreto com Bassett e seu igualmente secreto esforço para divorciar-se tinham se tornado de conhecimento público. “Muito desagradável o que meus inimigos aprontaram comigo em Chicago”, disse ela a Wilder. Uma mulher em particular, que Martha identificava como Fanny, começara a espalhar boatos especialmente desagradáveis, movida pelo que Martha supunha ser inveja pela publicação de um conto. “Ela insiste em dizer que você e eu tivemos um caso, coisa que me chegou aos ouvidos contada por duas pessoas diferentes. Escrevi-lhe outro dia chamando a atenção para os perigos da calúnia e indicando a confusão em que poderia se meter.” E acrescentava: “Tenho pena dela, mas isso não muda o fato de que é uma cadela de boca imunda.”

Martha tentou transmitir a Wilder um senso da cidade invernal que via pela janela, aquele novo mundo onde se encontrava. “A neve é macia e profunda aqui — uma névoa cor de cobre sobre Berlim de dia e o brilho do luar à noite. O cascalho range sob minha janela de noite — Diels, da polícia secreta prussiana, com seu rosto sinistro e seus lábios adoráveis, deve estar de vigia, e o cascalho salta sob seus sapatos macios para me aquecer. Ele ostenta duas profundas cicatrizes com o mesmo orgulho com que eu sairia por aí usando uma grinalda de edelvais.”

Ela deu vazão a uma tristeza profunda e penetrante. “O cheiro da paz está no exterior, o ar é frio, os céus são quebradiços e as folhas finalmente caíram. Uso um casaco que tem uma pele que parece seda líquida e regalo de carneiro. Meus dedos agasalham-se em profundezas de calor. Tenho uma jaqueta de lantejoulas prateadas e grossos braceletes de intenso coral. Uso no pescoço uma corrente de três tranças de lápis-lazúli e pérolas. A suavidade e o contentamento do meu rosto são como um véu de luar dourado. E nunca, em todas as minhas vidas, fui tão solitária.”

* * *

APESAR DE AS REFERÊNCIAS de Martha a “emaranhados de ódio” ser um pouco forte, Dodd de fato começara a sentir que uma campanha contra ele tomava forma no Departamento de Estado, e que os envolvidos eram homens de fortuna e tradição. Suspeitava também que eram ajudados por alguém de sua própria equipe, que lhes repassava informações à meia-voz sobre ele e o funcionamento da embaixada. Dodd ficava cada vez mais desconfiado e atento, a ponto de passar a escrever à mão as cartas mais delicadas, por julgar que os estenógrafos da embaixada eram incapazes de preservar a confidencialidade de seu conteúdo.

Tinha razões para se preocupar. Messersmith continuava a corresponder-se por outros canais com o subsecretário Phillips. Raymond Geist, o vice de Messersmith (outro egresso de Harvard), também vigiava os assuntos de Dodd na embaixada. Numa visita a Washington, Geist teve uma longa e secreta conversa com Wilbur Carr, chefe de serviços consulares, durante a qual forneceu amplas

informações, incluindo detalhes sobre festas desregradas oferecidas por Martha e Bill, que às vezes iam até as cinco da manhã. “Numa ocasião a bagunça era tão grande”, disse a Carr, que provocou uma queixa por escrito ao consulado.⁶ Isso levou Geist a chamar Bill a seu escritório, para adverti-lo: “Se essa conduta se repetir, terá de ser relatada oficialmente.” Também fez uma crítica ao desempenho do embaixador Dodd: “É um homem de maneiras suaves, que não impressiona, quando o único tipo de pessoa capaz de lidar com êxito com o governo nazista seria alguém dotado de inteligência e força, disposto a assumir uma atitude ditatorial com o governo e de insistir para que suas exigências sejam atendidas. O Sr. Dodd não é capaz disso.”

A chegada a Berlim de um novo homem, John C. White, para substituir George Gordon como conselheiro da embaixada serviu apenas para aumentar as desconfianças de Dodd. Além de rico e de gostar de oferecer festas sofisticadas, White era casado com a irmã do chefe de assuntos da Europa Ocidental, Jay Pierrepont Moffat. Os dois cunhados mantinham uma correspondência íntima, na qual se tratavam por “Jack” e “Pierrepont”. Dodd não acharia a frase inicial de uma das primeiras cartas de White especialmente tranquilizadora: “Parece que existe uma máquina de escrever de sobra aqui, por isso posso me dirigir a você sem testemunhas.”⁷ Numa resposta, Moffat chamou Dodd de “indivíduo curioso, que acho quase impossível diagnosticar”.⁸

Para aumentar o clima de claustrofobia para Dodd, outro novo funcionário, Orme Wilson, que chegou mais ou menos na mesma época como secretário da embaixada, era sobrinho do subsecretário Phillips.

Quando o *Chicago Tribune* publicou um artigo sobre o pedido de licença de Dodd para o ano seguinte, juntamente com a conjectura de que ele talvez deixasse o posto, Dodd queixou-se a Phillips de que alguém dentro do departamento certamente tinha revelado seu pleito com a intenção de prejudicá-lo. O que irritava Dodd em especial era um comentário, atribuído no artigo a um porta-voz não identificado do Departamento de Estado. Declarava o artigo: “O afastamento permanente do cargo de embaixador na Alemanha não está sendo cogitado pelo professor Dodd, segundo se fez questão de frisar aqui.”⁹ De acordo com a lógica perversa da propaganda, o desmentido na verdade deixava uma interrogação sobre o destino de Dodd — iria se aposentar ou estava sendo obrigado a sair? A situação em Berlim já era difícil sem esse tipo de especulação, disse Dodd a Phillips. “Acho que von Neurath e seus colegas ficarão muito desgostosos se essa reportagem lhes for encaminhada.”

Phillips respondeu, com sua já costumeira malícia textual: “Não consigo imaginar quem teria dado ao *Tribune* informações sobre sua possível licença na próxima primavera”, escreveu ele.¹⁰ “Certamente ninguém perguntou a mim (...) Uma das principais alegrias do mundo jornalístico é lançar boatos sobre renúncias e demissões. Todos nós sofremos com essa fobia, ocasionalmente, e não a levamos a sério.”

Ao concluir, Phillips comentou que Messersmith, de licença em Washington, visitara o departamento. “Messersmith esteve conosco alguns dias, e tivemos boas conversas sobre as várias fases da situação alemã.”

Dodd estaria certo se lesse essas últimas frases com certa dose de ansiedade.

Durante uma das visitas ao gabinete de Phillips, o cônsul-geral oferecera o que o subsecretário descreveu em seu diário como “um vislumbre interno das condições na embaixada em Berlim”.¹¹ Ali também o assunto Martha e Bill foi abordado. “Aparentemente”, escreveu Phillips, “o filho e a filha do embaixador não estão ajudando em nada a embaixada e gostam muito de sair pelas casas noturnas com certos alemães que não são particularmente bem-vistos pela imprensa.”

Messersmith também se encontrou com o casal Moffat. Os três passaram uma tarde falando sobre a Alemanha. “Examinamos o assunto de todos os ângulos”, escreveu Moffat em seu diário.¹² No dia seguinte, ele e o cônsul almoçaram juntos, e semanas depois voltaram a se encontrar. Numa dessas conversas, de acordo com o diário de Moffat, Messersmith se disse “muito preocupado com cartas de Dodd que indicavam que ele estava se voltando contra sua equipe”.¹³

O assessor de Dodd, George Gordon, que partira recentemente, por acaso gozava de longa licença nos Estados Unidos na mesma época em que Messersmith gozava a sua. Apesar de as relações de Gordon com Dodd terem começado mal, com o tempo e com relutância Dodd passara a ver Gordon como uma vantagem. Gordon escreveu a Dodd: “Nosso amigo comum G. S. M.” — ou seja, Messersmith — “tem feito a campanha mais ativa em apoio de sua candidatura à Legação em Praga.”¹⁴ (Messersmith havia muito pensava em deixar o Serviço Exterior para trás e tornar-se diplomata de pleno direito; então, com a embaixada em Praga disponível, viu uma oportunidade.) Gordon observou que uma torrente de cartas e editoriais de jornais atestando o “trabalho de alta qualidade” de Messersmith tinha começado a inundar o departamento. “Tudo isso adquiriu um toque familiar”, escreveu Gordon, “quando fui informado de que ele disse a um dos altos funcionários que se sentia realmente constrangido com todos aqueles elogios na imprensa, porque não gostava disso!!!!”

Gordon acrescentou, à mão: “*O sancta virginitas simplicitas que*”, expressão latina que quer dizer “Ó piedosa e virginal inocência!”

* * *

EM 22 DE DEZEMBRO, uma sexta-feira, Dodd recebeu Louis Lochner, que lhe trouxe notícias inquietantes. A visita em si não era inusitada, pois àquela altura ele e o chefe da sucursal da Associated Press tinham se tornado amigos e se encontravam com frequência para discutir acontecimentos e trocar informações. Lochner disse a Dodd que um alto funcionário da hierarquia nazista lhe informara que, na manhã seguinte, o tribunal que julgava o caso Reichstag pronunciaria o veredicto e que todos, à exceção de Van der Lubbe, seriam absolvidos.¹⁵ A notícia era surpreendente e, se verdadeira, representaria um sério golpe ao prestígio do governo de Hitler e, em particular, à reputação de Göring. Era justamente o “serviço malfeito” que Göring temera. Mas o informante de Lochner também descobrira que Göring, ainda indignado com a

imprudência de Dimitrov durante o confronto na sala do tribunal, agora queria vê-lo morto. Sua morte deveria ocorrer logo depois do término do julgamento. Lochner recusou-se a identificar sua fonte, mas disse a Dodd que, ao transmitir a informação, a fonte esperava impedir novos estragos à reputação internacional, já não muito boa, da Alemanha. Dodd achava que o informante era Rudolf Diels.

Lochner planejara sabotar o assassinato publicando a notícia, mas primeiro queria submeter a ideia a Dodd, caso este achasse que as repercussões diplomáticas seriam grandes demais. Dodd deu sua aprovação, mas por sua vez também consultou Sir Eric Phipps, o embaixador britânico, que concordou que Lochner deveria seguir em frente.

Lochner estudou com precisão a execução do plano. Curiosamente, a ideia inicial de noticiar o iminente assassinato lhe fora sugerida por Martin Sommerfeldt, assessor de imprensa do próprio Göring, que acabara de tomar conhecimento da notícia. Sua fonte, de acordo com um relato, tinha sido Putzi Hanfstaengl, embora seja perfeitamente possível que Hanfstaengl tenha tomado ciência por intermédio de Diels. Sommerfeldt disse a Lochner que sabia, por experiência própria, que “existe um jeito de dissuadir o general. Quando a imprensa estrangeira afirma qualquer coisa sobre ele, ele só de teimosia faz o oposto”. Sommerfeldt sugeriu que Lochner atribuisse a notícia a uma “fonte incontestável” e ressaltasse que o assassinato teria “consequências internacionais de longo alcance”. Mas Lochner se viu num dilema. Se publicasse uma notícia tão inflamatória pela Associated Press, corria o risco de enfurecer Göring a ponto de ele querer fechar a sucursal de Berlim. Seria muito melhor, imaginou, se a notícia fosse dada por um jornal britânico. Ele, Sommerfeldt e Hanfstaengl reexaminaram o plano.

Lochner sabia que um repórter muito inexperiente tinha ingressado na sucursal da Reuters em Berlim. Ele o convidou para um drinque no Hotel Adlon, onde Hanfstaengl e Sommerfeldt logo chegaram também. O novo repórter saboreou a sorte daquela convergência aparentemente casual de altos funcionários.

Depois de alguns instantes, Lochner mencionou a Sommerfeldt os rumores que circulavam sobre uma ameaça contra Dimitrov. Sommerfeldt, como planejado, fingiu surpresa — provavelmente Lochner entendera errado, pois Göring era um homem de honra e a Alemanha era uma terra civilizada.

O repórter da Reuters sabia que era uma grande notícia, e pediu permissão a Sommerfeldt para citar a sua descrença. Com grande demonstração de relutância, Sommerfeldt concordou.

O homem da Reuters saiu correndo para dar a notícia.

Ainda aquele dia, a notícia saiu nos jornais da Grã-Bretanha, disse Lochner a Dodd. Lochner também mostrou a Dodd um telegrama de Goebbels para a imprensa estrangeira, no qual, agindo como porta-voz do governo, negava a existência de qualquer plano para matar Dimitrov. Göring divulgou seu próprio desmentido, rejeitando a alegação como um “horível boato”.

Em 23 de dezembro, como Lochner previra, o juiz que presidia o caso Reichstag anunciou o veredicto do tribunal, absolvendo Dimitrov, Torgler, Popov e Tanev, mas considerando Lubbe culpado de “alta traição, incêndio insurrecional

e tentativa de incêndio criminoso comum”.¹⁶ O tribunal o condenou à morte, declarando, também — apesar de maciços testemunhos em contrário —, “que os cúmplices de Van der Lubbe devem ser procurados nas fileiras do Partido Comunista, que o comunismo é, portanto, culpado do incêndio do Reichstag, que o povo alemão esteve, na primeira parte do ano de 1933, à beira do caos para o qual os comunistas queriam arrastá-lo e que o povo alemão foi salvo no último minuto”.

Mas o destino final de Dimitrov continuava pouco claro.

* * *

FINALMENTE CHEGOU O NATAL. Hitler estava em Munique; Göring, Neurath e outros altos funcionários também deixaram Berlim. A cidade estava sossegada, verdadeiramente em paz. Bondes lembravam brinquedos debaixo de uma árvore.

Ao meio-dia todos os Dodd saíram no Chevrolet da família e fizeram uma visita surpresa aos Lochner. Louis Lochner escreveu numa carta à filha nos Estados Unidos: “Estávamos sentados juntos, bebendo nosso café, quando de repente toda a família Dodd — o embaixador, a Sra. Dodd, Martha e o jovem Sr. Dodd — passaram por aqui só para nos desejar Feliz Natal. Foi um gesto tremendamente simpático, não foi? Quanto mais trabalho com o Sr. Dodd, mais gosto dele; é homem de profunda cultura, dotado de uma das mentes mais agudas que conheço.”¹⁷ Lochner descreveu a Sra. Dodd como “uma mulher doce, feminina, que, (...) como o marido, prefere, de longe, visitar uma família de amigos a cumprir todos aqueles vazios rituais diplomáticos. Os Dodd não fingem ser famosos socialmente, e eu os admiro por isso”.

Dodd ficou alguns momentos admirando a árvore dos Lochner e outros enfeites, depois chamou-o à parte e lhe perguntou pelas últimas notícias sobre o caso Dimitrov.

Até então, o réu parecia ter conseguido escapar ileso, disse Lochner. Informou também que sua fonte, altamente situada — cuja identidade ele ainda não revelara a Dodd —, lhe agradecera pela habilidade com que tratara o assunto.

Mas Dodd temia outras repercussões. Continuava convencido de que Diels tivera papel fundamental na revelação da trama. Dodd não parava de surpreender-se com ele. Conhecía sua reputação de cínico e oportunista de primeira ordem, mas estava sempre tendo provas de que era um homem íntegro, merecedor de respeito. Fora Diels, de fato, que no começo do mês convencera Göring e Hitler a anistiar os prisioneiros de campos de concentração que não fossem criminosos empedernidos ou não representassem claramente ameaça à segurança do Estado. Os motivos exatos de Diels jamais serão conhecidos, mas ele considerava aquela época, em que foi de campo em campo selecionando os prisioneiros a serem soltos, um dos grandes momentos de sua carreira.¹⁸

Dodd temia que Diels tivesse ido longe demais. Em seu diário, numa

anotação feita no dia de Natal, escreveu: “O chefe da Polícia Secreta fez uma coisa perigosíssima, e eu não ficaria surpreso se soubesse mais tarde que ele foi mandado para a prisão.”¹⁹

Ao viajar pela cidade aquele dia, Dodd mais uma vez impressionou-se com o “extraordinário” gosto dos alemães pelo espetáculo do Natal. Viu árvores de Natal em toda parte, em cada praça pública, em cada janela.

“Somos levados a pensar”, escreveu ele, “que os alemães acreditam em Jesus e praticam seus ensinamentos!”²⁰



Hitler e Röhm

CAPÍTULO 28

Janeiro de 1934

Em 9 de janeiro, o principal réu do caso Reichstag, Marinus van der Lubbe, foi informado pelo promotor público de que seria decapitado no dia seguinte.

— Obrigado por me avisar — disse Van der Lubbe. — Amanhã nos veremos.¹

O verdugo trajava cartola e fraque e, num toque particularmente meticoloso, luvas brancas. Usou uma guilhotina.

A execução de Lubbe ofereceu um fechamento claro, embora sangrento, à saga do incêndio do Reichstag, estancando, com isso, uma fonte de turbulência que agitara a Alemanha desde fevereiro do ano anterior. Agora, qualquer pessoa que sentisse a necessidade de um desfecho poderia citar uma ação de Estado: Van der Lubbe ateara fogo, e Van der Lubbe estava morto. Dimitrov, ainda vivo, deveria ser levado de avião para Moscou. O caminho para a restauração da Alemanha estava limpo.

No início do ano, em um nível superficial, o país parecia ter ficado mais estável, para frustração de observadores e diplomatas estrangeiros que ainda alimentavam a crença de que pressões econômicas poderiam levar o regime de Hitler ao colapso. Ao fim do seu primeiro ano como chanceler, Hitler parecia mais racional, quase conciliador, e chegou ao ponto de insinuar que poderia apoiar alguma forma de pacto de não agressão com a França e a Grã-Bretanha. Anthony Eden, lorde do Selo Privado britânico, viajou à Alemanha para se encontrar com ele, e, como Dodd, saiu impressionado com a sinceridade de Hitler em seu desejo de paz. Sir Eric Phipps, embaixador da Grã-Bretanha na Alemanha, escreveu em seu diário: “Herr Hitler parecia sentir uma genuína simpatia pelo Sr. Eden, que certamente conseguiu trazer para a superfície desse estranho ser determinadas qualidades humanas que, para mim, até o momento, permaneciam obstinadamente latentes.”² Numa carta a Thornton Wilder, Martha escreveu: “Hitler está definitivamente melhorando.”³

Esse senso de normalidade iminente era claro em outras esferas também. O cálculo oficial de trabalhadores desempregados mostrava um rápido declínio, de 4,8 milhões em 1933 para 2,7 milhões em 1934, apesar de boa parte dessa redução resultar de medidas como dar a dois homens o emprego destinado a um só e de uma agressiva campanha de propaganda para desencorajar o trabalho feminino.⁴ Os campos de concentração “bárbaros” tinham sido fechados, graças em parte ao chefe da Gestapo, Rudolf Diels. Dentro do Ministério do Interior do Reich falava-se em acabar de uma vez por todas com a custódia protetora e com os campos de concentração.⁵

Até Dachau parecia ter-se tornado civilizado. Em 12 de fevereiro de 1934, um representante dos quacres, Gilbert L. MacMaster, foi visitar o campo depois de obter autorização para ver um detento, um ex-deputado do Reichstag de 62

anos chamado George Simon, preso por ser socialista. MacMaster pegou um trem para Munique e meia hora depois saltava na aldeia de Dachau, que descreveu como “vilarejo de artistas”. De lá, andou mais meia hora para chegar ao campo.

Ficou surpreso com o que viu. “Houve mais relatórios de atrocidades sobre esse campo do que sobre qualquer outro na Alemanha”, escreveu. “A aparência exterior, porém, é melhor que a de qualquer outro que já vi.”⁶ A antiga fábrica de pólvora onde se encontravam as instalações tinha sido construída durante a guerra mundial anterior. “Havia boas casas para químicos e funcionários; as barracas dos trabalhadores eram mais estáveis, e toda a fábrica era aquecida a vapor”, escreveu MacMaster. “Isso faz Dachau parecer melhor equipada para o conforto dos prisioneiros, especialmente no tempo frio, do que um campo provisório numa velha fábrica ou fazenda. A rigor, a aparência geral é mais a de uma instituição permanente do que a de um campo.”

O detento, Simon, logo foi levado à guarita de segurança para se encontrar com MacMaster. Usava uniforme cinza de prisioneiro e parecia bem. “Não tinha queixas”, escreveu MacMaster, “além de que estava sofrendo muito de reumatismo agudo.”

Mais tarde, MacMaster conversou com um policial que lhe disse que o campo abrigava dois mil prisioneiros. Apenas 25 eram judeus, e esses, insistiu o policial, estavam no campo por crimes políticos, não por causa de sua religião. Mas MacMaster ouvira relatos de que havia pelo menos cinco mil prisioneiros ali, quarenta a cinquenta deles judeus, dos quais apenas “um ou dois” tinham sido presos por crimes políticos; outros haviam sido presos em decorrência de denúncias de pessoas “que queriam prejudicá-los em seus negócios, ou eram acusados de se associarem com mulheres não judias”. Ficou surpreso quando o policial lhe disse que via os campos como “temporários e esperava o dia em que fossem abandonados”.

MacMaster achou que Dachau tinha até certa beleza. “Era uma manhã muito fria”, escreveu. “Na noite anterior, tinha havido um nevoeiro tão denso que tive dificuldade para encontrar meu hotel. Naquela manhã havia um perfeito céu azul, as cores bávaras eram o branco das nuvens e o azul do céu, e o nevoeiro da noite anterior cobria as árvores de uma espessa geada.” Uma camada de renda brilhante de cristais de gelo estendia-se sobre tudo, dando ao campo uma aparência etérea, como de uma paisagem de fábula. Ao sol, as bétulas da charneca circundante tornavam-se espirais de diamante.

Mas, como em tantas situações na nova Alemanha, a aparência exterior de Dachau era enganosa. A limpeza e a eficiência do campo tinham pouco a ver com o desejo de tratar os detentos de forma humana. Em junho do ano anterior, um oficial das SS chamado Theodor Eicke assumira o comando de Dachau e redigira um conjunto de regulamentos que posteriormente seria adotado como modelo para todos os campos. Divulgadas em 1º de setembro de 1933, as novas regras codificavam as relações entre guardas e prisioneiros, tirando o ato de punição do terreno do impulso e do capricho para inseri-lo num plano em que a disciplina se tornava sistemática, desapaixonada e previsível. Agora, pelo menos, todos conheciam as regras, mas as regras eram duras e aboliam, explicitamente,

qualquer margem para a piedade.

“Tolerância significa fraqueza”, escreveu Eicke na introdução das regras.⁷ “À luz desse conceito, o castigo será implacavelmente executado sempre que os interesses da pátria o exigirem.” Delitos menores eram punidos com bastonadas e confinamento na solitária. Mesmo a ironia custava caro. Oito dias de solitária e “25 bastonadas” eram reservados para “qualquer um que faça comentários depreciativos ou irônicos a um membro das SS, omitindo deliberadamente os sinais de respeito estipulados, ou que demonstre, de qualquer outra forma, relutância em submeter-se a medidas disciplinares”. Uma cláusula abrangente, o Artigo 19, tratava das “punições incidentais”, que incluíam reprimendas, castigos físicos e “atamento em estacas”. Outra seção estabelecia as regras para enforcamento. A morte era a pena prescrita para qualquer um que, “com objetivos de agitação”, discutisse política ou fosse flagrado reunindo-se com outros. Até mesmo coligir “informações falsas ou verdadeiras sobre o campo de concentração”, ou receber tais informações, ou comentá-las com outros, poderia levar um detento à forca. “O prisioneiro que tentar fugir será alvejado sem aviso.” Tiros eram também a resposta prevista para as rebeliões de presos. “Tiros de advertência”, escreveu Eicke, “estão proibidos por princípio.”

Eicke tomava providências para que todos os novos guardas fossem devidamente doutrinados, como um dos seus estagiários, Rudolf Höss, afirmaria posteriormente. Höss tornou-se guarda em Dachau em 1934 e disse que Eicke martelava repetidamente a mesma mensagem: “Qualquer demonstração de piedade com ‘inimigos do Estado’ era indigna de um homem das SS. Não havia lugar nas fileiras das SS para homens de coração mole, e quem pertencesse a esse tipo faria melhor se fosse para um convento. Ele só podia usar homens duros e determinados, que obedecessem implacavelmente a todas as ordens.”⁸ Aluno dedicado, Höss acabou se tornando comandante em Auschwitz.

* * *

À PRIMEIRA VISTA, a perseguição aos judeus também parecia ter diminuído. “Por fora, Berlim tinha, durante minha recente estada na cidade, uma aparência normal”, escreveu David J. Schweitzer, alto funcionário do Comitê Americano de Distribuição Conjunta, organização judaica de socorro conhecida simplesmente como Junta (Joint).⁹ “O ar não está carregado, prevalece a cortesia generalizada.” Judeus que tinham fugido no ano anterior começavam a voltar, escreveu ele. Cerca de dez mil judeus que saíram no começo de 1933 estavam de volta no início de 1934, apesar de a emigração — quatro mil judeus em 1934 — prosseguir.¹⁰ “Tal é a situação real, ou tão bem disfarçada ela é, que ouvi um americano, que tinha passado apenas uma semana a caminho de um país vizinho, comentar que não conseguia ver sinal dos acontecimentos que tanto comoviam o mundo exterior.”

Mas Schweitzer entendia que se tratava, em grande parte, de ilusão. A violência explícita contra judeus parecia ter diminuído, mas uma forma mais

sutil de opressão tomara o seu lugar. “O que nosso amigo não percebeu, a partir das aparências, é a tragédia que todos os dias atinge os trabalhadores, que aos poucos perdem o emprego”, escreveu Schweitzer. E cita o exemplo das lojas de departamento de Berlim, quase sempre pertencentes a judeus e operadas por empregados judeus. “Enquanto de um lado se podem observar lojas de departamento judias cheias como sempre de judeus e não judeus, observa-se, também, na loja de departamentos ao lado, a total ausência de empregados judeus.” Nesse caso também a situação variava de uma comunidade para outra. Uma cidade podia banir judeus, enquanto na cidade vizinha judeus e não judeus continuavam “a viver lado a lado com seus vizinhos, e a desempenhar suas ocupações da melhor forma possível, sem serem incomodados”.

Schweitzer detectou também pontos de vista divergentes entre os líderes judeus de Berlim. “Uma tendência é a de que não há esperança, que as coisas estão condenadas a piorar”, escreveu. “Outra tendência, porém, vai em direção contrária, mas é igualmente definida, ou seja, é uma tendência que resulta de pensar em termos de março de 1934, e não em termos de março de 1933, reconciliando-se com a situação atual, aceitando o inevitável, fazendo ajustes para se movimentar em seus próprios círculos restritos e esperando que as coisas, assim como mudaram de março de 1933 para março de 1934, continuem a melhorar, de maneira favorável.”

* * *

OS CONTÍNUOS PROTESTOS de paz de Hitler constituíam a mais patente fraude oficial. Qualquer um que se desse ao trabalho de ir ao campo nos arredores de Berlim perceberia de imediato. Raymond Geist, cônsul-geral interino, fazia essa viagem rotineiramente, quase sempre de bicicleta. “Antes do fim de 1933, durante minhas frequentes excursões, descobri nos arredores de Berlim, em quase todas as estradas que deixavam a cidade, novos e grandes estabelecimentos militares, incluindo campos de treinamento, aeroportos, quartéis, pistas de testes, baterias antiaéreas e coisas do gênero.”¹¹

Mesmo o recém-chegado Jack White percebeu a verdadeira realidade do que ocorria. “Qualquer um que passeie de carro pelo campo num domingo pode ver os camisas-marrons fazendo exercícios no mato”, disse ele ao cunhado, Moffat.¹²

White ficou atônito ao saber que a jovem filha de um amigo era obrigada a passar as tardes de quarta-feira praticando a arte de atirar granadas de mão.

* * *

A NORMALIDADE SUPERFICIAL DA Alemanha mascarava também o cada vez mais intenso conflito entre Hitler e Röhm. Dodd e outros que tinham passado algum tempo no país sabiam muito bem que Hitler tencionava aumentar o

tamanho do exército regular, o Reichswehr, e que o capitão Röhm, das SA, queria que qualquer aumento incluísse a incorporação de unidades inteiras das Tropas de Assalto, parte de sua campanha para assumir o controle das forças armadas alemãs. O ministro da Defesa Blomberg e os generais mais importantes desprezavam Röhm e tinham o maior desdém por suas toscas legiões de camisas-marrons. Göring também odiava Röhm, e via a fome de poder dele como uma ameaça ao controle da nova força aérea da Alemanha, seu orgulho e sua alegria, que ele serena mas energeticamente trabalhava para construir.

O que não estava claro era onde exatamente ficava Hitler nessa questão. Em dezembro de 1933, o chanceler nomeou Röhm membro do seu gabinete. Na última noite do ano, lhe enviou uma calorosa saudação, publicada na imprensa, na qual elogiava seu velho aliado por construir uma legião tão eficaz “Saiba que agradeço ao destino por me permitir chamar um homem como você de meu amigo e irmão de armas.”¹³

Logo depois, no entanto, Hitler ordenou a Rudolf Diels que preparasse um relatório sobre as infâmias cometidas pelas SA e sobre as práticas homossexuais de Röhm e seu círculo.¹⁴ Diels afirmaria posteriormente que Hitler lhe pedira, ainda, que matasse Röhm e outros “traidores”, mas ele se recusara.

O presidente Hindenburg, supostamente o último freio contra Hitler, parecia alheio às pressões que se formavam abaixo dele. Em 30 de janeiro de 1934, divulgou uma declaração elogiando Hitler pelo “grande progresso” que a Alemanha alcançara desde a sua posse, um ano antes. “Confio que”, escreveu ele, “no próximo ano o senhor e seus companheiros continuarão com êxito, e, com a ajuda de Deus, completarão a grande obra de reconstrução alemã, iniciada com tanto vigor, sobre a base da nova união nacional do povo alemão que felizmente foi alcançada.”¹⁵

E assim começou o ano, com uma sensação de que tempos melhores viriam, e, para os Dodd, uma nova rodada de festas e banquetes. Convites formais chegavam em envelopes com cartões impressos, acompanhados, como sempre, de mapas dos lugares. A cúpula nazista tinha preferência por um arranjo desajeitado, no qual mesas formavam uma grande ferradura retangular, com convidados distribuídos dentro e fora da configuração. Os que se sentavam no flanco interior passavam a noite num abismo de desconforto social, observados pelas costas pelos outros convidados. Um desses convites foi mandado para a família Dodd pelo vizinho, o capitão Röhm.

Martha depois teria motivo para guardar uma cópia do mapa de lugares. Röhm, o *Hausherr*, ou anfitrião, sentou-se na ponta da ferradura, com visão geral de todas as pessoas à sua frente.¹⁶ Dodd sentou-se à direita de Röhm, em posição de honra. Do outro lado da mesa, na frente de Röhm, no lugar mais incômodo da ferradura, estava Heinrich Himmler, que o desprezava.

CAPÍTULO 29

Ataque malicioso

Em Washington, o subsecretário Phillips chamou Jay Pierrepont Moffat a seu gabinete “para ler toda uma série de cartas do embaixador Dodd”, como anotou Moffat em seu diário.¹ Entre as cartas havia algumas recentes, nas quais Dodd repetia suas queixas contra a riqueza de funcionários do Serviço Exterior e o número de judeus na equipe; numa delas, ousava sugerir que política externa os Estados Unidos deveriam adotar.² O país, em suas palavras, precisava livrar-se de sua “indiferença moralista”, porque “outra luta de vida e morte na Europa nos incomodaria a todos — especialmente se em paralelo houvesse um conflito similar no Extremo Oriente (como acredito que seja o entendimento em conclave secreto)”.³ Dodd reconhecia a relutância do Congresso em envolver-se no exterior, mas acrescentava: “Acho, porém, que os fatos importam; mesmo que os odiemos.”

Embora estivessem desencantados com Dodd, Phillips e Moffat reconheciam que tinham poucos poderes sobre ele, devido as suas boas relações com Roosevelt, que lhe permitiam ignorar o Departamento de Estado e comunicar-se diretamente com o presidente quando queria. No gabinete de Phillips, os dois leram as cartas balançando a cabeça: “Como sempre”, escreveu Moffat em seu diário, “ele está insatisfeito com tudo.”⁴ Numa carta, Dodd descrevera dois funcionários da embaixada como “competentes, mas não qualificados” — provocando um comentário de Moffat: “Seja lá o que isso quer dizer.”

Na quarta-feira, 3 de janeiro, Phillips, adotando um tom remoto e sobranceiro, escreveu a Dodd para tratar de algumas queixas do embaixador, uma das quais dizia respeito à transferência do sobrinho de Phillips, Orme Wilson, para Berlim. A chegada de Wilson em novembro do ano anterior provocara uma angústia competitiva na embaixada. Phillips repreendia Dodd por não ter sabido lidar melhor com a situação. “Espero que não seja difícil para o senhor desencorajar quaisquer conversas de natureza indesejável entre os funcionários da sua equipe.”⁵

A respeito das repetidas queixas de Dodd quanto aos hábitos de trabalho e às qualificações dos homens do Serviço Exterior, Phillips escreveu: “Confesso-me incapaz de compreender seu sentimento de que ‘alguém no departamento encoraja as pessoas a insistir em atitudes e condutas equivocadas.’”⁶

Mencionou uma observação feita por Dodd de que havia um número excessivo de judeus no quadro administrativo da embaixada, mas se disse “um tanto confuso” sobre a maneira de resolver a questão. Dodd lhe dissera anteriormente que não queria transferir ninguém, mas agora, ao que tudo indicava, queria. “O senhor quer que seja feita alguma transferência?”, perguntou Phillips. E acrescentou: “Se... a questão racial precisa ser corrigida em vista das condições especiais na Alemanha, seria perfeitamente possível para

o Departamento de Estado fazer isso, desde que haja uma clara recomendação sua.”

* * *

NAQUELA MESMA QUARTA-FEIRA, em Berlim, Dodd redigiu uma carta a Roosevelt, sobre assunto que considerava tão melindroso que não só escreveu à mão como a enviou primeiro ao seu amigo coronel House, para que ele pudesse entregá-la pessoalmente ao presidente. O embaixador insistia em que Phillips fosse afastado do cargo de subsecretário e transferido para uma posição diferente, talvez como embaixador em algum lugar. Sugeriu Paris, acrescentando que a saída de Phillips de Washington “limitaria um pouco o favoritismo que prevalece aqui”.⁷

Escreveu: “Não pense que quero me vingar pessoalmente, ou que tenha reclamações pessoais contra qualquer coisa. Espero” — *espero* — “que esta carta seja motivada apenas pelo bem do serviço público.”

CAPÍTULO 30

Premonição

Martha consumia-se com Boris. O amante francês, Armand Berard, quando se viu relegado, afastou-se, magoado. Diels também recuou, apesar de continuar a ser um companheiro frequente.

No começo de janeiro, Boris arranjou um encontro amoroso com Martha que se revelou um dos mais inusitados que ela já tivera.¹ Não fora avisada com antecedência do que ocorreria; Boris só lhe pedira que usasse o vestido de que ele mais gostava — seda dourada, ombros nus, grande decote, justo na cintura. Ela acrescentou ainda um colar de âmbar e um ramo de flores — gardênia, que Boris lhe oferecera.

Fritz, o mordomo, recebeu Boris à entrada, mas, antes que pudesse anunciar sua presença, o russo subiu aos saltos os degraus que conduziam ao andar principal. Fritz foi atrás. Martha encaminhava-se pelo corredor para a escada, como escreveu num relato minucioso sobre aquela noite. Ao vê-la, Boris encostou um dos joelhos no chão.

— *Oh, my darling!* — disse, em inglês. Depois, em alemão: — Você está maravilhosa.

Ela ficou feliz, e um tanto constrangida. Fritz riu. Boris conduziu-a até seu Ford — a capota levantada, felizmente, por causa do frio — e levou-a para o Horcher, restaurante na Lutherstrasse, poucos quarteirões ao sul do Tiergarten. Era um dos melhores de Berlim, especializado em carne de caça, e dizia-se que era o lugar preferido de Göring para jantar. Foi identificado também, em 1929, num conto da então popular escritora Gina Kaus, como o lugar ideal para quem quisesse seduzir alguém.² Podia-se sentar num dos seus bancos de couro acolchoados e poucas mesas adiante lá estaria Göring, resplandecente em seu uniforme do momento. Noutra época, haveria talvez escritores, artistas e músicos famosos e destacados financistas e cientistas judeus, mas àquela altura a maioria tinha fugido, ou se vira, de repente, isolada em circunstâncias que não permitiam noites dispendiosas na cidade. O restaurante resistia, entretanto, como se não soubesse que algo mudara no mundo lá fora.

Boris tinha reservado uma sala, onde ele e Martha jantaram lautamente salmão defumado, caviar, sopa de tartaruga e frango à moda então conhecida como “Kievsky”. De sobremesa comeram creme bávaro flambado com conhaque. Beberam champanhe e vodka. Martha amou a comida, as bebidas, o ambiente elegante, mas estava perplexa.

— Por que tudo isso, Boris? — perguntou ela. — O que está comemorando?

Em resposta, ele apenas sorriu. Depois do jantar, foram de carro para o norte. Ele entrou na Tiergartenstrasse como se fosse para a casa dos Dodd, mas, em vez de parar, seguiu em frente. Aceleraram ao longo do limite densamente arborizado do parque até alcançar o Portão de Brandemburgo e a Unter den

Linden, com seus sessenta metros de largura atulhados de carros, cujos faróis a transformavam num transbordamento de platina. Um quarteirão a leste do portão, Boris encostou o carro para parar na embaixada soviética, na Unter den Linden 7. Levou Martha para dentro do prédio, passando por vários corredores, depois subindo um lance de escada, até parar diante de uma porta sem nenhuma identificação.

Ele sorriu e abriu a porta, depois se afastou para dar-lhe passagem. Acendeu um abajur e duas velas vermelhas. De início, Martha achou o quarto parecido com uma república de estudantes, embora Boris tivesse feito o possível para transformá-lo em algo mais. Ela viu uma cadeira de espaldar reto, duas poltronas e uma cama. Sobre o travesseiro, ele estendera um tecido bordado que, segundo disse, viera do Cáucaso. Um samovar para o preparo do chá ocupava a mesa perto da janela.

No canto do quarto, numa estante de livros, Martha viu uma coleção de fotos de Vladimir Lênin, dispostas em torno de um grande retrato que o mostrava de um jeito que Martha não conhecia, como um amigo capturado em um instantâneo, não como o Lênin de rosto sério da propaganda soviética. Ali também havia panfletos em russo, um deles com o cintilante título, segundo Boris traduzira, de “Equipes de Inspeção de Operários e Camponeses”. Ele chamava aquilo tudo de seu “canto Lênin”, o equivalente soviético das imagens religiosas que os russos ortodoxos tradicionalmente penduravam alto no canto de um aposento. “Como você deve ter lido nos romances russos que tanto ama, meu povo tinha, e ainda tem, cantos para ícones”, disse ele. “Mas eu sou um russo moderno, um comunista!”

Noutro canto, Martha descobriu um segundo santuário, cujo ponto central era ela mesma. Boris chamava-o de seu “canto Martha”. Havia uma foto dela numa pequena mesa, tremulando à luz avermelhada de uma das velas. Ele também deixara expostas várias cartas dela e mais fotografias. Fotógrafo amador entusiasta, tinha tirado muitas fotos das andanças do casal em Berlim. Havia também lembranças — um lenço de linho que ela lhe dera e aquele caule de hortelã silvestre do piquenique que fizeram em setembro de 1933, já seco, mas do qual ainda se desprendia um vago aroma. Ali estava também a freira de madeira entalhada que ela lhe mandara em resposta aos três macacos que não reagem — com a diferença de que Boris pusera um acessório na freira, adornando-a com uma auréola de fino fio de ouro.

Mais recentemente, ele trouxera pinhas e galhos de sempre-verdes para o santuário de Martha, que enchiam o quarto com o aroma de floresta. Incluíra os galhos, como disse, para simbolizar o seu amor por ela, que era “sempre-verde”.

— Meu Deus, Boris — riu ela —, você é romântico! Isso combina com um comunista durão como você?

Depois de Lênin, disse ele, “você é quem eu mais amo”. Beijou-lhe os ombros desnudos, e de repente ficou sério.

— Mas, caso ainda não tenha entendido — falou —, meu partido e meu país devem sempre vir em primeiro lugar.

A súbita mudança, a expressão do rosto — Martha riu de novo. Disse a Boris que compreendia.

— Meu pai pensa em Thomas Jefferson quase como você pensa em Lênin — disse ela.

Já se aconchegavam quando, de repente, sem barulho, a porta se abriu e entrou uma menina loura que Martha calculou ter uns nove anos. Entendeu de imediato que deveria ser a filha de Boris. Os olhos eram exatamente como os do pai — “extraordinários, luminosos”, escreveu Martha —, apesar de, em muitos outros sentidos, não se parecer em nada com ele. O rosto era comum, e ela não manifestava a alegria irreprimível do pai. Parecia carrancuda. Boris levantou-se e foi até ela.

— Por que está tão escuro aqui? — perguntou a menina. — Eu não gosto.

Falava em russo, e Boris traduzia. Martha suspeitou que ela sabia alemão, pois estudava em Berlim, mas que falava russo por petulância.

Boris acendeu a luz do teto, uma lâmpada nua. O brilho áspero dispersou de imediato o clima romântico que ele criara com as velas e os santuários. Ele disse à menina que apertasse a mão de Martha e ela obedeceu, mas com evidente relutância. Martha achou sua hostilidade desagradável, mas compreensível.

A garota perguntou-lhe em russo:

— Por que você está tão bem-vestida?

Boris explicou que aquela era a Martha sobre a qual ele lhe havia falado. Estava tão lindamente vestida, disse ele, porque era a sua primeira visita à embaixada soviética, portanto uma ocasião especial.

A menina avaliou Martha. Um vestígio de sorriso apareceu.

— Ela é muito bonita — disse. — Mas muito magra.

Boris explicou que, apesar disso, Martha era saudável.

Ele consultou o relógio. Eram quase dez horas. Sentou a menina em seu colo, puxou-a para si e passou-lhe a mão nos cabelos suavemente. Ele e Martha falaram de coisas triviais enquanto a menina olhava. Depois de uns instantes, Boris parou de alisar-lhe os cabelos e deu-lhe um abraço, sinal de que era hora de a pequena ir para a cama. Ela fez uma mesura e, num alemão sereno e relutante, disse:

— *Auf Wiedersehen, Fräulein Martha.*

Boris tomou-a pela mão e levou-a para o quarto.

Em sua ausência, Martha examinou com mais cuidado o alojamento, e continuou a fazê-lo depois que ele voltou. De vez em quando, lançava-lhe um olhar.

— Lênin era muito humano — disse ele, sorrindo. — Ele teria entendido o *seu* santuário.

Deitaram na cama e se abraçaram. Ele falou-lhe de sua vida — disse que o pai abandonara a família, e que aos 16 anos tivera de ingressar na Guarda Vermelha. “Queria que a vida de minha filha fosse mais fácil”, disse. Queria o mesmo para o país. “Não tivemos nada que não fosse tirania, guerra, revolução, terror, guerra civil, fome. Se não formos atacados novamente, talvez tenhamos chance de construir algo novo e único na história humana. Você compreende?”

Às vezes, enquanto contava sua história, lágrimas lhe rolavam pelo rosto. Ela já se acostumara. Ele lhe falou dos seus sonhos para o futuro.

“Então ele me apertou contra o corpo”, escreveu ela. “Da clavícula ao

umbigo, pelos cor de mel o cobriam todo, macios como penugem (...) De verdade, foi lindo para mim, e me deu uma profunda sensação de calor, conforto e intimidade.”

No fim da noite, ele preparou chá e o serviu em chávenas tradicionais — vidro transparente e moldura de metal.

— Agora, minha querida — disse ele —, nas últimas horas você provou um pouco da noite *rusa*.

* * *

“COMO PODERIA EU DIZER-LHE”, escreveu ela, “que foi uma das noites mais estranhas que já passei na vida?” Um mau presságio neutralizava sua alegria. Indagava-se se Boris, ao se envolver tanto com ela — criando seu canto Martha na embaixada e ousando levá-la a seus alojamentos particulares —, não teria, de alguma forma, transgredido uma proibição não escrita. Sentia que algum “olho malévolo” tinha reparado. “Foi”, disse ela, “como se um vento sombrio invadissem o quarto.”

Tarde da noite Boris levou-a para casa.

CAPÍTULO 31

Terroros noturnos

A vida dos Dodd sofreu uma sutil mudança. Até então se sentiam livres para dizer o que quisessem dentro de casa, mas agora havia um obstáculo novo e desconhecido. Nesse particular, a vida deles refletia o miasma mais amplo que impregnava a cidade para além dos muros do jardim. Uma história comum começara a circular: um homem telefona para outro e, durante a conversa, pergunta: “Como vai tio Adolf?”¹ Logo depois a polícia secreta bate à porta e exige que ele prove que de fato tem um tio chamado Adolf, e que a pergunta não era uma referência em código a Hitler. Os alemães não queriam mais ficar em alojamentos coletivos nas estações de esqui, com medo de falarem dormindo. Adiam cirurgias, temendo os efeitos dos anestésicos que soltam a língua. Sonhos refletiam a ansiedade ambiente. Um alemão sonhou que um homem das SA vinha à sua casa, abria a porta do forno, que repetia todos os comentários negativos feitos na casa contra o governo.² Depois de conhecer a vida na Alemanha nazista, Thomas Wolfe escreveu: “Ali estava um país inteiro (...) infestado pelo contágio de um medo sempre presente. Era uma espécie de paralisia progressiva que distorcia e deteriorava todas as relações humanas.”³

Para os judeus, é claro, essa experiência foi mais intensa. Um levantamento, realizado de 1993 a 2001 pelos historiadores sociais Eric A. Johnson e Karl-Heinz Reuband, revelou que 33% deles sentiam “medo constante de ser preso”.⁴ Entre os que moravam em cidades pequenas, mais da metade se lembrava de ter essa sensação. A maioria dos cidadãos não judeus, entretanto, dizia ter sentido pouco medo — em Berlim, por exemplo, apenas 3% descreveram o medo de ser preso como constante —, mas não se sentia inteiramente à vontade. Na verdade, a maioria dos alemães vivia uma espécie de eco da normalidade. Aos poucos foram reconhecendo que a capacidade de levar uma vida normal “dependia de aceitar o regime nazista, manter a cabeça baixa e não chamar muita atenção”. Se andassem na linha e concordassem em ser “coordenados”, estariam em segurança — apesar de a pesquisa também ter revelado uma surpreendente tendência entre os berlinenses não judeus a, vez por outra, sair da linha. Cerca de 32% lembravam-se de ter contado piadas antinazistas, e 49% diziam ter escutado transmissões radiofônicas ilegais da Grã-Bretanha e de outros países.⁵ No entanto, só ousavam cometer essas infrações em particular, ou entre amigos confiáveis, pois sabiam que as consequências poderiam ser fatais.

Para os Dodd, de início, tudo era tão novo e improvável que chegava a ser cômico. Martha riu a primeira vez que a amiga Mildred Fish Harnack insistiu para irem ao banheiro conversar. Mildred achava que, por serem escassamente mobiliados, era mais difícil equipar os banheiros com aparelhos de escuta do que as atulhadas salas de espera. Mesmo assim, “sussurrava de modo quase inaudível”, escreveu Martha.⁶

Foi Rudolf Diels quem primeiro transmitiu a Martha a realidade nada engraçada da emergente cultura da espionagem na Alemanha. Um dia, ele a convidou para ir a seu escritório e, com evidente orgulho, mostrou-lhe uma grande variedade de equipamentos usados para gravar conversas telefônicas.⁷ Ele a levou a acreditar que aparelhos de escuta tinham sido instalados na chancelaria da embaixada dos Estados Unidos e em sua residência. Acreditava-se que agentes nazistas ocultavam microfones em telefones para ouvirem as conversas nos cômodos vizinhos. Certa noite, já bem tarde, Diels pareceu confirmar essa suposição. Martha e ele tinham saído para dançar. Depois, chegando em casa, ele acompanhou-a à biblioteca para tomar um drinque. Estava inquieto e queria falar. Martha pegou uma grande almofada, depois atravessou a sala em direção à escrivaninha do pai. Diels, perplexo, perguntou-lhe o que era aquilo. Ela lhe disse que ia colocar a almofada sobre o telefone. Diels concordou lentamente com a cabeça, lembrava-se ela, e “um sorriso sinistro cruzou-lhe os lábios”.⁸

No dia seguinte, Martha contou ao pai. Dodd ficou surpreso com a novidade. Embora aceitasse como fato consumado a interceptação de correspondência, os grampos em telefones e linhas telegráficas e a probabilidade de escuta na chancelaria, ele jamais teria imaginado que houvesse um governo tão descarado a ponto de instalar microfones na residência particular de um diplomata. Mas levou a sério. O que já vira de inesperado no comportamento de Hitler e de seus sequazes o convencera de que qualquer coisa era possível. Martha se lembrava de que ele encheu uma caixa de papelão com chumaços de algodão e passou a usá-la para cobrir seu telefone sempre que uma conversa na biblioteca enveredava por território confidencial.⁹

Com o tempo, os Dodd viram-se face a face com uma amorfa ansiedade, que se infiltrava no dia a dia e aos poucos alterava seu jeito de viver. A mudança foi lenta, e veio como uma névoa pálida que penetrava em cada fenda. Todo mundo que vivia em Berlim parecia senti-la. Começava-se a pensar duas vezes sobre quem era a pessoa com quem se saía para almoçar, e também sobre qual restaurante escolher, porque havia boatos sobre estabelecimentos que seriam os prediletos dos agentes da Gestapo — como, por exemplo, o bar do Adlon. Ficava-se um pouco mais para checar se os rostos vistos na esquina anterior tinham reaparecido. Nas circunstâncias mais informais, falava-se com cuidado, prestando uma atenção inédita nas pessoas ao redor. Os berlinenses aprenderam a praticar o que se tornou conhecido como “olhar alemão” — *der deutsche Blick* —, uma olhadela rápida em todas as direções, quando alguém encontrava um amigo ou conhecido na rua.¹⁰

A vida na casa dos Dodd ficou cada vez menos espontânea. Passaram a desconfiar especialmente do mordomo, Fritz, que tinha o dom de mover-se sem fazer barulho. Martha suspeitava que ele prestava atenção redobrada quando ela tinha amigos ou amantes em casa. Sempre que ele aparecia no meio de uma conversa de família, o assunto murchava, perdia o nexo, numa reação quase inconsciente.¹¹

Depois de viagens de férias ou nos fins de semana, a volta era sempre anuviada pela probabilidade de que, na sua ausência, novos aparelhos tivessem

sido instalados e os velhos, substituídos. “Não há no mundo como descrever, na frieza das palavras sobre o papel, o que esse tipo de espionagem pode fazer com um ser humano”, escreveu Martha.¹² Os discursos de rotina eram suprimidos — “as conversas de família e a liberdade de expressão e ação eram tão limitadas que perdemos qualquer vestígio de semelhança com uma família americana normal. Quando queríamos falar alguma coisa, precisávamos olhar para os cantos e atrás das portas, ter cuidado com o telefone e falar aos sussurros”. A tensão teve seus efeitos sobre a mãe de Martha. “À medida que o tempo passava, e o horror crescia”, escreveu a filha, “sua graça e cortesia para com os funcionários nazistas com quem era obrigada a se encontrar, e a quem tinha de receber, ou ao lado de quem tinha de sentar-se, transformaram-se em um fardo tão pesado que ela mal conseguia tolerar.”¹³

Martha acabou usando códigos rudimentares em comunicações com os amigos, prática cada vez mais comum em toda a Alemanha.¹⁴ Sua amiga Mildred usava um código ao escrever cartas para casa, que consistia em redigir frases que significavam o oposto do que as palavras indicavam.¹⁵ Era difícil para quem estava fora compreender por que essas práticas se tornaram comuns e necessárias. Um professor americano amigo dos Dodd, Peter Olden, escreveu ao embaixador em 30 de janeiro de 1934 para informar que tinha recebido uma carta do cunhado na Alemanha, na qual ele descrevia um código que pretendia usar em comunicações futuras. A palavra “chuva”, em qualquer contexto, significava que ele teria sido levado para um campo de concentração. A palavra “neve”, que estava sendo torturado. “Parece inacreditável”, disse Olden a Dodd. “Se você acha que isso tudo é uma brincadeira de mau gosto, gostaria que me escrevesse numa carta.”¹⁶

A cuidadosa resposta de Dodd era uma aula de omissão deliberada, muito embora o sentido fosse claro. Ele disse acreditar que até mesmo a correspondência diplomática era interceptada e lida por agentes alemães. Uma questão que o preocupava muito era o grande número de empregados locais trabalhando no consulado e na embaixada. Um deles, particularmente, tinha chamado a atenção da equipe consular: Heinrich Rocholl, empregado antigo, que ajudava a preparar relatórios para o adido comercial americano, cujos escritórios ficavam no primeiro andar do consulado na Bellevuestrasse. Em suas horas de folga, Rocholl tinha fundado uma organização pró-nazista, a Associação de Ex-Alunos Alemães na América, que divulgava uma publicação chamada *Rundbriefe*. Rocholl fora apanhado recentemente tentando “descobrir o conteúdo de relatórios confidenciais do adido comercial”, de acordo com um memorando enviado pelo cônsul-geral interino Geist para Washington.¹⁷ “Além disso, teve conversas com outros alemães da equipe, que ajudam a preparar relatórios, e deu a entender que o trabalho tinha que ser, em todos os sentidos, favorável ao regime atual.” Numa edição de *Rundbriefe*, Geist encontrou um artigo no qual “eram feitas alusões depreciativas ao embaixador e ao senhor Messersmith”. Para Geist, foi a gota d’água. Citando o “ato explícito de deslealdade a seus chefes”, demitiu Rocholl.

Dodd percebeu que a melhor maneira de ter uma conversa realmente particular com alguém era marcar um encontro no Tiergarten para um passeio,

como costumava fazer com seu colega britânico, Sir Eric Phipps. “Vou dar uma caminhada às onze e meia na Hermann-Göring-Strasse, ao longo do Tiergarten”, disse Dodd a Phipps durante um telefonema, certa manhã, às dez horas.¹⁸ “Você poderia me encontrar para conversarmos um pouco?” E Phipps, em outra ocasião, enviou a Dodd um bilhete escrito à mão perguntando: “Poderíamos nos encontrar amanhã ao meio-dia na Siegesallee, entre a Tiergartenstrasse e a Charlottenburger Chaussee, do lado direito (de quem vai daqui)?”¹⁹

* * *

SE HAVIA APARELHOS DE escuta instalados na embaixada e na residência dos Dodd não se pode saber, mas o que importa é que eles passaram a acreditar que a espionagem nazista era onipresente. Apesar do desgaste que essa percepção representava, acreditavam ter uma vantagem significativa sobre os alemães — não seriam maltratados fisicamente.²⁰ Mas o status privilegiado de Martha não estendia a proteção a seus amigos, e nesse particular a jovem tinha motivos para se preocupar, dada a natureza dos homens e mulheres com quem fazia amizade.

Ela precisava ser especialmente cuidadosa em suas relações com Boris — como representante de um governo abominado pelos nazistas, ele era, fora de qualquer dúvida, alvo de espionagem — e com Mildred e Arvid Harnack, que cada vez mais se opunham ao regime e davam os primeiros passos para fundar uma associação informal de homens e mulheres dispostos a resistir ao poder nazista. “Se eu havia me encontrado com pessoas corajosas ou imprudentes o suficiente para manifestar sua oposição a Hitler”, escreveu Martha em seu perfil biográfico, “eu passava noites imaginando se um ditafone ou um telefone não teriam registrado a conversa, ou se homens não nos teriam seguido e entre ouvido.”²¹

No inverno de 1933-34, sua ansiedade evoluiu para uma espécie de terror que “raia a histeria”, como ela mesma o descreveu.²² Jamais tivera tanto medo. Deitada em sua própria cama, dentro de seu próprio quarto, com os pais no andar de cima, objetivamente o mais segura que poderia estar, ainda assim, quando as sombras lançadas pelas fracas lâmpadas da rua se projetavam no teto, ela não conseguia impedir que o terror lhe maculasse as noites.

Ouvia, ou imaginava ouvir, o ranger de sapatos de sola dura no cascalho da entrada da garagem lá embaixo, um ruído tentativo e intermitente, como se alguém observasse seu quarto. De dia, as várias janelas do quarto traziam luz e cor; à noite, evocavam vulnerabilidade. O luar lançava sombras inquietas no gramado e nas alamedas, e ao lado das altas pilastras do portão de entrada. Certas noites, ela supunha ouvir conversas em voz baixa, até tiros ao longe, embora de dia pudesse explicar essas coisas como o barulho do vento soprando no cascalho e estouros dos canos de descarga dos carros.

Mas tudo era possível. “Eu costumava sentir tanto terror”, escreveu ela, “que às vezes acordava minha mãe e lhe pedia que viesse dormir em meu quarto.”²³

CAPÍTULO 32

Alerta de tempestade

Em fevereiro de 1934, Dodd ouviu rumores de que o conflito entre Hitler e o capitão Röhm aumentara de intensidade. Os boatos tinham fundamento.

No fim do mês, Hitler apareceu num encontro de altos oficiais das SA de Röhm, das SS de Heinrich Himmler e do exército regular, o Reichswehr. Dividiam o palanque com ele Röhm e o ministro da Defesa Blomberg. A atmosfera no salão era tensa. Todos os presentes sabiam do conflito entre as SA e o exército e esperavam que Hitler abordasse a questão.

Hitler principiou falando de assuntos mais genéricos. A Alemanha, disse, precisava de mais espaço para se expandir, “mais espaço vital para nosso excesso populacional”.¹ E precisavam se preparar para conquistá-lo. “As potências ocidentais jamais nos cederão esse espaço vital. É por isso que uma série de golpes talvez venha a ser necessária — primeiro no oeste e depois no leste.”

Depois de estender-se mais um pouco, ele se voltou para Röhm. Ninguém ali ignorava as ambições do capitão. Poucas semanas antes, ele propusera formalmente que o Reichswehr, as SA e as SS fossem consolidados em um só ministério, dando a entender, mas sem declarar explicitamente, que deveria ser o ministro encarregado. Agora, olhando diretamente para Röhm, Hitler disse:

— As SA devem limitar-se à sua tarefa política.

Röhm manteve uma expressão de indiferença. Hitler prosseguiu:

— O ministro da Guerra pode recorrer às SA para o controle de fronteiras e para instrução paramilitar.

Aquilo também era uma humilhação. Hitler não só consignava as SA às tarefas decididamente inglórias de controlar as fronteiras e dar instruções, mas também colocava Röhm explicitamente em posição inferior à de Blomberg, para cumprir ordens, e não para dá-las. Ainda assim, Röhm não reagiu.

Hitler prosseguiu:

— Das SA espero a execução leal da tarefa que lhes foi confiada.

Concluído o discurso, Hitler virou-se para Röhm, segurou-lhe o braço e agarrou-lhe a mão — olhos nos olhos. Foi um momento orquestrado, para parecer que houvera uma reconciliação. Hitler saiu. Por sua vez, Röhm convidou os oficiais reunidos para almoçarem em seu alojamento. O banquete, ao estilo das SA, foi suntuoso, regado por uma torrente de champanhe, mas a atmosfera estava longe de ser cordial. No momento adequado, ao sinal de que o almoço terminara, Röhm e os homens das SA levantaram-se. Com um barulho de botas em posição de sentido, uma floresta de braços estendidos na saudação de Hitler, *Heils* foram berrados e os líderes dos exércitos saíram.

Röhm e seus homens ficaram. Beberam mais champanhe, mas estavam desanimados.

Para o capitão, os comentários de Hitler representavam uma traição a uma longa parceria. O chanceler parecia ter esquecido o papel crucial que as Tropas de Assalto desempenhavam em sua ascensão ao poder.

Para ninguém em particular, ele disse:

— Foi um novo Tratado de Versalhes. — Minutos depois, acrescentou: — Hitler? Se pudéssemos nos livrar desse vagabundo.²

Os homens das SA ficaram mais um pouco, fazendo raivosos comentários sobre o discurso — tudo isso testemunhado por um alto oficial das SA chamado Viktor Lutze, que achou a cena profundamente perturbadora. Poucos dias depois, Lutze relatou o episódio a Rudolf Hess, àquela altura um dos assessores mais próximos de Hitler. Hess insistiu com Lutze para ver Hitler pessoalmente e contar-lhe tudo.

Ao ouvir o relato de Lutze, Hitler respondeu:

— Vamos ter de deixar amadurecer.³

CAPÍTULO 33

“Memorando de uma conversa com Hitler”

Dodd já se preparava para entrar de licença quando sua doce expectativa foi estragada por duas demandas inesperadas. A primeira veio na segunda-feira, 5 de março de 1934, quando foi convocado ao gabinete do ministro do Exterior Neurath, que, furioso, lhe exigiu que tomasse uma providência para impedir um julgamento simulado de Hitler marcado para dois dias depois, no Madison Square Garden, em Nova York. O julgamento fora organizado pelo Congresso Judaico Americano, com apoio da Federação Americana do Trabalho e de mais duas dezenas de organizações judaicas e antinazistas. Hitler ficou tão furioso com o projeto que ordenou a Neurath e a seus diplomatas em Berlim e Washington que fizessem alguma coisa para acabar com aquilo.

Um dos resultados foi uma sequência de protestos oficiais, respostas e memorandos que, além de revelarem a sensibilidade da Alemanha à opinião pública externa, mostraram que as autoridades americanas estavam dispostas a ir longe para evitar críticas diretas a Hitler e seu partido. O nível de coação teria sido cômico se não houvesse tantos interesses em jogo, e deixou uma pergunta: por que o Departamento de Estado e o presidente Roosevelt relutavam em expressar em termos francos o que realmente achavam de Hitler, numa época em que manifestações dessa natureza poderiam ter tido poderoso efeito sobre seu prestígio no mundo?

* * *

A EMBAIXADA DA ALEMANHA em Washington fora informada sobre o planejado julgamento semanas antes, em fevereiro, por intermédio de anúncios no *New York Times*. O embaixador alemão nos Estados Unidos, Hans Luther, imediatamente apresentou queixa ao secretário de Estado Hull, que respondeu com cautela: “Declarei que lamentava ver essas diferenças surgirem entre pessoas do seu país e do meu; que trataria o assunto com a atenção devida, tanto quanto fosse possível e justificável nas circunstâncias.”¹

Em 1º de março de 1934, o segundo homem da embaixada da Alemanha, Rudolf Leitner, teve um encontro com um funcionário do Departamento de Estado chamado John Hickerson e instou-o a “fazer algo para impedir o julgamento, por conta do lamentável efeito que teria na opinião pública alemã, caso fosse realizado”.² Hickerson respondeu que, devido a “nossas garantias constitucionais de liberdade de expressão”, o governo federal nada poderia fazer para impedi-lo.

Leitner teve dificuldade para compreender. Disse a Hickerson “que, se as

circunstâncias fossem inversas, o governo alemão certamente encontraria meios de ‘deter esse processo’”.³

Hickerson disse que não tinha dúvidas quanto a isso. “Respondi”, escreveu, “que é meu entendimento que o governo alemão não está tão limitado nas ações que poderia tomar em tais questões quanto o governo americano.”⁴

No dia seguinte, sexta-feira, 2 de março, o embaixador Luther teve um segundo encontro com o secretário Hull para protestar contra o julgamento.

Hull pessoalmente teria preferido que o julgamento não se realizasse. Complicava as coisas, e poderia diminuir a vontade da Alemanha de quitar suas dívidas. Mas, ao mesmo tempo, não gostava do regime nazista. Embora evitasse fazer qualquer crítica direta, dava-lhe certa satisfação dizer ao embaixador alemão que os homens que deveriam falar no julgamento “não estavam, de forma nenhuma, sob controle do governo federal” e que, portanto, o Departamento de Estado era impotente para intervir.⁵

Foi então que o ministro do Exterior Neurath convocou Dodd a seu gabinete. Neurath o fez esperar dez minutos, coisa que “percebi e da qual me resenti”, como diria Dodd.⁶ A demora o fez lembrar-se da desfeita do ministro em outubro do ano anterior, depois do seu discurso do Dia de Colombo sobre Graco e César.

Neurath entregou-lhe um *aide-mémoire* — declaração escrita de um diplomata para outro, geralmente sobre assunto sério, quando uma declaração verbal pode distorcer a mensagem que se pretende transmitir. Aquele foi inesperadamente imoderado e ameaçador. Chamava o julgamento simulado de “manifestação maliciosa” e citava uma série de “expressões insultuosas” semelhantes ocorridas nos Estados Unidos no ano anterior, descritas como “um combate equivalente à interferência direta em assuntos internos de outro país”.⁷ O documento também atacava um boicote judeu-americano em vigor contra produtos alemães, de iniciativa do Congresso Judaico Americano. Explorando os temores americanos de uma suspensão dos pagamentos dos títulos da dívida alemã, afirmava o documento que o boicote tinha afetado de tal forma a balança de pagamentos entre a Alemanha e os Estados Unidos que “o cumprimento das obrigações das empresas alemãs com seus credores americanos só foi possível parcialmente”.

Neurath terminava o *aide-mémoire* declarando que, por causa do julgamento simulado, a “manutenção de relações amistosas, desejo sincero de ambos os governos, torna-se desse modo extremamente difícil”.

Depois de ler o documento, Dodd explicou, de forma tranquila, que nos Estados Unidos “ninguém pode suprimir uma reunião privada ou pública”, particularidade que os alemães pareciam totalmente incapazes de compreender.⁸ Dodd insinuou também que a Alemanha tinha, ela própria, criado esses problemas de relações públicas. “Lembrei ao ministro que muitas coisas ainda ocorrem aqui que chocam a opinião pública estrangeira.”⁹

Após o encontro, Dodd telegrafou para o secretário Hull e lhe disse que o julgamento simulado causara “extraordinária impressão” no governo alemão.¹⁰ Dodd mandou sua equipe traduzir o *aide-mémoire* e só então o enviou para Hull, pelo correio.

Na manhã anterior ao julgamento simulado, o embaixador alemão Luther tentou mais uma vez impedi-lo. Dessa vez falou com o subsecretário William Phillips, que também lhe disse que não havia o que fazer. Luther exigiu que o departamento anunciasse imediatamente “que nada que fosse dito na reunião representaria as opiniões do governo”.¹¹

Mais uma vez Phillips fez objeções. Não havia tempo suficiente para preparar tal declaração, explicou; disse ainda que seria inadequado para o secretário de Estado tentar antecipar-se ao que os oradores diriam ou deixariam de dizer durante o julgamento.¹²

Luther fez uma última tentativa e pediu que o Departamento de Estado, pelo menos, emitisse uma nota de repúdio na manhã seguinte ao julgamento.

Phillips disse que não poderia comprometer o departamento, mas “levaria o assunto em consideração”.¹³

O julgamento realizou-se como planejado, protegido por 320 policiais uniformizados de Nova York.¹⁴ Dentro do Madison Square Garden, quarenta detetives à paisana circulavam pela plateia de vinte mil espectadores. As vinte “testemunhas” que depuseram durante o julgamento incluíam o rabino Stephen Wise, o prefeito Fiorello La Guardia e um ex-secretário de Estado, Bainbridge Colby, que fez os comentários iniciais. O tribunal considerou Hitler culpado: “Declaramos que o governo de Hitler está levando o povo alemão a dar às costas à civilização em nome de um despotismo antiquado e bárbaro, que ameaça o avanço da humanidade em direção à paz e à liberdade, e constitui ameaça à vida civilizada no mundo inteiro.”¹⁵

Numa entrevista coletiva no dia seguinte, Phillips declarou que não tinha “qualquer comentário a fazer, além de ressaltar a natureza privada da reunião e o fato de que nenhum membro do governo esteve presente”.¹⁶

Phillips e seus colegas voltaram a atenção para outras questões. Como logo ficaria evidente, entretanto, a Alemanha não estava disposta a deixar o assunto morrer.

* * *

A SEGUNDA TAREFA DESAGRADÁVEL que Dodd tinha de executar antes de sua partida era encontrar-se com Hitler. Ele recebera ordem do secretário Hull para que transmitisse ao chanceler a consternação dos Estados Unidos com o surto de propaganda nazista que ultimamente se verificava no país. Putzi Hanfstaengl arranhou o encontro, que deveria ser privado e secreto — só Hitler e Dodd —, e assim, na quarta-feira, 7 de março, pouco antes das 13 horas, Dodd mais uma vez se viu na chancelaria do Reich a caminho do gabinete de Hitler, passando pelos costumeiros grupos de guardas que batiam ruidosamente as botas e faziam a saudação.

Primeiro, Dodd perguntou a Hitler se ele tinha uma mensagem pessoal para Roosevelt, que ele mesmo poderia entregar quando se encontrasse com o presidente em Washington.¹⁷

Hitler fez uma pausa. Olhou por um momento para Dodd.

— Eu lhe agradeço muito — disse ele —, mas isso me pegou de surpresa, e eu gostaria que o senhor me desse tempo para pensar sobre o assunto e voltar a lhe falar.

Dodd e Hitler conversaram um pouco sobre assuntos inócuos, antes que o embaixador entrasse no assunto que o levava a Hitler — “a infeliz propaganda que tem sido feita dentro dos Estados Unidos”, como disse Dodd num memorando que redigiu depois do encontro.

Hitler “fingiu espanto”, escreveu Dodd, e depois pediu detalhes.

Nos últimos dez dias, disse Dodd, começara a circular nos Estados Unidos um panfleto nazista contendo o que o embaixador descreveu como “um apelo aos alemães em outros países para pensarem em si mesmos sempre como alemães, devedores de lealdade moral, se não política, à pátria”. Dodd comparou-a a propaganda semelhante distribuída nos Estados Unidos em 1913, bem antes de os Estados Unidos entrarem na guerra anterior.

Hitler explodiu.

— *Ach* —, disse —, é tudo mentira dos judeus; se eu descobrir quem faz isso, botarei para fora do país imediatamente.

Com isso, a conversa enveredou por uma discussão mais ampla e venenosa do “problema judaico”. Hitler condenou todos os judeus e culpou-os por quaisquer sentimentos negativos que tivessem surgido nos Estados Unidos contra a Alemanha. Tomado de raiva, exclamou:

— Danem-se os judeus!

Diante da fúria de Hitler, Dodd achou prudente não tocar no assunto do julgamento simulado, que seria realizado ainda aquele dia em Nova York. Hitler também não o mencionou.

Em vez disso, Dodd passou a falar sobre como a situação dos judeus poderia ser resolvida de forma pacífica e humana. “O senhor sabe que o problema judaico também existe em outros países”, disse a Hitler. Em seguida, informou que o Departamento de Estado encorajava extraoficialmente uma nova organização criada pela Liga das Nações sob o comando de James G. McDonald, recém-nomeado alto comissário para refugiados da Alemanha, para transferir os judeus, como disse Dodd, “sem muito sofrimento”.

Hitler rejeitou a ideia de imediato. A iniciativa fracassaria, disse ele, por mais dinheiro que a comissão conseguisse levantar. Os judeus, disse, iriam transformá-la numa arma para “atacar a Alemanha e causar infundáveis problemas”.

Dodd retrucou que a atitude da Alemanha acarretava grandes prejuízos a sua reputação nos Estados Unidos. Estranhamente, Dodd procurava agora uma espécie de terreno comum com o ditador. Disse ele a Hitler: “O senhor sabe que muitos altos cargos em nosso país são ocupados por judeus, tanto em Nova York como em Illinois.” Citou pelo nome “eminentes hebreus de mentalidade justa e imparcial”, como Henry Morgenthau Jr., secretário de Tesouro de Roosevelt desde janeiro. Dodd explicou a Hitler “que, onde o excesso de atuação de judeus em universidades ou na vida oficial criou problemas, conseguimos redistribuir os cargos sem causar grandes ofensas, e que judeus ricos continuavam a apoiar instituições onde era limitado o número de judeus em posições de cúpula”. Citou

um desses exemplos em Chicago e acrescentou: “Eles não representam problema sério em Illinois.”

Em seu memorando, Dodd explicou: “Minha ideia foi sugerir um procedimento diferente do que tem sido adotado aqui — mas sem dar conselhos explícitos, é claro.”

Hitler replicou que “59% de todos os cargos na Rússia eram ocupados por judeus; que eles tinham arruinado aquele país e que tencionavam arruinar a Alemanha”. Mais furioso que nunca, proclamou: “Se continuarem com suas atividades, vamos acabar completamente com todos eles neste país.”

Foi um momento estranho. Ali estava Dodd, humilde jeffersoniano que aprendera a ver os estadistas como criaturas racionais, sentado diante do líder de uma das grandes nações da Europa enquanto esse líder se tornava quase histérico de fúria e ameaçava destruir uma parcela da população do seu próprio país. Foi algo extraordinário, inteiramente alheio à sua experiência.

Com calma, Dodd levou a conversa de volta para as percepções dos americanos sobre a Alemanha e disse a Hitler “que a opinião pública nos Estados Unidos está firmemente convencida de que o povo alemão, se não seu governo, é militarista, quando não de fato belicoso”, e que “a maioria das pessoas nos Estados Unidos tem a sensação de que a Alemanha está se preparando para um dia ir à guerra”. E perguntou:

— Existe alguma base real para isso?

— Não há base nenhuma, absolutamente — disse Hitler. Sua raiva parecia acalmado. — A Alemanha quer paz e fará o que estiver ao seu alcance para manter a paz; mas a Alemanha exige, e terá, igualdade de direitos na questão dos armamentos.

Dodd advertiu que Roosevelt dava a mais alta importância ao respeito às fronteiras nacionais existentes.

Nesse assunto, disse Hitler, a atitude de Roosevelt coincidia com a sua, e por isso ele se dizia “muito grato”.

Já que era assim, perguntou Dodd, a Alemanha levaria em conta a possibilidade de participar de uma nova conferência internacional sobre desarmamento?

Hitler ignorou a pergunta e voltou a atacar os judeus. Tinham sido eles, acusou, que criaram essa impressão de que a Alemanha queria a guerra.

Dodd puxou-o de volta. Será que Hitler concordaria que “nenhum país deveria cruzar as fronteiras de outra nação e que todos os países europeus deveriam concordar com uma comissão supervisora e respeitar as regras estabelecidas por esse organismo?”

Sim, disse Hitler, e o fez, segundo Dodd, “calorosamente”.

Mais tarde, Dodd descreveu Hitler em seu diário. “Ele tem mentalidade romântica e está apenas meio informado sobre grandes acontecimentos históricos e sobre os grandes homens da Alemanha.” Tinha antecedentes “semicriminosos”. “Ele disse, definitivamente, em várias ocasiões, que um povo sobrevive lutando e morre em consequência de políticas pacifistas. Sua influência é e tem sido totalmente belicosa.”

Como, então, conciliar isso com as muitas declarações do chanceler sobre

suas intenções pacifistas? Como antes, Dodd achava que Hitler era “perfeitamente sincero” sobre seu desejo de paz. Mas agora o embaixador percebera, como Messersmith antes dele, que a verdadeira intenção de Hitler era ganhar tempo para que a Alemanha pudesse se rearmar. Hitler queria a paz apenas para se preparar para a guerra. “No fundo”, escreveu Dodd, “é aquela velha ideia alemã de dominar a Europa pela força.”

* * *

DODD PREPARAVA-SE PARA a viagem. Embora fosse se ausentar por dois meses, planejava deixar a mulher, Martha e Bill em Berlim. Sentiria falta deles, mas não via a hora de embarcar com destino aos Estados Unidos e à sua fazenda. Menos animadora era a perspectiva das reuniões de que teria de participar no Departamento de Estado imediatamente quando chegasse. Ele tencionava aproveitar a oportunidade para prosseguir com sua campanha para tornar o Serviço Exterior mais igualitário, confrontando diretamente os membros do Excelente Clube: o subsecretário Phillips, Moffat, Carr e o cada vez mais influente secretário de Estado assistente, Sumner Welles, outro que se formara em Harvard e era confidente de Roosevelt (na realidade, pajem no casamento de Roosevelt em 1905), com um papel essencial na sua preparação da Política de Boa Vizinhança. Dodd gostaria de voltar aos Estados Unidos com uma prova concreta de que sua abordagem da diplomacia — sua interpretação do mandato do presidente para servir como exemplo dos valores americanos — tinha exercido uma influência moderadora no regime de Hitler, mas tudo o que tinha acumulado até então era repugnância pelo chanceler e seus auxiliares e dor pela perda da Alemanha de suas lembranças.

Pouco antes de partir, entretanto, houve um clarão de luz que lhe deu coragem e sugeriu que seus esforços não tinham sido em vão. Em 12 de março, um funcionário do serviço exterior alemão, Hans-Heinrich Dieckhoff, anunciou, numa reunião do Clube de Imprensa Alemão, que a Alemanha passaria a exigir que fosse emitido um mandado antes de qualquer prisão e que o notório presidio da Columbia-Haus estava fechado.¹⁸ Dodd achava que tinha muito a ver, pessoalmente, com aquela ordem.

Teria ficado menos animado se soubesse da reação de Hitler ao seu último encontro, que foi registrada por Putzi Hanfstaengl. “Dodd não causou impressão alguma”,¹⁹ escreveu ele. “Hitler quase teve pena.” Depois do encontro, tinha dito: “*Der gute Dodd*. Mal consegue falar alemão, e não diz coisa com coisa.”

O que correspondia estreitamente à reação, em Washington, de Jay Pierrepont Moffat. Em seu diário, Moffat escreveu: “O embaixador Dodd, sem receber nenhuma instrução, falou com Hitler sobre a ideia do presidente a respeito de não agressão e lhe perguntou, à queima-roupa, se participaria de uma conferência internacional para discutir o assunto. Onde o embaixador foi buscar a ideia de que queremos outra conferência internacional é um mistério.”²⁰

Claramente exasperado, Moffat escreveu: “Ainda bem que ele logo voltará

para cá de licença.”

* * *

NA NOITE ANTERIOR À PARTIDA, Dodd foi ao seu quarto e encontrou Fritz, o mordomo, arrumando as malas. Ele se aborreceu. Não confiava em Fritz, mas a questão não era essa. O esforço do criado ia de encontro aos seus próprios instintos jeffersonianos. Como escreveu no diário: “Não acho que seja uma desgraça para um homem arrumar suas próprias malas.”²¹

Na terça-feira, 13 de março, ele e a família foram de carro até Hamburgo, 290 quilômetros a noroeste de Berlim, onde Dodd se despediu e instalou-se em sua cabine a bordo do SS *Manhattan*, da United States Lines.

* * *

DODD NAVEGAVA SATISFEITO QUANDO a raiva do governo alemão por causa do julgamento simulado voltou a explodir. Parecia que o Terceiro Reich simplesmente não conseguia superar o assunto.

Na ocasião do embarque de Dodd, seis dias depois do julgamento, o embaixador Luther, em Washington, voltou a procurar o secretário Hull. De acordo com o relato de Hull, Luther protestou contra “esses atos ofensivos e insultuosos do povo de um país contra o governo e as autoridades de outro país”.²²

Aquela altura, Hull estava perdendo a paciência. Depois de apresentar uma manifestação *pro forma*, em que dizia lamentar muito, e reafirmar que o julgamento simulado nada tinha a ver com o governo dos Estados Unidos, lançou um ataque dissimulado. “Declarei ainda que esperava que no futuro os povos de todos os países exercessem autocontrole, para não virem a fazer manifestações ou demonstrações excessivas ou impróprias com relação às ações dos povos de outros países. Tentei tornar clara essa última referência velada à Alemanha. Depois acrescentei que o mundo em geral parece em estado de considerável agitação, com o resultado de que os povos de mais de um país não estão pensando nem agindo normalmente.”²³

Dez dias depois, em meio a uma nevasca, o embaixador alemão reapareceu, mais furioso do que nunca. Quando Luther entrou no gabinete de Hull, o secretário gracejou dizendo que esperava que o embaixador “não estivesse se sentindo tão frio como a neve que caía lá fora”.²⁴

Usando uma linguagem que Hull descreveu como “quase violenta”, Luther passou 45 minutos citando, raivosamente, uma lista de “expressões abusivas e insultuosas de cidadãos americanos contra o governo de Hitler”.

Hull manifestou sua tristeza pelo fato de os Estados Unidos terem se tornado alvo de críticas alemãs, mas comentou que pelo menos “meu governo não estava sozinho nessa situação; que praticamente todos os governos em torno da

Alemanha, assim como aqueles dentro e em volta do país, pareciam também ter caído em desgraça por uma razão ou por outra; e que o governo dele, tal como se constituía no momento, parecia, por algum motivo, estar quase inteiramente isolado de outros países, apesar de eu não ter dado a entender de forma alguma que seu governo estivesse errado em nenhum caso. Eu disse, porém, que talvez fosse melhor seu governo analisar essa condição de isolamento para ver onde estaria o problema ou o defeito”.

Hull lembrou também que as relações dos Estados Unidos com governos alemães anteriores tinham sido “uniformemente agradáveis” e declarou que “foi só durante o controle do governo atual que os problemas apresentados apareceram, para nossa tristeza pessoal e oficial”. Teve o cuidado de ressaltar que certamente isso era simples “coincidência”.

O problema todo seria resolvido, sugeriu Hull, se a Alemanha “pudesse fazer cessar aquelas notícias sobre danos pessoais que chegam regularmente aos Estados Unidos, provenientes da Alemanha, e que provocavam amargo ressentimento entre muitas pessoas aqui”.

Escreveu Hull: “Referiamo-nos claramente à perseguição aos judeus durante toda a conversa.”

Uma semana depois, o secretário Hull lançou o que seria a última descarga de tiros sobre o assunto. Ele finalmente recebera a tradução do *aide-mémoire* que Neurath entregara a Dodd. Foi a vez de Hull ficar furioso. O secretário enviou um *aide-mémoire* de sua autoria, a ser entregue pessoalmente a Neurath pelo encarregado de negócios em Berlim, John C. White, que dirigia a embaixada na ausência de Dodd.

Depois de repreender Neurath pelo “tom de aspereza incomum nas comunicações diplomáticas” que impregnava o *aide-mémoire* do alemão, Hull lhe deu um breve sermão sobre os princípios americanos.²⁵

Escreveu: “É sabido que o exercício da religião, a liberdade de expressão e de imprensa e o direito de reunir-se pacificamente não são apenas garantidos a nossos cidadãos pela Constituição dos Estados Unidos; são crenças arraigadas na consciência política do povo americano.” E, apesar disso, escreveu Hull, Neurath e seu *aide-mémoire* tinham descrito incidentes nos quais a Alemanha achava que o governo dos Estados Unidos devia ter ignorado esses princípios. “Parece, portanto, que os pontos de vista dos dois governos, no que diz respeito às questões da liberdade de expressão e de reunião, são irreconciliáveis, e que a discussão dessa diferença em nada contribuiria para melhorar as relações que os Estados Unidos desejam manter, em bases tão amistosas quanto os interesses comuns dos dois povos o exigem.”

E, dessa forma, a batalha em torno do julgamento simulado finalmente chegou ao fim, com as relações diplomáticas um pouco frias, mas intactas. Como das outras vezes, ninguém do governo americano divulgou qualquer declaração pública, fosse apoiando o julgamento ou criticando o regime de Hitler. Restava a pergunta: de que todos tinham medo?

Um senador americano, Millard E. Tydings, de Maryland, tentou obrigar Roosevelt a manifestar-se contra a perseguição aos judeus, submetendo ao Senado uma resolução que instruiria o presidente “a comunicar ao governo do

Reich alemão uma declaração inequívoca dos profundos sentimentos de surpresa e dor vividos pelo povo dos Estados Unidos ao saber das discriminações e opressões impostas pelo Reich aos seus cidadãos judeus”.²⁶

Um memorando do Departamento de Estado sobre a resolução, escrito por R. Walton Moore, secretário adjunto e amigo de Dodd, ajuda a compreender a relutância do governo. Depois de estudar a resolução, o juiz Moore concluiu que ela apenas deixaria Roosevelt “numa situação constrangedora”.²⁷ Explicou Moore: “Se ele deixasse de atender ao pedido, ficaria exposto a consideráveis críticas. Por outro lado, se o atendesse estaria não apenas incorrendo no ressentimento do governo alemão, mas poderia envolver-se numa áspera discussão com suas autoridades, que por sua vez poderiam, por exemplo, pedir-lhe que explicasse por que os negros deste país não gozam plenamente do direito de voto; por que o linchamento de negros no estado do senador Tydings e em outros estados não é evitado ou severamente punido; e por que o sentimento antissemita nos Estados Unidos, que infelizmente parece aumentar, não é controlado.”

A resolução fracassou. O secretário Hull, como afirma um historiador, “exerceu sua influência no Comitê de Relações Exteriores para que ela fosse sepultada”.²⁸

CAPÍTULO 34

Diels, com medo

Com a proximidade da primavera, quando as temperaturas finalmente romperam a barreira dos dez graus Celsius, Martha começou a notar uma mudança em Diels. Habitualmente tão frio e suave, ele agora andava sempre irritado. Tinha boas razões para tanto.

A tensão do seu cargo crescia de forma acentuada enquanto o capitão Röhms insistia em sua exigência de controlar as forças armadas e Heinrich Himmler buscava fortalecer seu domínio sobre as operações da polícia secreta em toda a Alemanha. Diels dissera certa vez que seu trabalho exigia que ele ficasse “em todos os lados do muro ao mesmo tempo”, mas agora até ele reconhecia que sua posição era insustentável.¹ Por saber como o sistema funcionava, percebia a intensidade das pressões em jogo e o caráter inflexível das ambições subjacentes. Sabia também que todas as partes envolvidas encaravam a prisão e o assassinato como ferramentas políticas úteis. Disse a Martha que, embora fosse agora oficialmente coronel das SS de Himmler, era odiado por ele e seus sequazes. Começou a temer pela vida, e a certa altura disse a Martha e a Bill que poderia levar um tiro a qualquer momento. “Não levamos muito a sério o que ele nos disse”, lembrou-se ela.² Ela bem sabia que Diels tinha uma tendência a ser exageradamente melodramático, ainda que reconhecesse que “seu trabalho era do tipo que poderia deixar qualquer um histérico ou paranoico”. A tensão, porém, parecia afetar-lhe a saúde. Ele queixava-se de “transtornos agudos do estômago e do coração”, escreveu Martha.

Sentindo que uma erupção política de alguma espécie era inevitável, Diels teve um encontro com Hermann Göring, ainda oficialmente seu chefe, para pedir uma licença da Gestapo. Alegou motivo de doença. Nas memórias que redigiu posteriormente, descreveu a reação de Göring.

— Você está doente?³ — perguntou Göring, num sopro. — É melhor ter certeza de que está muito doente.

— Sim, estou mesmo doente — respondeu Diels. Ele disse ainda a Göring que fizera o possível “para colocar a carruagem do Estado de volta ao rumo certo”. Mas agora, completou, “não posso continuar”.

— Tudo bem, você está doente — disse Göring. — Portanto, não pode continuar trabalhando, nem mesmo por um único dia a mais. Ficará confinado em casa, pois está doente. Não fará chamadas telefônicas interurbanas, nem escreverá cartas. Acima de tudo, se cuide.

A prudência mandava tomar outros rumos. Diels deixou novamente o país, mas dessa vez internou-se num sanatório na Suíça.⁴ Havia boatos, não implausíveis, de que levava consigo arquivos secretos comprometedores para entregar a um amigo em Zurique, com instruções para publicar tudo caso ele fosse morto.

Poucas semanas depois, Diels voltou a Berlim, e logo convidou Martha e Bill para irem a seu apartamento. Sua esposa os conduziu à sala de visitas, onde ele se encontrava deitado num sofá, com aparência de quem não tinha se curado de nada. Mantinha duas pistolas sobre a mesa, perto de um grande mapa. Diels despachou a mulher, que Martha descreveu como “uma criatura patética, com um ar de passividade”.⁵

Martha viu que o mapa estava coberto de símbolos e anotações, feitos com tintas de cores diferentes, que descreviam uma rede de postos e agentes da polícia secreta. Achou-o aterrador, “uma vasta teia de intrigas”.

Diels tinha orgulho dessa teia.

— Sabe, a maior parte disso é obra minha — disse ele. — Na realidade, organizei o sistema de espionagem mais eficaz que a Alemanha já viu.

Se ele tinha tal poder, perguntou Martha, por que estava tão claramente assustado?

— Porque sei demais — respondeu ele.

Diels precisava fortalecer suas defesas. Disse a Martha que quanto mais fosse visto com ela em público, mais seguro ele se sentiria. Não se tratava apenas de uma frase destinada a reacender o romance entre eles. Até Göring passara a ver Diels como uma carta de pouco valor. Em meio ao torvelinho de paixões em conflito que varria Berlim naquela primavera, o maior perigo para Diels vinha do fato de que ele insistia em não tomar partido, e por isso era visto, com maior ou menor desconfiança, por todos os campos. Ficou tão paranoico que achava que alguém estava tentando envenená-lo.

Martha não fazia objeção a passar mais tempo com Diels. Gostava de estar junto dele e de ter a visão interna do sistema que ele lhe proporcionava. “Eu era jovem e afoita o suficiente para querer estar o mais perto possível, em todas as situações”, escreveu ela.⁶ Mas nesse caso também ela contava com o que Diels não podia contar: a certeza de que, como filha do embaixador americano, estava protegida.

Mas ainda assim um amigo a advertiu de que ela estava “brincando com fogo”.

Nas semanas que se seguiram, Diels manteve-se perto de Martha e comportou-se, escreveu ela, “como um coelho amedrontado”, embora ela sentisse que parte dele — o velho e confiante Lúcifer — divertia-se com o desafio de desembaraçar-se daquela enrascada.⁷

“Em certo sentido, o perigo que ele achava que corria era um desafio à sua astúcia e esperteza”, lembrou ela. “Seria ou não capaz de enganá-los, de fugir deles?”⁸

CAPÍTULO 35

Em choque com o Clube

O navio de Dodd chegou de quarentena ao porto de Nova York na sexta-feira, 23 de março. Ele esperava que sua chegada passasse despercebida pela imprensa, mas seus planos mais uma vez se frustraram. Repórteres iam rotineiramente receber os grandes navios transatlânticos da época, na suposição, quase sempre válida, de que alguém importante estaria a bordo. De qualquer maneira, Dodd tinha preparado uma breve declaração, de cinco frases, e logo se viu lendo-a para dois repórteres que o identificaram. Explicou que estava nos Estados Unidos “tirando uma curta licença (...) para descanso mais do que necessário da tensa atmosfera europeia”.¹ E acrescentou: “Contrariando as previsões de muitos estudiosos dos problemas internacionais, estou razoavelmente seguro de que não teremos guerra no futuro próximo.”

Ficou muito satisfeito ao descobrir que o vice-cônsul alemão em Nova York fora receber o navio levando uma carta de Hitler para ser entregue a Roosevelt. Dodd ficou especialmente feliz de ver que seu amigo coronel House mandara sua “bela limusine”² apanhá-lo e levá-lo à casa do coronel, na East Sixty-Eighth Street com Park Avenue, em Manhattan, onde esperaria seu trem para Washington — o que foi muita sorte, escreveu Dodd em seu diário, porque os taxistas estavam em greve, “e se eu tivesse ido para um hotel o pessoal dos jornais me importunaria até a saída de meu trem para Washington”. Dodd e o coronel tiveram uma conversa franca. “House me deu informações valiosas sobre funcionários hostis no Departamento de Estado, com os quais eu teria de lidar.”

O melhor de tudo foi que, logo depois de chegar, Dodd recebeu o último capítulo de seu *Old South*, recém-datilografado pela amiga de Martha, Mildred Fish Harnack, e enviado pelo malote diplomático.

* * *

EM WASHINGTON, DODD HOSPEDOU-SE no Cosmos Club, que naquela época ficava em Lafayette Square, ao norte da Casa Branca. Em sua primeira manhã em Washington, ele foi a pé até o Departamento de Estado para a primeira de uma série de reuniões e almoços.

Às onze horas, ele teve uma reunião com o secretário Hull e com o subsecretário Phillips. Os três gastaram um bom tempo tentando encontrar um jeito de responder à carta de Hitler. O chanceler louvava os esforços de Roosevelt para restaurar a economia americana e declarava que “o dever, a disposição para o sacrifício e a disciplina” eram virtudes que deveriam ser dominantes em qualquer cultura.³ “Essas exigências morais, que o presidente

coloca diante de todos os cidadãos dos Estados Unidos individualmente, são também a quintessência da filosofia do Estado alemão, que encontra expressão no dístico ‘O Bem Público Transcende os Interesses do Indivíduo’.”

Phillips chamou-a de “estranha mensagem”.⁴ Para Dodd, assim como para Hull e Phillips, era óbvio que Hitler esperava traçar um paralelo entre ele e Roosevelt e que a resposta obrigatória dos Estados Unidos teria de ser redigida com cuidado. Essa tarefa recaiu sobre Phillips e sobre o chefe dos assuntos da Europa Ocidental Moffat, e o objetivo era, como escreveu Moffat, “impedir que caíamos na armadilha de Hitler”.⁵ A carta resultante agradecia suas palavras amáveis, mas dizia que sua mensagem se aplicava não a Roosevelt pessoalmente, e sim a todo o povo americano, “que livremente e de bom grado fez heróicos esforços em favor da recuperação”.⁶

Em seu diário, Phillips escreveu: “Tentamos evitar a impressão de que o presidente estava se tornando fascista.”⁷

No dia seguinte, segunda-feira, 26 de março, Dodd foi andando até a Casa Branca para almoçar com Roosevelt. Discutiram a onda de hostilidade contra a Alemanha que surgira em Nova York na esteira do julgamento simulado do começo do mês. Dodd ouvira um nova-iorquino manifestar o temor de que “poderia facilmente haver uma pequena guerra civil” na cidade de Nova York.⁸ “O presidente também falou a esse respeito”, escreveu Dodd, “e me perguntou se eu tentaria convencer os judeus de Chicago a cancelar seu julgamento simulado marcado para meados de abril.”

Dodd concordou em tentar. Escreveu a líderes judeus, entre eles Leo Wormser, pedindo-lhes que “acalmassem as coisas, se possível”.⁹ Escreveu também para o coronel House pedindo-lhe que exercesse sua influência no mesmo sentido.

Por mais ansioso que estivesse para chegar à sua fazenda, o embaixador deliciou-se com a perspectiva de uma conferência marcada para o começo da semana, na qual ele finalmente teria a oportunidade de apresentar suas críticas às políticas e práticas do Serviço Exterior diretamente aos rapazes do Excelente Clube.

* * *

ELE FALOU PARA UMA PLATEIA que incluía Hull, Moffat, Phillips, Wilbur Carr e Sumner Welles. Diferentemente do discurso do Dia de Colombo em Berlim, nesse Dodd foi duro e direto.

Os dias do “estilo de Luís XIV e Victoria” tinham passado, disse ele.¹⁰ Os países estavam falidos, “incluindo o nosso”. Chegara a época de “acabar com as apresentações em grande estilo”. Citou um funcionário consular americano que despachara móveis em quantidade suficiente para mobiliar uma casa de vinte cômodos — apesar de sua família ser constituída de apenas duas pessoas. Acrescentou que um simples assessor seu “tinha chofer, porteiro, mordomo, camareiro, dois cozinheiros e duas empregadas”.

Todo funcionário, disse ele, deveria ser instado a viver dentro das possibilidades do seu salário, fossem os três mil dólares anuais dos menos graduados ou os 17.500 dólares que ele próprio recebia como embaixador, e dever-se-ia exigir que todos conhecessem a história e os costumes do país anfitrião. Só deveriam ser mandados para o exterior aqueles “que pensam nos interesses do seu país, não tanto em usar uma roupa diferente todos os dias ou sentar-se em jantares alegres mas tolos e neles ficar todas as noites até uma da manhã”.

Dodd sentiu que esse último argumento tivera efeito. Anotou em seu diário: “Sumner Welles contorceu-se um pouco: dono de uma mansão em Washington que supera a Casa Branca em alguns sentidos e que deve ser do mesmo tamanho.” A mansão de Welles, que alguns chamavam de a “casa dos cem cômodos”, ficava na Massachusetts Avenue, perto de Dupont Circle, e era famosa pela opulência.¹¹ Welles e a mulher também tinham uma propriedade rural de 104 hectares nos arredores da cidade, Oxon Hill Manor.

Quando Dodd concluiu seus comentários, a plateia o elogiou e aplaudiu. “Mas não me deixei enganar, depois de duas horas de fingido consenso.”

A rigor, seu discurso serviu apenas para agravar os sentimentos de rancor do Excelente Clube.¹² Na época em que ele fez a palestra, alguns membros, em especial Phillips e Moffat, começavam a manifestar, privadamente, franca hostilidade.¹³

Dodd fez uma visita ao gabinete de Moffat. Mais tarde, ainda naquele dia, Moffat redigiu uma sucinta avaliação do embaixador em seu diário: “Ele não é (...), de forma alguma, um pensador claro. Manifesta a maior insatisfação com uma situação e em seguida rejeita qualquer proposta para remediá-la. Não gosta de ninguém da sua equipe, mas não quer que nenhum funcionário seja transferido. Suspeita, alternadamente, de quase todos com quem entra em contato, e é um tanto invejoso.”¹⁴ Moffat chamou-o de “um infeliz desajustado”.

Dodd parecia não se dar conta de que podia invocar forças capazes de pôr em risco sua carreira. Em vez disso, sentia prazer em espicaçar as sensibilidades clubistas de seus adversários. Com inegável satisfação, contou à mulher: “Seu principal protetor” — ao que tudo indica, uma referência a Phillips ou Welles — “não está nem um pouco perturbado. Se atacar com toda a certeza não vai ser abertamente.”¹⁵

CAPÍTULO 36

A salvação de Diels

O medo que Diels sentia ficou mais pronunciado, a ponto de, em março, ele voltar a pedir ajuda a Martha, dessa vez na esperança de usá-la para conseguir assistência da própria embaixada norte-americana. Foi um momento carregado de ironia: o chefe da Gestapo buscando a ajuda de funcionários americanos. De alguma forma, Diels tomara conhecimento de um plano de Himmler para prendê-lo, possivelmente naquele mesmo dia. Não tinha ilusões. Himmler o queria morto.

Diels sabia que tinha aliados na embaixada, como Dodd e o cônsul-geral Messersmith, e achava que eles talvez pudessem lhe oferecer alguma segurança, manifestando ao regime de Hitler interesse em seu contínuo bem-estar. Mas Dodd, como ele sabia, estava de licença. Diels pediu a Martha que conversasse com Messersmith, que já tinha voltado da sua licença, e visse o que ele podia fazer.

Apesar de inclinada a ver Diels como melodramático, Martha dessa vez acreditou que ele de fato enfrentava perigo mortal. Foi procurar Messersmith no consulado.

Ela estava “obviamente num estado de grande perturbação”, Messersmith iria se lembrar.¹ Desabou em lágrimas e lhe disse que Diels seria preso naquele dia “e era quase certo que seria executado”.

Ela se recompôs, e suplicou a Messersmith que fosse ver Göring de imediato. Usou de lisonja, chamando Messersmith de o único homem capaz de interceder “sem pôr em risco a própria vida”.

Messersmith não se abalou. Àquela altura, tinha franca antipatia por Martha. Achava seu comportamento — seus muitos casos românticos — repugnante. Devido à sua suposta relação com Diels, não surpreendeu a Messersmith que ela fosse ao seu gabinete “naquele estado histérico”. Disse-lhe que nada poderia fazer, “e, depois de muita dificuldade, consegui tirá-la do meu escritório”.

Depois que ela saiu, porém, Messersmith reconsiderou o caso. “Comecei a pensar no assunto e percebi que ela tinha razão ao dizer que Diels, afinal de contas, era um dos melhores do regime, assim como Göring, e que, caso algo acontecesse a ele e Himmler subisse, a posição de Göring ficaria enfraquecida, da mesma forma que a dos elementos mais razoáveis do partido.” Se Himmler dirigisse a Gestapo, acreditava Messersmith, ele e Dodd teriam muito mais dificuldade para tratar de futuros ataques contra americanos, “pois Himmler era conhecido por ser ainda mais insensível e impiedoso do que o Dr. Diels”.

Messersmith tinha programado ir a um almoço aquela tarde no Herrenklub, um clube masculino conservador patrocinado por dois destacados generais do Reichswehr, mas, reconhecendo que uma conversa com Göring seria bem mais importante, entendeu que teria de cancelar o compromisso. Ligou para o

gabinete para marcar um encontro e soube que ele acabara de sair para um almoço... no Herrenklub. Messersmith não sabia até aquela altura que Göring seria o convidado de honra no almoço dos generais.

Deu-se conta de duas coisas: primeiro, que a tarefa de falar com Göring de repente ficara muito mais simples, e segundo, que o almoço era um marco: “Seria a primeira vez, desde que os nazistas chegaram ao poder, que os mais altos oficiais do Exército alemão (...) se sentariam à mesa com Göring, ou com qualquer outro alto funcionário do regime nazista.” Ocorreu-lhe que o almoço talvez fosse um sinal de que o exército e o governo cerravam fileiras contra o capitão Röhm e suas Tropas de Assalto. Se fosse isso, era um mau sinal, pois era pouco provável que Röhm abrisse mão de suas ambições sem luta.

* * *

MESSERSMITH CHEGOU AO CLUBE pouco depois do meio-dia e encontrou Göring conversando com os generais. Göring pôs o braço em torno dos ombros de Messersmith e disse aos outros: “Senhores, este é um homem que não gosta de mim de forma alguma, um homem que não tem uma opinião muito boa a meu respeito, mas é um bom amigo do nosso país.”

Messersmith aguardou o momento apropriado para puxar Göring de lado. “Contei-lhe, em pouquíssimas palavras, que uma pessoa na qual eu tinha absoluta confiança me procurara aquela manhã e me dissera que Himmler estava empenhado em se livrar de Diels naquele mesmo dia e que ele, na verdade, seria eliminado.”

Göring agradeceu-lhe a informação. Os dois se juntaram novamente aos outros convidados, mas poucos minutos depois Göring pediu desculpas e saiu.

O que aconteceu em seguida — que ameaças foram feitas, que acordos foram alcançados, se Hitler interveio — não está claro, mas por volta das cinco da tarde de 1º de abril de 1934, Messersmith foi informado de que Diels fora nomeado *Regierungspräsident*, ou comissário regional, de Colônia e que a Gestapo seria agora dirigida por Himmler.

Diels estava salvo, mas Göring sofrera uma derrota significativa. Agira não em nome de uma amizade antiga, mas por raiva de que Himmler tentasse prender Diels em seus próprios domínios. Himmler, entretanto, ganhara o prêmio maior, o último e mais importante componente de seu império de polícia secreta. “Foi”, escreveu Messersmith, “o primeiro revés que Göring sofreu desde o início do regime nazista.”

Uma foto do momento em que Himmler assumia oficialmente o controle da Gestapo, numa cerimônia em 20 de abril de 1934, mostra Himmler falando na tribuna, com o aspecto insofrito como sempre, enquanto Diels está do lado, de frente para a câmera.² Tem o rosto inchado, como se tivesse bebido muito ou dormido pouco, e as cicatrizes excepcionalmente pronunciadas. É o retrato de um homem sob imensa pressão.

Numa conversa com funcionários da embaixada britânica, mais ou menos

nessa época, citada num memorando que depois foi enviado ao serviço exterior em Londres, Diels recitou um monólogo sobre seu próprio desconforto moral: “A imposição de castigo físico não é tarefa para qualquer um, e naturalmente ficávamos muitos felizes de poder recrutar homens que estivessem preparados para não demonstrar escrúpulos em sua função. Infelizmente, não sabíamos nada do aspecto freudiano do assunto, e só depois de alguns casos de chicotadas desnecessárias e de crueldades sem sentido compreendi que minha organização atraía, havia algum tempo, todos os sádicos da Alemanha e da Áustria sem o meu conhecimento. Atraía também sádicos inconscientes, ou seja, homens que não sabiam de suas tendências sádicas até participarem de um açoitamento. E, finalmente, ela na verdade criou sádicos. Pois parece que o castigo corporal acaba despertando tendências sádicas em homens e mulheres aparentemente normais. Freud teria explicado.”³

* * *

ESTRANHAMENTE, ABRIL TROUXE POUCAS chuvas, mas uma safra abundante de segredos recentes. No começo do mês, Hitler e o ministro da Defesa Blomberg foram informados de que o presidente Hindenburg adoecera gravemente, e que talvez não sobrevivesse ao verão. Não divulgaram a notícia para ninguém. Hitler cobijava a autoridade presidencial ainda nas mãos de Hindenburg, e planejava combinar as funções de chanceler e presidente depois de sua morte, para finalmente conquistar poderes absolutos. Mas restavam duas barreiras potenciais: o Reichswehr e as Tropas de Assalto de Röhm.

Em meados de abril, Hitler tomou um avião para a cidade portuária de Kiel, onde embarcou num encouraçado, o *Deutschland*, para uma viagem de quatro dias, acompanhado de Blomberg; do almirante Erich Raeder, comandante da Marinha; e do general Werner von Fritsch, chefe do comando do exército.⁴ Há poucos detalhes, mas, aparentemente, nos íntimos alojamentos do navio Hitler e Blomberg firmaram um acordo secreto, um pacto verdadeiramente diabólico, pelo qual o chanceler neutralizaria Röhm e as SA em troca do apoio do exército para sua aquisição de autoridade presidencial depois da morte de Hindenburg.

O acordo tinha incalculável valor para Hitler, pois a partir de então ele poderia seguir em frente sem se preocupar com a posição do exército.

Enquanto isso, Röhm tornava-se cada vez mais insistente em sua intenção de assumir o controle das forças armadas do país. Em abril, numa de suas cavalgadas matinais pelo Tiergarten, viu passar um grupo de altos funcionários nazistas e, voltando-se para um companheiro, disse: “Olhe para aquelas pessoas. O Partido não é mais uma força política; está se tornando um asilo de velhos. Pessoas como essas (...) Precisamos nos livrar delas rapidamente.”⁵

Tornou-se cada vez mais ousado em suas manifestações de desagrado. Numa entrevista coletiva, em 18 de abril, disse: “Reacionários, conformistas burgueses, temos ânsia de vômito quando pensamos em vocês.”⁶

Declarou: “As SA são a Revolução Nacional-Socialista.”

Dois dias depois, entretanto, um anúncio do governo pareceu menosprezar as declarações de Röhm sobre sua importância: as SA receberam ordem para tirar licença coletiva durante o mês de julho.⁷

* * *

EM 22 DE ABRIL, Heinrich Himmler nomeou seu jovem protegido Reinhard Heydrich, mal entrado nos trinta anos, para a vaga deixada por Diels como chefe da Gestapo. Heydrich era louro, alto, esbelto, e considerado um homem bonito, exceto pela cabeça, descrita como desproporcionalmente estreita e com olhos muito juntos. Falava num tom quase em falsete, perversamente em desacordo com sua reputação de insensível e totalmente implacável. Hitler apelidou-o de “o Homem do Coração de Ferro”, e apesar disso consta que Heydrich tocava violino com tal paixão que chegava a chorar em certos trechos.⁸ No decorrer de toda a sua carreira, ele lutaria contra boatos de que seria judeu, apesar de uma investigação do Partido Nazista ter afirmado que a alegação era infundada.

Com a saída de Diels, desapareceu o último vestígio de civilidade na Gestapo. Hans Gisevius, memorialista da organização, reconheceu de imediato que, sob o comando de Himmler e Heydrich, a Gestapo sofreria uma mudança de caráter. “Eu podia muito bem me arriscar no combate ao lado de Diels, um instável playboy que, consciente de ser um renegado burguês, era impedido de jogar sujo por muitas inibições”, escreveu Gisevius.⁹ “Mas quando Himmler e Heydrich entraram na arena, eu deveria ter me retirado prudentemente.”

* * *

PERTO DO FIM DE ABRIL, o governo finalmente revelou ao público o grave estado de saúde de Hindenburg.¹⁰ De repente a questão de saber quem o sucederia tornou-se assunto premente em todas as conversas. Os que estavam cientes da cisão cada vez mais profunda entre Röhm e Hitler compreenderam que um novo elemento de suspense agora impulsionava a narrativa.

CAPÍTULO 37

Observadores

Enquanto tudo isso ocorria, espiões de outro país passaram a interessar-se pelos Dodd. Em abril, as relações entre Martha e Boris tinham chamado a atenção de seus superiores no NKVD. Eles viram uma oportunidade rara. “Diga a Boris Winogradov que queremos usá-lo para executar um projeto de nosso interesse”, escreveu um deles em mensagem ao chefe da agência de Berlim.¹

De alguma forma — provavelmente por intermédio de Boris — Moscou tinha compreendido que a paixão de Martha pela revolução nazista começava a murchar.

Dizia ainda a mensagem: “Tem a ver com o fato de que, segundo as informações que temos, os sentimentos de sua conhecida (Martha Dodd) amadureceram plenamente para que seja recrutada de uma vez por todas e venha trabalhar para nós.”

CAPÍTULO 38

Tapeado

O que mais perturbou Dodd durante sua licença foi a sensação de que seus adversários no Departamento de Estado ficavam cada vez mais agressivos. Preocupava-se com o que lhe parecia um padrão de divulgação de informações confidenciais destinada a enfraquecer sua posição. Um incidente perturbador ocorreu na noite de sábado, 14 de abril, quando saía do jantar anual no Clube Gridiron, em Washington.¹ Um jovem funcionário do Departamento de Estado, que ele não conhecia, aproximou-se e deu início a uma conversa durante a qual abertamente contestou a avaliação de Dodd sobre as condições na Alemanha, citando um despacho confidencial que o embaixador mandara de Berlim. O jovem era bem mais alto do que Dodd, e chegou muito perto dele, de um modo que o embaixador considerou fisicamente intimidante. Numa carta furiosa que tencionava entregar pessoalmente ao secretário Hull, Dodd descreveu o encontro como “uma afronta intencional”.

Mais inquietante para Dodd, porém, era a questão de saber como o jovem tivera acesso ao despacho. “Minha opinião”, escreveu ele, “é que existe um grupo no departamento que pensa em si mesmo e não no país e que, ao mais leve esforço de qualquer embaixador ou ministro para economizar, começa a juntar-se para desacreditá-lo e derrubá-lo. Essa é a terceira ou quarta vez que informações totalmente confidenciais que enviei são tratadas como boatos — ou transformadas em boatos. Não estou em busca de nenhum ganho e/ou status pessoal ou social; estou pronto para fazer o possível para melhorar o trabalho e a cooperação; mas não quero trabalhar sozinho, nem ser objeto de constantes intrigas e manobras. Não renunciarei, porém, em silêncio, se esse tipo de coisa continuar.”²

Dodd decidiu não entregar a carta a Hull. Ela acabou arquivada com documentos que ele identificou como “não entregues”.

O que aparentemente ainda não sabia era que ele e outros 15 embaixadores tinham sido tema de uma importante reportagem na edição de abril de 1934 da revista *Fortune*. Apesar da repercussão da matéria, e do fato de ela certamente ter sido assunto de raivas conversas no Departamento de Estado, Dodd só tomou conhecimento de sua existência muito mais tarde, depois de voltar para Berlim, quando Martha levou para casa um exemplar recebido durante uma consulta a seu dentista berlinense.³

Intitulada “Suas Excelências, Nossos Embaixadores”, a reportagem identificava os embaixadores e indicava a fortuna pessoal de cada um com o símbolo do dólar ao lado do nome.⁴ Jesse Isidor Straus — embaixador na França e ex-presidente da R. H. Macy & Company — era identificado como “\$\$\$\$ Straus”. Dodd tinha um único “¢” [símbolo do centavo] ao lado do nome. O artigo zombava de sua abordagem sovina da diplomacia e sugeria que, ao alugar

a casa em Berlim, com desconto, de um banqueiro judeu, ele buscara obter vantagem com as agruras dos judeus da Alemanha. “Desse modo”, afirmava o artigo, “os Dodd conseguiram uma bela casinha, por preço bem baixo, e conseguiram administrá-la com apenas alguns empregados.” A reportagem dizia ainda que ele levaria seu velho e cansado Chevrolet para Berlim. “O filho deveria dirigi-lo para o embaixador à noite”, disse o autor. “Mas o filho queria ir a lugares e fazer coisas que os filhos costumam fazer, e isso deixou o Sr. Dodd sem chofer (apesar da cartola) em seu Chevrolet.” Dodd, afirmava a reportagem, tinha de pedir carona a funcionários menos graduados da embaixada, “os mais sortudos deles com limusines e choferes”.

O autor chamava Dodd de “um quadrado acadêmico num círculo diplomático”, prejudicado por sua relativa pobreza e falta de desenvoltura diplomática. “Moralmente uma pessoa muito corajosa, é tão intelectual, tão divorciado dos seres humanos ordinários, que fala por meio de parábolas, como um cavalheiro e erudito fala com outro; e os irmãos de camisa marrom de sangue e aço não conseguem entendê-lo nem mesmo quando se dão o trabalho de tentar. Por isso, Dodd ferve por dentro, e, quando tenta ser duro, ninguém lhe presta muita atenção.”

Dodd não teve a menor dúvida de que um ou mais funcionários, no Departamento de Estado e talvez até mesmo na embaixada em Berlim, tinham revelado minúcias de sua vida na Alemanha. Queixou-se ao subsecretário Phillips. A reportagem, escreveu ele, “revela uma atitude estranha e mesmo antipatriótica, no que diz respeito a meu histórico e a meus esforços aqui na Alemanha. Em minha carta de aceitação eu disse ao presidente que era preciso entender que eu viveria apenas do meu salário. Como e por que tamanha discussão sobre esse fato tão simples e óbvio para mim?”⁵ Citou diplomatas na história que tinham vivido de forma modesta. “Por que essa condenação toda por eu seguir tais exemplos?” Dodd disse a Phillips que suspeitava que pessoas dentro da própria embaixada vazavam informações, e citou outras reportagens que continham relatos distorcidos. “Por que todas essas histórias falsas e nenhuma referência aos serviços reais que tentei prestar?”

Phillips demorou quase um mês para responder. “Com relação à reportagem da *Fortune*”, escreveu, “eu não pensaria mais nela. Não consigo imaginar de onde vieram as informações a que o senhor se refere não mais do que consigo imaginar como a imprensa ouve rumores (geralmente errados) com relação a mim e a outros colegas seus.”⁶ E pedia a Dodd: “Não deixe que este assunto particular o perturbe nem um pouco.”

* * *

DODD DESFRUTOU DE ALGUM tempo na Biblioteca do Congresso com pesquisa para o seu *Old South* e passou duas semanas em sua fazenda, onde escreveu e cuidou de assuntos domésticos, e pôde viajar para Chicago como planejado, mas isso não lhe rendeu os agradáveis reencontros que esperava.

“Quando cheguei”, escreveu ele a Martha, “todo mundo queria me ver; telefonemas, cartas, visitas, almoços, jantares o tempo todo.”⁷ Respondeu a muitas perguntas sobre ela e o irmão, escreveu ele, “mas só uma sobre seu problema em Nova York”, ou seja, sobre o divórcio de Martha. Um amigo quis mostrar-lhe “como os jornais de Chicago trataram o assunto com decência”, mas “eu não me interessei em ler recortes de jornal”. Pronunciou discursos e resolveu disputas entre professores. Em seu diário, escreveu que se encontrou com dois líderes judeus com quem tivera contato antes, em cumprimento à diretriz de Roosevelt para desestimular protestos. Os dois homens lhe contaram “que tinham acalmado os camaradas e impedido qualquer manifestação violenta em Chicago, como planejado”.⁸

Uma crise pessoal veio atrapalhar. Quando estava em Chicago, Dodd recebeu um telegrama retransmitindo uma mensagem da mulher. Depois de sofrer o espasmo de ansiedade que telegramas de pessoas queridas provocam, Dodd leu que o velho Chevy, ícone de sua gestão como embaixador, fora destruído pelo motorista. O último parágrafo dizia: “PORTANTO ESPERO QUE POSSA TRAZER NOVO CARRO”.⁹

Dessa maneira, Dodd, enquanto gozava de uma licença supostamente restauradora, era instado, na linguagem factual da telegrafia, a comprar um novo carro e despachá-lo para Berlim.

Depois, ele escreveu para Martha: “Meu medo é que Mueller estivesse dirigindo negligentemente, como percebi várias vezes, antes de ausentar-me.”¹⁰ Dodd não conseguia compreender. Dirigira pessoalmente muitas vezes entre a fazenda e Washington, e por toda a cidade, sem jamais sofrer um acidente. “Isso talvez não prove nada, mas sugere. Pessoas que não são donas do carro são muito menos cuidadosas do que as que são.” À luz do que aconteceria alguns anos depois, a jactância de Dodd sobre suas habilidades como motorista não pode deixar de provocar um calafrio. Ele queria um Buick, mas achou o preço alto — 1.350 dólares — em vista do pouco tempo que a família esperava ficar em Berlim. Também não quis gastar cem dólares para despachar o carro para a Alemanha.

Mas acabou conseguindo seu Buick. Instruiu a mulher a comprá-lo numa concessionária em Berlim. O carro, escreveu ele, era um modelo básico, que os especialistas em protocolo da embaixada qualificaram, depreciativamente, de “ridiculamente simples para um embaixador”.¹¹

* * *

DODD AINDA FEZ MAIS uma visita à fazenda, que o alegrou mas que também tornou sua partida mais dolorosa. “Era um belo dia”, escreveu em seu diário, no domingo, 6 de maio de 1934. “As árvores em botão e as macieiras em flor estavam lindas, especialmente porque eu tinha de ir embora.”¹²

Três dias depois, o navio de Dodd zarpar de Nova York. Ele achava que tinha sido uma vitória conseguir que os líderes judeus diminuíssem a intensidade dos

protestos contra a Alemanha, e esperava que seus esforços resultassem em mais moderação da parte do governo de Hitler. Essas esperanças esfriaram, porém, quando no sábado, 12 de maio, enquanto atravessava o oceano, ele foi informado, pelo telégrafo sem fio, de um discurso que Goebbels acabara de pronunciar, no qual o ministro da Propaganda chamava os judeus de “a sífilis de todos os povos europeus”.¹³

Dodd sentiu-se traído. Apesar das promessas nazistas sobre mandados de prisão e do fechamento do presídio de Columbia-Haus, estava claro que nada tinha mudado. Ele temia que agora parecesse ingênuo. Escreveu a Roosevelt a respeito de seu abatimento, depois de todo o trabalho que tivera com os líderes judeus americanos. O discurso de Goebbels reacendera “todas as animosidades do inverno anterior”, escreveu, “e fiquei na situação de ter sido tapeado, o que de fato fui”.¹⁴

Chegou a Berlim na quinta-feira, 17 de maio, às 22h30, e encontrou uma cidade alterada. Durante os dois meses de ausência, a estiagem tinha queimado a paisagem de um jeito que nunca vira, mas havia algo mais. “Era uma satisfação estar em casa”, escreveu, “mas a atmosfera tensa revelou-se de imediato.”¹⁵



O quarto de Göring em Carinhall

CAPÍTULO 39

Jantar perigoso

A cidade parecia vibrar com o zumbir do perigo ao fundo, como se uma imensa linha de alta tensão tivesse sido estendida em seu centro. Todas as pessoas do círculo de Dodd o sentiam. Em parte, a tensão vinha do inusitado clima de maio e dos temores concomitantes de uma safra fracassada, mas o principal gerador de ansiedade era a discórdia cada dia mais intensa entre as Tropas de Assalto do capitão Röhm e o exército regular. Uma metáfora popular usada na época para descrever a atmosfera em Berlim era a de uma tempestade que se aproximava — a sensação de ar carregado e em suspensão.

Dodd teve pouca chance de retomar seu ritmo de trabalho.

No dia seguinte à sua volta dos Estados Unidos, ele se viu diante da possibilidade de oferecer um gigantesco banquete para Messersmith, que finalmente conseguira assegurar para si um cargo de maior proeminência, embora não em Praga, seu alvo original. A competição por esse posto tinha sido vigorosa, e, apesar de Messersmith ter feito ativa campanha e convencido aliados de todos os matizes a escreverem cartas para aumentar suas possibilidades, no fim o cargo ficou com outra pessoa. Em vez disso, o subsecretário Phillips oferecera a Messersmith outro cargo vago: Uruguai. Se Messersmith ficou desapontado, não o demonstrou. Já se considerava feliz por estar deixando para trás o serviço consular. Mas sua sorte foi ainda maior. O cargo de embaixador na Áustria vagara de repente, e Messersmith era a escolha óbvia.¹ Roosevelt concordou. Agora Messersmith estava verdadeiramente satisfeito. E Dodd também, por vê-lo pelas costas, embora tivesse preferido que ele fosse para o outro lado do mundo.

Houve muitas festas para Messersmith — por um momento parecia que todos os jantares e almoços em Berlim eram em sua homenagem —, mas o banquete de 18 de maio na embaixada dos Estados Unidos foi o maior e o mais oficial. Enquanto Dodd estava fora, a Sra. Dodd, com a ajuda dos especialistas em protocolo, supervisionara a preparação de uma lista de convidados de quatro páginas, em espaço simples, que parecia incluir todo mundo que importava, exceto Hitler.² Para qualquer um que conhecesse a sociedade de Berlim, o mais fascinante não era saber quem estaria presente, mas quem não estaria. Göring e Goebbels apresentaram suas desculpas, assim como o vice-chanceler Papen e Rudolf Diels. O ministro da Defesa, Blomberg, foi, mas Röhm, o chefe das SA, não.

Bella Fromm compareceu, assim como Sigrid Schultz e vários amigos de Martha, como Putzi Hanfstaengl, Armand Berard e o príncipe Louis Ferdinand. Essa mistura por si só acrescentou uma aura de tensão à sala, pois Berard ainda amava Martha e o príncipe Louis consumia-se por ela, apesar de a adoração da moça permanecer totalmente fixa em Boris (ausente, curiosamente, da lista de

convidados). O belo agente de ligação com Hitler, Hans “Tommy” Thomsen, estava presente, assim como sua acompanhante costumeira, a sombria e exuberantemente bela Elmina Rangabe, mas houve um tropeço naquela noite — Tommy levou a mulher. Havia calor, champanhe, paixão, ciúme e aquela sensação de fundo de que algo desagradável se formava no horizonte.

Bella Fromm conversou rapidamente com Hanfstaengl e registrou o encontro em seu diário.

— Não sei por que fomos chamados hoje — disse ele. — Toda essa comoção sobre os judeus. Messersmith é um deles. Roosevelt também. O partido detesta-os.³

— Dr. Hanfstaengl — disse Fromm —, já discutimos isso. O senhor não precisa vir com essa encenação para cima de mim.

— Está bem. Ainda que eles fossem arianos, ninguém jamais diria, a julgar por suas ações.

Naquele momento, Fromm não se sentia particularmente preocupada com a boa vontade dos nazistas. Duas semanas antes, sua filha, Gonny, partira para os Estados Unidos, com a ajuda de Messersmith, deixando Fromm triste mas aliviada. Uma semana antes, o jornal *Vossische Zeitung* — “Tia Voss”, onde ela trabalhara anos — tinha fechado. Cada vez mais, ela sentia que fazia parte de uma época que havia chegado ao fim.

Disse a Hanfstaengl:

— É claro que, se a gente abandona o certo e o errado e os substitui pelo ariano e não ariano, as pessoas com noções antiquadas de certo e errado, de decente e obsceno, ficam sem saber muito onde pisar.

Ela conduziu a conversa de volta a Messersmith, que descreveu como um homem tão reverenciado pelos colegas “que é visto praticamente como se tivesse status de embaixador”, comentário que teria irritado sobremaneira Dodd.

Hanfstaengl baixou a voz.

— Tudo bem, tudo bem — disse. — Tenho um monte de amigos nos Estados Unidos, e todos estão do lado dos judeus, também. Mas como se insiste nisso no programa do partido... — Ele se deteve numa espécie de dar de ombros verbal. Enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno pacote de dropes de fruta. *Lutschbonbons*. Bella os adorava quando criança.

— Pegue um — disse Hanfstaengl. — São feitos especialmente para o *Führer*.

Ela tirou um. Antes de enfiá-lo na boca, viu que havia nele uma suástica em alto-relevo. Até dropes de fruta tinham sido “coordenados”.

A conversa voltou-se para a guerra política que causava tanta inquietação. Hanfstaengl disse-lhe que Röhm cobijava o controle não apenas do exército alemão, mas também da força aérea de Göring.

— Hermann está possesso! — disse Hanfstaengl. — Pode-se fazer o que quiser com ele, menos mexer com sua *Luftwaffe*, e ele seria capaz de matar Röhm a sangue-frio. — E perguntou: — Você conhece Himmler?

Fromm fez que sim com a cabeça.

— Era um criador de galinhas, quando não estava espionando para o Reichswehr — continuou Hanfstaengl. — Expulsou Diels da Gestapo. Himmler

não tolera ninguém, menos ainda Röhm. Agora todos se juntaram contra Röhm: Rosenberg, Goebbels e o criador de galinhas. — O Rosenberg a que se referia era Alfred Rosenberg, fervoroso antisemita e chefe do escritório estrangeiro do Partido Nazista.

Depois de registrar a conversa em seu diário, Fromm acrescentou: “Não há ninguém na elite do Partido Nacional-Socialista que não cortasse alegremente a garganta de todas as outras autoridades só para subir mais rápido.”

* * *

O NOVO CLIMA DE BERLIM era tão estranho que outro jantar, inteiramente inócuo, teria consequências muito letais. O anfitrião foi um rico banqueiro chamado Wilhelm Regendanz, amigo dos Dodd, apesar de eles por sorte não terem sido convidados nessa ocasião.⁴ Ele ofereceu o jantar numa noite de maio em sua luxuosa vila em Dahlem, na parte sul da grande Berlim, região conhecida pelas belas casas e pela proximidade do Grunewald.

Regendanz, que tinha sete filhos, era membro da Stahlhelm, ou Capacetes de Aço, organização de antigos oficiais do exército de tendência conservadora. Gostava de reunir homens das mais diversas áreas para refeições, discussões e palestras. Nesse jantar em particular, tinha dois convidados importantes, o embaixador francês François-Poncet e o capitão Röhm, que já tinham estado na casa noutras ocasiões.

Röhm chegou acompanhado por três jovens oficiais das SA, entre eles um ajudante louro, de cabelos ondulados, que fora apelidado de “Conde Lindo”, era secretário de Röhm e, diziam os boatos, seu amante ocasional. Hitler descreveria esse jantar, posteriormente, como um “jantar secreto”, muito embora os convidados não tentassem de forma alguma esconder sua presença. Estacionaram seus carros na frente da casa, à vista de quem passasse pela rua, com as placas reveladoras plenamente expostas.

Os convidados eram ecléticos. François-Poncet não gostava do chefe da SA, como deixou claro em suas memórias, *The Fateful Years* (Os anos decisivos). “Por ter sempre nutrido a mais intensa repugnância a Röhm”, escreveu ele, “eu o evitava ao máximo, apesar do papel de destaque que ele interpretava no Terceiro Reich”. Mas Regendanz “implorara” a François-Poncet que comparecesse.

Mais tarde, em carta à Gestapo, Regendanz tentou explicar sua insistência em juntar os dois homens. Ele atribuiu a iniciativa do jantar a François-Poncet, que, segundo afirmou, manifestara frustração por não conseguir se encontrar com Hitler e pedira a Regendanz que falasse com alguém próximo a ele para comunicar seu desejo de ter um encontro com o chanceler. Regendanz sugeriu que Röhm talvez pudesse ser um bom intermediário. O anfitrião afirmou que na época do jantar não sabia da disputa entre Röhm e Hitler — “pelo contrário”, disse ele à Gestapo, “supunha-se que Röhm fosse o homem que contava com a absoluta confiança do *Führer* e fosse seu seguidor. Em outras palavras,

acreditava-se estar informando ao *Führer* quando se informava a Röhm”.

Para o jantar, reuniram-se aos homens a Sra. Regendanz e um filho, Alex, que estudava para se tornar advogado internacional. Depois da refeição, Röhm e o embaixador francês recolheram-se à biblioteca de Regendanz, para uma conversa informal. Röhm falou de questões militares e negou que tivesse qualquer interesse em política, declarando que se via apenas como um soldado, um oficial. “O resultado dessa conversa”, disse Regendanz à Gestapo, “foi literalmente nenhum.”

A noite chegou ao fim — misericordiosamente, na opinião de François-Poncet. “A comida era péssima, a conversa, insignificante”, recordaria ele. “Achei Röhm sonolento e pesado; só acordava para queixar-se da saúde e do reumatismo que esperava poder tratar em Wiessee”, referência a Bad Wiessee, onde Röhm planejava passar uma temporada à beira do lago em busca de cura. “Ao voltar para casa”, escreveu François-Poncet, “amaldiçoei nosso anfitrião pela chatice da noite.”

Como a Gestapo foi informada do jantar e dos convidados, não se sabe, mas àquela altura certamente Röhm era vigiado de perto. As placas dos automóveis estacionados na frente da casa de Regendanz teriam dado a qualquer observador uma pista sobre a identidade dos homens lá dentro.

O jantar tornou-se infame. Posteriormente, em meados do verão, o embaixador da Grã-Bretanha, Phipps, comentaria em seu diário que, das sete pessoas que se sentaram para jantar na mansão aquela noite, quatro tinham sido assassinadas, uma fugira do país sob ameaça de morte e outra fora mandada para um campo de concentração.

Escreveu Phipps: “A lista de baixas de um simples jantar era de fazer inveja a um Bórgia.”

* * *

E HOUVE ISTO:

Na quinta-feira, 24 de maio, Dodd foi a pé a um almoço com um alto funcionário do Ministério do Exterior, Hans-Heinrich Dieckhoff, descrito pelo embaixador como “um equivalente do secretário de Estado adjunto”.⁵ Encontraram-se num pequeno e discreto restaurante na Unter den Linden, o amplo bulevar que segue para leste a partir do Portão de Brandemburgo, e ali tiveram uma conversa que Dodd achou extraordinária.

A principal razão para o embaixador querer conversar com Dieckhoff era manifestar sua consternação por ficar com a pecha de ingênuo graças ao discurso em que Goebbels comparou os judeus à sífilis, depois de tudo o que tinha feito para acalmar os protestos nos Estados Unidos. Ele lembrou a Dieckhoff que o Reich anunciara a intenção de fechar Columbia-Haus e exigir mandados para todas as prisões efetuadas, e que fizera outras declarações afirmando que a Alemanha “estava reduzindo as atrocidades contra judeus”.

Dieckhoff foi receptivo. Confessou que tinha uma opinião desfavorável de

Goebbels e disse a Dodd que esperava que Hitler não demorasse a ser derrubado. Dodd escreveu em seu diário que Dieckhoff “ofereceu o que considerava bons sinais de que os alemães não tolerariam por muito tempo o sistema no qual estavam sempre fazendo exercícios e passando fome”.

Aquela franqueza surpreendeu-o. Dieckhoff falou tão livremente como se estivesse na Inglaterra ou nos Estados Unidos, observou Dodd, a ponto de manifestar a esperança de que os protestos dos judeus nos Estados Unidos continuassem. Sem eles, disse Dieckhoff, a possibilidade de derrubar Hitler seria bem menor.

Dodd sabia que mesmo para um homem na alta posição de Dieckhoff uma conversa daquele tipo era perigosa. Escreveu: “Preocupa-me profundamente ver um alto funcionário arriscar assim a vida criticando o regime existente.”

Quando saíram do restaurante, os dois caminharam para o leste, pela Unter den Linden, rumo à Wilhelmstrasse, a principal artéria governamental. Despediram-se, escreveu Dodd, “com tristeza”.

Dodd voltou para seu gabinete, trabalhou algumas horas, depois fez uma longa caminhada pelo Tiergarten.

CAPÍTULO 40

Retiro de um escritor

Cada vez mais as provas de opressão social e política perturbavam Martha, apesar do seu entusiasmo pelos jovens louros e inteligentes que Hitler atraía aos milhares. Um dos momentos mais importantes de sua educação sobre a Alemanha veio em maio, quando um amigo, Heinrich Maria Ledig-Rowohlt, frequentador regular do salão de Mildred e Arvid Harnack, a convidou para visitar um dos poucos escritores de destaque que não participaram da grande fuga de talentos artísticos da Alemanha nazista — êxodo que incluiu Fritz Lang, Marlene Dietrich, Walter Gropius, Thomas e Heinrich Mann, Bertolt Brecht, Albert Einstein e o compositor Otto Klemperer, cujo filho, o ator Werner Klemperer, mais adiante representaria um bondoso e atônito comandante de campo de prisioneiros nazista na série de TV *Hogan's Heroes*.¹ Ledig-Rowohlt era filho ilegítimo de Ernst Rowohlt e trabalhara como editor na editora do pai. O autor em questão era Rudolf Ditzen, conhecido universalmente por seu pseudônimo, Hans Fallada.²

A visita deveria ter ocorrido no começo do ano, mas Fallada a adiar para maio, devido à ansiedade provocada pela publicação do seu último livro, *Wer einmal aus dem Blechnapf frisst* (Quem já comeu na tigela de lata). Àquela altura, Fallada alcançara fama considerável no mundo inteiro com seu romance *E agora, Zé Ninguém?*, sobre a luta de um casal durante a reviravolta econômica e social da República de Weimar. O que causava tanta ansiedade a Fallada em relação a seu título mais recente era o fato de se tratar da primeira obra importante a ser publicada desde que Hitler se tornara chanceler. Ele não sabia como era visto pela Câmara Literária do Reich, de Goebbels, que se arrogava o direito de decidir o que era literatura aceitável. Para tentar facilitar a trajetória da obra, Fallada incluíra na introdução uma declaração elogiando os nazistas por tomar providências para que a terrível situação descrita no miolo do livro nunca mais ocorresse. Até seu editor, Rowohlt, achou que Fallada tinha ido longe demais e lhe disse que a introdução “parece EXCESSIVAMENTE bajulatória”. Fallada manteve-a.

Nos meses seguintes à posse de Hitler como chanceler, os escritores alemães que não eram francamente nazistas se dividiram em dois campos — os que consideravam imoral permanecer na Alemanha e os que achavam que a melhor estratégia era ficar, retirando-se do mundo tanto quanto possível, e esperar pelo colapso do regime de Hitler. Essa última atitude ficou conhecida como “emigração interna”, e foi o caminho escolhido por Fallada.³

Martha pediu a Boris que fosse com ela. Ele concordou, apesar de ter dito antes que Mildred era alguém que Martha deveria evitar.

ELES SAÍRAM NA MANHÃ de domingo, 27 de maio, para a viagem de três horas até a fazenda de Fallada em Carwitz, na região lacustre de Mecklenburg, ao norte de Berlim. Boris dirigiu seu Ford e, é claro, baixou a capota. A manhã era fria e suave, as estradas estavam praticamente sem tráfego. Fora da cidade, Boris acelerou. O Ford corria pelas estradas campestres ladeadas de castanheiros e acácias, o ar impregnado da fragrância da primavera.

Na metade do caminho, a paisagem escureceu. “Pequenas linhas agudas de luz iluminavam o céu”, lembrava-se Martha, “e a cena era selvagem e violenta, com cores, intensos verdes e violetas eletrizantes, púrpura e cinza.” Uma chuva súbita fazia explodir bolas de água de encontro ao para-brisa, mas mesmo assim, para alegria de todos, Boris manteve a capota abaixada. O carro corria numa nuvem de salpicos.

Abruptamente o céu clareou, deixando no ar um vapor atravessado por colunas de sol e cores súbitas, como se eles dirigissem através de uma pintura. O aroma de terra recém-molhada inundava o ar.

Já perto de Carwitz, entraram numa região de colinas, pradarias e lagos azuis brilhantes, interligados por trilhas arenosas. As casas e os celeiros eram caixas simples, com telhados inclinados. Estavam a apenas três horas de Berlim, mas o lugar parecia remoto e oculto.

Boris parou o Ford numa velha casa de fazenda, à beira do lago. A casa ficava na base de uma língua de terra chamada Bohnenwerder, que se projetava sobre o lago e era muito acidentada.

Fallada emergiu da casa seguido de um menino de cerca de quatro anos e de uma mulher loura e robusta, sua esposa, com o segundo filho, um bebê, nos braços. Um cachorro pulou para fora também. O escritor era um homem atarracado, de cabeça quadrada, boca larga e maçãs do rosto tão redondas e duras que bem podiam ser bolas de golfe implantadas na pele. Seus óculos tinham armações escuras e lentes redondas. Ele e a mulher fizeram um rápido passeio com os recém-chegados para lhes mostrar a fazenda, que tinham comprado com o dinheiro de *Zé Ninguém*. Martha ficou impressionada com o evidente contentamento dos dois.

Foi Mildred quem fez as perguntas que estavam no ar desde a chegada do grupo, embora tivesse tido o cuidado de disfarçá-las com nuanças. Enquanto caminhava com Fallada para o lago, de acordo com o relato minucioso de um biógrafo do escritor, ela falou de sua vida nos Estados Unidos e de como gostava de andar pela praia do lago Michigan.

— Deve ser difícil para você viver num país estrangeiro, especialmente quando seu interesse é literatura e línguas — disse Fallada.

É verdade, respondeu ela, “mas também deve ser difícil viver no nosso próprio país quando nosso interesse é literatura”.

Fallada acendeu um cigarro.

Falando muito lentamente, ele disse:

— Eu jamais conseguiria escrever noutra língua, nem viver noutro lugar que não fosse a Alemanha.

Mildred retrucou:

— Talvez, Herr Ditzen, onde se vive seja menos importante do que como se vive.

Fallada nada disse.

Depois de um instante, Mildred perguntou:

— Pode-se escrever o que se quer aqui, hoje em dia?

— Depende do ponto de vista — disse ele. Havia dificuldades e exigências, palavras a serem evitadas, mas no fim a língua perdurava, disse ele. — Sim, acho que ainda é possível escrever aqui, nesta época, desde que se observem os regulamentos necessários e se ceda um pouco. Não nas coisas importantes, é claro.

Mildred perguntou:

— O que é importante e o que não é importante?

* * *

HOUE UM ALMOÇO, E CAFÉ. Depois, Martha e Mildred subiram ao topo do Bohnenwerder para admirar a vista. Uma névoa suave amaciava as quinas e cores e produzia uma sensação geral de paz. Lá embaixo, no entanto, o humor de Fallada tornara-se tempestuoso. Ele e Ledig-Rowohlt jogavam xadrez. A questão da introdução do livro novo veio à tona, e Ledig-Rowohlt perguntou se era mesmo necessária. Disse a Fallada que aquele tinha sido o assunto da conversa durante a viagem para Carwitz. Ao ouvir isso, o escritor ficou zangado. Não gostava de ser assunto de fofocas e duvidava que alguém tivesse o direito de julgá-lo, menos ainda uma dupla de mulheres americanas.

Quando Martha e Mildred voltaram, a conversa continuou, e Mildred entrou nela. Martha escutava o melhor que podia, mas seu alemão imperfeito não lhe permitia perceber detalhes suficientes para acompanhar. Sabia, no entanto, que Mildred estava “fazendo gentis provocações” sobre o afastamento de Fallada para longe do mundo. A infelicidade que ele sentia por ser assim desafiado era óbvia.

Mais tarde, Fallada mostrou-lhes a casa — que tinha sete cômodos, luz elétrica, um sótão espaçoso e vários aquecedores. Levou-as à biblioteca, onde havia muitas edições estrangeiras de seus livros, e depois ao quarto onde seu filho cochilava no berço. Martha escreveu: “Ele revelou ansiedade e constrangimento, embora tentasse mostrar-se orgulhoso e feliz com o bebê, com o jardim de que ele mesmo cuidava, com sua simples e robusta mulher, com as muitas traduções e edições de seus livros que cobriam as prateleiras. Mas era um homem infeliz.”

Fallada tirou fotos do grupo; Boris também. Durante a viagem de retorno a Berlim, os quatro companheiros voltaram a falar sobre o escritor. Mildred chamou-o de covarde e fraco, mas ressaltou: “Ele tem consciência e isso é bom. Não é feliz, não é nazista, não é caso perdido”.

Martha anotou outra impressão: “Pela primeira vez vi na face de um escritor o carimbo do medo indisfarçável.”

FALLADA TORNOU-SE POR FIM figura controversa na literatura alemã, criticado em alguns setores por não ter enfrentado os nazistas, mas defendido em outros por não escolher o caminho mais seguro do exílio. Nos anos que se seguiram à visita de Martha, viu-se cada vez mais compelido a curvar seus escritos às demandas do Estado nazista. Passou a fazer traduções para Rowohlt, entre elas *Life with Father* (Nossa vida com papai), de Clarence Day, então muito popular nos Estados Unidos, e a escrever obras inócuas que esperava não ofendessem sensibilidades nazistas, entre as quais uma coleção de histórias para crianças sobre um brinquedo de puxar, *Hoppelpoppel, Wo bist du?* (Hoppelpoppel, onde está você?).

Ele teve sua carreira revigorada brevemente com a publicação, em 1937, de um romance intitulado *Wolf unter Wölfen* (Lobo entre lobos), que funcionários do partido interpretaram como um valioso ataque ao velho mundo de Weimar e que o próprio Goebbels chamou de “um superlivro”. Mesmo assim, Fallada fez mais e mais concessões, a ponto de permitir que Goebbels traçasse o roteiro do desfecho de seu romance seguinte, *Der eiserne Gustav* (Gustavo de ferro), que descrevia as durezas da vida durante a guerra mundial anterior. Fallada viu nisso uma prudente concessão. “Não gosto de gestos grandiosos”, escreveu; “ser morto perante o trono do tirano, inutilmente, em benefício de ninguém e em detrimento de meus filhos, não é o meu jeito.”

Reconhecia, porém, que as várias capitulações que fizera desgastaram seu trabalho. Escreveu para a mãe dizendo que não estava satisfeito com a obra. “Não posso fazer o que quero — se quiser continuar vivo. E assim um tolo dá menos do que tem.”

Outros escritores, no exílio, observavam com desprezo enquanto Fallada e seus colegas emigrantes interiores sucumbiam aos gostos e exigências do governo. Thomas Mann, que viveu no exterior durante os anos de Hitler no poder, escreveu, posteriormente, o seu epitáfio: “Pode ser superstição, mas a meu ver quaisquer livros que puderam ser impressos na Alemanha entre 1933 e 1945 valem menos que nada, e não são objetos em que se deseje tocar. Estão impregnados do fedor de sangue e vergonha. Deveriam ser todos reduzidos a polpa.”⁴

O MEDO E A OPRESSÃO QUE MARTHA viu em Fallada culminavam em uma montanha crescente de provas que, durante toda a primavera, começaram a desgastar sua paixão pela nova Alemanha. Seu cego endosso do regime de Hitler murchou, primeiro numa espécie de ceticismo complacente, mas já perto do verão o que ela sentia era uma repulsa cada vez mais forte.

Se antes ela conseguira descartar o incidente da surra em Nuremberg como

um episódio isolado, agora reconhecia que a perseguição aos judeus na Alemanha era um passatempo nacional. Sentia-se nauseada com o constante trovejar da propaganda nazista que apresentava os judeus como inimigos do Estado. Quando ouvia a conversa antinazista de Mildred e Arvid Harnack e seus amigos, já não se sentia tão inclinada a defender os “seres estranhos” da incipiente revolução que ela outrora achava tão cativantes. “Na primavera de 1934”, escreveu, “o que eu tinha ouvido, visto e sentido me revelava que as condições de vida eram piores do que nos anos anteriores a Hitler, que o mais complicado e doloroso sistema de terror governava o país e reprimia a liberdade e a felicidade do povo, e que os líderes alemães conduziam inevitavelmente aquelas massas dóceis e bondosas a outra guerra, a contragosto e sem o seu conhecimento.”⁵

Mas ela não estava disposta a declarar abertamente ao mundo sua nova atitude. “Eu ainda tentava manter minha hostilidade comedida e não expressa.”

Em vez disso, ela a revelava indiretamente, proclamando em estilo deliberado e contestador um novo e vigoroso interesse pelo maior inimigo do regime de Hitler, a União Soviética. Escreveu: “Começou a surgir em mim uma curiosidade sobre a natureza desse governo, tão desprezado na Alemanha, e seu povo, descrito como tão totalmente impiedoso.”

Contra a vontade dos pais, mas estimulada por Boris, ela começou a planejar uma viagem à União Soviética.

* * *

EM JUNHO, DODD ACHAVA que o “problema judaico”, como ele continuava a chamá-lo, não tinha melhorado nada. Agora, disse ao secretário Hull numa carta, “a perspectiva de uma cessação parece bem menos promissora”.⁶ Como Messersmith, ele via que a perseguição era generalizada, apesar de ter mudado de caráter para tornar-se “mais sutil e menos propagada”.

Em maio, ele informou que o Partido Nazista tinha lançado uma campanha contra “resmungões e pessoas que procuram defeito em tudo”, com o objetivo de revigorar o *Gleichschaltung*.⁷ Inevitavelmente, isso também aumentava a pressão sobre os judeus. O jornal de Goebbels, *Der Angriff*, começou a insistir com os leitores para que “ficassem bem de olho nos judeus e informassem sobre suas deficiências”, escreveu Dodd. Os proprietários judeus do *Franfurter Zeitung* tinham sido obrigados a ceder sua participação majoritária, assim como os últimos proprietários judeus do conhecido império jornalístico de Ullstein. Uma grande empresa de borracha precisou provar que não tinha empregados judeus para poder participar de licitações nos municípios. A Cruz Vermelha alemã foi obrigada a atestar que novos colaboradores eram de origem ariana. E dois juizes, em cidades diferentes, deram permissão para dois homens se divorciarem exclusivamente porque suas mulheres eram judias, alegando que esses casamentos dariam origem a uma prole mista, que enfraqueceria a raça alemã.

Dodd escreveu: “Esses exemplos, e outros menos importantes, revelam um

método diferente no tratamento dos judeus — um método talvez menos calculado para provocar repercussões no exterior, mas que reflete, apesar disso, a determinação dos nazistas de expulsar os judeus do país.”

A população ariana da Alemanha também foi atingida por novo arrocho no controle.⁸ Em outro despacho escrito no mesmo dia, Dodd informou que o Ministério da Educação tinha anunciado que a semana escolar seria dividida de tal maneira que as noites de sábado e domingo seriam dedicadas às exigências da Juventude Hitlerista.

A partir de então o sábado passou a ser chamado de *Staatsjugendtag*, o Dia do Estado para a Juventude.

* * *

O TEMPO CONTINUAVA QUENTE, com chuvas escassas. No sábado, 2 de junho de 1934, com temperaturas na faixa dos vinte graus Celsius, o embaixador Dodd escreveu em seu diário: “A Alemanha está seca pela primeira vez; árvores e campos estão amarelados. Os jornais trazem relatos da seca na Baviera e nos Estados Unidos também.”⁹

Em Washington, Moffat também tomou nota do tempo. Em seu diário, chamou-o de “o grande calor” e citou o domingo, 20 de maio, como o primeiro dia dessa onda, com máxima de 33,8 graus Celsius.¹⁰ Dentro de seu gabinete.

Ninguém sabia ainda, é claro, mas os Estados Unidos tinham ingressado na segunda de uma série de secas cataclísmicas que logo transformariam as Grandes Planícies no Bolsão do Pó.

CAPÍTULO 41

Problema na casa do vizinho

Com a proximidade do verão, a sensação de inquietude em Berlim tornou-se aguda. O estado de espírito era “tenso e elétrico”, como escreveu Martha. “Todo mundo sentia algo no ar, mas não sabia o que era.”¹

A estranha atmosfera e a frágil condição da Alemanha foram assunto das conversas durante a *Tee-Empfang* — recepção de chá — do fim da tarde oferecida por Putzi Hanfstaengl na sexta-feira, 8 de junho de 1934, à qual a família Dodd compareceu.

De volta para casa depois do chá, os Dodd não puderam deixar de perceber que algo inusitado se passava na Bendlerstrasse, a última rua transversal de seu trajeto. Ali, fáceis de ver, erguiam-se os edifícios do Bendlerblock, o quartel-general do exército. A rigor, os Dodd e o exército eram quase vizinhos de fundos — um homem de braço forte poderia jogar uma pedra do quintal da família e talvez quebrar uma das janelas do exército.

A mudança era óbvia.² Soldados postavam-se no teto dos prédios do quartel-general. Patrulheiros fortemente armados movimentavam-se pelas calçadas. Caminhões do exército e carros da Gestapo congestionavam as ruas.

Essas forças ali permaneceram durante toda a noite de sexta-feira e todo o sábado. De repente, na manhã de domingo, 10 de junho, as tropas e os caminhões desapareceram.

Na casa dos Dodd espalhava-se um frescor que vinha do terreno arborizado do Tiergarten. Havia cavaleiros no parque, como sempre, e o surdo golpear de cascos era audível na quietude da manhã de domingo.

CAPÍTULO 42

Os brinquedos de Hermann

Em meio aos rumores de uma reviravolta iminente, era difícil para Dodd e seus pares do corpo diplomático imaginarem que Hitler, Göring e Goebbels pudessem durar muito tempo. Dodd ainda os via como adolescentes ineptos e perigosos — “de 16 anos”, como agora dizia — que se viam às voltas com um acúmulo de problemas assustadores. A seca ficava ainda mais severa. A economia mostrava poucos sinais de melhora, além do ilusório declínio do desemprego. A briga entre Röhm e Hitler parecia ter-se agravado. E continuava a haver momentos — momentos estranhos, ridículos — que sugeriam que a Alemanha era apenas o palco preparado para alguma comédia grotesca, não um país sério numa época séria.

Domingo, 10 de junho de 1934, ofereceu um desses episódios, quando Dodd, o embaixador francês François-Poncet e o embaixador britânico Sir Eric Phipps, junto com mais trinta convidados, compareceram a uma espécie de *open house* na grande propriedade de Göring, uma hora de carro ao norte de Berlim.¹ Ele a batizara com o nome de Carinhall, em homenagem à falecida mulher, Carin, a quem venerava; mais adiante, naquele mês, planejava exumar o corpo do lugar onde jazia na Suécia, transportá-lo para a Alemanha e sepultá-lo num mausoléu nas terras da propriedade. Naquele dia, entretanto, Göring queria apenas exibir suas florestas e seus novos cercados para bisões, onde esperava reproduzir esses animais antes de soltá-los na propriedade.

Os Dodd chegaram atrasados em seu novo Buick, que os traía no caminho com uma pequena falha mecânica, mas ainda assim conseguiram chegar antes do próprio Göring. As instruções que tinham recebido diziam-lhes para irem de carro até determinado ponto da propriedade. Na intenção de evitar que os convidados se perdessem, Göring distribuía homens pelos cruzamentos, para os orientarem. Dodd e a mulher encontraram os outros convidados reunidos em volta de um orador, que dissertava sobre aspectos da propriedade. Os Dodd foram informados de que estavam perto do cercado dos bisões.

Finalmente Göring chegou, dirigindo velozmente, sozinho, o que Phipps descreveu como um automóvel de corrida. Usava um uniforme que era em parte roupa de aviador, em parte traje de caçador medieval. Calçava botas de borracha e trazia no cinto uma faca de tamanho considerável.

Göring tomou o lugar do primeiro orador. Usava microfone, mas falava tão alto que produzia um efeito destoante com o lugar, no mais muito silvestre. Falou do seu plano de criar uma reserva florestal que reproduzisse as condições da Alemanha primitiva, na qual não faltassem animais primitivos, como o bisão que estava parado, indolentemente, a certa distância. Três fotógrafos e um operador de “cinematógrafo” capturavam o momento em filme.

Elisabetta Cerruti, a bela judia húngara que era mulher do embaixador

italiano, contou o que ocorreu em seguida.

— Senhoras e senhores — disse Göring —, em poucos minutos os senhores verão um raro espetáculo da natureza em ação. — Fez um gesto na direção de uma jaula de ferro. — Naquela jaula há um poderoso bisão macho, um animal quase desconhecido no continente (...) Ele se encontrará aqui, diante dos nossos olhos, com uma fêmea da espécie. Por favor, façam silêncio e não tenham medo.

Os empregados abriram a jaula.

— Ivan, o Terrível — disse Göring — eu lhe ordeno que saia da jaula.

O animal não se mexeu.

Göring repetiu a ordem. Mais uma vez o animal o ignorou.

Os empregados tentaram estimulá-lo com agulhoadas. Os fotógrafos se prepararam para o lascivo ataque que certamente viria.

O embaixador britânico Phipps escreveu em seu diário que o bisão saiu da jaula “com a maior relutância e, depois de examinar as fêmeas, com certa tristeza, tentou voltar para dentro”. Posteriormente, Phipps descreveu o episódio num memorando para Londres, que ficaria célebre no serviço exterior britânico como “o despacho do bisão”.

Em seguida, Dodd, Mattie e os demais convidados subiram em trinta pequenas carruagens para duas pessoas conduzidas por camponeses e partiram para um longo e tortuoso passeio por florestas e pradarias. Göring ia na carruagem da frente, puxada por dois grandes cavalos, com a Sra. Cerruti à sua direita. Depois de uma hora, a procissão parou perto de um pântano. Göring saltou da carruagem e fez outro discurso, este sobre as glórias dos pássaros.

Mais uma vez os convidados subiram nas carruagens e, depois de outro longo passeio, chegaram a uma clareira onde seus carros os esperavam. Göring enfiou o maciço corpo no seu automóvel e disparou em alta velocidade. Os outros convidados seguiram mais devagar e vinte minutos depois chegaram a um lago à beira do qual se erguia um imenso e recém-construído alojamento, que parecia deliberadamente planejado para evocar a morada de um senhor medieval. Göring os aguardava usando um traje inteiramente diferente, “uma esplêndida roupa nova branca de verão”, escreveu Dodd — tênis brancos, calças de lona brancas, camisa branca e jaqueta de caça de couro verde, em cujo cinto aparecia a mesma faca de antes. Numa das mãos segurava um longo apetrecho que parecia um cruzamento de vara de pastor com arpão.

Eram quase seis horas, e o sol da tarde transformara a paisagem num agradável âmbar. Vara na mão, Göring conduziu seus convidados para dentro da casa. Uma coleção de espadas pendia logo depois da entrada. Ele mostrou-lhes os salões “ouro” e “prata”, a sala de jogos, a biblioteca, o ginásio e o cinema. Dezenas de chifres projetavam-se das paredes de um corredor. Na principal sala de visitas havia uma árvore de verdade, uma imagem de Hitler e um espaço ainda desocupado no qual Göring tencionava instalar uma estátua de Wotan, o deus teutônico da guerra. Göring “exibia sua vaidade a todo momento”, observou Dodd. Ele percebeu que alguns convidados trocavam olhares divertidos, mas discretos.

Então o anfitrião levou o grupo para fora, onde todos foram instruídos a

sentar-se a mesas dispostas a céu aberto para uma refeição orquestrada pela atriz Emmy Sonnemann, que Göring apresentou como sua “secretária particular”, embora fosse voz corrente que ela e Göring tinham um envolvimento amoroso. (A Sra. Dodd gostou de Sonnemann e, nos meses seguintes, como notou Martha, ficaria “muito ligada a ela”).² O embaixador Dodd sentou-se a uma mesa com o vice-chanceler Papen, Phipps e François-Poncet, entre outros. O resultado o desapontou. “A conversa não valeu nada”, escreveu — apesar de ele ter-se envolvido um pouco quando a discussão se voltou para um novo livro sobre a marinha alemã na Primeira Guerra Mundial, durante a qual declarações excessivamente entusiásticas levaram Dodd a dizer: “Se as pessoas conhecessem a verdade da história, jamais haveria outra grande guerra.”

Phipps e François-Poncet riram pouco à vontade.

E fez-se silêncio.

Instantes depois, a conversa foi retomada: “Voltamo-nos”, escreveu Dodd, “para outros assuntos, menos arriscados.”

Dodd e Phipps supunham — *esperavam* — que uma vez terminado o jantar pudessem pedir desculpas e começar a viagem de volta para Berlim, onde ambos tinham de comparecer a recepções noturnas, mas Göring informou que o clímax do passeio — “essa estranha comédia”, nas palavras de Phipps — ainda estava por vir.

Göring levou os convidados para outra parte do lago, a cerca de quinhentos metros, onde se deteve diante de um túmulo à beira da água. Ali Dodd deparou com “a mais elaborada estrutura desse tipo que já vi”. O mausoléu concentrava-se em dois grandes carvalhos e seis enormes blocos de arenito que lembravam Stonehenge. Göring foi até um dos carvalhos e plantou-se diante dele, pernas abertas, como um gigante do duende da floresta. A face ainda estava no cinto, e mais uma vez ele segurava seu bastão medieval. Dissertou sobre as virtudes da falecida mulher, sobre o cenário idílico do túmulo e sobre seus planos de exumação e novo sepultamento, o que deveria ocorrer dez dias depois, no solstício de verão, dia a que a ideologia pagã dos nacional-socialistas atribuía importância simbólica. Hitler deveria comparecer, assim como legiões de homens do exército, das SS e das SA.

Por fim, “cansados do curioso espetáculo”, Dodd e Phipps juntaram-se para dar adeus a Göring. A Sra. Cerruti, visivelmente à espera de uma oportunidade para partir, foi mais rápida. “Lady Cerruti percebeu nosso movimento”, escreveu Dodd, “e levantou-se rapidamente, de um jeito que não permitia que ninguém a ultrapassasse em sua luta para ser a primeira em qualquer ocasião concebível.”

No dia seguinte, Phipps escreveu em seu diário sobre a recepção na casa de Göring. “O procedimento todo foi tão estranho que por vezes provocava uma sensação de irrealidade”, escreveu; mas o episódio lhe oferecera uma valiosa compreensão da natureza do regime nazista. “A principal impressão foi a da mais patética ingenuidade do general Göring, que nos mostrou seus brinquedos, como um menino grande, gordo e mimado: suas florestas primitivas, seus bisões e pássaros, seu alojamento de caça, seu lago, sua praia de banho, sua ‘secretária particular’ loura, o mausoléu da mulher, os cisnes, as pedras de arenito (...) E eu

então me lembrei de que havia outros brinquedos, menos inocentes mas dotados de asas, e que estes podem um dia vir a ser lançados em sua missão assassina com o mesmo espírito infantil, e com a mesma satisfação infantil.”

CAPÍTULO 43

Fala um pigmeu

Aonde quer que fossem, Martha e o pai ouviam rumores e especulações de que o colapso do regime de Hitler talvez fosse iminente. A cada dia quente de junho, os boatos ganhavam detalhes. Em bares e cafés, fregueses entregavam-se ao decididamente perigoso passatempo de compor e comparar listas de quem formaria o novo governo. Dois ex-chanceleres eram mencionados com frequência: o general Kurt von Schleicher e Heinrich Brüning.¹ Segundo um boato, Hitler continuaria como chanceler, mas mantido sob o controle de um gabinete novo e forte, com Schleicher como vice-chanceler, Brüning como ministro do Exterior e o capitão Röhm como ministro da Defesa. Em 16 de junho de 1934, a um mês do primeiro aniversário de sua chegada a Berlim, Dodd escreveu ao secretário de Estado Hull: “Em qualquer lugar que eu vá, fala-se de resistência, de possíveis *putsches* em grandes cidades.”²

E então ocorreu algo que até aquela primavera teria parecido impossível, devido às potentes barreiras à dissidência estabelecidas sob o governo de Hitler.

No domingo, 17 de junho, o vice-chanceler Papen deveria fazer um pronunciamento em Marburg, na universidade do mesmo nome, que ficava a uma curta viagem de trem a sudoeste de Berlim. Ele só viu o texto quando já estava a bordo do trem, devido a uma conspiração entre o redator dos seus discursos, Edgar Jung, e seu secretário, Fritz Gunther von Tschirschky und Boegendorff. Jung era um importante conservador que se opunha tão profundamente ao Partido Nazista que chegou a pensar em matar Hitler. Até então ele mantivera suas opiniões antinazistas fora dos discursos de Papen, mas achou que o conflito agravado dentro do governo oferecia uma rara oportunidade. Se o próprio Papen falasse contra o regime, imaginava Jung, seus comentários poderiam finalmente levar o presidente Hindenburg e o exército a tirar os nazistas do poder e esmagar as Tropas de Assalto, em nome do restabelecimento da ordem no país. Jung tinha repassado o texto cuidadosamente com Tschirschky, mas ambos o mantiveram deliberadamente longe de Papen até o último minuto, para que ele não tivesse outra escolha senão proferi-lo. “O discurso levou meses para ser escrito”, diria Tschirschky posteriormente. “Foi preciso encontrar a ocasião apropriada para proferi-lo, e depois tudo teve de ser preparado com o maior cuidado possível.”³

Agora, no trem, enquanto Papen lia as palavras pela primeira vez, Tschirschky viu uma expressão de medo perpassar-lhe o rosto. É uma indicação do incerto estado de espírito então reinante na Alemanha — a percepção generalizada de que uma mudança drástica talvez fosse iminente — o fato de Papen, personalidade sem nenhum heroísmo, ter imaginado que pudesse seguir em frente, proferir o discurso e sobreviver. Não que tivesse muitas possibilidades de escolha. “Nós, a bem dizer, o obrigamos a fazer aquilo”, disse Tschirschky.

Cópias já tinham sido distribuídas para correspondentes estrangeiros. Ainda que Papen relutasse no último minuto, o discurso continuaria a circular. Estava claro que alusões sobre seu conteúdo já tinham vazado, pois quando ele chegou ao salão houve um murmúrio de expectativa. Sua ansiedade com toda a certeza aumentou quando notou que alguns lugares estavam ocupados por homens de camisa marrom e faixa com a suástica no braço.

Papen dirigiu-se à tribuna.

“Dizem-me”, começou, “que minha participação nos eventos da Prússia e na formação do atual governo” — uma alusão ao papel que desempenhou na indicação de Hitler como chanceler —, “tiveram efeitos tão graves no desenrolar dos acontecimentos na Alemanha que é minha obrigação vê-los de modo mais crítico do que a maioria das pessoas.”⁴

Os comentários que se seguiram teriam rendido a qualquer homem de menor estatura uma viagem para o cadafalso. “O governo”, disse Papen, “está bem ciente do egoísmo, da falta de princípios, da insinceridade, do comportamento nada cavalheiresco, da arrogância que se propagam sob o disfarce da revolução alemã.” Se o governo esperava estabelecer uma “relação intensa e amistosa com o povo”, advertiu ele, “então sua inteligência não deve ser subestimada, sua confiança deve ser correspondida, e não deve haver uma contínua tentativa de intimidá-lo”.

O povo alemão, disse ele, seguiria Hitler com absoluta lealdade, “desde que tivesse participação na tomada e na execução de decisões, desde que cada palavra de crítica não fosse interpretada imediatamente como maldosa, e desde que patriotas em desespero não fossem rotulados de traidores”.

Chegara a hora, proclamou ele, “de calar os fanáticos doutrinários”.

A plateia reagiu como se tivesse esperado muito tempo para ouvir aquele tipo de comentário. Quando Papen terminou o discurso, a multidão se levantou. “O estrondo dos aplausos”, disse Papen, sufocou os “furiosos protestos” dos nazistas de uniforme.⁵ O historiador John Wheeler-Bennett, que na época morava em Berlim, escreveu: “É difícil descrever a alegria com que ele foi recebido na Alemanha.”⁶ Foi como se um fardo de repente tivesse sido tirado da alma alemã. Quase se podia apalpar a sensação de alívio. Papen verbalizara o que milhares e milhares de compatriotas traziam trancado no coração, com medo dos terríveis castigos, caso falassem.”

* * *

NAQUELE MESMO DIA, HITLER deveria falar em algum lugar da Alemanha a respeito de uma visita que acabara de fazer à Itália para encontrar Mussolini. Ele aproveitou a oportunidade para atacar Papen e seus aliados conservadores, sem mencioná-los diretamente. “Todos esses anõesinhos que acham que têm algo a dizer contra nossa ideia serão varridos por sua força coletiva”, berrou.⁷ E esbravejou contra “esse ridículo vermezinho”, esse “pigmeu que acha que pode deter, com algumas frases, a gigantesca renovação da vida do povo”.

E fez uma advertência ao grupo de Papen: “Se em algum momento tentarem, mesmo modestamente, partir da crítica para um novo ato de perjúrio, podem estar certos de que o que os confronta hoje não é a burguesia covarde e corrupta de 1918, mas o punho de todo o povo. É o punho da nação que está fechado e que esmagará qualquer um que ouse fazer mesmo a mais leve tentativa de sabotagem.”⁸

Goebbels tomou providências imediatas para suprimir o discurso de Papen. Proibiu sua transmissão por rádio e ordenou a destruição dos discos de gramofone em que fora gravado. Proibiu os jornais de publicarem o texto ou informar seu conteúdo, apesar de pelo menos um jornal, o *Frankfurter Zeitung*, ter publicado trechos. Tão determinado estava Goebbels a impedir a disseminação do discurso que exemplares do jornal “foram arrancados das mãos dos fregueses de restaurantes e cafeterias”, informou Dodd.⁹

Os aliados de Papen usaram as máquinas do jornal do próprio Papen, *Germania*, para tirar cópias e distribuí-las sem alarde a diplomatas, correspondentes estrangeiros e outras pessoas. Houve comoção no mundo inteiro. O *New York Times* pediu à embaixada de Dodd que lhe mandasse o texto completo por telégrafo. Jornais em Londres e Paris transformaram o discurso em sensação.

O episódio intensificou a sensação de desassossego em Berlim. “Havia algo no ar abafado”, escreveu Hans Gisevius, o memorialista da Gestapo, “e uma enxurrada de boatos, alguns prováveis, outros desvairadamente fantásticos, derramou-se sobre o populacho intimidado. Dava-se crédito às histórias mais malucas. Todo mundo cochichava e espalhava boatos.”¹⁰ Homens dos dois lados do abismo político “tornaram-se extremamente preocupados com a possibilidade de assassinos terem sido contratados para matá-los, e com a questão de saber quem poderiam ser esses assassinos”.

Alguém atirou uma granada de mão do telhado de um prédio na Unter den Linden.¹¹ O artefato explodiu, mas o único dano que causou foi à mente de vários figurões do governo e das SA que estavam na vizinhança. Karl Ernst, o jovem e impiedoso líder da divisão das SA em Berlim, tinha passado por ali cinco minutos antes da explosão, e declarou que era o alvo da granada e que Himmler estava por trás do atentado.

Nesse caldeirão de tensão e medo, a ideia de que Himmler queria matar Ernst era totalmente plausível. Mesmo depois que uma investigação policial identificou o suposto assassino como um operário insatisfeito, uma aura de medo e dúvida persistiu, como fumaça deixada pelo cano de uma arma. Escreveu Gisevius: “Havia tantos cochichos, tanto piscar de olhos e balançar de cabeça que vestígios de suspeita perduraram.”¹²

O país parecia pronto para o clímax de um *thriller* cinematográfico. “A tensão alcançara o ponto mais alto”, escreveu Gisevius. “A torturante incerteza era mais difícil de aguentar do que o calor e a umidade. Ninguém sabia o que ia acontecer em seguida, e todo mundo sentia algo de medonho no ar.” Victor Klemperer, o filólogo judeu, sentiu a mesma coisa. “Em toda parte, incerteza, fermentação, segredos”, escreveu ele em seu diário em meados de junho. “Vivemos de um dia para o outro.”¹³

PARA DODD, O DISCURSO de Papen em Marburg pareceu um sinal daquilo em que sempre acreditara — que o regime de Hitler era brutal e irracional até a medula. O próprio vice-chanceler se manifestara contra o regime, e sobrevivera. Seria essa a faísca capaz de liquidar o governo? E, se fosse, que estranho seria ser derrubado por uma alma tão pouco corajosa como Papen.

“Há no momento uma grande agitação em toda a Alemanha”, escreveu Dodd em seu diário na quarta-feira, 20 de junho. “Todos os velhos e intelectuais estão muito satisfeitos.”¹⁴ De repente, fragmentos de outras notícias começaram a fazer mais sentido, incluindo a redobrada fúria nos discursos de Hitler e seus prepostos. “Consta que todos os guardas do líder demonstram sinais de revolta”, escreveu Dodd. “Ao mesmo tempo, quem viaja de carro pelo país informa que exercícios aeronáuticos e manobras militares são cada vez mais comuns.”

Naquela mesma quarta-feira, Papen foi a Hitler queixar-se da supressão do discurso. “Falei em Marburg como emissário do presidente”, disse ele a Hitler. “A intervenção de Goebbels me obrigará a renunciar. Devo informar a Hindenburg imediatamente.”¹⁵

Para Hitler, era uma grave ameaça. Ele reconhecia que o presidente Hindenburg dispunha de autoridade constitucional para destituí-lo e contava com a lealdade do exército regular. Reconhecia ainda que esses dois fatores faziam do presidente a única força realmente poderosa na Alemanha, sobre a qual ele não tinha controle algum. Hitler compreendia também que Hindenburg e Papen — o “Fränzchen” do presidente — mantinham estreito relacionamento pessoal e sabia que Hindenburg tinha telegrafado a Papen para cumprimentá-lo pelo discurso.

Papen disse a Hitler que iria à propriedade do presidente, Neudeck, pedir a ele que autorizasse a publicação do discurso na íntegra.

Hitler tentou apaziguá-lo. Prometeu revogar a proibição do ministro da Propaganda e disse a Papen que iria com ele a Neudeck, a fim de conversarem juntos com o presidente.¹⁶ Num momento de surpreendente ingenuidade, Papen concordou.

NAQUELA NOITE, ACENDERAM-SE FOGUEIRAS em toda Alemanha para celebrar o solstício. Ao norte de Berlim, o trem funerário que transportava o corpo da mulher de Göring, Carin, parou numa estação perto de Carinhall. Formações de soldados e oficiais nazistas enchiam a praça na frente da estação, enquanto uma banda executava a “Marcha fúnebre” de Beethoven. Primeiro, oito policiais carregaram o caixão, depois, com grande cerimônia, ele foi entregue a outro grupo de oito, e assim por diante, até ser posto a bordo de uma carruagem puxada por seis cavalos para a derradeira viagem até o mausoléu à beira do lago. Hitler estava na procissão. Soldados carregavam tochas. No

túmulo, havia grandes bacias com chamas. Num toque arrepiante, cuidadosamente orquestrado, o som pesaroso de trombetas de caça ergueu-se na floresta por trás do brilho das chamas.

Himmler chegou. Estava claramente agitado. Puxou Hitler e Göring de lado e lhes deu a notícia inquietadora — falsa, como certamente o sabia, mas útil como mais um aguilhão para fazer Hitler agir contra Röhm. Disse, furioso, que alguém acabara de tentar matá-lo. Uma bala atravessara o para-brisa do seu carro. Acusou Röhm e as SA. Não havia tempo a perder, disse ele: as Tropas de Assalto estavam, indubitavelmente, à beira da rebelião.

O buraco no para-brisa, entretanto, não tinha sido causado por uma bala. Hans Gisevius deu uma lida no relatório final da polícia. Pelo tipo do dano, era mais provável que tivesse sido provocado por uma pedra lançada por outro carro que passava. “Foi com frio cálculo que [Himmler], portanto, atribuiu a tentativa de assassinato às SA”, escreveu Gisevius.¹⁷

No dia seguinte, 21 de junho de 1934, Hitler tomou o avião para a propriedade de Hindenburg — sem Papen, como certamente tinha sido sua intenção desde o início.¹⁸ Em Neudeck, porém, falou primeiro com o ministro da Defesa, Blomberg. O general, uniformizado, encontrou-o nos degraus do castelo. Blomberg foi sério e direto. Disse a Hitler que Hindenburg estava preocupado com a crescente tensão dentro da Alemanha. Se Hitler não conseguisse controlar a situação, o presidente impor a lei marcial e transferiria o governo para as mãos do exército.

Quando Hitler se encontrou com Hindenburg, ouviu a mesma mensagem. Sua visita a Neudeck durou apenas trinta minutos. Depois, tomou o avião de volta para Berlim.

* * *

DURANTE TODA A SEMANA Dodd ouviu falar sobre o vice-chanceler Papen e seu discurso e sobre o simples milagre de sua sobrevivência. Correspondentes e diplomatas acompanharam suas atividades — a que almoços compareceu, quem falou com ele, quem o evitou, onde seu carro ficou estacionado, se ainda dava seus passeios matinais no Tiergarten — à procura de sinais do que aconteceria com ele e com a Alemanha. Na quinta-feira, 21 de junho, Dodd e Papen estiveram presentes num encontro em que o presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, fez um discurso. Depois, Dodd notou que Papen parecia chamar mais atenção do que o orador. Goebbels também compareceu. Dodd observou que o vice-chanceler foi até sua mesa, apertou-lhe a mão e sentou-se para acompanhá-lo em uma chávena de chá. Dodd ficou impressionado, pois aquele era o mesmo Goebbels “que depois do discurso de Marburg teria ordenado sua imediata execução se Hitler e Von Hindenburg não intervissem”.¹⁹

A atmosfera em Berlim continuava carregada, comentou o embaixador em seu diário no sábado, 23 de junho. “A semana termina de forma tranquila, mas com grande inquietação.”²⁰

CAPÍTULO 44

A mensagem no banheiro

Papen andava por Berlim aparentemente tranquilo, e em 24 de junho de 1934 viajou a Hamburgo como emissário de Hindenburg ao Dérbi Alemão, uma corrida de cavalos, onde foi recebido com animada aclamação. Goebbels chegou e atravessou a multidão atrás de uma falange das SS, provocando assobios e vaias. Os dois homens trocaram um aperto de mãos enquanto os fotógrafos os retratavam.

Edgar Jung, redator dos discursos de Papen, foi presença mais discreta. Àquela altura, estava convencido de que o discurso de Marburg lhe custaria a vida. O historiador Wheeler-Bennett arranhou um encontro clandestino com ele numa área de mata nos arredores de Berlim. “Estava totalmente calmo e fatalista”, disse Wheeler-Bennett, “mas falava com a liberdade de um homem sem futuro e que, portanto, não tem nada a perder, e me contou muitas coisas.”¹

A retórica do regime tornou-se mais ameaçadora. Num discurso radiofônico em 25 de junho, uma segunda-feira, Rudolf Hess fez uma advertência: “Ai daquele que é desleal, achando que pela revolta pode servir à revolução.”² O partido, disse ele, enfrentaria a rebelião com absoluta força, guiado pelo princípio “Se atacar, ataque para valer!”

Na manhã seguinte, terça-feira, 26 de junho, quando chegou para trabalhar, a empregada de Edgar Jung encontrou a casa do patrão de pernas para o ar, com móveis derrubados e roupas e documentos espalhados por toda parte. No armário de remédios do banheiro, Jung tinha rabiscado uma única palavra: GESTAPO.³

* * *

DIELS PREPAROU-SE PARA ASSUMIR o cargo de comissário regional de Colônia. Göring tomou o avião para assistir à cerimônia. Seu avião branco emergiu do céu azul, no que Diels descreveu como um “belo dia de verão da Renânia”.⁴ Diels usava seu uniforme preto das SS; Göring trajava um uniforme branco desenhado por ele mesmo. Depois, Göring chamou Diels de lado e disse: “Tome cuidado nos próximos dias.”

Diels levou a sério. Adepto agora das saídas de cena no momento certo, deixou a cidade para uma temporada nas vizinhas Montanhas Eifel.

CAPÍTULO 45

A angústia da Sra. Cerruti

Numa anotação feita em seu diário na terça-feira, 28 de junho de 1934, o embaixador Dodd escreveu: “Nos últimos cinco dias, histórias variadas ajudaram a tornar a atmosfera em Berlim mais tensa do que em qualquer outro momento desde que cheguei à Alemanha.”¹ O discurso de Papen ainda era o assunto das conversas diárias. Com crescente ferocidade, Hitler, Göring e Goebbels advertiam sobre as calamitosas consequências que estavam reservadas para qualquer pessoa que ousasse se opor ao governo. Num telegrama para o Departamento de Estado, Dodd comparou a atmosfera de ameaça com a da Revolução Francesa — “a situação era muito parecida com a de Paris em 1792, quando os girondinos e os jacobinos lutavam pela supremacia”.²

Em sua própria casa havia uma camada extra de tensão que nada tinha a ver com a reviravolta política. Contra a vontade dos pais, Martha continuava planejando viajar à Rússia. Insistia em dizer que seu interesse não tinha nenhuma relação com o comunismo em si e era consequência do seu amor por Boris e do repúdio cada vez maior à revolução nazista. Ela reconhecia que Boris era, de fato, um comunista fiel, mas dizia que a única influência exercida por ele em suas opiniões políticas vinha do “exemplo do seu magnetismo e da sua simplicidade, e do amor que sentia por seu país”.³ Confessava abrigar uma corrosiva ambivalência “com relação a ele, suas crenças, o sistema político de seu país, nosso futuro juntos”. Insistia em fazer a viagem sem Boris.

Ela queria conhecer o máximo possível da Rússia, e ignorou o conselho de Boris para se limitar a algumas cidades. Ele preferia que ela voltasse com uma compreensão profunda de sua pátria, e não com a visão de relance de uma turista. Reconhecia que viajar em seu país não era tão rápido e confortável como na Europa Ocidental, e que suas cidades grandes e pequenas não tinham o charme óbvio das pitorescas aldeias da Alemanha e da França. Na verdade, a União Soviética era qualquer coisa que se quisesse, menos o paraíso operário que muitos estrangeiros de esquerda imaginavam. Sob Stalin, os camponeses tinham sido forçados a viver em vastas fazendas coletivas.⁴ Muitos resistiram, e estima-se que cinco milhões de homens, mulheres e crianças tenham simplesmente desaparecido, muitos despachados em navios para distantes campos de trabalhos forçados. As moradias eram primitivas e os bens de consumo, praticamente inexistentes. A fome varria a Ucrânia. Os rebanhos entraram em rápido declínio. De 1929 a 1933, o número total de cabeças de gado caiu de 68,1 milhões para 38,6 milhões; o de cavalos, de 34 milhões para 16,6 milhões. Boris sabia muito bem que para um visitante casual a paisagem física e social, especialmente a apagada moda operária da Rússia, poderia parecer menos do que cativante, sobretudo se esse visitante estivesse exausto da difícil viagem e da presença obrigatória de um guia da Intourist.

Apesar disso, Martha escolheu o Tour nº 9, que incluía o Volga, o Cáucaso e a Crimeia, cujo início estava marcado para 6 de julho, com um voo — o primeiro da vida dela — de Berlim para Leningrado.⁵ Depois de dois dias em Leningrado, seguiria de trem para Moscou, onde passaria quatro dias, depois continuaria viagem no trem noturno para Gorki, e, duas horas depois de chegar, às 10h04, tomaria o vapor para um cruzeiro de quatro dias, com escalas em Kazan, Samara, Saratov e Stalingrado, onde faria a visita obrigatória a uma fábrica de tratores; lá, tomaria o trem para Rostov-do-Don, onde teria a opção de visitar uma fazenda estatal, embora nesse ponto o itinerário tivesse um vago odor de capitalismo, pois a visita à fazenda exigiria uma “taxa extra”. Em seguida, Ordzhonikidze, Tbilisi, Batumi, Ialta, Sebastopol, Odessa, Kiev e, finalmente, a volta de trem para Berlim, onde deveria chegar em 7 de agosto, 33º dia de viagem, precisa — e otimistamente — às 19h22.

Seu relacionamento com Boris aprofundava-se, embora com as costumeiras oscilações entre paixão e raiva, e a habitual cascata de bilhetes suplicantes e flores frescas da parte dele. A certa altura, ela lhe devolveu os macacos de cerâmica: o cego, o surdo e o mudo. E ele os mandou de volta.

“Martha!”, escreveu ele, cedendo à sua paixão por exclamações.

“Obrigado por suas cartas e por seu ‘não esquecimento’. Seus três macacos cresceram (estão grandes) e querem ficar com você. Eu os estou enviando. Preciso lhe dizer com a maior franqueza: três macacos sentiram saudades de você. E não só os três macacos: sei de outro jovem belo, louro (ariano?), que quer estar junto de você. Esse belo jovem (que não tem mais de 30 anos)... sou eu.

“Martha! Quero vê-la, preciso lhe dizer que eu também não esqueci minha pequena e adorável Martha!

“Eu a amo, Martha! Que preciso fazer para inspirar mais confiança em você?

“Seu, Boris.”⁶

Em qualquer época, a relação entre eles provavelmente chamaria a atenção de terceiros, mas naquele junho, em Berlim, tudo adquiria uma seriedade extra. Todo mundo observava todo mundo. Naquele tempo, Martha não se preocupava muito com o que os outros achavam, mas anos depois, numa carta para Agnes Knickerbocker, mulher do correspondente Knick, seu amigo, ela reconheceu quão prontamente a percepção pode distorcer a realidade: “Jamais conspirei para derrubar, ou sequer subverter, o governo dos Estados Unidos, nem na Alemanha nem nos Estados Unidos!” escreveu. “Mas acho que conhecer e amar Boris já bastava para que algumas pessoas suspeitassem do pior.”⁷

Não havia nada para suspeitar, insistiu ela. “Em vez disso, era uma dessas coisas absorventes sem nenhuma base política, salvo que, por intermédio dele, aprendi um pouco sobre a União Soviética.”

A SEXTA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1934, trouxe a mesma atmosfera de tempestade iminente que caracterizara as semanas anteriores. “Foi o dia mais quente que tivemos aquele verão”, lembrou Elisabetta Cerruti, mulher do embaixador italiano. “O ar era tão pesado de umidade que mal se conseguia respirar. Nuvens negras apareciam no horizonte, mas um sol implacável ardia sobre nossas cabeças.”⁸

Naquele dia, os Dodd ofereceram um almoço em casa, para o qual tinham convidado o vice-chanceler Papen e outras figuras do corpo diplomático e do governo, incluindo os Cerruti e Hans Luther, o embaixador da Alemanha nos Estados Unidos, que se achava em Berlim.

Martha também estava presente, e viu quando seu pai e Papen se afastaram dos outros convidados para uma conversa particular na biblioteca, diante da lareira agora inativa. Papen, escreveu ela, “parecia confiante e suave, como sempre”.⁹

Em certo momento, Dodd percebeu que Papen e Luther se aproximavam um do outro numa “atitude muito tensa”. O embaixador conseguiu intervir e conduzi-los ao adorável jardim de inverno, onde outro convidado aderiu à conversa. Referindo-se às fotos de jornal tiradas durante a corrida de cavalos, Dodd disse a Papen: “Você e o doutor Goebbels pareciam muito amigos em Hamburgo outro dia.”¹⁰

Papen riu.

Durante o almoço, a Sra. Cerruti sentou-se à direita de Dodd, e Papen sentou-se de frente para ela, perto da Sra. Dodd. A ansiedade da primeira era palpável, mesmo para Martha, que observava de longe. Martha escreveu: “Ela sentou-se ao lado de meu pai num estado de quase colapso, falando pouco, pálida, preocupada e nervosa.”¹¹

A Sra. Cerruti disse a Dodd: “Senhor embaixador, algo terrível vai acontecer na Alemanha. Sinto no ar.”¹²

Um boato posterior afirmava que ela de alguma forma soubera de antemão o que estava para acontecer. Ela achou isso incrível.¹³ O comentário que fez a Dodd, jurou, anos depois, referia-se apenas ao clima.

* * *

NOS ESTADOS UNIDOS, NAQUELA SEXTA-FEIRA, o “grande calor” piorou. Em lugares úmidos, como Washington, era quase impossível trabalhar. Moffat anotou em seu diário: “Temperatura de 101,5 na sombra hoje [mais ou menos 38,5 graus Celsius].”¹⁴

O calor e a umidade eram tão insuportáveis que, ao se avizinhar a noite, Moffat, Phillips e outro funcionário foram à casa de um amigo de Moffat para usar a piscina. O anfitrião estava ausente no momento. Os três tiraram a roupa e entraram.¹⁵ A água morna oferecia escasso alívio. Ninguém nadou. Os três se limitaram a ficar dentro da piscina, conversando sossegadamente, só a cabeça de fora.

Parece provável que Dodd tenha sido um dos assuntos da conversa. Poucos dias antes, Phillips tinha escrito em seu diário sobre o implacável ataque de Dodd à riqueza dos diplomatas e funcionários consulares. “É de supor que o embaixador tenha se queixado ao presidente”, resmungou Phillips em seu diário.¹⁶ Dodd “sempre se queixa porque em Berlim eles gastam mais do que seus salários. Ele se opõe a isso com tanto zelo provavelmente pela simples razão de que não tem dinheiro para gastar além do seu salário. É, obviamente, uma atitude de gente provinciana”.

* * *

CURIOSAMENTE, A MÃE DE MOFFAT, Ellen Low Moffat, estava em Berlim naquela sexta-feira, em visita à filha (irmã de Moffat), que era casada com o secretário da embaixada John C. White. Naquela noite, a mãe compareceu a um jantar no qual se sentou ao lado de Papen. O vice-chanceler estava, como mais tarde contaria ao filho, “bem e extremamente animado”.¹⁷

CAPÍTULO 46

Noite de sexta-feira

Naquela sexta-feira à noite, 29 de julho de 1934, Hitler alojara-se no Hotel Dreesen, um dos seus favoritos, no balneário de Bad Godesberg, situado no Reno, não muito longe do centro de Bonn.¹ Chegara ali vindo de Essen, onde recebera outra dose de notícias perturbadoras — a de que o vice-chanceler Papen planejava cumprir a ameaça e encontrar-se com o presidente Hindenburg no dia seguinte, sábado, 30 de junho, a fim de convencer o Velho Senhor a adotar medidas para conter o governo de Hitler e as SA.

Essa notícia, mais o acúmulo de relatórios de Himmler e de Göring dando conta de que Röhm planejava um golpe, convenceu Hitler de que era hora de agir. Göring partiu para Berlim a fim de se preparar. O chanceler pôs o Reichswehr em estado de alerta, muito embora as forças de que pretendia dispor fossem na maioria unidades das SS. Hitler telefonou a um dos principais assessores de Röhm e deu ordem para que todos os líderes das SA fossem a uma reunião sábado de manhã em Bad Wiessee, perto de Munique, onde Röhm já estava confortavelmente acomodado no Hotel Hanselbauer, cuidando de sua cura, que naquela noite de sexta-feira incluía muita bebida. Seu ajudante, Edmund Heines, recolhera-se em companhia de um belo soldado das Tropas de Assalto de 18 anos.

Goebbels juntou-se a Hitler em Bad Godesberg. Conversaram no terraço do hotel enquanto um desfile rugia embaixo. Flashes de luz azul iluminavam o céu de Bonn, e havia trovões em toda parte, amplificados pela estranha acústica do Vale do Reno.

Mais tarde, Goebbels faria um relato melodramático daqueles momentos inebriantes, antes que Hitler tomasse sua decisão final. O ar parou, enquanto a tempestade distante avançava. De repente, começou a chover forte. Ele e Hitler permaneceram sentados algum tempo, apreciando o aguaceiro que limpava tudo. Depois entraram. Quando a chuva passou, voltaram para o terraço. “O *Führer* parecia pensativo, sério”, disse Goebbels. “Olhou para a límpida escuridão da noite, que depois da purificação da tempestade se estendia, pacificamente, sobre uma paisagem vasta e harmoniosa.”

A multidão permaneceu na rua, apesar da tempestade. “Ninguém entre as muitas pessoas lá embaixo sabe o que está por vir”, escreveu Goebbels. “Mesmo entre aqueles que estão junto ao Líder, no terraço. Poucos foram informados. Neste momento ele deve ser mais admirado do que nunca por todos nós. Nem um tremor em seu rosto revela o menor sinal do que se passa dentro de si. Porém, nós, os poucos que permanecem a seu lado em todos os momentos difíceis, sabemos como está entristecido, mas também determinado a esmagar impiedosamente os rebeldes reacionários que estão rompendo o juramento de lealdade que lhe fizeram, sob o lema de levar adiante uma segunda revolução”.

Passava da meia-noite quando Himmler telefonou com mais notícias ruins. Disse a Hitler que Karl Ernst, comandante da divisão das SA em Berlim, tinha ordenado às suas forças que ficassem de prontidão. Hitler gritou: “É um *putsch!*” — embora, na realidade, como Himmler seguramente sabia, Ernst tivesse acabado de casar e se dirigia ao porto de Bremen para começar um cruzeiro de lua de mel.

* * *

ÀS DUAS DA MANHÃ DE SÁBADO, 30 de junho de 1934, Hitler deixou o Hotel Dreesen e foi conduzido de carro, em alta velocidade, para o aeroporto, onde embarcou num avião Ju 52, uma das duas aeronaves à sua disposição. Acompanhavam-no dois ajudantes e um oficial superior das SA em quem confiava, Viktor Lutze. (Foi Lutze quem contou a Hitler sobre os cáusticos comentários de Röhm depois do discurso, em fevereiro de 1934, dirigindo-se aos comandantes do exército e das SA.) Os motoristas de Hitler também subiram a bordo. A segunda aeronave continha um pelotão de homens armados das SS. Os dois aviões voaram para Munique, onde chegaram às quatro e meia da manhã, quando o sol começava a despontar. Um dos motoristas, Erich Kempka, ficou impressionado com a beleza da manhã e o frescor do ar lavado pela chuva, a relva “chispando na luz matinal”.

Logo depois de aterrisar, Hitler recebeu uma noticiazinha incendiária — na véspera, cerca de três mil milicianos tinham percorrido, num rompante, as ruas de Munique. Não lhe contaram, no entanto, que essa manifestação fora espontânea, realizada por homens leais a ele que se sentiam ameaçados e traídos e que temiam um ataque do exército regular.

A fúria de Hitler chegara ao auge. Ele declarou que aquele tinha sido “o dia mais negro da minha vida”. Decidiu que não podia esperar nem mesmo até a reunião de líderes das SA, marcada ainda para aquela manhã em Bad Wiessee. E, virando-se para Kempka: “Para Wiessee, o mais rápido possível!”

Goebbels ligou para Göring e passou-lhe o código para lançar a fase Berlim da operação — a inocente palavra *Kolibri*.

Beija-flor.

* * *

EM BERLIM, OS ÚLTIMOS vestígios do crepúsculo demoravam-se no horizonte quando os Dodd se acomodaram para uma pacífica noite de sexta-feira. O embaixador lia um livro e consumia seu costumeiro digestivo de pêssegos em calda e leite. A mulher deixou seu pensamento vagar um pouco em torno da festa que planejavam oferecer nos jardins no Quatro de Julho, dali a menos de uma semana, para a qual tinham convidado todos os funcionários da embaixada e mais centenas de pessoas. Bill Jr. ficou em casa aquela noite, e pretendia pegar o

Buick da família para um passeio matinal. Martha também já pensava na manhã, quando ela e Boris saíam para outra excursão pelo campo, desta feita para um piquenique e um banho de sol numa praia no distrito de Wannsee. Dentro de seis dias, ela partiria para a Rússia.

Lá fora, cigarros bruxuleavam no parque, e de vez em quando um grande automóvel aberto passava zunindo pela Tiergartenstrasse. No parque, insetos enchiam de manchas o halo das lâmpadas, e as brilhantes estátuas brancas da Siegesallee — Avenida da Vitória — cintilavam como fantasmas. Apesar de mais quente, e mais parada, a noite era muito parecida com a primeira que Martha passou em Berlim, pacífica, com aquela serenidade de cidadezinha do interior que ela achava tão cativante.



CAPÍTULO 47

“Atirem! Atirem!”

Na manhã seguinte, sábado, 30 de junho de 1934, Boris dirigiu-se à casa de Martha em seu Ford conversível e pouco depois, munidos de comida e toalha para o piquenique, os dois partiram rumo ao distrito de Wannsee, a sudoeste de Berlim. Como ponto de encontros amorosos, o lugar tinha uma história turbulenta. Ali, num lago chamado Kleiner Wannsee — Pequeno Wannsee —, o poeta alemão Heinrich von Kleist suicidara-se com um tiro em 1811, depois de matar sua amante, que sofria de uma doença em fase terminal. Martha e Boris seguiram para um lago pequeno e pouco concorrido, mais para o norte, chamado Gross Glienicke, o favorito dela.

A cidade em volta deles estava adormecida no calor nascente. Apesar de ser mais um dia difícil para agricultores e operários, para quem queria tomar banho de sol à beira de um lago ele prometia ser ideal. Enquanto Boris saía de Berlim, tudo parecia absolutamente normal. Outros moradores, olhando para trás, fizeram a mesma observação. Berlineses “andavam serenamente pelas ruas, cuidando da vida”, observou Hedda Adlon, mulher do proprietário do Hotel Adlon.¹ O hotel seguia seu ritmo costumeiro, embora o calor do dia ameaçasse agravar os desafios logísticos de preparar um banquete para o rei do Sião, a ser realizado mais tarde, no Schloss Bellevue — Palácio Bellevue —, no limite setentrional do Tiergarten, à beira do Spree. Canapés e pratos principais precisavam ser transportados num furgão, enfrentando o trânsito e o calor, sob temperaturas acima de 32 graus Celsius.

No lago, Boris e Martha estenderam a toalha. Nadaram um pouco, estiraram-se ao sol, um nos braços do outro, até que o calor os levava a se separar. Tomaram cerveja e vodka e comeram sanduíches. “Era um lindo e sereno dia azul, o lago tremeluzindo e cintilando à nossa frente, e o sol espalhando seu fogo sobre nós”, escreveu ela.² “Foi um dia silencioso e suave — não tivemos nem a energia nem a vontade de falar de política, ou da nova tensão na atmosfera.”

* * *

LONGE DALI, NAQUELA MANHÃ, três carros bem maiores atravessaram a região rural entre Munique e Bad Wiessee — o carro de Hitler e dois outros cheios de homens armados. Chegaram ao Hotel Hanselbauer, onde o capitão Röhm dormia em seu quarto. Hitler levou o pelotão para o hotel. Uma versão diz que ele carregava um chicote, outra afirma que era uma pistola. Os homens subiram a escada, num troar de botas.

Hitler bateu à porta de Röhm, depois se precipitou para dentro do quarto seguido por dois policiais.

— Röhm — berrou Hitler —, você está preso.³

Röhm estava meio tonto, claramente de ressaca. Olhou para Hitler.

— *Heil, mein Führer* — disse.

Hitler gritou de novo: “Você está preso”, e voltou para o corredor. Seguiu para o quarto de Heines, o ajudante de Röhm, e o surpreendeu na cama com seu jovem amante das SA. O motorista de Hitler, Kempka, estava no corredor. Ouviu Hitler gritar: “Heines, se você não se vestir em cinco minutos, mando matá-lo.”

Heines apareceu, precedido, como disse Kempka, por “um menino louro de uns 18 anos que andava com passos miúdos na frente dele”.

Os corredores do hotel ressoavam com os gritos de homens das SS arrebanhando milicianos sonolentos, atordoados e de ressaca e levando-os para a lavanderia no subsolo. Houve momentos que, noutra situação, poderiam ter sido cômicos, como quando um dos homens do grupo de Hitler saiu de um quarto e informou: “*Mein Führer!*... O chefe de polícia de Breslau não quer se vestir!”

Ou isto: o médico de Röhm, um *Gruppenführer* das SA chamado Ketterer, saiu de um dos quartos acompanhado de uma mulher. Para espanto de Hitler e seus policiais, a mulher era sua própria esposa. Viktor Lutze, o confiável oficial das SA que viajara no avião de Hitler aquela manhã, convenceu-o de que o médico era um aliado fiel. Hitler foi até o homem e o cumprimentou de forma educada. Apertou a mão da Sra. Ketterer e calmamente recomendou ao casal que saísse do hotel. Eles saíram, sem fazer perguntas.

* * *

EM BERLIM, NAQUELA MANHÃ, Frederick Birchall, do *New York Times*, foi acordado pelo toque persistente do telefone ao lado da cama. Ele fora dormir tarde, e de início pensou em ignorar a chamada. Imaginou, esperançoso, que não seria importante, provavelmente apenas um convite para almoçar. O telefone continuou tocando. Por fim, seguindo a máxima que dizia que “nunca é seguro desprezar uma chamada telefônica, especialmente na Alemanha”, tirou o fone do gancho e ouviu uma voz do seu escritório: “Melhor acordar e se mexer. Algo acontece por aqui.”⁴ O que a pessoa do outro lado da linha disse capturou toda a atenção de Birchall: “Parece que estão matando um bocado de gente.”

Louis Lochner, o correspondente da Associated Press, soube por um funcionário que chegara tarde ao escritório que a Prinz-Albrecht-Strasse, onde ficava o quartel-general da Gestapo, fora fechada para o tráfego e agora estava cheia de caminhões e de milicianos armados das SS, com seus inconfundíveis uniformes negros. Lochner deu alguns telefonemas. Quanto mais descobria, mais perturbador tudo lhe parecia. Por precaução — achando que o governo poderia bloquear todas as linhas telefônicas para chamadas internacionais provenientes do país —, Lochner ligou para o escritório da AP em Londres e pediu ao pessoal que lhe telefonasse a cada 15 minutos até que recebesse novas instruções, na esperança de que as ligações de fora para dentro ainda fossem permitidas.

Sigrid Schultz saiu para o distrito governamental no Centro, olhando

cuidadosamente à procura de certos números de placa de carro, como a de Papen. Ela trabalharia sem parar até as quatro da manhã e registraria em sua agenda: “mortalmente cansada — [podia] chorar”.⁵

Um dos boatos mais alarmantes era de intensas saraivadas de tiros no pátio interno da velha escola de cadetes no enclave de Gross-Lichterfelde, em tudo o mais sossegado.⁶

* * *

NO HOTEL HANSELBAUER, Röhm vestiu um terno azul e saiu do quarto, ainda confuso e aparentemente não muito preocupado com a ira de Hitler ou com a comoção no hotel.⁷ Um charuto projetava-se do canto da boca. Dois policiais o levaram para o saguão, onde ele se sentou numa cadeira e pediu café a um garçom que passava.

Houve mais prisões, mais homens enfiados na lavanderia. Röhm permaneceu sentado no saguão. Kempka ouviu-o pedir outra xícara de café, a terceira.

Röhm foi levado de carro; os outros prisioneiros foram enfiados num ônibus fretado e conduzidos para Munique, para a prisão de Stadelheim, onde o próprio Hitler passara um mês em 1922. Os captores tomaram estradas secundárias para evitar contato com milicianos que porventura tentassem uma operação de resgate. Hitler e seu grupo cada vez maior entraram em seus carros, agora cerca de vinte, e seguiram em alta velocidade por uma rota mais direta para Munique, parando qualquer veículo que conduzisse líderes das SA que, sem saber o que acabara de acontecer, ainda esperavam comparecer à reunião marcada para aquela manhã.

Em Munique, Hitler leu uma lista de prisioneiros e marcou um “X” ao lado de seis nomes. Ordenou que os seis fossem mortos imediatamente. Foi o que fez um pelotão das SS, dizendo aos homens antes de atirar: “Vocês foram condenados à morte pelo *Führer!* *Heil Hitler!*”.⁸

O sempre prestativo Rudolf Hess ofereceu-se para atirar em Röhm, mas Hitler ainda não tinha ordenado a sua morte. Por um momento, até ele achou abominável a ideia de matar um velho amigo.

* * *

LOGO DEPOIS DE CHEGAR ao seu escritório em Berlim naquela manhã, Hans Gisevius, o memorialista da Gestapo, sintonizou o rádio na frequência da polícia e ouviu relatos que delineavam uma ação de grande alcance. Altos oficiais das SA estavam sendo presos, assim como homens que tinham conexão com as Tropas de Assalto. Gisevius e seu chefe, Kurt Daluge, saíram em busca de informações mais minuciosas e foram diretamente ao palácio de Göring, na Leipziger Platz, de onde ele distribuía suas ordens. Gisevius colou-se a Daluge, achando que estaria mais protegido na companhia dele do que sozinho. Também imaginou que

ninguém pensaria em procurá-lo na residência de Göring.

Embora o palácio ficasse a uma pequena distância, eles preferiram ir de carro. Ficaram impressionados com a atmosfera de absoluta calma nas ruas, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo. Notaram, porém, a total ausência das SA.

O senso de normalidade desapareceu imediatamente quando dobraram a esquina e chegaram ao palácio de Göring. Metralhadoras projetavam-se de todas as protuberâncias. O pátio estava repleto de policiais.

Escreveu Gisevius: “Enquanto eu seguia Daluge por uma série de guardas e subia alguns degraus para o imenso saguão, percebi que mal conseguia respirar. Uma atmosfera maléfica de pressa, nervosismo, tensão e acima de tudo de derramamento de sangue parecia golpear-me o rosto.”⁹

Gisevius seguiu até uma sala ao lado do gabinete de Göring. Ajudantes e mensageiros passavam apressados. Um homem das SA estava sentado tremendo de medo, depois que ouvira de Göring que seria morto. Empregados traziam sanduíches. Apesar de cheia, a sala estava calma. “Todos sussurravam, como se estivessem num necrotério”, lembrou-se Gisevius.

Pela porta aberta, ele viu Göring conferenciando com Himmler e o novo chefe da Gestapo, Reinhard Heydrich. Mensageiros da Gestapo chegavam e saíam com pedaços de papel nos quais, imaginou Gisevius, estavam escritos os nomes dos mortos ou dos que logo estariam mortos. Apesar da seriedade do momento, a atmosfera no escritório de Göring era quase a que se poderia esperar num hipódromo. Gisevius ouviu rudes e ásperas risadas e gritos periódicos de “Fora!”.

— Aha!

— Mate-o!

“Todos eles pareciam estar de ótimo humor”, disse Gisevius.

De vez em quando, ele avistava Göring a andar pela sala, de camisa branca ondulante e calças azul-acinzentadas metidas nas botas pretas que chegavam acima dos joelhos. “Gato de Botas”, pensou Gisevius.

A certa altura um major da polícia, de rosto avermelhado, irrompeu do gabinete, seguido por um Göring igualmente inflamado. Aparentemente, um alvo importante tinha escapado.

Göring deu instruções aos berros.

— Atirem neles!... Na companhia inteira... Atirem neles... Atirem neles imediatamente!

Gisevius achou aquilo indescritivelmente chocante. “A palavra escrita não consegue reproduzir a indisfarçável volúpia de sangue, a fúria, a vingança cruel, e, ao mesmo tempo, o medo, o puro pavor, que a cena revelava.”

* * *

DODD NÃO OUVIU NADA a respeito do cataclismo que se desenrolava noutra parte da cidade até o domingo à tarde, quando ele e a mulher se sentaram para almoçar no jardim. Quase no mesmo momento, seu filho, Bill, apareceu, recém-

chegado do passeio de carro. Parecia perturbado.¹⁰ Informou que algumas ruas estavam fechadas, incluindo a Unter den Linden, no coração do distrito governamental, e eram patrulhadas por pelotões das SS fortemente armados. Ouvira falar que algumas prisões tinham sido feitas no quartel-general das SA, localizado a poucos quarteirões dali.

Imediatamente Dodd e a mulher sentiram uma pontada de apreensão pela filha Martha, que saíra para passar o dia fora com Boris Winogradov. Apesar de seu status diplomático, Boris era alguém que os nazistas, mesmo em tempos normais, poderiam ver como inimigo do Estado.

CAPÍTULO 48

Armas no parque

Boris e Martha ficaram o dia todo na praia, retirando-se para a sombra quando o sol esquentava demais, para depois retornar. Passava das cinco quando arrumaram as coisas e, relutantemente, começaram a viagem de volta para a cidade, “a cabeça rodando”, lembrava-se Martha, “e o corpo ardendo do sol”.¹ Viajavam o mais devagar possível, sem querer que o dia terminasse, ainda saboreando a inconsciência da luz do sol na água. O dia esquentara, com o chão devolvendo calor acumulado de volta para a atmosfera.

Atravessaram uma paisagem bucólica, abrandada pela névoa de calor que se erguia dos campos e florestas ao redor. Ciclistas passavam por eles, alguns levando crianças pequenas em cestas sobre o para-lama dianteiro ou em carrinhos laterais. Mulheres carregavam flores e homens com mochilas entregavam-se à paixão alemã por uma boa e rápida caminhada. “Foi um dia simples, quente e amigável”, escreveu Martha.

Para pegar o sol do fim da tarde e as brisas que passavam pelo carro aberto, Martha suspendeu a barra da saia até o alto das coxas. “Eu estava feliz”, escreveu, “satisfeita com meu dia e meu companheiro, cheia de simpatia pelo sério, simples, bondoso povo alemão, tão obviamente fazendo uma merecida pausa para caminhar ou descansar, desfrutando de forma tão intensa de si mesmo e de seus campos.”

Às seis horas entraram em Berlim. Martha sentou-se reta e puxou a barra da saia, “como convém à filha de um diplomata”.

A cidade tinha mudado. Eles perceberam aos poucos, à medida que se aproximavam do Tiergarten. Havia menos gente nas ruas do que seria considerado normal, e as poucas pessoas tendiam a juntar-se em “grupos curiosamente estáticos”, como disse Martha. O trânsito era lento. Quando Boris estava prestes a entrar na Tiergartenstrasse, o fluxo de carros praticamente parou. Eles viram caminhões do exército e metralhadoras, e de repente se deram conta de que as únicas pessoas em volta eram homens de uniforme, a maioria com o uniforme negro das SS e o verde da força policial de Göring. Estavam perceptivelmente ausentes os uniformes marrons das SA. O que parecia mais estranho era que o quartel-general das SA e a casa do capitão Röhm ficavam muito perto.

Chegaram a um posto de controle. A placa do carro de Boris indicava status diplomático. A polícia acenou para que passassem.

Boris avançou lentamente por uma paisagem que se tornara sinistra. Em frente à casa de Martha, ao lado do parque, havia uma fila de soldados, armas e caminhões militares. Mais adiante na Tiergartenstrasse, no ponto de interseção com a Standartenstrasse — a rua de Röhm —, eles viram mais soldados e uma barreira de corda indicando que a rua estava fechada.

Havia uma sensação sufocante. Caminhões verde-oliva bloqueavam as vistas do parque. E havia o calor. Era bem depois das seis da tarde, mas o sol ainda estava alto, e quente. Para Martha, o sol, antes tão atraente, agora “fervia”. Os dois se despediram. Ela correu para a porta da casa e entrou rapidamente. A súbita escuridão e o ar resfriado pelas pedras do vestibulo foram tão chocantes que ela se sentiu tonta, “meus olhos ficaram momentaneamente cegos pela falta de luz”.

Subiu a escada para o andar principal e lá encontrou o irmão. “Estávamos preocupados com você”, disse ele. Depois contou que o general Schleicher tinha sido baleado. O pai fora à embaixada preparar uma mensagem para o Departamento de Estado. “Não sabemos o que está havendo”, disse Bill. “Há lei marcial em Berlim.”

No primeiro momento, o nome “Schleicher” não lhe disse nada. Depois ela se lembrou: Schleicher, o general, homem de porte e integridade militares, ex-chanceler e ministro da Defesa.

“Sentei-me, ainda confusa e terrivelmente aflita”, lembrou Martha. Não conseguia compreender por que o general Schleicher teria sido baleado. Lembrava-se dele como “cortês, atraente, esperto”.

A mulher de Schleicher também fora baleada, disse Bill. Ambos atingidos pelas costas, no jardim; ambos baleados várias vezes. A história mudaria nos dias seguintes, mas o fato irrevogável era que os dois Schleicher estavam mortos.

A Sra. Dodd desceu. Ela, Bill e Martha foram para uma das salas de recepção. Sentaram-se juntos e conversaram em voz baixa. Perceberam que Fritz aparecia com uma frequência inusitada. Fecharam todas as portas. Fritz continuou a avisar sobre novos telefonemas de amigos e correspondentes. Parecia com medo, “branco e apavorado”, escreveu Martha.

A história que Bill contou era assustadora. Apesar da névoa de boato que toldava cada nova revelação, certos fatos eram claros. A morte dos Schleicher fazia parte das dezenas, talvez centenas, de assassinatos oficiais cometidos naquele dia, e a matança continuava. Dizia-se que Röhm estava preso, seu destino, incerto.

Cada novo telefonema trazia mais notícias, algumas absurdas demais para serem verdadeiras. Pelotões de assassinos estariam percorrendo o país, à caça de alvos. Karl Ernst, chefe das SA de Berlim, fora arrancado e arrastado do navio em que faria a viagem de lua de mel. Um destacado líder da Igreja católica fora morto em seu escritório. Outro general do exército também tinha sido ferido à bala, assim como o crítico de música de um jornal. As mortes pareciam aleatórias e arbitrárias.

Houve um momento de perversa comichão. Os Dodd receberam uma resposta concisa do escritório de Röhm, dizendo que “para sua grande consternação” ele não poderia comparecer ao jantar na casa marcado para a próxima sexta-feira, 6 de julho, “porque estará de férias em busca de cura para uma doença”.²

“Em vista da incerteza da situação”, escreveu Dodd em seu diário, “talvez tenha sido melhor que ele não tivesse aceitado.”³

CONTRIBUINDO PARA A SENSACÃO de motim daquele dia, houve uma batida na frente do 27a, quando o chofer da embaixada — um homem chamado Pickford — atingiu uma moto e quebrou a perna do motoqueiro. Uma perna de pau.⁴

Em meio a isso tudo, havia, para Dodd, uma interrogação particularmente premente: o que acontecera com Papen, o herói de Marburg, por quem Hitler tinha tanta aversão? Repórteres sustentavam que Edgar Jung, autor do discurso de Papen, fora baleado e que o assessor de imprensa de Papen também tinha sido morto. Naquele clima homicida, teria Papen sobrevivido?

CAPÍTULO 49

Os mortos

Às três horas da tarde de sábado, os correspondentes estrangeiros em Berlim reuniram-se na chancelaria do Reich, na Wilhelmstrasse, para uma entrevista coletiva a ser dada por Hermann Göring. Um dos presentes foi Hans Gisevius, que parece ter estado em todos os lugares aquele dia.

Göring chegou atrasado, de uniforme, imenso e arrogante. A sala estava quente e fumegava de “insuportável tensão”, escreveu Gisevius.¹ Göring subiu ao pódio. Com grande dramaticidade, esquadrinhou a multidão, e depois, no que parecia uma série de gestos ensaiados, pôs a mão no queixo e revirou os olhos, como se o que ia dizer fosse muito importante até mesmo para ele. Falou, como disse Gisevius, “no tom lúgubre e com a voz inexpressiva de um experiente orador de funeral”.

Göring fez um breve relato da “ação”, que, segundo ele, ainda estava em curso. “Havia semanas vínhamos observando; sabíamos que alguns líderes das Sturmabteilung [SA] tinham assumido posições muito distantes dos objetivos e metas do movimento, entregando-se a seus perversos e infelizes gostos.”² Röhm estava preso, disse ele. Uma “potência estrangeira” também estava envolvida. Todos na sala acharam que ele se referia à França. “O Líder Supremo em Munique e eu como seu representante em Berlim atacamos com a rapidez do raio, sem respeitar pessoas.”

Göring respondeu às perguntas. Um repórter indagou sobre a morte do redator de discursos do vice-chanceler Papen, Jung, do assessor de imprensa Herbert von Bose e de Erich Klausener, destacado crítico católico do regime — que ligação poderiam ter essas pessoas com um *putsch* das SA?

— Ampliei minha tarefa para incluir os reacionários também — disse Göring, a voz insossa como se recitasse um catálogo telefônico.

E quanto ao general Schleicher?

Göring fez uma pausa e sorriu.

— Ah, sim, vocês, jornalistas, gostam de uma notícia que dê manchete; pois bem, aqui está. O general Von Schleicher tramou contra o regime. Ordenei sua prisão. Ele cometeu a bobagem de resistir. Está morto.

Göring desceu do pódio.

* * *

NINGUÉM SABIA EXATAMENTE QUANTAS pessoas tinham sido mortas no expurgo.³ A contagem oficial dos nazistas dava um total inferior a cem. O ministro do Exterior Neurath, por exemplo, disse a Sir Eric Phipps, da Grã-Bretanha, que tinha havido “43 ou 46” execuções, afirmando que todas as outras

estimativas eram “pouco confiáveis e exageradas”. Dodd, em carta ao amigo Daniel Roper, escreveu que relatos de consulados dos Estados Unidos em outras cidades alemãs sugeriam um total de 284 mortes. “A maioria das vítimas”, escreveu Dodd, “não era, em sentido nenhum, culpada de traição; simplesmente de oposição política ou religiosa.” Outras contagens feitas por funcionários americanos encontraram um número bem mais alto. O cônsul em Brandemburgo escreveu que um oficial das SS lhe dissera que quinhentos tinham sido mortos e 15 mil, presos, e que Rudolf Diels estava marcado para morrer, mas fora poupado a pedido de Göring. O memorando de um dos secretários da embaixada de Dodd em Berlim também mencionou quinhentas execuções, informando que moradores das vizinhanças do quartel de Lichterfelde “ouviram os pelotões de fuzilamento trabalharem a noite toda”. Diels estimou depois ter havido setecentas mortes; outras pessoas bem informadas falavam em mais de mil. Não existe um número definitivo.

A morte do general Schleicher foi confirmada — ele levava sete tiros, e seu corpo e o de sua mulher tinham sido encontrados pela filha do casal, de 16 anos. Outro general, Ferdinand von Bredow, membro do gabinete de Schleicher quando este era chanceler, também foi morto. Apesar dessas mortes, o exército recusou-se a agir: o desprezo que tinha pelas SA era mais forte do que o desgosto pelo assassinato de dois de seus próprios homens. Gregor Strasser, antigo líder nazista que tinha tido ligações com Schleicher, almoçava com a família quando dois carros da Gestapo pararam na frente da casa e seis homens bateram à porta. Foi levado e morto a tiros numa cela da prisão do subsolo da sede da Gestapo. Hitler era padrinho de seus filhos gêmeos. Um amigo de Strasser, Paul Schulz, importante líder das SA, foi levado a uma floresta e baleado. Enquanto os supostos alvos voltaram ao carro em busca de um lençol para emburrar o corpo, ele se levantou, saiu em disparada e sobreviveu. Ao que tudo indica, foi essa fuga que provocou a explosão de raiva de Göring, sedento de sangue. Gustav Ritter von Kahr, que aos 73 anos dificilmente seria uma ameaça para Hitler, também foi morto — “cortado aos pedaços”, segundo o historiador Ian Kershaw —, aparentemente num ato de vingança por ter contribuído para frustrar uma tentativa de *putsch* nazista dez anos antes. Karl Ernst, com apenas dois dias de casado, não compreendeu o que ocorria quando foi preso em Bremen pouco antes do cruzeiro de lua de mel. Hitler fora um dos convidados do seu casamento. Quando Ernst se deu conta de que ia ser baleado, gritou: “Sou inocente. Viva a Alemanha! *Heil Hitler!*” Pelo menos cinco judeus foram mortos pelo pecado de serem judeus. E houve mais inúmeras, anônimas almas executadas por pelotões de fuzilamento no quartel de Lichterfelde. A mãe de um miliciano das SA só recebeu a comunicação oficial de sua morte seis meses depois, numa breve carta de um parágrafo que declarava que ele tinha sido morto em defesa do Estado e, portanto, nenhuma outra explicação seria necessária. A carta terminava como todas as cartas na nova Alemanha: “*Heil Hitler!*”

Mais uma vez houve momentos de humor negro. Um dos visados, Gottfried Reinhold Treviranus, ministro quando o general Schleicher era chanceler, estava no meio de um jogo de tênis no Wannsee Tênis Clube quando viu quatro homens das SS do lado de fora.⁴ Confiando sabiamente em seus instintos, pediu licença e

saiu correndo. Pulou um muro, pegou um táxi e, por fim, fugiu para a Inglaterra.

No centro de Berlim, o homem da SA que fazia um bico como motorista do furgão que transportava comida para o Hotel Adlon foi parado pelas SS num posto de controle perto do Portão de Brandemburgo, não muito longe do hotel. O desafortunado motorista tinha tomado a infeliz decisão de usar sua camisa preta de miliciano das SA por baixo do paletó.

O oficial das SS perguntou-lhe para onde ia.

“Para o rei do Sião”, disse o motorista, e sorriu.⁵

O homem das SS achou que era piada. Furioso com a petulância do motorista, ele e seus cúmplices arrancaram o miliciano das SA do furgão e o obrigaram a abrir as portas traseiras. O espaço de carga estava repleto de bandejas de comida.

Ainda desconfiado, o oficial das SS acusou o motorista de levar comida para uma das orgias de Röhm.

O motorista, não mais sorrindo, disse:

— Não, é para o rei do Sião.

O homem das SS ainda achou que o motorista estava apenas sendo insolente. Dois outros milicianos subiram no furgão e ordenaram ao motorista que seguisse para o palácio onde supostamente se realizaria a festa. Para sua decepção, descobriram que o banquete para o rei do Sião, de fato, estava planejado e que Göring era um dos convidados.

E houve o caso do pobre Willi Schmid — Wilhelm Eduard Schmid, respeitado crítico de música de um jornal de Munique —, que tocava violoncelo em casa com a mulher e três filhos quando homens das SS foram à sua porta, levaram-no e mataram-no.⁶

Os integrantes das SS cometeram um erro. Seu alvo era outro Schmid. Ou melhor, era um Schmitt.

Hitler mandou Rudolf Hess pedir desculpas pessoalmente à mulher do crítico morto.

* * *

CONSTA QUE PUTZI HANFSTAENGL, cujas relações com Hitler haviam se tornado tensas, estava na lista dos alvos. Providencialmente, ele estava nos Estados Unidos para participar da 25ª reunião de sua turma de Harvard.⁷ O convite para que ele comparecesse provocara protestos nos Estados Unidos, e até o último momento Hanfstaengl não dera nenhuma pista que confirmasse sua intenção de ir. Na noite de 10 de junho de 1934, ofereceu um jantar, cujo momento, se analisado em retrospecto, pareceu muito conveniente, uma vez que ele com certeza sabia do expurgo iminente. No meio da refeição, deixou a sala, disfarçou-se com uma capa de chuva e óculos escuros e saiu. Tomou um trem noturno para Colônia, onde pegou um avião dos correios que o levou diretamente para Cherbourg, na França, e lá embarcou em seu navio, o *Europa*, com destino a Nova York. Levava cinco malas e três caixas contendo esculturas de bustos

para dar de presente.

O departamento de polícia da cidade de Nova York, temendo ameaças de manifestantes revoltados contra Hanfstaengl, mandou seis jovens policiais a bordo do navio para o tirarem de lá. Eles trajavam paletós e gravatas de Harvard.

Em 30 de junho de 1934, o dia do expurgo, Putzi assistiu em Newport, Rhode Island, ao casamento de Ellen Tuck French e John Jacob Astor III, que era, segundo constava, o solteiro mais rico dos Estados Unidos. Seu pai desaparecera no *Titanic*. Uma multidão de cerca de mil pessoas reuniu-se diante da igreja para ver a noiva, o noivo e a chegada dos convidados. Um dos primeiros a “deixar a multidão boquiaberta em alvoroço”, escreveu um efusivo repórter de sociedade do *New York Times*, foi Hanfstaengl, “de cartola, paletó preto e calça cinza de risca de giz”.

Hanfstaengl nada sabia sobre os eventos na Alemanha até ser indagado pelos repórteres. “Não tenho nenhum comentário a fazer”, disse. “Estou aqui para assistir ao casamento da filha do meu amigo.” Mais tarde, depois de ser informado dos detalhes, declarou: “Meu líder, Adolf Hitler, teve de agir, e portanto agiu como sempre. Hitler nunca se mostrou tão grande, tão humano, como nas últimas 48 horas.”

Intimamente, porém, Hanfstaengl temia pela própria segurança e pela da mulher e do filho em Berlim. E sondou discretamente o ministro do Exterior, Neurath.

* * *

HITLER VOLTOU A BERLIM aquela noite. Mais uma vez, Gisevius foi testemunha. O avião de Hitler apareceu “contra o pano de fundo de um céu vermelho-sangue, detalhe teatral que ninguém preparara”, escreveu.⁸ Quando o avião pousou, um pequeno exército de homens adiantou-se para saudar Hitler, entre eles Göring e Himmler. Hitler foi o primeiro a sair da aeronave. Usava camisa marrom, jaqueta de couro marrom-escuro, gravata-borboleta preta, botas pretas de cano alto. Tinha uma aparência pálida e cansada, a barba por fazer, mas, fora isso, parecia despreocupado. “Estava claro que o assassinato de seus amigos não lhe custara absolutamente nada”, escreveu Gisevius. “Não tinha sentido nada; apenas dera vazão à sua raiva.”

Numa mensagem radiofônica, o chefe da propaganda Goebbels tranquilizou a nação: “Na Alemanha”, disse ele, “agora reinam a paz e a ordem absolutas. A segurança pública foi restaurada. O *Führer* nunca foi tão senhor da situação. Que um destino favorável nos abençoe, para que possamos levar nossa grande tarefa a seu término com Adolf Hitler!”⁹

Dodd, entretanto, continuava a receber relatos indicando que o expurgo estava longe de terminar. Ainda não havia notícias concretas sobre o paradeiro de Röhm e de Papen. Tiros de armas de fogo continuavam a ressoar em ondas no pátio de Lichterfelde.

CAPÍTULO 50

Entre os vivos

A manhã de domingo foi fria, ensolarada, com uma brisa persistente. Dodd ficou impressionado com a ausência de marcas visíveis de tudo o que tinha ocorrido nas últimas 24 horas. “Foi um dia estranho”, escreveu, “apenas com notícias corriqueiras nos jornais.”¹

Papen, ao que se dizia, estava vivo, mas sob prisão domiciliar com a família em seu apartamento. Dodd esperava usar qualquer pequena influência que tivesse para ajudar a mantê-lo vivo — se as notícias de que sobrevivera fossem corretas. Corriam boatos de que o vice-chanceler estava marcado para execução, e que isso poderia ocorrer a qualquer momento.

Dodd e Martha pegaram o Buick da família para se dirigirem ao edifício de apartamentos de Papen. Passaram pela entrada muito lentamente, com a intenção de que os guardas das SS vissem o carro e reconhecessem a sua procedência.²

O rosto pálido de Papen logo apareceu numa janela, parcialmente escondido pelas cortinas. Um oficial das SS que montava guarda à entrada do prédio mirou raivosamente quando o carro passou. Ficou claro para Martha que o oficial reconheceria que a placa do carro pertencia a um diplomata.

Aquela tarde, Dodd esteve novamente no prédio, mas dessa vez parou e deixou um cartão de visita com um dos guardas, no qual estava escrito: “Espero que logo possamos fazer-lhe uma visitinha.”

Embora reprovasse as maquinacões políticas e seu comportamento anterior nos Estados Unidos, Dodd gostava dele e tinha prazer quando discutiam, desde o confronto durante o jantar no Pequeno Baile da Imprensa. Agora o que motivava Dodd era a repulsa à ideia de que homens pudessem ser executados por capricho de Hitler, sem ordem judicial ou julgamento.

Dodd voltou para casa. Mais tarde, o filho de Papen lhe diria como ele e a família eram gratos por aquele Buick simples ter aparecido em sua rua naquela tarde letal.

* * *

RELATOS CONTINUAVAM A CHEGAR à residência de Dodd sobre mais prisões e assassinatos. Domingo à noite, Dodd já sabia, com razoável segurança, que o capitão Röhm estava morto.

A história, montada peça por peça, era a seguinte:³

De início Hitler estava indeciso sobre se executaria seu antigo aliado, trancafiado numa cela na Prisão de Stadelheim, mas acabou cedendo às pressões de Göring e Himmler. Mesmo então, Hitler insistiu em que fosse dada a Röhm a

oportunidade de se matar.

O homem designado para a tarefa de oferecer a Röhm essa oportunidade foi Theodor Eicke, comandante de Dachau, que se dirigiu à prisão no domingo, acompanhado por um auxiliar, Michael Lippert, e outro homem das SS que trabalhava no campo. Os três foram conduzidos à cela de Röhm.

Eicke deu a Röhm uma pistola automática Browning e uma edição recente do *Völkischer Beobachter* contendo um relato do que o jornal chamava de “*Putzsch de Röhm*”, aparentemente para mostrar-lhe que tudo estava de fato perdido.

Eicke saiu da cela. Passaram-se dez minutos e nada de tiro. Eicke e Lippert voltaram, recolheram a Browning, depois retornaram com suas próprias armas em punho. Encontraram Röhm em pé, sem camisa.

Há diferentes versões sobre o que aconteceu em seguida.⁴ Alguns dizem que Eicke e Lippert dispararam sem dizer nada. Um relato afirma que Eicke gritou “Röhm, prepare-se”, e então Lippert deu dois disparos. Outra versão atribui a Röhm um momento de valentia, durante o qual teria declarado: “Se devo ser morto, que Adolf cuide disso pessoalmente.”

A primeira salva não matou Röhm. Ele ficou caído, gemendo. “*Mein Führer, mein Führer.*” Uma última bala foi disparada contra sua têmpora.

Como recompensa, Eicke recebeu uma promoção que o colocou no comando de todos os campos de concentração da Alemanha.⁵ Exportou o regulamento draconiano que impusera em Dachau a todas as unidades sob seu comando.

Naquele domingo, um agradecido Reichswehr fez outro pagamento relativo à sua parte no acordo firmado a bordo do *Deutschland*. O ministro da Defesa Blomberg, em sua ordem do dia para domingo, 1º de julho, anunciou: “O *Führer*, com decisão marcial e coragem exemplar, atacou e esmagou os traidores e assassinos. O exército, como portador das armas de todo o povo, distante dos conflitos de política interna, mostrará sua gratidão por meio da devoção e da lealdade. As boas relações com as novas SA exigidas pelo *Führer* serão fomentadas pelo Exército com a consciência de que ambos partilham os mesmos ideais. O estado de emergência chegou ao fim em toda parte.”⁶

* * *

DURANTE O FIM DE SEMANA, Dodd soube que uma nova frase circulava por Berlim, a ser pronunciada quando se encontrava um amigo ou conhecido na rua, de preferência com um irônico erguer de sobrelance: “*Lebst du noch?*”, que significa: “Você ainda está entre os vivos?”⁷

CAPÍTULO 51

O fim da simpatia

Apesar de rumores continuarem a delinear um expurgo sangrento de dimensões espantosas, o embaixador Dodd e a mulher preferiram não cancelar a comemoração do Quatro de Julho na embaixada, para a qual tinham convidado cerca de trezentas pessoas. Se algo tinha mudado, agora havia mais razões ainda para dar a festa, como uma demonstração simbólica de liberdade americana e uma trégua no terror que grassava lá fora. Seria a primeira ocasião, depois do fim de semana, na qual americanos e alemães se encontrariam face a face. Os Dodd tinham convidado numerosos amigos de Martha também, incluindo Mildred Fish Harnack e o marido, Arvid. Boris aparentemente não compareceu. Uma convidada, Bella Fromm, observou que uma “tensão elétrica” permeava a festa. “Os diplomatas pareciam agitados”, escreveu ela. “Os alemães, muito nervosos.”¹

Dodd e a mulher ficaram na entrada do salão de baile para receber os recém-chegados.² Martha viu que, por fora, seu pai agia como sempre nessas ocasiões, disfarçando o tédio com gracejos e tiradas espirituosas, no rosto uma expressão de cético que se divertia e estava sempre a ponto de soltar uma gargalhada. A mãe usava um vestido longo azul e branco e cumprimentava os convidados com a calma habitual — toda ela graça sulista, com cabelos prateados e um sotaque suave —, mas Martha detectou um rubor inusitado em seu rosto, e percebeu que as íris quase negras dos olhos, sempre notáveis, pareciam mais negras e notáveis ainda.

As mesas no salão e no jardim estavam decoradas com buquês de flores vermelhas, brancas e azuis e pequenas bandeiras dos Estados Unidos. Uma orquestra tocava discretamente músicas americanas. O tempo estava quente, mas nublado. Convidados passeavam pela casa e pelo jardim. No geral, era uma cena pacífica e surrealista, em forte contraste com o derramamento de sangue das últimas 72 horas. Para Martha e o irmão, a justaposição era simplesmente óbvia demais para ser ignorada, e eles faziam questão de saudar os jovens convidados alemães com a pergunta “*Lebst du noch?*”

“Em nossa opinião, estávamos sendo sarcásticos, para revelar aos alemães um pouco da fúria que sentíamos”, escreveu ela. “Sem dúvida, muitos deles acharam o comentário de mau gosto. Alguns nazistas demonstraram extrema irritação.”

Convidados chegavam com notícias novas. De vez em quando, um correspondente ou funcionário de embaixada puxava Dodd de lado para alguns minutos de conversa. Um dos assuntos, seguramente, era uma lei posta em vigor na véspera pelo gabinete de Hitler legalizando todos os assassinatos; ela os justificava como ações tomadas em “defesa de emergência do Estado”. Convidados entravam pálidos e trêmulos, temendo que o pior acontecesse aos

amigos em toda a cidade.

Fritz, o mordomo, veio dizer a Martha que um visitante a esperava lá embaixo. “*Der junge Herr von Papen*”, disse Fritz.³ O jovem Sr. Papen — Franz Jr., filho do vice-chanceler. Martha o aguardava e tinha avisado à mãe que, se ele aparecesse, ela talvez precisasse sair. Tocou de leve em seu braço e deixou a fila de recepção.

Franz era alto, louro e esbelto, com um rosto de traços salientes e, lembrava-se Martha, “certa fina beleza — como a de uma raposa loura”.⁴ Era, além disso, gracioso. Dançar com ele, escreveu ela, “era como viver dentro da própria música”.

Franz pegou-lhe o braço e puxou-a rapidamente para fora. Atravessaram a rua e seguiram para o Tiergarten, onde passearam um pouco, atentos a sinais de que estavam sendo seguidos. Sem nada perceber, caminharam até um café, sentaram-se a uma mesa e pediram bebidas.

O terror dos últimos dias refletia-se no rosto e nos modos de Franz. A ansiedade sufocava sua costumeira despreocupação.

Apesar de grato ao embaixador Dodd por ter aparecido na frente da casa de sua família, Franz entendia que o que realmente salvara o pai foram as boas relações com o presidente Hindenburg. Mas nem mesmo essa proximidade impedira as SS de aterrorizarem Papen e sua família, como revelou Franz. No sábado, homens armados das SS tinham se posicionado dentro do apartamento e na entrada da rua. Disseram ao vice-chanceler que duas pessoas de sua equipe tinham sido mortas, e sugeriram que o mesmo destino lhe estava reservado. A ordem, disseram, chegaria a qualquer momento. A família passou um fim de semana solitário e aterrador.

Franz e Martha conversaram mais um pouco, depois ele a levou de volta pelo parque. Ela retornou à festa sozinha.

* * *

NO FIM DE UMA TARDE DAQUELA SEMANA, a Sra. Cerruti, mulher do embaixador italiano, olhava pela porta uma janela de sua casa, que ficava em frente à de Röhm, quando viu um grande carro parar. Dois homens saltaram, entraram na casa e voltaram carregando braçadas de ternos e outras peças de roupa de Röhm. Fizeram várias viagens.

A cena a fez compreender os acontecimentos do último fim de semana de modo particularmente vívido. “A visão daquelas roupas, agora destituídas de dono, era nauseante”, recordou-se ela num perfil biográfico. “Eram tão evidentemente ‘as roupas do enforcado’ que tive de virar o rosto.”⁵

Ela teve “um ataque de nervos”. Subiu as escadas e prometeu tirar uma folga de Berlim imediatamente. Partiu no dia seguinte para Veneza.

* * *

OS DODD DESCOBRIRAM QUE Wilhelm Regendanz, o rico banqueiro que oferecera o fatídico jantar ao capitão Röhm e ao embaixador francês François-Poncet em sua casa em Dahlem, tinha conseguido fugir de Berlim no dia do expurgo e seguir, a salvo, para Londres. Agora temia não poder retornar. Pior, sua mulher ainda estava em Berlim e o filho adulto Alex, que também estava presente no jantar, fora preso pela Gestapo. Em 3 de julho, Regendanz escreveu uma carta à Sra. Dodd perguntando se ela poderia ir a Dahlem verificar se a mulher e os filhos mais novos estavam bem e “transmitir a ela as mais calorosas saudações”.⁶ Escreveu ele: “Parece que agora sou suspeito, porque tantos diplomatas estiveram em minha casa e porque eu também era amigo do general Von Schleicher.”

A Sra. Dodd e Martha foram de carro a Dahlem ver a Sra. Regendanz. Uma empregada recebeu-as à porta, de olhos vermelhos. Logo a própria Sra. Regendanz apareceu, lúgubre e magra, os olhos profundamente tristes e modos vacilantes e nervosos. Conhecia Martha e Mattie e ficou espantada por vê-las em sua casa. Levou-as para dentro. Depois de alguns momentos de conversa, as Dodd falaram à Sra. Regendanz sobre a mensagem do marido. Ela pôs as mãos no rosto e chorou discretamente.

A Sra. Regendanz contou como a casa fora revistada e seu passaporte, confiscado. “Ao falar sobre o filho”, escreveu Martha, “perdeu o controle e ficou histérica de medo.”⁷ Não tinha ideia de onde Alex se encontrava, nem sabia se estava vivo ou morto.

Pediu a Martha e à mãe que localizassem Alex e o visitassem, lhe levassem cigarros, qualquer coisa para mostrar que ele chamara a atenção da embaixada dos Estados Unidos. As Dodd prometeram tentar. A Sra. Dodd e a Sra. Regendanz combinaram que esta usaria um codinome, Carrie, sempre que entrasse em contato com os Dodd ou com a embaixada.

Nos dias que se seguiram, os Dodd falaram com amigos influentes, diplomatas e funcionários do governo sobre a situação. Se sua intercessão ajudou ou não é difícil saber, mas Alex foi solto depois de um mês de cárcere. Deixou a Alemanha imediatamente, pelo trem noturno, e juntou-se ao pai em Londres.

Com a ajuda de conhecidos, a Sra. Regendanz conseguiu obter outro passaporte e sair da Alemanha por via aérea. Quando ela e os filhos também já estavam em Londres, mandou um cartão-postal para a Sra. Dodd: “Chegamos a salvo. Profundamente grata. Com amor, Carrie”.⁸

* * *

EM WASHINGTON, O CHEFE de assuntos da Europa Ocidental Jay Pierrepont Moffat percebeu um aumento das consultas de viajantes americanos que queriam saber se ainda era seguro visitar a Alemanha. “Temos respondido”, escreveu ele, “que, em meio a todas as dificuldades, até hoje nenhum estrangeiro foi molestado e não vemos motivo para preocupação, desde que cuidem da própria vida e não se metam em encrencas.”⁹

Sua mãe, por exemplo, tinha sobrevivido incólume ao expurgo, que, segundo ela, foi “bem emocionante”, como escreveria Moffat numa anotação posterior.¹⁰ A casa da irmã ficava no distrito do Tiergarten, que “era bloqueado por soldados, e eles tinham que dar uma grande volta para entrar e sair”. Apesar disso, a mãe, a filha e a neta saíram de carro, com um motorista, para uma viagem previamente planejada pela Alemanha.

O que mais ocupava a atenção do Departamento de Estado era a dívida alemã aos credores americanos. Era uma estranha justaposição. Na Alemanha, havia sangue, vísceras e tiros; no Departamento de Estado em Washington, havia camisas brancas, os lápis vermelhos de Hull e uma crescente frustração com Dodd por não conseguir resolver o caso dos Estados Unidos. Num telegrama de Berlim, com data de sexta-feira, 6 de julho, Dodd informou que tivera um encontro com o ministro do Exterior Neurath sobre a questão dos títulos da dívida e que Neurath prometera fazer o possível para assegurar o pagamento de juros, mas que “seria extremamente difícil”.¹¹ Quando Dodd perguntou a Neurath se os Estados Unidos poderiam pelo menos esperar o mesmo tratamento dispensado a outros credores internacionais, Neurath “limitou-se a manifestar a esperança de que isso fosse possível”.

O telegrama deixou furiosos o secretário Hull e os membros mais velhos do Excelente Clube. “Segundo suas próprias palavras”, escreveu Moffat em seu diário, Dodd “empenhou-se pouco e deixou Neurath contornar a situação. O secretário sabe que [Dodd] tem pouca simpatia por nossos interesses financeiros, mas mesmo assim ficou muito irritado com o telegrama dele.”¹²

Zangado, Hull ordenou a Moffat que redigisse uma dura resposta a Dodd, para obrigá-lo “não apenas a aproveitar, mas a criar qualquer oportunidade para fazê-los compreender a justiça das nossas reclamações”.¹³

O resultado foi um telegrama transmitido às quatro da tarde de sábado, 7 de julho, assinado pelo secretário Hull, indagando se Dodd tinha contestado o não pagamento da dívida dos títulos pela Alemanha “com o mais extremo vigor, tanto do ponto de vista da lógica como dos dividendos e do seu efeito sobre os cerca de 60 mil inocentes portadores de títulos neste país...”¹⁴

Escreveu Moffat: “Foi um telegrama bastante severo, no qual o secretário, com sua natureza intensamente bondosa, alterou uma frase para poupar os sentimentos de Dodd”.¹⁵ Moffat notou que “os irreverentes” do departamento começavam a chamar Dodd de “embaixador Dud [Fiasco]”.¹⁶

Noutra reunião sobre os títulos da dívida, ainda naquela semana, Hull continuou a manifestar sua insatisfação com Dodd. Moffat escreveu: “O secretário não parava de repetir que Dodd, um bom homem em muitos sentidos, tem certamente qualquer coisa de peculiar em seu caráter.”¹⁷

Naquele dia Moffat foi a uma festa na casa de um amigo rico — o dono da piscina —, que convidara também “todo o Departamento de Estado”.¹⁸ Houve partidas de tênis e torneios de natação. Moffat precisou sair mais cedo, porém, para um cruzeiro pelo Potomac num poderoso iate “equipado com um luxo capaz de satisfazer a alma de qualquer sibarita”.

* * *

EM BERLIM, DODD NÃO se abalou. Achava inútil insistir no pagamento total, porque a Alemanha simplesmente não tinha o dinheiro, e havia outros assuntos muito mais importantes. Numa carta a Hull, poucas semanas depois, escreveu: “Nossa gente vai ter que perder seus títulos da dívida.”¹⁹

* * *

NO COMEÇO DA MANHÃ de sexta-feira, 6 de julho, Martha foi ao quarto do pai para se despedir. Ela sabia que ele discordava da viagem à Rússia, mas quando se abraçaram e se beijaram ele parecia relaxado. Insistiu para que a filha tomasse cuidado, mas disse esperar que fizesse “uma viagem interessante”.²⁰

A mãe e o irmão levaram-na ao Aeroporto Tempelhof; Dodd ficou na cidade, ciente, sem dúvida, de que a imprensa nazista poderia tentar explorar sua presença no aeroporto acenando enquanto a filha embarcava para a odiada União Soviética.

Martha galgou uma alta escada de metal para o trimotor Junker em que faria a primeira etapa da viagem. Um fotógrafo capturou-a com ar festivo e confiante no topo, o chapéu maliciosamente de lado.²¹ Usava um suéter simples sobre uma blusa de bolinhas e cachecol combinando. Apesar do calor, levava um longo casaco pendurado no braço e um par de luvas brancas.

Ela diria depois que não tinha ideia de que sua viagem pudesse interessar à imprensa ou provocar uma espécie de escândalo diplomático. Mas é difícil acreditar. Depois de um ano em que passou a conhecer intimamente intrigantes como Rudolf Diels e Putzi Hanfstaengl, ela não poderia ignorar que, na Alemanha de Hitler, até as mais minúsculas ações adquiriam poder simbólico exagerado.

Em nível pessoal, sua partida assinalou o fato de que os últimos traços da simpatia que sentira pelos estranhos e nobres seres da revolução nazista tinham desaparecido, e, reconhecesse ou não, essa partida, tal como capturada pelos repórteres fotográficos e devidamente registrada por funcionários da embaixada e observadores da Gestapo, foi uma declaração pública de desilusão final.

Escreveu ela: “Já vi sangue e terror em dose suficiente para durar pelo resto da vida.”²²

* * *

SEU PAI CHEGARA A UM MOMENTO semelhante de transformação. Durante o primeiro ano na Alemanha, Dodd ficara impressionado, vezes sem conta, com a estranha indiferença às atrocidades que se estabelecera no país, a disposição do

populacho e dos elementos moderados do governo a aceitar sem protesto cada novo decreto opressivo, cada novo ato de violência. Era como se ele tivesse penetrado na floresta sombria de um conto de fadas em que todas as noções de certo e errado estivessem de cabeça para baixo. Escreveu ao amigo Roper: “Eu não poderia ter imaginado o ataque contra os judeus num momento em que todos sofriam, de uma forma ou de outra, com o declínio comercial. Assim como ninguém teria imaginado que um ato terrorista como o de 30 de junho pudesse ser permitido nos tempos modernos.”²³

Dodd continuou a esperar que os assassinatos deixassem o público alemão tão indignado que provocassem a queda do regime, mas os dias passavam e ele não viu sinal dessa efusão de raiva. Até o exército cruzava os braços, apesar da morte de dois de seus generais. O presidente Hindenburg enviou a Hitler um telegrama de elogio: “Dos relatos que tenho diante de mim, depreendo que o senhor, com sua ação decidida e valente intervenção pessoal, eliminou a traição no nascedouro. O senhor salvou a nação alemã de um grave perigo. Expresso-lhe, portanto, o meu mais profundo agradecimento e sincero apreço.”²⁴ Em outro telegrama, Hindenburg agradeceu a Göring por sua “enérgica e bem-sucedida conduta no esmagamento da alta traição”.²⁵

Dodd soube que Göring ordenara pessoalmente mais de 75 execuções. Ficou feliz quando Göring, como Röhm antes dele, enviou um pedido de desculpas por não poder ir ao jantar que os Dodd marcaram para sexta-feira à noite, 6 de julho. Escreveu: “Foi um alívio. Não sei o que eu teria feito se viesse.”²⁶

* * *

PARA DODD, DIPLOMATA POR ACIDENTE, e não por comportamento, aquilo tudo era absolutamente assombroso. Ele era um estudioso e um democrata jeffersoniano, um fazendeiro que amava história e a velha Alemanha onde estudara quando jovem. Agora havia assassinatos oficiais numa escala aterradora. Amigos e conhecidos dele, pessoas que tinham visitado sua casa para jantar ou tomar chá, haviam sido assassinados. Nada em seu passado o preparara para isso. Mais agudamente do que nunca, teve dúvidas de que pudesse conseguir alguma coisa como embaixador. Se não podia, qual era o sentido de permanecer em Berlim, quando seu grande amor, o *Old South*, definhava na gaveta?

Algo nele se perdera, um último elemento vital de esperança. Na anotação que fez em 8 de julho em seu diário, uma semana depois de iniciado o expurgo e pouco antes de fazer um ano que estava em Berlim, escreveu: “Minha missão aqui é trabalhar pela paz e por melhores relações. Não vejo como se pode fazer alguma coisa enquanto Hitler, Göring e Goebbels forem os cabeças diretos do país. Nunca ouvi falar e nunca li a respeito de três homens mais inadequados para ocupar altas posições. Devo renunciar?”²⁷

Decidiu que jamais receberia Hitler, Göring ou Goebbels na embaixada ou em sua casa, e que “nunca mais assistirei a um discurso do chanceler ou pedirei uma entrevista para mim, exceto por razões oficiais. Tenho um sentimento de

horror quando olho para o homem”.²⁸

CAPÍTULO 52

Só os cavalos

Mas, como aparentemente todo mundo em Berlim, Dodd também queria ouvir o que Hitler tinha a dizer sobre o expurgo. O governo anunciou que ele faria um pronunciamento na noite de sexta-feira, 13 de julho, durante um discurso perante os deputados do Reichstag em sua sede temporária, a vizinha Ópera Kroll. Dodd decidiu não comparecer e ouvir pelo rádio. A perspectiva de estar lá em pessoa para ouvir Hitler justificar o assassinato em massa, enquanto centenas de sicofantas estiravam os braços, era odiosa demais.

Naquela noite de sexta-feira, ele e François-Poncet combinaram um encontro no Tiergarten, como já tinham feito outras vezes para evitar que alguém os ouvisse. Dodd queria saber se François-Poncet tencionava assistir ao discurso, mas temia que, se visitasse o embaixador francês, espíões da Gestapo observassem a sua chegada e concluíssem que ele conspirava para que as grandes potências boicotassem o discurso, como, aliás, era fato. Dodd tinha feito uma visita a Sir Eric Phipps na embaixada britânica no começo da semana e ficara sabendo que ele também planejava esquivar-se. Duas visitas como aquela a grandes embaixadas, num prazo tão curto, certamente chamariam a atenção.

O dia estava fresco e ensolarado, e por isso o parque enchera-se de gente, na maioria pedestres, mas havia alguns cavaleiros andando lentamente pela sombra. De vez em quando o ar era cortado por risadas e latidos de cães e embaçado pelos fantasmas de charutos que sumiam lentamente na calmaria. Os dois embaixadores caminharam por uma hora.

Antes de se separarem, François-Poncet tomou a iniciativa: “Não devo assistir ao discurso.”¹ Depois fez uma observação que Dodd nunca esperou ouvir de um diplomata moderno numa das grandes capitais da Europa. “Eu não me surpreenderia se levasse um tiro a qualquer momento nas ruas de Berlim”, disse. “Por isso minha mulher fica em Paris. Os alemães nos odeiam tanto e seus líderes são tão loucos...”

Às oito daquela noite, na biblioteca da Tiergartenstrasse 27a, Dodd ligou o rádio e ouviu Hitler subir à tribuna para falar ao Reichstag. Estavam ausentes 12 deputados, mortos no expurgo.

A Ópera ficava a uma caminhada de vinte minutos pelo Tiergarten, de onde Dodd estava sentado ouvindo. Do seu lado do parque, tudo era paz e quietude, e a noite, fragrante do cheiro das flores noturnas. Mesmo pelo rádio, Dodd ouvia a plateia frequentemente levantar-se e saudar com *Heils*.

— Deputados — disse Hitler. — Homens do Reichstag alemão!²

Hitler deu detalhes sobre o que chamou de complô do capitão Röhm para usurpar o governo ajudado por um diplomata estrangeiro, que não identificou. Disse que ao ordenar o expurgo agira apenas no interesse da Alemanha, para salvar o país da baderna.

— Só uma repressão feroz e sangrenta poderia cortar a revolta pela raiz — disse ele à plateia. Ele próprio comandara o ataque em Munique, enquanto Göring, com seu “punho de aço”, fizera o mesmo em Berlim. — Se alguém me perguntasse por que não usamos os tribunais regulares, eu responderia: no momento, sou responsável pela nação alemã; consequentemente, eu sozinho, durante aquelas 24 horas, fui a Suprema Corte de Justiça do povo alemão.

Dodd ouviu o clamor, enquanto os ouvintes ficavam de pé, encorajando, saudando e aplaudindo.

Hitler continuou:

— Ordenei que os líderes dos culpados fossem mortos. Também ordenei que os abscessos causados por nossos venenos internos e externos fossem cauterizados até queimar a carne viva. Também ordenei que qualquer rebelde que tentasse resistir à prisão fosse morto imediatamente. O país precisa saber que sua existência não pode ser impunemente ameaçada por ninguém, e que quem levantar a mão contra o Estado morrerá.

Ele citou a reunião do “diplomata estrangeiro” com Röhm e outros supostos conspiradores e a subsequente declaração do diplomata de que o encontro fora “inteiramente inofensivo”. Era uma clara alusão ao jantar a que François-Poncet comparecera em maio na casa de Wilhelm Regendanz.

— Mas — continuou Hitler —, quando três homens capazes de alta traição organizam uma reunião na Alemanha com um estadista estrangeiro, um encontro que eles próprios caracterizam como “reunião de trabalho”, quando despacham os empregados, e dão ordens estritas para que eu não seja informado da reunião, mando matar esses homens, mesmo que durante essas conversas secretas os únicos assuntos discutidos sejam o tempo, moedas antigas e objetos semelhantes.

Hitler reconheceu que o custo do expurgo “foi alto” e mentiu para os ouvintes, dando um total de 77 mortos. Tentou amenizar mesmo essa contagem alegando que duas das vítimas se mataram e — nesse ponto, risivelmente — que o total incluía três homens das SS mortos por “maltratar prisioneiros”.

E concluiu:

— Estou pronto, perante a história, para assumir a responsabilidade pelas 24 horas das mais amargas decisões que tomei na vida, durante as quais o destino mais uma vez me ensinou a aferrar-me com todo o meu pensamento à coisa mais preciosa que possuímos — o povo alemão e o Reich alemão.

O salão ressoou com uma trovoadas de aplausos e vozes maciças cantando o *Horst Wessel Lied*. Se Dodd estivesse presente, veria duas moças darem buquês de flores a Hitler, trajando uniformes da Bund Deutscher Mädel, a ala feminina da Juventude Hitlerista, e veria Göring adiantar-se decididamente para a tribuna a fim de apertar a mão de Hitler, seguido por uma onda de funcionários desejosos de cumprimentá-lo.³ Göring e Hitler ficaram juntos e fizeram pose para as dezenas de fotógrafos que os cercavam. Fred Birchall, do *Times*, foi testemunha: “Ficaram de frente um para o outro na tribuna durante quase um minuto, mão na mão, olhos nos olhos, enquanto flashes espocavam.”⁴

Dodd desligou o rádio. Do seu lado do parque, a noite era fresca e serena. No dia seguinte, sábado, 14 de julho, mandou um telegrama codificado para o

secretário Hull: “NADA MAIS REPULSIVO DO QUE VER O PAÍS DE GOETHE E BEETHOVEN REVERTER AO BARBARISMO DA INGLATERRA DOS STUART E DA FRANÇA DOS BOURBON...”⁵

No final da tarde, dedicou duas horas sossegadas ao seu *Old South*, perdendo-se noutra época, mais cavalheiresca.

* * *

PUTZI HANFSTAENGL, COM SUA segurança garantida pelo ministro do Exterior Neurath, embarcou de volta para casa. Ao chegar ao escritório, ficou impressionado com o aspecto sombrio e atordoado das pessoas à sua volta. Escreveu que elas se comportavam “como se estivessem cloroformizadas”.⁶

* * *

O EXPURGO DE HITLER ficou conhecido como A Noite das Facas Longas e com o tempo seria considerado um dos episódios mais importantes de sua ascensão, o primeiro ato da grande tragédia da conciliação. De início, porém, seu significado passou despercebido. Nenhum governo chamou de volta seu embaixador ou formalizou um protesto; o populacho não se levantou indignado.

A reação mais significativa de um funcionário público nos Estados Unidos veio do general Hugh Johnson, diretor da Administração de Recuperação Nacional, que se notabilizara por seus discursos destemperados sobre os mais diversos assuntos. (Em julho, durante uma greve geral em São Francisco, comandada por um estivador que emigrara da Austrália, Johnson pedira a deportação de todos os imigrantes.) “Poucos dias atrás, na Alemanha, ocorreram eventos que chocaram o mundo”, disse Johnson, num comentário público. “Não sei qual é o efeito disso nos senhores, mas eles me deixaram doente — não em sentido figurado, mas fisicamente, e muito doente. A ideia de que homens adultos, responsáveis, possam ser arrancados de casa, postos contra um muro, de costas para as armas, e fuzilados, ultrapassa qualquer descrição.”⁷

O escritório do Serviço Exterior alemão protestou. O secretário Hull respondeu que Johnson “falava como indivíduo e não em nome do Departamento de Estado ou do governo”.

Essa falta de reação vinha do fato de que muita gente, na Alemanha e em outras partes do mundo, preferia acreditar na alegação de Hitler, de que ele sufocara uma rebelião iminente que teria derramado muito mais sangue. Logo, porém, surgiram provas de que o relato de Hitler era falso. De início, Dodd parecia inclinado a acreditar que havia realmente um complô, mas passou a duvidar.⁸ Um fato parecia refutar, mais claramente do que os outros, a versão oficial: o chefe das SA em Berlim, Karl Ernst, foi preso quando se preparava para embarcar num cruzeiro de lua de mel, não exatamente o comportamento de um homem que participaria de um golpe naquele fim de semana. Não está

claro se Hitler acreditava em sua própria história desde o princípio. Com certeza Göring, Goebbels e Himmler tinham feito o possível para que acreditasse. Sir Eric Phipps, da Grã-Bretanha, aceitou a versão oficial; levou seis semanas para se dar conta de que nunca houvera complô nenhum.⁹ Quando Phipps se encontrou frente a frente com Hitler meses depois, seus pensamentos voaram de volta ao expurgo. “Não havia aumentado seu charme ou poder de atração”, escreveu Phipps em seu diário. “Enquanto eu falava, ele me olhava avidamente, como um tigre. Tive a impressão de que, se minha nacionalidade e meu status fossem outros, eu teria feito parte da sua refeição noturna.”¹⁰

Em sua avaliação, ele chegou perto de apreender a verdadeira mensagem do expurgo de Röhm, que continuava a escapar à compreensão do mundo. A matança demonstrava, em termos que não deveriam ter sido ignorados, até onde Hitler estava disposto a ir para preservar o poder, porém os estrangeiros preferiram interpretar a violência, erroneamente, como apenas um acerto de contas interno — “uma espécie de banho de sangue do submundo dos gangsteres, que cheirava ao massacre do Dia de São Valentim comandado por Al Capone”, como bem o disse o historiador Ian Kershaw.¹¹ “Eles ainda achavam que nos negócios da diplomacia era possível lidar com Hitler como se ele fosse um estadista responsável. Os anos que se seguiram ofereceriam uma dura lição de que o modo de Hitler conduzir os negócios estrangeiros era o mesmo que adotara com selvagem e cínica brutalidade na Alemanha em 30 de junho de 1934.” Rudolf Diels, em suas memórias, reconheceu que de início não tinha entendido. “Eu (...) não tinha ideia de que aquela hora de relâmpagos anunciava uma trovoadas cuja violência romperia as podres comportas dos sistemas europeus e atearia fogo ao mundo inteiro — porque foi esse, na verdade, o significado do 30 de junho de 1934.”¹²

A imprensa controlada, como era de se esperar, elogiou Hitler por seu comportamento decisivo, e sua popularidade disparou. Os alemães estavam tão cansados das intrusões das SA em sua vida que o expurgo parecia uma dádiva celeste. Um relatório de inteligência dos exilados social-democratas revelou que muitos alemães “exaltavam Hitler por sua impiedosa determinação” e que muitos da classe operária “também se escravizaram à deificação, desprovida de senso crítico, de Hitler”.¹³

Dodd continuava a esperar que algum catalisador provocasse o fim do regime, e achava que esse fato poderia ser a morte iminente de Hindenburg — a quem Dodd chamava de “única alma distinta” da Alemanha moderna, mas sofreu outro desapontamento. Em 2 de agosto, três semanas depois do discurso de Hitler, Hindenburg morreu em sua propriedade rural. Hitler agiu rápido. Antes do fim do dia, assumiu as atribuições de presidente além das de chanceler, finalmente alcançando o poder absoluto sobre a Alemanha. Afirmando com falsa humildade que o título de “presidente” só poderia estar associado a Hindenburg, que o usara por tanto tempo, Hitler proclamou que a partir de então seu título oficial seria “*Führer* e chanceler do Reich”.

Numa carta confidencial para o secretário Hull, Dodd previu “um regime ainda mais terrorista do que o que suportamos desde 30 de junho”.¹⁴

A Alemanha aceitou a mudança sem protesto, para o desespero de Victor

Klemperer, o filólogo judeu. Ele também tinha esperança de que o sangrento expurgo finalmente levasse o exército a tomar a providência de depor Hitler. Nada aconteceu. E agora, esse novo ultraje: “O povo mal se dá conta do completo golpe de Estado”, escreveu ele em seu diário. “Tudo ocorre em silêncio, afogado por hinos ao falecido Hindenburg. Sou capaz de jurar que milhões e milhões não têm ideia da monstruosidade que ocorreu.”¹⁵

O jornal de Munique *Münchner Neueste Nachrichten* afirmou com entusiasmo: “Hoje Hitler é toda a Alemanha”,¹⁶ preferindo, aparentemente, ignorar o fato de que um mês antes seu delicado crítico de música fora morto por engano.

* * *

AS CHUVAS CHEGARAM NAQUELE fim de semana, três dias de aguaceiro que encharcaram a cidade. Com as SA quietas, seus uniformes pardos prudente e temporariamente no guarda-roupa, e o país enlutado pela morte de Hindenburg, uma rara sensação de paz espalhou-se pela Alemanha, permitindo que Dodd, por alguns instantes, refletisse sobre um assunto cheio de ironia mas caro àquela sua porção de fazendeiro da Virgínia.

Na anotação que fez em seu diário no domingo, 5 de agosto de 1934, Dodd comentou um traço do povo alemão que ele observara em seus tempos de Leipzig, e que persistia mesmo sob Hitler: o amor aos animais, especialmente cavalos e cães.

“Numa época em que quase todos os alemães têm medo de trocar uma palavra com alguém que não seja um amigo íntimo, cavalos e cães são tão felizes que é como se quisessem falar”, escreveu ele. “Uma mulher capaz de denunciar um vizinho por deslealdade, e pôr a vida dele em risco, ou mesmo causar-lhe a morte, leva seu grande cão de aparência amistosa para um passeio no Tiergarten. Conversa com ele, afaga-o, sentada num banco, e ele atende às necessidades da natureza.”¹⁷

Dodd tinha percebido que na Alemanha ninguém tratava mal um cachorro, e, por isso, os bichos não tinham medo dos homens, e eram sempre roliços e evidentemente bem cuidados. “Só os cavalos parecem igualmente felizes, nunca as crianças ou os jovens”, escreveu. “Quando vou para o trabalho, tenho o hábito de parar para dizer qualquer coisa a um par de lindos cavalos que esperam sua carroça ser descarregada. São tão limpos, tão gordos e tão felizes que parecem prestes a falar.” Era o que chamava de “felicidade equina”, fenômeno que tinha notado também em Nuremberg e Dresden. Sabia que essa felicidade era em parte fomentada pela lei alemã, que proibia a crueldade contra animais e punia os infratores com prisão — e era nisso que Dodd via uma profunda ironia. “Numa época em que centenas de homens são mortos sem julgamento ou nenhuma evidência de culpa, e em que a população literalmente treme de medo, os animais têm direitos garantidos que homens e mulheres nem sonham em ter.”

E acrescentava: “Pode-se facilmente desejar ser um cavalo!”

CAPÍTULO 53

Julietta nº 2

Boris tinha razão. Martha incluiu coisas de mais em seu roteiro e, como resultado, achou a viagem tudo menos edificante. Suas excursões deixaram-na mal-humorada e crítica, de Boris e da Rússia, que lhe pareceu uma terra sem graça e enfadonha. Boris ficou desapontado. “Deixa-me muito triste saber que você não gosta de tudo na Rússia”, escreveu-lhe, em 11 de julho de 1934. “Você precisa examiná-la com olhos totalmente diferentes daqueles com que vê os Estados Unidos. Não deve contentar-se com uma impressão superficial (como roupas e comida ruins). Por favor, querida senhorita, olhe ‘para dentro’, um pouco mais de profundidade.”¹

O que mais incomodou Martha, de forma injusta, foi o fato de que Boris não viajou com ela, apesar de também ter ido à Rússia logo em seguida, primeiro a Moscou e depois a um balneário no Cáucaso, em férias. Numa carta de 5 de agosto, enviada do balneário, Boris lembrou-lhe: “Foi você quem disse que não deveríamos nos encontrar na Rússia.”² Ele admitiu, entretanto, que outros obstáculos também tinham surgido, embora fosse vago com relação à sua natureza. “Eu não poderia passar minhas férias com você. Não foi possível por várias razões. A mais importante delas: eu tive de ficar em Moscou. Minha estada em Moscou não foi muito feliz, meu destino não está resolvido.”

Ele dizia-se magoado com suas cartas. “Você não deveria me escrever cartas com tanta raiva. Não mereço. Eu já estava triste em Moscou, depois de receber algumas cartas suas, pois a sentia tão distante e inatingível... Mas depois de sua carta raivosa estou mais do que triste. Por que faz isso, Martha? Que aconteceu? Não pode ficar dois meses sem mim?”

Assim como brandira outros amantes para magoar o ex-marido Bassett, ela deu a entender a Boris que poderia retomar seu caso com Armand Berard, da embaixada da França. “Ameaçando imediatamente com Armand!”, escreveu Boris. “Não posso lhe ditar ou sugerir nada. Mas não cometa uma estupidez. Acalme-se e não destrua as boas coisas que temos juntos.”

A certa altura da viagem, emissários da NKVD, a polícia secreta soviética, abordaram Martha com a intenção de recrutá-la como fonte de informações confidenciais.³ É provável que Boris tenha recebido ordens para ficar afastado e não interferir no processo, embora ele também tenha desempenhado sua parte no recrutamento, de acordo com registros da inteligência soviética revelados e postos à disposição de estudiosos por um destacado especialista em história da KGB (e ex-agente), Alexander Vassiliev. Os superiores de Boris acharam que ele não fora suficientemente enérgico na formalização do papel de Martha. Transferiram-no de volta para Moscou e depois para um cargo na embaixada em Bucareste, que ele detestou.

Enquanto isso, Martha retornava a Berlim. Amava Boris, mas os dois

permaneceram separados; ela saiu com outros homens, incluindo Armand Berard. No outono de 1936, Boris foi transferido de novo, dessa vez para Varsóvia. A NKVD encarregou outro agente, o camarada Bukhartsev, de retomar os esforços para recrutar Martha. Um relatório a esse respeito nos arquivos da NKVD diz o seguinte: “Toda a família Dodd odeia os nacional-socialistas. Martha tem interessantes ligações que usa para obter informações para o pai. Mantém relações íntimas com alguns desses conhecidos.”⁴

Apesar da separação e das batalhas emocionais, e de Martha periodicamente brandir Armand e outros amantes, o caso com Boris prosseguiu, a ponto de, em 14 de março de 1937, numa segunda visita a Moscou, ela pedir a Stalin, formalmente, licença para casar.⁵ Se Stalin a recebeu alguma vez, ou se respondeu ao pedido, não se sabe, mas a NKVD era ambígua com relação ao romance entre os dois. Embora os chefes de Boris afirmassem não fazer objeção ao casamento, por vezes pareciam decididos a tirá-lo de cena, para melhor se concentrarem em Martha. Em certo momento, a agência ordenou que ficassem seis meses separados, “por ser melhor assim para o negócio”.⁶

Boris, por coincidência, estava mais relutante do que Martha jamais imaginou. Num ressentido memorando para seus superiores em Moscou, datado de 21 de março de 1937, ele reclamou: “Não entendo por que os senhores se interessaram tanto por nosso casamento. Pedi aos senhores que mostrassem a ela que é impossível, em geral, e que, de qualquer forma, não se realizará nos próximos anos. Os senhores falaram com mais otimismo sobre esse assunto e ordenaram uma demora de apenas seis meses ou um ano.”⁷ Mas o que aconteceria então?, perguntava. “Seis meses vão passar logo, e quem sabe? Ela pode produzir uma conta que os senhores não vão pagar, nem eu. Não é melhor abrandar levemente a clareza das promessas que lhe fizeram, se realmente as fizeram?”

No mesmo memorando, ele se refere a Martha como “Julieta nº 2”, alusão que Vassiliev e Allen Weinstein, especialistas na KGB, em seu livro *The Haunted Wood*, veem como indicação de que havia outra mulher em sua vida, uma “Julieta nº 1”.⁸

Martha e Boris tiveram um encontro amoroso em Varsóvia, em novembro de 1937, depois do qual ele enviou um relatório a Moscou. O encontro “foi bem”, escreveu. “Ela estava de bom humor.”⁹ Continuava decidida a casar e “aguarda o cumprimento de nossa promessa, apesar da advertência dos pais de que não vai dar em nada”.

Mas outra vez Boris manifestou definitiva falta de interesse em se casar com ela. E fez uma advertência: “Acho que ela não deveria continuar sem saber qual é a situação real, pois, se a enganarmos, pode ficar zangada e perder a confiança em nós.”

CAPÍTULO 54

Um sonho de amor

Nos meses que se seguiram à ascensão definitiva de Hitler, aprofundou-se a sensação de futilidade de Dodd, assim como o desejo colateral de estar de volta à sua fazenda nas suaves vertentes das montanhas Apalaches, entre suas ricas maçãs vermelhas e suas preguiçosas vacas. Escreveu ele: “É muito humilhante apertar as mãos de assassinos conhecidos e confessos.”¹ Dodd tornou-se uma das poucas vozes no governo americano a alertar para as verdadeiras ambições de Hitler e para os perigos da posição isolacionista dos Estados Unidos. Disse ao secretário Hull, em carta de 30 de agosto de 1934: “Com a Alemanha unida como nunca, há uma corrida febril para armar e adestrar um milhão e quinhentos mil homens, instruídos todos os dias a acreditar que a Europa continental precisa ser subordinada a eles.”² E acrescentou: “Acho que devemos abandonar o chamado isolamento.” Ao chefe do Estado-maior, Douglas MacArthur, escreveu: “A meu juízo, as autoridades alemãs estão se preparando para uma grande luta continental. Há amplas provas disso. É só questão de tempo.”³

Roosevelt tinha opiniões muito parecidas, mas a maior parte dos Estados Unidos parecia mais decidida do que nunca a manter-se longe das rixas da Europa. Dodd admirava-se disso. Escreveu a Roosevelt, em abril de 1935: “Se os ossos de Woodrow Wilson não revirarem no túmulo da Catedral é porque ossos nunca reviram nos túmulos. O senhor provavelmente poderia fazer algo, mas, diante das atitudes do Congresso, tenho sérias dúvidas. Há muitos homens para quem (...) o isolamento absoluto é o paraíso que está chegando.”⁴

Dodd resignou-se ao que chamava de “a delicada tarefa de observar e cuidadosamente não fazer nada”.⁵

Seu senso de repulsa moral o levou a evitar envolvimento ativo com o Terceiro Reich de Hitler. O regime, por sua vez, reconheceu que ele se tornara um adversário intratável e tentou isolá-lo do discurso diplomático.

A atitude de Dodd horrorizou Phillips, que escreveu em seu diário: “Qual é a utilidade de ter um embaixador que se recusa a falar com o governo junto ao qual está acreditado?”⁶

A ALEMANHA CONTINUAVA EM sua marcha cada vez mais acelerada para a guerra, e intensificou a perseguição aos judeus, aprovando um conjunto de leis segundo as quais os judeus deixavam de ser cidadãos, não importando há quanto tempo suas famílias vivessem na Alemanha ou a bravura com que tivessem lutado pelo país na Grande Guerra. Agora, em suas caminhadas pelo Tiergarten, Dodd via que alguns bancos foram pintados de amarelo para indicar que eram reservados aos judeus. Os outros, os mais desejáveis, eram de uso exclusivo de arianos.

Dodd assistiu, com uma sensação de total impotência, à ocupação da Renânia pelas tropas alemãs, em 7 de março de 1936, sem encontrar resistência. Viu Berlim transformar-se para as Olimpíadas, enquanto os nazistas poliam a cidade e removiam as faixas contra os judeus, só para intensificarem a perseguição assim que as multidões de visitantes estrangeiros deram as costas. Viu a estatura de Hitler crescer e atingir a de uma divindade dentro da Alemanha. Mulheres choravam quando ele passava; caçadores de souvenir arrancavam pedaços de terra do chão onde ele pisara. Na convenção do partido, em setembro de 1936, em Nuremberg, à qual Dodd não compareceu, Hitler levou a plateia quase à histeria: “Terem vocês me encontrado (...) entre tantos milhões é o milagre de nosso tempo!”, disse aos berros. “E eu ter encontrado vocês é a sorte da Alemanha!”⁷

Em 19 de setembro de 1936, em carta identificada como “pessoal e confidencial”, Dodd escreveu ao secretário Hull falando sobre sua frustração por ver os eventos se desenrolarem à sua frente sem que ninguém ousasse interceder. “Com os exércitos aumentando em tamanho e eficiência todos os dias, com milhares de aviões prontos para, num instante, lançar bombas e espalhar gases venenosos sobre grandes cidades, ninguém se sente seguro em parte alguma”, escreveu. “Quanto erros e desastros desde 1917, especialmente nos últimos 12 meses — e nenhum povo democrático faz nada, sejam sanções econômicas ou morais, para deter o processo!”⁸

A ideia de se demitir ganhou forte apelo para Dodd. Escreveu a Martha: “Não conte a ninguém, mas não vejo como poderia continuar nessa atmosfera além da primavera que vem. Não posso prestar serviço algum ao meu país, e a tensão é grande demais para continuar sem fazer nada.”⁹

Enquanto isso, seus oponentes no Departamento de Estado intensificavam a campanha para removê-lo. Seu velho antagonista Sumner Welles assumiu a Subsecretaria de Estado, em substituição a William Phillips, que em agosto de 1936 se tornara embaixador na Itália. Mais perto dele, surgiu outro antagonista, William C. Bullitt, também escolhido a dedo por Roosevelt (embora formado em Yale), que saiu do seu posto como embaixador na Rússia para chefiar a embaixada em Paris. Em carta a Roosevelt datada de 7 de dezembro de 1936, Bullitt escreveu: “Dodd tem muitas qualidades admiráveis e simpáticas, mas está quase idealmente despreparado para seu cargo atual. Odeia tanto os nazistas que não faz nada com eles, nem tira nada deles. Precisamos de alguém em Berlim que possa pelo menos ser gentil com os alemães e fale alemão perfeitamente.”¹⁰

A firme recusa de Dodd em assistir aos comícios do Partido Nazista continuou

a irritar os inimigos. “Pessoalmente, não consigo entender por que ele é tão suscetível”, escreveu Moffat em seu diário.¹¹ Numa alusão ao discurso proferido por Dodd no Dia de Colombo, em outubro de 1933, perguntava: “Por que é pior para ele ouvir os alemães investirem contra nossa forma de governo se ele mesmo resolveu, na Câmara do Comércio, investir perante uma plateia alemã contra uma forma autocrática de governo?”

Um padrão de vazamento persistia, aumentando a pressão pública pelo afastamento de Dodd. Em dezembro de 1936, o colunista Drew Pearson, autor, com Robert S. Allen, de uma coluna da United Features Syndicate chamada “Carrossel de Washington”, publicou uma dura investida contra Dodd, “atacando-me violentamente, dizendo que sou um fracasso total aqui, e dando a entender que o presidente é da mesma opinião”, escreveu Dodd em 13 de dezembro. “Isso é novidade para mim.”¹²

O ataque de Pearson feriu Dodd profundamente. Ele passara a maior parte dos últimos quatro anos esforçando-se para cumprir a determinação de Roosevelt de servir como modelo dos valores americanos e acreditava ter feito tão bem como qualquer outro homem poderia esperar fazê-lo, dada a estranha, irracional e grosseira natureza do governo de Hitler. Se renunciasse agora, temia dar a impressão de que fora obrigado a fazê-lo. “Minha posição é difícil, mas, diante de tantas críticas, não posso renunciar, como planejava, na primavera que vem”, escreveu no diário. “Desistir do meu trabalho aqui, nessas circunstâncias, me colocaria numa posição defensiva e absolutamente falsa nos Estados Unidos.”¹³ Reconheceu que sua renúncia “seria vista, de imediato, como uma confissão de fracasso”.

Decidiu adiar a partida, muito embora soubesse que era hora de exonerar-se. Enquanto isso, pediu outra licença nos Estados Unidos, para descansar um pouco na fazenda e encontrar-se com Roosevelt. Em 24 de julho de 1937, Dodd e a mulher fizeram a longa viagem de carro até Hamburgo, onde o embaixador embarcou no *City of Baltimore*, e às sete da noite começou a lenta descida pelo Elba rumo ao mar.

* * *

DEIXAR DODD A BORDO do navio foi penoso para a mulher. Na noite do dia seguinte, domingo, ela lhe escreveu uma carta que ele receberia ao chegar. “Fiz o caminho de volta para Berlim pensando o tempo todo em você, meu querido, e fiquei muito triste e sozinha, especialmente por vê-lo partir sentindo-se tão mal, tão miserável.”¹⁴

Ela insistiu para que ele relaxasse e tentasse aliviar as persistentes “dores de cabeça de origem nervosa” que o afligiam nos últimos dois meses. “Por favor, por favor, para seu próprio bem, se não para o nosso, cuide melhor de si mesmo e viva com menos tensão, menos exigência.” Se ficasse bem, disse ela, ainda teria tempo de fazer o que queria — ao que tudo indica, uma referência à conclusão do seu *Old South*.

Ela temia que toda aquela tristeza, toda aquela tensão, durante os quatro anos em Berlim, fossem culpa sua. “Talvez eu tenha ambicionado demais por você, mas isso não quer dizer que eu o ame menos”, escreveu. “Não consigo evitar (...) as ambições que alimento por você. É uma coisa inata.”

Mas tudo isso passara, disse-lhe ela. “Decida o que for melhor para você, o que mais deseja, e ficarei satisfeita.”

Sua carta adquiriu um tom sombrio. Ela descreveu a volta para Berlim aquela noite. “A viagem se desenrolou bem, mas passamos por muitos caminhos do exército — carregando aqueles horríveis instrumentos de morte e destruição. Ainda sinto um arrepio pelo corpo quando os vejo e outros tantos sinais da catástrofe que se avizinha. Não haverá um jeito *possível* de impedir que homens e países se destruam uns aos outros? É horrível!”

Isso foi quatro anos e meio antes de os Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra Mundial.

* * *

DODD PRECISAVA DE DESCANSO. Sua saúde começara, de fato, a perturbá-lo. Desde que chegara a Berlim tinha problemas de estômago e dores de cabeça. Ultimamente, porém, as dores tinham ficado mais intensas, e às vezes duravam semanas. A dor, escreveu, “espalhava-se pelas conexões nervosas entre o estômago, os ombros e o cérebro, a ponto de ser quase impossível dormir”.¹⁵ Os sintomas pioraram, e numa de suas licenças ele consultou um especialista, o Dr. Thomas R. Brown, chefe da Divisão de Doenças Digestivas do Hospital Johns Hopkins em Baltimore (que, num simpósio de gastroenterologia em 1934, advertiu, com profunda sobriedade, que “não podemos esquecer que é essencial estudar as fezes de todos os ângulos possíveis”). Ao saber que Dodd trabalhava numa história épica do Sul, e que terminá-la era o grande objetivo de sua vida, o Dr. Brown gentilmente lhe sugeriu que deixasse o cargo em Berlim. “Aos 65, é preciso decidir e dar importância ao que é essencial, e traçar planos para completar a grande obra, se possível”, disse-lhe ele.¹⁶

No verão de 1937, Dodd falava de dores de cabeça quase contínuas e acessos de problemas digestivos que, num dos casos, o obrigou a ficar trinta horas sem comer.

Algo mais sério do que a tensão do trabalho talvez estivesse na raiz dos seus problemas de saúde, muito embora o estresse fosse fator importante. George Messersmith, que se transferira de Viena para Washington para se tornar secretário de Estado assistente, escreveu num texto biográfico não publicado que em sua opinião Dodd padecia de declínio intelectual orgânico. As cartas de Dodd divagavam muito, e sua letra piorou tanto que outros funcionários do departamento entregavam as cartas a Messersmith para que as “decifrasse”. Dodd escrevia cada vez mais à mão, por desconfiar de seus estenógrafos. “Era óbvio que alguma coisa tinha acontecido com ele”, escreveu Messersmith. “Sofria de alguma forma de deterioração mental.”¹⁷

A causa de tudo, acreditava Messersmith, era a incapacidade de Dodd de ajustar-se ao comportamento do regime de Hitler. A violência, a marcha obsessiva para a guerra, o implacável tratamento dos judeus — tudo isso deixara Dodd “tremendamente deprimido”, escreveu. Ele não conseguia entender como essas coisas podiam estar acontecendo na Alemanha que conhecera e amara quando era um jovem acadêmico em Leipzig.

Escreveu Messersmith: “Acho que ele ficou tão completamente abismado com tudo o que acontecia na Alemanha, e com os perigos que isso representava para o mundo, que já não era capaz de pensar e julgar racionalmente.”¹⁸

* * *

DEPOIS DE UMA SEMANA na fazenda, Dodd sentiu-se bem melhor. Foi a Washington e na quarta-feira, 11 de agosto, encontrou-se com Roosevelt. Durante a conversa de uma hora, Roosevelt disse que gostaria que ele permanecesse em Berlim mais alguns meses. Insistiu com Dodd para fazer o maior número possível de palestras enquanto estivesse nos Estados Unidos e “disse a verdade sobre as coisas”, ordem que reafirmou para Dodd a certeza de ainda contar com a confiança do presidente.¹⁹

Mas enquanto Dodd estava nos Estados Unidos, o Excelente Clube arquitetou uma afronta ímpar. Um dos mais novos homens da embaixada, Prentiss Gilbert, atuando como embaixador interino — o encarregado de negócios —, foi aconselhado pelo Departamento de Estado a assistir à próxima convenção do Partido Nazista em Nuremberg. Gilbert obedeceu. Viajou num trem especial para diplomatas, cuja chegada a Nuremberg foi saudada por 17 aviões militares voando em formação de suástica.

Dodd sentiu nisso a mão do subsecretário Sumner Welles. “Havia muito tempo acreditava que Welles se opunha a mim e a tudo o que eu recomendava”, escreveu Dodd no diário.²⁰ Um dos poucos aliados de Dodd no Departamento de Estado, R. Walton Moore, secretário de Estado assistente, partilhava com Dodd a antipatia por Welles, e confirmou seus temores: “Não tenho a menor dúvida de que você está certo ao identificar a influência que em grande parte determinou a ação do Departamento de Estado em maio último.”²¹

Dodd ficou furioso. Acreditava que se manter longe desses congressos era uma das poucas formas de manifestar seus verdadeiros sentimentos, e os dos Estados Unidos, sobre o regime de Hitler. Enviou um protesto explícito e, acreditava, confidencial ao secretário Hull. Para grande espanto de Dodd, até mesmo essa carta vazou para a imprensa. Na manhã de 4 de setembro de 1937, ele viu um artigo sobre o assunto no *New York Herald Tribune*, que citava parágrafos inteiros da carta, junto com um telegrama subsequente.

A carta de Dodd enfureceu o governo de Hitler. O novo embaixador alemão nos Estados Unidos, Hans-Heinrich Dieckhoff, disse ao secretário de Estado Hull que, apesar de não estar pedindo formalmente a remoção de Dodd, queria “deixar claro que o governo alemão não o considera *persona grata*.”²²

EM 19 DE OUTUBRO DE 1937, Dodd teve um segundo encontro com Roosevelt, dessa vez na casa do presidente em Hyde Park — “um lugar maravilhoso”, escreveu Dodd.²³ O filho, Bill, estava com ele. “O presidente revelou sua ansiedade sobre assuntos externos”, escreveu Dodd no diário. Discutiram o conflito sino-japonês, então no auge, e as perspectivas de uma importante conferência de paz a realizar-se dentro em breve em Bruxelas com o objetivo de resolvê-lo. “Uma coisa o perturbava”, escreveu Dodd: “Será que os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a Rússia conseguirão de fato cooperar entre si?”

A conversa mudou para a questão de Berlim. Dodd pediu a Roosevelt que o mantivesse pelo menos até 1º de março de 1938, “em parte porque não quero que os extremistas alemães pensem que suas reclamações (...) funcionaram com tanta eficácia”. Teve a impressão de que Roosevelt concordara.

Dodd insistiu que o presidente escolhesse outro professor de história, James T. Shotwell, da Universidade de Columbia, como seu substituto. Roosevelt pareceu disposto a considerar a hipótese. À medida que a conversa chegou ao fim, Roosevelt convidou Dodd e Bill para o almoço. A mãe do presidente e outros membros do clã Delano se juntaram a eles. Dodd qualificou aquela como “uma ocasião encantadora”.

Quando se preparava para sair, Roosevelt lhe disse: “Escreva-me pessoalmente sobre as coisas na Europa. Consigo ler muito bem sua letra.”

Em seu diário, Dodd acrescentou: “Prometi escrever-lhe essas cartas confidenciais, mas como fazê-las chegarem a ele sem que espiões as leiam?”

Dodd tomou o navio com destino a Berlim. A anotação que fez no diário na sexta-feira, 29 de outubro, dia de sua chegada, foi breve mas eloquente: “Mais uma vez em Berlim. Que posso fazer?”²⁴

Não sabia ainda que, na realidade, Roosevelt cedera às pressões do Departamento de Estado e do escritório do exterior alemão e concordara em tirar Dodd de Berlim antes do fim do ano. Dodd ficou espantado quando, na manhã de 23 de novembro de 1937, recebeu um seco telegrama de Hull, marcado como “estritamente confidencial”, que dizia: “Por mais que o presidente lamente qualquer inconveniência pessoal que possa lhe causar, ele quer que eu lhe solicite que tome providências para deixar Berlim, se possível, até 15 de dezembro e, em todo caso, o mais tardar até o Natal, devido às complicações das quais o senhor está a par e que ameaçam aumentar.”²⁵

Dodd protestou. Mas Hull e Roosevelt mantiveram-se firmes. Dodd reservou passagem para ele e a mulher no *SS Washington*, com partida marcada para 29 de dezembro de 1937.

MARTHA VIAJOU DUAS SEMANAS antes, mas antes ela e Boris tiveram um encontro de despedida em Berlim. Para isso, escreveu ela, Boris deixou o posto em Varsóvia sem permissão. Foi um interlúdio romântico e penoso, pelo menos para ela. Mais uma vez, Martha declarou seu desejo de casar com ele.

Foi o encontro final. Boris escreveu-lhe em 29 de abril de 1938, da Rússia: “Vivo até agora com a lembrança do nosso último encontro em Berlim. Pena que só durou duas noites. Eu queria estender esse tempo pelo resto da nossa vida. Você foi tão gentil e boa comigo, querida. Nunca me esquecerei disso (...) Como foi a travessia do oceano? Um dia ainda cruzaremos juntos esse oceano, e juntos observaremos as ondas eternas e sentiremos nosso amor eterno. Eu a amo. Sinto-a e sonho com você e conosco. Não me esqueça. Seu Boris.”²⁶

De volta aos Estados Unidos, fiel à sua natureza, se não a Boris, Martha conheceu outro homem, por quem logo se apaixonou: Alfred Stern, um novaiorquino de inclinações esquerdistas. Dez anos mais velho, tinha 1,77 metro de altura, era bonito e rico, tendo recebido parte polpuda ao divorciar-se de uma herdeira do império da Sears Roebuck. Ficaram noivos e, num prazo surpreendente, casaram-se em 16 de junho de 1938, embora notícias de jornal informem que houve uma segunda cerimônia, mais tarde, na fazenda de Round Hill, Virgínia.²⁷ Ela usava vestido preto de veludo com rosas vermelhas. Escreveria anos depois que Stern foi o terceiro e último grande amor de sua vida.

Ela contou a Boris sobre o casamento numa carta de 9 de julho de 1938: “Você sabe, amor, que para mim você foi mais importante do que qualquer outra pessoa. Sabe também que, se precisar de mim, estarei pronta para ir quando for chamada.” E acrescentou: “Olho para o futuro e o vejo na Rússia novamente.”²⁸

Quando a carta chegou à Rússia, Boris estava morto, executado, um dos incontáveis agentes da NKVD vitimados pela paranoia de Stalin. Martha soube depois que Boris fora acusado de colaborar com os nazistas. Ela repudiou a acusação, classificando-a de “insana”. Mais tarde, se indagaria se seu relacionamento com ele, especialmente aquele encontro final, não autorizado, em Berlim, não teria contribuído para selar seu destino.

Ela jamais soube que a última carta de Boris, na qual ele dizia sonhar com ela, era uma fraude, escrita por ordem da NKVD pouco antes de sua execução, para impedir que sua morte destruísse a simpatia dela pela causa soviética.²⁹

CAPÍTULO 55

Enquanto a noite caía

Uma semana antes de viajar para casa, Dodd fez um discurso de despedida durante um almoço na Câmara Americana de Comércio em Berlim, onde pouco mais de quatro anos antes aticara a ira nazista com suas alusões a ditaduras antigas. O mundo, disse ele, “precisa encarar o triste fato de que, numa época na qual a cooperação internacional deveria ser a palavra-chave, os países nunca estiveram tão distantes uns dos outros”.¹ Disse aos ouvintes que as lições da Grande Guerra tinham sido ignoradas. Elogiou os alemães por serem “basicamente democráticos e bondosos entre si”. E disse: “Duvido que qualquer embaixador na Europa desempenhe adequadamente suas obrigações ou mereça o salário que ganha.”

Dodd adotou um tom diferente ao chegar aos Estados Unidos. Em 13 de janeiro de 1938, num jantar em sua homenagem no Waldorf-Astoria em Nova York, declarou: “A humanidade corre sério risco, e os governos democráticos parecem não ter ideia do que fazer. Mas, se nada fizerem, a civilização ocidental, as liberdades religiosa, pessoal e econômica estarão em grave perigo.”² Suas observações provocaram protesto imediato da Alemanha, mas o secretário Hull respondeu que Dodd era agora um cidadão como outro qualquer, e podia dizer o que bem entendesse. Antes, porém, houve um debate entre funcionários do Departamento de Estado sobre se seria o caso de haver um pedido de desculpas com uma declaração na linha de que “sempre lamentamos qualquer coisa que possa provocar ressentimentos no exterior”. A ideia foi rejeitada, graças à oposição de ninguém menos que Jay Pierpont Moffat, que escreveu em seu diário: “Pessoalmente achei, com a maior convicção, que, por mais que eu antipatize com o Sr. Dodd, e o desaprove, ele não deveria pedir desculpas pelo que disse.”³

Com esse discurso, Dodd iniciou uma campanha para soar o alarme contra Hitler e seus planos, e para combater a tendência cada vez maior dos Estados Unidos ao isolacionismo; mais tarde ficaria conhecido como a Cassandra dos diplomatas americanos. Fundou o Conselho Americano contra a Propaganda Nazista e tornou-se membro dos Amigos Americanos da Democracia Espanhola. Num discurso que proferiu em Rochester, Nova York, em 21 de fevereiro de 1938, perante uma congregação judaica, advertiu que, se Hitler assumisse o controle da Áustria — o que parecia iminente —, a Alemanha continuaria buscando expandir sua autoridade para outras áreas, e que a Romênia, a Polônia e a Tchecoslováquia corriam perigo. Previu, além disso, que Hitler estaria livre para perseguir suas ambições, sem encontrar resistência armada de outras democracias europeias, que tinham preferido fazer concessões a ir à guerra. “A Grã-Bretanha”, disse, “está terrivelmente exasperada, mas também terrivelmente ansiosa pela paz.”⁴

A FAMÍLIA DISPERSOU-SE. Bill arranhou um emprego de professor e Martha foi para Chicago e depois Nova York. Dodd e Mattie retiraram-se para a fazenda em Round Hill, Virgínia, fazendo incursões ocasionais a Washington. Em 26 de fevereiro de 1938, pouco depois de levar Dodd a uma estação de trem em Washington para o início de uma turnê de palestras, Mattie escreveu a Martha em Chicago: “Eu gostaria muito que estivéssemos mais perto para conversar sobre algumas coisas e passar mais tempo juntos. A vida está nos separando rápido demais. O pai sempre fala em ter você conosco e em como seria bom se você estivesse perto dele, junto com Bill. Eu gostaria que fôssemos mais jovens e vigorosos. O estado dele é muito delicado, e seus nervos estão esgotados.”⁵

Ela estava profundamente preocupada com os acontecimentos na Europa. Noutra carta a Martha, escrita logo depois, disse: “O mundo parece tão confuso agora, não sei o que há de acontecer. Que pena que o maníaco teve permissão para ir tão longe, fazendo o que quis, sem ser contido. Cedo ou tarde, poderemos estar envolvidos, que Deus nos ajude.”

A Sra. Dodd não compartilhava com o marido o amor pela fazenda de Round Hill. Era um lugar ótimo para passar os verões e as férias, mas não para morar. Esperava conseguir um apartamento em Washington, onde pudesse viver parte do ano, com ou sem ele. Enquanto isso, decidiu tornar a fazenda mais habitável. Comprou cortinas de seda dourada, uma geladeira General Electric e um fogão novos. Enquanto a primavera avançava, sentia-se cada vez mais infeliz por não conseguir nem o *pied-à-terre* em Washington nem arrumar a casa da fazenda. Escreveu para Martha: “Até agora não consegui fazer nada que eu queria na casa, mas cerca de oito ou dez homens [estão] trabalhando para fazer cercas de pedra, embelezar os campos, pegando e arrastando pedras etc. Tenho vontade de ‘jogar a esponja’ e largar a p — do negócio.”⁶

Em 23 de maio de 1938, em outra carta para a filha, ela escreveu: “Gostaria de ter uma casa — em Washington, em vez de Chicago. Seria ótimo.”⁷

Quatro dias depois, a Sra. Dodd estava morta. Na manhã de 28 de maio de 1938, não apareceu para tomar café com Dodd, como de hábito. Dormiam em quartos separados. Ele foi verificar. “Foi o maior choque que já tive”, escreveu ele.⁸ Ela morreu de insuficiência cardíaca, na cama, sem aviso de que houvesse problemas. “Tinha apenas 62 anos, e eu, 68”, escreveu Dodd no diário. “Mas lá estava ela deitada, completamente morta, e não havia como socorrer; e fiquei tão surpreso e tão triste que tive dificuldade para decidir o que fazer.”

Martha atribuiu a morte da mãe à “tensão e ao terror da vida” em Berlim.⁹ No dia do enterro, prendeu rosas no vestido dela e, para combinar, também usou rosas no cabelo. Pela segunda vez, viu lágrimas nos olhos do pai.

De repente a fazenda em Round Hill era menos um lugar de descanso e paz que de melancolia. A tristeza e a solidão de Dodd tiveram impacto em sua saúde já frágil, mas ainda assim ele continuou a fazer palestras pelo país: em Texas, Kansas, Wisconsin, Illinois, Maryland e Ohio, sempre repisando os mesmos temas — que Hitler e o nazismo representavam um grande perigo para o mundo,

que uma guerra europeia era inevitável, e que, quando a guerra começasse, os Estados Unidos achariam impossível permanecer indiferentes. Uma palestra atraiu um público de sete mil pessoas. Num discurso em 10 de junho de 1938, no Harvard Club de Boston — reduto de privilégios —, Dodd falou do ódio de Hitler contra os judeus e advertiu que sua intenção era “matá-los a todos”.¹⁰

Cinco meses depois, em 9 e 10 de novembro, aconteceu a *Kristallnacht*, a Noite dos Cristais, *pogrom* nazista que convulsionou a Alemanha e finalmente levou Roosevelt a emitir uma condenação pública. O presidente disse aos repórteres que “mal podia acreditar que uma coisa como essa ocorresse na civilização do século XX”.¹¹

Em 30 de novembro, Sigrid Schultz escreveu para Dodd de Berlim. “Meu palpíte é que você tem muitas oportunidades de dizer ou pensar, ‘eu não disse?’ Não que seja grande consolo estar certo quando o mundo parece dividido entre vândalos implacáveis e pessoas decentes incapazes de lidar com eles. Fomos testemunhas quando boa parte da destruição e dos saques ocorreu, e apesar disso há momentos em que nos perguntamos se o que vimos era mesmo verdade — há qualquer coisa de pesadelo no lugar, que ultrapassa até mesmo a opressão de 30 de junho.”¹²

* * *

UM ESTRANHO EPISÓDIO DESVIOU a atenção de Dodd. Em 5 de dezembro de 1938, quando ia a uma palestra em McKinney, Virgínia, seu carro atingiu uma menina negra de quatro anos chamada Gloria Grimes. O impacto causou ferimentos significativos, incluindo uma aparente concussão. Dodd não parou. “Não foi culpa minha”, explicaria depois a um repórter.¹³ “A menina entrou no caminho do meu automóvel cerca de dez metros à frente. Pisei no freio, desviei o carro e segui em frente, achando que a criança tinha escapado.” Ele só piorou a situação, dando impressão de insensibilidade quando, numa carta à mãe da menina, acrescentou: “Além disso, eu não queria que os jornais de todo o país publicassem a notícia do acidente. Sabe como os jornais gostam de exagerar essas coisas.”

Foi indiciado, mas no dia marcado para o início do julgamento, 2 de março de 1939, ele mudou sua alegação de defesa e declarou-se culpado. Um amigo, o juiz Moore, sentou-se ao seu lado, assim como Martha. O tribunal multou-o em 250 dólares mas não o condenou à prisão, mencionando sua saúde frágil e o fato de que já pagara 1.100 dólares em despesas médicas com a criança, que àquela altura estava quase recuperada. Ele perdeu a carteira de motorista e o direito de votar, o que foi especialmente duro para um crente tão fervoroso na democracia.

Arrasado pelo acidente, desiludido com a experiência de embaixador e abatido pela saúde em declínio, Dodd retirou-se para a fazenda. A saúde piorou. Foi diagnosticado com uma síndrome neurológica chamada paralisia bulbar, forma lenta e progressiva de paralisia dos músculos da garganta. Em julho de 1939, deu entrada no Hospital Mount Sinai, em Nova York, para uma cirurgia

abdominal comum, mas antes da operação contraiu pneumonia brônquica, uma complicação frequente da paralisia bulbar. Ficou gravemente doente. Enquanto jazia moribundo, era insultado de longe pelos nazistas.

Um artigo na primeira página do jornal de Goebbels, *Der Angriff*, disse que Dodd estava numa “clínica judaica”.¹⁴ A manchete anunciava: “Fim do notório agitador antigermânico Dodd.”

O autor dava vazão a uma modalidade pueril de malícia típica do *Der Angriff*: “O homem de setenta anos que foi um dos mais estranhos diplomatas que já existiram está de volta entre aqueles a quem serviu por vinte anos — os judeus militantes belicistas.” O artigo chamava Dodd de “homenzinho seco, nervoso, pedante (...) cuja aparição em recepções diplomáticas e sociais provocava inevitavelmente bocejos de tédio”.

O artigo mencionou a campanha de Dodd para alertar contra as ambições de Hitler. “Depois de voltar para os Estados Unidos, Dodd expressou-se da forma mais irresponsável e descarada sobre o Reich alemão, cujos funcionários, durante quatro anos, com generosidade quase sobre-humana, fizeram vista grossa às atividades escandalosas, às gafes sociais e às indiscrições políticas dele e de sua família.”

Dodd saiu do hospital e recolheu-se à fazenda, onde continuou a alimentar a esperança de que teria tempo para terminar os volumes restantes de *Old South*. O governador da Virgínia devolveu-lhe o direito ao voto, explicando que na época do acidente Dodd estava “doente e não inteiramente responsável”.¹⁵

Em setembro de 1939, os exércitos de Hitler invadiram a Polônia e deflagraram a guerra na Europa. Em 18 de setembro, Dodd escreveu a Roosevelt para dizer que a guerra poderia ter sido evitada se “as democracias da Europa” simplesmente tivessem agido em conjunto para deter Hitler, como ele sempre insistira. “Se tivessem cooperado”, escreveu Dodd, “teriam tido êxito. Agora é tarde demais.”¹⁶

O outono encontrou Dodd confinado à cama, comunicando-se apenas por meio de papel e lápis.¹⁷ Aguentou a doença mais alguns meses, até o começo de fevereiro de 1940, quando teve outra crise de pneumonia. Morreu na cama, na fazenda, em 9 de fevereiro de 1940, às 15h10, com Martha e Bill Jr. do seu lado e a obra de sua vida — *Old South* — longe de chegar ao fim. Foi sepultado dois dias depois na fazenda, com Carl Sandburg servindo de carregador honorário do caixão.¹⁸

Cinco anos depois, durante o ataque final a Berlim, uma bomba russa atingiu diretamente um estábulo do lado oeste do Tiergarten.¹⁹ A adjacente Kurfürstendamm, outrora uma das mais importantes ruas de lojas e entretenimento de Berlim, tornou-se palco do macabro no mais alto grau — cavalos, essas criaturas tão felizes da Alemanha nazista, corriam desembestados pela rua com crinas e caudas em chamas.

O MODO COMO OS COMPATRIOTAS de Dodd julgavam sua carreira de embaixador parecia depender, em grande parte, do lado do Atlântico em que estivessem.

Para os isolacionistas, ele foi desnecessariamente provocador; para seus oponentes no Departamento de Estado, um dissidente, que se queixava demais e não esteve à altura dos padrões do Excelente Clube. Roosevelt, em carta a Bill Jr., foi irritantemente evasivo. “Sabendo da sua paixão pela verdade histórica e sua rara capacidade de iluminar o significado da história”, escreveu, “seu passamento é uma verdadeira perda para a nação.”²⁰

Para aqueles que conheceram Dodd em Berlim e que testemunharam em primeira mão a opressão e o terror do governo de Hitler, ele seria sempre um herói. Sigrid Schultz dizia que Dodd foi “o melhor embaixador que tivemos na Alemanha” e respeitava imensamente sua disposição de defender os ideais americanos mesmo em face da oposição do seu próprio governo.²¹ Escreveu: “Washington negou-lhe o apoio devido a um embaixador na Alemanha nazista, em parte porque muitos homens do Departamento de Estado eram fãs apaixonados dos alemães e em parte porque muitos dos mais influentes homens de negócios de nosso país achavam que ‘se podia negociar com Hitler’.” O rabino Wise escreveu em suas memórias, *Challenging Years* (Anos desafiadores): “Dodd estava anos à frente do Departamento de Estado na apreensão das implicações políticas, assim como morais, do hitlerismo, e foi punido por essa compreensão ao ser praticamente removido do cargo por ter tido a decência e a coragem, únicas entre os embaixadores, de recusar-se a comparecer à comemoração anual de Nuremberg, uma glorificação a Hitler.”²²

Mais para o fim da vida, até mesmo Messersmith aplaudiu a clareza de visão de Dodd. “Costumo pensar que poucos homens perceberam o que acontecia na Alemanha mais completamente do que ele, e com certeza poucos homens perceberam mais do que ele as implicações do que acontecia no país para o resto da Europa, para nós e para o mundo inteiro.”²³

O mais alto elogio veio de Thomas Wolfe, que durante uma visita à Alemanha na primavera de 1935 se envolveu num breve caso amoroso com Martha. Ele escreveu para seu editor, Maxwell Perkins, que o embaixador Dodd ajudara a invocar nele “um orgulho e uma fé renovados nos Estados Unidos e uma crença em que, de alguma forma, nosso grande futuro ainda subsiste”.²⁴ A casa dos Dodd na Tiergartenstrasse 27a, disse ele a Perkins, “é um porto livre e destemido para pessoas de todas as opiniões, e pessoas que vivem e caminham aterrorizadas têm podido respirar ali sem medo, e dizer o que pensam. Sei que isso é verdade, e sei também que ver a irônica, sincera e humilde despreocupação com que o embaixador observa a pompa, o brilho, os adornos e o barulho dos passos de homens em marcha faria bem a seu coração”.

O sucessor de Dodd foi Hugh Wilson, diplomata à antiga, de quem Dodd costumava queixar-se com veemência. Foi Wilson, na verdade, quem primeiro descreveu o serviço exterior como “um excelente clube”. A máxima de Wilson, cunhada por Talleyrand antes dele, não era exatamente emocionante: “Acima de tudo, nada de excesso de zelo.”²⁵ Como embaixador, Wilson procurou ressaltar os aspectos positivos da Alemanha nazista e fez uma campanha solitária de

apaziguamento. Prometeu ao novo ministro do Exterior da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, que se a guerra começasse na Europa ele faria o possível para manter os Estados Unidos fora. Wilson acusava a imprensa americana de ser “controlada pelos judeus” e de cantar “um hino de ódio enquanto aqui são feitos esforços para construir um futuro melhor”.²⁶ Elogiou Hitler como “o homem que tirou seu povo do desespero moral e econômico, levando-o à situação de orgulho e evidente prosperidade de que agora desfruta”.²⁷ Admirava particularmente o programa nazista Força pela Alegria, que oferecia a todos os trabalhadores alemães férias e outras diversões sem custos. Wilson o via como poderosa ferramenta para ajudar a Alemanha a resistir aos avanços comunistas e suprimir as demandas dos trabalhadores por salários mais altos — dinheiro que os trabalhadores desperdiçariam “em geral com coisas idiotas”.²⁸ Via essa abordagem como algo que “será benéfico para o mundo todo”.

William Bullitt, em carta de Paris com data de 7 de dezembro de 1937, elogiou Roosevelt por escolher Wilson, declarando: “Acho que as chances de paz na Europa aumentaram definitivamente com a nomeação de Hugh para Berlim, e agradeço-lhe profundamente.”²⁹

No fim, é claro, nem a abordagem de Dodd nem a de Wilson tiveram muita importância. Enquanto Hitler consolidava seu poder e intimidava seu povo, só um gesto extremo de desaprovação dos Estados Unidos poderia ter tido efeito, talvez a “intervenção violenta” sugerida por Messersmith em setembro de 1933. Um ato desses, entretanto, teria sido impensável politicamente com os Estados Unidos sucumbindo cada vez mais à fantasia de que podia evitar o envolvimento nas disputas da Europa. “Mas a história”, escreveu o amigo de Dodd Claude Bowers, embaixador na Espanha e depois no Chile, “registrará que num período em que forças de tirania se mobilizavam para o extermínio da liberdade e da democracia em toda parte, em que uma política equivocada de ‘conciliação’ abastecia os arsenais do despotismo, e em que em muitos altos círculos sociais, e alguns políticos, o fascismo era moda e a democracia, anátema, ele defendeu sem rodeios nosso estilo de vida democrático, lutou a boa luta e foi fiel, e quando a morte o atingiu sua bandeira continuava hasteada.”³⁰

E de fato temos que nos perguntar: para o *Der Angriff* de Goebbels chegar ao ponto de atacar Dodd enquanto ele jazia prostrado num leito de hospital, teria ele sido mesmo tão ineficaz como seus inimigos acreditavam? No final, Dodd acabou se revelando exatamente o que Roosevelt desejava: um farol solitário da liberdade e da esperança americanas numa terra onde as trevas se avolumavam.

O estranho passageiro no exílio



O Tiergarten depois da ofensiva russa, com o prédio do Reichstag ao fundo

Martha e Alfred Stern viviam num apartamento no Central Park West, em Nova York, e tinham uma propriedade em Ridgefield, Connecticut. Em 1939, ela publicou um livro de memórias chamado *Through Embassy Eyes* (Pelo olhar da embaixada). A Alemanha proibiu imediatamente o livro, o que não foi surpresa, em vista de algumas observações de Martha sobre os principais líderes do regime — por exemplo: “Se houvesse alguma lógica ou objetividade nas leis nazistas de esterilização, o Dr. Goebbels deveria ter sido esterilizado muito tempo atrás.”¹ Em 1941, ela e Bill Jr. publicaram o diário do pai. Os dois queriam lançar em livro também uma coleção da correspondência ativa e passiva de Dodd e pediram a George Messersmith permissão para usar várias cartas que ele lhe escrevera de Viena. Messersmith recusou. Quando Martha lhe disse que ia publicá-las assim mesmo, Messersmith, que nunca fora seu fã, falou duro: “Eu disse que, se ela publicasse minhas cartas, por intermédio de um editor irresponsável ou responsável, eu escreveria um pequeno artigo dizendo tudo o que sabia a respeito dela, e de certos episódios de sua vida, e que meu artigo seria muito mais interessante do que qualquer coisa que estivesse no livro.” E acrescentou: “Isso encerrou o assunto.”²

Foram anos decisivos. A guerra que Dodd previra foi travada e vencida. Em 1945, finalmente, Martha alcançou uma meta com a qual havia muito sonhava: publicou um romance. Intitulado *Sowing the Wind* (Semeando o vento) e claramente baseado na vida de um dos seus antigos amantes, Ernst Udet, o livro descrevia como o nazismo seduziu e degradou um generoso ás da aviação da Primeira Guerra Mundial. Naquele mesmo ano, ela e o marido adotaram um bebê, a quem deram o nome de Robert.

Martha por fim criou um bem-sucedido salão, que de vez em quando atraía gente como Paul Robeson, Lillian Hellman, Margaret Bourke-White e Isamu Noguchi.³ A conversa era brilhante e boa e lembrava a Martha aquelas adoráveis noites na casa da amiga Mildred Fish Harnack — apesar de agora as recordações de Mildred serem tarjadas de preto. Martha recebera notícias sobre a velha amiga que de súbito fizeram seu último encontro em Berlim parecer impregnado de presságios. Lembrava-se de terem escolhido uma mesa remota, num restaurante diferente, e que Mildred, orgulhosamente, descrevera a “crescente eficácia” da rede clandestina que ela e o marido, Arvid, tinham estabelecido.⁴ Mildred não era mulher de demonstrações de carinho, mas no fim do almoço deu um beijo em Martha.

Agora, porém, Martha já sabia que, poucos anos depois daquele encontro, Mildred fora presa pela Gestapo, juntamente com Arvid e dezenas de outros de sua rede clandestina.⁵ Arvid foi julgado e condenado à morte na forca; foi executado na Prisão Plötzensee, em Berlim, em 22 de dezembro de 1942. O carrasco usou uma corda curta para assegurar a lentidão do estrangulamento. Mildred foi obrigada a assistir. Em seu próprio julgamento, foi condenada a seis anos de prisão. Hitler ordenou novo julgamento. Dessa vez a sentença foi a morte. Em 16 de fevereiro de 1943, às seis da tarde, ela foi executada na guilhotina. Suas últimas palavras: “E amei tanto a Alemanha.”⁶

POR ALGUM TEMPO DEPOIS de deixar Berlim, Martha continuou seu flerte secreto com a inteligência soviética. Seu codinome era “Liza”, muito embora isso tudo sugira mais drama do que os registros existentes permitem. Sua carreira como espia parece ter consistido basicamente em conversas e possibilidades, apesar de a perspectiva de uma participação menos brumosa certamente ter intrigado funcionários da inteligência soviética. Um telegrama secreto de Moscou para Nova York, em janeiro de 1942, chamava Martha de “mulher talentosa, esperta e instruída”, mas ressaltava que “requer controle constante de seu comportamento”.⁷ Um agente soviético bem mais puritano não se deixou impressionar. “Ela se considera comunista e diz aceitar o programa do partido. Na realidade, ‘Liza’ é uma representante típica da boemia americana, uma mulher sexualmente corrompida e pronta para dormir com qualquer homem bonito.”⁸

Grças aos esforços de Martha, o marido também se alinhou com a KGB — seu codinome era “Louis”. Martha e Stern eram muito explícitos no que dizia respeito a seu interesse pelo comunismo e pelas causas esquerdistas, e em 1953 chamaram a atenção do Comitê da Câmara contra Atividades Antiamericanas, presidido então pelo deputado Martin Dies, que os intimou a depor.⁹ Eles fugiram para o México, mas, quando as pressões das autoridades federais aumentaram, mudaram-se mais uma vez, estabelecendo-se em Praga, onde levaram um estilo de vida nada comunista, numa mansão de três andares e 12 cômodos, servidos por empregados. Compraram um novo Mercedes preto.¹⁰

De início a ideia de ser fugitiva internacional teve forte apelo para Martha, com seu persistente senso de que era mulher de assumir riscos, mas, com o passar do tempo, o cansaço a abateu. Durante os primeiros anos do casal no exílio, o filho apresentou sinais de severa agitação física e foi diagnosticado como esquizofrênico. Martha tornou-se “obcecada” — termo usado pelo marido — pela ideia de que a comoção de sua fuga e das subseqüentes viagens provocara a doença de Robert.¹¹

Martha e Stern achavam Praga um lugar estranho, com uma língua insondável. “Não dá para dizer que gostamos daqui, falando honestamente”, escreveu ela a um amigo. “Naturalmente, preferiríamos voltar para casa, mas nossa casa ainda não nos receberia (...) É uma vida de consideráveis limitações, do ponto de vista intelectual e criativo (e não falamos a língua; uma grande desvantagem), e nos sentimos isolados e muitas vezes solitários.”¹² Ela passava o tempo cuidando da casa e do jardim: “Árvores frutíferas, lilases, hortaliças, flores, pássaros, insetos (...) apenas uma cobra em quatro anos!”

Martha descobriu nessa época que um dos seus ex-amantes, Rudolf Diels, tinha morrido, e de um modo totalmente inesperado para um homem tão apegado à sobrevivência. Após dois anos em Colônia, ele se tornara comissário regional em Hanover, para ser logo demitido por excesso de escrúpulos morais.¹³ Arranjou emprego como diretor de transporte fluvial de uma empresa civil, mas foi preso na ampla operação de caça que se seguiu ao atentado contra

Hitler em 20 de julho de 1944. Diels sobreviveu à guerra e durante os julgamentos de Nuremberg foi testemunha de acusação. Mais tarde, tornou-se alto funcionário do governo da Alemanha Ocidental. A sorte o abandonou bruscamente em 18 de novembro de 1957, durante uma caçada. Quando tirava um rifle do carro, a arma disparou, matando-o.

* * *

MARTHA DESILUDIU-SE COM o comunismo praticado na vida diária. Seu desencanto transformou-se em repulsa durante a “Primavera de Praga” de 1968, quando acordou um dia e viu tanques trovejando pela rua de sua casa durante a invasão soviética da Tchecoslováquia. “Foi uma das cenas mais feias e repugnantes que já vimos”, escreveu ela.¹⁴

Ela reatou velhas amizades pelo correio. Iniciou com Max Delbrück uma animada correspondência. Chamava-o de “Max, meu amor”; ele a chamava de “minha querida e amada Martha”.¹⁵ Gracejavam sobre suas cada vez mais numerosas imperfeições físicas. “Estou bem, bem, muito bem”, disse ele, “a não ser por uma doençazinha cardíaca e um pequeno mieloma múltiplo”. Jurava que a quimioterapia fizera seu cabelo crescer de novo.

Outros homens se saíram menos bem na avaliação retrospectiva de Martha. O príncipe Louis Ferdinand tornou-se “aquele asno”,¹⁶ e Putzi Hanfstaengl, “um verdadeiro palhaço”.¹⁷

Mas um grande amor parecia brilhar tanto como sempre. Martha começou a escrever para Bassett, o ex-marido — o primeiro de seus três grandes amores —, e logo os dois se correspondiam como se tivessem vinte anos, analisando o romance antigo para tentar descobrir o que dera errado. Bassett confessou que tinha destruído todas as cartas que ela lhe mandara, depois de perceber “que, mesmo com o passar dos anos, eu não aguentaria lê-las, e desejava menos ainda que alguém as lesse depois que eu me fosse”.¹⁸

Martha, porém, tinha guardado as dele. “Que cartas de amor!”, escreveu.¹⁹

“Uma coisa é certa”, disse ela numa correspondência de novembro de 1971, quando tinha 63 anos. “Se tivéssemos ficado juntos, teríamos tido uma vida vigorosa, variada e apaixonada (...) Pergunto-me se você continuaria feliz ao lado de uma mulher tão pouco convencional como sou e fui, muito embora não tivéssemos tido as complicações que me vieram depois. Ainda assim eu teria tido alegria com tristeza, produtividade com beleza e choque! Amei você, Alfred e um outro, e ainda amo. De modo que este é o pássaro estranho que você um dia amou e com quem se casou.”²⁰

Em 1979, um tribunal federal absolveu-os de todas as acusações, embora com relutância, citando a falta de provas e a morte de testemunhas.²¹ Martha e Stern ansiavam por voltar aos Estados Unidos, e pensaram em fazê-lo, mas se deram conta de que ainda havia outro obstáculo no caminho. Durante todos aqueles anos de exílio eles tinham deixado de pagar impostos nos Estados Unidos. A dívida acumulada era proibitivamente alta.

Pensaram em mudar-se para outro país — talvez Inglaterra ou Suíça — mas surgiu outro obstáculo, o mais persistente de todos: a velhice.

Os anos e as doenças tinham tido sério impacto no mundo das recordações de Martha. Bill Jr. morreu em outubro de 1952, de câncer, deixando mulher e dois filhos.²² Ele passara os anos depois de Berlim mudando de emprego, e acabou como vendedor do departamento de livros da Macy's em São Francisco. No meio do caminho, suas simpatias esquerdistas o levaram a entrar em choque com o Comitê Dies, que o declarou “inapto” para emprego em qualquer repartição federal, isso numa época em que ele trabalhava para a Comissão Federal de Comunicações. Com sua morte, Martha ficou sendo a única sobrevivente da família. “Bill era muito bacana, uma pessoa calorosa e legal, que teve sua cota de frustração e sofrimento — talvez mais do que sua cota”, escreveu Martha em carta à primeira mulher de Bill, Audrey. “Tenho muitas saudades dele, e me sinto vazia e sozinha sem sua presença.”²³

Quentin Reynolds morreu em 17 de março de 1965, com a idade não muito avançada de 62 anos. Putzi Hanfstaengl, cujo tamanho parecia torná-lo invulnerável, morreu em 6 de novembro de 1975, em Munique. Tinha 88 anos. Sigrid Schultz, o Dragão de Chicago, morreu em 14 de maio de 1980, aos 87. E Max Delbrück, supostamente com todos os cabelos na cabeça, morreu em março de 1981, sua exuberância finalmente debelada. Tinha 74 anos.

Essa grande devastação foi muito triste e suscitou poderosas perguntas. Em março de 1984, quando Martha tinha 75 anos e Stern, 86, ela perguntou a um amigo: “Onde acha que deveríamos morrer, se nos fosse dado escolher? Aqui ou no exterior? Seria mais fácil se o sobrevivente ficasse aqui com suas penosas lembranças? Ou seria melhor dar o fora e ir sozinho para outro lugar? Ou é melhor ir junto e depois ficar desprovido, e entristecido por sonhos irrealizados e nenhum amigo, ou poucos amigos, num novo ambiente, mas dispondo ainda de uns poucos anos para estabelecer algum tipo de lar no exterior?”²⁴

Quem sobreviveu foi Martha. Stern morreu em 1986. Martha continuou em Praga, muito embora, como escreveu a amigos, em “nenhum outro lugar eu me sinta mais solitária do que aqui”.²⁵

Ela morreu em 1990, com 82 anos, não exatamente uma heroína, mas com certeza uma mulher de princípios que jamais vacilou em sua crença de que agira corretamente ao ajudar os soviéticos contra os nazistas, numa época em que a maior parte do mundo estava pouco propensa a fazer qualquer coisa. Morreu ainda dançando à beira do perigo — estranho pássaro no exílio, prometendo, flertando, recordando —, incapaz, depois de Berlim, de adaptar-se ao papel de *hausfrau* e necessitando, em vez disso, ver-se a si mesma, mais uma vez, como qualquer coisa de grandiosa e fulgurante.

Bassett, o velho e leal Bassett, sobreviveu-lhe seis anos. Abrira mão da magnífica faia acobreada de Larchmont por um apartamento no Upper East Side de Manhattan, onde morreu pacificamente, aos 102 anos.²⁶

CODA

“Conversa à mesa”

Anos depois da guerra, foram encontrados documentos secretos com transcrições de conversas entre Hitler e seus homens, registradas por seu vice, Martin Bormann.¹ Uma das transcrições dizia respeito a uma conversa durante um jantar em outubro de 1941 na Wolfsschanze, Toca do Lobo, a fortaleza de Hitler na Prússia Oriental. O assunto Martha Dodd veio à tona.

Hitler, que uma vez lhe beijara a mão, disse: “E pensar que não havia ninguém em todo esse ministério que pudesse agarrar a filha do ex-embaixador americano, Dodd — e olhe que ela não era difícil de abordar. Era o trabalho deles, e deveria ter sido feito. Em suma, a menina deveria ter sido subjugada (...) Nos velhos tempos, quando queríamos controlar um industrial, nós o atacávamos por intermédio dos filhos. O velho Dodd, que era um imbecil, nós teríamos chegado a ele por intermédio da filha.”

Um dos convivas de Hitler perguntou: “Afim, era bonita?”

Outro rosnou: “Horrenda.”

“Mas é preciso estar acima disso, meus caros”, disse Hitler. “É um dos atributos exigidos. Do contrário, eu pergunto a vocês, por que pagaríamos a nossos diplomatas? Nesse caso, a diplomacia não seria mais um serviço, e sim um prazer. E poderia acabar em casamento!”

FONTES E AGRADECIMENTOS



O clube campestre onde ficava a fazenda de Dodd

O que não percebi ao me aventurar pelos dias sombrios do governo de Hitler foi a quantidade de trevas que se infiltraria em minha alma. Em geral, me orgulho de manter um distanciamento jornalístico, a capacidade de lamentar uma tragédia e ao mesmo tempo apreciar seu poder narrativo, mas o convívio diário e prolongado com os nazistas revelou-se uma experiência difícil. Por algum tempo mantive sobre a mesa um exemplar de *Hitler, 1889-1936: Hubris*, de Ian Kershaw, obra de grande alcance que me serviu como guia da política daquela época. Na capa há uma fotografia de Hitler que se tornou tão repulsiva — com meu pedido de desculpas a Sir Ian — que precisei colocar o livro virado para baixo, pois começar o dia olhando para aqueles olhos injetados de ódio, aquelas bochechas moles e aquele farrapo de esponja de aço que passava por bigode era desanimador demais.

Existe uma vasta coleção de escritos históricos sobre Hitler e a Segunda Guerra Mundial que são leitura obrigatória, por menor que seja o episódio que se pretenda estudar. Todas essas leituras agravaram meu mal-estar espiritual, não por causa do seu volume, mas pelos horrores revelados. É difícil investigar a amplitude e a profundidade da paisagem de guerra criada por Hitler — a deportação de judeus para campos de extermínio mesmo depois que se tornou óbvia para todos a inevitabilidade da derrota da Alemanha; as batalhas de tanques contra forças russas, que custaram dezenas de milhares de vidas em poucos dias; os massacres de represália, pelos quais os nazistas se tornaram notoriamente infames, quando, em alguma tarde ensolarada de domingo numa aldeia da França, uma dezena de homens e mulheres era arrastada de suas casas e lojas, posta diante de um muro e fuzilada. Sem preâmbulo, sem despedidas; só canto de pássaros e sangue.

Certos livros, *Hubris*, de Kershaw, o principal deles, foram excepcionalmente úteis no detalhamento do amplo jogo de forças e de homens nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial. Incluo aqui dois velhos mas ainda valiosos clássicos, *Hitler: A Study in Tyranny* (Hitler: um estudo sobre a tirania), de Alan Bullock, e *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, de William Shirer, assim como as obras mais recentes do *doppelgänger* de Kershaw em matéria de erudição, Richard J. Evans, cujos *O Terceiro Reich no poder: 1933-1939* e *O Terceiro Reich na guerra: 1939-1945* são maciços volumes riquíssimos em detalhes estimulantes, embora aterradores.

Numerosos livros que se concentravam mais estreitamente na minha área particular mostraram-se muito úteis, entre eles *Resisting Hitler: Mildred Harnack and the Red Orchestra* (Resistindo a Hitler: Mildred Harnack e a Orquestra Vermelha), de Shareen Blair Brysac; *The Haunted Wood* (O bosque encantado), dos historiadores da KGB Allen Weinstein e Alexander Vassiliev; e *Spies: The Rise and Fall of the KGB in America* (Espões: ascensão e queda da KGB na América), de Vassiliev, John Earl Haynes e Harvey Klehr.

De valor especial, e óbvio, foram os *Diários do embaixador Dodd*, editados por Martha e Bill Jr., e as memórias de Martha, *Through Embassy Eyes* (Sob o olhar da embaixada). Nenhuma das duas obras é 100% confiável; ambas devem ser tratadas com cuidado e usadas apenas em conjunto com outras fontes comprobatórias. As memórias de Martha, por natureza, são sua própria visão das

pessoas e dos eventos que conheceu e testemunhou, e, como tal, são uma janela indispensável para seus pensamentos e sentimentos, mas contêm omissões interessantes. Em parte alguma, para citar um exemplo, ela se refere, pelo nome, a Mildred Fish Harnack ou a Boris Winogradov, supostamente porque, se o fizesse numa obra publicada em 1939, poria ambos em situação de grave perigo. Entretanto, documentos existentes entre os papéis de Martha na Biblioteca do Congresso revelam, por triangulação, os pontos de suas memórias em que Harnack e Winogradov fazem aparições. Os documentos pessoais incluem relatos minuciosos, e nunca publicados, de suas relações com Boris e Mildred, bem como cartas de ambos. Boris escrevia suas cartas em alemão salpicado de frases em inglês e do ocasional “Querida!”. Para traduzi-las, recorri a uma moradora de Seattle, como eu, Britta Hirsch, que também traduziu bravamente grandes trechos de documentos muito mais aborrecidos, entre eles uma velha nota de venda da casa da Tiergartenstrasse e partes das memórias de Rudolf Diels, *Lucifer Ante Portas*.

No que diz respeito ao diário do embaixador Dodd, ainda há dúvidas sobre se é um diário no sentido convencional ou um compêndio de seus escritos organizado por Martha e Bill. Martha insistia em dizer que eram reais. Robert Dallek, biógrafo de presidentes, discutiu o assunto na biografia de Dodd que escreveu, intitulada *Democrat and Diplomat* (Democrata e diplomata), e contou com a vantagem de receber uma carta de Martha na qual ela descrevia sua gênese. “É absolutamente autêntico”, disse ela a Dallek “Dodd tinha mais de vinte cadernos de tamanho médio e capa preta brilhante, nos quais escrevia todas as noites sempre que possível, em seu estúdio em Berlim antes de deitar-se e noutras ocasiões também.” Esses cadernos, explicou, formavam o núcleo do diário, apesar de ela e o irmão terem acrescentado trechos de discursos, cartas e relatórios que encontraram anexados nas páginas. A versão inicial, escreveu Martha, era um diário de 1.200 páginas, reduzidas por um profissional contratado pela editora. Dallek achava que os diários eram “em geral precisos”.

Tudo o que posso acrescentar à discussão são pequenas descobertas que fiz. Em minhas pesquisas na Biblioteca do Congresso, encontrei um diário encadernado em couro com anotações relativas ao ano de 1932. Isso, no mínimo, comprova a inclinação de Dodd a manter esse tipo de registro. O diário estava na Caixa 58. Em outros documentos de Dodd, deparei com referências indiretas a um diário mais abrangente e confidencial. A mais reveladora dessas referências aparece numa carta da Sra. Dodd para Martha, escrita em 10 de março de 1938, pouco antes de o já aposentado embaixador fazer uma viagem a Nova York. A Sra. Dodd diz a Martha: “Ele está levando partes do seu diário para que você dê uma olhada. Devolva-as depois, porque ele vai precisar. Cuidado com as citações que você vier a fazer.”

Finalmente, depois de ler as memórias de Martha e o romance sobre Udet e seus documentos pessoais, e depois dos milhares de páginas de cartas, telegramas e relatórios do embaixador Dodd, quero fazer uma dessas observações intangíveis que só nos ocorrem após uma longa exposição a determinado tipo de material: o diário de Dodd, tal como foi publicado, *soa* como se tivesse mesmo sido escrito por Dodd, *passa uma sensação* de autenticidade e expressa

sentimentos que estão em perfeita harmonia com o que ele diz em suas cartas a Roosevelt, Hull e outras pessoas.

Descobri que a filial dos Arquivos Nacionais em College Park, Maryland — conhecida como Arquivos Nacionais II —, tem uma incrível coleção de material, 27 caixas ao todo, relativo à embaixada e ao consulado em Berlim, incluindo uma lista de todas as louças e todos os talheres existentes em cada uma dessas repartições e que não deixa fora sequer as tigelinhas para lavar os dedos. A Biblioteca do Congresso, que guarda os documentos de William e Martha Dodd, Cordell Hull e Wilbur J. Carr, mostrou-se, como sempre, uma dádiva do céu para pesquisadores. Na Universidade de Delaware, em Newark, examinei os documentos de George Messersmith, uma das coleções mais lindamente arquivadas que já vi, e tive o prazer de ficar na casa dos grandes amigos Karen Kral e John Sherman, e beber mais do que devia. Em Harvard — que anos antes rejeitara meu pedido para entrar em sua faculdade, certamente um descuido que já quase perdoei —, passei dias deliciosos investigando os documentos de William Phillips e Jay Pierrepont Moffat, ambos ex-alunos. O pessoal da Biblioteca Beinecke de Livros e Manuscritos Raros, da Universidade de Yale, teve a bondade de fazer uma incursão pelos documentos de Thornton Wilder e me fornecer cópias de suas cartas para Martha Dodd. Outros arquivos também foram úteis, especialmente as coleções de história oral da Universidade de Columbia e da Biblioteca Pública de Nova York.

Tenho tendência a desconfiar de recursos oferecidos on-line, mas localizei diversos que me foram extremamente úteis, incluindo uma coleção digitalizada de cartas entre Roosevelt e Dodd, cortesia da Biblioteca Presidencial Franklin Delano Roosevelt, em Hyde Park, Nova York, e os cadernos de Alexander Vassiliev, o ex-agente da KGB, posteriormente acadêmico, que graciosamente os tornou acessíveis ao público pelo site do Cold War International History Project, do Woodrow Wilson Center for Scholars, em Washington, D.C. Quem tiver interesse pode também folhear digitalmente as chamadas Venona Intercepts, comunicações entre o Centro em Moscou e agentes da KGB nos Estados Unidos interceptadas e decodificadas por funcionários dos serviços de inteligência americanos, incluindo missivas relativas a Martha Dodd e Alfred Stern. Outrora um dos mais bem guardados segredos dos Estados Unidos, esse material agora está no site público da Agência de Segurança Nacional e revela não apenas que os Estados Unidos fervilhavam de espões, mas que espionar era uma tarefa torturantemente banal.

Um desafio que encontrei ao fazer pesquisas para este livro foi o de adquirir uma noção de como era o distrito de Tiergarten em Berlim antes da guerra, onde Dodd e Martha passavam quase todo o tempo e que em grande parte foi destruído pelos bombardeiros aliados e pelo ataque final dos russos contra a cidade. Consegui um guia Baedeker de antes da guerra, que se mostrou valiosíssimo como ferramenta para localizar importantes pontos de referência, como o Romanisches Café, na Kurfürstendamm 238, e o Hotel Adlon, na Unter den Linden 1. Li todas as biografias que pude da época, garimpando-as em busca de sinais que me ajudassem a entender como era a vida diária em Berlim, tendo sempre em mente que memórias do período nazista tendem a conter boa dose de

autoinvenção, para que o autor pareça menos cúmplice do surgimento e do domínio do Partido Nazista do que talvez tenha sido. O exemplo mais gritante disso é certamente o livro *Memórias*, de Franz von Papen, publicado em 1953, no qual ele diz que preparou o discurso de Marburg “com grande cuidado”, asserção que ninguém leva a sério. O discurso foi uma surpresa tão grande para ele como para sua plateia.

Os romances de estilo memorialista, como os de Christopher Isherwood, em particular *Os destinos do Sr. Norris* e *Adeus a Berlim*, foram especialmente úteis pelas observações sobre a aparência da cidade e a sensação de nela viver nos anos que precederam a ascensão de Hitler, quando Isherwood era um morador. Dava-me grande prazer visitar de vez em quando o YouTube para pesquisar velhos filmes de Berlim, e encontrei uma boa porção deles, incluindo o filme mudo de 1927 *Berlin: Symphony of a Great City* (Berlim: sinfonia de uma grande cidade), que tentava capturar um dia inteiro na vida da cidade. Fiquei muito feliz de encontrar um filme de propaganda de 1935, *Miracle of Flight* (Milagre do voo), destinado a atrair jovens para a Luftwaffe, no qual Ernst Udet, que foi amante de Martha, aparece como ele mesmo, e até mostra seu apartamento em Berlim, muito parecido com a descrição feita por Martha em suas memórias.

Encontrei na Sociedade Histórica do Estado de Wisconsin um abundante tesouro de materiais relevantes, que transmitiam uma sensação da trama e urdidura da vida na Berlim de Hitler. Ali, num só lugar, deparei com documentos de Sigrid Schultz, Hans V. Kaltenborn e Louis Lochner. A uma curta e adorável caminhada de distância, na biblioteca da Universidade de Wisconsin, achei também uma boa provisão de materiais da única aluna da universidade a ser guilhotinada por ordem de Hitler, Mildred Fish Harnack.

Mais importante, porém, foi minha experiência em Berlim. Resta da cidade o bastante para que se tenha uma ideia da disposição geral das coisas. Curiosamente, os edifícios do Ministério da Aeronáutica de Göring sobreviveram à guerra em grande parte intactos, como os do quartel-general do Exército, o Bendlerblock. O que me pareceu mais extraordinário foi ver como tudo era perto da casa de Dodd, todos os prédios importantes do governo a uma pequena caminhada de distância, incluindo a sede da Gestapo e a chancelaria de Hitler, que já não existem. No lugar onde ficava a casa de Dodd, na Tiergartenstrasse 27a, hoje existe um terreno baldio, com muito mato e cercado por grades de ferro. O Bendlerblock é visível ao fundo.

Agradeço especialmente a Gianna Sommi Panofsky e a seu marido, Hans, filho de Alfred Panofsky, o senhorio de Dodd em Berlim. O casal fixou-se em Evanston, Illinois; Hans lecionava na Northwestern University. A Sra. Panofsky ofereceu-me, graciosamente, a planta original dos andares da casa da Tiergartenstrasse (que um estudante de pós-graduação em jornalismo, Ashley Keyser, copiou cuidadosamente para mim). Era um prazer conversar com a Sra. Panofsky. Infelizmente, ela morreu no começo de 2010, de câncer de cólon.

Acima de tudo, agradeço a meus fiéis primeiros leitores Carrie Dolan e seu marido, Ryan Russell; minhas filhas, Kristen, Lauren e Erin; e, como sempre, a minha mulher e arma secreta, Christine Gleason, cujas notas marginais — a que não faltaram sequer caras de choro e linhas de *~~~~~* — mais uma vez se

mostraram indispensáveis. Agradeço a minhas filhas também por suas críticas cada vez mais astutas à minha maneira de vestir. Tenho uma grande dívida com Betty Prashker, minha editora de quase duas décadas, e com John Glusman, cuja mão habilidosa guiou este livro rumo à sua publicação. Agradeço também a Domenica Alioto, por ter assumido tarefas que não deveria ter assumido, e a Jacob Bronstein, que com grande habilidade transita pelas fronteiras da web e do mundo. Um extra hurra para Penny Simon, por sua amizade e perícia em induzir-me a fazer coisas que não quero fazer; para Tina Constable, por sua confiança; e para David Black, meu agente de longa data, consultor de vinhos e grande amigo. Finalmente, um abraço demorado, muito demorado, em Molly, nossa doce e adorável cadela, que sucumbiu a um câncer de fígado aos dez anos de idade, quando meu trabalho neste livro estava perto do fim. Em suas últimas semanas, porém, ela conseguiu caçar um coelho, algo que vinha tentando fazer havia anos. Sentimos sua falta todos os dias.

* * *

QUANDO EU ESTAVA EM Berlim aconteceu algo estranho, um desses peculiares breves momentos em que espaço e tempo coincidem e que sempre parecem ocorrer quando estou profundamente mergulhado na pesquisa de um livro. Fiquei hospedado no Ritz-Carlton, perto do Tiergarten, não por ser um Ritz, mas por ser um Ritz estalando de novo, que oferecia quartos a preços irresistivelmente baixos. O fato de ser fevereiro também ajudou. Na primeira manhã, abalado demais pela mudança de fuso horário para qualquer empreendimento muito ambicioso, resolvi dar uma caminhada e fui ao Tiergarten, com a vaga ideia de andar até encontrar o endereço de Dodd, a não ser que morresse congelado. Era uma manhã gélida, borrascosa, com manchas de neve que, de vez em quando, caíam em ângulos oblíquos. Durante a caminhada, deparei com um fragmento de preservação arquitetônica particularmente interessante — um grande pedaço da fachada de um prédio furado de balas atrás de uma gigantesca parede de vidro. Um deque que lembrava uma ponte estendia-se no alto da fachada e apoiava diversos andares de modernos apartamentos de luxo. Por pura curiosidade, aproximei-me de uma placa que identificava a fachada. Pertencera ao Hotel Esplanade, onde os Dodd ficaram hospedados quando chegaram a Berlim. Havia também, atrás do vidro, uma parede interna da sala do café da manhã, devolvida à sua condição original. Era estranho ver aqueles artefatos arquitetônicos atrás de vidros, como peixes gigantes imobilizados, mas era também revelador. Por um instante pude ver Dodd e Martha saindo para começar o dia, Dodd em direção norte, a passo rápido rumo ao Tiergarten para sua caminhada até os escritórios da embaixada na Bendorferstrasse, Martha quase correndo em direção sul para um encontro com Rudolf Diels na velha escola de arte da Prinz-Albrecht-Strasse, antes de almoçarem sossegadamente num lugar discreto.

As notas a seguir não pretendem, de forma nenhuma, ser exaustivas. Tive o

cuidado de dar o devido crédito ao material citado de outras obras e de anotar fatos e observações que, por uma razão ou por outra, exigem uma identificação de autoria, como a revelação de Ian Kershaw — *Hubris*, página 485 — de que um dos filmes favoritos de Hitler era *King Kong*. Como sempre, para aqueles que gostam de ler notas de rodapé — e vocês são muitos — incluí pequenas histórias e fatos que não cabiam na narrativa principal, mas que me pareceram interessantes e estimulantes demais para ficar de fora. Perdoem-me a fraqueza.

NOTAS

O homem por trás da cortina

1. Para detalhes do caso Schachno, ver *Conversation with Goering*, memórias inéditas, 5-6; e Messersmith para Hull, 11 de julho de 1933 e 18 de julho de 1933, tudo no Arquivo Messersmith. Ver também relatos cumulativos sobre ataques contra americanos em Phillips para Roosevelt, 23 de agosto de 1933, pasta nº 362.1113/4 1/2, State/Decimal.
2. Messersmith, *Conversation with Goering*, memórias inéditas, 6, Arquivo Messersmith.
3. Messersmith para Hull, 11 de julho de 1933, Arquivo Messersmith.
4. Messersmith para Phillips, 26 de junho de 1933, Arquivo Messersmith.
5. Dia da Posse em 1933: a Vigésima Emenda, aprovada em 1933, transferiu a data da posse de 4 de março para a data agora familiar de 20 de janeiro, para reduzir o tempo de “pato manco” do presidente que sai.
6. Para mais detalhes do que se precisa saber sobre o envio do carro de Dodd, ver Howard Fyfe para Harry A. Havens, 8 de julho de 1933; Herbert C. Hengstler para Dodd, 10 de julho de 1933; e Paul T. Culbertson para Dodd, 19 de junho de 1933, tudo na Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

PARTE I: MATO ADENTRO

Capítulo 1: Meio de fuga

1. Dodd, *Diário*, 3.
2. “Implementos Agrícolas” e registros, Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.
3. William E. Dodd para Martha Dodd, 15 de outubro de 1926, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.
4. Dodd para Westmoreland Davis, 22 de junho de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.
5. Dodd para Lester S. Ries, 31 de outubro de 1932, Caixa 39, Documentos de W. E. Dodd.
6. Dodd para Charles E. Merriam, 27 de agosto de 1932, Caixa 39, Documentos de W. E. Dodd.
7. Bailey, 6.
8. Dallek, 6.
9. *Ibid.*, 9.
10. “Brief Note”, 6, Caixa 58, Documentos de W. E. Dodd.
11. *Ibid.*, 7.
12. Bailey, 35-36; Dallek, 31-32.
13. Dallek, 70; Dodd para a Sra. Dodd, 26 de março de 1930, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

Nessa carta para a mulher, redigida numa bela noite na fazenda, Dodd escreveu: “Estou sentado à mesa da sala de jantar, com roupas de trabalho, o velho suéter e chinelas — uma grande acha de carvalho no fogo e um acamado de brasas de uns sete centímetros de espessura, tudo cercado de cinzas brancas. Os velhos trasfogueiros (“cães de chaminé”, na linguagem da minha meninice)

inclinam suas sólidas pontas negras, em satisfeita contemplação de seu próprio e eficiente serviço — a velha lareira de tijolos vermelhos tão digna como George Washington e o século XVIII, quando os homens dispunham de tempo para serem dignos.”

14. Bailey, 97-99; Dallek, 88-89.

15. Dodd para William Dodd Jr., 9 de dezembro de 1932, Caixa 39, Documentos de W. E. Dodd.

16. Ibid.

17. Dodd para a Sra. Dodd, 25 de março de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

18. Messersmith, *Cordell Hull and My Personal Relationship with Him* (Cordell Hull e meu relacionamento pessoal com ele), 7, memórias inéditas, Arquivo Messersmith.

Escreve Messersmith: “Quando ouvi esses palavrões vindos de um homem de aparência tão piedosa e que, em muitos sentidos, era um santo, quase caí para trás de susto.” Ver também Graebner, 193; Weil, 76-77, 87; e, é claro, as próprias *Memórias* de Hull.

Um dos memoráveis aforismos de Hull, referente a Hitler e seus aliados quando a guerra se avizinhava, dizia: “Quando entrar numa disputa de mijo com um gambá, não deixe de levar muita urina de reserva.” Weil, 77.

19. Dodd, diário de bolso, 2 de março de 1933, Caixa 58, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 2: Aquela vaga em Berlim

1. Noakes e Pridham, 180; Rürup, 84-86; Wheaton, 428; Ladd, 123; Evans, *Power* (Poder), 11; Stackelberg e Winkle, 132; Wise, *Servant* (Criado), 177.

2. Roosevelt, *Personal Letters* (Cartas pessoais), 337-38.

3. Ibid, 338.

4. Dallek, 187-89; Flynn, 148.

5. Warburg, 124.

6. *The New York Times*, 8 de junho de 1933.

7. Dallek, 187.

8. Ibid., 189.

9. Herzstein, 77.

10. Roper, 335.

11. Dodd, *Diary*, 3.

12. Ibid., 3.

13. Sra. Dodd para William Dodd Jr., 19 de abril de 1933, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.

14. Dodd para a Sra. Dodd, 25 de março de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

15. Messersmith, *Cordell Hull and My Personal Relationship with Him*, 17, memórias inéditas, Documentos de Messersmith.

Escreveu Messersmith: “Como secretário de Estado ele deveria ter tido voz realmente decisiva para determinar quem ocuparia o cargo principal e também

o secundário de chefe de missão.” Em vez disso, escreveu Messersmith, Hull abriu mão e deu livre trânsito a Roosevelt. “Alguns de nós sempre acharam que algumas das mais equivocadas nomeações feitas quando o Sr. Hull era secretário teriam sido evitadas se o Sr. Hull interviesse diretamente.”

16. Hull, *Memoirs*, 182.

17. Flynn, 148. Ver também Martha Dodd para Flynn, 17 de outubro de 1947; *New York Times*, 2 de novembro de 1947; e *New York Herald Tribune*, 9 de novembro de 1947, tudo na Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.

18. Dodd para Martha, 16 de dezembro de 1928, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

Capítulo 3: A escolha

1. Dodd para a Sra. Dodd, 20 de abril de 1933, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

2. Dodd para a Sra. Dodd e Martha Dodd, 13 de abril de 1933, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

3. “Álbum do Bebê”, 1908-c. 1916, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.

4. *Chicago Daily Tribune*, 25 de abril de 1930.

5. W. L. River para Martha Dodd, c. 1927, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

6. James Burnham para Martha Dodd, sem data, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd.

7. *Cincinnati Times-Star*, sem data, mas provavelmente 13 de janeiro de 1932, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

8. Martha para Bassett, 19 de fevereiro de 1976, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

9. Bassett para Martha, 19 de setembro de 1931, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

Adoro essas cartas, em grande parte porque estão impregnadas de prosa no estilo do ator Jimmy Stewart. Nessa carta, Bassett usa a saudação “*honeybuncha mia*”. A primeira frase diz: “Recebi de você a carta de amor mais bacana hoje de manhã.” E eu, pessoalmente, tive o momento mais bacana lendo todas essas cartas. Para citar mais uma vez Bassett: “Sim, pode apostar.”

10. Martha para Bassett, 1º de novembro (“mais ou menos”, escreve ela), 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

11. Bassett para Martha, 21 de fevereiro de 1932, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

A essa altura, as coisas tornavam-se um pouco tensas. Bassett começa essa carta com o mais sóbrio “queridíssima Martha”. Os dias de “*honeybuncha mia*” já tinham ficado para trás.

Três dias depois (Bassett para Martha, 24 de fevereiro de 1932) ele voltou a tentar: “Certamente você não se sente obrigada a ir em frente e casar-se com alguém que não ama só por causa de uma promessa equivocada, quando nós dois sabemos como estamos profunda e irrevogavelmente ligados um ao outro.”

Abriu essa carta com a saudação “Mais querida das mulheres”. Como

endereço para devolução ele escreveu: “O Banco”.

Honestamente, nós, homens, às vezes somos muito sutis.

12. Martha para Bassett, 19 de fevereiro de 1976, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

13. Ibid.

14. Ibid.

15. Martha para Bassett, 1º de novembro de 1976, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

16. Ibid.

17. Ibid.

18. Carl Sandburg para Martha, sem data, Caixa 63, Documentos de W. E. Dodd.

19. Martha para Bassett, 1º de novembro de 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd. A saudação nessa carta: “Minha querida Ex.”

20. Martha para Bassett, 19 de fevereiro de 1976, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

21. Ibid.

Capítulo 4: Temor

1. Dodd, *Diary*, 4-5.

2. Ibid, 5.

3. Breitman e Kraut, 18, 92; Wise, *Servant*, 180; Chernow, 388; Urofsky, 271.

4. Urofsky, 256; Wise, *Challenging Years*, 238-39; Wise, *Servant*, 226.

5. Wise, *Personal Letters*, 221.

6. Chernow, 372-73; Leo Wormser para Dodd, 30 de outubro de 1933, Caixa 43, Documentos de W. E. Dodd.

7. Chernow, 373.

8. Citado em Breitman e Kraut, 227.

9. Ibid, 230.

10. Ibid, 12-15.

11. Phillips, Diário, 20 de abril de 1935.

12. Phillips, Diário, 10 de agosto de 1936; Breitman e Kraut, 36-37.

Breitman e Kraut são bem diretos em sua descrição de Phillips. Escrevem, na página 36: “Phillips odiava judeus.”

13. Gellman, 37.

14. Breitman e Kraut, 32.

15. Gellman, 37.

16. Carr, Diário, 22 de fevereiro de 1934, Documentos de Carr.

17. Ibid., 23 de fevereiro de 1934.

18. Breitman e Kraut, 36.

19. Wilbur Carr fornece uma discussão fria e detalhada da “cláusula LPC” e de outras regras de imigração em seu memorando “The Problem of Aliens Seeking Relief from Persecution in Germany” (O problema dos estrangeiros que buscam refúgio contra a perseguição na Alemanha), de 20 de abril de 1933, Documentos de Carr.

20. Wolff, 89.

21. Breitman e Kraut, 15.

22. Proskauer para Phillips, 18 de julho de 1933, volume 17, p. 35, *Archives of the Holocaust* (Arquivo do Holocausto).

23. Phillips para Proskauer, 5 de agosto de 1933, volume 17, p. 40, *Archives of the Holocaust*.

A troca de cartas entre Phillips e Proskauer, páginas 32-46, é leitura estimulante, tanto pelo que é dito como pelo que não é dito. De um lado, apresentando estatísticas e prosa desapaixonada, está Phillips, que, como vimos, não gostava de judeus. De outro, Proskauer, um juiz, cuja prosa cuidadosa parece claramente mascarar um grito de angústia.

24. Dippel, 114; Proskauer para Phillips, 18 de julho de 1933, volume 17, p. 36, *Archives of the Holocaust*.

Proskauer diz a Phillips: “O fato conhecido de que apenas um número desprezível de vistos da cota dos Estados Unidos foi emitido nos últimos anos, e, segundo se acredita, provavelmente será emitido, a não ser para aqueles que são parentes de cidadãos americanos, impede que pedidos sejam apresentados por judeus alemães, por acreditar-se de antemão que é inútil (...).”

25. Breitman e Kraut, 14.

26. Dodd, *Diary*, 5.

27. Ibid.

28. Ibid.

29. Dallek, 191; Stiller, 33, 36-37; Kershaw, *Hubris*, 473-74.

30. Stiller, 5.

Jay Pierrepont Moffat, chefe de assuntos da Europa Ocidental, deixou a seguinte anotação em seu diário para os dias 6 e 7 de outubro de 1934: “Sábado à tarde, estando frio e chuvoso, sentei-me em casa para ler as últimas cartas pessoais de Messersmith (não parece trabalho de uma tarde inteira, mas me tomou quase duas horas) (...)”

31. Messersmith para Hull, 12 de maio de 1933, Documentos de Messersmith.

32. Ibid., 15. Ver também Messersmith para Hull, 19 de junho de 1933, Arquivo Messersmith.

Em seu despacho de 19 de junho, Messersmith escreveu: “Os líderes principais, sob a influência moderadora da responsabilidade, tornaram-se decididamente mais comedidos em quase todas as suas opiniões e têm, de muitas maneiras, tentado traduzir essa moderação em atos.”

33. Messersmith para Phillips, 26 de junho de 1933, Documentos de Messersmith.

34. Diário, 15 de junho de 1933, Documentos de Carr.

35. Weil, 41.

36. Moffat, Diário, 15 de junho de 1933.

37. Phillips, “Reminiscences”, 3, 50, 65, 66, 99; Phillips, *Ventures*, 4, 5, 183.

Em “Reminiscences” (Reminiscências), a transcrição de uma entrevista oral, Phillips declara (nas páginas 2-3): “A Boston em que cresci era limitada a amigos que viviam no Hill e no distrito de Back Bay. A comunidade girava em torno de si mesma — vivíamos cercados por primos, tios e tias e não havia incentivo para discutir assuntos nacionais ou internacionais (...) Devo dizer que era um lugar

muito agradável para se crescer, mas era uma vida muito fácil e tolerante. Não víamos sinais de pobreza (...) Éramos, a rigor, uma ilha de bem-estar (...)”

38. Weil, 47.

39. Dodd para John D. Dodd, 12 de junho de 1933, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

40. John D. Dodd para Dodd, 15 de junho de 1933, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.

41. Dodd, *Diary*, 8.

42. Dallek, 194; Floyd Blair para Jay Pierrepont Moffat, 28 de junho de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

43. George Gordon Battle para Dodd, 1º de julho de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd. Ver também telegrama, Battle para Dodd, 1º de julho de 1933, Caixa 40.

44. Dodd, *Diary*, 9.

45. Ibid.

46. Chernow, 374-75, 388.

47. Dodd, *Diary*, 9.

48. Ibid., 10.

49. Ibid., 10.

50. Crane para Dodd, 14 de junho de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

51. Dodd para Crane, 16 de setembro de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

52. Dodd, *Diary*, 11.

53. Ibid., 11.

54. Ibid., 7.

55. Dodd, *Embassy Eyes*, 17.

Capítulo 5: Primeira noite

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 17-18.

2. Ibid., 10.

3. Ibid., 5.

4. Ibid., 5.

5. Breitman e Kraut, 88.

6. Anti-Defamation League, 2009, ADL.org.

7. Vanden Heuvel, 225.

8. Sandburg, Caixa 63, Documentos de W. E. Dodd.

9. Ibid.

10. Dodd, *Embassy Eyes*, 16-17.

11. Wilder para Martha, sem data, Caixa 63, Documentos de W. E. Dodd.

Numa carta, datada de 15 de setembro de 1933, Wilder escreveu: “Posso ver os passeios de avião” — aparente referência à corte feita nos céus por Ernst Udet, aviador na Primeira Guerra Mundial e aventureiro dos ares — “e chás dançantes e os astros de cinema; e os vigorosos passeios (em breve outonais) no mais outonal dos grandes parques. Mas não consigo ver como é você quando está

sozinha — ou sozinha com a família ou sozinha com a máquina de escrever. Suas cartas são tão vivas que ensurdecem os olhos da minha imaginação para toda esta outra.”

Ele iniciava as cartas para ela de forma variada, com “Querida Martha”, “Querida linda”, “Querida Martha-la-Belle”.

“Somos uns casmurros”, escreveu ele em abril de 1935, “nós dois, ridículos e exasperantes casmurros, e fadados a sermos amigos.”

12. Brysac, 142.

13. Wise, *Servant*, 191-92.

14. Ibid.

15. Ibid.

16. Dodd, *Diary*, 241.

17. Dodd, *Embassy Eyes*, 12.

18. Bailey, 150.

19. Dodd, *Embassy Eyes*, 20.

20. Ibid., 20; Dodd, *Diary*, 12.

21. Dodd, *Embassy Eyes*, 20-21.

22. Messersmith, “Some Observations on the Appointment of Dr. William Dodd, as Ambassador to Berlin”, (Algumas observações sobre a designação do Dr. William Dodd como embaixador em Berlim) memórias inéditas, 8, Documentos de Messersmith.

23. Dodd, *Embassy Eyes*, 20.

24. Ibid., 21.

25. Ibid., 21.

26. Breitman e Kraut, 40.

27. Messersmith, “Some Observations on the Appointment of Dr. William Dodd, as Ambassador to Berlin”, memórias inéditas, 3, Documentos de Messersmith.

28. Fromm, 121.

29. Ibid., 120.

30. Brysac, 141.

31. Ibid.

32. Memórias inéditas, 3, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.

33. Eu devia fazer notas de rodapé para todas as pepitas deste parágrafo um bocado longo, mas, francamente, o esforço seria muito tedioso, e de valor limitado. Por isso permitam-me indicar aos leitores algumas fontes que me transmitiram uma viva noção da velha Berlim: Ladd, *The Ghosts of Berlin* (Os fantasmas de Berlim); Friedrich, *Before the Deluge* (Antes do dilúvio); Richie, *Faust's Metropolis* (Metrópole de Fausto); Gill, *A Dance Between Flames* (Dança entre chamas). Para uma espiada rápida na vida noturna de Berlim, ver Gordon, *Voluptuous Panic* (Pânico voluptuoso). A quem quiser saber mais sobre Berlim, recomendo que visite o YouTube e procure “Symphony of a Great City”. É uma delícia.

34. Kaes et al., 560-62.

35. Dodd, *Embassy Eyes*, 22.

36. Ibid., 22.

37. Kreuder, 26.

A “história cultural” do Hotel Esplanade, de autoria de Kreuder, inclui numerosas fotografias antes e imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, e em sua atual encarnação como artefato isolado atrás de uma parede de vidro. Para mais informações, leia o ensaio sobre fontes (pp. 367-75).

38. Dodd, *Embassy Eyes*, 22; para números específicos dos quartos, ver carta, Hotel Esplanade para George Gordon, 6 de julho de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

39. Dodd, *Embassy Eyes*, 22.

40. Messersmith, “Some Observations on the Appointment of Dr. William Dodd, as Ambassador to Berlin”, memórias inéditas, 2, Documentos de Messersmith.

41. Dodd, *Embassy Eyes*, 22-23.

42. *Ibid.*, 23-24.

43. Kaes et al., 425.

44. Dodd, *Embassy Eyes*, 23.

45. *Ibid.*, 24.

PARTE II: PROCURANDO UMA CASA NO TERCEIRO REICH

Capítulo 6: Sedução

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 24.

2. Schultz, “Dragon”, 113.

3. Stackelberg e Winkle, 145.

A respeito de campos “selvagens”, KZs e coisas do gênero, ver Krausnick et al., 400, 410, 419; Richie, 412; Fritzsche, 43; Fest, 115-16; Kershaw, *Hubris*, 462, 464; Deschner, 79. Em 31 de julho de 1933, havia 26.789 pessoas sob custódia protetora, de acordo com Krausnick et al., 410.

4. Dodd, *Embassy Eyes*, 24.

5. De Jonge, 140.

6. Dodd, *Embassy Eyes*, 24.

7. *Ibid.*, 24.

8. *Ibid.*, 25.

9. Jelavich, 31.

10. Grunberger, 371; De Jonge, 161; para mais sobre Finck, ver Jelavich, 236-41, 248.

11. Isherwood, *Berlin Stories*, 207.

Nunca é demais reafirmar que a aparente normalidade na Alemanha dessa época era profundamente sedutora para estrangeiros. Angela Schwarz, em seu artigo “British Visitors to National Socialist Germany” (Visitantes britânicos na Alemanha nacional socialista), escreve que “um número considerável de viajantes britânicos concluiu, depois de um passeio pelo Terceiro Reich, talvez até organizado pelas autoridades, que na Alemanha tudo era tão tranquilo e pacífico quanto possível”. Schwarz, 497.

12. Orlow, 29; Bullock, 149; Kershaw, *Hubris*, 479; Hughes e Mann, 81; Gill, 238.

Engelmann, 36, propõe uma tradução ligeiramente diferente: “fazer entrar na linha”. Orlow, em *History of the Nazi Party* (História do Partido Nazista), nota que a tradução literal é “alternar igual”, termo de física que “originariamente

denotava a coordenação de diferentes tipos de corrente elétrica”. Orlow, 29.

13. Kershaw, *Hubris*, 481; Gisevius, 96; Gellately, *Gestapo*, 11, 137.

14. Gellately, *Gestapo*, 97.

15. Crankshaw, 15.

16. Citado em Gellately, *Gestapo*, 146.

17. Gellately, *Gestapo*, 137-38.

18. *Ibid.*, 139.

A Gestapo não tinha nada de engraçado, mas isso não impedia que os berlinenses discretamente — muito discretamente — fizessem e trocassem piadas sobre a agência. Como esta: “No cruzamento da fronteira belga, números enormes de coelhos aparecem um dia e declaram que são refugiados políticos. ‘A Gestapo quer prender todas as girafas como inimigas do Estado’ — ‘Mas vocês não são girafas!’ — ‘Sabemos disso, mas tente explicar à Gestapo!’” Evans, *Power*, 106.

19. Dippel. xviii; Gill, 238.

Kershaw, em *Popular Opinion and Political Dissent* (Opinião popular e dissensão política), apresenta estatísticas que mostram que 70,9% dos judeus da Alemanha viviam em cidades com mais de cem mil habitantes. Na Baviera, a percentagem era de 49,5%. “Uma implicação disso é óbvia”, escreve ele: “a população de grandes regiões da Baviera não tinha contato nenhum com judeus, ou tinha contato mínimo. Para a grande maioria, portanto, a Questão Judaica não podia ter um significado mais do que abstrato.” Kershaw, *Popular Opinion*, 226-27.

20. Dippel, 114.

21. Zuckmayer, 320.

22. Dippel, 153.

23. Messersmith para Hull, 8 de agosto de 1933, Arquivo Messersmith.

24. *Ibid.*, 4.

25. Martha para Thornton Wilder, 25 de setembro de 1933, Documentos de Wilder.

26. George Bassett Roberts para Martha, 22 de outubro de 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

27. *Ibid.*

28. Bassett para Martha, sem data, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

29. Bassett para Martha, 22 de outubro de 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

30. Conradi, 22.

Capítulo 7: Conflito oculto

1. Dodd para R. Walton Moore, 22 de março de 1936, 124.621/338, State/Decimal.

2. Phillips para Dodd, 31 de julho de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

3. Martha para Thornton Wilder, 25 de setembro de 1933, Documentos de Wilder.

4. Dodd, *Diary*, 16.

5. Ibid., 13.
6. Friedlander, 496.
7. Dodd para Hull, 17 de julho de 1933, 124.626/95, State/Decimal.
8. Por exemplo, Messersmith para Hull, 15 de julho de 1933, 125.1956/221, State/Decimal.
9. Dodd, Memorando, 1933, Caixa 40 (1933-C), Documentos de W. E. Dodd.
10. *The New York Times*, 1º de julho de 1933.
11. Para um resumo do conflito entre Hitler e Röhm, ver Evans, *Poder*, 20-26; Kershaw, *Hubris*, 505-7; e Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 307-11.
12. A orientação sexual de Röhm foi exposta quando suas cartas para um médico pesquisador vieram a público. Numa carta, ele escreveu: “Não faço segredo das minhas inclinações”, e admitiu que o Partido Nazista precisara “acostumar-se a esta criminoso peculiaridade minha”. Outra declaração: “Hoje todas as mulheres me são repulsivas, particularmente as que me perseguem com seu amor.” Hancock, 625-29.
13. Dodd para Newton Baker, 12 de agosto de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.
14. Ibid.
15. Dodd, *Embassy Eyes*, 247.
16. Heineman, 66.
17. Ibid., 82.
18. Dodd, *Diary*, 13.
19. Dodd para Newton Baker, 12 de agosto de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.
20. Messersmith para Hull, 9 de agosto de 1933, Arquivo Messersmith.
21. Ibid., 4.
22. Messersmith para Hull, 26 de julho de 1933, Arquivo Messersmith.
23. Messersmith, “Attack on Kaltenborn” (Agressão a Kaltenborn), memórias inéditas, Documentos de Messersmith.
24. Ibid.
25. Messersmith para Hull, 26 de setembro de 1933, p. 1., Arquivo Messersmith.
26. Ibid., 3.
27. Ibid., 3.
28. Ibid., 7-8.
29. Ibid., 15.

Capítulo 8: Encontro com Putzi

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 100.
2. Isherwood, *Berlin Stories*, 204.
3. Shirer, *Berlin Diary*, 34.
4. Fiquei impressionado, no correr da minha pesquisa, com o cuidado que meus protagonistas tiveram de guardar os cartões de visita que receberam em Berlim. Os cartões de Martha — um monte — podem ser encontrados na Caixa 1, pasta 2, de seus documentos na Biblioteca do Congresso. Armand Berard, o futuro amante de quem muito abusaria, escreveu num dos cartões: “Liguei para você à

toa/e vim aqui para nada.” Uma boa amiga de Martha, Elmina Rangabe, escreveu, cripticamente: “Calma, minha alma, calma; as armas que tu levas são frágeis”, *A Shropshire Lad*, de A. E. Housman. Ela riscou Rangabe para indicar intimidade.

5. Ibid.

6. Dodd, *Embassy Eyes*, 25.

7. Ibid., 25.

8. Dalley, 156.

9. Messersmith, “Dr. Hanfstaengl”, memórias inéditas, 1, Documentos de Messersmith.

10. Messersmith para Jay Pierrepont Moffat, 13 de junho de 1934, Documentos de Messersmith.

11. Reynolds, 107.

12. Ibid., 207.

13. Hanfstaengl, 27, 32; Conradi, 20.

14. Conradi, 21.

15. Ibid., 46.

Egon Hanfstaengl disse ao *Sunday Telegraph* de Londres (27 de fevereiro de 2005) que Hitler era um excelente parceiro de brincadeiras. “Eu o amava. Era o companheiro de brincadeiras mais imaginativo que uma criança poderia desejar. Minha brincadeira preferida com ele era de trem. Ele ficava de quatro e fazia de conta que era um túnel ou um viaduto. Eu era uma locomotiva a vapor que passava nos trilhos por baixo dele. Ele fazia todos os barulhos de um trem a vapor.”

16. Dodd, *Embassy Eyes*, 26.

17. Fromm, 90.

18. Dodd, *Embassy Eyes*, 25-26.

19. Ibid., 26.

20. Hanfstaengl, 214.

21. Conradi, 121.

22. Hanfstaengl, 214.

Capítulo 9: Morte é morte

1. Mowrer, *Triumph*, 218.

2. Ibid., 219.

3. Dodd, *Embassy Eyes*, 39.

4. Mowrer, *Triumph*, 224.

5. Dodd, *Diary*, 24.

6. Messersmith, “Some Observations on my Relations with the Press” (Algumas observações sobre minhas relações com a imprensa), memórias inéditas, 20, Documentos de Messersmith.

7. Mowrer, *Triumph*, 225-26.

8. Messersmith, “Some Observations on my Relations with the Press”, memórias inéditas, 21, Documentos de Messersmith.

9. Mowrer, *Journalist's Wife*, 308.

10. Dodd, *Embassy Eyes*, 39.
11. Dodd, *Diary*, 17.
12. Ver “Fritz Haber”, JewishVirtualLibrary.org.
13. Stern, 121. Ver também “Fritz Haber”, NobelPrize.org.
14. *Ibid.*, 53.
15. Memorando, 14 de setembro de 1933, Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.
16. Dodd, *Diary*, 17.
17. *Ibid.*, 17.
18. Dodd para Isador Lubin, 5 de agosto de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.
19. D. W. MacCormack para Isador Lublin, 23 de agosto de 1935, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.
20. Goran, 169, 171.
21. Stern, 135.
22. Stephen S. Wise para Dodd, 28 de julho de 1933, Caixa 43, Documentos de W. E. Dodd.
23. Wise, *Personal Letters*, 223.
24. Dodd para Stephen S. Wise, 1º de agosto de 1933, Caixa 43, Documentos de W. E. Dodd.
25. Wise, *Personal Letters*, 224.
26. Wise, *Challenging Years*, 254.
27. Messersmith para Hull, 24 de agosto de 1933, Documentos de Messersmith.
28. Dodd para Roosevelt, 12 de agosto de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 10: Tiergartenstrasse 27a

1. Dodd para William Phillips, 13 de novembro de 1933, Caixa 42.
2. Dodd para Sam D. McReynolds, 2 de janeiro de 1934, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
3. Dodd, *Embassy Eyes*, 32.
4. Dodd para Roosevelt, 12 de agosto de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
5. Durante minha pesquisa, tive o prazer de entrevistar Gianna Sommi Panofsky, nora do senhorio dos Dodd, que me forneceu a planta detalhada da casa e fotocópias de várias fotografias do lado de fora. Infelizmente, ela morreu antes da conclusão deste livro.
6. Dodd, *Embassy Eyes*, 33-34.
7. *Ibid.*, 34.
8. Dodd para a Sra. Alfred Panofsky, carta sem data, fornecida por Gianna Sommi Panofsky.
9. Fromm, 215.
10. Ferdinand, 253.
11. *Ibid.*, 253.
12. *Ibid.*, 253.
13. Martha para Thornton Wilder, 25 de setembro de 1933, Documentos de

Wilder.

14. Dodd, *Embassy Eyes*, 147.

15. Carl Sandburg para Martha, sem data, Caixa 63, Documentos de W. E. Dodd.

16. Dodd, *Diary*, 22-23; Dodd, *Embassy Eyes*, 27; Reynolds, 118.

PARTE III: LÚCIFER NO JARDIM

Capítulo II: Seres estranhos

1. Messersmith para Hull, 19 de agosto de 1933, Documentos de Messersmith.

2. Messersmith para Hull, 25 de agosto de 1933, Documentos de Messersmith.

3. Dodd, *Diary*, 26-27.

4. Dodd, *Embassy Eyes*, 28.

Detalhes do episódio descrito nessa página e nas seguintes podem ser encontrados, basicamente, nas memórias de Martha, páginas 27-32, e nas memórias de Quentin Reynolds, páginas 118-21.

O relato de Martha difere um pouco daquele de Reynolds. Ela afirma que Reynolds concordou em escrever a história ao voltar a Berlim, em vez de telegrafar diretamente de Nuremberg, e que nem ela nem Bill seriam mencionados. Reynolds, num texto biográfico posterior, informou que omitiu referências aos Dodd, mas escreveu a história enquanto ainda estava em Nuremberg, enviando-a pelo correio e não por telegrama. Dodd, *Embassy Eyes*, 29; Reynolds, 120.

5. Kershaw, *Hubris*, 179.

6. Um dos problemas do servilismo nazista diante da perfeição ariana era que nenhum dos líderes mais importantes do regime se encaixava no modelo do homem alto, louro, de olhos azuis. Hitler, quando não vociferava, parecia um tipo bem prosaico, um gerente de nível médio, de meia-idade, com um estranho bigode que lembrava o comediante Charlie Chaplin. Göring estava sempre imensamente acima do peso, cada vez mais propenso a demonstrações de idiosincrasias narcisistas, como pintar as unhas e trocar de uniforme várias vezes por dia. Himmler parecia mesmo um profissional da área em que atuara antes de ser ungido por Hitler: criador de galinhas.

A aparência de Goebbels representava o maior desafio. Era uma figura encolhida com um pé aleijado que tinha espantosa semelhança com as caricaturas grotescamente distorcidas que costumavam aparecer na literatura nazista do ódio. Circulavam de forma discreta em Berlim versinhos do tipo: “Meu Deus, faze-me cego e profano/ Para que eu veja em Goebbels um ariano.” Gallo, 29.

7. Martha para Thornton Wilder, 14 de dezembro de 1933, Documentos de Wilder.

Muita gente tinha opiniões semelhantes, pelo menos no começo. Impressionaram-me, em particular, as observações de Marsden Hartley, pintor americano que vivia em Berlim e que, em 28 de dezembro de 1933, escreveu: “É de tirar o fôlego realmente ver os jovens aqui todos marchando, e marchando, é claro, como de hábito. Tem-se a impressão de que a Alemanha está sempre marchando — mas, oh, que saúde, que vigor, que correção física

eles têm.” Hartley, 11.

8. Dodd, *Diary*, 26.

9. Ibid., 25.

Capítulo 12: Brutus

1. Dodd, *Diary*, 30-31.

2. Essa citação e outros detalhes do episódio Kaltenborn vêm de Messersmith, “Attack on Kaltenborn”, memórias inéditas, Arquivo Messersmith; da correspondência de Kaltenborn preservada pela Sociedade Histórica de Wisconsin; e das memórias de Kaltenborn, *Fifty Fabulous Years* (Cinquenta anos fabulosos).

3. Documentos de Kaltenborn.

4. Dodd, *Diary*, 36.

5. Dodd, *Embassy Eyes*, 36.

6. Ibid., 36-37.

7. Ibid., 37.

8. Mowrer, *Triumph*, 226.

9. Messersmith, “Some Observations on my Relations with the Press”, memórias inéditas, 22, Documentos de Messersmith.

10. Dodd para Walter Lichtenstein, 26 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

11. Ibid.

12. Reynolds, *Journalist's Wife* (Mulher de jornalista), 309.

13. Dodd para Hull, 19 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

14. Dodd, *Diary*, 33.

15. Dodd, *Embassy Eyes*, 236.

16. Dodd para Hull, 17 de fevereiro de 1934 (não enviada), Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

17. Ibid.

18. Dodd, *Embassy Eyes*, 233.

19. Ibid., 233.

20. Uma cópia dessa imagem pode ser encontrada em Dodd, *Embassy Eyes*, oposta à página 118.

21. Schultz “Transcrição do depoimento de Sigrid Schultz — Parte 1”, 10, Caixa 2, Documentos de Schultz.

22. Schultz, Catálogo de Memórias, fragmento de transcrição, Caixa 2, Documentos de Schultz.

23. Reminiscências de John Campbell White, Coleção de História Oral, Universidade de Colúmbia, 87-88.

24. Dodd, *Embassy Eyes*, 221.

25. Dodd para Hull, 19 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

26. Ibid.

27. Berlin Embassy Post Report (Revision), p. 10, 124.62/162, State/Decimal.

28. Dodd para Hull, 19 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.
29. Dodd para Carl Sandburg, 21 de novembro de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.
30. Dr. Wilbur E. Post para Dodd, 30 de agosto de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
31. Metcalfe, 141.
32. Burden, 68.

Capítulo 13: Meu segredo sombrio

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 41.
2. Conradi, 122.
3. Vanden Heuvel, 248.
4. Armand Berard para Martha, sem data, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd.
5. Max Delbrück para Martha, 15 de novembro de 1978, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd.
6. Messersmith para Jay Pierrepont Moffat, 13 de junho de 1934, Documentos de Messersmith.
7. Messersmith, “Göring”, memórias inéditas, 5, Documentos de Messersmith.
8. Brysac, 157.
9. Dodd, *Embassy Eyes*, 52.
10. Ibid., 52.
11. Ibid., 53.
12. Gisevius, 39.
13. Ludecke, 654-55.
14. Dodd, *Embassy Eyes*, 52.
15. Gellately, *Gestapo*, 44-45.
16. Ibid., 59.
17. Citado em Gellately, *Gestapo*, 129.

Mesmo dentro da Gestapo havia medo, de acordo com Hans Gisevius, autor de *Até o amargo fim*, um livro de memórias da Gestapo: “Pois vivíamos numa caverna de assassinos na qual não ousávamos sequer andar dez ou vinte passos pelo salão para lavar as mãos sem antes telefonar para um colega e informá-lo sobre nossa intenção de nos aventurarmos numa expedição tão perigosa.” Seu chefe o aconselhou a ficar sempre perto da parede e longe do corrimão ao subir uma escada, com base na teoria de que assim ficava mais difícil para um assassino dar um tiro dos andares de cima. “A vida de ninguém estava segura por um instante que fosse.” Gisevius, 50-51.

18. Gallo, 25-26.
19. Rürup, 92.
20. Metcalfe, 133.
21. Martha para Thornton Wilder, 10 de novembro de 1934, Documentos de Wilder.
22. Citado em Wilbur Carr, Memorando, 5 de junho de 1933, Caixa 12,

Documentos de Carr.

23. Dodd, *Embassy Eyes*, 56.

24. Ibid., 53.

Capítulo 14: A morte de Boris

1. Agnes Knickerbocker, em notas diversas, Caixa 13, Pasta 22, Documentos de Martha Dodd.

2. Martha deixou um rico relato datilografado de suas relações com Boris, incluindo passagens de diálogo e incontáveis detalhes de observação, tais como quem riu do comentário de quem, quem franziu a testa e assim por diante. “Bright Journey into Darkness” (Luminosa jornada rumo à escuridão), Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

3. Kater, 15.

4. Citado em “Bright Journey into Darkness”, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

5. Agnes Knickerbocker, em notas diversas, Caixa 13, Pasta 22, Documentos de Martha Dodd.

Capítulo 15: O “problema judaico”

1. Meu relato do encontro de Dodd com Neurath é extraído do diário de Dodd, páginas 35-37, e de seu memorando de sete páginas, de 14 de setembro de 1933, Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.

2. Leon Dominian para Hull e para a Embaixada em Berlim, 15 de setembro de 1933, 862.113/49, Sate/Decimal.

3. Messersmith para Hull, 29 de julho de 1933, Documentos de Messersmith.

Capítulo 16: Um pedido secreto

1. Dodd para Samuel F. Bemis, 7 de agosto de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

2. Alfred Panofsky para Dodd, 18 de setembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

3. Para a primeira e a última versões, ver Dodd para Alfred Panofsky, 20 de setembro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

4. Memorando, sem data (c. 1935), Caixa 47, Documentos de W. E. Dodd.

5. Klemperer, *Language*, 32, 43, 48, 60.

6. Dodd, *Diary*, 44; Messersmith para William Phillips, 19 de outubro de 1933, Documentos de Messersmith.

7. Miller, 53.

8. Messersmith para William Phillips, 29 de setembro de 1933, Documentos de Messersmith.

9. Ibid.

10. Dodd para Edward M. House, 31 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

11. Dodd para Jane Addams, 16 de outubro de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.

12. Dodd para Hull, 4 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd; Hull para Dodd, 16 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 17: A escapada de Lúcifer

1. Diels, 328-31; ver também Crankshaw, 51-61.
2. Citado em Crankshaw, 56.
3. Brysac, 200.
4. Memórias inéditas, p. 9 (marcada como p. 8), Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.
5. Dallin, 236.
6. Brysac, x.
7. Ibid., 111.
8. Martha para Thornton Wilder, 25 de setembro de 1933, Documentos de Wilder.
9. Mildred Fish Harnack para Martha, 4 de maio (provavelmente 1934), Caixa 5, Documentos de Martha Dodd.
10. Memórias inéditas, p. 4 (marcada como p. 3), Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.
11. Martha para Thornton Wilder, 14 de dezembro de 1933, Documentos de Wilder.
12. Citado em Brysac, 419.
13. Ibid., 146.
14. Ibid., 154.

Capítulo 18: Aviso de amigo

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 86.
2. Em suas memórias, Martha faz referência a festas nas páginas 43-45 e 65-66. Parece que se trata da mesma festa. O falecido Philip Metcalfe, em seu livro *1933*, também junta essas referências e declara com segurança que se aplicam à festa de aniversário dela. Ele teve a vantagem de corresponder-se com Martha Dodd até antes da morte dela, em 1990. Metcalfe, 195-96.
3. Dodd, *Embassy Eyes*, 44.
4. Ibid., 67. A “Canção de Horst Wessel” era de fato um ponto muito sensível para nazistas convictos. Um *bandleader* que ousou reger uma versão jazzística da canção viu-se obrigado a fugir da Alemanha. Kater, 23.
5. Dodd para Leo Wormser, 26 de setembro de 1933, Caixa 43, Documentos de W. E. Dodd.
6. Dodd para Jane Addams, 16 de outubro de 1933, Caixa 40, Documentos de W. E. Dodd.
7. Dodd para William Phillips, 14 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
8. Para o texto do discurso de Dodd, ver anexo de Dodd para Roosevelt, 13 de outubro de 1933, Correspondência de Roosevelt.
9. Ibid.
10. Dodd para Hull, 19 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E.

Dodd.

11. Ibid.

12. Fromm, 132.

13. Metcalfe, 164-65.

14. Dodd para Roosevelt, 14 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd (Nota: uma versão manuscrita dessa carta na correspondência de Roosevelt traz a data de 13 de outubro de 1933. Parece claro que a versão datilografada, de 14 de outubro, é a cópia final e corretamente datada.)

15. Dodd para Hull, 13 de outubro de 1933. 362.1113/13, State/Decimal.

16. Dodd, *Diary*, 47.

17. Dodd para Roosevelt, 14 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

18. Dodd para Phillips, 14 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

19. Moffat, Diário, 12 de outubro de 1933.

20. William Phillips para Dodd, 27 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

21. Edward M. House para Dodd, 21 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.

22. Dodd, *Diary*, 48.

23. Shirer, *Rise*, 211.

Capítulo 19: Alcoviteiro

1. Para detalhes sobre a vida amorosa de Hitler, ver Kershaw, *Hubris*, 284-85, 351-55.

2. Ibid., 354.

3. Ibid., 187.

4. Conradi, 121.

PARTE IV: COMO DÓI O ESQ UELETO

Capítulo 20: O beijo do Führer

1. Dodd, *Diary*, 49.

2. Kershaw, *Hubris*, 485.

3. Ibid., 485.

4. Hanfstaengl, 22.

5. Dodd, *Diary*, 49.

6. Dodd para Roosevelt, 28 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

7. Dodd para Hull, 17 de outubro de 1933, 362.1113/19 GC, State/Decimal.

8. Messersmith para William Phillips, 19 de outubro de 1933 (pp. 12-13), Arquivo Messersmith.

9. Dodd, *Embassy Eyes*, 63-65.

10. Ibid., 65.

11. Ibid., 65.

12. Diels para Himmler, 10 de outubro de 1933, vol. 11, p. 142, *Archives of the*

Holocaust.

Capítulo 21: O problema com George

1. Henry P. Leverich, “The Prussian Ministry of Justice Presents a Draft for a New German Penal Code”, 21 de dezembro de 1933, GRC 862.0441/3, State/Decimal.
2. Dodd, Memorando, 26 de outubro de 1933, 862.0441/3, State/Decimal.
3. Anexo em Dodd para Hull, 13 de novembro de 1933, GRC 362.1113 Kaltenborn, H. V/5, State/Decimal.
4. Dodd para Hull, 19 de outubro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.
5. D. A. Salmon para William Phillips, 1º de novembro de 1933, anexo de Phillips para Dodd, 4 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
6. William Phillips para Dodd, 4 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
7. Dodd para William Phillips, 17 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
8. Dodd para Hull, 6 de setembro de 1933, Caixa 41, Documentos de W. E. Dodd.
9. Ibid.
10. Stiller, 40.
11. Messersmith para William Phillips, 28 de outubro de 1933 (pp. 6, 9-10), Documentos de Messersmith.
12. Breitman e Kraut, 225.
13. Dodd para William Phillips, 15 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
14. Ibid.
15. Dodd para William Phillips, 17 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
16. Dodd para William Phillips, 15 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
17. William Phillips para Dodd, 27 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
18. Dodd, *Diary*, 53.

Capítulo 22: A testemunha usava coturnos

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 59-60.
2. Tobias, 211.
Hans Gisevius, página 29, também comenta a lentidão: “Lentamente, como um líquido grosso e viscoso, a torrente de testemunhas e especialistas correu... O julgamento mostrou-se inesperadamente tedioso...”
3. Dodd, *Embassy Eyes*, 58.
4. Bullitt, 233.
5. Tobias, 223.
6. Gisevius, 32.
7. Dodd, *Embassy Eyes*, 62.
8. Holborn, 143.

9. Tobias, 226.
10. Dodd, *Embassy Eyes*, 60.
11. Tobias, 228.

Capítulo 23: Boris morre outra vez

1. Martha Dodd, “Bright Journey into Darkness”, (Luminosa jornada para a escuridão) Caixa 14, Documentos de Martha Dodd. Martha conta a história de Boris e do santuário à beira da estrada nas páginas 15-16.

Capítulo 24: Como arrancar votos

1. Shirer, *Rise*, 211.
2. Ibid., 211-12.
3. Messersmith para Hull, “Some Observations on the Election of Nov. 12, 1933” (Algumas observações sobre a eleição de 12 de nov., 1933), p. 3, anexo de Messersmith para Dodd, 18 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

Ian Kershaw, em *Hubris*, cita um trecho do que estava escrito no voto: “Você, homem alemão, e você, mulher alemã, aprovam esta política do governo do seu Reich, e estão prontos a declará-la expressão de sua própria opinião e de sua própria vontade, e solenemente jurar-lhe lealdade?” Kershaw, *Hubris*, 495.

4. Messersmith para Hull, “Some Observations on the Election of Nov. 12, 1933”, p. 5, anexo de Messersmith para Dodd, 18 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
5. Klemperer, *Witness*, 41.
6. Messersmith para Hull, “Some Observations on the Election of Nov. 12, 1933”, p. 7, anexo de Messersmith para Dodd, 18 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
7. Messersmith para Hull: “Some Observations on the Election of Nov. 12, 1933”, p. 2, anexo de Messersmith para Dodd, 18 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
8. Ibid., 2.
9. Dodd para Roosevelt, 28 de outubro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
10. Shirer, *Rise*, 212.
11. Roosevelt para Dodd, 13 de novembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.
12. Dodd, *Diary*, 58.

Capítulo 25: O Boris secreto

1. Martha Dodd, “Bright Journey into Darkness”, 23, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.
2. Ibid., 29.
3. Ibid., 29.
4. Ibid., 21.
5. Boris para Martha, primavera de 1934, Documentos de Martha Dodd.

6. Detalhes desse encontro entre Martha e Boris estão num texto biográfico inédito de Martha, “Bright Journey into Darkness”, 21-26, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

Capítulo 26: O Pequeno Baile da Imprensa

1. Schultz, “Winter of 1933-34”, 4, Escritos pessoais, Caixa 29, Documentos de Schultz.

2. Schultz, “1934”, 2, Escritos pessoais, Caixa 34, Documentos de Schultz.

3. Fromm, 137.

4. Ibid., 321.

5. Gellately, *Gestapo*, 1.

6. Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 293.

7. Schultz, “1934”, 3, Escritos pessoais, Caixa 34, Documentos de Schultz.

Em recepções diplomáticas, Papen geralmente grudava-se à mulher de George Messersmith e tentava arrancar-lhe informações sobre questões políticas, como, por exemplo, a atitude americana para com a Alemanha. Ela aprendeu a rebater essas investidas desviando a conversa para um dos seus passatempos, colecionar porcelana. Papen “jamais fez qualquer progresso”, escreveu Messersmith, “porque ela sempre voltava para suas porcelanas”. Messersmith, “Conversations with Von Papen in Vienna”, memórias inéditas, 7, Documentos de Messersmith.

8. Fromm, 136.

9. Ibid., 136-37.

10. Messersmith, “When I arrived in Berlin...”, memórias inéditas, 7, Documentos de Messersmith.

11. Messersmith para William Phillips, 29 de setembro de 1933 (p. 6; ver também pp. 4-5), Documentos de Messersmith.

12. Schultz, “Winter of 1933-1934”, 7, Escritos pessoais, Caixa 29, Documentos de Schultz; Schultz, “1934”, 4, Escritos pessoais, Caixa 34, Documentos de Schultz.

13. Fromm, 137, 304.

14. Goeschel, 100.

15. Fromm, 138.

16. Louis Lochner para Betty Lochner, 26 de dezembro de 1933, Cartas circulares, Caixa 6, Documentos de Lochner.

17. Dodd, *Diary*, 59.

18. Schultz, “Winter of 1933-1934”, 7, Escritos pessoais, Caixa 29, Documentos de Schultz.

19. Fromm, 138-39.

Capítulo 27: Ó Tannenbaum

1. Isherwood, *Berlin Stories*, 186.

2. Gilbert L. MacMaster para Clarence E. Pickett, 12 de fevereiro de 1934, vol. 2, p. 49, *Archives of the Holocaust*.

3. Detalhes do incidente Wollstein podem ser encontrados em Raymond H. Geist

para Hull, 15 de dezembro de 1933, GRC 362.1121 Wollstein, Erwin/1, State/Decimal.

4. Martha descreve esse episódio de arrumação da árvore em suas memórias inéditas, “Bright Journey into Darkness”, 14-17, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

5. Martha para Thornton Wilder, 14 de dezembro de 1933, Documentos de Wilder.

6. Wilbur Carr anotou cuidadosamente essa conversa com Raymond Geist, e relatou-a num memorando “estritamente confidencial” de 5 de junho de 1935, Caixa 12, Documentos de Carr.

7. John Campbell White para Jay Pierrepont Moffat, 17 de novembro de 1933, Documentos de White.

8. Jay Pierrepont Moffat para John Campbell White, 31 de março de 1934, Documentos de White.

9. Dodd para William Phillips, 4 de dezembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

10. William Phillips para Dodd, 22 de dezembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd.

11. Phillips, Diário, 20 de dezembro de 1933.

12. Moffat, Diário, 14 de dezembro de 1933.

13. Moffat, Diário, 13 de fevereiro de 1934.

14. George Gordon para Dodd, 22 de janeiro de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

15. Detalhes da trama de Lochner para salvar Dimitrov estão em Metcalfe, 232-34; Dodd, *Diary*, 65-66; Conradi, 136-38.

16. Tobias, 268.

17. Lochner, 26 de dezembro de 1933, Cartas circulares, Caixa 6, Documentos de Lochner.

18. Wheaton, 430.

Embora achasse os campos repulsivos, Diels não foi 100% altruísta. Reconheceu que uma anistia teria grande valor político, polindo a imagem de Hitler tanto dentro como fora da Alemanha. Mas é claro que estava ciente de que a anistia seria uma afronta a Himmler, cujas SS administravam os campos, e que só por essa razão a ideia tinha forte apelo para Göring. Hitler e Göring aprovaram a ideia, mas exigiram que Dachau ficasse isento e limitaram o número de prisioneiros a serem incluídos. Concederam a Diels a autoridade para decidir quem seria solto. Göring anunciou o decreto e disse que cinco mil prisioneiros seriam libertados. Na verdade, a anistia não foi tão ampla quanto o anúncio de Göring sugeria. Numerosos campos fora da Prússia também ficaram isentos, e o total geral de prisioneiros libertados foi menor do que Göring tinha prometido. Além disso, havia planos de expandir a capacidade dos campos para mais oito mil prisioneiros, só na Prússia. Crankshaw, 45-47; Wheaton, 429-30.

19. Dodd, *Diary*, 67.

20. *Ibid.*, 66.

Capítulo 28: Janeiro de 1934

1. Tobias, 284.

2. Phipps, 40.

3. Martha para Thornton Wilder, 14 de dezembro de 1933, Documentos de Wilder.

4. Fritzsche, 57; Miller, 66-67, 136.

5. Krausnick et al., 419.

Outro sinal de normalidade foi o modo como o governo lidou com um ataque contra um americano ocorrido em 15 de janeiro de 1934. Naquela fria segunda-feira encharcada de chuva, um cidadão americano chamado Max Schussler, que trabalhava em Berlim como senhorio, entrou aos tropeções no consulado na Bellevuestrasse “sangrando profusamente”, de acordo com relato de Raymond Geist, que atuava como cônsul-geral interino enquanto Messersmith estava nos Estados Unidos. Schussler era judeu. Na manhã seguinte, depois de consultar Dodd, Geist foi à sede da Gestapo e formalizou um protesto diretamente com Rudolf Diels. Em 48 horas o agressor foi preso, julgado e condenado a sete meses de prisão. Mais ainda, a notícia da prisão e do castigo recebeu ampla divulgação pelo rádio e pelos jornais. Geist informou a Washington: “É muito gratificante ver a prontidão com que as autoridades alemãs agiram (...) Acho que esses ataques agora vão acabar definitivamente.” Estava enganado, como ficaria claro com o passar do tempo, mas naquele momento pelo menos parecia haver um novo esforço do governo para conquistar a boa vontade dos Estados Unidos.

Houve um elemento malsão na última conversa de Geist com Diels. O chefe da Gestapo queixou-se de que Schussler e outros americanos vítimas de abusos eram “um bando no geral não muito desejável”, como Geist se lembrava de ter ouvido Diels comentar. A insinuação era clara, e Geist perdeu a paciência: “Eu lhe disse”, escreveu ele, “que jamais levaríamos em conta nada que não fosse o fato de a vítima ser um cidadão americano, que a questão de raça ou origem não tinha absolutamente nada a ver com o caso, e que qualquer cidadão americano tinha direito à total proteção do governo americano.” Geist para Hull, 16 de janeiro de 1934, FP 362.1113 Schussler, Max/1, State/Decimal; Geist para Hull, 18 de janeiro de 1934, 362.1113 Schussler, Max/8 GC, State/Decimal.

6. Gilbert L. MacMaster para Clarence E. Pickett, 12 de fevereiro de 1934, vol. 2, pp. 58-59, *Archives of the Holocaust*.

Deschner, em sua biografia de Reinhard Heydrich, escreve que naqueles tempos iniciais “judeus não eram presos em Dachau em virtude de serem judeus, mas porque tinham sido adversários politicamente ativos do nacional-socialismo, ou comunistas, ou jornalistas hostis ao NS, ou ‘reacionários’”. Deschner, 79.

7. Noakes e Pridham, 284-86.

8. Krausnick et al., 433.

9. Memorando, David Schweitzer para Bernhard Kahn, 5 de março de 1934, vol.

10, pp. 20-30, *Archives of the Holocaust*.

10. Dippel, 114; Breitman e Kraut, 25.

11. Depoimento de Raymond Geist, *Nazi Conspiracy and Agression*, vol. 4, Documento nº 1759-PS, Avalon Project, Yale University Law School.

O esforço supostamente secreto de rearmamento da Alemanha em violação ao Tratado de Versalhes não era, para os berlinenses, segredo, como ficou evidente no surgimento de uma piada muito popular. Dizia mais ou menos o seguinte:

Um homem se queixa a um amigo de que não tem dinheiro para comprar um carrinho para seu bebê. O amigo trabalha numa fábrica de carrinhos e se oferece para surripiar uma quantidade suficiente de peças para que o novo pai construa seu próprio carrinho de bebê. Quando os dois se encontram novamente, o pai ainda carrega o bebê nos braços.

O amigo da fábrica, perplexo, pergunta por que não está usando o carrinho de bebê recém-construído.

— Bem, veja só — responde o pai —, sei que sou lento e não entendo muito de mecânica, mas montei a coisa três vezes, e de cada vez o resultado foi uma metralhadora! — Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 336.

12. John Campbell White para Jay Pierrepont Moffat, 27 de novembro de 1933, Documentos de Carr.

13. Gallo, 7-8; Gisevius, 171. Gallo e Gisevius apresentam duas traduções ligeiramente diferentes da saudação a Hitler. Preferi a de Gallo, mas por nenhuma razão particular.

14. Diels, 385-89; Diels, Declaração, em Stackelberg e Winkle, 133-34; Wheaton, 439; Metcalfe, 235-36.

15. Kershaw, *Myth*, 63.

16. Diagrama indicando os lugares para as pessoas se sentarem, 23 de fevereiro de 1934, “Invitations”, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.

Capítulo 29: Ataque malicioso

1. Moffat, Diário, 26 de dezembro de 1933.

2. Dodd para William Phillips, 14 de dezembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd. Dodd escreveu essa carta à mão, e acrescentou uma nota no alto: “Só para você.”

3. Dodd para William Phillips, 14 de dezembro de 1933, Caixa 42, Documentos de W. E. Dodd. Essa carta, com a mesma data da carta da citação anterior, é todavia acentuadamente diferente em conteúdo e forma. Escrita à máquina, está marcada como “pessoal e confidencial”.

4. Moffat, Diário, 26 de dezembro de 1933.

5. William Phillips para Dodd, 3 de janeiro de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

6. Ibid.

7. Dodd para Roosevelt, 3 de janeiro de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 30: Premonição

1. Mais uma vez recorri, quase inteiramente, às lembranças não publicadas de

Martha sobre Boris, “Bright Journey into Darkness”. E mais uma vez essas memórias oferecem detalhes valiosos. Quando digo que Boris sorriu ao abrir a porta do quarto na embaixada, é porque Martha diz que ele sorriu naquele momento. Se as recordações dela são exatas, quem poderia dizer? Mas ela estava lá, e é com a maior satisfação que recorro ao seu testemunho. Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

2. MacDonogh, 31.

Capítulo 31: Terrores noturnos

1. Memorando, David Schweitzer para Bernhard Kahn, 5 de março de 1934, vol. 10, pp. 20-30, *Archives of the Holocaust*. Ver também Grunberger, 27.

2. Peukert, 237.

3. Brysac, 186.

4. Johnson e Reuband, 288, 355, 360.

5. Ibid., 357.

6. Martha não se refere a Mildred pelo nome nesse trecho — a rigor, ela nunca o faz em suas memórias, com medo de expor a perigo Mildred e seu incipiente grupo de resistência — mas muitas referências feitas por Martha em *Through Embassy Eyes*, quando trianguladas com outro material de seus documentos na Biblioteca do Congresso, são claramente a Mildred. Dodd, *Embassy Eyes*, 277.

7. Ibid., 53.

8. Ibid., 55.

9. Ibid., 55.

10. Evans, *Power*, 105; Grunberger, 338.

11. Dodd, *Embassy Eyes*, 56, 145, 147, 274, 278. Ver também “Bright Journey into Darkness”, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.

12. Dodd, *Embassy Eyes*, 277.

13. Ibid., 368.

14. Ibid., 276.

15. Brysac, 130.

Outro exemplo: Em *Beyond Tears*, Irmgard Litten escreve sobre as tribulações de seu filho, Hans, nas mãos da Gestapo, e conta como adotou um código no qual “a primeira letra da quarta palavra de cada frase servia de chave para a mensagem”. Litten, 60.

16. Peter Olden para Dodd, 30 de janeiro de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

17. Raymond Geist para Hull, 8 de março de 1934, 125.1953/655, State/Decimal.

18. Dodd, *Diary*, 63.

19. Sir Eric Phipps para Dodd, 25 de maio de 1935, Caixa 47, Documentos de W. E. Dodd.

20. Apesar disso, Messersmith afirmou, em suas memórias não publicadas, que “em duas ocasiões quase fui atropelado por um carro da Gestapo, ou por um carro das SS ou da SA”. Os dois incidentes ocorreram quando tentava atravessar a rua para o Hotel Esplanade; de ambos participaram carros poderosos, que saíram em alta velocidade de um beco estreito. Ele acreditava que os motoristas

tinham ficado esperando que ele aparecesse. Messersmith, “Additional Paragraph to Memorandum on Attempts on my Life”, (Parágrafo adicional para memorando sobre atentados contra minha vida) memórias não publicadas, Documentos de Messersmith.

21. Dodd, *Embassy Eyes*, 54.

22. Ibid., 54.

23. Ibid., 54.

Capítulo 32: Alerta de tempestade

1. Kershaw, *Hubris*, 504-5; Gallo, 81-82.

2. Gallo, 83.

3. Kershaw, *Hubris*, 505. Kershaw cita Röhm como tendo dito também: “O que o ridículo cabo declarou não se aplica a nós. Hitler não tem lealdade e precisa pelo menos ser posto de licença. Se não com ele, resolveremos as coisas sem Hitler.” Ver também Gallo, 83, para uma tradução ligeiramente diferente.

Capítulo 33: “Memorando de uma conversa com Hitler”

1. Hull, Memorando, 29 de fevereiro de 1934, State/Foreign. Para um relato completo do julgamento simulado, ver Anthes.

Em 17 de maio de 1934, houve um contracomício no Madison Square Garden que atraiu vinte mil pessoas. “Amigos dos nazistas”, como disse o *New York Times* numa reportagem de primeira página no dia seguinte. O encontro foi organizado por um grupo chamado Amigos da Nova Alemanha, com o objetivo declarado de fazer oposição “ao boicote inconstitucional aos judeus” contra a Alemanha.

2. John Hickerson, Memorando, 1º de março de 1934, State/Foreign.

3. Ibid.

4. Ibid.

5. Hull, Memorando, 2 de março de 1934, State/Foreign.

6. Dodd, *Diary*, 86.

7. Memorando, “The German Foreign Office to the American Embassy” (Do Serviço Exterior Alemão para a Embaixada Americana) anexoado a Dodd para Hull, 8 de março de 1934, State/Foreign.

8. Dodd, *Diary*, 87.

9. Dodd para Hull, 6 de março de 1934, State/Foreign.

10. Ibid.

11. William Phillips, Memorando, 7 de março de 1934, State/Foreign.

12. Ibid.

13. Ibid.

14. *The New York Times*, 8 de março de 1934.

15. Ibid.

16. Hull para Dodd, 8 de março de 1934, State/Foreign.

17. Meu relato do encontro de Dodd com Hitler utiliza basicamente detalhes do diário do embaixador, nas páginas 88-91, e seu “Memorando de uma Conversa com o Chanceler Hitler”, de seis páginas, Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.

18. Dodd para Roosevelt, 15 de agosto de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E.

Dodd; Dallek, 227.

19. Hanfstaengl, 214.

20. Moffat, Diário, 7 de março de 1934.

21. Dodd, *Diary*, 92.

22. Hull, Memorando, 13 de março de 1934, State/Foreign.

23. Ibid.

24. Hull, Memorando, 23 de março de 1934, State/Foreign. Esse é um dos poucos memorandos oficiais daqueles primeiros tempos das relações dos Estados Unidos com a Alemanha nazista que nos dão vontade de ficar em pé e aplaudir — mas aplaudir de um jeito tão discreto e oblíquo como a prosa de Hull. Infelizmente, foi apenas a breve chama de um fósforo aceso em nome da liberdade.

O subsecretário William Phillips estava presente nessa reunião e ficou impressionado com a “violenta linguagem” de Luther. “O secretário”, escreveu Phillips em seu diário, “foi muito calmo e cáustico em suas respostas, e não tenho certeza de que o Dr. Luther percebeu o tom subjacente de frieza.” Phillips acrescentou que, se dependesse dele, teria mandado Luther sair e voltar “depois que se acalmasse”. Phillips, Diário, 23 de março de 1934.

25. Hull para John Campbell White, 30 de março de 1934, State/Foreign.

26. Citado em Spear, 216.

27. R. Walton Moore, Memorando, 19 de janeiro de 1934, State/Foreign.

28. Spear, 216.

Capítulo 34: Diels, com medo

1. Metcalfe, 201.

2. Dodd, *Embassy Eyes*, 134.

3. Diels, 283. Citado também em Metcalfe, 236.

4. Metcalfe, 237; Dodd, *Embassy Eyes*, 134.

5. Dodd, *Embassy Eyes*, 134.

6. Ibid., 136.

7. Ibid., 135.

8. Ibid., 135-36.

Capítulo 35: Em choque com o Clube

1. *The New York Times*, 24 de março de 1934; Dodd para “família”, 5 de abril de 1934, Caixa 61, Documentos de W. E. Dodd.

2. Dodd, *Diary*, 93.

3. Hitler para Roosevelt, reproduzido em Hull para John Campbell White, 28 de março de 1934, State/Foreign.

4. Phillips, Diário, 27 de março de 1934.

5. Moffat, Diário, 24-25 de março de 1934.

6. Roosevelt para Hitler, reproduzido em Hull para John Campbell White, 28 de março de 1934, State/Foreign.

7. Phillips, Diário, 27 de março de 1934.

8. Dodd para a Sra. Dodd, 28 de março de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

9. Ibid. Ver também Dodd, *Diary*, 95; Dallek, 228.
10. Dodd, *Diary*, 94; Dallek, 231.
11. Foi essa mansão que se tornou o novo local do Cosmos Club, depois que Welles a vendeu para o clube em 1953. Gellman, 106-7, 395.
12. R. Walton Moore para Dodd, 23 de maio de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.
- Moore cumprimenta Dodd por sua apresentação ao grupo, conhecido como Conselho de Pessoal, mas acrescenta, com uma boa dose de eufemismo: “Não tenho muita certeza se alguns membros do Conselho gostaram do que ouviram.”
13. Por exemplo, ver Moffat, *Diário*, 16 de dezembro de 1933; Phillips, *Diário*, 25 de junho de 1934.
14. Moffat, *Diário*, 17 de março de 1934.
15. Dodd para a Sra. Dodd, 28 de março de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 36: A salvação de Diels

1. Messersmith, “Göring”, memórias inéditas, 3-8, Documentos de Messersmith.
2. Essa fotografia é uma de muitas numa exposição de raro valor em Berlim que descreve o crescimento da Gestapo e do terror nazista numa apresentação ao ar livre do tamanho de um quarteirão, e parcialmente subterrânea, construída ao longo da parede escavada do que foi um dia o subsolo e a chamada prisão domiciliar da sede da Gestapo. Certos lugares do mundo parecem concentrar trevas: mais tarde a mesma parede serviu como alicerce de um trecho do Muro de Berlim.
3. Citado em Richie, 997; Metcalfe, 240.
4. Evans, *Power*, 29; Shirer, *Rise*, 214-15; Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 311-13.
5. Gallo, 35.
6. Ibid., 37.
7. Ibid., 88-89; Kershaw, *Hubris*, 509.
8. Deschner, 61, 62, 65, 66; Evans, *Power*, 53-54; Fest, 98-101.
9. Gisevius, 137.
10. Kershaw, *Hubris*, 743; Wheeler-Bennett, 312. Wheeler-Bennett cita um “comunicado” do governo, divulgado em 27 de abril de 1934, mas Kershaw observa que ele não oferece fonte para respaldar sua existência.

Capítulo 37: Observadores

1. Haynes et al., 432; Weinstein e Vassiliev, 51. Os dois livros apresentam a mensagem da NKVD, apesar de as traduções diferirem um pouco. Uso a versão de Haynes, que é também a que pode ser encontrada on-line em Vassiliev, Notebooks, White Notebook 2, p. 13, 28 de março de 1934.

Capítulo 38: Tapeado

1. Dodd para Hull, 17 de abril de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.
2. Ibid.
3. Dodd para R. Walton Moore, 8 de junho de 1934, Caixa 44, Documentos de W.

E. Dodd.

4. “Their Excellencies”, (Suas Excelências) 115-16.

5. Dodd para William Phillips, 4 de junho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

6. William Phillips para Dodd, 6 de julho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

7. Dodd para Martha, 24 de abril de 1934, Caixa 62, Documentos de W. E. Dodd. Ele começa a carta com “Querida ‘pequena’ Martha”.

8. Dodd, *Diary*, 95.

9. Sra. Dodd para Dodd, por intermédio de John Campbell White, 19 de abril de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

10. Dodd para Martha, 25 de abril de 1934, Caixa 62, Documentos de W. E. Dodd.

11. Dodd, *Diary*, 108.

12. Ibid., 98.

13. Dodd para Roosevelt, 15 de agosto de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

14. Ibid.

Em carta de 23 de maio de 1934 para Edward M. House, Dodd expressa espanto parecido por ter sido constrangido, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd. Escreve ele: “Você se recorda do que fizemos para acalmar a agitação em Chicago, e talvez se lembre do meu conselho a judeus importantes, de que seria bom suavizar um pouco o boicote se os alemães derem mostra de uma atitude conciliatória.” E termina: “Digo francamente que isso me constrangeu muito.”

15. Dodd, *Diary*, 100.

PARTE VI: BERLIM AO ANOITECER

Capítulo 39: Jantar perigoso

1. Phillips, Diário, 16 de março de 1934; Stiller, 54-55.

2. Louis Lochner para Betty Lochner, 29 de maio de 1934, Cartas circulares, Caixa 6, Documentos de Lochner; “List of Persons Invited” (Lista de convidados) Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.

3. Fromm, 162-64.

4. Monte a história do jantar de Regendanz a partir dos seguintes relatos: Evans, *Power*, 26; François-Poncet, 139-40; Phipps, 66-67; Wilhelm Regendanz para o procurador-geral Brendel da Gestapo, 2 de julho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

Herman Ullstein, da grande dinastia editorial alemã, conta uma história sinistramente divertida sobre outro jantar, num restaurante de luxo em Potsdam. Um homem jantava com um grupo que incluía uma mulher atraente, de cabelos negros. Um nazista da mesa vizinha, tendo concluído que a mulher era judia, pediu ao grupo que saísse do restaurante. O homem sentado sorriu e perguntou: “Importa-se se terminarmos nosso jantar primeiro?”

Quinze minutos depois, o grupo ainda jantava e se divertia, o que fez o nazista voltar e exigir que todos saíssem de imediato.

O homem sentado calmamente entrega ao nazista seu cartão de visita, que o identifica como “François-Poncet, *Ambassadeur de France*”. Ullstein, 287-88.

5. Dodd, *Diary*, 101-2.

Capítulo 40: Retiro de um escritor

1. Meu relato do dia que Martha passou em Carwitz baseia-se nas seguintes fontes: Dodd, *Embassy Eyes*, 83-85; Martha Dodd, memórias inéditas, 2-3, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd; Hans Fallada para Martha Dodd, 8 de junho de 1934 e 18 de junho de 1934, Caixa 5, Documentos de Martha Dodd; Williams, xvii, 126, 142, 150, 152-55, 176-78, 185-88, 194, 209; Schueler, 14, 66; Brysac, 148-50; Metcalfe, 193-95. Ver também Turner, “Fallada”, do começo ao fim.

Depois desse episódio, Martha e Fallada trocaram algumas cartas. Ela lhe enviou um conto de sua autoria. Ele lhe mandou uma foto, uma das muitas que tinha tirado naquele dia em Carwitz — “infelizmente, a única foto que tirei e que ficou boa”. Sobre o conto de Martha, ele escreveu: “Espero que você logo encontre o tempo necessário e a paz interior para trabalhar intensamente — vale a pena, é o que posso lhe dizer, a julgar por este pequeno exemplo.” Martha, por sua vez, mandou junto uma coleção de fotos de Boris, e disse a Fallada que esperava poder visitá-lo novamente algum dia, o que parece ter sido um alívio para Fallada — “quer dizer”, respondeu ele, “que vocês se divertiram”.

Ela não voltou mais a Carwitz. Com o passar do tempo, ouviu falar pouco de Fallada ou de sua obra, e achava que “ele deve ter capitulado totalmente, abrindo mão de sua arte e sua dignidade”. Fallada para Martha, 8 de junho e 18 de junho de 1934, Caixa 5, Documentos de Martha Dodd; Martha Dodd, memórias inéditas, 2, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.

2. Ditzen criou seu pseudônimo juntando os nomes de dois personagens dos contos dos Irmãos Grimm, Hans, de Hans im Glück (João Sortudo), e Fallada, de “A guardadora de gansos”, no qual um cavalo chamado Falada (escrito com um *l* na fábula) é capaz de detectar a verdade mesmo depois de decapitado. Williams, xi.

3. Ritchie, 112.

4. *Ibid.*, 115.

5. Dodd, *Embassy Eyes*, 131-33.

6. Dodd para Hull, 18 de junho de 1934 (nº 935), State/Foreign.

7. *Ibid.*

8. Dodd para Hull, 18 de junho de 1934 (nº 932), State/Foreign.

9. Dodd, *Diary*, 105.

10. Moffat, *Diário*, 20 de maio de 1934.

Capítulo 41: Problema na casa do vizinho

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 134.

2. Gallo, 122.

Capítulo 42: Os brinquedos de Hermann

1. Meu relato desse episódio estranho e engraçado baseia-se nas seguintes fontes:

Cerruti, 178-80; Dodd, *Diary*, 108-9; Phipps, 56-58. Também examinei o portfólio de fotos de Carinhall do próprio Göring, Lote 3810, nos arquivos fotográficos da Biblioteca do Congresso.

2. Dodd, *Embassy Eyes*, 220.

Capítulo 43: Fala um pigmeu

1. Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 315-17.

2. Dodd para Hull, 16 de junho de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

3. Evans, *Power*, 29-30; Jones, 167-73; Gallo, 137-40; Kershaw, *Hubris*, 509-10, 744 n. 57; Shirer, *Rise*, 218-19.

4. Para o texto, ver Noakes e Pridham, 209-10; e Papen, 307. Ver também Jones, 172; Gallo, 139-40; Kershaw, *Hubris*, 509. Em suas memórias, publicadas em 1953, Papen declara: “Preparei meu discurso com grande cuidado...” Essa afirmação tem sido cercada de muito ceticismo. Papen, 307.

5. Gallo, 141.

6. Wheeler-Bennett, *Titan*, 459.

7. Gallo, 143-44; Shirer, *Rise*, 219. Ver também Kershaw, *Hubris*, 510.

8. Kershaw, *Hubris*, 510.

9. Dodd para Hull, 26 de junho de 1934, State/Foreign. Para outros detalhes da reação do governo, ver Evans, *Power*, 29-30; Jones, 172-74; Kershaw, *Hubris*, 510-11; Shirer, *Rise*, 218; Wheeler-Bennett, *Titan*, 460, e *Nemesis*, 319.

10. Gisevius, 128.

11. Ibid., 129.

12. Ibid., 129.

13. Klemperer, *Witness*, 71. Klemperer olhava para o tempo na esperança de que Hitler fosse deposto. Escreveu em seu diário: “‘Tempo lindo’= calor + falta de chuva, anormal falta de chuva, como a que vem causando estragos há três meses. Uma arma contra Hitler!” *Witness*, 72.

14. Dodd, *Diary*, 114; Dodd, Memorando, 18 de junho de 1934, Caixa 59, Documentos de W. E. Dodd.

15. Gallo, 152.

16. Evans, *Power*, 30; Kershaw, *Hubris*, 510.

17. Gisevius, 131.

18. Evans, *Power*, 30; Kershaw, *Hubris*, 510-11; Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 320.

19. Dodd, *Diary*, 114.

20. Ibid., 115.

Capítulo 44: A mensagem no banheiro

1. Wheeler-Bennett, *Titan*, 462.

2. Wheaton, 443.

3. Jones, 173.

4. Diels, 419.

Capítulo 45: A angústia da Sra. Cerruti

1. Dodd, *Diary*, 115-16.

2. Ibid., 116.
3. Martha Dodd, “Bright Journey into Darkness”, 18, 21, Caixa 14, Documentos de Martha Dodd.
4. Riasanovsky, 551, 556. Uma nota pessoal: quando estudava na Universidade da Pensilvânia, fiz dois belos cursos com o irmão de Riasanovsky, Alexander, que numa noite memorável nos ensinou, a mim e a meus colegas de quarto, como beber vodca à maneira russa. Mas foi seu delicioso jeito de ensinar, entretanto, que teve maior influência, e me levou a passar a maior parte do meu tempo na universidade estudando história, literatura e língua russas.
5. “Detailed Schedule of Tour nº 9 for Miss Martha Dodd” (Roteiro Detalhado de Excursão nº 9 para a Srta. Martha Dodd), Caixa 62, Documentos de W. E. Dodd.
6. Boris para Martha, 7 de junho de 1934, Caixa 10, Documentos de Martha Dodd.
7. Martha para Agnes Knickerbocker, 16 de julho de 1969, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.
8. Cerruti, 153.
9. Dodd, *Embassy Eyes*, 140.
10. Dodd, *Diary*, 116.
11. Dodd, *Embassy Eyes*, 141.
12. Ibid., 141.
13. Cerruti, 153, 157.
14. Moffat, Diário, 29 de junho de 1934.
15. Ibid.
16. Phillips, Diário, 15 de junho de 1934.
17. Moffat, Diário, 17 de julho de 1934.

Capítulo 46: Noite de sexta-feira

1. Para esse capítulo, baseei-me nas seguintes fontes: Birchall, 203; Evans, *Power*, 31-32; Gallo, 33, 38, 106; Kershaw, *Hubris*, 511-16. Para um longo trecho do relato de Kempka, ver Noakes e Pridham, 212-14.

PARTE VII: QUANDO TUDO MUDOU

Capítulo 47: “Atirem! Atirem!”

1. Adlon, 207. Hedda Adlon, mulher do proprietário do Adlon, gostava de dirigir pela cidade em seu Mercedes branco, e consta que criava 28 cães pequineses. De Jonge, 132.
2. Dodd, *Embassy Eyes*, 141.
3. Diversos e discrepantes relatos desse episódio aparecem na literatura. Baseei-me em Kershaw, *Hubris*, 514; Noakes e Pridham, 213-14; e Strasser, 250.
4. Birchall, 193.
5. Schultz, Registros diários, 5 de julho de 1934, Caixa 32, Documentos de Schultz.
6. Birchall, 198.
7. Noakes e Pridham, 213.
8. Kershaw, *Hubris*, 514.

9. Gisevius, 150.
10. Dodd, *Diary*, 117.

Capítulo 48: Armas no parque

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 142.
2. Escritório de Des Stabschef der SA para Dodd, 29 de junho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.
3. Dodd, *Diary*, 117.
4. Escritório Alemão de Negócios Estrangeiros para Dodd, 28 de maio de 1935, Caixa 47, Documentos de W. E. Dodd.

Capítulo 49: Os mortos

1. Citado em Gallo, 257.
2. Birchall, 205-7; Gallo, 257.
3. Redigi esse parágrafo e o que se segue a partir de várias fontes: Hugh Corby Fox, Memorando, 2 de julho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd; H. C. Flack, Memorando Confidencial, 7 de julho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd; Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 323; Gallo, 256, 258; Rürup, 53, 223; Kershaw, *Hubris*, 515; Evans, *Power*, 34-36; Strasser, 252, 263; Gisevius, 153; Birchall, 20; Metcalfe, 269.
4. Gallo, 255; Martha apresenta um relato ligeiramente diferente em suas memórias: *Embassy Eyes*, 155.
5. Adlon, 207-9.
6. Shirer, *Rise*, 224n. Ver também Birchall, 207; Evans, *Power*, 36; Kershaw, *Hubris*, 515.
7. Casey, 340; Conradi, 143, 144, 148, 151, 157, 159, 163, 167-68; *The New York Times*, 1º de julho de 1934.
8. Gisevius, 160.
9. Birchall, 205.

Capítulo 50: Entre os vivos

1. Dodd, *Diary*, 117.

Naquele domingo, o jornal judaico *Bayerische Israelitische Gemeindezeitung*, ainda em operação — continuaria até 1937 —, publicou um conselho aos leitores, exortando-os, segundo o relato de um historiador, a “mostrarem mais reserva, tato e dignidade e se comportarem impecavelmente em lugares públicos, para não ofenderem ninguém”.

Naquela mesma tarde, Hitler ofereceu um chá na chancelaria para membros do seu gabinete e vários ministros com suas famílias. Crianças foram convidadas. Hitler, a certa altura, foi até uma janela que dava para a rua. Uma multidão reunida lá embaixo manifestou sua aprovação aos urros.

O onipresente Hans Gisevius também estava lá. Hitler o viu e ergueu a mão para saudá-lo. Gisevius escreveu: “Ocorreu-me que se pudesse ler meus pensamentos mais íntimos ele mandaria matar-me.” Dippel, 150; Gallo, 269; Kershaw, *Hubris*, 516; Gisevius citado em Gallo, 270.

2. Dodd, *Embassy Eyes*, 142-43.
3. Evans, *Power*, 33; Kershaw, *Hubris*, 176, 516.
4. Evans, *Power*, 33; Kershaw, *Hubris*, 516; Gallo, 270; Shirer, *Rise*, 221; Noakes e Pridham, 215.

Depois do assassinato de Röhm, Hitler alegou que as práticas homossexuais do chefe das SA tinham sido uma surpresa para ele. Uma nova piada logo começou a circular em Berlim: “O que fará ele quando descobrir o pé torto de Goebbels?”

Outra piada também começou a circular mais ou menos na mesma época: “Só agora dá para perceber o verdadeiro significado do recente discurso de Röhm para os jovens nazistas: ‘De Dentro de Cada Membro da Juventude Hitlerista, um Militante das Tropas de Assalto Sairá’”. Grunberger, 332, 335.

5. Wheaton, 452.

6. Noakes e Pridham, 216; ver uma versão ligeiramente diferente em Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 325.

7. Dodd, *Embassy Eyes*, 151.

Capítulo 51: O fim da simpatia

1. Fromm, 171-72. Fromm dizia que, depois do expurgo, durante um tempo ela passou a andar com um revólver, mas acabou por jogá-lo num canal. Dippel, 150.

2. Dodd, *Embassy Eyes*, 157.

3. Ibid., 158.

4. Ibid., 157.

5. Cerruti, 157.

6. Wilhelm Regendanz para a Sra. Dodd, 3 de julho de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

7. Dodd, *Embassy Eyes*, 163-65.

8. Ibid., 165.

9. Moffat, Diário, 5 de julho de 1934.

10. Moffat, Diário, 17 de julho de 1934.

11. Dodd para Hull, 6 de julho de 1934, State/Foreign.

12. Moffat, Diário, 7-8 de julho de 1934.

13. Ibid.

14. Hull para Dodd, 7 de julho de 1934, State/Foreign.

15. Moffat, Diário, 7-8 de julho de 1934.

16. Moffat, Diário, 5 de julho de 1934.

17. Moffat, Diário, 11 de julho de 1934.

18. Ibid.

19. Dodd para Hull, 2 de agosto de 1934, vol. 37, Rolo 11, Documentos de Hull.

20. Dodd, *Embassy Eyes*, 170.

21. Ibid., oposta à 198.

22. Ibid., 169.

23. Dodd para Daniel C. Roper, 14 de agosto de 1934, Caixa 45, Documentos de W. E. Dodd.

24. Wheeler-Bennett, *Nemesis*, 325-26.
25. Ibid., 326n1.
26. Dodd, *Diary*, 121.
27. Ibid., 123.
28. Ibid., 126.

Capítulo 52: Só os cavalos

1. Dodd, *Diary*, 127.

Sir Eric Phipps, em seu diário, escreveu: “Uma vez que o Reichstag serve apenas como conveniente plataforma para a glorificação do crime e para ataques contra chefes de missões estrangeiros em Berlim, proponho deixar vago o lugar que em circunstâncias normais o representante do rei poderia ficar feliz de ocupar, de vez em quando.” Phipps, 68.

2. Uma tradução do discurso de Hitler aparece em Gallo, 298-307. A maioria dos relatos concorda que Hitler disse que apenas 77 pessoas foram mortas, embora pelo menos um (Evans, *Power*, 39) afirme que ele falou em 74. Ver também Birchall, 209.

3. Birchall, 209.

4. Ibid.

5. Dodd para Hull, 14 de julho de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

Em Washington, Jay Pierrepont Moffat conseguiu ouvir o discurso de Hitler pelo rádio. “Achei-o repleto de banalidades e, de longe, o discurso mais fraco que ele já fez”, escreveu em seu diário em 13 de julho de 1934: “A transmissão foi extraordinariamente clara. Ele tem uma voz curiosamente estridente, que em momentos de agitação chega a ser quase um guincho. Não apresentou provas da conspiração, e seus comentários a respeito do mundo exterior foram especialmente fracos.” Moffat, Diário, 13 de julho de 1934.

6. Citado em Conradi, 168.

7. Citado em Hull para Roosevelt, 13 de julho de 1934, State/Foreign.

8. Para a evolução do pensamento de Dodd, ver Dodd para Hull, 2 de julho de 1934; Dodd para Hull, 5 de julho de 1934; Dodd para Hull, 6 de julho de 1934; e Dodd para Hull, 7 de julho de 1934, todos em State/Foreign.

9. Phipps, 14, 61.

10. Ibid., 76.

11. Kershaw, *Hubris*, 522.

12. Diels, 382.

13. Kershaw, *Myth*, 87.

14. Dodd para Hull, 2 de agosto de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

15. Klemperer, *Witness*, 80.

16. Kershaw, *Myth*, 68.

17. Dodd, *Diary*, 140-41.

Capítulo 53: Julieta nº 2

1. Boris para Martha, 11 de julho de 1934, Caixa 10, Documentos de Martha Dodd. Ver também Boris para Martha, “fim de julho-1934”, e Boris para

Martha, “começo de agosto de 1934”, ambos também na Caixa 10.

2. Boris para Martha, 5 de agosto de 1934, Caixa 10, Documentos de Martha Dodd.

3. Weinstein e Vassiliev, 52.

4. Ibid., 52; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 25.

5. Weinstein e Vassiliev, 55; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 37, 14 de março de 1937.

6. Weinstein e Vassiliev, 58. Uma tradução ligeiramente diferente aparece em Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 33.

7. Weinstein e Vassiliev, 58; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 45, 21 de março de 1937.

8. Weinstein e Vassiliev, 58-59, Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 45, 21 de março de 1937.

9. Weinstein e Vassiliev, 59; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 51, 12 de novembro de 1937.

Aqui, a tradução diz: “O encontro com ‘Liza’ deu certo. Ela estava de bom humor...”

Capítulo 54: Um sonho de amor

1. Dodd, *Diary*, 276.

2. Dodd para Hull, 30 de agosto de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

3. Dodd para o general Douglas MacArthur, 27 de agosto de 1934, Caixa 44, Documentos de W. E. Dodd.

4. Dallek, 279.

5. Dodd, *Diary*, 216.

6. Phillips, Diário, sem data, 1219.

7. Kershaw, *Myth*, 82.

8. Dodd para Hull, 19 de setembro de 1936, Caixa 49, Documentos de W. E. Dodd.

9. Dodd para Martha, 28 de outubro de 1936, Caixa 62, Documentos de W. E. Dodd.

10. William C. Bullitt para Roosevelt, 7 de dezembro de 1936, em Bullitt, 194-95.

11. Moffat, Diário, 27 de agosto de 1934.

12. Dodd, *Diary*, 371.

13. Ibid., 372.

14. Sra. Dodd para Dodd, 25 de julho de 1937, Caixa 62, Documentos de W. E. Dodd.

15. Dodd, *Diary*, 334.

16. Dr. Thomas R. Brown para Dodd, 7 de março de 1935, Caixa 46, Documentos de W. E. Dodd.

17. Messersmith, “Visits to Berlin” (Visitas a Berlim), memórias inéditas, 10, Documentos de Messersmith.

18. Ibid., 10.

19. Dodd, *Diary*, 426.

20. Ibid., 427.

21. R. Walton Moore para Dodd, 14 de dezembro de 1937, Caixa 52, Documentos de W. E. Dodd.
22. Dallek, 313.
23. Dodd, *Diary*, 428-29.
24. Dodd, *Diary*, 430.
25. Hull para Dodd, 23 de novembro de 1937, Caixa 51, Documentos de W. E. Dodd.
26. Boris para Martha, 29 de abril de 1938, Caixa 10, Documentos de W. E. Dodd.
27. *Chicago Daily Tribune*, 5 de setembro de 1938; *The New York Times*, 5 de setembro de 1938; Weinstein e Vassiliev, 61; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 56, 9 de julho de 1938.
28. Weinstein e Vassiliev, 61; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 56, 9 de julho de 1938. Em Weinstein e Vassiliev, a tradução diz “honey”; nos cadernos, “darling”.
29. Weinstein e Vassiliev, 61-62.

Capítulo 55: Enquanto a noite caía

1. *The New York Times*, 23 de dezembro de 1937.
2. *The New York Times*, 14 de janeiro de 1938.
3. Moffat, Diário, 14 de janeiro de 1938.
4. *The New York Times*, 22 de fevereiro de 1938.
5. Sra. Dodd para Martha, 26 de fevereiro de 1938, Caixa 63, Documentos de Martha Dodd.
6. Sra. Dodd para Martha, 26 de abril de 1938, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.
7. Sra. Dodd para Martha, 23 de maio de 1938, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.
8. Dodd, *Diary*, 446.
9. Dodd, *Embassy Eyes*, 370.
10. Bailey, 192, 194.
11. Breitman e Kraut, 230.
12. Sigrid Schultz para Dodd, 30 de novembro de 1938, Caixa 56, Documentos de W. E. Dodd.
13. Para detalhes desse episódio, ver *The New York Times*, 9 de dezembro e 10 de dezembro de 1938; 3 de março e 7 de maio de 1939; Bailey, 195-96; Dallek, 332.
14. United Press, “Dodd Is Attacked...” (Dodd é atacado...), sem data, Caixa 2, Documentos de Martha Dodd.
15. Bailey, 199.
16. Dallek, 332.
17. Bailey, 199-200; *The New York Times*, 10 de fevereiro de 1940.
18. Posteriormente, Martha mandou transferir o corpo de Dodd para o Rock Creek Cemetery, em Washington, D. C., 6 de dezembro de 1946, Seção L., Lote 37, Sítio 4. Uma adorável tarde de primavera, acompanhado de uma das minhas filhas, visitei o Stoneleigh Golf and Country Club, parte de um projeto imobiliário

que inclui grandes casas de estilo *faux-colonial* em lotes enormes, uma hora de carro a oeste de Washington, D. C. Apesar de o campo de golfe (18 buracos e par 72) ser, por necessidade, bem cuidado, tive uma noção de como esse terreno deve ter sido sedutor para Dodd, especialmente na primeira visita à sua casa quando trabalhava em Berlim e as suaves colinas da fazenda devem ter sido profundamente calmantes. O velho celeiro ainda está lá, assim como alguns trechos da antiga cerca de pedra, mas agora em vez de porcos o celeiro abriga batalhões de carrinhos de golfe. Dodd desaprovava golfe e golfistas, especialmente aqueles membros da sua equipe em Berlim que faltavam com frequência ao trabalho para jogar algumas partidas no clube de Wannsee. Foi bom que Martha tivesse transferido o corpo, porque o fantasma de Dodd certamente se teria revelado um perigo para os jogadores, bloqueando tacadas e atirando bolas para valas e matagais adjacentes.

19. Ryan, 418.

No fim da guerra, o que sobrou do Tiergarten sofreu novo ataque, dessa vez do populacho faminto, que cortou as árvores despedaçadas e os troncos para obter lenha e transformou pedaços do parque em horta. Em 1947, o prefeito de Berlim descreveu a devastação do parque como “a mais dolorosa ferida que a guerra infligiu em nossa cidade”. Daum e Mauch, 205.

20. *The New York Times*, 11 de fevereiro de 1940.

21. Schultz, “Sigrid Schultz on Ambassador Dodd” (Sigrid Schultz sobre o embaixador Dodd), janeiro de 1956, Caixa 2, Documentos de Schultz.

22. Wise, *Challenging*, 234.

23. Messersmith, “Some Observations on the Appointment of Dr. William Dodd, as Ambassador to Berlin” Dodd, 11, memórias inéditas, Documentos de Messersmith.

24. Thomas Wolfe para Maxwell E. Perkins, 23 de maio de 1935, Wolfe, *Selected Letters*, 228.

25. Brysac, 224.

26. Stiller, 129; Weil, 60.

27. Stiller, 129.

28. Weil, 60-61.

No fim, até Roosevelt ficou chocado com a atitude de Wilson, como George Messersmith descobriu durante uma conversa que teve com o presidente. Nessa altura, Messersmith tinha sido removido para Washington como secretário de Estado assistente. Num memorando pessoal de 1º de fevereiro de 1938, Messersmith resumiu os comentários do presidente: “Ele”—Roosevelt— “disse que ficou muito surpreso por Wilson ter indicado que achava que devíamos dar menos ênfase à democracia e aos princípios democráticos.” A isso, Messersmith respondeu: “Algumas coisas sobre a psicologia humana, e especialmente a alemã, eram território estranho para Wilson.” O presidente, observou ele, estava “um tanto perturbado com as ideias de Wilson”. Messersmith, Memorando, 1º de fevereiro de 1938, Documentos de Messersmith.

29. William C. Bullitt para Roosevelt, 7 de dezembro de 1937, Bullitt, 242.

30. *The New York Times*, 2 de março de 1941.

EPÍLOGO: O ESTRANHO PÁSSARO NO EXÍLIO

1. Dodd, *Embassy Eyes*, 228.
2. Messersmith, “Göring”, memórias inéditas, 7-8, Documentos de Messersmith.
3. Vanden Heuvel, 248.
4. Martha Dodd, memórias inéditas, 4, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.

No seu auge, a rede incluía um operador na sala de telegramas de Hitler e um alto oficial da Luftwaffe; Arvid Harnack foi conselheiro do ministro da Economia de Hitler.

5. Falk Harnack, “Notes on the Execution of Dr. Arvid Harnack (Notas sobre a execução do Dr. Arvid Harnack)”, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd; Axel von Harnack, “Arvid and Mildred Harnack”, tradução de artigo publicado em *Die Gegenwart*, janeiro de 1947, 15-18, em Caixa 13, Documentos de Martha Dodd; Falk Harnack, “2nd Visit to the *Reichssicherheitshauptamt*”, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd. Ver também Rürup, 163.

A rede ficou sabendo da invasão surpresa da União Soviética pela Alemanha e tentou informar Stalin. Ao receber a informação, Stalin disse ao mensageiro: “Pode mandar sua ‘fonte’ na força aérea alemã à puta que o pariu! Isso não é uma ‘fonte’, é um desinformante.” Brysac, 277.

6. Falk Harnack para Martha, 29 de dezembro de 1947, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd. Arvid, numa carta de despedida “para meus entes queridos”, escreveu: “Eu gostaria muito de revê-los, mas infelizmente não vai ser possível.” Sem data, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.
7. Weinstein e Vassiliev, 51, 62.
8. Ibid., 62; Vassiliev, Cadernos, Caderno Branco nº 2, 61.
9. Haynes et al., 440; Weinstein e Vassiliev, 70-71; Alfred Stern para Max Delbrück, 23 de novembro de 1970, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd; Vanden Heuvel, 223, 252.

Quando os sanitários quebravam, os Stern chamavam o ministro do Exterior tcheco para consertar; tinham quadros de Cézanne, Monet e Renoir. Vanden Heuvel, 252.

10. Martha para “David”, 28 de fevereiro de 1958, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.
11. Alfred Stern para Max Delbrück, 23 de novembro de 1970, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd.
12. Martha para Audrey Fuss, 25 de julho de 1975, Caixa 5, Documentos de Martha Dodd.
13. Metcalfe, 288.
14. Martha Dodd, “Chapter 30, August 1968”, memórias inéditas, 5, Caixa 12, Documentos de Martha Dodd.
15. Martha para Delbrück, 27 de abril de 1979, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd; Delbrück para Martha, 15 de novembro de 1978, Caixa 4, Documentos de Martha Dodd.
16. Martha para Sigrid Schultz, 25 de abril de 1970, Caixa 13, Documentos de Martha Dodd.
17. Martha para Philip Metcalfe, 16 de abril de 1982, Caixa 7, Documentos de

Martha Dodd.

18. Bassett para Martha, 23 de novembro de 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

19. Martha para Bassett, 19 de fevereiro de 1976, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

20. Martha para Bassett, 1º de novembro, “mais ou menos”, 1971, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

21. *The New York Times*, 23 de março e 26 de março de 1979.

22. *The New York Times*, 19 de outubro de 1952 e 22 de abril de 1943.

23. Martha para Audrey Fuss, 31 de outubro de 1952, Caixa 1, Documentos de Martha Dodd.

24. Martha para Letitia Ratner, 9 de março de 1984, Caixa 8, Documentos de Martha Dodd.

25. Martha para Van e Jennie Kaufman, 6 de março de 1989, Documentos de Martha Dodd.

26. *The New York Times*, 4 de setembro de 1996.

CODA: CONVERSA À MESA

1. Hitler, 102. Os comentários prontos e rápidos de Hitler, embora transmitidos com inevitáveis modificações, oferecem um vislumbre assustador e interessante do que ele pensava.

EPÍGRAFE FINAL

1. Isherwood, *Visit*, 308.

CRÉDITOS DAS FOTOS

Parte I: (Biblioteca do Congresso)

Parte II: ullstein bild / The Granger Collection, Nova York

Parte III: (Diels): ullstein bild / The Granger Collection, Nova York

Parte III (Dodd): (Biblioteca do Congresso)

Parte IV: ullstein bild / The Granger Collection, Nova York

Parte V: Albert Harlingue / Roger-Viollet / The Image Works

Parte VI: Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz / Art Resource, NY

Parte VII: Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz / Art Resource, NY

Epílogo: Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz / Art Resource, NY

Fontes e agradecimentos: Erik Larson

BIBLIOGRAFIA

FONTES DE ARQUIVOS

- Arquivos Decimais do Departamento de Estado dos EUA. Administração de Registros e Arquivos Nacionais. College Park, Md. (State/Decimal)
- Departamento de Estado dos EUA. *Foreign Relations of the United States, 1933 and 1934*. Coleção Digital. Universidade de Wisconsin. (State/Foreign)
- Carr, Wilbur J. Documentos. Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. Washington, D.C.
- Dodd, Martha. Documentos. Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. Washington, D.C.
- Dodd, William E. Documentos. Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. Washington, D.C.
- Harnack, Mildred Fish. Documentos. Biblioteca da Universidade de Wisconsin. Madison, Wisc.
- Hull, Cordell. Documentos. Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. Washington, D.C.
- Interceptações Venona. Agência de Segurança Nacional.
- Kaltenborn, H. V. Documentos. Sociedade Histórica de Wisconsin. Madison, Wisc.
- Lochner, Louis P. Documentos. Sociedade Histórica de Wisconsin. Madison, Wisc.
- Messersmith, George S. Documentos. Coleções Especiais, Universidade de Delaware. Newark, Del.
- Moffat, Jay Pierrepont. Diários. Biblioteca Houghton. Universidade de Harvard. Cambridge, Mass.
- Phillips, William. Diários. Biblioteca Houghton. Universidade de Harvard. Cambridge, Mass.
- Roosevelt, Franklin D. William E. Dodd, Correspondência. Biblioteca Franklin Delano Roosevelt. Hyde Park, N.Y. Correspondência on-line. (Correspondência de Roosevelt)
- Schultz, Sigrid. Documentos. Sociedade Histórica de Wisconsin. Madison, Wisc.
- Vassiliev, Alexander. The Vassiliev Notebooks. Cold War International History Project. Woodrow Wilson International Center for Scholars. Washington, D.C.
- White, John C. Documentos. Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. Washington, D.C.
- Wilder, Thornton. Documentos. Biblioteca Beinecke de Livros e Manuscritos Raros. Universidade de Yale. New Haven, Conn.

LIVROS E PERIÓDICOS

- Adlon, Hedda. *Hotel Adlon: The Life and Death of a Great Hotel*. Londres: Barrie

Books, 1958.

Andersen, Hartvig. *The Dark City*. Londres: Cresset Press, 1954.

Andreas-Friedrich, Ruth. *Berlin Underground: 1938—1945*. Traduzido por Barrows Mussey. Nova York Paragon House, 1989.

“Angora: Pictorial Records of an SS Experiment.” *Wisconsin Magazine of History* 50, no. 4 (Verão de 1967): 392—413.

Anhalt, Diana. *A Gathering of Fugitives: American Political Expatriates in Mexico 1948—1965*. Santa Maria, Calif.: Archer Books, 2001.

Anthes, Louis. “Publicly Deliberative Drama: The 1934 Mock Trial of Adolf Hitler for ‘Crimes Against Civilization.’” *American Journal of Legal History* 42, no. 4 (Outubro de 1998): 391—410.

Archives of the Holocaust. Vol. 1: American Friends Service Committee, Philadelphia, part 1, 1932—1939. Editado por Jack Sutters. Nova York Garland Publishing, 1990.

_____. Vol. 2: Berlin Document Center, part 1. Editado por Henry Friedlander e Sybil Milton. Nova York Garland Publishing, 1992.

_____. Vol. 2: Berlin Document Center, part 2. Editado por Henry Friedlander e Sybil Milton. Nova York Garland Publishing, 1992.

_____. Vol. 3: Central Zionist Archives, Jerusalém, 1933—1939. Editado por Francis R. Nicosia. Nova York Garland Publishing, 1990.

_____. Vol. 7: Columbia University Library, Nova York The James G. McDonald Papers. Editado por Karen J. Greenberg. Nova York Garland Publishing, 1990.

_____. Vol. 10: American Jewish Joint Distribution Committee, Nova York, part 1. Editado por Sybil Milton e Frederick D. Bogin. Nova York Garland Publishing, 1995.

_____. Vol. 17: American Jewish Committee, Nova York Editado por Frederick D. Bogin. Nova York Garland Publishing, 1993.

Augustine, Dolores L. “The Business Elites of Hamburg and Berlin.” *Central European History* 24, no. 2 (1991): 132—46.

Baedeker, Karl. *Berlin and Its Environs*. Leipzig: Karl Baedeker, 1910.

_____. *Northern Germany*. Leipzig: Karl Baedeker, 1925.

Bailey, Fred Arthur. *William Edward Dodd: The South's Yeoman Scholar*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1997.

Baird, Jay W. “Horst Wessel, and the Myth of Resurrection and Return.” *Journal of Contemporary History* 17, no. 4 (Outubro de 1982): 633—50.

Bankier, David. *The Germans and the Final Solution*. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1992.

Bendiner, Robert. *The Riddle of the State Department*. Nova York Farrar & Rinehart, 1942.

Benson, Robert L. “The Venona Story.” Center for Cryptologic History. Washington, D.C.: Agência de Segurança Nacional, sem data.

Berard, Armand. *Un Ambassadeur se Souvient: Au Temps du Danger Allemand*. Paris: Plon, 1976.

Bielenberg, Christabel. *The Past Is Myself*. Londres: Chatto & Windus, 1968.

Birchall, Frederick T. *The Storm Breaks: A Panorama of Europe and the Forces*

That Have Wrecked Its Peace. Nova York Viking, 1940.

Bredohl, Thomas M. "Some Thoughts on the Political Opinions of Hans Fallada: A Response to Ellis Shookman." *German Studies Review* 15, no. 3 (Outubro de 1992): 525—45.

Breitman, Richard, e Alan M. Kraut. *American Refugee Policy and European Jewry, 1933—1945*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

Brenner, David. "Out of the Ghetto and into the Tiergarten: Redefining the Jewish Parvenu and His Origins in Ost und West." *German Quarterly* 66, no. 2 (Primavera de 1993): 176—94.

Brownell, Will, and Richard N. Billings. *So Close to Greatness: A Biography of William C. Bullitt*. Nova York Macmillan, 1987.

Bryson, Sharen Blair. *Resisting Hitler: Mildred Harnack and the Red Orchestra*. Nova York Oxford University Press, 2000.

Bullitt, William C. *For the President: Personal and Secret*. Editado por Orville H. Bullitt. Nova York Houghton Mifflin, 1972.

Bullock, Alan. *Hitler: A Study in Tyranny*. 1962. Nova York HarperCollins, 1991 (reimpressão).

Burden, Hamilton T. *The Nuremberg Party Rallies: 1923—39*. Nova York Frederick A. Praeger, 1967.

Burke, Bernard V. *Ambassador Frederic Sackett and the Collapse of the Weimar Republic, 1930—1933*. Nova York Cambridge University Press, 1994.

Casey, Steven. "Franklin D. Roosevelt, Ernst 'Putzi' Hanfstaengl and the 'S-Project,' June 1942—June 1944." *Journal of Contemporary History* 35, no. 3 (2000): 339—59.

Cerruti, Elisabetta. *Ambassador's Wife*. Nova York Macmillan, 1953.

Chapman, Cynthia C. "Psychobiographical Study of the Life of Sigrid Schultz." Tese de Doutorado, Florida Institute of Technology, 1991. (Nos Documentos de Schultz, Sociedade Histórica de Wisconsin.)

Chernow, Ron. *The Warburgs*. Nova York Random House, 1993.

Clyman, Rhea. "The Story That Stopped Hitler." Em *How I Got That Story*. Editado por David Brown e W. Richard Bruner. Overseas Press Club of America. Nova York Dutton, 1967.

Cockburn, Claud. *In Time of Trouble*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1956.

Congresso Judaico Americano. *Hitlerism and the American Jewish Congress*. Nova York: Congresso Judaico Americano, 1934.

Conradi, Peter. *Hitler's Piano Player: The Rise and Fall of Ernst Hanfstaengl, Confidant of Hitler, Ally of FDR*. Nova York Carroll and Graf, 2004.

Craig, Gordon A., e Felix Gilbert, eds. *The Diplomats, 1919—1939*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1953.

Crankshaw, Edward. *Gestapo: Instrument of Tyranny*. Nova York Viking, 1956.

Dallek, Robert. *Democrat and Diplomat: The Life of William E. Dodd*. Nova York Oxford University Press, 1968.

Dalley, Jan. *Diana Mosley*. Nova York Knopf, 2000.

Dallin, David J. *Soviet Espionage*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1955.

Daum, Andreas W. e Christof Mauch, eds. *Berlin-Washington, 1800—2000:*

Capital Cities, Cultural Representation, and National Identities. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 2005.

“Death of Auntie Voss.” *Time*, 9 de abril de 1934.

de Jonge, Alex. *The Weimar Chronicle: Prelude to Hitler*. Nova York: Paddington, 1978.

Departamento de Justiça dos EUA, Departamento Federal de Investigação (FBI). Arquivo Venona. Washington, D.C.

Departamento de Estado dos EUA. *Peace and War: United States Foreign Policy, 1931—1941*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1943.

Deschner, Gunther. *Heydrich: The Pursuit of Total Power*. 1977. Londres: Orbis, 1981 (reimpressão).

Diels, Rudolf. *Lucifer Ante Portas*. Munique: Deutsche Verlags- Anstalt, 1950.

Dimitroff, Georgi. *Dimitroff's Letters from Prison*. Londres: Victor Gollancz, 1935.

Dippel, John V. H. *Bound Upon a Wheel of Fire: Why So Many German Jews Made the Tragic Decision to Remain in Nazi Germany*. Nova York: Basic Books, 1996.

Divine, Robert. “Franklin D. Roosevelt and Collective Security, 1933.” *The Mississippi Valley Historical Review* 48, no. 1 (Junho de 1961): 42—59.

Dodd, Christopher J. e Lary Bloom. *Letters from Nuremberg: My Father's Narrative of a Quest for Justice*. Nova York: Crown Publishing, 2007.

Dodd, Martha. *Through Embassy Eyes*. Nova York: Harcourt, Brace, 1939.

_____. *Sowing the Wind*. Nova York: Harcourt, Brace, 1945.

Dodd, William E. *Ambassador Dodd's Diary*. Editado por William E. Dodd Jr. e Martha Dodd. Nova York: Harcourt, Brace, 1941.

Engelmann, Bernt. *In Hitler's Germany: Daily Life in the Third Reich*. Traduzido por Krishna Winston. Nova York: Pantheon, 1986.

Evans, Richard J. *O Terceiro Reich no poder 1933—1939*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

_____. *The Third Reich at War 1939—1945*. Londres: Allen Lane / Penguin, 2008.

Feingold, Henry L. *The Politics of Rescue: The Roosevelt Administration and the Holocaust, 1938—1945*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1970.

Ferdinand, Prince Louis. *The Rebel Prince: Memoirs of Prince Louis Ferdinand of Prussia*. Chicago: Henry Regnery, 1952.

Fest, Joachim C. *The Face of the Third Reich*. Nova York: Pantheon, 1970.

Flynn, Edward J. *You're the Boss*. Nova York: Viking Press, 1947.

François-Poncet, Andre. *The Fateful Years: Memoirs of a French Ambassador in Berlin, 1931—38*. Traduzido por Jacques Le Clercq. Londres: Victor Gollancz, 1949.

Friedlander, Henry. “Step by Step: The Expansion of Murder, 1939—1941.” *German Studies Review* 17, no. 3 (Outubro de 1994): 495—507.

Friedrich, Otto. *Antes do dilúvio: um retrato de Berlim dos anos 20*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Fritzsche, Peter. *Life and Death in the Third Reich*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press/Belknap Press, 2008.

Fromm, Bella. *Blood and Banquets: A Berlin Social Diary*. Nova York: Harper,

1942.

Fuller, Helga. *Don't Lose Your Head: Coming of Age in Berlin, Germany 1933—1945*. Seattle: Peanut Butter Publishing, 2002.

Gallo, Max. *The Night of Long Knives*. Traduzido por Lily Emmet. Nova York: Harper and Row, 1972.

Gay, Peter. *My German Question: Growing Up in Nazi Berlin*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998.

Gellately, Robert. "The Gestapo and German Society: Political Denunciation in the Gestapo Case Files." *Journal of Modern History* 60, no. 4 (Dezembro de 1988): 654—94.

_____. *The Gestapo and German Society: Enforcing Racial Policy, 1933—1945*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1990.

Gellman, Irwin F. *Secret Affairs: Franklin Roosevelt, Cordell Hull, and Sumner Welles*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

"Germany: Head into Basket." *Time*, 22 de janeiro de 1934.

Gilbert, G. M. *Nuremberg Diary*. Nova York: Farrar, Straus, 1947.

Gill, Anton. *A Dance Between Flames: Berlin Between the Wars*. Londres: John Murray, 1993.

Gisevius, Hans Bernd. *To the Bitter End*. Nova York: Houghton Mifflin, 1947.

Glass, Derek, Dietmar Rosler e John J. White. *Berlin: Literary Images of a City*. Berlim: Erich Schmidt Verlag, 1989.

Goebel, Rolf J. "Berlin's Architectural Citations: Reconstruction, Simulation, and the Problem of Historical Authenticity." *PMLA* 118, no. 5 (Outubro de 2003): 1268—89.

Goeschel, Christian. *Suicide in Nazi Germany*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2009.

Goldensohn, Leon. *The Nuremberg Interviews*. Editado por Robert Gellately. Nova York: Alfred A. Knopf, 2004.

Goran, Morris. *The Story of Fritz Haber*. Norman: University of Oklahoma Press, 1967.

Gordon, Mel. *Voluptuous Panic: The Erotic World of Weimar Berlin*. Los Angeles: Feral House, 2006.

Graebner, Norman A. *An Uncertain Tradition: American Secretaries of State in the Twentieth Century*. Nova York: McGraw-Hill, 1961.

Graf, Christoph. "The Genesis of the Gestapo." *Journal of Contemporary History* 22, no. 3 (Julho de 1987): 419—35.

Graves, Robert e Alan Hodge. *The Long Week End: A Social History of Great Britain 1918—1939*. Nova York: Macmillan, 1941.

Grey-Turner, Elston. "Pages from a Diary." *British Medical Journal* 281, no. 6256 (20-27 de Dezembro de 1980): 1692—95.

Grimm, Jacob, e Wilhelm Grimm. *Grimm's Fairy Tales*. 1912. Nova York: Barnes and Noble, 2003 (reimpressão).

Grunberger, Richard. *A Social History of the Third Reich*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1971.

Guerin, Daniel. *The Brown Plague*. Traduzido por Robert Schwartzwald. Durham, N.C.: Duke University Press, 1994.

Hamilton, Gerald. *Mr. Norris and I: An Autobiographical Sketch*. Londres: Allan Wingate, 1956.

Hammond, Mason. "The War and Art Treasures in Germany." *College Art Journal* 5, no. 3 (Março de 1946): 205—18.

Hancock, Eleanor. "Only the Real, the True, the Masculine Held Its Value: Ernst Röhm, Masculinity, and Male Homosexuality." *Journal of the History of Sexuality* 8, nº 4 (Abril de 1998): 616—41.

Hanfstaengl, Ernst. *Unheard Witness*. Filadélfia: Lippincott, 1957.

Hartley, Marsden, et al. "Letters from Germany, 1933—1938." *Archives of American Art Journal* 25, nos 1—2 (1985): 3—28.

Haynes, John Earl, Harvey Klehr e Alexander Vassiliev. *Spies: The Rise and Fall of the KGB in America*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2009.

_____. *Venona: Decoding Soviet Espionage in America*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1999.

Heineman, John L. *Hitler's First Foreign Minister: Constantin Freiherr von Neurath, Diplomat and Statesman*. Berkeley: University of California Press, 1979.

Herzstein, Robert Edwin. *Roosevelt and Hitler*. Nova York: Paragon House, 1989.

Hitler, Adolf. *Hitler's Table Talk, 1941—1944*. Traduzido por Norman Cameron e R. H. Stevens. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1953.

Holborn, Hajo, ed. *Republic to Reich: The Making of the Nazi Revolution*. Traduzido por Ralph Manheim. Nova York: Pantheon, 1972.

Hughes, Matthew e Chris Mann. *Inside Hitler's Germany: Life Under the Third Reich*. Dulles, Va.: Brassey's Inc., 2000.

Hull, Cordell. *The Memoirs of Cordell Hull*. Vol. 1. Nova York: Macmillan, 1948.

Ickes, Harold L. *The Secret Diary of Harold L. Ickes: The First Thousand Days, 1933—1936*. Nova York: Simon and Schuster, 1953.

Isherwood, Christopher. *The Berlin Stories*. 1935. Nova York: New Directions Publishing, 1954 (reimpressão).

_____. *Down There on a Visit*. Nova York: Simon and Schuster, 1962.

Jaskot, Paul B. "Anti-Semitic Policy in Albert Speer's Plans for the Rebuilding of Berlin." *Art Bulletin* 78, no. 4 (Dezembro de 1996): 622—32.

Jelavich, Peter. *Berlin Cabaret*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.

Johnson, Eric A. e Karl-Heinz Reuband. *What We Knew: Terror, Mass Murder, and Everyday Life in Nazi Germany*. Nova York: Basic Books, 2005.

Jonas, Manfred. "Pro-Axis Sentiment and American Isolationism." *Historian* 29, nº 2 (Fevereiro de 1967): 221—37.

Jones, Larry Eugene. "Edgar Julius Jung: The Conservative Revolution in Theory and Practice." *Central European History* 21, nº 2 (Junho de 1988): 142—74.

Kaes, Anton, Martin Jay e Edward Dimendberg, eds. *The Weimar Republic Sourcebook*. Berkeley: University of California Press, 1994.

Kaltenborn, H. V. *Fifty Fabulous Years*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1950.

Kater, Michael H. "Forbidden Fruit? Jazz in the Third Reich." *American Historical Review* 94, no. 1 (Fevereiro de 1989): 11—43.

Kent, Madeleine. *I Married a German*. Nova York: Harper and Brothers, 1939.

Kershaw, Ian. *Hitler: 1889—1936: Hubris*. Nova York: W. W. Norton, 1998.

_____. *The 'Hitler Myth': Image and Reality in the Third Reich*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1987.

_____. *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich: Bavaria 1933—1945*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1983.

Kessler, Harry. *Berlin in Lights: The Diaries of Count Harry Kessler (1918—1937)*. Traduzido e editado por Charles Kessler. 1961. Nova York: Grove Press, 1999 (reimpressão).

Kessler, Lauren. *Clever Girl: Elizabeth Bentley, the Spy Who Ushered in the McCarthy Era*. Nova York: HarperCollins, 2003.

Klemperer, Victor. *I Will Bear Witness: A Diary of the Nazi Years, 1933—1941*. Traduzido por Martin Chalmers. Nova York: Random House, 1998.

_____. *The Language of the Third Reich: LIT—Lingua Tertii Imperii*. Traduzido por Martin Brady. 1957. Londres: Athlone Press, 2000 (reimpressão).

Koehl, Robert Lewis. *The Black Corps: The Structure and Power Struggles of the Nazi SS*. Madison: University of Wisconsin Press, 1983.

Koeves, Tibor. *Satan in Top Hat: The Biography of Franz von Papen*. Nova York: Alliance, 1941.

Krausnick, Helmut, Hans Buchheim, Martin Broszat e Hans-Adolf Jacobsen. *Anatomy of the SS State*. Traduzido por Richard Barry, Marian Jackson e Dorothy Long. Nova York: Walker and Co., 1968.

Kraut, Alan M., Richard Breitman e Thomas W. Imhoof. "The State Department, the Labor Department, and German Jewish Immigration, 1930—1940." *Journal of American Ethnic History* 3, nº 2 (Primavera de 1984): 5—38.

Kreuder, Friedemann. "Hotel Esplanade: The Cultural History of a Berlin Location." *PAJ: A Journal of Performance and Art* 22, nº 2 (Maio de 2000): 22—38.

Lachmund, Jens. "Exploring the City of Rubble: Botanical Fieldwork in Bombed Cities in Germany after World War II." *Osiris* 2nd Series, vol. 18 (2003): 234—54.

Ladd, Brian. *The Ghosts of Berlin*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

Langer, William L. and S. Everett Gleason. *The Challenge to Isolation, 1937—1940*. Nova York: Harper and Brothers, 1952.

Le Tissier, Tony. *Race for the Reichstag: The 1945 Battle for Berlin*. Londres: Frank Cass, 1999.

Lipstadt, Deborah E. *Beyond Belief: The American Press and the Coming of the Holocaust 1933—1945*. Nova York: Free Press, 1986.

Litten, Irmgard. *Beyond Tears*. Nova York: Alliance, 1940.

Lochner, Louis P. "Round Robins from Berlin." *Wisconsin Magazine of History* 50, nº 4 (Verão de 1967): 291—336.

Ludecke, Kurt. *I Knew Hitler*. Nova York: C. Scribner's Sons, 1938.

MacDonogh, Giles. "Otto Horcher, Caterer to the Third Reich." *Gastronomica* 7, nº 1 (Inverno de 2007): 31—38.

Magi, Aldo P. "Thomas Wolfe and Mildred Harnack-Fish: The 1935 Berlin Interview." *Thomas Wolfe Review* 27, nos 1 e 2 (2003): 100—114.

Mali, Joseph. "The Reconciliation of Myth: Benjamin's Homage to Bachofen." *Journal of the History of Ideas* 60, nº 1 (Janeiro de 1999): 165—87.

- Mann, Klaus. *The Turning Point: The Autobiography of Klaus Mann*. 1942. Londres: Otto Wolff, 1984 (reimpressão).
- Mann, Thomas. *Diaries 1918—1939*. Traduzidos por Richard e Clara Winston. Nova York: Harry N. Abrams, 1982.
- Manvell, Roger e Heinrich Fraenkel. *Dr. Goebbels: His Life and Death*. Nova York: Simon and Schuster, 1960.
- McDonough, Frank. "The *Times*, Norman Ebbut and the Nazis, 1927—37." *Journal of Contemporary History* 27, nº 3 (Julho de 1992): 407—24.
- Merkel, Peter H. *The Making of a Stormtrooper*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1980.
- Messersmith, George. "Present Status of the Anti-Semitic Movement in Germany." 21 de setembro de 1933. German Historical Institute. <http://germanhistory-docs.ghi-dc.org/>.
- Metcalfe, Philip. 1933. Sag Harbor, N.Y.: Permanent Press, 1988.
- Miller, Douglas. *Via Diplomatic Pouch*. Nova York: Didier, 1944.
- Milton, Sybil. "The Context of the Holocaust." *German Studies Review* 13, nº 2 (Maio de 1990): 269—83.
- Mowrer, Edgar Ansel. *Germany Puts the Clock Back*. Nova York: William Morrow, 1939.
- _____. *Triumph and Turmoil: A Personal History of Our Time*. Nova York: Weybright and Talley, 1968.
- Mowrer, Lilian T. *Journalist's Wife*. Nova York: William Morrow, 1937.
- Myers, Denys P. e Charles F. Ransom. "Reorganization of the State Department." *American Journal of International Law* 31, nº 4 (Outubro de 1937): 713—20.
- Nabokov, Vladimir. *Speak Memory*. 1947. Nova York: Vintage, 1989 (reimpressão).
- Noakes, Jeremy e Geoffrey Pridham. *Documents on Nazism, 1919—1945*. Nova York: Viking, 1975.
- Norden, Peter. *Madam Kitty: A True Story*. Traduzido por J. Maxwell Brownjohn. Londres: Abelard-Schuman, 1973.
- Nowell, Elizabeth. *Thomas Wolfe: A Biography*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1960.
- Offner, Arnold A. *American Appeasement: United States Foreign Policy and Germany, 1933—1938*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1969.
- Orlow, Dietrich. *The History of the Nazi Party: 1933—1945*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1973.
- Owings, Alison. *Frauen: German Women Recall the Third Reich*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1993.
- Papen, Franz von. *Memoirs*. Traduzido por Brian Connell. Nova York: E. P. Dutton, 1953.
- Peukert, Detlev J. K. *Inside Nazi Germany*. Traduzido por Richard Deveson. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1987.
- Phillips, William. "The Reminiscences of William Phillips." Coleção de História Oral. Nova York: Columbia University, 1952.
- _____. *Ventures in Diplomacy*. Portland, Maine: edição particular, 1952.
- Phipps, Sir Eric. *Our Man in Berlin: The Diary of Sir Eric Phipps, 1933—1937*.

Editado por Gaynor Johnson. Hampshire, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2008.

Pundeff, Marin. "Dimitrov at Leipzig: Was There a Deal?" *Slavic Review* 45, nº 3 (Outono de 1986): 545—49.

Reynolds, Quentin. By *Quentin Reynolds*. Nova York McGraw-Hill, 1963.

Riasanovsky, Nicholas V. *A History of Russia*. 2ª ed. Nova York Oxford University Press, 1969.

Richie, Alexandra. *Faust's Metropolis: A History of Berlin*. Nova York Carroll and Graf, 1998.

Ritchie, J. M. *German Literature Under National Socialism*. Totowa, N.J.: Barnes and Noble, 1983.

Roosevelt, Franklin Delano. *F.D.R.: His Personal Letters*. Vol. 1, 1928—1945. Nova York Duell, Sloan and Pearce, 1950.

Roper, Daniel C. *Fifty Years of Public Life*. Nova York Greenwood Press, 1968.

Roth, Joseph. *What I Saw: Reports from Berlin 1920—1933*. Traduzido por Michael Hofmann. 1996. Nova York W. W. Norton, 2003 (reimpressão).

Rürup, Reinhard, ed. *Topography of Terror: Gestapo, SS and Reichssicherheitshauptamt on the "Prinz-Albrecht-Terrain", A Documentation*. Traduzido por Werner T. Angress. Berlim: Verlag Willmuth Arenhovel, 1996.

Ryan, Cornelius. *The Last Battle*. Nova York Simon and Schuster, 1966.

Schacht, Hjalmar. *My First Seventy-Six Years*. Traduzido por Diana Pyke. Londres: Allan Wingate, 1955.

Schleunes, Karl A. *The Twisted Road to Auschwitz: Nazi Policy Toward German Jews, 1933—1939*. Urbana: University of Illinois Press, 1970.

Schueler, H. J. *Hans Fallada: Humanist and Social Critic*. Paris: Mouton, 1970.

Schultz, Sigrid. "Hermann Goering's 'Dragon from Chicago'". Em *How I Got That Story*. Editado por David Brown e W. Richard Bruner. Overseas Press Club of America. Nova York Dutton, 1967.

_____. Entrevista de História Oral. Biblioteca William E. Wiener de História Oral. Comitê Judaico Americano. Biblioteca Pública de Nova York, 1974.

Schwarz, Angela. "British Visitors to National Socialist Germany: In a Familiar or in a Foreign Country?" *Journal of Contemporary History* 28, nº 3 (Julho de 1993): 487—509.

Shafir, Shlomo. "George S. Messersmith: An Anti-Nazi Diplomat's View of the German-Jewish Crisis." *Jewish Social Studies* 35, nº 1 (Janeiro de 1973): 32—41.

Sherwood, Robert E. *Roosevelt and Hopkins*. Nova York Harper and Brothers, 1950.

Shirer, William L. *Diário de Berlim: jornal de um correspondente estrangeiro 1934-1941*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. *A ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Twentieth Century Journey: A Memoir of a Life and the Times*. Vol. 2, "The Nightmare Years, 1930—1940". Nova York Little, Brown, 1984.

Spear, Sheldon. "The United States and the Persecution of the Jews in Germany, 1933—1939." *Jewish Social Studies* 30, nº 4 (Outubro de 1968): 216.

Spender, Stephen. *World Within World*. Nova York Harcourt, Brace, 1951.

Stackelberg, Roderick e Sally A. Winkle. *The Nazi Germany Sourcebook*. Londres:

Routledge, 2002.

Stern, Fritz. *Einstein's German World*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1999.

Stiller, Jesse H. *George S. Messersmith: Diplomat of Democracy*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.

Strasser, Otto e Michael Stern. *Flight from Terror*. Nova York Robert M. McBride, 1943.

Stowell, Ellery C. "A Square Deal for the Foreign Service." *American Journal of International Law* 28, nº 2 (Abril de 1934): 340—42.

Swett, Pamela E. *Neighbors and Enemies: The Culture of Radicalism in Berlin, 1929—1933*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2004.

"Their Excellencies, Our Ambassadors." *Fortune Magazine*, abril de 1934, pp. 108—22.

Tobias, Fritz. *The Reichstag Fire: Legend and Truth*. Traduzido por Arnold J. Pomerans. Londres: Secker and Warburg, 1963.

Turnbull, Andrew. *Thomas Wolfe*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1967.

Turner, Henry Ashby, Jr. "Fallada for Historians." *German Studies Review* 26, nº 3 (Outubro de 2003): 477—92.

_____. "Two Dubious Third Reich Diaries." *Central European History* 33, nº 3 (2000): 415—22.

Ullstein, Herman. *The Rise and Fall of the House of Ullstein*. Nova York: Simon and Schuster, 1943.

Urofsky, Melvin I. *A Voice That Spoke for Justice*. Albany: State University of New York Press, 1982.

Vanden Heuvel, Katrina. "Grand Illusions." *Vanity Fair* 54, nº 9 (Setembro de 1991): 220—56.

Waln, Nora. *Reaching for the Stars*. Nova York: Little, Brown, 1939.

Warburg, James P. *The Long Road Home*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1964.

Weil, Martin. *A Pretty Good Club: The Founding Fathers of the U.S. Foreign Service*. Nova York: W. W. Norton, 1978.

Weinberg, Gerhard L. *The Foreign Policy of Hitler's Germany: Diplomatic Revolution in Europe 1933—36*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

Weinstein, Allen, e Alexander Vassiliev. *The Haunted Wood: Soviet Espionage in America — the Stalin Era*. Nova York: Random House, 1999.

Weiss, Stuart L. "American Foreign Policy and Presidential Power: The Neutrality Act of 1935." *Journal of Politics* 30, nº 3 (Agosto de 1968): 672—95.

Weitz, Eric D. *Weimar Germany*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2007.

Wheaton, Eliot Barculo. *Prelude to Calamity: The Nazi Revolution 1933—35*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1968.

Wheeler-Bennett, John W. *The Nemesis of Power: The German Army in Politics 1918—1945*. Londres: Macmillan, 1953.

_____. *Wooden Titan: Hindenburg in Twenty Years of Germany History 1914—1934*. Nova York: William Morrow, 1936.

White, John Campbell. "The Reminiscences of John Campbell White." Coleção de História Oral. Columbia University, sem data.

Williams, Jenny. *More Lives than One: A Biography of Hans Fallada*. Londres: Libris, 1998.

Wise, Stephen. *Challenging Years*. Nova York: G. P. Putnam's, 1949.

_____. *The Personal Letters of Stephen Wise*. Editado por Justine Wise Polier e James Waterman Wise. Boston: Beacon Press, 1956.

_____. *Stephen S. Wise: Servant of the People*. Editado por Carl Hermann Voss. Jewish Publication Society of America, 1970.

Wolfe, Thomas. *The Letters of Thomas Wolfe to His Mother*. Editado por C. Hugh Holman e Sue Fields Ross. 1943. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1968 (reimpressão).

_____. *The Notebooks of Thomas Wolfe*. Editado por Richard S. Kennedy e Paschal Reeves. Vol. 2. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1970.

_____. *Selected Letters of Thomas Wolfe*. Editado por Elizabeth Nowel e Daniel George. Londres: Heinemann, 1958.

Wolff, Marion Freyer. *The Shrinking Circle: Memories of Nazi Berlin, 1933—1939*. Nova York: UAHC Press, 1989.

Wrench, Evelyn. *I Loved Germany*. Londres: Michael Joseph, 1940.

Zuckmayer, Carl. *A Part of Myself*. Traduzido por Richard e Clara Winston. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.

Zweig, Stefan. *O mundo que eu vi*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1943.

CAMINHEI PELA PLANURA NEVADA do Tiergarten — uma estátua despedaçada aqui, uma arvorezinha recém-plantada ali; o Brandenburger Tor, com sua bandeira vermelha ondulando contra o céu azul de inverno; e no horizonte as grandes costelas de uma estação de trem estripada, como o esqueleto de uma baleia. Na luz da manhã tudo era tão tosco e franco como a voz da história que nos diz para não nos iludirmos; isso pode acontecer com qualquer cidade, com qualquer pessoa, conosco.¹

— CHRISTOPHER ISHERWOOD,
Down There on a Visit



ERIK LARSON é autor de best-sellers como *The Devil in the White City*. Jornalista, ele trabalhou para o *Wall Street Journal* e a revista *Time*. Mora em Seattle com a mulher e três filhas.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Sumário

Epígrafe

Das Vorspiel

1933

O homem por trás da cortina

Parte I - Mato adentro

Capítulo 1: Meio de fuga

Capítulo 2: Aquela vaga em Berlim

Capítulo 3: A escolha

Capítulo 4: Temor

Capítulo 5: Primeira noite

Parte II - Procurando uma casa no Terceiro Reich

Capítulo 6: Sedução

Capítulo 7: Conflito oculto

Capítulo 8: Encontro com Putzi

Capítulo 9: Morte é morte

Capítulo 10: Tiergartenstrasse 27a

Parte III - Lúcifer no jardim

Capítulo 11: Seres estranhos

Capítulo 12: Brutus

Capítulo 13: Meu segredo sombrio

Capítulo 14: A morte de Boris

Capítulo 15: O "problema judaico"

Capítulo 16: Um pedido secreto

Capítulo 17: A escapada de Lúcifer

Capítulo 18: Aviso de amigo

Capítulo 19: Alcoviteiro

Parte IV - Como dói o esqueleto

Capítulo 20: O beijo do Führer

Capítulo 21: O problema com George

Capítulo 22: A testemunha usava coturnos

Capítulo 23: Boris morre outra vez

Capítulo 24: Como arrancar votos

Capítulo 25: O Boris secreto

Capítulo 26: O Pequeno Baile da Imprensa

Capítulo 27: O Tannenbaum

1934

Parte V - Apreensão

Capítulo 28: Janeiro de 1934

[Capítulo 29: Ataque malicioso](#)
[Capítulo 30: Premonição](#)
[Capítulo 31: Terrores noturnos](#)
[Capítulo 32: Alerta de tempestade](#)
[Capítulo 33: “Memorando de uma conversa com Hitler”](#)
[Capítulo 34: Diels, com medo](#)
[Capítulo 35: Em choque com o Clube](#)
[Capítulo 36: A salvação de Diels](#)
[Capítulo 37: Observadores](#)
[Capítulo 38: Tapeado](#)
[Parte VI - Berlim ao anoitecer](#)
[Capítulo 39: Jantar perigoso](#)
[Capítulo 40: Retiro de um escritor](#)
[Capítulo 41: Problema na casa do vizinho](#)
[Capítulo 42: Os brinquedos de Hermann](#)
[Capítulo 43: Fala um pigmeu](#)
[Capítulo 44: A mensagem no banheiro](#)
[Capítulo 45: A angústia da Sra. Cerruti](#)
[Capítulo 46: Noite de sexta-feira](#)
[Parte VII - Quando tudo mudou](#)
[Capítulo 47: “Atirem! Atirem!”](#)
[Capítulo 48: Armas no parque](#)
[Capítulo 49: Os mortos](#)
[Capítulo 50: Entre os vivos](#)
[Capítulo 51: O fim da simpatia](#)
[Capítulo 52: Só os cavalos](#)
[Capítulo 53: Julieta nº 2](#)
[Capítulo 54: Um sonho de amor](#)
[Capítulo 55: Enquanto a noite caía](#)
[Epílogo: O estranho pássaro no exílio](#)
[Coda: “Conversa à mesa”](#)
[Fontes e agradecimentos](#)
[Notas](#)
[Créditos das fotos](#)
[Bibliografia](#)
[Epígrafe final](#)
[Sobre o autor](#)

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Sumário

Epígrafe

Das Vorspiel

1933

O homem por trás da cortina

Parte I - Mato adentro

Capítulo 1: Meio de fuga

Capítulo 2: Aquela vaga em Berlim

Capítulo 3: A escolha

Capítulo 4: Temor

Capítulo 5: Primeira noite

Parte II - Procurando uma casa no Terceiro Reich

Capítulo 6: Sedução

Capítulo 7: Conflito oculto

Capítulo 8: Encontro com Putzi

Capítulo 9: Morte é morte

Capítulo 10: Tiergartenstrasse 27a

Parte III - Lúcifer no jardim

Capítulo 11: Seres estranhos

Capítulo 12: Brutus

Capítulo 13: Meu segredo sombrio

Capítulo 14: A morte de Boris

Capítulo 15: O "problema judaico"

Capítulo 16: Um pedido secreto

Capítulo 17: A escapada de Lúcifer

Capítulo 18: Aviso de amigo

Capítulo 19: Alcoviteiro

Parte IV - Como dói o esqueleto

Capítulo 20: O beijo do Führer

Capítulo 21: O problema com George

Capítulo 22: A testemunha usava coturnos

Capítulo 23: Boris morre outra vez

Capítulo 24: Como arrancar votos

Capítulo 25: O Boris secreto

Capítulo 26: O Pequeno Baile da Imprensa

Capítulo 27: O Tannenbaum

1934

Parte V - Apreensão

Capítulo 28: Janeiro de 1934

[Capítulo 29: Ataque malicioso](#)
[Capítulo 30: Premonição](#)
[Capítulo 31: Terrores noturnos](#)
[Capítulo 32: Alerta de tempestade](#)
[Capítulo 33: “Memorando de uma conversa com Hitler”](#)
[Capítulo 34: Diels, com medo](#)
[Capítulo 35: Em choque com o Clube](#)
[Capítulo 36: A salvação de Diels](#)
[Capítulo 37: Observadores](#)
[Capítulo 38: Tapeado](#)
[Parte VI - Berlim ao anoitecer](#)
[Capítulo 39: Jantar perigoso](#)
[Capítulo 40: Retiro de um escritor](#)
[Capítulo 41: Problema na casa do vizinho](#)
[Capítulo 42: Os brinquedos de Hermann](#)
[Capítulo 43: Fala um pigmeu](#)
[Capítulo 44: A mensagem no banheiro](#)
[Capítulo 45: A angústia da Sra. Cerruti](#)
[Capítulo 46: Noite de sexta-feira](#)
[Parte VII - Quando tudo mudou](#)
[Capítulo 47: “Atirem! Atirem!”](#)
[Capítulo 48: Armas no parque](#)
[Capítulo 49: Os mortos](#)
[Capítulo 50: Entre os vivos](#)
[Capítulo 51: O fim da simpatia](#)
[Capítulo 52: Só os cavalos](#)
[Capítulo 53: Julieta nº 2](#)
[Capítulo 54: Um sonho de amor](#)
[Capítulo 55: Enquanto a noite caía](#)
[Epílogo: O estranho pássaro no exílio](#)
[Coda: “Conversa à mesa”](#)
[Fontes e agradecimentos](#)
[Notas](#)
[Créditos das fotos](#)
[Bibliografia](#)
[Epígrafe final](#)
[Sobre o autor](#)